GUIA DO AMADOR
DE
BELLAS ARTES
POR
D. M. M. G.

GUIA

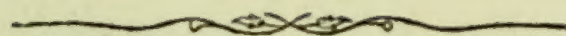
DO

AMADOR DE BELLAS-ARTES

POR

D. M. de M. G.

David M. de Moura Guimarães



PORTO
TYPOGRAPHIA COMMERCIAL
Bellomonte, 19
1871

AO LEITOR

Sem fins lucrativos, e sem idéas de vangloria, offereço hoje ao publico o presente livro.

Antes porém que o leitor o analyse, seja-me licito expôr as causas que o motivaram.

Querendo viajar parte da Europa em 1865, procurei um guia, que désse noticia do que pelos diversos paizes existe de mais notavel. Em portuguez não encontrei nenhum completo.

O unico existente,— o Luso-Brazileiro — era já antigo, e por essa razão insufficiente, visto que uma grande parte das cousas tinha soffrido a natural alteração do tempo, principalmente no tocante a estradas, collecções, hoteis, etc.

O melhor que encontrei foi o de Mr. Baedeker, escripto em francez, mas com o grande inconveniente de não descrever a nossa peninsula, sendo álem d'isso demasiado extenso, pois occupam oito volumes os guias para a Europa central. Tive mais tarde para supprir aquella deficiencia, de comprar outro, o de Mr. Lavigne, vindo assim a achar-me com o peculio d'infor-

GUIA DO AMADOR DE BELLAS-ARTES

PORTUGAL

Lisboa (260,000 habitantes).

Começo por Lisboa. Devo-lhe a preferencia por ser a capital da minha patria, e ter sido o ponto de partida das minhas viajens na Europa.

Dos geographos e historiadores Urcullu, Cesar Famin, Balbi, Bouillet e Ferdinand Denys, o primeiro dá-lhe 265,000 habitantes, e todos os outros 260,000. O ultimo fazendo menção do nosso recenseamento de 1836, que assignava a Lisboa 220,000 almas, não o admitte. No que porém ninguem concordará, é nos 169,823 habitantes do recenseamento de 1864. Explica-se no entretanto esta differença, notando que os auctores, a quem alludo, se referem á população desde Xabregas até Belem, e o recenseamento simplesmente á de *intra muros* (¹).

(¹) I. de Vilhena Barboza, na descripção de Lisboa em 1860, diz o seguinte:

«El-Rei D. José, vendo o arrabalde de Belem povoar-se e crescer «até pegar com a cidade, incorporou-o n'ella, decretando que fosse con-«siderado como um dos seus bairros. D'então para cá teem-se estreita-«do consideravelmente os laços, que prendem o novo bairro aos antigos «da cidade, a ponto de formarem uma não interrompida povoação.

«Todavia ha sete para oito annos foi restringido o ambito de Lisboa, «creando-se os dois novos concelhos de Belem ao Occidente, e dos Oli-«vaes ao Oriente. Entretanto, apezar d'esta divisão contraria á ordem

Lisboa e Napoles são as cidades mais bem situadas que visitei. Para bem se apreciar a belleza da primeira, não basta olhal-a dos muitos e magnificos pontos de vista que tem, como Penha de França, castello de S. Jorge, S. Pedro d'Alcantara, etc. É preciso entrar a barra n'um lindo dia d'abril a junho, quando as collinas marginaes estão vestidas de verdura, entre a qual parecem esvoaçar as alvejantes velas d'uma multidão de moinhos, e ver este espectaculo ainda realçado por lindas habitações campestres, até que, onde o Tejo é mais magestoso, se ergue a cidade em amphitheatro sobre varios outeiros, que ostentam como em exposição os seus templos e palacios. Em frente da cidade é que as aguas do rio, misturando-se ainda com as do Oceano, formam um soberbo golpho que, não excedendo a meia legua de largura entre Belem e a praça do Commercio, é de duas leguas entre a alfandega e o Barreiro, e de tres leguas entre Braço da Prata, arrabalde a leste, e a villa d'Aldêa Gallega. Quem, como disse, entrar a barra n'uma bella manhan d'aquella estação e se não electrisar á vista de tal conjuncto, ou é em demasia fleugmatico, ou soffre de maneira que está insensivel a todas as commoções.

Conta Lisboa cerca de duzentas egrejas, a primeira das quaes pela sua antiguidade é a *Sé patriarchal*, sobre cuja fundação não ha accordo entre os historiadores. É um grande templo de tres naves, que, não obstante os estragos dos terremotos, que teem obrigado a reconstrucções parciaes, ainda assim encerra antigua-

«natural do desenvolvimento das cidades, continuaremos a considerar «estes concelhos como parte integrante, que é, de Lisboa.»

Segundo o mesmo auctor, Lisboa tem desde Xabregas até Belem 2 legoas de comprimento de Leste a Oeste, e do Tejo ás barreiras de Campolide $^1/_2$ legua de largura de Norte a Sul.

lhas e vasos sagrados muito apreciaveis. Existe alli o melhor quadro de Pedro Alexandrino. (Veja-se na segunda parte a descripção do n.º 360.)

Santa Maria de Belem, ou mosteiro dos *Jeronimos*, é edificação de D. Manuel em memoria do descobrimento da India, e no mesmo sitio, em que embarcou Vasco da Gama para essa audaz empreza. Esta grande e formosa egreja é um magnifico monumento do ultimo periodo da architectura gothica, já em transição para o estylo manoelino. Tem tres naves, formadas por poucas mas elegantes columnas de 41 metros d'altura. O seu comprimento é de cerca de 90 metros por 64 no transepto. Alli existem os tumulos do fundador, de sua segunda mulher, de D. João III e d'outros. Os claustros são egualmente notaveis.

A basilica do *Coração de Jesus*, ou egreja da *Estrella*, fundada por D. Maria I, é um templo sumptuoso. Tem lindos marmores, boas esculpturas e melhores pinturas, como se póde vêr da descripção dos quadros 159 a 165.

S. Vicente de Fóra é grande e rica; tem tres naves e lindos marmores. Foi dos conegos regrantes de S. Agostinho, cujo convento passou a ser habitação dos Patriarchas, que teem o seu jazigo ao lado da capella mor, por traz da qual fica tambem o dos reis da casa de Bragança. Foi fundada por D. Affonso Henriques, e inteiramente reconstruida por Philippe II.

S. Roque é notavel pela capella de S. João Baptista, rica obra de mosaico mandada fazer em Roma por D. João V, sendo depois de prompta armada dentro da egreja de S. Pedro, e benzida pelo Papa Clemente XIV, que n'ella celebrou a primeira missa em 1744. Mandada vir para Lisboa, foi alli montada em 1746 por Alexandre Giusti, que n'ella havia trabalha-

do com distincção. É fabricada de verde, rôxo e amarello antigos, porphydo, jaldo, amethistas, cornalinas, alabastro, marmore branco, granito oriental e oito columnas de lapis-lazuli. No centro representa o baptismo de Christo no rio Jordão, á direita a Annunciação da Virgem, á esquerda a Descida do Espirito Santo, e no pavimento a esphera terrestre. Esta egreja é tambem muito notavel pelos quadros que encerra, como se vê da descripção dos numeros 113, 114, 315, 317, 319, 320, 322, 323, 328 a 359, e 361 a 374.

A egreja de *Jesus*, que foi dos franciscanos e hoje é a parochia de *Nossa Senhora das Mercês*, é um vasto e rico templo, que encerra pinturas inestimaveis, como consta da descripção dos numeros 127 a 132.

A dos *Paulistas*, ou parochia de *Santa Catharina*, é tambem notavel como edificio e pelos quadros que possue, como resulta da descripção dos numeros 328 a 359.

A de *S. Domingos*, vasto templo em uma só nave, com excellentes marmores, e columnas collossaes, foi outr'ora dos frades dominicos e hoje é parochia de *Santa Justa* e *Rufina*.

Nossa Senhora dos Martyres é fundação de D. Affonso Henriques, no logar onde se enterraram os estrangeiros que morreram no assedio de Lisboa, e foi reedificada depois de 1755, sendo hoje uma das mais lindas da capital.

A *Encarnação* é um grande templo posterior ao terremoto.

O *Loreto*, pertencente aos italianos, tem alguns quadros estimaveis, como se vê da descripção dos numeros 168 a 173.

A *Madre de Deus*, é egualmente notavel por quatro excellentes quadros antigos (109 a 112.)

S. Francisco de Paula distingue-se por causa dos quadros de Vieira Lusitano, como consta da descripção dos numeros 328 a 359.

Ha ainda em Lisboa muitos outros templos dignos de menção, como os de *S. Nicolau*, de *S. Julião*, da *Graça*, e bem assim o portico da *Conceição Velha*, e as ruinas da egreja do *Carmo*.

Os edificios publicos mais notaveis são:

O *arsenal de marinha*, edificação do marquez de Pombal. Tem um excellente dique, dois estaleiros, grandes armazens e officinas, vasta Sala do risco, onde ha uma corveta para eschola pratica dos aspirantes, etc.

Tres outros arsenaes do exercito, dos quaes o chamado *Fundição de Baixo* tem um rico portico de cantaria, ornado de columnas e tropheus: foi fundado por D. João V, e encerra além das officinas, varias salas com armas em exposição. — O chamado *Fundição do Campo de Santa Clara* encerra um deposito de peças antigas, tomadas em diversas batalhas, entre as quaes se vê a célebre colubrina de Diu. — O denominado *Fundição de cima* contém as officinas de fundição e um excellente modêlo da estatua equestre de D. José I.

A *alfandega grande*, na praça do Commercio, e a *alfandega municipal*; o *palacio das côrtes*, onde é riquissima a sala dos pares; a *imprensa nacional*, pelo bem que está montada; o *banco de Portugal*; a *camara municipal*; o *edificio da Cordoaria*; o *da fabrica de Xabregas*, e outros estabelecimentos, como o *matadouro publico*, etc.

Quatro palacios reaes. O *da Ajuda*, que tem levantado um terço da planta geral, e foi principiado em 1796; tem grande numero de salas, ornadas de pinturas modernas, a respeito das quaes veja-se a descrip-

ção dos quadros de numeros 155 a 158, e o artigo de Taborda. O das *Necessidades*, mandado edificar por D. João V, é ornado com elegancia e riqueza. Tem muitos objectos d'arte, colleccionados por SS. MM. D. Pedro V, D. Fernando e D. Luiz, e pelo infante D. Augusto, e entre elles o admiravel quadro, que vae descripto com o numero 118; a quinta é muito curiosa pela sua collecção de plantas. O *palacio de Belem* foi comprado por D. João V, que o adornou ricamente. A quinta é tambem curiosa pelas suas cascatas, estatuas, vasos, etc. O *palacio da Bemposta*, hoje eschola do exercito, que é edificação ordenada por D. Catharina, viuva de Carlos II d'Inglaterra e filha de D. João IV.

Os *palacios particulares mais notaveis* são os do duque de Palmella ao Calhariz, do marquez de Vianna ao Rato, do conde de Sobral ao Calhariz, do conde do Farrobo na rua do Alecrim, do marquez de Castello Melhor ao passeio publico, do marquez d'Abrantes na calçada do mesmo nome, do marquez de Pombal ás Janellas Verdes, onde habita S. M. a Imperatiz viuva, do marquez de Niza a Xabregas, do marquez de Lavradio em Santa Clara, do marquez da Ribeira Grande e do Visconde da Junqueira, ambos na rua da Junqueira, do visconde de Barcellinhos na rua Nova do Carmo, e os novos do visconde da Gandarinha, José Maria Eugenio, Bessone e outros.

Possue esta capital muitos estabelecimentos litterarios e d'instrucção publica, taes como a *eschola polytechnica*, magestoso palacio onde foi primeiro o convento dos Jesuitas e depois o collegio dos nobres, que ardeu em 1843: tem os cursos completos de mathematica; — o *lyceu*, na rua de S. José, com o curso completo de humanidades, e onde tambem se ensinam as linguas grega, latina, hebraica, arabe, franceza, ingleza e

allemã; — a eschola medico-cirurgica; — a eschola do exercito; — o instituto industrial; — o instituto agricola; — a eschola naval; — a eschola normal, de preparatorios para o magisterio; — o conservatorio real de musica; — a aula de commercio; — a academia real das sciencias; — a academia das bellas-artes etc.; — o museu de historia natural na eschola polytechnica; — a galeria nacional de pinturas na academia de bellas-artes, cujos quadros mais notaveis vão descriptos na segunda parte sob os numeros 203 a 270; — a bibliotheca publica tendo perto de 150,000 volumes; — a da academia real das sciencias com 50,000; — a de S. Vicente, no convento d'este nome, com 22,000; — a das Necessidades, no palacio d'este nome, com 30,000; — a da Ajuda no palacio assim chamado, com 28,000; — a da marinha, no arsenal respectivo, com 11,000; — o archivo da Torre do tombo, e outros estabelecimentos.

Além d'isto, ha em Lisboa arrojadas obras d'arte, a primeira das quaes é o reservatorio e o aqueducto das *Aguas livres*, mandado construir por D. João V. O arco principal tem 80 metros d'altura até o parapeito, e 33 metros de largura na base entre os dois pilares, tendo grossura que comporta dois grandes canos pelo centro e duas espaçosas galerias aos lados. O reservatorio accommoda cerca de 11,000 pipas d'agua.

O *arco da rua Augusta* é outra magestosa obra com esperança de concluir-se este anno. Medirá d'altura até a platabanda cerca de 32 metros. Terá sobre ella um grupo de tres estatuas colossaes de marmore branco de $7^{m},26$ cada uma, que attingirão $12^{m},32$ com os pedestaes e emblemas. Devem representar o Valor, a Gloria e o Genio: a execução d'ellas foi encarregada ao snr. Calmels. Sobre as columnas da frente serão collocadas as estatuas de Viriato, D. Nuno Alva-

res Pereira, Vasco da Gama, e Marquez de Pombal, e aos lados as do Tejo e Douro: todas seis de marmore e 4^{m},84 d'alto. O desempenho d'estas foi incumbido ao snr. Victor Bastos.

A *estatua equestre de D. José*, fundida d'um só jacto, que immortalisou o seu auctor Joaquim Machado de Castro, tem 13^{m},97 d'altura, sendo o pedestal de marmore com 7^{m},04 e o cavallo e cavalleiro de bronze com 6^{m},93. O metal empregado n'ella pesa 80,640 arrateis.

A recente *columna de D. Pedro IV*, na praça do mesmo nome, é um monumento composto de um envasamento de granito do Porto na primeira parte, e na segunda de marmore azul de Montes Claros, ornado das estatuas allegoricas da Prudencia, Justiça, Fortaleza e Moderação: estas estatuas collossaes no sentido de esculptura architectural são bem executadas. Entre as estatuas estão as armas de 16 cidades, tendo o logar de honra na frente do monumento o Porto e Angra do Heroismo, e aos lados Lisboa e Bragança, e assim quatro outros escudos entre cada duas estatuas. Segue-se o pedestal com quatro inscripções: dedicatoria, nascimento, data da carta constitucional, e fallecimento. Depois ergue-se uma columna, que no terço inferior começa por uma base larga, fazendo transição do pedestal para o fuste, acima do qual se vêem quatro Famas em baixo-relevo, que exprimem a idêa da apotheose; nos dois terços superiores a columna é adornada simplesmente de estrias largas e profundas para produzir os effeitos do claro-escuro. O capitel é largo e grandioso, e seria até exaggerado se não fosse o supporte da estatua: o que lhe corresponde em rigor seria n'este caso acanhado e de mau effeito. A estatua de bronze dourado e de 3^{m},30 sobre o abaco completa o mo-

numento, cuja altura total é de 27^{m},5. O imperador tem a fronte coroada de louro, e está vestido de general com um manto, tendo na mão direita a carta aberta que apresenta com naturalidade, descançando a esquerda sobre os copos da espada. O todo do monumento, olhado em geral, é sumptuoso, elegante, proporcionado e harmonioso.

O tambem moderno *monumento a Camões* é não menos apreciavel pela sua forma elegante e excellente execução, toda portugueza. É um monumento octogono, ao qual se agrupam nove estatuas pedestres: no alto a do grande poeta fundida em bronze pelo snr. Collares, e nas oito faces as estatuas em marmore de Jeronimo Côrte Real, João de Barros, Gomes Eanes d'Azurara, Francisco Sá de Menezes, Vasco Mouzinho de Quevedo, Fernão Lopes Castanheda e Pedro Nunes, habilmente executadas pelo snr. Victor Bastos.

É digno ainda de mencionar-se o *Pelourinho* no largo do mesmo nome; bella obra d'uma só pedra vasada formando trez lindas columnas torcidas.

Conta Lisboa *doze praças* principaes. A do Commercio ou terreiro do Paço é uma das mais regulares e bonitas que existem, pois é cercada de trez lados por magestosas edificações symetricas, formando uma elegante galeria d'arcos, tendo no centro a estatua equestre de D. José I já descripta, e ao sul um caes magnifico sobre o Tejo. As suas dimensões são 191^{m},4 de nascente a poente e 182^{m},6 de norte a sul, ou 174^{m},706 quadrados, incluindo 2.859^{m},12 occupados pela estatua e pelos torreões. A meio da praça do lado do norte ergue-se o grandioso arco de triumpho sobre a rua Augusta, a qual tem 17^{m},6 de largura, 554^{m},6 de comprimento e casas de risco uniforme. Sahem d'esta mesma praça as ruas do Ouro e da Prata, com 13^{m},2 de

largura, eguaes á anterior no comprimento e regularidade de predios.

Esta ultima desemboca na praça da Figueira e as duas primeiras na bella *praça de D. Pedro IV* ou do Rocio que é quadrilonga, calçada de mosaico, arborisada e com boas casas aos lados, tomando todo o do norte o lindissimo theatro de D. Maria II, e sendo o centro da praça decorado com a magnifica columna ultimamente erecta em memoria do imperador e já por nós descripta.

A *praça da Figueira* é onde existe o mercado publico.

A *praça da Alegria* é orlada de bons predios e arborisada.

A *praça do Principe Real* ou *Patriarchal Queimada* tem um bello jardim, grande jorro d'agua, e importantes melhoramentos modernos.

O *campo de Sant'Anna* é muito extenso, aformoseado e arborisado em parte.

A *praça de Camões* é ajardinada e tem a estatua do poeta no centro.

A *praça da Boa Vista* com jardim, e a alameda do mesmo nome, estão agradavelmente situadas á beira do Tejo. Ha ainda outras, como a de S. Paulo, a de St.ª Clara, a de D. Luiz, a das Flores, a das Amoreiras, a d'Alcantara, a de D. Fernando em Belem, e muitos largos, como o do Pelourinho, o do Carmo, caes do Sodré, etc.

Tem Lisboa sete theatros. O de *S. Carlos* para operas lyricas foi edificado pelo architecto portuguez José da Costa e Silva e pelo mestre d'obras Sebastião Antonio da Cruz Sobral, que o concluiram em 1793. É grande e bem decorado, com cinco ordens de ca-

marotes, uma rica tribuna real, e capacidade para 1,200 espectadores.

O de *D. Maria*, edificado sob a direcção do italiano Fortunato Lodi, e terminado em 1847. É lindo, pois que tem quatro vistosas frentes, todas de marmore, com columnas, estatuas e baixos-relevos. Serve de eschola normal de representações dramaticas. Tem quatro ordens de camarotes e uma boa tribuna real. O seu interior, porém, não corresponde em capacidade ao que promette o exterior: accommoda somente 850 espectadores.

O da *Trindade*, mais singelo e mais moderno, é tambem um bom theatro, com mais de 1,000 accommodações.

O do *Gymnasio*, para comedia e farça, concluido em 1852, tem tres ordens de camarotes, e 780 logares.

O do *principe Real* é pequeno e singelo, porém decente.

Os dois restantes são o das *Variedades* e o da rua dos *Condes*, pequenos e pobremente decorados.

Além d'estes theatros tem Lisboa dois circos, o *Price* que dá espectaculos variados, e o do campo de *Sant'Anna* para corridas de touros; assim como possue um café-concerto.

Os principaes passeios publicos e jardins d'esta capital são:

O da *Estrella*, bello e bem arranjado, com bôa collecção d'arvores de bosque e plantas de jardim, estufa, pavilhões e kiosques, uma cascata e quatro lagos; mas infelizmente não teem a porção d'agua precisa para bem o aformosear.

O *passeio publico* da cidade baixa, o mais frequentado de todos, com bôa grade e bellos porticos.

Tem tambem uma cascata com uma Nayade pelo snr. Assis, dois lagos com as estatuas do Tejo e Douro por Alexandre Gomes, e uma grande e bella bacia com repuxo.

O de *S. Pedro d'Alcantara*, com alameda e jardins. É pequeno, mas delicioso pelas suas incomparaveis vistas.

O *jardim da alfandega,* na frente d'este edificio, pelo lado do Tejo. Tem uma estufa e bella collecção de flores.

O *passeio da Junqueira,* entre Alcantara e Belem, com copado arvoredo, é lindo, tendo d'um lado o Tejo e d'outro excellentes edificios.

Além d'estes ha outros no campo de *Sant'Anna* e *Patriarchal Queimada*, e sobre tudo o que se projecta no *Campo Grande*, com immenso lago, ilhas, bosques, etc.

Ha tambem tres *jardins botanicos*, o da Ajuda, o da Academia real das sciencias e o de S. José da eschola medico-cirurgica.

Algumas fontes ou chafarizes são recommendaveis, como o das *Necessidades* em frente do Paço d'este nome, com um lindo obelisco; o das *Janellas Verdes,* o de *Belem,* o da praça de *S. Paulo* com uma bonita pyramide, o do *Carmo* com os seus quatro arcos formando um pavilhão.

Tem egualmente muitos estabelecimentos de caridade, sendo os principaes:

O *hospital de S. José,* no antigo convento de Santo Antão, que foi dos Jesuitas, com 10 enfermarias de cirurgia, 7 de medicina e muitos quartos particulares, que ao todo encerram 1,250 camas; e com boa cêrca e bom jardim. Recebe annualmente mais de 15,000 doentes.

O hospital do *Desterro* no extincto convento d'este nome, que é uma delegação do de S. José.

O hospital de *Rilhafolles*, no extincto convento dos Congregados, expressamente destinado para dementes d'ambos os sexos, regulando ter cêrca de 700.

O hospital de *S. Lazaro*, para as molestias cutaneas, contagiosas e chronicas, que costuma ter cento e tantos enfermos.

O hospital da *marinha*, para os empregados da armada.

O hospital da *Estrella*, para militares, no extincto convento do mesmo nome.

O hospital de *Belem*, egualmente militar.

Além d'estes, ha diversos outros das differentes ordens, d'irmandades e de particulares, assim como o de *S. Luiz* pertencente aos francezes, e o dos *Cyprestes* pertencente aos inglezes.

Os asylos seguintes:

O dos *expostos*, pertencente á Misericordia, no extincto convento de S. Roque, que era dos Jesuitas. Aquella irmandade tem a seu cargo dentro e fóra do estabelecimento mais de 10,000 creanças, passando de 2,000 as que recebe annualmente.

A *real casa pia*, no extincto convento de Santa Maria de Belem (Jeronimos), onde são sustentadas e educadas 1,000 creanças d'ambos os sexos. Tem Escholas para surdos-mudos.

O asylo de *mendicidade*, no extincto convento de Santo Antonio dos Capuchos, com cêrca de 1,000 pobres constantemente.

O asylo de *Maria Pia* com 800 asylados: o de *S. Thomé*, que em 1871 se achava com 181: o de *N. Senhora da Conceição* com 150: o de *Sant'Anna* com 124: o de *St.ª Quiteria* com 118: o da Junqueira com 111: o

d'Ajuda com 109: o dos orphãos de *St.ª Catharina* com 100: e além d'estes existem ainda os de *D. Luiz 1.º*, *D. Pedro V.*, *St.º Antonio*, meninos abandonados, associação patriota d'infancia desvalida, etc.

Possue esta capital quatro cadeias; a do castello de *S. Jorge*, para militares; a do *Limoeiro*, para presos civis; a do *Aljube*, para mulheres, e a da *Galé*, no arsenal de marinha, para os condemnados a trabalhos publicos.

Tambem possue dez quarteis para tropa, que são os seguintes: o dos *marinheiros*, em Alcantara; o dos *lanceiros*, na calçada da Ajuda; o de *infanteria n.º 1*, na mesma calçada; o de *infanteria 2*, em S. João de Deus; o de *infanteria 16*, no campo d'Ourique; o de *infanteria 10*, na Graça; o de *caçadores 1*, em Valle de Pereiro; o de *caçadores 5*, no castello de S. Jorge; o da *municipal*, no Carmo; o *d'artilheria 1*, na cruz dos Quatro Caminhos.

São trez os cemiterios: o dos *Prazeres* e o de *S. João*, muito povoados de monumentos, e o da *Ajuda*, menos notavel.

Ainda que em resumo, temos dado noticia do que Lisboa contém de mais importante, restando lembrar ao *touriste* que encontrará aqui bons clubs onde convém que seja apresentado. E agora passaremos a dar noticia dos arrabaldes.

Em geral não ha tanto arvoredo como seria para desejar n'um paiz tam calmoso. Em compensação, encontram-se muitas e excellentes quintas de recreio, cujos donos estão no habito de facilitar a visita d'ellas. Nomearemos pois as mais importantes, que podem servir de diversão agradabilissima a qualquer visitante; taes são:

Ao norte: em Bemfica, a quinta e palacio da serenissima infanta *D. Izabel Maria*, e a dos marquezes

de *Fronteira*; nas Laranjeiras, a do conde do *Farrobo;* em Queluz, o *palacio real* e excellente quinta; em Bellas, a dos condes de *Pombeiro;* no Lumiar, a dos duques de *Palmella;* na Luz, a quinta onde está o *collegio militar.*

Ao occidente: em Pedroiços, a dos duques de *Cadaval;* em Caxias, o *palacio real* com bons jardins e cascata; em Oeiras, o palacio e quintas do marquez de *Pombal.*

Ao oriente: no Grillo, o palacio e quinta dos duques de *Lafões;* no Poço do Bispo, o *palacio* e *quinta patriarchal;* e em fim muitas outras quintas de recreio, em Chellas, Olivaes e Sacavem.

Do outro lado do Tejo: nos arrabaldes d'Almada, o palacio real ou casa de campo *d'Alfeite*, com uma boa quinta, e a *d'Amora*, pertencente á senhora infanta D. Izabel Maria.

Tendo-nos esquecido mencionar as fabricas mais importantes de Lisboa, e seus arrabaldes, só podémos obter a tempo d'entrar no prélo os esclarecimentos, que abaixo seguem, faltando-nos mencionar muitas outras importantissimas fabricas, como sejam as de Tabacos, a de Fundição pertencente ao sr. Collares, etc.

Fabrica denominada Companhia de Lanificios d'Arrentella ao sul do Tejo, a duas leguas de Lisboa. Emprega 350 operarios, e seus productos, principalmente cachemiras são muito conhecidos e afamados.

Dita idem do Campo Grande a uma legua de Lisboa. Emprega 160 operarios.

Dita idem Lisbonense em Alcantara. Emprega 600 operarios.

Dita idem de Bernardo Daupias & C.ª Ao Calvario a 1 legua de Lisboa. Emprega 500 operarios.

Dita idem de José Diogo da Silva & C.ª Em Oeiras a duas leguas de Lisboa. Emprega 360 operarios.
Dita idem de José Antonio Teixeira. Em Arroios (dentro da cidade) Emprega 150 operarios.

Mafra (2,800 h.)

Villa a distancia de 32 kilometros de Lisboa, com um immenso palacio e convento de apparatosa architectura exterior: tem 216 metros de frente, 886 salas e quartos, sendo 300 do convento, 5:200 portas e janellas, e uma bella igreja com dois carrilhões magnificos. A cerca ou tapada d'este palacio mede 20 kilometros de circumferencia. O atrio da igreja tem estatuas collossaes de marmore de boa execução, e o interior bellos retabulos de marmore em todos os altares.

Cintra (3,000 h.)

Villa que foi immortalisada por Camões, Garret, Milton e Biron, cantando as suas delicias. Do palacio da Penninha, em forma de castello gothico-mourisco, verdadeiro eden em que habita o senhor D. Fernando, disfructa-se um extenso panorama, verdadeiramente notavel pelo mimo inexcedivel de seus horisontes. A quinta é immensa, com jardins, bosques, lagos, etc., tudo com um gosto que bem mostra a competencia de quem ordena aquelles trabalhos.

A quinta de Montserrat está tambem tractada com muito gosto e grande dispendio, porém acha-se em peor situação.

A Penha-Verde ou quinta de D. João de Castro tem no fundo, e do lado da villa, excellente vista de sobre uma collina que a custo se descobre de fóra, por causa da espessura das arvores. O alto da collina forma uma pequena planura, que ao poente olha para o mar, ao norte e sul para as campinas de Collares até Mafra, e ao nascente para a serra de Cintra, de cujo lado está um grande sofá em semi-circulo com um medalhão de marmore no centro, em que se acha esculpida a seguinte decima:

«As campinas retalhadas,
Cerrado bosque no centro,
Mimosos valles por dentro,
Fóra as serras penduradas,
Sempre as aguas prateadas,
Continuo verde a espessura,
Zephyros sempre em doçura,
Mil satyros, mil silvanos,
Brandas nymphas, seus enganos,
São de Cintra a formosura.»

Além d'estas quintas tem Cintra muitas outras dignas de-se vêrem, taes como Penha-Longa, Setiaes, Regaleira, as dos marquezes de Pombal, Vianna e Vallada, a do Relogio e a do Ramalhão.

Collares (1,800 h.)

Antiga e pequena villa perto de Cintra. É notavel pela sua excellente fructa e vinho, pela quinta do Maciot, etc.

Setubal (13,184 h.)

Cidade n'uma bella situação e de muito commercio em vinhos, fructa e sal. Tem digno de vêr-se o convento da Arrabida, a pequena distancia, o castello de S. Philippe e as ruinas de Troia (Cetobriga) na margem fronteira do Sado. No côro da igreja de Jesus, que é um bom templo de tres naves, existem 17 excellentes quadros gothicos, que vão descriptos com os numeros 75 a 91.

Evora (12,000 h.)

Cidade mui pacifica n'uma collinasinha, no meio d'uma grande e fertilissima planicie, abundante em trigo, azeite e vinho. Tem antiguidades muito notaveis, como o Templo de Diana, erecto segundo affirmam alguns dezoito annos antes da nossa era; o aqueducto da Prata, reconstrucção do antiquissimo de Sertorio, de 84 a 73 antes de Christo, por onde são ainda conduzidas as aguas que abastecem a cidade: a torre de Geraldo Sem pavor, do seculo XII, que hoje é um moinho de vento (!); o palacio dos duques de Cadaval e as ruinas do em que nasceu El-Rei D. Manoel, e muitas casas particulares que, embora pela maior parte reedificadas, conservam uma porta ou janella da primitiva architectura gothica, mostrando assim os donos amor ás tradições. Possue um quartel de cavallaria, talvez o melhor de todo o reino. São tambem notaveis a Sé, sobretudo a capella-mór, com um excellente quadro, como se póde vêr da segunda parte, descripção do n.º 126; e a egreja de S. Francisco, onde ha uma curiosa capella feita de ossos humanos, e os quadros constantes da descripção dos n.os 68 a 73.

No palacio do arcebispo e na bibliotheca existem pinturas de muito apreço, como se póde vêr na descripção dos n.os 49 a 67, 74 e 322 a 326.

Elvas (11,088 h.)

Está esta cidade do Alemtejo junto á fronteira de Hespanha assentada sobre uma eminencia em amphitheatro, a duas leguas da ribeira chamada Caya, que divide os dois paizes, e a tres leguas de Badajoz.

Tem sido theatro de sanguinolentas batalhas, como a de 14 de Janeiro de 1659, chamada das linhas d'Elvas, em que o marquez de Marialva obteve completa victoria sobre os hespanhoes que a sitiavam. Esta cidade é a principal praça de guerra portugueza. Tem sete baluartes, quatro meios baluartes e um redente, ligados por cortinas, que formam doze faces, e exteriormente os fortes de Nossa Senhora da Graça e de Santa Luzia. Dão entrada á praça tres portas principaes e algumas portas falsas.

Existem alli vastos quarteis, que em tempo de guerra podem conter seis mil homens, com grandes armazens e paioes á prova de bomba, e uma consideravel cisterna. Tem quatro parochias: a Sé, de boa architectura gothica, e uma capella-mor de construcção moderna, a egreja de S. Salvador, a de S. Pedro, e a de Nossa Senhora da Alcaçova, quatro outras egrejas d'antigos conventos de frades, duas de conventos de freiras, a da Misericordia e algumas ermidas. As ruas da cidade, se bem que estreitas, são regulares. A principal praça é a da Sé, onde está o palacio episcopal e a casa da camara, que tem uma torre e uma boa sala.

O centro d'esta praça é adornado com um rico pelourinho de marmore. Além d'isto tem de notavel um grande aqueducto e diversos chafarizes. Seus suburbios são ferteis e amenos.

Beja (7,050 h.)

Cidade egualmente do Alemtejo, em um terreno elevado. Tem uma Sé episcopal, quatro egrejas parochiaes e diversos templos. Seus suburbios, ainda que pouco variados, por muito planos são agradaveis, e ferteis principalmente em trigo e creação de cevados. Os ares, por isso que é elevada, são purissimos e salubres. O mais notavel que alli existe, são as portas e restos de suas antigas fortificações.

Caldas da Rainha (2,290 h.)

Villa importante por seus banhos sulphureos, com um grande estabelecimento creado por D. Leonor, mulher de D. João II, no fim do seculo XV, reformado e augmentado por D. João V em meiados do seculo passado, e onde actualmente se occupam de melhoramentos.

Alcobaça

Celebre pelo grande mosteiro d'este nome: existem alli dois bellos tumulos de D. Pedro I e D. Ignez de Castro, primoroso trabalho. O edificio ameaça rui-

na, pelo abandono em que está! A bibliotheca do convento era uma sala magnifica de 44^m de comprimento por $13^m,2$ de largura.

Aljubarrota

Notavel pela batalha que alli se deu entre portuguezes e castelhanos, e pelo feito da celebre padeira que alli fez prodigios de valor com uma pá, que se mostra como reliquia.

Batalha (cerca de 1,000 h.)

É celebre pelo soberbo mosteiro d'este nome, que é em relação ás artes o nosso melhor padrão de gloria como o é tambem por commemorar uma batalha que decidiu da nossa independencia: a que teve logar em 14 d'agosto de 1365 e se denomina—batalha d'Aljubarrota,—na qual D. João I, Mestre d'Aviz, com 11,000 homens mal providos, derrotou um exercito de muitos milhares de hespanhoes, entre elles 30,000 aguerridos e bem armados. Para seguir uma opinião que me parece insuspeita, vou extrahir da 28.ª carta do conde de Raczynski, pag. 460, o que elle diz d'este monumento:

«Quanto á magnificencia e grandiosidade do edificio, haveria exageração em affirmar como muitas pessoas que é o melhor monumento existente da architectura gothica; mas póde asseverar-se que, á excepção d'umas vinte das mais bellas cathedraes da Europa, como as de Colonia, Strasburgo, Milão, Anvers, Vienna, etc., a da Batalha póde considerar-se como um

dos restos mais interessantes e até mais seductores da pura architectura gothica. As capellas imperfeitas, edificação do tempo de D. Manuel pelo architecto portuguez Matheus Fernandes, teem o cunho tam portuguez, tam original e tam da epocha de D. Manuel, que são certamente o mais rico modelo da architectura e esculptura nacional.

«A casa do capitulo forma um quadrado perfeito de 20 metros por lado. A abobada chata d'esta sala fazendo do centro um florão onde os arcos se reunem, e suas linhas, suas proporções e simplicidade d'ornamentos, são d'uma graça admiravel. N'um canto d'esta sala vê-se um busto admiravelmente esculpido em alto-relevo, que se crê ser o do architecto.

«A capella real á direita da entrada encerra os tumulos de D. João I e de seus filhos, e é notavel tanto em architectura como em esculptura.

«No numero de bellezas que encerra este mosteiro, occupa o primeiro logar o claustro, com suas fontes e galerias d'abobada e largas janellas para o interior, formadas por pilares e arcos ogivaes de summa elegancia e de um rendilhado d'ornamento entre elles do mais admiravel trabalho.

«Respeito a pintura existe alli, na sala do capitulo, uma janella cujos vidros teem a pintura mais notavel que tenho visto n'este genero, representando scenas da Paixão de Christo. As janellas do templo teem egualmente pinturas que, sem serem más, estão longe de valer tanto como aquellas.»

Leiria (3,330 h.)

Pequena e pacifica cidade nas margens do rio Liz.

Tem n'uma summidade as ruinas d'um velho castello apalaçado em que habitou El-Rei D. Diniz, e do qual se disfructa admiravel vista sobre os arrabaldes e sobre o mar, que fica a 23 kilometros.

Pombal (5,000 h.)

Grande villa, que só tem de notavel as ruinas do palacio acastellado em que morou o célebre marquez d'aquelle titulo, Sebastião José de Carvalho e Mello.

Coimbra (13,125 h.)

Poucas cidades apresentam tam risonho aspecto como esta, a quem de fóra a contempla, pois semelha um throno de casas que parecem dispostas para o mais bello effeito da perspectiva. Vista do interior não corresponde á perspectiva externa, devido á pouca largura e á tortuosidade da maior parte das suas ruas.

A Sé Velha passa por ser um dos templos mais antigos de Portugal; mas as differentes reconstrucções de diversas epochas, cada uma de seu estylo, formam alli uma amalgama que ainda ao menos tem um lado bom, o qual é mostrar que em todos os tempos cultivamos as artes com bom successo. Uma das partes antiquissimas é no exterior onde se vêem duas inscripções de D. Sesnando e seu sobrinho, que foi governador da cidade em 1064. O altar-mór é de puro estylo

gothico e d'um trabalho em madeira esmeradissimo. O tecto da sacristia é de fins do seculo XVI e d'apurado gosto.

A melhor pintura alli existente e digna d'attenção, é o retrato, de St.ª Isabel, que terá cêrca de duzentos annos.

A egreja de Santa Cruz, edificada por D. Affonso Henriques e reedificada por D. Manuel, offerece um modêlo d'architectura mais homogeneo em todas as partes. A fachada é do estylo gothico, mas da ultima epocha, quando o estylo manuelino principiava a manifestar-se. O interior é d'uma só nave d'abobada estucada no mesmo estylo. As paredes são revestidas de azulejos. Os dois tumulos de D. Affonso Henriques e de D. Sancho, seu filho, que se acham na capella-mór, são de puro e rigoroso estylo gothico, embora da mesma epocha da reedificação. O pulpito de pedra é não só a melhor cousa d'esta egreja, mas como esculptura d'alto-relevo uma peça verdadeiramente notavel, a respeito da qual diz Raczynski na sua 28.ª carta, pag. 471: «La chaire est un magnifique morceau d'architecture dans le style cinq-cents. Elle est parfaitement conservée, c'est un vrai bijou que l'on serait tenté d'enchâsser dans un médaillon, ou dans une bague.» A pia da agua benta, ainda que menos ornamentada, é da mesma epocha, e suas proporções são bellas.

Tem este mosteiro tres claustros, um dos quaes é o do Silencio, tambem da mesma epocha e egualmente lindo. De cada um dos lados fórma galerias tendo cada face cinco bellos arcos ogivaes divididos ao meio por columnas, que no alto se dividem e rematam por um gracioso olhal. No centro do claustro ha uma

boa fonte de fórma pyramidal com duas taças, e rematada por uma pequena estatua.

A casa do capitulo é da mesma epocha e a abobada tem muito merecimento. São ainda notaveis: a capella de S. Theotonio, no fundo da mesma casa; a grande sacristia, de elevada e graciosa abobada, e o côro, com 72 cadeiras de bella esculptura em madeira. O orgão que dizem de 1724, passa por ser o melhor que existe em Portugal.

Ha alli pinturas de muita importancia, como se póde ver na descripção dos quadros n.º 36 a 42, 46 e 47, 174 e 175.

Da cêrca d'este convento, ainda que muito devastada, restam largas e copadissimas ruas d'arvoredo, o grande lago com paredes de cedro, immenso jogo da bola com tres lindos arcos, e as estatuas da Fé, Esperança e Charidade, etc.

Coimbra, como verdadeiro foco de civilisação, tem importantissimos estabelecimentos d'instrucção: um bem montado lyceu, um excellente seminario episcopal, collegios d'ambos os sexos muito acreditados, e sobre tudo a universidade que é o primeiro estabelecimento scientifico não só de Coimbra, mas de todo o Portugal.

Creada em Lisboa por D. Diniz em 1290, foi pelo mesmo monarcha transferida para aqui em 1309; o seu successor D. Affonso IV a fez voltar para Lisboa, e de novo a trasladou para Coimbra em meiados do mesmo seculo. D. Fernando transferiu-a ainda para Lisboa em 1377, e alli permaneceu até 1537 em que D. João III a fixou definitivamente em Coimbra, onde parece haver condições para o estudo, mais vantajosas que em qualquer outra cidade.

Compõe-se a universidade de cinco faculdades:

theologia, com 14 lentes; direito, com 27; medicina, com 21; mathematica, com 16; philosophia, com 14. Total das cinco faculdades, 92 lentes.

Em cada faculdade ha tres graus, bacharel, licenciado e doutor. A este ultimo grau corresponde o capello branco para os de theologia; vermelho para os de direito; amarello para os de medicina; azul e branco para os de mathematica; e azul ferrete para os de philosophia.

Occupa a universidade o antigo palacio real das Alcaçovas, n'um dos pontos mais elevados da cidade, com a entrada principal pela rua Larga, onde fórma um portico ornado d'estatuas. Dentro do portico existe um grande terreiro, e ao norte d'este corre uma galeria de columnas chamada a «via latina» para a qual dão as portas de diversas salas, sendo a principal a sala grande ou dos capellos, onde se defendem as theses, se faz o exame de licenciado e se confere o grau de doutor; assim como é n'ella que se faz a distribuição dos premios no fim do anno lectivo aos estudantes mais applicados e talentosos. Além d'esta sala é notavel a dos exames privados. Ambas teem retratos, a primeira os dos reis e a segunda os dos reitores, sem nenhum valor artistico, como quasi todos os outros quadros que alli existem idos dos antigos conventos. É egualmente notavel a torre quadrangular, pela vista que no alto se disfructa das varandas.

No fundo da via latina existe uma especie de claustro, para o qual dão as portas das differentes aulas chamadas geraes, que estão, segundo dizem os entendidos, muito bem dispostas. Ao nascente de tudo quanto temos descripto, fica o antigo collegio de S. Pedro, com uma excellente livraria e vastos aposentos, que por decreto de 30 de maio de 1855 foi encorpo-

rado á universidade para servir d'alojamento real por occasião d'alguma visita. Ao poente ficam a capella com um bonito portico, excellente orgão, etc., e a bibliotheca tam notavel, que fez dizer ao conde de Raczynski na sua 28.ª carta, pag. 471: «Ce fut Jean V qui fonda la bibliothéque de l'université, la plus belle, la plus richement ornée que j'aie jamais visitée. La peinture du plafond est une vaste composition très-riche, comme plusieurs peintures de la même époque que j'ai vues à Lisbonne.»

O portico é elegante e grandioso, d'ordem jonica, decorado de bellos ornatos em relevo e coroado pelas armas reaes, tudo de cantaria. Tambem é primorosa a porta de madeira que dá entrada para os tres grandes salões, communicados uns com os outros por largas passagens ao centro, e bem assim o todo do arranjo geral. O que porém se torna mais notavel, é a pintura dos tectos, do genero de pintura d'ornamentos ou architectural, executada por Antonio Simões, discipulo de Baccarelli. Tem tambem digno de nota seis excellentes mezas. Existem alli 40,230 volumes e em dois depositos na parte inferior 16,140.

O observatorio astronomico ao lado do sul do terreiro, creado em fins do seculo passado, e a imprensa que fica ao lado da Sé velha, são annexos da universidade. A imprensa é creação do tempo de D. João III, engrandecido no tempo do marquez de Pombal quando se construiu edificio proprio. Honra-a a sua administração que não só dispensa subsidio do estado, mas ainda tem tido saldo que emprega em melhoramentos e que provém das obras de que se encarrega para particulares. Está muito bem montada e occupa cincoen-

ta e tantos empregados, com a officina de lithographia, etc., etc.

O museu é um edificio vasto, d'agradavel apparencia, com excellente entrada, e segundo dizem os entendidos de muito boa disposição interior. Este edificio faz parte integrante da universidade, e n'elle se acham as escholas praticas de muitos ramos de sciencia, como physica e historia natural, avultando em mineralogia uma bella collecção de marmores, e em paleontologia outra de fosseis; o gabinete d'anatomia comparada, etc.; e na parte terrea do edificio a eschola pratica para pharmaceuticos, o theatro anatomico para estudantes de medicina e cirurgia, e um bom gabinete de chimica, com laboratorio n'um edificio fronteiro ao museu.

O jardim botanico é excellente em situação, aceio e arranjo, boa estufa e collecção de plantas.

O hospital, que para fornecer exemplos á eschola pratica recebe doentes de grande distancia, accumula assim muitas vezes mais de tresentos.

O observatorio meteorologico e magnetico, em local magnifico, é um dos principaes melhoramentos que a universidade tem adquirido depois de 1860; e de sobre elle goza-se um excellente panorama.

Não podendo alongar-nos para dar noticias d'outras muitas cousas notaveis, que tem Coimbra, passaremos aos pontos de vista e recordações.

Além do panorama que se disfructa de sobre a torre da universidade e de sobre o observatorio meteorologico e magnetico, tem ainda outros pontos agradabilissimos, como o Penedo da Saudade, lugar attrahente d'onde se goza uma perspectiva risonha, variada e formosissima; e o Penedo da Meditação, nas proximidades de Cellas: o logar é desprovido d'adornos,

mas a vista que se disfructa é dilatada e apreciavel. Proseguindo para o nascente, fica a pouca distancia o convento de Santo Antonio dos Olivaes, fundado em 1218, de religiosos franciscanos, com a invocação de Santo Antão. N'elle vieram pousar os cinco frades Fr. Otho e seus companheiros, que depois, seguindo para Marrocos, foram lá martyrisados. O thaumaturgo St.º Antonio, que ao tempo da chegada dos restos d'aquelles martyres se achava no convento de St.ª Cruz onde as reliquias se recolheram, ficou tam possuido de fé que abandonou aquella real mansão em troca do humilde conventinho dos Olivaes, onde em breve conseguiu como queria o viajar como missionario. Eis porque este logar é célebre, ainda que pelas reconstrucções e por um incendio occorrido ha poucos annos nada existe do primitivo convento senão a recordação historica. Do adro da actual egreja goza-se uma vista extensa e lindissima.

No lado fronteiro do rio está, na crista do monte da Esperança, o convento de Santa Clara edificado em fins do seculo XVII em substituição do antigo que se arruinou na margem do rio. Do local do novo convento goza-se um bom panorama, que é ainda muito mais completo da capella da Senhora da Esperança, a poucos passos de distancia.

Á margem do rio existe a quinta das Lagrimas, onde debaixo de frondosos cedros se vê a fonte dos Amores. No fundo do cano por onde á flor do chão se despenham as aguas no tanque, divisam-se umas pedras vermelhas que a tradição poetica inculca manchadas do sangue de D. Ignez de Castro, e junto d'este logar uma tosca lapide tem esculpidos os seguintes versos do principe dos poetas portuguezes:

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe pozeram que ainda dura
Dos amores de Ignez que alli passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores
Que lagrimas são agua, e o nome amores.

A quinta das Cannas ou Lapa dos Esteios é um pouco mais acima, em logar amenissimo á borda do rio, com copadas alamedas, mirantes e alegretes; é o sitio escolhido pelos cultores das musas.

Bussaco

Matta e convento d'este nome, outr'ora de carmelitas descalços, fechada por um muro de 3800 metros d'extensão, com uma commoda e larga rua que a atravessa toda. O recinto é coberto de carvalhos, castanheiros e outras arvores gigantes, como já o era em 1634 quando a nossa poetisa D. Bernarda Ferreira de Lacerda disse nas suas «Soledades do Bussaco»:

Con negras sombras de robles,
Que alli son grandes y muchos,
Llenos de barbas por viejos,
Y en las cabeças tan juntos,
Que no sufren los traspase
El planeta rubicundo...

Em 1643 principiou-se alli a plantação dos cedros, pelos eremitas que lá se tinham estabelecido em 1630; e tanto zelo desenvolveram os fundadores e os que lhes

succederam, que não só produziram cedros de proporções gigantes, mas conseguiram a aclimatação de muitas e preciosas especies e variedades de plantas. Por baixo d'aquellas arvores corpolentas e como que protegida por seus ramos collossaes, surge da fecundidade do solo vasta republica d'arbustos, ostentando uma vegetação vigorosa e exuberante. As proprias pedras se vêem tapetadas de viçosos musgos e variadas relvas. De junto do Calvario disfructa-se um panorama que arrebata por sua belleza e originalidade. As comas das arvores a que n'esta eminencia se fica sobranceiro, mostram-se por tal forma entrelaçadas, que se affiguram um formoso e vasto lago.

Da Cruz Alta, um dos melhores pontos de vista de Portugal, descobre-se ao nascente a serra da Estrella, ao sul a de Minde, ao norte a de Grijó e ao poente o mar. No intermedio vêem-se fertilissimos e amenos campos, prados, bosques e valles cortados por varios rios. A quem for com uma pessoa pratica aconselhamos a subida a cavallo, pelo lado esquerdo do convento, sahindo na Porta Sulla para visitar o campo de batalha, e voltando até á Cruz Alta desmontar alli para descer a pé até ao convento, e gozar da vista do Calvario e da poesia da matta com suas capellas. A visita assim feita fatiga muito menos, e dá logar a disfructarem-se outras vistas e sobretudo o campo em que, no dia 27 de setembro de 1810, 27,000 portuguezes e 30,000 inglezes, commandados por lord Wellington, derrotaram a 60,000 francezes commandados por Massena, «o filho querido da victoria.» Por muitos annos esteve este facto, sem um monumento qualquer que o recordasse; agora porem trabalha-se na collocação d'uma columna que o commemore.

Na cerca do Bussaco existem duas ordens de ca-

pellas: as de devoção e as de habitação; do numero das primeiras eram as que commemoravam a adolescencia e paixão de Christo, perfeitamente dispostas, mas infelizmente com as esculpturas inutilisadas; as outras acham-se dispersas e serviam de habitação aos frades que passavam vida solitaria.

No mosteiro, ainda que vasto no todo, as officinas eram humildes e fabricadas de materiaes rudes e toscos, com moveis, portas e tectos forrados de cortiça, sem exceptuar sequer os caixilhos dos quadros. A egreja não desdiz da extrema humildade que se nota em todo o convento. Admiram-se n'ella duas imagens em meio corpo, collocadas aos lados do altar-mor. Bulhão Pato descreve-as com muito mimo, somente se enganou dizendo-as ambas de barro, quando a Magdalena é esculpida em madeira, o que muito lhe augmenta o valor. Eis a sua descripção:

«Ha tres imagens alli modeladas em barro que são tres primores d'arte; vieram d'Italia, mas não pude saber o nome do auctor. As tres imagens são a Virgem da Soledade, S. Pedro e St.ª Maria Magdalena.

«Farei menção das duas ultimas, porque me surprehenderam. Balzac diz: «As lagrimas do velho são raras, delgadas; rolam entre as palpebras, humedecem-as, seccam-se, renascem: mas nunca se deslizam pelo rosto faceis e abundantes como as da creatura joven. Ultimos orvalhos do outono humano!»

«Como o desconhecido artista italiano realisou na sua obra esta observação do escriptor francez!

«A figura de S. Pedro representa o momento preciso em que o gallo canta pela segunda vez. Contrahido pela dôr, supplicante e arrependido, a sua physionomia ergue-se a implorar perdão ao Ceo por haver negado Christo. A bôcca entre-aberta pelos trances da

agonia intima, parece que vae exalar o ultimo suspiro. Os olhos sumidos, torvos, encovados, onde uma lagrima forceja em vão para rebentar d'elles e deslizar pelas faces lividas cobertas com o suor da agonia, parece que nos estão dizendo as atribulações por que passava a sua alma. Os raros cabellos, que povoam a cabeça do allucinado apostolo, eriçam-se com o terror; as rúgas profundas da testa espaçosa confrangem-se pela amargura; as mãos, que apparecem lividas como a mão do morto, denunciam que o sangue abandonando as extremidades refluiu todo ao coração, e alli por instantes estagnado tem suspensa a vida n'um fio. Ha alem d'isto uma tal expressão derramada pelo semblante, que escapa á analyse.

«Quando se desviam os olhos d'este vulto e se cravam na figura da santa que fica defronte, desafoga-se o peito da singular impressão que nos produz aquella vista. É tambem ella a imagem da dôr e do arrependimento, mas quam diversos estes sentimentos se manifestam alli! «A esperança, o nume consolador dos que soffrem na terra, vem illuminar suavemente o semblante macerado da infeliz Magdalena. As lagrimas que não podem rebentar dos olhos do velho correm abundantes e crystalinas pelas faces desbotadas da mulher joven ainda, a quem a mão da Providencia esclareceu com um raio da sua infinita misericordia, para a desviar do caminho enredado e cortado d'abysmos, no qual se transviara.

«A figura apresenta-se um pouco mais do que a meio vulto. Um vestido de esparto resguarda o corpo da Santa, emmagrecido pelas vigilias e padecimentos. A cabeça inclina-se languidamente sobre o lado direito; as longas madeixas de cabello loiro, basto e annelado descaem espargindo-se pelos hombros desalinhados.

«Como é divina a expressão dos olhos azues, que se cravam no livro, procurando com difficuldade ler as orações santas atravez das lagrimas que lhe empanam a vista! Olhos melancolicos, mas apezar d'isso illuminados pelos doces reflexos da esperança celeste. Quanta suavidade na carnação, onde se não ostentam as côres esplendidas que denunciam a robustez e a vida; mas que não é tampouco livida, embaciada, mortal. Apenas as faces se alegram com a desvanecida côr de rosa; no resto do semblante pallido descobrem-se atravez da delicadeza da pelle as veias azues.

«O sopro da vida vae-se extinguindo alli, suave e languidamente, como se extingue a flor que surri, n'uma alvorada d'agosto, que os raios ardentes do sol, no crescer do dia, fizeram pender na haste, e que á tarde quando chega a hora do crepusculo quer animar-se com as brisas frescas da noite, mas já não tem seiva que a sustente e assim descae do tronco, sem esforço, bella, fragrante, mal desabrochada ainda. Quanta unção no rosto! Quanta magia na bôcca entre-aberta por um surriso de dôr e d'esperança ao mesmo tempo!»

Luso

Está situada na raiz da serra do Bussaco, d'onde lhe vem a importancia, como tambem das suas aguas mineraes, que todos os annos alli attrahem muitos banhistas.

Aveiro (6,557 h.)

Cidade edificada sobre a ria do seu nome. O dique que lhe serve de porto tem 2662 metros de com-

primento: foi construido de 1802 a 1808 e custou cento e tantos contos; não obstante este dispendio, tem-se cuidado tam pouco da sua barra, que elle se torna quasi inutil. Apezar de não estar florescente, tem esta cidade casas de boa apparencia, um lindissimo passeio com arvores respeitaveis e boas vistas.

As principaes curiosidades são: um soberbo tumulo de Santa Joanna, filha de D. Affonso 5.º e irmã de D. João 2.º, bella obra de mosaico, no mosteiro de Jesus; e outro de marmores de côres no convento do Carmo, que encerra a sua fundadora D. Brites, viuva de Pedro de Medicis; um bom lyceu, boas egrejas, etc.

Nas immediações d'esta cidade existe a nossa melhor fabrica de louças e porcellanas, conhecida pelo nome de Vista Alegre, e pertencente aos snr.s Pintos Bastos.

Porto (89,321 h.)

É a segunda cidade do reino, e sua população muito commercial e activa. É lindo e pittoresco o aspecto do Porto, principalmente visto de Villa Nova de Gaya, como são grandiosas todas as vistas, que dão sobre o rio Douro. É curioso ver o movimento constante nos principaes pontos de commercio, como alfandega, Ribeira, ruas de S. João, Inglezes, Ferreira Borges, Bellomonte, Flores, St.º Antonio, Clerigos e Almada, e largos de S. Domingos, de S. Bento, dos Loyos e de D. Pedro; ao mesmo tempo que são lindas e socegadas as extensas ruas da Boa-Vista, de Cedofeita, do Breyner, do Principe, do Rosario, dos Bragas, da Rainha, do Costa Cabral, de St.ª Catharina, da Alegria, da Du-

queza de Bragança, Formosa, de Fernandes Thomaz, etc.

Tem o Porto importantes fabricas, sendo as principaes: tres de fundição, a do Bolhão, a do Bicalho e a de Massarellos, que fabricam todos os artefactos de ferro, chumbo e outros metaes, todas movidas a vapor; a linda e importante fabrica de objectos de electro-plate, denominada «Aurificia», tambem a vapor; duas de fiação d'algodão, a do campo 24 d'Agosto e a do sr. Magalhães, na rua da Torrinha, ambas a vapor; uma grande fabrica de tecidos de pannos, cachemiras, velludos, etc., em Lordello e uma infinidade de fabricas de tecidos em menor escala; diversas de sabão, vellas, etc., sendo as principaes a do Freixo, a do Valle d'Amores e a da Boa-Vista, em Campanhan, todas tres a vapor; muitas de chapeus, sendo algumas importantes, principalmente a do sr. Costa Braga, movida a vapor; e outras de diversos generos, como oleados, louças, vidros, botões, fitas, galões, sola, phosphoros, massas, cerveja, etc.

Existem aqui cinco estabelecimentos bancarios com a sua principal séde, e maior numero de caixas filiaes cuja séde é n'outras praças; e no mesmo caso diversas companhias de seguro.

Os edificios mais importantes são:

A alfandega, ainda em construcção, mui solida e elegante, com todos os andares separados por abobadas, sendo notaveis as subterraneas.

A praça do Commercio, no extincto convento de S. Francisco, é um edificio vasto e magestoso, no qual já se admiram bellos estuques em differentes salas, faltando concluir a mais sumptuosa de todas ellas, que promette ser deslumbrante, assim como a grande escadaria com bellos ornatos em granito, para o lado da rua de D. Fernando.

O hospital real de St.º Antonio, com uma quarta parte de sua planta geral levantada, na qual se accommodam 500 doentes, não obstante o espaço occupado pela eschola medico-cirurgica e outras repartições. O seu risco é monstro, e quando mesmo o Porto tivesse uma população proporcional ao hospital que se projecta, não deveria accumular dois mil ou mais doentes n'um só edificio. Eis a planta: as frentes de leste e oeste 174 metros cada uma, e as de norte e sul 179 metros, formando aproximadamente um quadrado, e contendo 159 salas e quartos, 142 enfermarias, 56 escadas principaes, com cerca de 3,000 degraus, 20,680 portas e janellas, 28 estatuas de 18 palmos, 176 columnas, algumas das quaes de 40 palmos, 100 pyramides, etc.

A academia polytechnica da Graça, tambem por acabar, é d'uma architectura simples e elegante.

O palacio da Relação, magestoso edificio.

O palacio real, outr'ora chamado dos Carrancas.

O palacio da camara municipal.

O palacio de crystal, feito para a exposição internacional de 1865, e que serve agora para as diversas exposições nacionaes de sericultura, horticultura e outras. Todo o edificio e jardins estão arrendados aos snrs. Burnay & Guichard, os quaes nas duas naves lateraes teem ricos bazares, que são uma exposição constante de generos estrangeiros. Na extremidade de sul da nave central existe o theatro popular, onde se teem representado differentes peças portuguezas, zarzuelas e operas lyricas italianas. No que este se avantaja muito aos demais theatros, é nos bailes do carnaval, em razão da capacidade d'esta nave, que tem 107 metros de comprimento, $24^{m},5$ de largura, e $18^{m},90$ d'altura, podendo facilmente comportar 6,000 pessoas, tendo já admittido 8,000. As duas naves lateraes, que servem de

bazares, teem cada uma 84^{m} de comprimento, 14,^{m}33 de largura e 8^{m},31 d'altura; e todo o edificio, com restaurantes, bilhares e outras dependencias, 110^{m} de comprimento por 72^{m},52 de largura. Na extremidade septentrional da pequena nave de leste tem uma bella sala de concertos, hoje com um proscenio, e chamada theatro Gil Vicente. Nos jardins ha ainda um excellente circo equestre, um grande *châlet*, kioskes, etc.; e a capella de Carlos Alberto, mandada construir pela princeza Augusta Montlear em memoria de seu irmão, o monarcha d'aquelle nome, que falleceu na quinta contigua.

O paço episcopal, sobranceiro ao rio, d'architectura elegante e com uma escadaria notavel pelas decorações em granito.

Alem d'estes palacios, ha muitos outros particulares dignos d'especial menção, principalmente o do Freixo, a meia legua da cidade, o dos marquezes de Terena, o do visconde d'Azevedo, e muitas habitações sumptuosas, como a do snr. Antonio Bernardo Ferreira, a do visconde de Fragozella, a da snr.ª viuva Forbes, a do snr. Pinto Leite, etc.

Ha aqui muitos templos, sendo os principaes:

A Sé episcopal. Não ha acordo sobre a sua fundação, no que todos concordam, é em que foi reconstruida por D. Henrique e D. Thereza, paes de D. Affonso Henriques, sendo depois modernisada em muitos pontos pelas reconstrucções parciaes. É de tres naves, divididas por pilares estucados como a abobada. Tem 260 palmos de comprimento por 63 largura e 137 no transepto. Torna-se notavel a capella do Santissimo, porque o altar, banqueta, retabulo sacrario, e respectivas pertenças, são de prata batida Tem uma mui espaçosa capella-mor com notavel obra de talha, uma optima sacristia, e ao todo dezoito altares disseminados por dif-

ferentes partes, sendo os dois que mencionamos primeiro talvez os mais modernos, pois datam do seculo passado. As torres e os claustros são os que conservam mais apparencia de antiguidade.

A egreja de S. Francisco dos frades. É tambem de tres naves, divididas por arcos de madeira de talha, assim como os altares, que n'este genero são o que aqui existe de melhor; e tem dourados que, embora a sobrecarreguem, a tornam magestosa.

A egreja de S. Bento dos frades notavel pela sua amplidão e elegancia, com 8m,8 no vestibulo, 51m,92 de comprimento da egreja, 11m,66 de largura e 23m,54 no transepto.

A real capella da Lapa, moderna e elegante, com 56 metros de comprimento e 15 de largura. Existe aqui o mausoleo, onde está encerrado o coração do immortal duque de Bragança.

A egreja em construcção da SS. Trindade, que quando prompta terá 46m,44 de comprimento, 12m,76 de largura e 25m,52 no transepto.

A egreja dos Clerigos notavel pela sua torre, que tem 74 metros d'altura.

A egreja parochial de Cedofeita séde d'uma collegiada, que tem o titulo d'insigne. É um templo pequeno, d'humilde construcção mas notavel pela sua muita antiguidade, embora o edificio existente não pareça ser o da primitiva fundação, que é attribuida a Theodorico, rei dos Suevos no anno de 559.

Possue tambem esta cidade muitos estabelecimentos de charidade, sendo os principaes:

O hospital de St.º Antonio ou da Misericordia, com cêrca de 500 doentes.

O hospicio dos expostos, por cuja repartição se provê á creação de cêrca de 2,000 creanças.

Quatro hospitaes das ordens de S. Francisco, Carmo, Terço e Trindade, os quaes teem escholas annexas para os filhos dos irmãos pobres.

Um excellente hospital militar em construcção.

Outro para dementes, a construir-se, com os recursos legados pelo conde Ferreira.

Um asylo de mendicidade, com accommodações para 500 pobres.

Um de lazaros e lazaras.

Um de velhas invalidas.

E diversos de infancia desvalida de ambos os sexos, nos quaes se lhe ministra educação.

Relativamente á instrucção, possuimos uma academia polytechnica, com o curso de humanidades, mathematicas, economia politica e outros estudos; eschola medico-cirurgica; eschola industrial nocturna, com ensino de desenho linear e d'ornato, physica, chimica, algebra, geometria, etc., um lyceu para preparatorios; um seminario, e muitos collegios particulares; uma bôa bibliotheca, com mais de 70,000 volumes; uma galeria de pinturas na rua da Restauração, cujos quadros mais importantes vão descriptos com os n.os 271 a 314: uma academia de bellas-artes no extincto convento de St.o Antonio, onde se vêem alguns quadros, e reproducções em gesso ao natural das melhores estatuas antigas do museu do Louvre, como a Venus de Milo etc., e um pequeno museu d'objectos historicos avultando entre elles a espada de Affonso Henriques, outr'ora guardada em St.a Cruz de Coimbra; a escrivaninha de prata que Pio 4.o offereceu a D. Frei Bartholomeu dos Martyres por occasião do Concilio de Trento; e um chapeu, e occulo, que D. Pedro usou no cêrco do Porto.

Temos tambem a mencionar tres cemiterios, o do prado do Repouso, o d'Agramonte e o da Lapa, o pri-

meiro e principalmente o ultimo com muitos e importantes mausoleos.

Ha quatro quarteis militares, sendo notavel o do campo de Santo Ovidio.

São quatro os theatros principaes: o de S. João para opera lyrica, em bôas condições, com quatro ordens comprehendendo 82 camarotes, 70 logares nas varandas, 110 cadeiras na plateia superior e 220 na geral; ao todo 950 logares, calculando os camarotes de 6 a 8 pessoas;—o Baquet, para comedia, mais pequeno, porém muito decente, de bonita apparencia exterior e com egual numero de logares, — e os dois do palacio de crystal já mencionados.

Circos ha quatro, dois equestres e dois para touros.

Os passeios publicos são tres: o novo e lindo da Cordoaria, o de S. Lazaro, e o do palacio de crystal, que é o maior e mais bem situado.

Possuimos seis alamedas principaes: Bomfim, Aguardente, Lapa, Fontainhas, Virtudes e Massarellos.

Além das que se contam como jardins e alamedas, temos mais as seguintes praças: a de D. Pedro, com 99^{m},44 de comprimento por 73^{m} de largura no lado mais estreito, a de St.^{o} Ovidio, com 180^{m} de comprimento por 130 de largura; a da Trindade, com 56^{m},54 de comprido por 55^{m} de largura, a do Bolhão, que é mercado publico de diversos generos; a do Anjo, egualmente mercado de legumes e fructas; a dos Voluntarios da Rainha, mercado de cereaes; a de St.^{a} Thereza, mercado de pão; o grande campo 24 d'Agosto, antigo mercado de bois; a do Duque de Beja; a do Campo Pequeno; a do Coronel Pacheco; a de Carlos Alberto: a da Batalha, e a da Alegria; e muitos largos

menores, como o de S. João Novo, S. Domingos, S. Bento, Loyos, etc.

Possuimos uma bôa estatua equestre de bronze, a D. Pedro IV, na praça do mesmo nome; e outra pedestre, tambem de bronze, a D. Pedro V, na praça da Batalha.

É digna de mencionar-se a ponte pensil, que liga o Porto á villa fronteira.

Tem por ultimo esta cidade quatro associações recreativas de primeira ordem, que são: Assemblea Portuense, Club Portuense, Philarmonica e Feitoria Ingleza, onde ha reuniões diarias, gabinetes de leitura, jogos e sumptuosos bailes de tempos a tempos, etc., etc.

Villa Nova de Gaya (7,511 h.)

Grande villa na margem esquerda do Douro, de muito commercio, principalmente em vinhos, e com armazens para cêrca de cem mil pipas, acontecendo ter muitas vezes mais de cincoenta mil em ser.

S. João da Foz

Villa na Foz do Douro, a distancia de 4 kilometros do Porto; com uma praia de mar muito frequentada para banhos, e por isso ponto de reunião nos mezes de julho a outubro.

Mattosinhos

Villa a 5 kilometros de distancia do Porto. Tem um vasto templo e um santuario notavel.

Leça da Palmeira

Villa apenas separada da anterior pelo rio Leça. Tem uma excellente praia de banhos de mar, e reune na estação propria grande numero de banhistas.

Leça de Balio

Logar notavel pelo seu templo gothico de forma acastellada, venerando monumento das ordens guerreiras do Templo e de S. João de Jerusalem.

Villa Nova de Famalicão (3,000 h.)

Villa hoje com lindas casas e muito movimento, por causa das estradas, que alli passam para Braga, Barcellos, e Guimarães.

Vizella

Povoação importante pelas suas excellentes e muito abundantes aguas thermaes, que quando bem explo-

radas constituiriam um manancial inesgotavel de riqueza, e que nós todavia tam mal aproveitamos! Melhor que Vichy, poderia Vizella reunir no tempo proprio de seis a dez mil nacionaes e estrangeiros, e infelizmente não reune senão algumas centenas de pessoas!—devido isto ao estado repellente, em que estão os seus banhos.

Entre esta povoação e a de St.° Thyrso está montada uma importante fabrica de fiação, denominada do Rio Vizella.

Fafe

Villa com bastante movimento por causa da sua feira semanal. Tem bons predios, um lindo hospital, um excellente cemiterio, etc.

Guimarães (7,865 h.)

Antiga villa, hoje cidade, patria de D. Affonso Henriques e do Papa S. Damaso, bem como de grande parte da antiga fidalguia, por cujo motivo encerra muitos palacios. Tem tido poucos melhoramentos. Vêemse alli o castello e a torre, em que D. Affonso Henriques prendeu sua mãe D. Thereza, e a Sé ou Collegiada em estylo gothico. É muito manufactureira, principalmente em cutelaria, tecidos de linho e algodão, rendas, etc.

Nas visinhanças tem S. Torquato, em cuja festa apparecem dois immensos andores em forma de carros triumphantes, tirados por bois.

Taipas

Como Vizella, deve a sua importancia ás aguas thermaes, que comtudo são menos e de mais baixa graduação.

Braga (19,613 h.)

É a terceira cidade do reino. Tem recebido n'estes ultimos annos bastantes melhoramentos com edificações, illuminação a gaz, lindo jardim, bonito theatro, etc. Possue muitas fabricas, principalmente de chapeus, e cutelaria. O edificio mais notavel é a vasta Sé, do tempo dos godos, onde existem apreciaveis pinturas de João Glama. No passeio das Carvalheiras ha columnas milliarias do tempo dos romanos. Tem diversos monumentos antigos, em forma de columnas, de obeliscos, etc., nas differentes praças da cidade. É tambem notavel a egreja do Populo, e amenissima a vista, que se goza do adro de Nossa Senhora de Guadalupe.

A 4 kilometros de distancia está o celebre santuario do Bom Jesus do Monte, cujo aspecto é arrebatador. Sobe-se ou a pé seguindo uma commoda rampa em zig-zag sombreada de frondosos arvoredos, e ornada de capellas e fontes; ou em carro pela estrada nova; e do alto, ou melhor ainda de sobre as torres da egreja, olhando-se em frente, apresenta-se a cidade n'uma risonha campina, parecendo ajardinada; á direita e á retaguarda, serranias e valles de mil côres; e á esquerda, ao longe, o mar. Quando o ceo está puro, e o sol banha tudo com os seus doirados raios, reflectindo-se a longa distancia no oceano, a perspectiva é a mais agradavel e opulenta, que a imaginação póde conceber!

Na egreja do Bom Jesus existem preciosas pinturas por Domingos Antonio Sequeira.

Ponte do Lima (2,078 h.)

Villa do tempo dos romanos, nas margens do rio Lima, sobre o qual tem uma ponte de pedra de 24 arcos, construida em 1360. A egreja matriz é antiquissima. As margens do Lima são lindissimas até Vianna, que fica a 20 kilometros.

Vianna (9,949 h.)

Cidade bem situada na foz do Lima, sobre o qual tem uma extensa ponte de madeira, e um castello, que foi formidavel. É bastante commercial, e tem recebido alguns melhoramentos, entre elles um caes magnifico, pelo qual se estende uma boa alameda, que serve de passeio publico. É notavel a egreja de Santa Cruz, que conserva os restos do seu fundador D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, e as bandeiras do regimento de infanteria 9, que se distinguiu nas guerras da peninsula. De Vianna para Caminha a viagem é lindissima, por ser sempre á borda do oceano.

Caminha (1,400 h.)

Villa, outr'ora praça forte, hoje desmantelada. A

sua população, muito activa, vive da pesca, da navegação costeira e do commercio com a Hespanha, da qual é apenas separada pela foz do rio Minho. A egreja matriz é obra do 16.° seculo, e notavel pelo lavor do granito.

Valença (2,731 h.)

Villa e praça forte muito bem conservada, n'uma linda situação, á margem esquerda do Minho, defronte de Tuy. Tem excellentes vistas sobre a Hespanha, e as suas fortificações, ainda que reedificadas, datam do tempo de Viriato.

Monção (1,652 h.)

Antiquissima villa, agradavelmente situada, em terreno elevado, á margem esquerda do Minho, que a provê d'excellente peixe. As suas muralhas outr'ora formidaveis, estão desmanteladas.

Brejoeira

Somente notavel por causa do excellente palacio de forma acastellada, propriedade do obsequiador fidalgo Simão Pereira Velho de Moscôso.

Arcos de Val-de-Vez (1,800 h.)

Quem da Brejoeira for pela estrada velha a Paredes de Coura, e d'ahi á serra de Labruge, para gozar do soberbo panorama de Val-de-Vez; ou, melhor ainda, quem for ao santuario da Senhora da Peneda, perto de Melgaço, achar-se-ha sobre um dos pontos mais culminantes de Portugal, a 1379 metros d'altura; dominará com os olhos os valles e serranias até ao mar; e descobrirá um horisonte, que na extensão e formosura pouco tem que invejar aos da Suissa.

A villa dos Arcos é situada n'um apertado e fertilissimo valle de rica vegetação; e seguindo-se d'alli para Braga, o panorama varia a cada volta da estrada, até que se alcance a Portella, d'onde já se descobre o Bom Jesus do Monte, e os arrabaldes do Porto. D'alli desce-se até Pico de Regalados, seguindo-se depois por Villa Verde até se passar uma das obras mais grandiosas do paiz, a ponte do Bico na juncção dos rios Cavado e Homem, solida e elegantemente construida de cantaria.

Barcellos (3,800 h.)

Villa muito antiga, n'uma linda posição na margem direita do Cavado, tendo na margem opposta Barcellinhos, apenas separado por uma bôa ponte de pedra. Barcellos tem defronte da ponte as magestosas ruinas do castello dos duques de Bragança. A Collegiada é um bom templo. Tem uma bôa casa de Misericordia, e optimos palacios de fidalgos.

Povoa de Varzim (11,000 h.)

A villa mais populosa de Portugal e em constante crescimento, devido á excellencia da sua praia de banhos de mar, aonde affluem a maior parte das pessoas das provincias do norte e mesmo do Porto, d'onde dista somente 30 kilometros. O povo vive da pesca.

Villa do Conde

Antiga villa a 27 kilometros do Porto. Tem um bom convento de freiras, commercio de pesca, estaleiros de construcção de navios, etc. A sua egreja matriz e a d'Azurara são notaveis pela sua architectura gothica.

Vallongo

Villa com importante commercio de pão e cereaes com o Porto, d'onde dista somente 12 kilometros.

Penafiel (4,495 h.)

Cidade situada no declive d'uma montanha, com lindas vistas ao poente e sul. Tem bons edificios particulares, e uma boa casa de camara. É d'alguma actividade, por ser ponto forçado para a provincia de Traz-os-Montes.

Amarante (1,500 h.

Pequena e antiga villa, muito florescente antes da invasão franceza, como o provam as ruinas dos palacios incendiados por essa occasião. Tem relativamente muito commercio; e de notavel a ponte sobre o Tamega, o convento e a egreja de S. Gonçalo.

A viagem d'Amarante até Mezão-Frio offerece pontos de vista surprehendentes, principalmente desde os Padrões do Teixeira.

D'ahi por diante, com a velocidade a que obriga o immenso declive, figura-se ao viajante que se vae precipitar no fundo d'um abysmo. Por todos os lados descem numerosos regatos, que se despenham das montanhas para alimentar o rio Teixeira, que corre no fundo, fazendo verdadeiro contraste a sua placidez com o ruido dos regatos que o abastecem. Aos dois lados ficam serras d'uma altura espantosa e plantadas de lindissimos vinhedos, formando em cada volta d'estrada novos e cada vez mais lindos panoramas, que arrebatam pela variedade das perspectivas.

Mezão-Frio

Antiga e pequena villa, onde o rio Teixeira faz juncção com o Douro, os quaes fertilisam os seus arrabaldes, principalmente com vinho e fructas.

Regoa

Villa que deve toda a sua importancia ao commercio de vinhos, de que ella é o principal emporio. Os seus arrabaldes são n'este genero os mais ferteis, que existem, e a excellencia da sua qualidade é conhecida em todo o mundo.

Na villa, assim como nos suburbios, vêem-se quintas de muito agradavel apparencia, e da sahida para Villa Real, ou da estrada de Lamego, no lugar chamado Relogio do Sol, distructam-se vistas que arrebatam.

Villa-Real (5,097 h.)

É o centro mais importante da provincia de Traz-os-Montes. Esta villa está situada n'um ponto elevado de larga e risonha campina cercada ao longe por enormes montanhas, e é banhada pelo rio Corgo e ribeiro Cabril, que ahi fazem juncção, e sobre os quaes são curiosissimas as vistas, que se gozam da ermida de S. João da Fragoa, do exterior do cemiterio, e do lado fronteiro, onde está um pinheiro secular: estes tres pontos estão quasi perpendiculares ao Corgo a uma altura immensa.

Além d'estas vistas é magnifica a que se descobre do jardim ou passeio publico, sobre o grande circulo de montanhas cobertas de vegetação, e de lindas povoações assentes nas encostas. Nos seus arrabaldes ha excellentes quintas, sendo a principal a dos condes de Villa-Real, no lugar de Matheus, a meia legua: esta quinta é cabeça de morgado do nome d'aquella povoação.

Lamego (4,992 h.)

Cidade antiquissima e que outr'ora foi importante. Está situada em lugar baixo nas fraldas do monte de Penude, que é continuação da serra da Estrella, e é banhada pelo ribeiro Balsemão, que fertilisa os seus arrabaldes, e desagúa no Douro a cêrca d'uma legua.

O seu edificio mais notavel é a Sé, cujo portico de puro estylo gothico pertence ao seculo XII. O interior é mais moderno, e tem tres naves em fórma de cruz latina.

Na capella-mor da egreja do convento de St.ª Cruz ha duas immensas télas modernas, um S. João escrevendo o seu Apocalypse d'um lado e d'outro um S. Bento, ambas d'um estylo agradavel.

Na egreja de Nossa Senhora do Soccorro ha cinco quadros em estylo classico italiano, sobre os quaes veja-se o artigo relativo ao pintor Henriques (Frei Manuel).

Um Christo de tamanho natural, que existe em Santa Cruz, e uma Senhora da Piedade, que está no oratorio particular do sr. Francisco Bernardino Pereira Guimarães, são esculpturas recommendaveis.

Tem esta cidade algumas venerandas antiguidades como uma cisterna, que apezar de não ser funda, e achar-se no ponto culminante da cidade, conserva agua constantemente, e uma torre ou castello d'onde se disfructa um panorama completo.

Fronteiro a Lamego existe o sanctuario de Nossa Senhora dos Remedios, que consta de nove immensos lanços d'escadas, contendo entre todas cêrca de setecentos degráos, e formando entre cada lanço um grande plano, alguns dos quaes já estão embellezados.

Um dos ultimos planos tem uma linda capellinha,

e fronteira a ella uma boa fonte ultimamente construida.

O penultimo plano tem no centro um grande obelisco sobre uma fonte, aos lados dois soberbos porticos, e por cima d'elles, e em diversos pedestaes, estatuas da arvore genealogica de Nossa Senhora.

Remata o ultimo plano a linda capella de N. Sr.ª dos Remedios, ultimamente restaurada, de cujo logar se goza uma lindissima vista sobre a cidade e arrabaldes. Quanto a quintas, tem nas proximidades algumas excellentes, e dentro da cidade a das Brolhas, que é curiosissima, e que foi propriedade do fallecido Macario de Castro.

Castro-Daire

Pequena e antiga villa a cêrca de trinta kilometros de Lamego, situada em terreno accidentado na estrada velha de Vizeu. O trato de terra, que se extende d'esta villa para Alba a 6 kilometros, e se prolonga até as immediações de S. Pedro do Sul, produz principalmente centeio, trigo e castanhas.

S. Pedro do Sul

Villa distante de Lamego cêrca de 50 kilometros, de pessima estrada, e ligada a Vizeu por uma boa via de communicação, que tendo 22 kilometros de comprimento, pode percorrer-se em duas horas e meia.

Esta villa está em uma lindissima situação sobranceira á margem direita do rio Vouga, na confluencia do rio Sul, que ambos lhe fertilisam extraordinariamente

os arrabaldes. A meia legua abaixo d'alli existe o célebre banho d'agua thermal, cuja nascente a ferver é em tal quantidade, que pode fazer andar um moinho.

Vizeu (6,815 h.)

Cidade capital da Beira-Alta, e do districto do seu nome. Está situada em logar elevado no meio d'uma grande planicie fertil em vinho, azeite, castanhas e cereaes, pois é banhada por uma ribeira, tendo além d'isso ao sul a distancia de menos d'uma legua o rio Dão, e ao norte o Vouga a pouco maior distancia.

O seu principal edificio, e d'uma bella perspectiva é a Sé, cuja fundação remonta ao seculo XII. A abobada de granito, e a esculptura de madeira que guarnece o orgão, são dignas producções da florescente epocha em que foram construidas—1513 a 1516. Sua fórma é de tres naves e cruz latina.

N'esta cathedral ha quadros admiraveis do nosso eximio pintor Gran-Vasco, os quaes vão descriptos e apreciados na segunda parte sob os n.os 1 a 35.

A floresta de Fontello é muito aprazivel, cheia de arvores seculares, das quaes um castanheiro muito bem conservado tem na base trinta e dous palmos de circumferencia, e um carvalho da ála esquerda á entrada na quinta mede trinta e tres palmos, e está perfeitamente são.

Entre as preciosas antiguidades que esta cidade possue, tem o primeiro logar a Cava de Viriato, antiga fortaleza de tres mil e cinco passos de circumferencia : as muralhas, apezar d'anteriores á era de Christo, são ainda visiveis em cêrca de dois terços da sua ex-

tensão. Dos fossos é que só existe uma pequena amostra, a que chamam Poço da Cava.

De duas torres da mesma epocha, (dizem que mandadas construir por Junio Bruto 138 annos antes da nossa era) existem os restos d'uma no fundo da rua do Relogio, e a outra, que era contigua á Sé, foi em parte apeada, e com alguns reparos serve presentemente de cadêa.

É tambem muito antiga a casa chamada da Torre, na rua da Cadêa, e notavel por ter n'ella residido o infante D. Henrique, duque de Vizeu.

Entre os edificios modernos, nota-se o hospital ultimamente reedificado d'uma maneira, que faz honra aos vizienses, e no Seminario uma escada formada em tres lanços de plano inclinado, perfeitamente desamparados e apenas com o apoio na base, e no tôpo de cada lanço.

Não terminaremos este artigo sem notar que, tendo Vizeu sido patria do eximio pintor Gran-Vasco, auctor dos admiraveis quadros da sacristia da Sé, ainda continuam a apparecer alli cultivadores distinctos da mesma arte, taes são os srs. José d'Almeida Furtado, fallecido em 1831 e auctor d'um quadro na referida sacristia, e o sr. Antonio José Pereira, ainda existente, d'ambos os quaes Raczynski faz menção honrosa, como consta da segunda parte e artigos respectivos.

Do ultimo existe uma boa tela no altar do Santissimo da mesma Cathedral.

Tondella

Villa quasi a 25 kilometros de Vizeu, situada em uma planicie d'onde se avista a vinte e tantos kilome-

tros ao nascente a cordilheira da Estrella, e a sete kilometros para o poente a serra do Caramulo, que forma por aquelle lado o valle de Besteiros, talvez o mais fertil de todo o Portugal.

Santa Comba-Dão

Villa em terreno fertil a 15 kilometros ao sul de Tondella, na continuação do mesmo valle, correndo perto d'ella do lado do nascente o rio Dão, cujas margens são ferteis e productivas.

Mortágoa

Villa fertil em cereaes, situada em terreno baixo, a cêrca de 10 kilometros ao sul de Santa Combadão, e quasi no fim do mesmo valle, que é cortado pela serra do Bussaco.

Mealhada

Villa em uma planicie á margem da via ferrea, a cêrca de 28 kilometros de Mortágoa, 78 de Vizeu e 97 do Porto. O vinho d'esta localidade, chamado vinho da Bairrada, só é inferior ao do Alto Douro.

II

HESPANHA

Tuy (4,500 habitantes.)

Principiando com o reino visinho, temos em frente de Valença esta cidade, em boa situação, e com optimas vistas sobre Portugal. Foi antigamente bem fortificada, porem hoje as suas muralhas cahem em ruinas. Tem uma velha cathedral em forma de castello.

Vigo (8,000 h.)

Cidade na magnifica bahia d'este nome, excellente porto d'abrigo. Tem um grande e bom lazareto, a cujas excellentes circumstancias deve o augmento, que tem tido. Dois castellos a defendem, o de San Sebastian e o del Castro. Ha alli uma bôa alameda ou passeio publico, e algumas edificações novas e importantes.

Pontevedra (6,000 h.)

Antiga cidade estacionaria, mas mui abundante, pois tem excellentes arrabaldes. N'ella ha uma lindis-

sima alameda com vistas sobre a ria, que vae ter á bahia de Vigo.

Santiago (26,938 h.)

Antiga capital da Galliza, é hoje apenas cabeça de districto. Possue uma formosa cathedral com fachadas para todos os lados; a principal, ao poente, dá sobre o largo Mayor, em frente do palacio real: esta fachada é na verdade grandiosa, por causa do rico trabalho das duas torres muito elevadas, no meio das quaes campêa S. Thiago em pé, com habito, cajado, cabaça e chapeu largo, e aos lados d'elle duas estatuas de reis ajoelhados, tudo de tamanho collossal. Este grupo termina por assim dizer a fachada da egreja, que é d'um bello estylo romano-byzantino; e as torres acabam pelo estylo da Renascença.

Sobre a capella-mor ha outra torre chamada, a do relogio, egualmente alta e graciosa.

A fachada do norte, que dá para um pequeno largo e convento de S. Martinho, é de puro estylo romano: nas outras fachadas predomina o romano-byzantino, que se assemelha ao gothico.

O interior do templo é simples, mas elegante. Tem tres naves com pilares de bonito feitio. É da forma de cruz grega, com vinte e tres altares, sendo o principal debaixo da cupula, isolado, e sobre o tumulo do Apostolo: quatro immensos anjos sustentam um grande docel, sobre o qual está a estatua do Santo a cavallo; por baixo d'este docel está o altar de marmore e prata, sendo tudo o mais de madeira doirada.

Por occasião da grande festa do Apostolo, içam a meio um enorme thuribulo, que tem mais d'um metro

d'altura e algumas arrobas de prata, precisando ser conduzido por dois homens: depois de lhe lançarem dentro grande porção de carvão e incenso, é guindado por uma corda, que no tecto passa em uma corretan, e o balanço é dado por meio d'outra corda mais delgada, que prende nas azas do thuribulo. D'este sae uma nuvem de fumo e uma estalada que mais parece ter de burlesco que de religioso: no entretanto tudo isto já teve razão de ser: quando outr'ora se juntava alli por aquella occasião grande numero de peregrinos, alguns d'elles chegavam em tal estado de abatimento ou doença pelas penitencias, que se impunham, ou pelas distancias que haviam percorrido, que era sem duvida muito util aquelle meio desinfectante.

Dentro da porta principal ha um vestibulo, que por um grande portico em forma d'arco dá entrada para a egreja; tem em toda a circumferencia esculpidas em pedra figuras em meio corpo; no alto está Christo, e em volta os Apostolos e anjos com harpas, lyras, etc.: chamam-lhe a Gloria. É um bello trabalho, e prova-o o dispendio com que de Londres vieram homens competentes examinal-o, e tirar-lhe o desenho.

O convento de S. Martinho tem uma linda fachada e uma boa egreja, com muita esculptura notavel. Logo em seguida está um grande hospital, que antigamente era destinado aos peregrinos, tambem com mui bonita fachada. O mesmo se póde dizer do palacio real, que fica ao poente, e sobre o qual está uma estatua equestre do Apostolo. A egreja do hospital tem sobre a capella-mór uma cupula, que maravilha pela fórma: sobre quatro pilares distantes e dispostos em circulo, nasce d'uns aos outros uma especie de arco abatido, d'onde principia a cupula.

A Cortezela, ou egreja parochial, é tambem notavel, assim como alguns outros edificios.

Tem ainda Santiago uma universidade, um seminario e alguns outros estabelecimentos de instrucção e de caridade.

Corunha (30,133 h.)

É cidade mui activa, com um magnifico porto e grande commercio, que tem tido n'estes ultimos annos muito desenvolvimento. Poucas curiosidades possue. Na capella do campo santo existe uma boa pintura a Madona de la Servilleta por Murillo. Possue tambem sumptuosos quarteis, fortificações, e pharol; a egreja do convento de S. Martinho, e a Collegiada com bons porticos. Nas bellas tardes de verão junta-se nas alamedas grande concorrencia de passeantes, os quaes á noite voltam á rua Real, que apezar de larga e comprida se enche completamente.

Ferrol (18,000 h.)

Célebre pelo seu famoso arsenal. A barra fórma um canal, bem defendido pelas fortalezas San Felipe e Palma: a primeira é de casamata, e monta 100 peças; a segunda estavam-n'a reconstruindo no mesmo systema. Sobre as montanhas, no prolongamento d'este canal (duas a tres milhas), existem fortins, que secundam aquellas fortalezas, e defronte da entrada o arsenal, que monta 100 peças em duas baterias sobrepostas. Este estabelecimento tem condições naturaes como talvez nenhum outro.

Occupa uma área de cêrca de dous kilometros de comprimento por quasi um de largura. Tem dentro alguns diques, cujo numero tractavam de augmentar. As fundições, as cordoarias, os estaleiros, etc., estavam bem montados; mas os depositos de toda a especie desprovidos, (disseram-me que por motivo de ter sido alli abastecida parte da esquadra, que tinham enviado ao Pacifico). Trabalhavam no arsenal cêrca de 1,500 pessoas, e informaram-me, que é ordinario haver alli 2,000 e mais.

Badajoz (22,895 h.)

É uma velha cidade: as suas fortificações formidaveis estão hoje maltratadas, e como praça de guerra não tem outras curiosidades, a não ser uma ponte de pedra de 28 arcos sobre o Guadiana, um castello mourisco a desabar por desprezado, e uma cathedral, que mais parece uma fortaleza.

Merida (5,500 h.)

Cidade tão insignificante, quanto foi espantosa a sua importancia no tempo dos romanos, o que é attestado por um sem-numero de ruinas preciosas, como a ponte que atravessa o rio Albarragas, os restos d'um aqueducto, o arco de S. Thiago, que foi um arco triumphal de Trajano, o templo de Diana, propriedade particular, etc., etc.

Ciudad-Real (12,000 h.)

Pouco importante, mas bem situada. Tem um espaçoso passeio publico, e alguns edificios de bôa architectura antiga.

———

Madrid (tresentos e tantos mil habitantes, segundo o Almanach de Gotha de 1870.)

Ainda que em más condições de situação e mal arruada, é alegre, devido isso ao genio de seus habitantes, accumulados n'uma área relativamente pequena. O seu maior comprimento, da porta de Toledo á de Bilbao, não excede a 5 kilometros, nem passa de 4 a sua maior largura, da porta de Segovia á d'Atocha.

Palacios.

O palacio real é o edificio mais notavel. Foi construido por Sachetti em meiados do seculo passado, faltando-lhe ainda duas alas para fechar duas praças aos lados. Tem cerca de 140 metros cada uma das fachadas, pouco mais ou menos eguaes, no comprimento, differindo na altura por causa do terreno. A principal, ao sul, tem 28 metros d'altura, ao passo que a opposta tem cerca do dobro. É flanqueada de torreões salientes; todo o rés-do-chão é de pedra severamente talhada, e o corpo que elle supporta simples mas gracioso. As partes recuadas são ornadas com pilastras e capiteis doricos, e as que fazem saliencia de columnas jonicas. As janellas do andar nobre teem ricas grades, e são adornadas no alto de lindos frontões, alternativamente triangulares e circulares. As dos dois andares superiores são

oblongas e sem ornamentos. As pilastras e columnas supportam uma bella cornija, sobre a qual se vê uma balaustrada coroada por vazos. No todo é d'um effeito agradavel.

Entrando-se por qualquer das portas do sul, vê-se em frente um vestibulo circular com um portico, que dá para a grande escada. Entre as arcadas do portico vêem-se quatro estatuas collossaes dos quatro imperadores romanos nascidos em Hespanha, Trajano, Theodoro, Adriano e Honorio, e defronte a de Carlos III em um nicho. A escada é rica e uma das mais bellas partes do palacio. Os degraus são inteiriços e de bello marmore. O primeiro patamar, onde ella se divide, é ornado de dois leões de marmore branco. As paredes da escada são adornadas de 12 columnas d'ordem composita, e a abobada, pintada a fresco por Giacinto Conrado, representa a monarchia hespanhola rendendo homenagem á religião.

As peças mais importantes que se visitam são a sala dos embaixadores, com pinturas no tecto pelo mesmo Giacinto, figurando a exaltação da monarchia hespanhola; tem dois magnificos lustres de cristal de rocha pendentes do tecto; as paredes são forradas de velludo carmesim bordado a ouro; doze grandes espelhos estão por cima de mezas de jaspe, sobre as quaes se vêem objectos preciosos; e aos lados do throno as figuras da Prudencia e da Justiça; — a capella, de fórma eliptica, com uma alta cupula e frescos pelo citado pintor, é adornada de lindos marmores e ricos dourados, mas não prima pelo gosto;—a bibliotheca e a sala de baile tambem são ricas. Nas dependencias do palacio são muito notaveis as cavalhariças pela collecção de ricos carros, librés, etc.

O palacio do Congresso (dos deputados) é um edi-

ficio similhante ao de Paris, novo e elegante. Seis columnas corinthias supportam um frontão triangular. Alguns degraus dão accesso ao envasamento da columnata, onde se vêem dois leões, sobre os quaes estão dois candelabros de bronze. O interior do edificio é rico e ornado de bôas pinturas. Quanto ao palacio do Senado, é antigo e pouco notavel.

O magnifico palacio da secretaria da fazenda foi construido em 1769 para servir d'alfandega, de que ainda hoje conserva o nome. (Aduana). A fachada do sul, para a rua d'Alcalá, é de bella construcção, assim como o grande pateo com excellente galeria ao rés-do-chão e no primeiro andar.

O ministerio da *gobernacion* (reino) é d'uma architectura sobrecarregada. Os outros ministerios e a casa da camara municipal são pouco notaveis.

Dos palacios particulares merecem preferencia os seguintes:

O da rainha Christina, na pequena praça dos Ministerios, apesar do seu todo ser pouco harmonioso.

O do duque de Lérida, com uma bella columnata d'ordem dorica.

Nos dois angulos da rua de S. Jeronymo, ao desembocar no Prado, d'um lado o do duque de Villahermosa, e defronte o do duque de Medina-Celi, reconstruido no gosto do seculo XVII: este ultimo tem extensos jardins, ricos aposentos e collecção magnifica d'armas, armaduras, quadros, etc.

O do marquez de Salamanca, em estylo moderno, no passeio dos Recoletos, é notavel pela riqueza dos aposentos.

E muitos outros de linda apparencia exterior, principalmente os que faceam com o Prado.

Egrejas.

Das dezeseis matrizes de Madrid, só duas merecem especial menção, a de St.° André pela riqueza da capella de St.° Isidro, (padroeiro da cidade), revestida de lindos marmores, retabulos e quadros d'apreço; e a de S. Justo e S. Pastor, por causa da bella fachada.

As egrejas dos antigos conventos, ao contrario das matrizes, são pela maior parte notaveis, principalmente as seguintes:

St.° Isidro el Real, a maior de Madrid, antiga egreja dos Jesuitas, para onde Carlos III fez transportar as reliquias do santo Padroeiro depois da expulsão d'aquella ordem em 1769. É notavel esta egreja pelas bellas proporções e riqueza, pelas estatuas de St.° Isidro sobre um throno de nuvens, e da Fé e da Humildade ao lado do tumulo do Santo, e pelos quadros de Alonso Cano, Morales, Palomino, Coelho, Raphael Menz, Lucca Giordano, Carducci, e outros.

A egreja da Encarnação, n'um dos angulos da praça do Oriente, mandada construir em 1616 por Margarida d'Austria, mulher de Filippe III, e restaurada no seculo passado pelo habil architecto Ventura Rodriguez, que fez d'ella a mais elegante de Madrid. Sobretudo o altar-mór é excellente.

As Salesas Reales, na praça d'este nome, é um mosteiro fundado por Fernando VI e D. Maria Barbara de Portugal, para educação de meninas nobres. A fachada principal é d'ordem composita, com baixos-relevos e estatuas. A fachada que dá para o jardim é a mais linda e appellidada o Palacio, por ser alli que a rainha reservou aposentos para as suas visitas ao mosteiro. A egreja é de forma de cruz latina, e encerra objectos preciosos, como retabulos magnificos, columnas

de marmore verde de Granada, quadros e frescos, e as esculpturas do tumulo do fundador, fallecido em 1759. Apezar do bom nome de Fernando VI, dizem os hespanhoes com referencia aos caprichos d'ostentação da rainha D. Maria Barbara, «barbara rainha, barbara obra e barbaro gosto.»

S. Francisco o Grande, na praça do mesmo nome, é uma rotunda de $50^m,5$ de diametro, construcção do fim do seculo passado. Os seus sete altares não são sufficientes para adorno d'este templo, que por decreto das côrtes foi declarado pantheon dos homens célebres.

Nossa Senhora d'Atocha, fóra da porta do mesmo nome, melhorada no principio d'este seculo por Fernando VII e Isabel II, é hoje bella e rica. Alli se celebram os casamentos reaes, prestam as tropas juramento de fidelidade, e se depositam as bandeiras tomadas em batalhas.

Praças.

As mais notaveis são:

Praça maior, com 122^m por 94^m, cercada de pilares formando arcos, que supportam edificios eguaes. No centro campêa a estatua equestre de Fillippe III, cuja execução não merece elogios.

Praça do Oriente, assim chamada por se achar a leste do palacio real. É mais notavel que a precedente por ter mais do triplo, e porque as suas decorações são mais importantes. No centro, em um espaço oval mais elevado, tem um lindo quadrado cercado de gradil, decorado com a excellente estatua equestre por Pietro Tacca, representando Filippe IV no seu cavallo a galope. Aos lados d'este quadrado ajardinado, que

os hespanhoes chamam *Glorieta*, estão jardins para o publico; e em semi-circulo um passeio arborisado com 44 estatuas collossaes de pedra completam o aformoseamento. Estas estatuas são desproporcionadas á altura em que se acham, porque eram destinadas á collecção de reis, que devia ornar o terraço do palacio, d'onde estas foram apeadas, por se temer, que o seu peso damnificasse o edificio.

Praça do Palacio, ao sul do mesmo, para onde elle tem a fachada principal, occupa um espaço talvez de 160^{m} por 120^{m}. Ao sul da praça fica a Armeria, e a leste uma galeria incompleta, destinada a ligar os dois edificios. O poente está por embellezar, aguardando outra galeria como a do nascente; mas o risco do architecto é substituir a Armeria por um gradil que feche as duas extremidades das galerias.

Porta do Sol, a mais animada e risonha, ainda que a mais irregular, tem 200^{m} de comprimento e na sua maior largura 50^{m}. É ornada no centro por uma fonte com grandes jorros d'agua, e aos lados por bôas, porem deseguaes, edificações.

Fontes e monumentos mais notaveis.

Alem das duas estatuas equestres, das 44 pedestres e da fonte da Porta do Sol já mencionadas, restam:

A fonte de Cibele, em um pequeno quadrado cercado de gradil á entrada da rua d'Alcalá. A deusa está n'um carro levado por dois leões, rodeada de attributos de bôa execução.

A d'Apollo, na mais bella parte do Prado, chamada o salão. Esta fonte é formada por um grupo d'estatuas: quatro d'ellas, representam as estações do anno, e estão sentadas nos angulos do monumento: e no meio

como corôa de tudo, fica Apollo de pé sobre um pedestal.

Defronte da rua de S. Jeronymo vê-se a fonte de Neptuno, sobre um carro, em forma de concha, conduzido por dois cavallos marinhos mergulhados até meio corpo na bacia, da qual sahem cabeças de tritões lançando agua.

Ha ainda no Prado mais quatro fontes de marmore bonitas, porém menores; a da praçasinha de Lavapés com uma boa estatua d'Adonis; a d'Isabel II, e outras menos importantes.

Passeios e jardins.

Buen Retiro: a extensão d'este passeio é de 1400^{m}; tem muito arvoredo, um immenso tanque e jardins de flores. Uma grande parte é reservada e só se visita com permissão da casa real: esta parte tem fontes, lagos, canal, montanha russa, a casa do pobre, a do pescador, a casa dos faisões, uma cabana encobrindo uma sala luxuosa, etc.

O Prado, um dos mais extensos passeios que existem, occupa o espaço, que vae da porta d'Atocha até á de Recoletos mais de 3$^{1}/_{2}$ kilometros, tendo a sua parte mais bella chamada o salão, com 70 metros de largura entre a rua de S. Jeronymo e a d'Alcalá. Juntando aquelle o passeio das Delicias além da porta d'Atocha e o das Delicias d'Isabel II ou Fonte Castellana, além da porta de Recoletos com 1200^{m}, temos que todos reunidos teem pelo menos 5 kilometros d'extensão, estando perfeitamente tractados.

Além d'estes existem ainda o jardim denominado «Casino de la Reina» ao sul, e o *boulevard* chamado Virgen del Puerto ao poente da cidade, assim como

os campos Elyseos d'uma empreza, que tem alli theatro, hyppodromo, jardins, lagos, etc.

Theatros.

São sete os principaes. O theatro real, d'opera lyrica, situado na praça do Oriente, é o maior e o mais bem decorado, com logares para 2000 espectadores.

O de Rossini, no jardim dos Campos Elyseos, é um bom theatro de verão, que rivalisa com o theatro real na escolha de cantores.

O do Principe, para comedia, tem 1200 logares.

O das Variedades e de Lope de Vega são menores.

O theatro-circo, para peças nacionaes, accommoda 1600 espectadores; e o de Zarzuela, que é o mais lindo, está situado n'um quarteirão novo proximo ás côrtes.

Além d'estes theatros ha mais dois excellentes circos equestres e um circo de touros, que comporta 12000 espectadores.

Museus.

O museu militar d'artilheria no Buen Retiro.

O museu militar d'engenharia com bellos planos das praças fortes em relevo, que está affecto ao ministerio da guerra, no palacio da Boavista, proximo ao Prado.

O museu naval, no ministerio da marinha, praçasinha dos Ministerios, é um dos mais curiosos no seu genero.

A Armeria, ao sul do palacio real, era uma collecção d'armas e armaduras d'um valor historico immenso, até á invasão franceza. Hoje apezar das gran-

des perdas e extravios, ainda encerra grande numero d'objectos preciosos.

Gabinete topographico, no antigo palacio do Buen Retiro.

Gabinete de historia natural, no edificio da academia de S. Fernando.

A galeria de pinturas, chamada museu d'El-Rei, por ter sido principalmente fundada com os quadros da casa real. Está situada entre a rua de S. Jeronymo e a d'Atocha, no lado fronteiro ao Prado. O edificio, mandado construir por Carlos 3.º para um museu de sciencias naturaes, foi appropriado a expensas de Fernando 7.º para o fim, que actualmente realisa. Este monarcha, depois de feitas as convenientes mudanças na edificação primitiva, inaugurou alli em 1828 a galeria de pinturas, recolhendo e colleccionando os quadros dispersos nos palacios reaes, e Isabel 2.ª continuou a obra de seu antecessor, reunindo-lhe as telas, ainda existentes no Escurial.

Esta collecção, avaliada como sendo museu de pinturas, não soffre parallelo com os de Dresde, Florença, Paris, Vienna, Munich e Berlim, porque lhe escaceam os elementos para o estudo das differentes escholas, e da origem, progresso, e florescencia da arte. Faltam-lhe na eschola italiana os mestres primitivos, que, se emanciparam, rompendo com as tradições e exemplos da eschola bysantina; e entre os modernos debalde se procurará alli Fra Angelico, Francia, Perugino, etc. As escholas allemães não teem lá representados os mestres de Colonia, a quasi totalidade dos de Bruges, Leyde, os primitivos d'Anvers, e entre os de transição Mabeuse, Otto Venius, etc. A eschola franceza poucas producções lá apresenta. E as proprias escholas hespanholas, contra o que devia presumir-se, não podem orgulhar-se

de ter alli muitos dos seus principaes mestres: a de Toledo sente a ausencia do fundador Alonzo Berruguete e seus mais illustres discipulos el Greco, e Luiz Tristan: a Sevilhana, a mais importante de todas, lamenta a falta de Luiz de Vargas, Villejas-Marmolejo, do estrangeiro Pedro Campana, e dos Castilhos, d'Herrera, Pedro de Moia, etc. : a de Madrid não encontra lá Gaspar Becerra e outros: e só a de Valença se póde orgulhar de estar bem representada no museu d'El-Rei, porque além dos quadros do grande Ribera, apresenta producções de Juan de Joannes, Ribalta e Espinoza.

Olhada, porém, a collecção sob o ponto de vista por onde deve ser encarada, é uma galeria de pinturas sem egual. Sómente n'ella se póde estudar Velasques, porque alli ostenta 64 telas, entre as quaes a Rendição de Breda, as Meninas, os Borrachos, as Fiadeiras, e as Forjas de Vulcano, não tem equivalentes n'outra parte. Murillo figura lá com 46 producções destacando entre ellas uma Sacra Familia no genero realista, uma Adoração dos Pastores, quatro Extasis de Santos, uma Conceição, e Christo morto na Cruz. E Ribera apparece na collecção com 58 quadros, e entre estes o Martyrio de S. Bartholomeu.

Surprehende e maravilha, que entre os mestres estrangeiros viesse Raphael enriquecer esta galeria com 10 quadros, e dois d'elles, a Madona do Peixe, e o Spazimo, de tal importancia, que só no Vaticano se encontram eguaes prodigios d'arte. Admiram-se 2 quadros de Leonardo de Vinci, um d'elles, a Sacra Familia, das obras capitaes do seu auctor. Contam-se seis telas de André del Sartho, sendo admiraveis tres, o Sacrificio d'Abraham em ponto pequeno, uma Sacra Familia, e um retrato de mulher. Entre duas pinturas de Correge destaca a Apparição de Christo a Magdalena arrepen-

dida. Giorgion tem alli uma producção magnifica, representando a Despedida d'um cavalleiro a sua familia. Titiano está representado por 46 telas, mostrando, quanto o auctor é grande em todos os generos; sobresahindo entre ellas um retrato de Carlos 5.º em trage civil, uma Offerenda á fecundidade, e principalmente a Apotheose de Carlos 5.º e sua familia.

Tintureto apresenta 46 quadros e alguns dignos do seu renome. Sebastião del Piombo apparece com quatro pinturas, sendo assombrosa a intitulada Christo descendo ao Limbo. Guido, Guerchino, Albano, Salvador Rosa tem alli egualmente das suas afamadas obras.

Possue ainda o museu d'El-Rei duas allegorias de admiravel execução por Alberto Durer, e diversas producções de auctores mais ou menos importantes da antiga eschola alleman. Existem da eschola flamengo-hollandeza 62 quadros do grande Rubens, avultando entre elles, a Adoração dos Magos, a Coroação d'espinhos, e uma Virgem Gloriosa em figurinhas: 22 de Van Dyck, sendo admiravel o retrato da condessa d'Oxford: e de Rembrandt um excellente retrato, etc. Os pequenos flamengos são alli numerosissimos, notando-se entre elles David Teniers, o moço com 53 quadros, e os Breughel com 54. E finalmente entre as diversas producções da eschola franceza apparecem os nomes de Poussin, Claudio Lorrain, e Valentin.

Além d'esta importante galeria ha ainda em Madrid outras collecções de pinturas, taes como:

O Museu Nacional inaugurado em 1842 no convento d'Atocha, com os quadros, que se recolheram dos conventos, e com a galeria confiscada ao infante D. Sebastião. Expõe grande numero de pinturas, mas a maior parte mediocres.

Entre 800 quadros só merecem menção cêrca de

90: sendo dois italianos, o Descimento da Cruz por Daniel Volterra, grande, excellente e bem conservado, e uma copia da Transfiguração por Julio Romano: quatro excellentes pinturas attribuidas a Van Eyk: um Descimento da Cruz, que dizem d'Alberto Durer: duas telas do marechal d'Anvers: uma d'Honthorst: duas de Sneyders: e uma de Raphael Menz. Entre numerosos quadros hespanhoes, que nada honram seus auctores, destacam pelo seu merecimento, 2 do velho Corrêa, 2 del Greco, 54 do italiano Vicente Carduci (chefe da eschola madrilena em principios do seculo XVII), relativos todos á vida de S. Bruno; algumas producções de Ricci; 1 retrato por Velasques; 2 quadros de Murillo; 1 de Antonio Castilho; 1 por Zurbaran; alguns de Goya, e nada mais, que possa prender a attenção do visitante.

A galeria da Academia de Madrid ao contrario do museu nacional, é notavel pela excellencia, e não pelo numero de pinturas. Rubens é o unico mestre estrangeiro d'alguma importaucia, que alli está representado com o quadro d'Hercules e Omphale. Das producções nacionaes apontaremos 1 excellente quadro de Blas de Prado, 4 de Ribera e entre elles um S. Jeronymo admiravel, 4 retratos de frades por Zurbaran, 4 pinturas do insigne Murillo, 1 Resurreição, St.ª Izabel da Hungria, e em 2 o Milagre da fundação de St.ª Maria Maior em Roma: sendo as tres ultimas das suas paginas brilhantes. Mencionaremos, por ultimo, 2 de Carreño, 5 de Goya, etc.

A galeria do Marquez de Salamanca, onde vemos apparecer os nomes de Velasques, Murillo, Zurbaran, Ribera, Claudio Coelho, Rubens, Van-Dick, Rembrandt, Alberto Durer, Gerard Dow, Tenniers, Titiano, etc.

A galeria dos Duques de Medinacelli com pinturas

de Rubens, Van-Dyck, Velasques, Murillo, Salvador Roza, Paulo Veroneso, etc.

E as galerias do Marquez de Javal-Quinto, dos Duques d'Alba, Pastrana, Uceda, do Marquez de Villa Franca, e outras menos importantes.

A collecção de esculpturas não tem em Hespanha a mesma importancia que a de pinturas; por isso, e como na segunda parte tractamos d'este assumpto, julgamo'-nos dispensados de fallar d'elle outra vez.

Madrid possue entre os estabelecimentos de instrucção e caridade: a academia de bellas-artes; differentes bibliothecas, a maior das quaes, a nacional, tem mais de 200,000 volumes e 8,500 preciosos manuscriptos; academia de sciencias, de medicina e outras; e diversos hospitaes, asylos, etc.

A 12 kilometros de Madrid existe uma grande quinta real, chamada o Pardo, onde se sustenta abundante caça; e a 62 kilometros outra magnifica, chamada a Granja, com um rico palacio, bellos jardins, parque, rico jogo d'aguas e boas estatuas. Na estrada d'Alicante, a 49 kilometros de Madrid, encontra-se a excellente quinta d'Aranjuez, sobre o Tejo, que lhe serve de lago. A sua situação é deliciosa.

Escurial

Villa que só tem de notavel o palacio e convento d'este nome, com uma egreja grande e elegante. Por baixo da capella-mór está o jazigo dos reis, bella obra de marmores de côres. Na sacristia existe a melhor tela do nosso pintor Claudio Coelho, de 26 palmos d'altura por 13 de largura, representando uma Hostia em

procissão, e em varios altares admiram-se 7 quadros sublimes d'Affonso Sanches Coelho.

Valladolid (57,400 h.)

Poucas cidades d'Hespanha sem porto de mar estão em tão boas condições para o commercio do interior, razão principal do seu recente crescimento depois da construcção da via ferrea, pois não chegava a ter metade da população actual antes d'este melhoramento.

Foi a côrte d'Hespanha até Filippe II, que a transferiu para Madrid, tornando a sel-o no reinado de Filippe III, de 1601 a 1621. O palacio real que lhe serviu de residencia e foi por este ultimo muito augmentado, nada tem d'importante no exterior. O interior é notavel por uma bella escadaria e um pateo com bustos de bello relevo por Berruguete. Proximo do palacio fica o antigo convento de S. Paulo, meio destruido, mas onde se admira um excellente portal d'architectura gothica. É notavel a egreja pelas suas proporções e pelas pinturas de Bartholomeu de Cardenas.

Admira-se tambem a riquissima fachada gothica do collegio de S. Gregorio. É egualmente notavel o collegio de St.ª Cruz, em estylo do Renascimento, que serve hoje de museu, onde se vêem algumas boas esculpturas de Berruguete, Hernandez e outros, e telas de Rubens, Pereda, Carducci, Bassano, Ribera, Zurbaran, uma de Corregio, representando a Magdalena, e quatro quadros pelo pintor portuguez Bartholomeu de Cardenas: a Adoração dos Magos, a Adoração dos Pastores, e dois com passagens da vida de S. Domingos.

As egrejas de S. Lourenço, S. Miguel, Huelgas e

outras possuem esculpturas que merecem a attenção do visitante.

A praça Maior attrae a attenção pelas grandes casas que a cercam, sustentadas por 400 columnas de granito de 3 metros d'altura, formando uma galeria quadrangular. O campo Grande ou campo de Marte é um vasto espaço triangular, ajardinado em alguns logares e em outros com lindas avenidas d'arvores.

Valladolid é residencia d'um Bispo, e como capital de provincia residem tambem alli as principaes auctoridades civis e militares. Tem uma grande universidade, e differentes estabelecimentos d'instrucção e beneficencia.

Burgos (26,000 h.)

Ao contrario de Valladolid, tem Burgos estado estacionaria, o que talvez seja devido á inconstancia e rigor do seu clima. É no entretanto digna de toda a attenção do *touriste* pelas curiosidades que encerra. A mais notavel é a cathedral, com um bello portal e duas torres gothicas de 99^{m} d'altura. Ainda que infelizmente com algumas reconstrucções em desaccordo, mostra assim mesmo quanto é justa a fama d'aquella maravilha d'architectura, collocada n'uma posição que domina a cidade e arrabaldes.

A fachada principal, ao poente, com frontões sobre as duas entradas lateraes, um florão sobre a do centro e duplas janellas ogivaes aos lados, do mais puro estylo gothico com vidros de côres, é surprehendente. A outra parte, chamada Pellegeria, é em estylo do Renascimento, mas com uma tal profusão d'esculptura rodeando quatro estatuas de Apostolos, que mais parece

um trabalho de pincel que de cinzel. Em fim a vista geral do templo, com o seu zimborio de 60 metros de elevação e forma octogona, os torreões pyramidaes e o immenso rendilhado, é d'um effeito grandioso e engraçado.

O interior não desdiz d'este bello effeito. Forma cruz latina, com 81 metros de comprimento por 58 no transepto, e tres naves ornadas de baixos-relevos, estatuas e quadros admiraveis, que recebem das altas janellas ogivaes torrentes de luz, cujos raios veem decompostos pela côr dos vidros, produzindo assim um effeito maravilhoso. O defeito se assim se póde qualificar, é terem collocado debaixo do zimborio o côro, cuja alta grade massiça, embora d'excellente trabalho, interrompe o quadro geral e estorva a vista do templo.

Entre as magnificas estatuas e esculpturas que contem esta cathedral, sobresahem as da capella do condestavel D. Pedro Hernandez de Velasco e sua mulher, em marmore de Carrara, com scenas da Paixão de Christo por João de Borgonha, um S. Sebastião, um S. Jeronymo e um retabulo de jaspe por Becerra; e um admiravel quadro representando a Magdalena, pintura em meio corpo, cujo auctor se ignora, mas que é digna de Raphael. É egualmente notavel a capella de Sant'Anna, pelas esculpturas e por um quadro attribuido a André del Sarto, a capella de St.º Henrique, pelo monumento de marmore e estatua de bronze do Prelado Henrique de Peralta y Cardeñas; a capella da Apresentação, por um quadro da Virgem e o Menino Jesus, attribuido a Sebastião del Piombo. Não deve passar desapercebido o grande e excellente orgão da egreja, e a dupla escada que a elle conduz.

Além da cathedral, deve ver-se ao menos a egreja do convento da Cartuxa nos arrabaldes da cidade, com

bellas esculpturas e excellentes pinturas; e outros templos, como S. Gil e St.ª Agueda.

A cidade em si tem pouco que ver, a não ser a sua situação no declive d'um valle, passando no fundo o rio Arlanzon, que banha os seus muros e a separa do arrabalde de Vega. É mal arruada, á excepção da «Calle del Huerto del Rey», unica rua larga e de boa apparencia. Nas proximidades do castello tem um arco de triumpho erecto em honra de Fernando Gonzalez, e logo em seguida uma columna com um escudo e dois obeliscos em honra do Cid. O Espolon e a Isla, são dois passeios agradaveis, e marginaes ao rio.

Saragoça (68,050 h.)

Antiga cidade e estacionaria. Tem duas cathedraes. A de S. Salvador, a que chamam Céo, tem boa fachada e tres estatuas de Apostolos. O interior tem capellas magnificas e excellentes esculpturas. O retabulo do altar-mór é de 1456 por Dalmans, e os mosaicos e relevos do mesmo altar, que representam Anjos em adoração, a Transfiguração e a Ascensão de Christo, de 1350, são egualmente admiraveis. A outra cathedral é a do Pilar, menos notavel.

A entrada d'esta cidade pelo lado de Barcellona é muito linda, principiando por uma larga alameda e terminando já no interior por um comprido *boulevard*.

Barcellona (200,000 h.)

É a cidade de Hespanha mais importante em

commercio, e por isso mesmo a mais activa. Mal arruada e n'uma área pequenissima, difficilmente se concebe como até ha uma duzia de annos se accommodavam mais de 150:000 habitantes dentro de suas muralhas, que occupavam um espaço de dois kilometros de comprimento por menos de um e meio de largura; e á excepção da Rambla, bello *boulevard* de cerca de 1200 metros d'extensão, da Muralha del Mar, da rua de Fernando VII e de poucas mais, as restantes eram estreitissimas, sombrias e tortuosas. Ultimamente, a demolição das fortificações, que ficaram restringidas a uma cidadella a leste, ao forte de Atarazanas ao sul que póde conter 3:000 homens e 400 cavallos, e ao castello de Monjuich sobre a montanha ao sudoeste que póde conter uma guarnição de 9:000 homens, sem prejudicar a defeza deixou a cidade com liberdade de se estender para os arrabaldes: razão por que ella hoje conta cerca de 200,000 habitantes. Em logar das antigas muralhas, tem sumptuosos predios em novas ruas larguissimas, e lindos passeios, como são o da Gracia, o da Esplanada, o do Cemiterio, o jardim publico e a Rambla já mencionada. A leste do porto tem um novo bairro ou arrabalde chamado Barceloneta, perfeitamente edificado e arruado, com uma população superior a 11:000 habitantes.

Esta cidade, por isso que tem em si grandes capitaes, visto ser o primeiro centro commercial da Peninsula, tem podido fundar e manter mais que nenhuma outra estabelecimentos de caridade e instrucção: pois apezar do pequeno espaço que occupa, conta treze escholas primarias para ambos os sexos a expensas da municipalidade, e setenta e dois collegios particulares, com mestres competentemente habilitados. Para educação secundaria sustenta a Associação Commercial

uma especie de eschola polytechnica, onde se ensina nautica, chimica applicada ás artes, physica experimental, calculo, agricultura pratica, mathematicas, geometria pratica, theoria das machinas, desenho linear, direito commercial, desenho applicado á fabricação de tecidos, pintura, paizagem, esculptura, architectura e linguas estrangeiras. O Colegio Barcellonés é outro estabelecimento de ensino secundario.

Tem mais Barcellona: uma universidade, uma eschola medico-cirurgica e outros estabelecimentos analogos, como seminario, etc.; duas bibliothecas e um importante archivo com documentos rarissimos; um museu particular dos mais especiaes que existem no seu genero, denominado museu Salvador, que conta já quatro gerações de proprietarios e se compõe: 1.º d'uma bibliotheca d'obras de historia natural, sciencias medicas e viajens; 2.º d'uma collecção de manuscriptos; 3.º de 5:000 moedas de todos os tempos e origens; 4.º d'uma collecção de corpos simples empregados pela pharmacia; 5.º d'uma collecção de mineralogia catalan; 6.º d'uma collecção de petrificações terrestres e maritimas; 7.º d'uma collecção de todos os marmores, jaspes e pedras do paiz utilisados nas artes; 8.º d'uma collecção d'insectos, peixes, reptis e animaes monstruosos; 9.º d'uma collecção archeologica; 10.º d'uma collecção de armas; 11.º de uma collecção de instrumentos de physica e chimica; e 12.º d'um magnifico herbario.

Os edificios publicos e religiosos mais notaveis n'esta cidade são: a Cathedral, d'estylo gothico, que, supposto por acabar no exterior, é ampla, em tres vastas naves separadas por oito pilares, e tem um lindo altar-mór rodeado por dez pilares que sustentam uma bella cupula. O côro no centro, como quasi todas as egrejas hespanholas da mesma epocha (seculos XIII e XIV), é

notavel sobre tudo pelo fino trabalho d'esculptura nas cadeiras, assim como nos retabulos dos differentes altares.

Santa Maria del Mar, Santa Maria de los Reyes, e a capella de S. Jorge, todas no mesmo estylo gothico.

A casa de la Diputacion, onde antigamente se reuniam os tres estados da Catalunha e que hoje serve de tribunal de justiça. Tem uma bella fachada em estylo corinthio.

A casa Consistorial outr'ora occupada pelo archivo.

O palacio real, ainda que moderno, de pouco gosto.

A Bolsa edificio vasto e luxuoso d'estylo moderno, encerrando o tribunal do commercio e a eschola de bellas-artes, onde se vêem muitas estatuas, pinturas, fontes, etc.

A alfandega já pequena para o immenso movimento commercial d'aquella praça, tem uma bonita apparencia exterior.

O theatro Lyceu de Barcellona, segundo dizem o mais vasto da Europa, construido com luxo e elegancia, e com sahidas que em caso de sinistro permittem despejar-se em 15 minutos. A platêa tem 1:400 cadeiras. A primeira ordem fórma um amphitheatro com tres series de cadeiras, acima das quaes ha cinco ordens com 168 camarotes espaçosos. Tem logares no todo para 3:600 espectadores, contando camarotes a nove e mais pessoas.

Tres theatros menores, e um circo de touros que accommoda 10:000 espectadores.

Esta cidade é muito abundante em aguas potaveis e em fontes monumentaes, entre as quaes sobresahem a da praça do Theatro no principio da Rambla, em fórma de pyramide egypcia, a da praça del Padro ou

de St.ª Eulalia, em fórma d'obelisco, a del Anden no caes, adornada com a estatua de Neptuno e sereias, a da praça de Medinaceli, em forma de columna, rostral a que se apoiam quatro tritões sobre delphins, e a mais moderna, porem a mais notavel, da praça do Palacio. Esta fonte é de marmore de Carrara. Sobre um fundo de rochedos rodeados de cavallos marinhos estão quatro pedestaes supportando quatro estatuas de matronas, que representam as quatro provincias de Barcellona, Lerida, Tarragona e Gerona com grinaldas dos productos que lhes são proprios.

O arrabalde de Barcellona chamado Gracia é ligado á cidade pela avenida do mesmo nome com 1:500 metros d'extensão e cinco filas de lindo arvoredo, sómente interrompido de vez em quando para formar especies de praças ou jardins. Esta povoação favorita dos barcellonezes, que em pouco tempo fará com Barcellona uma só cidade, conta pouco mais de 600 casas, pela maior parte habitações de gente abastada, em uma collina, muito abundante em vegetação, e bons restaurantes, cafés, bellos jardins, etc.

Tarragona (13,000 h.)

Antiga cidade, de mais d'um milhão de habitantes quando colonia romana e centro de toda a Hespanha, está hoje reduzida a 13:000 habitantes e sua importancia é nenhuma. Os seus edificios são de pouco interesse para o viajante; sómente as ruinas antigas são ainda notaveis para o amador d'antiguidades.

Valencia (107,703 h.)

Cidade cercada de fortificações em forma elliptica, tendo no maior diametro 2:737 metros e no menor 1:372; e apezar d'antiga é soffrivelmente arruada. Os edificios de melhor apparencia são:

A casa da audiencia, que servia aos antigos deputados de Valencia.

O paço archiepiscopal.

A alfandega, hoje fabrica de charutos.

O palacio da cidade e a Bolsa, n'um edificio que foi um antigo alcaçar, e cuja sala de abobada tem 16 columnas aos lados e 8 ao centro, supportando lindos arcos.

A Cathedral, que é um grande templo de tres naves, com 98 metros de comprimento e 60 no transepto. É notavel a capella-mór por boas esculpturas e pinturas. Entre as capellas lateraes sobresahem as de S. Pedro, S. Lourenço e S. Luiz.

Das outras egrejas só merecem mencionar-se a de S. Martinho, onde se vê um quadro de Ribalta representando Christo morto; a de St.º André, de boa architectura e esculptura, com pinturas dos melhores auctores de Valencia; as de S. João e de S. João do Hospital, a capella de S. Vicente Ferrer, e a capella real no convento de S. Domingos.

Possue além d'isso bons estabelecimentos de caridade e instrucção, e um museu provincial com algumas telas apreciaveis da eschola valenciana.

Tem um espaçoso theatro, ainda que sem grandes ornamentos, um casino, um hyppodromo e um circo de touros; um bello passeio ajardinado chamado Glorieta, um jardim botanico com excellente collecção de plantas e boas estufas, uma magnifica alameda e bons

jardins particulares, sendo o principal o jardim da rainha.

Ha n'esta cidade muitas fabricas, sendo as principaes a de tabacos, que occupa tres mil e tantas pessoas; 15 fabricas de fiação, e mais de 1,200 teares espalhados em pequenas officinas de tecidos diversos.

Malaga (uns 95,000 h.)

É uma cidade mal arruada, ainda que com bons edificios. Os principaes são: a Cathedral grande templo d'architectura notavel em estylo da Renascença, ainda que d'ornamentação pesada: o paço episcopal; a camara municipal, com uma grande fachada e tres andares; uma importante alfandega; um bom e grande theatro; um circo de touros para 10:000 pessoas; las Atarazanas, antigo e arruinado arsenal dos mouros, com uma bella porta de marmore em arco; la Alcazaba, cuja origem é anterior aos arabes, e era uma fortaleza, parte da qual foi demolida para a construcção da nova alfandega, achando-se no restante o commando geral da provincia.

Sobre uma alta collina a leste da cidade está o castello de Gibralfaro, cuja origem é tambem anterior aos arabes.

Malaga tem diversos e bons passeios, sendo o mais notavel o chamado Salão de Bilbao, com 420 metros de comprimento por 42 de largura, com bancos, estatuas, e seis fontes, sendo as mais notaveis as duas das extremidades. Uma d'estas, denominada de Neptuno, apresenta um grande grupo d'animaes de bronze fundido, que lançam agua d'entro d'uma immensa bacia

de marmore: a outra mais notavel ainda, é de marmore, em fórma pyramidal, e cheia de figuras d'um trabalho precioso, que deitam agua n'uma bacia octogona. Dizem ter sido offerecida a Carlos V pela republica de Genova, tomada no mar pelo corsario Barbaroxa e a este por D. Bernardino de Mendonça.

Os arrabaldes d'esta cidade são agradaveis pela grande fertilidade do solo, e pelo esmerado cultivo d'algumas quintas, taes como a da Conceição pertencente ao sr. Lorena, a de S. José propriedade do sr. Heredia, etc., etc.

Cadix (71,521 h.)

Cidade com ruas estreitas, mas alinhadas, limpa, bem calçada e bem edificada. É considerada importante praça de guerra, para o que tem perfeitas condições, mas os seus baluartes de defeza estão bastante desprezados.

Foi consideravel praça commercial quando mantinha activas relações com a America, que fazia de Cadix o emporio do seu commercio, porem essas relações são hoje quasi nullas. Tem no entretanto ainda hoje bastante importancia pelas relações que por meio de vapores mantem com os portos do Mediterraneo e Atlantico, e pela actividade fabril que tem desenvolvido a sua população.

As principaes curiosidades são:

O museu ou palacio das artes, com alguns bons quadros; a admiravel vista que se goza sobre a cidade e sobre a bahia d'uma torre, que ha no centro da povoação, chamada torre da Vigia; as suas arborisa-

das e lindas praças, e principalmente a de St.º Antonio, e a Alameda sobre as fortificações, com excellentes vistas para o lado fronteiro da bahia.

Quanto a egrejas, theatros ou outros edificios publicos, não são tam notaveis que mereçam se chame para elles a attenção.

Sevilha (118,298 h.)

Situada n'uma planicie immensa, banhada pelo rio Guadalquivir. É antiga e mal arruada. Tem muitas praças, lindas alamedas, e, sobre tudo, curiosidades do maior apreço para o visitante.

A Cathedral não so é o templo maior e mais notavel da Hespanha, senão tambem um dos mais importantes da christandade. Foi construida de 1401 a 1519 no sitio d'uma antiga mesquita. Mede no interior $169^{m},23$ de comprimento, $103^{m},95$ de largura, e a nave central attinge $47^{m},85$ de elevação. Fórma um quadrilongo com sete naves, estando as duas lateraes occupadas pelas capellas. Tem uma curiosa torre sobre a qual gira a estatua, a que chamam Giralda.

Sendo sobremodo difficil fazer a descripção aproximada das 37 capellas d'esta vastissima sé, por serem d'architectura diversa, e encerrarem todas muitas esculpturas e pinturas de merecimento, vejo-me forçado a apontar tão somente o principal.

A capella-mór tem na frente um alto e excellente gradil, e sobre o altar, e em todo o fundo d'ella, retabulos de madeira com notavel esculptura gothica.

O côro no centro da nave maior tem 127 cadeiras com esculpturas gothicas d'admiravel execução; e dois

orgãos, tambem sobrecarregados d'esculpturas, com 3,500 tubos. Os lados do côro formam exteriormente ricos frontões de preciosos marmores em estylo dorico.

Entre as capellas lateraes sobresahem: a do Baptisterio pela admiravel tela de Murillo, (uma das suas obras primas) representando a St.º Antonio de Padua em extase no meio da sua cella, no alto da qual apparecem grupos d'anjos de belleza ideal, e se descobre o Menino Jesus, que, attrahido pelo fervor da oração, vem descendo sobre nuvens para lançar-se nos braços do santo: — a de S. Pedro pelo egualmente admiravel retabulo em estylo greco-romano, e por nove excellentes quadros de Zurbaran: — e a de N. Senhora de Belem, onde está uma das melhores paginas de Alonso Cano, representando a Virgem com o Menino nos braços. É tambem digna de especial consideração a capella real, por traz da capella-mór, que mede 22 metros de comprimento por 16 de largura. Está adornada com doze estatuas representando reis da Escriptura. É fechada por uma grade a que se sobrepõe a estatua equestre de S. Fernando: contém os mausoleus de D. Beatriz, de Affonso X, e da famigerada Maria Padilha, favorita de Pedro o Cruel, cujas estatuas são admiraveis; e encerra uma urna funeraria, bella obra de crystal, bronze, prata, e ouro, com os restos de S. Fernando.

Ao lado da capella-mór na sacristia principal em estylo composito existem alguns quadros do insigne Murillo, e uma pintura maravilhosa de Pedro Campana, representando o Descimento da Cruz: quadro venerando pelo merecimento proprio, e por ter sido n'elle que Murillo estudou e se inspirou do colorido, que tanto o celebrisou. N'esta sacristia estão guardadas defronte uma da outra duas preciosidades: uma d'ellas, a custodia de prata, que só serve nos dias solemnes, sen-

do levada por 24 homens, é do feitio d'um templo circular em quatro andares, tendo no primeiro uma estatua da Conceição, no segundo o vaso para a Hostia, no terceiro um cordeiro e sobre o quarto a estatua da Fé: — a outra é um candelabro de bronze dourado para 15 cirios, que tem 6^{m},15 d'altura, e está adornado de 15 estatuas representando Christo, os Apostolos, a Virgem, e a Magdalena.

Na sacristia de *los Calices* admiram-se notaveis pinturas especialmente a Beata Dorothêa de Murillo, e um Ecce Homo de Morales.

Entre as outras egrejas de Sevilha são notaveis — a da Caridad por admiraveis quadros de Murillo, Valdez, e outros — a de S. Martinho por telas d'Alonso Cano e Herrera, — a de St.º Estevão por pinturas de Zurbaran, e a da Universidade por quadros de diversos.

Ha n'esta cidade um bom museu de pinturas da eschola sevilhana. Cabe n'elle o logar d'honra a Murillo, por ter lá avultado numero de telas como S. Felix de Cantalicio, S. Leandro e S. Boaventura, St.ª Justa e St.ª Rufina, uma Natividade, Christo desprendendo-se da Cruz para abraçar S. Francisco, e duas Senhoras da Conceição, sobresahindo entre todas — S. Thomás de Villa-Nova distribuindo esmolas, que seu auctor considerava a sua pagina capital. Brilha alli egualmente Zurbaran na Apotheose de S. Thomás d'Aquino, e achamse lá representados outros mestres, como Ruelas, Valdez, Herrera, Cespedes, etc.

Ha tambem em Sevilha galerias particulares de pinturas, sendo a principal a de D. Pedro Garcia com mais de 400 telas da eschola hespanhola e d'outras nações.

São tambem notaveis : a casa d'audiencia; a alfandega, grande edificio; a fabrica do tabaco, fóra de mu-

ros, que occupa mais de 4.000 pessoas; a Lonja, vasto edificio d'ordem toscana, que serve de séde ao tribunal do commercio, á Bolsa e um riquissimo archivo, que possue trinta e tantos mil massos de documentos preciosos com referencia a actos publicos das Indias e Americas, classificados por ordem das provincias a que pertencem, em ricos armarios envidraçados em salas proprias e luxuosas; a camara municipal *(ayuntamiento)*, outro bom edificio com columnatas corinthias e ricos salões interiores; o matadouro publico, fóra da cidade; o arsenal da fundição de canhões, amplo e importante edificio, e a fabrica de capsulas fulminantes para as espingardas, ambos por conta do estado.

O Alcazar é um vasto edificio arabe, que era ao mesmo tempo fortaleza e palacio real. Depois da conquista dos christãos, os diversos monarchas que o habitaram lhe fizeram augmentos e reconstrucções: a principal obra foi mandada fazer por D. Pedro I o Cruel, que para esse fim mandou vir architectos arabes, e o que hoje mais se admira é a sala dos embaixadores, reconstrucção d'esse tempo. Este salão tem uma alta cupula, que vae acima do tecto do segundo andar; a meio da altura fórma quatro grandes arcos, um de cada lado, onde com linda grade estão quatro tribunas, cada uma com sua claraboia. As paredes e a grande cupula são cheias d'arabescos de côres variadissimas, e grande effeito. Aos lados d'este salão existem outros, o de Carlos V e dois de menos importancia. O segundo andar é reconstrucção posterior e de menos merecimento. A fachada principal é do mais lindo estylo arabe de folhagens. Os pateos são calçados de marmores de côres : o mais notavel é o pateo das Donzellas, ornado de galerias aos lados, com 52 columnas de marmore branco, arcos e arabescos nos muros. Do

lado do jardim estão as salas de banho, onde agua abundante circula em banheiras de marmore. As ruas do jardim são calçadas de tijolo, e a espaços cheias de orificios invisiveis, d'onde por meio de torneiras se póde soltar agua, que servia para jogos de vistas e para surprezas áquelles com quem queriam brincar.

O antigo castello de San Telmo, fóra de portas, era outr'ora eschola e asylo d'orphãos, e hoje é um rico palacio do duque de Montpensier, opulentamente reconstruido á moderna, com lindos jardins e luxuosas decorações.

A casa de Pilatos, na praça do mesmo nome, é um rico palacio cheio d'arabescos, pertencente ao duque de Medina Celi.

A Torre del Oro, antiga e attribuida aos romanos e aos arabes, é hoje occupada pelo commando do porto e pela companhia do Guadalquivir.

Tem ainda Sevilha muitos edificios particulares importantes. Possue um excellente theatro, construido em 1847, com tres ordens e capacidade para duas mil e tantas pessoas, uma grande praça de touros, casinos e diversas salas de baile. Tem diversos passeios e alamedas, e muitos estabelecimentos de charidade e instrucção.

A 10 kilometros de Sevilha, do outro lado do rio, fica o logar onde existiu a antiga cidade — Italica — patria de Trajano. Descobrem-se lá algumas ruinas, e um circo grandissimo, que deveria ter capacidade para mais de 40.000 espectadores.

Cordova (41,963 h.)

Em uma planicie na margem direita do Guadal-

quivir, goza esta cidade d'um clima temperado e salubre. É cercada de muralhas ainda do tempo dos arabes, em cuja epocha teve extraordinaria importancia, como ainda hoje se ajuiza pelos restos que subsistem e de que toda a cidade é um verdadeiro museu, sendo os principaes o Alcazar velho e a Cathedral.

É esta um templo que os arabes construiram de 770 a 795 no logar d'outro templo romano que os godos haviam consagrado a S. Jorge. As paredes exteriormente teem 10 metros d'altura, formando pilares de distancia em distancia que ao todo serão uns 40, para poder sustentar o tecto e as ameias que o coroam. Tem 19 portas na sua fachada, cada uma de 2 metros de largura por 3 d'altura, formando arcos ornados d'arabescos em azulejo: estas portas eram cobertas de chapas de metal dourado na sua primitiva. Ao lado de cada porta existe uma janella d'arco duplo egualmente adornada. O exterior do templo fórma um quadrilongo de $204^{m},6$ de comprimento por $145^{m},2$ de largura, e o interior tem 169 metros por 119. Fórma 19 naves ao comprido e 29 ao travez com as suas 854 columnas de côres, todas de uma só pedra de pouco mais de $2^{m},5$ d'altura entre a base e o capitel, e do diametro de 40 centimetros. Estas columnas são de lindos marmores de côres, porphido, jaspe, roixo e verde antigos. Sobre os capiteis d'estas columnas se formam duas ordens d'arcos creados em pilares, e que de distancia em distancia se entrecruzam para maior segurança fazendo um todo indescriptivel pelo effeito causado pelas vivas côres das columnas e dos arabescos dos arcos. Estas differentes naves terão 8 metros d'altura, terminando por uma abobada de madeira lavrada; são todas no mesmo estylo mas de gosto differente, formando diversas pequenas cupulas por onde

recebem a claridade. No fim da mesquita existiam outras tantas sahidas, que foram substituidas por uma só de fórma ogival com 4 metros de vão por 8 d'altura, que é chamada a porta *del Perdon*, e dá para o pateo das Larangeiras. Com o correr do tempo abriram-lhe mais algumas portas, que teem diversas denominações.

O interior do templo conta 52 capellas, construidas no mesmo gosto e empregando os mesmos objectos alli encontrados, á excepção da capella-mór que, embora de riquissimo estylo gothico, contrasta e destoa do todo do edificio. É verdadeiramente uma cathedral dentro d'outra, pois tem 53 metros de comprimento por 15 de largura, e um transepto de 35. A sua abobada é muito mais elevada e o todo digno do maior elogio como obra d'arte, se não tivesse contra si o ser um enxerto, para o qual foi preciso destruir ou pelo menos deslocar 63 columnas antigas que occupavam aquelle logar até 1523; fazendo alli a nova edificação o papel de cathedral, e a mesquita a bem dizer o de claustro. A antiga torre arabe de 65 metros foi por ameaçar ruina substituida por outra em estylo greco-romano, principiada em 1593 e terminada em 1653. Esta torre tem 93 metros d'altura, e no topo a estatua dourada de S. Raphael segurando uma bandeira.

Do Alcazar velho só existem recordações e ruinas. O novo, que foi palacio da inquisição, serve hoje de asylo a veteranos. O palacio do Bispo é sumptuoso interiormente, sobre tudo uma escada que se torna até ridicula pela profusão d'ornamentos. Perto d'este palacio se vê sobre uma columna a estatua de bronze d'ourado de S. Raphael, cujo monumento denominam *el Triunfo*.

Tem Cordova muitas outras cousas notaveis, como fontes, bons passeios e um rico santuario nos arrabal-

des, que um viajante poderá vêr, e que somos obrigados a passar por alto, por falta d'espaço.

— ——

Granada (67,326 h.)

Está edificada sôbre tres collinas nas margens do rio Genil e ribeiro Darro. É alegre e animada, ainda que muito decahida da sua antiga grandeza. O estrangeiro póde estar certo de encontrar alli sensações novas. As ruas são pela maior parte estreitas, tortuosas, e mal calçadas, mas na cidade baixa ha algumas excellentes. As janellas das casas estão cheias de vasos com flores e arbustos.

Tem lindas praças, merecendo especial menção a da Ribrambla ou de la Constitucion pelos seus edificios, e a do Triunfo pela columna de marmore branco e preto, coroada por uma estatua da Virgem. Na margem do Darro existe um magnifico passeio, chamado o salão, notavel pela alameda da entrada, que é talvez sem rival pelo gigantesco da ramagem das arvores, que em grande distancia formam uma especie de tunel de verdura d'uma largura pasmosa.

Os seus edificios mais notaveis são:

A Cathedral, construcção de 1529 a 1560, com uma bella fachada de tres portas, ornada d'estatuas e baixos-relevos: O interior tem 5 naves, 116 metros de comprimento por 70 no transepto. Tem umas 15 capellas ricas em esculpturas e pinturas: na da SS. Trindade, o Padre Eterno sustentando o Christo morto por Alonso Cano; na de Jesus Nazareno, pinturas d'Alonso Cano e de Ribera. Na sacristia e claustros veem-se outras capellas com boas pinturas. A sala do capitulo

tem esculpturas de Torregiani. A capella-mór é uma das obras mais sumptuosas d'este genero em Hespanha: n'ella se vêem doze columnas corinthias de tamanho colossal e doze grandes estatuas dos Apostolos; estas columnas teem sobrepostas oito columnas menores e pinturas apreciaveis d'Alonso Cano e outros, coroado tudo isto de ricas esculpturas figurando anjos e grinaldas de flores, e de uma linda cupula. A capella real é grandiosa, em estylo gothico, e com alguns monumentos importantes. A torre está por concluir, mas a parte feita é de tres estylos, dorico, jonico e corinthio, e o seu risco era para ser terminada em estylo toscano.

A Cartucha adornada com preciosos marmores e pinturas de Palomino.

O Convento de S. Jeronymo com o mausoleu de Gonçalo de Cordova por Berruguete e Becerra.

A egreja do Convento del Angel pelos quadros de Murillo e Alonso Cano.

O hospital real.

A antiga porta Elvira de construcção arabe.

E finalmente a *Alhambra*, causa principal da celebridade de Granada.

Passando-se a porta das Granadas, especie de arco de triumpho no logar da antiga porta arabe Bib-el-Aujar, vêem-se em frente os bosques e jardins da famosa Alhambra, onde, debaixo de frondosas alamedas de cyprestes, cerejeiras, larangeiras, acacias, etc., correm innumeros regatos. Á esquerda fica uma notavel fonte chamada o Pilar de Carlos V, ornada d'estatuas, genios marinhos, etc., jorrando agua. Junto d'esta fonte está a torre cuja base tem a porta del Juicio. Passada esta porta, encontra-se a praça de los Algibes, á direita da qual está a porta del Vino, construcção arabe muito ele-

gante; em frente da porta estão quatro torres. Abaixo do solo da praça ficam as grandes cisternas, ás quaes se póde descer por uma escada interior de 60 degraus: a um lado d'ella tem parapeitos d'onde se goza uma bella vista sobre a cidade baixa e suburbios, e do outro fica o novo palacio mandado construir por Carlos V, que seria admiravel em qualquer outro logar, mas perde todo o seu valor pela infeliz idêa da destruição que para o edificar foi preciso fazer na Alhambra, onde elle é um enxerto como a capella-mór na mesquita de Cordova; é no entanto uma das melhores coisas que existem em estylo greco-romano. A sua construcção não chegou a concluir-se, ficando sem tecto, razão por que o tempo lhe tem feito grandes estragos; o que não impede que seja admiravel, principalmente um pateo com 32 columnas de 5 metros, e tres das suas ricas faces exteriores.

A Alhambra occupa um rectangulo de 132^m de comprimento por $82^m,5$ de largura, com 5 pateos interiores, sendo os principaes o dos Arrayanes e o dos Leões. A fachada principal ao norte foi a que Carlos V teve a barbaridade de mandar demolir para dar logar ao seu palacio. Atravessando-a por um escuro corredor, acha-se o visitante como por encanto no soberbo pateo dos Arrayanes, de 40 metros de comprimento por 22 de largura, no meio do qual se vê uma linda fonte; á esquerda d'elle fica o archivo e a passagem para a antiga mesquita, hoje egreja de St.ª Maria da Alhambra; á direita um vestibulo communica este pateo com o dos Leões, e por cima estão as habitações dos empregados. N'uma das galerias d'este pateo está exposto o mais precioso vaso de louça que se conhece, cheio de lavores, ornamentos e inscripções, e do qual —o que prova a incuria dos seus possuidores —deixa-

ram desapparecer uma aza que quebrou. Este vaso de côr azul e cheio de dourados, tem 1^m,36 d'altura por 2^m,25 de circumferencia, e por si só vale a pena d'uma viagem.

Ergue-se no fundo do mesmo pateo a magestosa torre de Comarés, onde se acha a sala dos Embaixadores, precedida d'uma ante-camara, digna d'ella, pela arrogancia das arcadas, pela variedade e enlaçamento dos arabescos, pelo mosaico das paredes, e pelo trabalho da abobada d'estuque pintada d'azul, verde e vermelho, formando uma folhagem como gruta de stalactites. De cada lado da porta que dá para a grande sala, se vêem dois pequenos e lindos nichos de marmore branco d'um finissimo trabalho, que serviam para depor as chinellas, uso de então que significava respeito.

Segue-se a sala dos Embaixadores, de 43 metros por lado e 18 d'elevação. Tres grandes janellas, cujos umbraes pela sua espessura parecem tres pequenos quartos, lhe fornecem claridade cada uma por seu lado. O tecto primitivo era, segundo dizem, um prodigio, onde, sobre lindissimo trabalho de cedro, só apparecia a madreperola, o jaspe e o porphido. O de hoje ainda se póde considerar maravilha. As paredes estão cobertas d'uma rede d'estuque com ornamentos tam cerrados que só podem comparar-se a chales de *guipure* uns sobre outros. Um elemento particular distingue este genero d'ornamentação, cujo estylo é não offerecer perfis: é o emprego da escripta como motivo de decoração. A escripta arabe com as suas fórmas contornadas e mysteriosas prestava-se maravilhosamente a este uso, com o auxilio de flores, folhas, cordões, etc. A significação dos disticos aqui empregados era:=Gloria a Deus, poder e riqueza aos crentes; e que se Abu-Nazar fosse transportado vivo ao céo, teria offuscado o bri-

lho e eclipsado as estrellas.=Este Abu-Nazar foi o rei que ordenou a construcção.

Da sala dos fundos goza-se uma vista excellente sobre o rio e arrabaldes. Tem a Alhambra diversas outras estancias que, embora lindas, como é o Miradouro, especie de capella n'um torreão d'onde se disfructa optima vista, relativamente não teem o mesmo valor por serem restaurações do tempo de Carlos V.

Depois da visita a differentes peças mais ou menos curiosas, desce-se ao pateo da Mesquita. É um jardim de flores e myrthos, com os muros tapetados de limoeiros, larangeiras, jasmins e acacias, tendo uma linda fonte no centro; e de dois lados galerias de delicadas columnas que dão para as casas dos banhos. Tem estas alcovas com banheiras de marmore para as sultanas, e communicam por corredores com salas onde estavam collocados os leitos para o repouso. A melhor d'estas salas, chamada a real, é adornada de columnas de marmore branco e revestida d'uma fachada de lindo mosaico; e na altura de 4 metros tem uma tribuna para a musica durante o descanço.

Passa-se d'ahi á sala dos Segredos, onde a abobada é construida com taes condições d'acustica, que o som se repete d'um angulo ao outro da sala, ainda mesmo que se falle em segredo. Segue-se a sala das Nymphas, que fica por baixo da ante-camara dos Embaixadores. Notam-se alli duas nymphas, uma a cada lado da porta, dois faunos agarrados a arvores e um magnifico baixo-relevo no alto da porta, representando Jupiter transformado em cysne acariciando Leda.

Visita-se depois o pateo dos Leões, de 32^m de comprimento por 20 de largura, formando galerias em volta com 128 columnas de marmore branco n'uma desordem symetrica de tres em tres ou de quatro

em quatro, sustentando arcos d'uma elegancia extrema e particularissima. De dois lados adiantam-se no centro dois elegantes porticos d'oito metros d'altura no mesmo systema de columnas, tendo no meio de cada portico um lindo repucho d'agua. O centro do pateo era plantado de flores e arbustos escolhidos, e hoje é calçado de marmore branco com uma fonte ornada no estylo de tudo o que a rodêa, e sustentada por doze leões grosseiramente esculpturados, mas que, tomados no sentido de chimeras ou caprichos d'ornamentação, fazem com a fonte um effeito pictoresco e cheio d'elegancia. O todo do pateo forma uma vista admiravel.

Um dos porticos dá passagem para a sala do Tribunal, onde se vêem pinturas na abobada que dizem ser ainda arabes, no que pessoas competentes concordam, e n'esse caso seriam as unicas d'aquelle genero que nos legaram. Estas pinturas, segundo affirmam, são feitas sobre couro, especie de pergaminho, e colladas depois na abobada do cedro. Representa uma d'ellas o mesmo pateo dos Leões, onde alguns personagens parecem querer justar contas por meio d'armas, ou talvez um torneio; outra tem por centro um divan em que estão os reis mouros de Granada; e a terceira e ultima representa uma dama assistindo ao combate de dois cavalleiros, e outra dama guardada á vista por um leão deitado diante d'ella, para cujo lado se dirigem para a livrar um feiticeiro e um cavalleiro.

Á esquerda da sahida d'esta sala ficam a sala das duas Irmans e a dos Abencerragens. A primeira tem de admiravel a cupula, cuja ornamentação saliente figurando conchas, cavidades em forma de pequenas cupulas nascentes umas das outras, tendo algumas 3 e 4 palmos d'espaço, outras principiadas e logo

abandonadas como ao acaso, ficando pendente algum fragmento, é uma verdadeira gruta de stalactites. Aqui como na sala dos Embaixadores, o azul, verde e vermelho apparecem no fundo d'este relevo. As paredes, d'um estuque no mesmo gosto que a dos Embaixadores, tem por baixo um largo friso d'azulejos similhando mosaico. No meio da sala ha uma fonte com repucho d'agua. A sala dos Abencerragens é quasi similhante, tendo egualmente uma grande bacia com jorro d'agua no centro, á qual foram atiradas as cabeças de trinta e seis Abencerragens alli attrahidos ao engano pelos Zegris em 1492. As luctas d'estas duas tribus de Granada deram em resultado o exterminio dos primeiros pelo rei Abon-Abdoullah, que acabou por ser desthronado e o seu reino conquistado por Fernando o Catholico. Depois d'isto segue-se a capella real, com o mesmo genero de ornamentação nas paredes e abobada.

Eis ahi a descripção, ainda que deficiente, do mais importante do palacio, pelo melhor modo que nos permitte o genero do nosso trabalho. O que resta vêr são dependencias mais arruinadas, como do lado oriental a torre da Vela e a cidadella da Alcazaba com suas tres torres mal conservadas. De sobre a torre da Vela, que tem um grande sino, goza-se um dos melhores panoramas. Sahindo d'esta torre, visitam-se os Adarves, linha d'antigos bastiões hoje transformados em bellos jardins.

Depois d'isto só resta vêr o Generalife, antiga casa de campo dos reis arabes, hoje pertencente ao general Palaviccini. É notavel por grandes jorros d'aguas, e admiraveis pontos de vista.

III

FRANÇA

Bayona (26,333 habitantes.)

Primeira cidade á entrada em França pelo lado dos Pyreneus. Tem bastante commercio, alimentado pela foz do rio Adour, cuja barra tem obras de canalisação mui curiosas. As fortificações de Bayona são uma obra magnifica dirigida por Vauban.

A 4 kilometros está Biarritz, talvez a mais bella praia de banhos que existe, e para onde todos os annos vae um numero consideravel de banhistas.

Bordeaux (194,241 h.)

Tem esta cidade grande importancia commercial. É notavel a ponte sobre o Garonne, com 17 grandes arcos, e duas galerias lateraes inferiores ao nivel do taboleiro. O theatro, reputado até 1865 o mais vasto da França, apresenta um exterior esplendido pela immensa galeria de grossas columnas caneladas, que toma toda a frente e lados. Tem Bordeaux edificios magestosos; um bom passeio publico e lindos *boulevards*.

É porém só notavel debaixo do ponto de vista com-

mercial; e por isso, vendo-se a sua Bolsa, Alfandega, Banco, duas boas praças, a do mercado ou *des grands hommes* por causa das estatuas que a decoram, a de Tourny com a estatua d'este e uma comprida praça com dois chafarizes no centro, e entre elles uma bella estatua equestre, tem-se visto o que alli existe de melhor.

Paris (mais de 2,000:000 h.)

Esta immensa capital contava em 1866 um numero de 1,825:274 habitantes, e hoje terá sem duvida mais de 2.000:000 d'almas. As suas collecções, monumentos e edificios estão na razão do seu tamanho. Os melhoramentos materiaes é que teem excedido o que se podia prevêr ha vinte annos. Tentar portanto descrever esta cidade seria trabalho baldado: ainda que nos não faltassem as habilitações, fartar-nos-ia o espaço. Áquelles de nossos leitores que se propozerem vêl-a meudamente, aconselharemos a compra de um guia especial; e para os que, não podendo dispor de mezes, se vejam forçados a uma visita mais summaria, porém methodica, relataremos as suas curiosidades mais notaveis, observando que para uma visita superficialissima são indispensaveis pelo menos 20 dias. Para este fim, formaremos uma especie de itinerario, que o *touriste* curioso deverá examinar, alterando-o d'acordo com a sua vocação, como por exemplo: sendo apaixonado de bellas-artes, deve repetir as visitas ao Louvre e abreviar as restantes. Em todo o caso, para conseguir vêr tudo, deve aproveitar os dias de bom tempo e em que seja permittida a entrada nos edificios dos

arrabaldes, como Saint-Cloud, Versailles, Sèvres, Fontainebleau, etc., visto que os do interior da cidade se podem mais facilmente vêr em dias de chuva, ou nos em que se dispõe de poucas horas; e os theatros, cafés cantantes e concertos, facilmente se visitarão de noite por occasião dos espectaculos.

Itinerario

1.° Passeio de orientação em carro descoberto pelos *boulevards*, Palais-Royal, rua de Rivoli, praça da Concordia, Campos Elyseos, etc.

2.° Praça Vendôme, egreja da Magdalena, capella expiatoria de Luiz XVI, egreja de S. Germano, antiga parochia dos reis de França, e jardim das Tuilleries.

3.° Collecção do Louvre, exame interior e exterior do palacio, praça Napoleão, arco triumphal do Carrousel, e descançar no jardim das Tuilleries ou nos Campos Elyseos.

4.° Palacio da Justiça, Santa Capella, Hotel de Ville, Notre Dame de Paris, e descançar no Palais-Royal.

5.° Museu ou conservatorio das artes e officios, no seu genero talvez o mais notavel da Europa, e as egrejas de Santo Eustachio e S. Merry.

6.° Palacio da industria, arco triumphal da Estrella e Bosque de Bolonha.

7.° A linda capella de S. Fernando, o Parc Monceaux, e o resto do tempo no jardim d'aclimatação no bosque de Bolonha.

8.° Cemiterio do Père Lachaise, praça da Bastilha com a columna de julho, e praça Real com a estatua equestre, em marmore, de Luiz XIII.

9.° Jardim das Plantas, museu de historia natural e d'anatomia, que são vastissimos.

10.° Jardim e museu de pinturas e esculpturas modernas do Luxembourg, e fabrica de tapetes dos Gobelins.

11.° Pantheon, bibliotheca de St.ª Genoveva, Saint-Etienne du Mont, uma das mais lindas egrejas de Paris.

12.° Museu das Thermas ou Hotel de Cluny, Hotel des Monnaies (casa da moeda), Eschola de bellas-artes e egreja de S. Sulpicio, e descançar no jardim do Luxembourg.

13.° Egreja de St.ª Clotilde, quartel dos Invalidos, capella e mausoleo de Napoleão I, instituto dos Cegos, Campo de Marte, Escola Militar, e descançar nos Campos Elyseos.

14.° Alto de Mont-Martre, d'onde se goza d'uma bella vista sobre Paris, cemiterio de Mont-Martre, Nova Opera e egreja de Notre Dame de Lorette.

15.° Parc des Buttes de Chaumont e bosque de Vincennes.

16.° Asnieres, Enghien e Montmorency.

17.° Versailles.

18.° St. Cloud, Sèvres e St. Germain.

19.° Fontainebleau.

Note-se que o 17.° e o 18.° difficilmente se poderão realisar n'um dia cada um, sendo talvez indispensaveis tres dias para os dois passeios; e d'este modo teremos gasto os vinte dias.

Ha em Paris um ponto, digno de notar-se pelo rico panorama, que d'elle se descobre. Collocando-se o observador no pequeno terraço do jardim das Tuilleries, sobre o portão da praça da Concordia, em frente do arco da Estrella terá na retaguarda a magnifica alameda e jardim no fim do qual, a 725^{m} de distancia,

apparecia o magestoso palacio das Tuilleries: verá a seus pés a lindissima praça da Concordia com 350^m de comprimento por 250 de largura: descobrirá em seguida os Campos Elyseos com 750^m, ligados ao arco da Estrella por uma larga avenida de 1225^m de extensão; e abarcará com a vista um como jardim de 3 kilometros na mais feliz disposição para se abranger d'um relance d'olhos.

Da platabanda do arco da Estrella disfructa-se tambem uma soberba perspectiva. Sendo, porém, fatigante a subida póde contentar-se o viajante com examinar attenciosamente este monumento grandioso, notavel como obra d'arte, e o maior entre os edificios d'este genero. As suas dimensões são: altura total 50^m, dita no vão do arco 31^m, comprimento 44^m, grossura 22^m, largura do arco maior 15^m. Em sentido longitudinal fórma dois arcos menores.

Tem esta formosa capital muitas e importantes praças, notaveis já pelas estatuas que as adornam, já pelos edificios que as circundam, umas pelas recordações historicas, outras pelo seu estado presente. Sobresahe entre todas a da Concordia, a que já nos referimos. É a maior, a mais linda, e a mais curiosa de todas. No meio d'ella ergue-se um dos mais bellos obeliscos entre os conhecidos, denominado de Louqsor, por ter vindo da povoação egypcia, assim chamada, que se verificou estar no sitio da antiga Thebas: consta de uma só pedra de granito côr de rosa com $23^m,5$ d'altura, collocada sobre envasamento de 5^m, e pedestal de 4; e cheia de signaes hyeriogliphicos, celebrando os louvores de Sesostris o Grande: conta 3400 annos; era o menor dos dois obeliscos, que adornavam a entrada do maior templo de Thebas, e, apezar d'isso, as despezas de transporte e de elevação do monolithe orça-

ram por dois milhões de francos. Nas extremidades da praça vêem-se dispostos em vasto circulo grupos colossaes de marmore, representando as principaes cidades da França.

Aos lados do obelisco estão duas fontes magnificas: a do sul, (parte do Sena) é dedicada aos mares, e as estatuas alludem ao grande Oceano e ao Mediterraneo com genios de differentes especies de pesca: a do norte é dedicada ao Rheno e ao Rhodano, e os genios são allusivos aos principaes productos da França, vinho, cereaes, fructas e flores. Os tanques maiores de cada uma d'estas fontes são de granito, e os grupos e as duas bacias pyramidaes de ferro bronzeado.

Além d'estes dois chafarizes admiram-se ainda em Paris outras fontes monumentaes, como a de Molière na rua Richelieu, e sobre tudo a de S. Miguel na praça do mesmo nome. É moderna mais grandiosa. Foi esculptor d'ella Mr. Duret e architecto Mr. Davioud, (que tambem o foi do monumento a D. Pedro IV em Lisboa). Representa S. Miguel derribando o demonio em allusão a Napoleão III vencedor da revolução, que devia rebentar em 2 de dezembro de 1852. Quatro figuras symbolisando virtudes coroam quatro columnas, que se erguem 26^{m} do solo. Todo o monumento é lindissimo: a parte principal é de pedra côr de rosa e as estatuas de bronze.

Os edificios d'esta capital, tanto os particulares, como os publicos são dignos da cidade, que o nosso chorado João de Lemos appellidou de *seductora*. Apontamos tão sómente os que devem merecer a particular attenção do amador das bellas-artes, porque a simples descripção dos principaes em todos os generos avolumaria demasiado o presente livro.

Abrindo a descripção pelos edificios religiosos re-

commendaremos ao viajante a Santa Capella, torre de St. Jacques e Notre Dame de Paris, como os melhores specimens da architectura gothica, especialmente a primeira. A ultima foi a que mais soffreu nas differentes commoções, e por isso o seu interior não corresponde ao exterior sobre tudo á fachada d'oeste, que é a principal, e a um pequeno claustro, o do capitulo, verdadeiramente bello. Notre Dame tem 127^{m} de comprimento, 46 no transepto de largura, 34 d'altura, e as torres 65; é de 5 naves formadas por grossos pilares e columnas, e possue um dos maiores sinos que existem.

Das modernas, no mesmo estylo gothico, são talvez as mais lindas a de St.ª Clotilde e a de S. João Baptista, construcções d'este seculo.

No estylo do primitivo renascimento, em transição do gothico para o moderno, constituindo um mixto de ambos, são excellentes St. Etienne du Mont, de tres naves, formando tribunas na nave do centro sobre os arcos que ligam as columnas aos lados, e d'uma ornamentação riquissima, destoando porém a fachada em estylo *rococó;* e S. Eustachio, de 103 metros de comprimento por 42 de largura e 30 d'altura, excellentemente decorada: tem bons frescos e boas esculpturas em alguns dos seus 24 altares.

No estylo grego avulta a Magdalena, principiada em 1764 e acabada em 1842. É isolada por todos os lados, sobre envasamento de seis metros e tanto d'altura, para onde convergem 28 ordens de degraus por todas as quatro faces. No cimo da escadaria eleva-se o templo, decorado em toda a volta por uma galeria de grossas columnas d'ordem corinthia de 16 metros d'altura, tendo 15 de cada lado; 14 em duas fileiras formam a fachada principal, e 8 a do lado opposto. Dentro da galeria formada pelas columnas ha 32 esta-

tuas de Santos em nichos. Por cima da principal fachada estende-se um immenso frontão de 40 metros de comprimento por cerca de 8 d'altura na maior elevação: n'este frontão esculpiu Lemaire grande numero de figuras, representando no centro Christo d'um tamanho colossal e aos lados a scena do Juizo final, ficando as figuras das extremidades assentadas por causa da menor altura. O interior é d'uma só nave; as paredes e o pavimento são de marmore; o tecto é d'estuque ricamente pintado e dourado; as capellas dos casamentos e dos baptismos teem optimas esculpturas. As dimensões são 160 metros de comprimento por 45 de largura, recebendo a luz pelas aberturas do tecto. O altar mór tem um grupo representando St.ª Maria Magdalena subindo ao ceo, esculptura de Marochetti, que é de um bello effeito.

Notre Dame de Lorette é notavel pelo luxo das suas decorações. É construcção de 1823 a 1837, mas do feitio das antigas basilicas. Tem 32 columnas que, como as paredes e o tecto, estão cobertas de ricas pinturas e dourados, que seriam de bello effeito n'uma sala de baile.

A capella de S. Fernando é em estylo romano e em fórma de mausoleo com um transepto. Foi mandada construir em 1843 por Luiz Philippe no logar em que morreu seu filho Fernando por occasião de uma queda. É notavel não só pelo facto que recorda, mas tambem pelas esculpturas que encerra.

Mais notavel ainda é o mausoleo de Napoleão I contiguo ao quartel dos Invalidos. A egreja é quadrada, com 60 metros por lado; no centro levanta-se uma alta e linda cupula, por baixo da qual e ainda 6 metros abaixo do pavimento, em uma cavidade circular de 11 metros de diametro, está o tumulo do impera-

dor, de lindissimo granito avermelhado escuro d'uma só pedra vinda de Finlandia, cujas despezas (exceptuando mão d'obra) importaram em 140,000 francos: este sarcophago tem 4^{m},5 d'altura, 4 de comprimento e 2 de espessura; duas figuras de bronze, uma sustentando sobre uma almofada um globo terrestre e outra sustentando do mesmo modo uma corôa e um sceptro, estão aos lados da entrada da cavidade e são como que os guardas silenciosos do maior capitão dos tempos modernos, que tem alli por companheiros em dois tumulos á entrada os seus amigos Duroc, morto na batalha de Botzen em 1813, e Bertrand, que o acompanhou a Elba e St.ª Helena, lhe escoltou os restos para este logar em 1840 e falleceu em 1844. O pavimento da cavidade forma em mosaico uma corôa de louro que circumda o sarcophago e tem inscriptos os nomes das batalhas mais memoraveis. As paredes estão adornadas com placas de marmore com baixos-relevos allusivos aos melhoramentos resultantes da sua administração, separados por allegorias de victorias e por seis tropheos das bandeiras conquistadas. Em cima, encostados um de cada lado ás paredes do templo, tem mais dois tumulos egualmente de heroes, o de Vauban, fallecido em 1707, e o de Turenne, que morreu em 1675.

Não menos notavel é o Pantheon. A sua fórma exterior é de cruz grega, levantando-se no centro uma immensa e elegante cupula que se ergue 83 metros do pavimento, e como está no ponto culminante, é de sobre ella que se goza a vista mais extensa de Paris. Esta egreja, principiada em 1674, era consagrada a St.ª Genoveva. As commoções de 1791 converteram-n'a em templo de gloria aos grandes homens, como indica a inscripção, e foi então denominada Pantheon. Hoje está outra vez consagrada a St.ª Genoveva, mas o no-

me de Pantheon é o unico usado, e realmente é ao que ella se assimilha e como tal faz um effeito imponente, não tendo nada de similhante a um templo christão. O peristylo d'entrada é formado por 18 columnas de 20 metros com ricos capiteis, em tres ordens de seis columnas corinthias. O frontão sobre o peristylo tem 36 metros de comprimento e 7 no ponto mais alto: no centro vê-se a figura da França (de 5 metros) distribuindo corôas a seus filhos nos quaes se notam os retratos dos homens mais illustres, Malesherbes, Mirabeau, Monge, Fénelon, Carnot, Berthollet, Laplace, David Cuvier, Lafayette, Voltaire, Rousseau e Bichat, tudo em baixo-relevo excellentemente executado por David d'Angers. O interior do edificio fórma uma rotunda rodeada de quatro naves, decorada de 8 copias de frescos de Raphael e de Miguel Angelo, com poucos altares e poucas mais decorações a não ser os nomes das victimas de julho em lettras d'ouro sobre os pilares. Sobe-se uma escada de 328 degraus que dá ingresso a uma varanda circular no interior da cupula, d'onde se gozam os frescos que alli pintou Gros, representando os reis de França rendendo homenagem a St.ª Genoveva; e mais 94 degraus dão ingresso á varanda exterior da cupula, d'onde a vista é magnifica. Nos subterraneos, cuja entrada é por traz do altar-mór, estão os tumulos dos homens célebres, sobresahindo os de Voltaire, Rousseau e Mirabeau pelos seus disticos.

O cemiterio do Pere Lachaise, e ainda o de Mont-Martre, encerram um grande numero de monumentos funebres com boas esculpturas modernas. Na parte reservada para os enterramentos dos judeus apparece um grande numero de nomes portuguezes, e veem-se montões de pedras sobre os tumulos: o que de certo

hade despertar na memoria do visitante, nosso patricio, um facto da historia portugueza do tempo de D. Manoel, e a usança que o nosso povo, religiosamente observa, quando passa pelo sitio onde alguem pereceu.

Os mais importantes dos edificios profanos de Paris são os palacios do Louvre, e do Luxembourg: o primeiro pelo seu enorme tamanho, pois as duas fachadas do lado do Sena, e da rua de Rivoli, tem cada uma 500 e tantos metros de comprimento: o segundo pela riqueza dos ornamentos: ambos pelo grandioso do estylo e pelas collecções de pinturas e esculpturas, d'authores modernos n'este, de mestres antigos n'aquelle.

Apresentaremos em breves traços a historia d'estas collecções, e daremos em geral a indicação da sua riqueza em pinturas.

Francisco I, deslumbrado com as maravilhas, que encontrou na Italia, adquiriu por conquista, e por compras, cento e tantos quadros, que reuniu no palacio de Fontainebleau, onde estabeleceu uma eschola de pintura, architectura, e esculptura, attrahindo para ella os melhores mestres estrangeiros então existentes. Seus successores pouco accrescentaram de importante a tam feliz principio, a não ser a viuva d'Henrique IV, Maria de Medicis, que, attrahindo o grande Rubens, o encarregou de decorar o palacio do Luxembourg, pintando alli em allegorias a historia d'ella.

Quando o joven Luiz XIV subiu ao throno existiam perto de 200 quadros nas diversas residencias reaes. Seu ministro o italiano cardeal Mazarino formou para si uma importante galeria, que teve occasião d'engrandecer com as compras nos leilões, que em 1650 se fizeram em Londres da galeria de Carlos I d'Inglaterra, cujo monarcha havia adquirido a galeria dos Duques de Mantua.

Por morte de Mazarino comprou Colbert para Luiz XIV a collecção do ministro fallecido, e durante a sua administração fez tam importantes adquisições, que não estava longe de dois mil o numero de quadros existentes nos palacios reaes: mas este numero foi grandemente diminuido pelos extravios resultantes da incuria, e das commoções politicas. O decreto da assembléa constituinte de 26 d'agosto de 1791, que só teve execução em 1793 declarou o palacio do Louvre museu nacional, reunindo-se alli todas as pinturas e esculpturas de merito. Napoleão I invadindo a melhor parte da Europa fez transportar para o Louvre tudo quanto em bellas-artes era importante e transportavel. O Apollo Pythio, a Venus de Medicis, o Hercules Farnese, a Niobe, o Laocoon, a Venus de Milo alli figuraram. A Transfiguração, o Spazimo, a Madona Sixtina, a Virgem do Peixe, e a Santa Cecilia de Raphael, o S. Marcos d'il Frate, o S. Jeronymo de Correge, a Assumpção de Titiano, o S. Marcos de Tintureto, as 4 Ceias de Veroneso, a Communhão de S. Jeronymo de Dominiquino, a Piedade de Guido, a St.ª Petronilha de Guerchino, a tomada de Breda de Velasques, a St.ª Izabel de Murillo, o Descimento da Cruz de Rubens, a Guarda Civica de Rembrandt, vieram com outras mais fazer do museu de França o museu do mundo. Sendo, porem, a força, que trouxe tantas maravilhas a Paris, foi tambem por meio da força, que se nomeou uma commissão de todos os paizes interessados, e em resultado de suas decisões foram restituidos a seus donos os respectivos objectos, á excepção d'aquelles que a França adquiriu por voluntaria indemnisação dos proprietarios. Pela queda do primeiro imperio ficou aquelle museu em completa confusão pelas deslocações, augmentada ainda pela má distribuição de luz no edificio, que

não fôra edificado para collecção d'obras d'arte. Só depois da revolução de 1848 começou a reinar ordem n'aquella Babel; rasgaram-se os tectos do palacio para deixar entrar luz conveniente, separaram-se as pinturas por escholas, e aproximadamente pelas edades.

Um grande salão, chamado o salão quadrado, tem em cada face obras capitaes de Raphael, Murillo, Rubens e Poussin, a quem fazem cortejo telas escolhidas das escholas Italiana, Hespanhola, Flamenga e Franceza, como acontece na sala chamada Tribuna do museu de Florença, e na dos capi-d'-opera do museu de Napoles. Hoje os cathalogos do museu do Louvre enumeram 543 quadros italianos, 18 espanhoes, 618 allemães e flamengos, e 660 francezes; ou um total de 1,839 pinturas. Juntando a este algarismo as producções modernas do Luxembourg, (que só podem entrar no Louvre depois de decorridos dez annos sobre o fallecimento de seu author), temos que o numero d'ambas as collecções se eleva a mais de dois mil, vindo assim o museu a ser rival em numero e valor de telas aos de Madrid, Dresde, Vienna, e Ermitage em S. Petresbourg, e superior a todos os outros. Á falta d'espaço accrescentaremos somente, que a eschola italiana prima por uma Santa Familia do immortal Raphael; uma Venus dormindo, denominada o Somno d'Antiope, por Corregio uma Coroação d'espinhos por Titiano, e as Bodas de Caná por Veroneso.

A eschola flamenga brilha principalmente pela historia de Maria de Medicis do grande Rubens; e pelos retratos de Van-Dyck e de Rembrandt.

A hespanhola por magnificas telas de Murillo.

A franceza pelo Diluvio de Poussin, as paizagens de Claudio Lorrain, a historia de S. Bruno de Lesueur, e a Justiça e a Vingança por Prud'hon. Na segunda

parte d'este livro vem apreciados os principaes pintores. Para ahi remettemos o leitor desejoso de mais dilatadas noticias.

Com o fim de deixar completo ao visitante o prazer da surpreza não fallamos detidamente do movimento dos boulevards, do aspecto da povoação, da regularidade do campo de Marte, (1,000^{m} de extensão por 500 de largura,) do mimo do Parc Monceau, da excellencia do Bosque de Bolonha com 4 kilometros e meio de comprimento por mais de 2 de largura. Diremos somente que tudo condiz com a merecida fama da capital da França.

Arrabaldes

Versailles. (44,201 h.) — Cidade pacifica animada pela concurrencia dos visitantes, que alli vão em grande numero attrahidos pela nomeada do seu magnifico palacio.

Este edificio sem egual, e o seu admiravel parque, custaram a Luiz XIV a enorme somma de 400 milhões de francos, (80 mil contos da nossa moeda) dando por isso logar a que Voltaire lhe chamasse o sorvedouro das despezas. Luiz Philippe juntou á maravilha recreativa d'aquelle monarcha outra maravilha historica. Em 1842, depois d'haver decorado de novo todas as salas, fez transportar para alli os quadros e estatuas, que tivessem valor historico, ainda que lhes faltasse importancia artistica; e juntou assim excellentes pinturas e esculpturas com insignificantes obras d'arte. O museu de Versailles é destinado a commemorar as glorias da França, tanto nas artes, como nas lettras e nas armas.

A entrada do palacio fórma uma praça oblonga de 300^{m} por 150, tendo esta no centro a estatua equestre de Luiz XIV, e aos lados, como formando alas ao grande rei duas ordens d'estatuas de marmore sobre pedestaes da mesma pedra, representando em ponto colossal as maiores celebridades francezas.

Ao rez-do-chão ha 150 e tantos compartimentos, e em quasi todos grupos, estatuas, ou bustos. No primeiro andar entre uma infinidade de salas visitam-se perto de 70 estancias, tendo bustos, um sem-numero de retratos e quadros de batalhas, relativos ás glorias nacionaes; havendo entre os quadros alguns notaveis de Gros, David, e Horacio Vernet. Para o lado dos fundos, ou do jardim, deita uma fachada de 600 e tantos metros d'extensão com mais de 100 janellas em cada um dos andares. Todas as decorações são deslumbrantes, não só as do palacio, capella e theatro, senão tambem as do grande e pequeno Trianon, palacetes construidos no bosque, o primeiro para a Maintenon, o segundo para a Dubarry.

O parque pelo seu mimo e belleza, pela amenidade dos bosques, pelas grutas e cascatas, e pela feliz disposição dos jorros e repuxos fórma um quadro, que hade arrebatar o visitante mais prevenido. A visita deve ser feita em dia de jogo d'agoas.

St. Denys (26,117 h.) — É cidade menos notavel, porém tem uma população muito manufactureira. A sua cathedral, que encerra o jazigo dos reis, é um dos melhores templos da architectura gothica.

St. Germain (14,000 h.) — Em uma bella situa-

ção, com um palacio e magnifica floresta chamada Laya. Embora a côrte abandonasse aquelle logar ha mais de dois seculos, não deixa de ser a sua floresta um dos melhores recreios dos habitantes de Paris. O terraço com seu pavilhão, em que está estabelecido um hotel, são dois interessantes pontos de vista.

Fontainebleau (12,000 h.) — É notavel o palacio imperial d'esta cidade, já pela vastidão do edificio, riqueza dos ornamentos, e aceio da bibliotheca, já por conter pinturas e esculpturas antigas; e sobre tudo por haver sido o theatro d'importantissimos factos historicos, taes como o captiveiro de Pio 7.°, e a abdicação de Napoleão I em 1814.

A cêrca, que serve de parque ao palacio abrange perto de 100 kilometros em circuito. Póde ser agradavelmente percorrida em carro descoberto, por baixo de frondosissimas arvores, algumas das quaes seculares. Tem soberbos pontos de vista, como o rochedo dos Eremitas, e a Pedra que chora: sendo um dos mais proximos o forte do Imperador, onde o horisonte é rico e extensissimo.

Saint-Cloud (3,000 h.) — Pequena cidade. Era notavel pelo palacio do seu nome, que estava na collina mais alta do logar.

Ainda no parque mas já em caminho de Saint-Cloud para Sèvres vê-se uma torre chamada lanterna de Demosthenes, mandada construir por Napoleão I, d'onde se goza optima vista sobre Paris e cercanias.

Muitos dos monumentos, edificios e bosques tanto de Paris como dos arrabaldes foram, ha pouco, victimas do assedio dos allemães, das necessidades da defeza, e sobre tudo dos attentados dos communistas, que mereceram a execração publica pela enormidade de seus crimes. Maiores, porém, que os estragos são os recursos da capital da França. É pois d'esperar, que em breve desapparecerão os vestigios de tamanhas calamidades.

Lyon (323,954 h.)

Eis a cidade mais manufactureira da França, principalmente nas suas afamadas sêdas. Tem muita actividade: é linda, bem arruada e bem calçada. Alli fazem juncção dois rios, o Rhône e o Saône, sobre os quaes tem muitas e bellas pontes de pedra. A rua Imperial nada inveja ás mais bonitas de Paris. Na grande praça Belle Cour ha uma boa estatua equestre de Luiz XIV, e n'outra praça menor a estatua tambem equestre de Napoleão I, ambas de bronze. O seu Jardim Botanico e Zoologico, que serve de passeio publico, é immenso, e tem grandes lagos, cafés, restaurantes, etc.

Defronte da cidade, na outra margem do rio, está sobre uma mui alta collina a capella de Nossa Senhora de Forbières, d'onde se goza uma vista formosissima, considerada por alguns a primeira da Europa. É certo que d'alli se descobre o monte Branco, os Alpes e paizagens para todos os lados a grande distancia, com o auxilio d'um excellente oculo que se alluga.

Tem Lyon um soberbo hospital geral, um grande

hospital militar e um amplo e bello theatro. A sua Cathedral e Camara Municipal são muito boas.

Marseille (300,131 h.)

É esta a cidade de mais movimento maritimo de toda a França. Tem um excellente porto artificial, que abriga mil embarcações d'alto bordo.

A rua des Cannevières é magestosa. O novo bairro que estavam edificando do lado da nova alfandega, deve ficar maravilhoso. A praça do commercio é linda. Tem um bom Jardim Zoologico, e o palacio da Camara e o da Prefeitura são notaveis. Ha em Marseille um arco de triumpho e bons passeios.

Possue uma notavel galeria de quadros, alguns de Raphael e d'outros pintores italianos, alguns de Rubens e Van-Dyck, assim como muitos outros da eschola franceza.

Faz-se uma bella digressão á beira-mar, passando pelo grande Café-concerto e Château des Fleurs. É linda a excursão á ilha e castello d'If, a uma hora de viagem fóra da barra de Marseille, o qual serviu de prisão a Mirabeau, e segundo Alexandre Dumas, a Edmundo Dantes, depois conde de Monte Christo. As cellulas d'elles, assim como a do abbade Faria são alli mostradas com interesse.

Toulon (77,126 h.)

Cidade e praça forte muito importante pelos seus

arsenaes e soberbas fortificações. Costumam estar alli grandes naus e diversas fragatas a vapor. Tem excellentes docas, muitos diques, copioso abastecimento de canhões, balas e massame. A exposição d'armas é linda e completa. Tem tambem os tropheos trazidos da Russia e Italia nos ultimos annos. É muito notavel o museu de marinha, etc.

Vichy

Pequena cidade, famosa pela grande nomeada das suas aguas, e que em julho de 1865 attrahiu mais de 6:000 estrangeiros. Esta povoação só tem vida n'aquella epocha, mas é pittoresca, e são mui lindos os passeios aos castellos de Molmont a 7 kilometros, pertencente ao duque de Montpensier; ao de Randant, que foi de Luiz Philippe; e em sentido opposto ao castello de Bourbon, outr'ora d'aquella familia e hoje de M. Persigny, a cêrca de duas leguas.

Esta cidade tem tido ultimamente muito desenvolvimento, depois que o proprio Imperador alli mandou construir cinco bonitos *châlets* suissos, fazendo-lhes addicionar um extenso e lindo jardim, que é ao mesmo tempo recreio publico.

Mâcon (13,000 h.)

Pequena mas interessante, cortada pelo rio Saône bem canalisado, com excellentes escadas para embarque e desembarque. Tem duas grandes pontes, uma

de pedra com doze arcos magnificos, e outra de ferro com dois trilhos para a locomotiva.

Calais (11,000 h.)

É cidade bem fortificada; uma das portas mandada fazer pelo duque de Richelieu em 1685 é imponente. Esta cidade está sobre a Mancha, defronte de Dover, a 35 kilometros de distancia.

IV

INGLATERRA

Londres (3.126,635 habitantes)

Aconselharemos ao viajante curioso que faça acquisição d'um guia especial, porque, como dissemos a respeito de Paris, nem nos achamos no caso de fazer a descripção de Londres, nem este trabalho a comporta. Noticiaremos sómente algumas curiosidades mais importantes, cujo conhecimento poderá servir a quem dispozer de tam pouco tempo como nós dispomos de espaço.

Se bem que maior e mais importante que Paris sob o ponto de vista commercial, o seu aspecto é me-

nos attrahente, e a não ser por negocio, raro é o visitante que lhe concede metade do tempo que em geral consagra á capital da França: por isso repito aqui o que muito a proposito vi escripto não me lembra onde: «Paris é bello, Londres é grandioso!»

Aconselharemos tambem o visitante a que, munido d'um plano da cidade, dê um passeio de orientação em carro descoberto (se o tempo lh'o permittir), porque é o modo mais expedito para fazer uma idêa geral, uma vez que tenha algum amigo ou *cicerone* que lhe diga o nome dos logares e edificios mais notaveis, para confrontal-os com o plano da cidade de que deve ir munido. Feito isto, deve principiar por vêr o mais importante, figurando em primeiro logar a «City», coração de Londres.

Segunda excursão — Egreja de S. Paulo.

Esta Cathedral, situada n'uma pequena collina, domina toda aquella massa enorme de casas. É construcção de 1675 a 1710, pelos planos de Christopher Wren. Tem similhança com a de S. Pedro em Roma; é egualmente de tres naves e cruz latina, com 500 pés de comprimento por 107 de largura e 250 no transepto, ou 102,620 pés quadrados de espaço livre para o culto. A cupula eleva-se no interior a 360 pés, e a cruz sobre o globo, que póde conter oito pessoas e se sobrepõe á lanterna, ergue-se a 404. A fachada principal tem 108 pés de largura e dá para a praça Ludgate-hill, onde está a estatua da rainha Anna. D'esta praça nasce uma larga escadaria de 22 degraus, que conduz á plataforma, na qual tem uma columnata de seis pares de grossas columnas de 50 pés d'altura e ordem corinthia, e sobre ellas se vêem quatro pares de columnas d'estylo

mixto de 40 pés d'elevação. Esta segunda columnata é coroada por um frontão, cujo relevo representa a conversão de S. Paulo. Acima do frontão campêam as estatuas colossaes de S. Paulo, S. Pedro, S. Thiago e dos quatro Evangelistas. Os lados teem cada um a sua torre de 222 pés. As fachadas lateraes de norte e sul do transepto são adornadas tambem de columnas corinthias, entre as quaes se vêem seis estatuas d'Apostolos em cada fachada.

O interior é d'um effeito magestoso. Faceando com as duas pequenas naves dos lados, tem capellas fundas, e nos intervalos, assim como d'encosto aos pilares, diversos monumentos aos homens célebres. A cupula é adornada de 32 columnas corinthias formando diversos andares, e a abobada da mesma cupula tem pinturas de Thornbell um tanto mediocres, que representam scenas da vida de S. Paulo.

Os monumentos mais notaveis são os de Nelson, que morreu na batalha de Trafalgar em 1805; de lord Cornwallis, governador das Indias, fallecido em 1805; do general sir William Ponsonby, fallecido em 1815 (é representado coroado pela Victoria); do doutor Johnson, fallecido em 1785 (um dos melhores); do bispo de Calcutta Reginald Heber (ajoelhado), fallecido em 1826; do almirante conde Howe, fallecido em 1799 (junto d'elle tem allegorias, Britania, a Historia e a Victoria); do general sir Ralph Abercrombie, fallecido em 1801 (cahindo do cavallo nos braços d'um soldado). O vice-almirante lord Rodney, fallecido em 1815, (é representado encostado a um remo; á esquerda está a Historia assentada escutando e prompta a escrever a narração que lhe faz a Victoria). Ha muitos outros monumentos menos notaveis sob o ponto de vista artistico.

Os subterraneos por baixo da cupula, com entra-

da pelo transepto do norte, encerram egualmente mausoleos de homens notaveis, entre os quaes sobresahem o de Wellington, sobre o qual está um carro tirado por quatro cavallos, feitos com o bronze das peças tomadas ao inimigo, e o de Nelson com um pedaço do mastro real da nau almirante *L'Orient*, destruida em Aboukir.

A visita ao centro da egreja é *gratis*, mas ao subterraneo custa 6 pence. Para subir á galeria sonora, d'onde pela parte interior se gozam as pinturas do interior na cupula, d'ahi á galeria de pedra, d'onde se disfructa bôa vista exterior sobre a cidade, e mais acima á galeria dourada, cuja vista sobre aquella massa enorme de edificios, rio, docas, parques, jardins e lagos é a primeira no seu genero, pagam-se outros 6 pence; sendo a ascensão pouco fatigante por haver logares para descanço. Não dizemos o mesmo da subida á lanterna que se sobrepõe á cupula, porque é difficillima por não ter descanço; custa mais um shelling; e por isso mesmo que aquelle ponto está mais alto, não deixa gozar tanto ao vivo o quadro que se viu mais abaixo. Tambem não aconselhamos o viajante a que veja a bibliotheca, que é pouco notavel, nem os sinos e o relogio mechanico, que trazem nova fadiga, custam dinheiro e só terão interesse para quem for competente.

Depois de sahir de S. Paulo, encontra-se a seguir uma porção de edificios importantes e dignos d'uma visita, dispondo do tempo necessario; taes são: o Correio Geral (General-Post-Office), cujo edificio tem 300 pés de frente, e no centro uma columnata de 60 pés de largura formando uma passagem atravez, tendo d'um lado escriptorios para a correspondencia das provincias e do exterior, e do outro repartição para a correspon-

dencia da cidade — a Associação dos Ourives (Goldsmiths-Hall), que é ricamente decorada, tem uma soberba escada com estatuas allegoricas, e sobre tudo a sala principal com profusão de ricos espelhos, brocado de velludo e sêda; a sala de jantar e a baixella com um vaso por Benvenuto Cellini são egualmente notaveis. É n'esta associação que se ensaiam e marcam os objectos de prata e d'ouro.

Perto do Correio Geral fica a estatua de Roberto Peel, e logo depois a linda egreja de St.ª Maria Bow, feita pelo mesmo architecto da de S. Paulo. Pouco distante está a Camara Municipal (Guild-Hall); a frente tem pouco de notavel, e o interior só offerece de curioso a sala principal, de 153 pés de comprimento por 50 de largura e 55 d'altura, que dizem póde conter 7,000 pessoas, e na qual fazem a eleição do lord-mayor; o resto comprehende a sala do conselho, bibliotheca, archivos e as repartições municipaes. A Associação dos negociantes de sêdas (Mercers-Hall), perto do Banco, tem uma fachada ricamente adornada de esculpturas e estatuas allegoricas em madeira; o interior tem pouco de notavel. Perto fica o palacio do lord-mayor.

O Banco d'Inglaterra, edificio isolado, terreo e sem janellas, tem cerca de 500 pés no seu maior comprimento. Nas differentes salas de cima está o expediente, e nas subterraneas o thesouro do dinheiro corrente, o do metal em barra e outras repartições. Para o visitar é necessario ser apresentado ao governador, ao vice-governador ou a um dos 24 directores, e obter uma licença. Defronte está a Bolsa (Royal-Exchange) e o Mercado de fundos publicos (Stock-Exchange). A Bolsa é decorada d'uma columnata corinthia, sobre a qual tem um frontão d'esculpturas allegoricas ao commercio.

Em seguida ha uma grande praça de mercado de aves e caça, etc. Terminaremos pelo parque Victoria, n'um dos peores e mais miseraveis bairros da cidade.

Terceira excursão—Ainda a City—Torre de Londres.

É situada n'uma pequena elevação e cercada por um fosso com agua. Quatro portas levadiças lhe dão entrada: a principal é a porta dos Leões, que serve aos visitantes, e junto da qual se compra o bilhete d'entrada por 6 pence, outro para ver os diamantes tambem por 6 p., e se se quizer cathalogo egualmente por 6 p.; mas este é inteiramente superfluo para quem pretender confrontal-o com os objectos, porque não terá tempo, sendo util somente ao antiquario que quizer a relação do que alli existe.

Este reducto tem oito torreões, a seis dos quaes se liga uma historia medonha de sangue: um d'elles chama-se mesmo a Torre Sangrenta *(the Bloody Tower)*, na qual foram assassinados os filhos d'Eduardo IV por seu tio Ricardo de Gloucester (1483); a torre de Wakefield foi onde assassinaram Henrique VI (1471); a torre de Bowyer onde afogaram o duque de Clarence em um tonel de malvasia (1478); a torre dos Sinos serviu de prisão á rainha Isabel e a sua irman Maria (em meiados do seculo XVI), etc.

Existe alli de notavel, além d'estas lugubres recordações, uma grande collecção d'armas e armaduras antigas, classificadas com muita ordem, algumas das quaes representam seu antigo dono a pé ou a cavallo coberto dos pés até á cabeça de objectos de defeza e d'ataque; as paredes e os tectos estão cheios d'armas formando estrellas, florões ou tropheos. Mostra-se alli tambem o

cepo sobre que faziam as decapitações, ainda com signaes de golpes que dizem ser do cutélo.

D'esta exposição passa-se ás joias, que se vêem em vitrinas com guardas sempre á vista, e que são avaliadas em cerca de dois milhões de libras.

Póde-se obter uma licença para ver a Casa da Moeda *(the Royal Mint)*, estabelecimento notavel pela sua bôa distribuição e processo do fabrico do dinheiro sonante.

Quarta excursão—As docas e tunnel de Londres.

Sendo esta cidade o principal centro commercial do mundo, aonde todas as nações enviam os seus productos; sendo além d'isso permittida alli a descarga de toda a mercadoria para reexportação, sem direitos senão no caso d'entrada para o interior, tudo quanto se disser da importancia das suas docas, armazens, depositos de barcos, e respectivas cargas ficará longe da realidade se não for acompanhado do algarismo representativo do movimento de tam vasto emporio commercial: não sendo porém o nosso trabalho de natureza que exija estatisticas, nos limitamos a uma noticia que não póde deixar de ser deficiente.

Principiaremos pelo grupo de tres que ficam proximas á torre de Londres, e que se denominam docas de St.ª Catharina. Foram acabadas de construir em 1828, no espaço que haviam occupado 1,250 casas com 11,300 habitantes. Este é dos cinco grandes grupos o menos espaçoso, mas ainda assim abrange uma superficie de 24 acres ou 116,160 jardas quadradas, e seus armazens teem capacidade para 110,000 toneladas de carga. Por serem as mais proximas e de mais pro-

fundidade, é alli que vão quasi todos os vapores da Hollanda, Belgica, Allemanha, França e Escossia.

As mais importantes pela capacidade dos seus armazens e porque estão egualmente proximas, são as do grupo chamado mesmo Docas de Londres *(London Docks)*, que cobrem uma superficie de 90 acres ou 435,600 jardas quadradas. São uma grande bacia e quatro outras menores, com capacidade para fundearem ao mesmo tempo 300 navios d'alto bordo, armazens para 220,000 toneladas de mercadorias, e cavas para 30 milhões de litros de liquidos.

Do outro lado do rio e a bem dizer ligado pelo tunnel, fica outro grupo de cinco, chamadas Docas Commerciaes *(Commercial Docks)*, que occupam um espaço de 49 acres ou 237,160 jardas quadradas.

O tunnel é uma obra curiosa do architecto Brunel. Consta de 2 galerias parallelas de 6 pés de largo por 1300 de comprimento. A sua utilidade presente não corresponde ás despezas da construcção.

Muito mais a leste e por este lado quasi na extremidade de Londres, fica o mais espaçoso dos grupos, o das Indias Occidentaes *(West-India Docks)*, que occupam uma superficie de 295 acres ou 1,427,800 jardas quadradas.

E ainda mais a leste e por conseguinte no limite da cidade, as Docas das Indias Orientaes *(East-India Docks)*, já immensas, construindo-se outras em acrescimo d'este mesmo grupo com proporções de serem as maiores de todas.

É impossivel verem-se todas estas docas n'um só dia, mas o viajante pressuroso que só podér ver os dois primeiros grupos, calculará o que proporcionalmente serão os restantes.

Quinta excursão.

Typographia do *Times*. Conforme a hora que tiverem marcado na permissão que é necessaria, mas muito facil de obter, assim deve guardar-se esta visita para antes ou depois d'alguma outra que se destinar fazer. A administração costuma marcar a hora da tiragem, que em 1866 era de 42,000 exemplares por dia. Maravilha que só gaste 4 minutos a impressão de 1,000 exemplares que a machina tira de cada vez.

Ponte de Londres *(London Bridge)*. Foi a unica até ha cerca de cem annos, e ainda hoje é a principal. Reconstruida de 1825 a 1831, tem 920 pés de comprimento e largura sufficiente para quatro filas de carros e dois largos passeios para gente a pé. Tem cinco arcos de granito de fórma eliptica, dos quaes o do centro tem 152 pés de vão. É illuminada com riquissimos candelabros de bronze. Commummente passam alli por dia cerca de 170,000 transeuntes a pé e 20,000 vehiculos.

Columna de Londres, chamada vulgarmente o *Monument*, proximo da ponte. Foi construida de pedra calcarea, de 1671 a 1677, pelos planos de Wren, em memoria do terrivel incendio de 1666, que no espaço de 460 ruas devorou 89 egrejas e 13,200 casas, n'aquella epocha avaliadas em 71.335,000 libras. A sua elevação é de 202 pés, tendo em cima um grande globo dourado com raios, imitando um facho. Na base tem relevos representando a cidade de lucto consolada pelo Tempo, a Providencia mostrando com o sceptro a Abundancia e a Paz, e aos lados Carlos II e Jaime II. Tresentos quarenta e cinco degraus lhe dão ingresso, e de sobre ella é que se póde fazer idêa d'aquella immensa Babylonia, vendo, aos pés a ponte em continuo formi-

gueiro, os largos e ruas proximas coalhadas de povo, milhares de vapores sulcando o Tamisa, outras pontes, caminhos de ferro, etc.

Alfandega *(the Custom House)*. São os escriptorios onde se registram as mercadorias do porto de Londres, n'um edificio a leste da ponte, o qual tem 480 pés de frente para o rio, e n'elle são empregadas 2,200 pessoas.

Alli proximos ficam um immenso mercado de peixe e duas associações opulentas, a dos negociantes de peixe ricamente decorada, e a dos negociantes de carvão, que é uma especie de praça de commercio, com bôas decorações, um jardim, etc.

Sexta excursão.

O *New Record Office* é um archivo em que se guardam documentos preciosos, como doações, actas, abdicações, tractados de paz, etc. Este edificio ha de ter quando prompto 228 salas de 25 pés de comprimento, 12 de largura, e 15 d'altura, construidas á prova de fogo, isto é, de pedra, cal, tijolo e ferro, inclusivè portas, janellas e caixilhos. Das 228 salas estão já 80 promptas e funccionando no sentido de bibliotheca, aonde se póde ir consultar qualquer documento.

O *Temple* foi um antigo convento de templarios, e hoje é um quarteirão assim denominado, com uma egreja, reconstrucção moderna da egreja antiga, uma bibliotheca, um jardim, claustros antigos, e uma corporação de advogados ou jurisconsultos.

Charing Cross e *Trafalgar Square* é uma só praça com um nome em cada extremidade: a primeira tem a estatua equestre de Carlos I, e a segunda a columna de Nelson, construida de pedra calcarea, no estylo co-

rinthio; tem de elevação 145 pés, e a estatua de bronze 17 pés, com baixos-relevos na base reproduzindo episodios das suas principaes batalhas. Fazem uma especie de cortejo á columna a estatua equestre de Jorge IV e duas pedestres, a do general sir Henry Havelock e a de sir James Napier.

Northumberland. O palacio d'este duque é digno de ser visitado pelas suas decorações e galeria de quadros.

A ponte do Waterloo, construida em 1817, é linda e offerece uma boa vista sobre a margem opposta.

O resto d'esta excursão deve aproveitar-se na galeria nacional de pinturas, por onde principiaremos a seguinte

Setima excursão.

A *National Galery* está situada em edificio pouco notavel, e, apezar de ter alguns quadros de merecimento, não é, nem poderá ser senão por acontecimentos extraordinarios, digna da capital, que nos occupa.

Os governos attentos a outros engrandecimentos descuidaram-se d'adquirir obras primas, quando ellas se offereciam á venda. Cederam o passo a outros, e hoje deve ter-se quasi como impossivel que os quadros capitaes venham a sahir das collecções, onde existem.

Foi inaugurada em 1825 por 38 quadros comprados no leilão d'um particular. Em 1852 reunia 185, em 1858 contava 266, e em 1866 possuia já 662. Entre as telas notaveis tem um Ecce Homo de Correge, um Anjo com o Menino Jesus no colo e no fundo a Virgem orando, por Ghirlandajo, a Resurreição de S. Lazaro por Sebastião del Piombo, Bacco e Ariana por Titiano, Christo morto por Francia, a Virgem adorando

o Menino, tendo aos lados Tobias e os archanjos Miguel e Raphael por Perugino.

Oitava excursão.

O *Somerset-House* palacio que tem de frente 700 pés, e é decorado com muitos bustos e estatuas.

O *Royal College of Surgeons* é uma eschola de cirurgia com um magnifico museu anatomico.

O *Soane Museum* é excellente, museu particular, por uma infinidade de objectos e copias de esculpturas e architecturas antigas, e uma sala com pinturas, sendo as mais notaveis a Vida d'um devasso por Hogarth em 8 quadros, e algumas vistas de Canaletto.

Perto d'alli está a casa em que morou sir Robert Peel, na qual existe uma preciosa collecção de pinturas de Rubens, Van-Dyck, Ostade, Mieris, Wouverman, Paulo Potter, Ruysdael, Sneyders, Cuyp, assim como dos melhores pintores inglezes.

O *Royal United Service Institution Museum* é composto d'uma collecção em cinco secções dos diversos ramos das sciencias applicadas com relação ao exercito e á marinha, com modêlos em alto-relevo, sobresahindo a batalha de Trafalgar, as fortificações de Sebastopol figurando as posições das tropas que a sitiaram, e a batalha de Waterloo com 190,000 figurinhas. Ao lado d'este fica o museu das Indias Orientaes *(East-Indies Museum)*, com muitas armas e utensilios indianos.

O Parlamento *(the new palace of Westminster)*, construido em 1840, occupa um espaço de 8 acres ou 38,720 jardas quadradas. Tem 900 pés de frente para o Tamisa, 11 lagos ou páteos interiores, e quinhentos e tantos compartimentos; tres torres, uma ao norte

com 320 pés d'elevação, uma ao sul com 330 e outra ao centro com 300. O effeito é verdadeiramente grandioso, realçado pela perfeição do trabalho tanto interior como exterior, cujas menores partes são sempre fieis ao estylo gothico inglez do XV seculo, chamado estylo Tudor. As decorações são todas do mais apurado gosto. No alto da escada principal segue uma galeria de 130 pés de comprimento, decorada de pinturas a fresco representando a batalha de Waterloo, tendo no centro Blucher e Wellington dando-se as mãos. Tem em seguida uma rica sala ornada no mesmo estylo.

A sala dos Lords tem 90 pés de comprimento, 45 de largura e 45 d'altura, e é um verdadeiro modêlo do mais rico estylo gothico em architectura e ornamentos; é illuminada por 12 janellas ogivaes com vidros de côres em que se vêem os differentes monarchas inglezes. Dezoito nichos entre as janellas conteem estatuas dos cavalleiros que forçaram o rei João Semterra (fallecido em 1216) a assignar a primeira constituição da Inglaterra, a chamada Magna Carta, que deu fundamento á actual; e as paredes teem bellas pinturas a fresco. Na extremidade sul alguns degraus dão accesso a um riquissimo throno com duas poltronas aos lados debaixo d'um soberbo docel, tudo dourado, para a rainha nos actos d'abertura ou encerramento das camaras. Ao lado do throno e ao mesmo nivel das poltronas acha-se um divan para o lord-chanceller, e defronte as tribunas do publico, tendo por baixo a galeria dos tachigraphos

Sahindo d'esta sala e tomando-se um extenso corredor, encontra-se egual systema de divisões no lado opposto do edificio, onde existe a sala dos Communs. Esta sala tem 69 pés de comprimento, 45 de largura e 45 d'altura, com 12 janellas de vidros de côres re-

presentando as armas das differentes cidades; mas as decorações são menos ricas que na dos Lords. No centro ha uma immensa sala octogona chamada sala central, que tem 75 pés d'elevação e 68 nichos para estatuas, e o pavimento de lindo mosaico ou asphalto de côres. O corredor central conduz ao sul á camara dos Lords e ao norte á dos Communs, e achando-se as portas abertas estará o presidente d'uma á vista e em face do da outra camara, ou as tres salas em perfeita communicação.

O resto das estancias é de menos interesse e menos accessivel ao visitante. O exterior do palacio apresenta a apparencia de tres immensos andares com as torres ao centro e aos flancos. Descendo-se do lado de Westminster, passa-se por um vestibulo d'abobada sem columnas, de 239 pés de comprimento, 68 de largura e 92 d'altura, que dizem ter sido o primitivo parlamento, e a que se ligam importantissimas tradições historicas.

Nona excursão.

A Abbadia de Westminster foi reconstruida por Henrique III e seu filho Eduardo I em principios do seculo XIII. É em fórma de cruz latina, com 406 pés de comprimento, 203 largura no transepto e 101 d'altura.

A parte mais célebre d'este templo é a capella de Henrique VII da casa de Tudor, construida por traz da capella-mór, extendendo por tanto o comprimento da egreja a 490 pés. Westminster é o Pantheon dos mausoleos de pessoas mais ou menos célebres. O edificio é em estylo inglez da primeira epocha, á excepção das torres construidas no seculo passado, e da capella de

Henrique VII, verdadeiro primor d'arte, de fins do seculo XV.

Entre os tumulos d'esta capella sobresahem os de Henrique VII e sua mulher Izabel: excellente trabalho do italiano Torregiani no principio do seculo XVI: é um monumento de marmore, gradeado em redor, a que estão sobrepostas estatuas de metal. São notaveis na mesma capella os mausoleos de Maria Stuart, infeliz rainha d'Escocia, mãe de Jaime I d'Inglaterra; Margarida Douglas, neta de Henrique VII; rainha Izabel, rival de Maria Stuart; duque de Montpensier, irmão de Luiz Philippe, havendo outros muito menos notaveis como obra d'arte.

No corpo da egreja e nas outras capellas notam-se de preferencia os mausoleos de:

St.º Eduardo o confessor,	fallecido	em	1065
Giles Daubenay	»	»	1507
Lord Norris e seus 6 filhos	»	»	1601
William Shakspeare	»	»	1616
Eduardo Talbot	»	»	1617
J. Gascoigne Nightingale	»	»	1725
Duque de Greenwich	»	»	1743
General Wade	»	»	1748
Lord Mansfield	»	»	1793
Capitão Montague	»	»	1794
Charles James Fox	»	»	1806
William Pitt	»	»	1806
James Watt, engenheiro	»	»	1819

Esta abbadia tem annexos uma eschola e um hospital.

Fica perto a galeria nacional de retratos d'auc-

tores inglezes, que conta 170 escolhidas telas, apezar da sua recente fundação.

O grande hospital de Chelsea para invalidos militares.

O *South Kensington Museum,* ao sul de Hyde-Park ou na extremidade occidental de Picadilly, fundado em 1851 com o fim de propagar as artes em todas as classes, organisa concursos e distribue premios publicos; compra e expõe obras d'arte; possue uma bibliotheca d'obras que lhe são relativas; sustenta uma eschola de bellas-artes; tem um museu de objectos d'esculptura, e moldes d'architectura, já seus, já emprestados para alli expor; uma galeria de quadros d'auctores inglezes a mais completa que existe, e a admiravel collecção de cartões de Raphael vinda de Hampton-Court.

Os jardins de Kensington estão junto do velho palacio d'este nome, que encerra uma collecção de quadros antiquissimos de muito merecimento.

Hyde-Park. No angulo sudoeste d'este passeio eleva-se uma estatua equestre que as damas de Londres erigiram a Wellington e a seus companheiros d'armas, fundida por Westmacott, do bronze tomado aos francezes em Hespanha e Waterloo. Hyde-Park é, á similhança do bosque de Bolonha, o passeio favorito do grande tom. Quem quizer avaliar o luxo que alli se ostenta, ha de achar-se das 5 ás 7 horas d'uma tarde de primavera nas proximidades do rio artificial chamado Serpentina, e então verá milhares de faustosos trens com lacaios empoados, um sem numero de cavalleiros e innumera gente a pé, formando uma variedade só descriptivel por pessoa competente que faça d'isto especialidade, e que saiba tirar partido de tantos contrastes. Em França, por exemplo, velho ou no-

vo, bonito ou feio, um individuo é sempre prazenteiro: é esta uma das feições da população. Em Inglaterra, ainda que mais trivialmente se encontrem individuos austeros e inflexiveis, tractando a todos do mesmo modo, a uma senhora como a um homem, não é raro encontral-os tambem gamenhos até ao ridiculo, ou excentricos até á insociabilidade; e estas qualidades manifestam-se mais ou menos nas maneiras d'apresentar-se em publico. O Hyde-Park, *rendez-vous* de todas as classes, é o lugar que mais se presta á analyse do estrangeiro.

Este grande parque, se bem que menor e de menos gosto que o bosque de Bolonha, não deixa de ser agradavel em geral e em alguns sitios até lindissimo, como o que já mencionamos nas proximidades do Kensington-Park com o qual communica, formando juntos uma extensão de $1^1/_2$ por quasi $^6/_8$ de milha de largura, contribuindo este ultimo com mais d'uma terça parte. O rio artificial que os aformosêa a ambos, chamado Serpentina, tem uma grandiosa ponte, e banha mais de dois terços d'ambos os passeios.

Decima excursão.

O mais extenso de todos os passeios é o Regent-Park, na extremidade norte da cidade, pois com as suas dependencias Albert-Park, Zoological-Garden e Botanic-Garden tem 492 acres ou 2.284,480 jardas quadradas (ou cerca de milha de comprido por mais de $^6/_8$ de milha de largo).

O jardim zoologico aqui estabelecido, pertencente a uma sociedade particular, passa por um dos melhores que existem, e por isso uma visita, ainda que ligeira, não é possivel fazer-se em menos de quatro ho-

ras, o que não deixa tempo sufficiente para ver n'um só dia as outras partes do parque, que são lindissimas, especialmente o Albert-Park, Primrose-Hill, collina d'excellente vista.

Undecima excursão.

Park de St. James, ao sul do palacio do mesmo nome e da rua de Piccadilly, é um lindo passeio com mais de meia milha d'extensão por um quarto de milha de largura.

Green Park, ao sul do precedente, e o parque do palacio de Buckingham, alli proximo, são dois passeios quasi eguaes e excellentes.

Tendo em principio fallado do Park Victoria, a léste de Londres, resta somente mencionar o Batersea Park, unico parque grande ao sul do Tamisa, com agradaveis vistas sobre o rio. É um passeio de tres quartos de milha de comprimento por meia milha de largura.

Duodecima excursão.

Ao amador de bellas-artes ou de historia natural offerece Londres um magnifico museu, um dos primeiros em algumas especialidades, taes como esculptura grega pelas que houve do Parthenon, e esculptura assyria pelas descobertas em Ninive.

Decima-terceira e decima-quarta excursões.

St. James Palace, com quadros dos melhores mestres de todas as escholas.

Buckingham Palace, com uma collecção de quadros allemães e flamengos.

Grosvenor House, do marquez de Westminster, excellente galeria com quadros de todas as escholas.

Stafford House, do duque de Souterland, tambem notavel em todas as escholas.

Lansdowne-House, com bons quadros e esculpturas.

Apsley-House, do duque de Wellington, com alguns quadros excellentes, principalmente um de Correge, «Christo no Jardim das Oliveiras.»

Bridgewater-House, grande e excellente galeria de quadros notaveis e muitos desenhos.

Bath-House, collecção de quadros quasi só flamengos.

Para obter a permissão d'entrada ou mesmo qualquer explicação para visitar estas collecções, existem especie de agentes: Pall-Mall street 14, snr. Colnaghi; St. James street 1, snr. Sams; New Bond street 137, snr. Smith; Old Bond street 33, snr. Michel.

Decima-quinta excursão.

Hospital de Greenwich. Ha differentes maneiras de fazer esta viajem; mas a ida no vapor pelo rio, vendo uma e outra margem, e a volta em um logar exterior dos omnibus, é sem duvida preferivel pela vantagem de poder-se ir fazendo uma idêa geral. Ao desembarcar, offerece-se á vista um extenso e largo caes com o grande hospital em frente, dividido em quatro corpos separados. Em 1865 existiam alli 2,700 invalidos da marinha, numero que desceu a 300 por effeito da resolução do governo de fazer dar uma quantia fixa por dia aos que quizessem morar fóra.

Ha tambem alli uma eschola naval com 800 estudantes, e uma galeria de retratos dos homens do mar

que se teem tornado célebres, abrindo a lista á direita o grande Vasco da Gama e á esquerda Christovão Colombo.

O parque de Greenwich occupa mais de 200 acres de terreno, no fim do qual, em uma elevada collina, está o célebre observatorio astronomico d'aquelle nome.

A outra tanta distancia em vapor pelo rio (duas horas) se encontra Woolwich, onde estão os arsenaes, grandes quarteis, estaleiros e fundição de canhões.

Decima-sexta excursão.

Hampton-Court, excellente passeio para um domingo, em que Londres se torna deserta e tristonha, e este logar concorridissimo pelo seu lindo parque, jardim, palacio e excellente collecção de quadros dos melhores mestres, a qual para um verdadeiro amador é digna de mais que uma visita.

De Hampton-Court é costume vir jantar a Richmond, do lado d'áquem do Tamisa, em uma collina de excellente vista e extensissimos passeios.

Fazendo segunda visita a Hampton-Court, póde-se vir por Kew para vêr os excellentes jardins, estufas, museu botanico, etc.

Decima-setima, decima-oitava e decima-nona excursões.

Palacio de Crystal em Sydenham. É um edificio todo de ferro e crystal, formando quatro andares no todo, cinco na fachada central, e uma torre em cada extremidade com dez andares e 284 pés d'altura. O andar nobre compõe-se d'uma extensa nave central de 1680 pés de comprimento, cortada a meio por um largo transepto de 384 pés de comprimento, 120 de lar-

gura e 174 d'altura, que tem n'uma extremidade um immenso orgão e o theatro, cujo espaço livre no transepto é de 240 pés por 120. A nave central é flanqueada por outras naves lateraes menores, divididas em diversos compartimentos, grande parte d'elles formados pelos proprios objectos expostos, como imitações dos differentes generos d'architectura e esculptura desde os primeiros tempos até nossos dias, por exemplo a sala de Pompeia com uma casa romana do tempo de Tito, exactamente edificada e pintada como uma das casas descobertas n'aquella cidade; as duas seguintes, em estylo composito, que conservam productos da industria de Shefield e Birmingham; a sala egypcia, no antigo estylo egypcio; a grega, encerrando copias das melhores esculpturas gregas, Venus de Milo, Laocoon, Niobe, etc.; a Alhambra, uma das mais interessantes, em estylo arabe, e entre outras a sala assyria, imitação d'aquelle estylo do 8.° ao 6.° seculo antes da nossa era, com a parte inferior da fachada do palacio de Korsabad e os immensos homens-touros cujos originaes se acham nos museus de Londres e Paris.

Tres outras salas contendo specimens da architectura gothica da edade media (11.° ao 16.° seculo) e a sala do Renascimento (15.° ao 16.° seculo), todas quatro reproduzem amostras dos melhores edificios de todos os paizes com as competentes indicações, e por isso do maior interesse para o visitante. A sala italiana tem uma parte do palacio Farnese e copias das melhores esculpturas de Miguel Angelo em Roma e Folrença e dos frescos de Raphael no Vaticano. Entre os objectos de phantasia, a sala de cerámica occupa talvez o primeiro logar com as suas porcelanas de todos os tempos e paizes, Sèvres, Meissen, Berlin, Vienna e China, sendo alguns d'estes objectos pertencentes á rai-

nha. Em seguida, na sala dos crystaes, brilham principalmente os da Bohemia.

Nos andares superiores vêem-se diversas exposições de quadros, pela maior parte modernos e inglezes, aquarellas, photographias, gravuras, objectos da India e milhares d'outras coisas, assim como uma galeria de bustos de homens notaveis de todos os paizes.

Quanto ao parque, o accidentado do terreno, o esmero do jardim, o apurado gosto nos kiosques, lagos, cascatas e o grandioso do jogo d'aguas, tornam-n'o o primeiro n'este genero.

Vigesima excursão.

Windsor, morada favorita da rainha, n'uma pequena mas pictoresca cidade d'este nome, a 21 milhas de Londres (1 hora de caminho de ferro). O palacio é um verdadeiro castello no alto de uma collina, flanqueado de torreões e rodeado por grossas muralhas ameiadas, entre as quaes e o palacio ha uma rua circular. Da plataforma da collina e principalmente de sobre um torreão, descobre-se uma soberba vista.

O interior do palacio é notavel, e o visitante deve ir munido d'uma licença que facilmente obtem nos logares que já indicamos. As salas mais notaveis são a de S. Jorge, com 200 pés de comprimento, 34 de largura, e excellentes quadros de Van-Dyck e d'outros; a do baile, com 90 pés de comprimento por 34 de largura, forrada de tapetes de Gobelins; a de Waterloo, com 98 pés de comprimento, 34 de largura e 45 d'altura, e retratos de auctores inglezes; a de Rubens, e a de Van-Dyck com obras d'ambos; a do conselho, ornada de quadros excellentes dos grandes mestres, como tambem o gabinete do rei.

Ao norte do palacio estende-se o pequeno parque, formando uma comprida alameda de tres milhas, no fim da qual está a estatua de Jorge III; e á esquerda vae-se para o grande parque, que fica ao sul e occupa uma extensão de 1,800 acres (8.712,000 jardas quadradas). O lago artificial é immenso, com linda relva, frondosas arvores e agradaveis casas de fresco.

Restam ainda muitas coisas notaveis, já dentro da cidade de Londres, já nos seus arrabaldes, como por exemplo o collegio de Dulvich a 5 milhas da cidade, com uma boa galeria de quadros, etc.; mas tendo-nos alongado de maneira que um visitante não verá tudo quanto descrevemos em menos d'um mez, passamos grande parte d'ellas sem fazermos apreciação mais circumstanciada.

Liverpool (500,676 h.)

Esta cidade em 1700 não passava de 5,000 habitantes, em 1800 tinha 75,000, em 1831 já contava 205:964, e tendo ido a população sempre em augmento, chega hoje a cerca de 500:000.

Não se imagina o seu immenso movimento commercial. As suas docas occupam um espaço de sete milhas, á margem do rio Mersey. Tem uma grande praça de commercio, decorada de bellas columnas de granito polido d'Escossia. Seguem alli o systema de Londres e não o de Paris e outras praças, onde os negociantes se juntam em um só salão. Alli como em Londres, ha um grande salão para entrevistas; cada classe de corretores, segundo a especialidade de suas commissões tem sala privativa, onde se dirigem os ne-

gociantes, que commerceam n'essa especialidade, para realisar as suas transacções.

O tribunal do commercio e a relação occupam cada qual uma extremidade d'um grande edificio, cujo centro é um vasto salão bem decorado, que serve para concertos e bailes em beneficio da pobreza.

No rio Mersey estava fundeado o immenso vapor *Great Eastern*, o maior navio que até hoje se tem construido, e que jamais será imitado, attentos os maus resultados d'esta estupenda construcção. Tem 692 pés de comprido, 82 de largo e 62 d'alto. A sua lotação é de 25,000 toneladas. Tem duas machinas, uma de rodas e outra de helice, com a força de 3,000 cavallos ambas; seis mastros; cinco chaminés; 400 pessoas de tripolação, e commodos para 3,500 passageiros de tres classes, ou 10,000 praças em caso urgente. O leme é a vapor. Fez uma viagem a New-York em 9 dias, e consumiu em ida e volta 7,500 toneladas de carvão. Tem 30 embarcações do serviço de bordo, entre ellas dois vapores que comportam 250 passageiros cada um.

Liverpool, sendo meramente commercial, nada tem de notavel além dos seus grandes estabelecimentos, como a Custom-House em Church-Street, grande bazar, e outros similhantes que tomam um quarteirão inteiro.

Chester (50,000 h.)

Esta cidade, seguindo o impulso da sua visinha, da qual está apenas separada pelo rio Mersey, torna-se d'ella dependente e com ella tem prosperado; pois não tendo em 1831 mais que 25,000 habitantes, orçam-na hoje no dobro por causa da população de Liverpool

que alli afflue principalmente para as casas de campo dos seus arrabaldes.

Tem muitas fabricas, muitos estaleiros de construcção e lindas habitações nos suburbios. É curiosa a parte antiga com os passeios das ruas muito elevados, alguns 3 e 4 metros acima do solo da rua.

Manchester (366,835 h.)

A importancia d'esta cidade é toda fabril, em cujo sentido é o maior centro que existe. Tem uma boa Praça de Commercio, e um grande hospital no sitio em que a sua principal rua (Picadille) fórma uma especie de extenso largo, onde estão as estatuas pedestres de Wellington e Robert Peel, em bronze. Esta rua, principal centro de commercio, tem estabelecimentos vastissimos e muito aceados. Quanto ao geral das outras ruas, são até monotonas, porque as casas, ainda que importantes, teem pela maior parte um unico portão aberto, e o seu movimento é quasi que só interior.

Devem vêr-se entre as principaes fabricas a de Birley em Charlton e a de Dewhurst em Salford, ambas de fiação; a de guardasoes de Wortington, a de estamparia de Thomás Hoylea & C.ª, etc.

Glasgow (458,937 h.)

É cidade activissima, bem arruada e limpa, bem calçada e edificada. Rivalisa com Liverpool pelo seu commercio, e com Manchester pelas suas muitas e mui

importantes fabricas, sendo as mais famosas a Napier's Vulcan Foundry, uma das fabricas de machinas mais consideraveis de toda a Gran-Bretanha, e a St.-Rollox Chimical Works.

Contra o costume das outras cidades, não possue docas no rio que a banha, o Clyde; mas por meio de excavações constantes elle permitte a amarração ao excellente caes n'uma distancia de meia legua, ao qual atracam embarcações de todo o lote.

Tem entre outras uma excellente ponte, magnificos parques, jardins e praças, e as estatuas de Wellington, de Walter Scott, do general Moore e de James Watt, o primeiro que poz em pratica as machinas a vapor. Possue uma boa universidade e alguns outros estabelecimentos d'instrucção e beneficencia, mas é unicamente notavel pela sua importancia commercial e fabril.

Edimburgo (178,000 h.)

É a capital da Escossia e uma das mais lindas e pictorescas cidades de toda a Gran-Bretanha. Tem pouco commercio, e por isso é tranquilla e muito agradavel. Compõe-se de cidade velha e nova; a meia legua da pequena cidade de Leith sobre o golpho de Forth que lhe serve de porto, com excellentes docas. Na cidade velha tem Edimburgo casas mais irregulares, algumas d'uma altura vertiginosa até dez andares. Na parte nova tem bellissimas casas, praças e ruas, sendo as mais notaveis as de Prince's street, Georges' street e Queen's street, todas parallelas.

Tem alguns edificios d'estylo classico, taes como: *Royal Institution,* onde se fazem exposições de bellas-

artes e ha uma collecção d'antiguidades; a *National Gallery*, com uma bella collecção de quadros; e a egreja de St. Giles, em estylo gothico escossez. No geral porém os edificios são mais modernos, predominando n'elles a vastidão, solidez e simplicidade; taes são: o Banco Commercial, em estylo grego; a High School, no mesmo estylo; os hospitaes Heriot, Donaldson e Stewart, e outros estabelecimentos. Possue uma universidade com 1,100 estudantes, um excellente museu de historia natural, um grande e precioso archivo *(Register House)* com cento e tantos compartimentos, e além d'outros importantes edificios algumas antiguidades curiosas, como o *Castel*, antigo palacio real no qual se podem vêr os diamantes da corôa d'Escossia, e que está situado sobre um pincaro de rochas d'onde a vista é excellente; e o *Holyrood*, palacio onde mostram os aposentos da infeliz Maria Stuart, as ruinas da antiga capella, etc.

Tem muitos e bons parques, jardins e praças com monumentos, como um a Wellington, um a Nelson, um a Walter Scott e outro nacional em memoria da batalha de Waterloo.

De Edimburgo fazem-se lindissimas excursões a Hawthornden, Roslin Castle, Apprentice's Pillar, á abbadia de Melrose, na pequena e pictoresca cidade do mesmo nome, e querendo alongar mais uma legua esta pequena excursão, póde vêr-se o lindo castello de Walter Scott e a abbadia de Dryburg.

Dover (30,000 h.)

Somente importante por suas fortificações e por ser ponto quasi forçado para os viajantes que vão do continente.

V

BELGICA

Ostende (16,735 habitantes.)

Cidade com alguma actividade e algum commercio, que é alimentado por bellos canaes e pela navegação que mantem com Dover. Os seus banhos de mar attrahem multidão de banhistas, que em 1867 (agosto) era de dez mil e tantas pessoas, para o que tem bons estabelecimentos, especie de docas com banhos quentes e frios, doces e salgados, formadas por um cáes magnifico. Sobre este tem um extenso e mui lindo passeio, um grande casino e cafés cantantes.

Bruges (47,205 h.)

Foi importantissima pelo seu commercio até o seculo XVI; hoje está elle reduzido quasi a zero, e os seis canaes que a ligavam a Gant, Ostende e outras praças, deixaram de ser suas arterias para o serem de outras cidades vivas. Um terço da sua população é indigente, e por isso os *cicerones* officiosos são alli mui importunos a offerecer serviços. As bellas-artes é que hoje lhe dão importancia, sobre tudo as pinturas de

Hemmeling ou Memling, cujo nome escrevem de quatro fórmas. A mais notavel de suas pinturas é o Relicario de St.ª Ursula no hospital de S. João, onde existem outros quadros do mesmo auctor e d'outros.

A Cathedral de S. Salvador e a egreja de Nossa Senhora são notaveis pelos objectos d'arte que encerram, principalmente pinturas. N'esta ultima vê-se no transepto do sul, no altar de Nossa Senhora, uma admiravel estatua da Virgem com o Menino attribuida a Miguel Angelo. Não recordarei aqui a importancia dás pinturas que se encontram n'estas egrejas, porque são alli conhecidas de todos, os nomes dos auctores fazem o elogio dos quadros, e os mestres importantes achamse apreciados, cada um em seu respectivo artigo, na segunda parte.

O Palacio de Justiça é notavel por uma formidavel chaminé de carvalho que occupa quasi todo um lado da sala. Esta chaminé, obra de Franc de Bruges, é adornada com as estatuas ao natural de Carlos V tendo d'um lado seus avós paternos e d'outro os maternos, tudo de magnifica esculptura.

Depois do que fica mencionado, só tem alguma importancia a academia de bellas-artes com um pequeno museu, e a camara municipal em estylo gothico.

Gant (116,693 h.)

Cidade sobre os rios Escaut e Lys, formando diversos canaes que facilitam o seu commercio e lhe dão animação. Os edificios mais notaveis são:

A casa da camara com duas fachadas differentes, a do norte d'estylo gothico terciario principiada em

1481, e a de leste em estylo da Renascença reconstruida de 1595 a 1628. Esta ultima fachada tem tres ordens de columnas sobrepostas, a primeira em estylo dorico, a segunda jonica e a terceira corinthia. No interior admira-se uma importante escadaria e a sala do throno.

A universidade, com uma excellente sala em fórma de rotunda, decorada d'uma galeria circular formada por 18 columnas corinthias.

O Palacio da Justiça, magestoso edificio de 1844. Tem um peristylo d'ordem corinthia e uma vasta escadaria, que conduz á sala dos passos perdidos com 78 metros de comprimento par 23 d'altura.

A torre quadrada, a que chamam Beffroi, tem 118 metros e é uma especie de vigia collocada no centro da cidade, com excellente vista.

A Cathedral ou egreja de S. Bavon, magnifica por sua ornamentação, com tres naves, muitas esculpturas apreciaveis e pinturas de grandes mestres, inclusivè parte do grande quadro dos dois irmãos Van-Eyck. Ainda são notaveis pelo mesmo motivo as egrejas de S. Miguel e de S. Pedro.

Possue uma grande academia de bellas-artes, frequentada por 700 alumnos, e um museu de pinturas pouco notavel. Tem uma casa de correcção modêlo com 1,200 sentenciados, que alli se occupam em algum mister. Todo o edificio tem capacidade para 2,600 e é a bem dizer uma vasta fabrica em que só admittem homens, assim como a penitenciaria de Namur só admitte mulheres. Tem tambem um magnifico jardim botanico e um soffrivel jardim zoologico.

Anvers (123,571 h.)

Grande praça de guerra e importante porto commercial, para o que tem a navegação do rio Escaut, grandes canaes e excellentes docas. É cercada por uma linha de fortificações, duas grandes cidadellas e outras obras de defeza ainda em construcção.

Teve muitissima importancia commercial até 1576, quando contava cerca de duzentos mil habitantes. O saque a que por esse tempo foi posta e outras causas lhe acarretaram tal decadencia, que em 1790 não chegava a contar 40,000 habitantes. Napoleão I, querendo fazer d'ella uma praça de guerra respeitavel, lhe mandou construir docas e fortificações, de cuja epocha data o seu desenvolvimento constante, a ponto de que tornando-se a linha de fortificações primitivas centro da cidade, foram ellas transformadas em *boulevards* e parques.

O seu edificio mais notavel é a Cathedral, a mais importante egreja gothica dos Paizes Baixos, construida de 1352 a 1411. Tem 117 metros de comprimento, 65 de largura no transepto e 52 no corpo da egreja, ou um total de 56,442 pés quadrados. A torre concluida attinge 151 metros, com mais de 700 degraus; foi acabada por Dom van Waghenmakere em 1530 e é a parte mais bella do edificio. O interior fórma uma cruz latina com sete naves e seis ordens de pilares, e no centro do transepto uma linda cupula octogona com tres ordens de galerias sobrepostas. O todo do templo é d'uma rica e harmoniosa perspectiva. Na extremidade sul do transepto, ao lado da porta que dá para a Praça Verde, resguardada por uma cortina está a obra mais apregoada do célebre pintor Rubens, a sua famosa Descida da Cruz. Perto vê-se um S. Francisco

por Murillo. No lado norte do mesmo transepto está a Collocação da Cruz, pintura de Rubens, tambem auctor da Assumpção da Virgem no altar-mór, e outros quadros em differentes altares; e bem assim algumas importantes telas de Van-Dyck, Otto Vaenius, Van-Diepinbeke e Martin de Vos, de cujo valor se póde ajuizar pelo que vae dito de cada um d'estes mestres na segunda parte e artigos respectivos.

Perto da Cathedral existe a casa da camara, grande edificio, somente importante pela bibliotheca, e archivos, que n'ella existem.

A egreja de S. Paulo tem um curioso Calvario e alguns quadros de Rubens, Van-Dyck, Jordaens, Teniers, Gaspar Crayer, etc.

O museu d'esta cidade é muito notavel pelas pinturas dos melhores mestres de que Anvers se orgulha de ser patria e d'outros nomes respeitaveis, conforme a nota que todos os quadros teem.

A egreja de S. Jayme, que se póde considerar o Pantheon da cidade, tem excellentes esculpturas e admiraveis pinturas de quasi todos os grandes mestres da eschola flamenga. Nota-se alli sobre tudo o mausoleo do grande Rubens ou a sua capella, onde collocaram um quadro em que o fallecido, sob o pretexto d'uma Santa Familia, se reproduziu a si e aos seus: S. Jorge o guerreiro é o proprio pintor, S. Jeronymo é seu pae, o Tempo é seu avô, um Anjo é seu filho mais novo, St.ª Martha e St.ª Magdalena suas primeira e segunda mulheres, e a Virgem uma menina que lhe serviu de modêlo para muitas pinturas, e que elle immortalisou com o nome de «Dama do chapeu de palhinha d'Italia». Sobre o altar está uma bella estatua da Virgem que o proprio Rubens levou d'Italia, e

todo o monumento é executado por um desenho que elle deixou.

Diversas outras egrejas são egualmente notaveis por pinturas e esculpturas mais ou menos importantes, como a dos Agostinhos, de St.º André, de St.º Antonio e de S. Carlos, e uns frescos modernos mas notaveis, pelos pintores Guffens e Sweerts, representando S. Jorge, Christo e os Evangelistas, na egreja de S. Jorge ainda em construcção.

Depois d'estes edificios só resta citar o palacio real, o theatro e a casa em que Rubens falleceu.

Possue ainda um excellente jardim zoologico, um jardim botanico, excellente parque, as cidadellas, o arsenal de guerra, etc.

Bruxellas (cerca de 200,000 h.)

A população sempre crescente d'esta capital era pelo ultimo recenseamento 185,982 habitantes, e com os arrabaldes 300,341. Os seus cafés, excellentes *boulevards*, magnifico parque e habitos francezes, auctorisam o nome que lhe dão de pequeno Paris.

O parque fórma um quadrilongo de 450 metros por 300, cortado por tres grandes ruas ao comprido e duas ao través. Tem arvores seculares, bôas estatuas, principalmente as de Diana e Narciso, perto do grande jorro d'agua, cafés cantantes, etc. Todos os dias de verão toca alli uma excellente musica.

Aos lados ficam o palacio do rei, o ducal ou do principe d'Orange e o da Nação, onde se reunem as duas camaras. O vestibulo é ornado de muitas estatuas antigas, e o interior tem algumas boas pinturas modernas.

O palacio da Industria encerra uma collecção de modêlos e a grande bibliotheca com 200,000 volumes impressos e cêrca de 20,000 preciosos manuscriptos, e uma secção de estampas e gravuras.

Contigua fica a academia de bellas-artes, sciencias e lettras, e um museu com algumas esculpturas e quadros de pintores antigos, e bem assim um excellente museu de historia natural.

Na pequena praça do Petit-Sablon existe o palacio do duque d'Aremberg, que tem uma galeria de preciosos quadros, e magnificos jardins.

Em pinturas modernas são notaveis as do fallecido pintor Wiertz em uma casa em fórma de ruina artificial, hoje pertencente ao governo e proxima ao jardim zoologico, sobre uma collina. Estas pinturas, algumas das quaes são frescos nas paredes, representam: Um grande da terra, Forja de Vulcano, Combate do bem e do mal, O ultimo canhão, Combate em volta do corpo de Patroclo, Christo triumphante, todas de grandes dimensões; e entre as pinturas menores: Visão d'um decapitado, Leão de Waterloo, Orphãos, Fome, Loucura, O crime, Despertar d'um enterrado vivo, Suicidio, Bofetada d'uma dama, Napoleão no purgatorio, e o Porteiro.

As egrejas não são muito notaveis; sobresahem no entretanto a de S. Miguel com alguns bons monumentos e superiores pinturas nas vidraças antigas, e a de Nossa Senhora da Capella com esculpturas e pinturas antigas.

Bruxellas possue além d'isto uma universidade e diversos outros estabelecimentos d'instrucção e beneficencia, e alguns monumentos, como: uma estatua a um general francez; a columna da Constituição de 47 metros d'altura, tendo em cima a estatua de bronze do

rei Leopoldo I, e quatro outras de bronze no pedestal symbolisando as liberdades de imprensa, de ensino, de associação e de cultos, e baixos-relevos com as provincias; o monumento aos condes Egmont e Horn, victimas da dominação hespanhola; e o monumento aos martyres de 1830 na praça do mesmo nome: é em forma de crypta, onde se vêem especies de catacumbas com os nomes das victimas d'esta revolução debaixo d'uma galeria de arcadas, em placas de marmore preto com lettras douradas: no centro, sobre um grande pedestal, está a estatua collossal da Belgica livre escrevendo no livro da historia as datas de 23, 24, 25 e 26 de setembro; a seus pés está um leão deitado e cadeias quebradas, e a cada angulo um genio ajoelhado.

Não nos sobra espaço para dar idéa do jardim zoologico, jardim botanico, theatros, cafés cantantes, uma soberba passagem envidraçada, etc.

Excursão a Waterloo.

A tres quartos d'hora de Bruxellas, indo n'um carro, encontra-se a floresta de Soignes, pertencente á corôa, e parte da qual foi cedida pelo rei dos Paizes-Baixos ao duque de Wellington com o titulo de principe de Waterloo, povoação que fica a cêrca de 15 kilometros de Bruxellas. Com um plano da batalha que alli se compra por preço modico, póde-se fazer uma idéa aproximada da memoravel lucta que em 18 de junho de 1815 decidiu dos destinos da Europa.

Todas as nações que n'ella tomaram parte, teem alli seus monumentos. O principal é a montanha do Leão, no logar em que foi ferido o principe d'Orange: tem 45 metros d'altura; a sua fórma é circular na base, diminuindo de largura gradualmente á medida

que vae subindo, de maneira que no fim de 235 degraus tem apenas o espaço para um imponente pedestal de granito, e sobre elle um formidavel leão de bronze fundido das peças tomadas aos francezes, com uma das mãos sobre um globo e a bôcca aberta para o lado da França.

Nas proximidades da collina chamada monte de S. João, está uma pyramide truncada, monumento inglez, e perto uma columna d'um general da mesma nação; á esquerda, na aldêa de Placenoit, o monumento prussiano, de metal fundido, especie de torreão gothico com quatro faces e nomes inscriptos; na herdade de Haie-Sainte, um gradil com uma lapide, monumento hanoveriano. Uma capella no centro de Waterloo, erecta em 1855 para commemorar a batalha, tem lapides d'officiaes de todas as nações alliadas.

Liége (104,905 h.)

Cidade activa, florescente e ao mesmo tempo a mais linda e pittoresca de todo o reino, em razão das montanhas e valles que a rodêam, com riquissimas minas de carvão de pedra que alli se exploram com grande proveito. A sua principal industria é a fabricação d'armas de fogo. Os edificios mais importantes são:

O Palacio da Justiça, em estylo do Renascimento; o palacio provincial, no mesmo estylo; a Cathedral de S. Paulo, a egreja de S. Jayme, a de St.ª Cruz e outros templos; mas principalmente o de S. Jayme é uma das mais lindas egrejas do estylo ogival terciario.

Tem uma grande universidade com 41 lentes e 800 e tantos estudantes, um grande e bem decorado

theatro, a estatua equestre do imperador Carlos V e varias pedestres, duas excellentes pontes sobre o rio Meuse, além d'outras menos importantes, duas grandes cidadellas, uma importante fundição de canhões, um bom jardim zoologico, um jardim botanico, bellas alamedas, uma linda passagem envidraçada com uma cupula no centro, etc.

VI

HOLLANDA

Rotterdam (118,837 h.)

Situada na margem direita do rio Meuse, que alli recebe o Rotte d'onde lhe vem o nome. Está cortada de canaes e grandes bacias para ancoradouro dos innumeros navios de todos os lotes com que mantem um animadissimo commercio com as colonias. As edificações são de tijolo, mas elegantes, á excepção de um pequeno numero que são de pedra, como a Bolsa com arcadas exteriores.

O museu d'esta cidade tem uma boa collecção de telas, pela maior parte flamengas.

Possue a estatua d'Erasmo, no grande mercado, a de Gisbert Karel van Hagenhorps, e um monumento ao grande poeta Tollens; um jardim botanico, e muito bons parques.

Haya (90,000 h.)

É uma cidade pacifica, com pequeno commercio, mas florescente. É alli que reside a côrte e o corpo diplomatico. Poucas cidades haverá tão aceadas, tornando-se digno de nota não só a limpeza das ruas e praças, como tambem o cuidado com os edificios publicos, egrejas, museus, hoteis, theatros, etc., ou com os particulares, como lojas de commercio, officinas, etc.

Tem uma estatua equestre de bronze de Guilherme 1.º o Taciturno, e duas pedestres do mesmo metal de Guilherme 2.º e do principe d'Orange. O antigo palacio dos principes d'Orange e outros edificios contiguos formam no centro um grande pateo com a apparencia d'um só palacio, e é alli que se acham diversas secretarias, a camara dos deputados, a repartição das loterias, a galeria de pinturas e uma collecção de curiosidades do Japão, da China e das colonias. A galeria de quadros conserva tresentas e tantas telas de merecimento, mas a maior parte de mestres hollandezes ou flamengos.

Haya tem lindas ruas, bellas praças, excellentes alamedas, e um grande bosque onde existe um palacio real chamado a casa do bosque, em que reside o rei. Esta residencia, mandada edificar pela viuva de Frederico Henrique d'Orange em 1647, tem uma simples apparencia de casa de campo, mas é decorada com muito gosto. Na parte accessivel aos visitantes, que é o pavilhão da direita, existem as salas japoneza e chineza, forradas de sedas bordadas a côres, representando passaros exoticos dos mais brilhantes matizes; um salão com duas grandes pinturas a grisalho executadas por Wit, representando Meleagro e Atalanta, e Venus com Adonis, ambas imitando relevo; a sala octogona,

chamada sala d'Orange, é a mais notavel por causa das pinturas de Jordaens, que occupou o lado principal com a allegoria do principe d'Orange victorioso sobre todos os vicios; e nos outros lados ha pinturas de Van-Thulden, Zontman, Bray, Grebber, Lievens, Cesar van Everdingen e Honthorst, todos da eschola de Rubens.

A tres quartos de legua da cidade fica a linda villa de Scheveningen com 7,496 habitantes, que são pela maior parte pescadores, e onde existe uma das mais excellentes praias de banhos de mar. Encontram-se alli vastos e bem servidos hoteis e lindissimas habitações particulares.

Leyde (39,294 h.)

A mais antiga cidade da Hollanda. É atravessada por um braço do Rheno. No centro da cidade ha um antigo castello com ameias sobre uma collina, que a domina toda. Perto fica uma bôa e grande egreja consagrada a S. Pancracio. A pequena distancia está uma ponte coberta, que é a praça dos cereaes; e em seguida a rua Larga, em que está situada a camara municipal, onde se vêem algumas bôas pinturas: a Crucificação, por Cornelio Engelbrechten, o Juizo final, por Lucas van Leyden, e outros qüadros por Flink, F. van Mieris, Van Merk, etc. A egreja de S. Pedro, a maior de todas, serve de Pantheon dos homens notaveis, aos quaes tem muitos monumentos.

Possue diversos museus muito curiosos, um d'historia natural, outro de curiosidades japonezas, chinezas e variedades asiaticas, um d'esculpturas, tumulos, lapides com inscripções antigas, um bom jardim botanico, alamedas, etc.

*

A universidade de Leyde é de grande reputação e frequentada por seiscentos e tantos estudantes.

Harlem (20,916 h.)

Cidade notavel pelo aceio e pela cultura das flores, principalmente tulipas, cujo commercio em meiados do seculo XVII assumiu taes proporções, que se calcularam em alguns milhões de florins as transacções sobre cebolas d'esta flôr, sobre tudo em 1636 e 1637; e ainda hoje faz um grande negocio com a horticultura.

Ha alli uma grande egreja, a de S. Bavon, que tem 138 metros de comprimento, alguns monumentos e um immenso orgão de 4 teclados, 64 registros, e 5,000 tubos, alguns dos quaes teem 15 pollegadas de diametro.

A casa da camara encerra algumas bôas pinturas.

Ao sul da cidade fica o bosque de Harlem, excellente floresta cortada por lindas ruas, que são aformoseadas por cafés, ou sociedades particulares disseminadas. N'esta floresta existe uma linda casa de campo em fórma e com o nome de Pavilhão, mandada construir para um banqueiro d'Amsterdam e hoje pertence á corôa, e n'ella ha uma collecção de pinturas contemporaneas.

Fazem-se d'alli bôas excursões, principalmente a cêrca d'uma legua á povoação, cheia de jardins, de Bloemendaal.

Amsterdam (271,764 h.)

Grande emporio de commercio maritimo, e por

isso d'uma animação extraordinaria. A sua edificação é *sui generis*, pois repousa sobre pilares e estacas em um terreno conquistado ao mar. O seu arruamento torna-a uma Veneza de muito melhor gosto; porque em logar das monotonas ruas somente d'agua da cidade italiana, são as d'aqui lindos canaes ao centro bordados d'arvores, de cada lado uma passagem para carros, animaes, etc., e faceando com as casas, largos e excellentes passeios para gente a pé.

A cidade é toda rodeada de muralha, por fóra da qual ha um largo fosso, que serve de communicação com os outros 70 canaes interiores que ligam entre si 88 ilhas por meio de 290 pontes, algumas d'ellas solidamente construidas de pedra e outras de ferro e madeira, com uma parte levadiça que facilita a navegação.

Sendo esta cidade o refugio das victimas das idêas religiosas nos seculos XVI e XVII, tem uma porção de templos das diversas religiões que dão idêa das differentes raças de que se compõe a sua população, sendo os principaes: 10 dos reformados calvinistas, 2 dos wallões, 2 inglezes, sendo um protestante e outro catholico romano, 1 armenio, 3 lutheranos, 1 para os baptistas, 17 outros catholicos, d'elles um grego e 1 jansenista; e os judeus possuem 7 pequenas e 2 grandes synagogas, das quaes a melhor é a portugueza, que foi construida em 1670 pelo modêlo do templo de Salomão.

Ainda que muito importante e riquissima, esta cidade offerece pouco que ver a respeito d'architectura, porque a falta absoluta de pedra obriga a construir quasi que só de tijolo, e d'ordinario em estylos simples. Apezar d'esta circumstancia, vêem-se alguns bons edificios, como por exemplo a Bolsa, que tem um peristylo d'ordem jonica de 18 metros d'altura, formado

por 17 columnas de pedra, e uma estatua de Mercurio no alto.

O palacio real é um grande edificio de pedra, construido em meiados do seculo XVII. É vasto e mobilado com gosto e simplicidade; a entrada porém acanha-o, por causa do pequeno espaço das columnas que sustentam o frontão, o que dá direito a chamarem-lhe palacio sem entrada; ao passo que á Bolsa chamam entrada sem palacio, pois o seu interior não corresponde á fachada exterior. A melhor peça do palacio real é a sala do conselho, revestida de bello marmore branco d'Italia, e medindo 40 metros de comprimento, 20 de largura, e 32 d'altura. A sala d'audiencia é tambem notavel, principalmente por excellentes pinturas de F. Bol, Flink e Wapers.

A casa da camara municipal tem alguns admiraveis retratos por Van der Helst, e outros quadros de Hals, Flink, etc.

O museu ou galeria de pinturas d'Amsterdam é importante, não pelo numero de quadros, (453) nem porque seja completa em escholas, mas porque encerra algumas verdadeiras obras primas, taes como: a famosa Guarda Civica de Rembrandt, o Banquete da Guarda Burgueza por Barth van der Helst, a Eschola de noite, com maravilhosos effeitos de luz, por Gerard Dow, a Guarda Burgueza por Flinck, e outras producções de Holbein, Rubens, Van-Dyck, Kalf, Ruysdael e muitos outros mestres. Além d'esta galeria, existem duas outras legadas á municipalidade por particulares, onde tambem estão excellentes telas da eschola flamenga.

O municipio possue um bom jardim botanico.

Uma sociedade particular conserva alli um dos mais completos jardins zoologicos.

N'esta cidade diversos monumentos se encontram dignos de nota, como a estatua de Rembrandt, em bronze, na praça da Manteiga; uma fonte monumental em memoria das campanhas de 1830 e 1831, etc.

É notavel o arsenal de marinha pelos innumeros estaleiros e fabricas d'aprestos maritimos, assim como um palacio de crystal, que serve para as exposições industriaes e para divertimentos, restaurante, etc.

Arnheim (30,916 h.)

Situada na margem direita do Rheno, n'um logar lindissimo, chamado a Suissa hollandeza porque o terreno é o mais accidentado da Hollanda. Não offerece de notavel ao visitante senão o seu aspecto risonho, sobre tudo nos arrabaldes, onde se encontram quintas bellissimas, com especialidade a do barão de Heckeren a 15 minutos de distancia. Para o lado opposto, o de leste, a uma legua em caminho da povoação de Velp, segue uma cordilheira de collinas todas cheias d'encantadoras casas de campo de gostos variados, com lindos jardins, alamedas, bosques e lagos no estylo das *villas* italianas.

A quem terminar por esta cidade a viagem da Hollanda, contribue ella para ficar-lhe d'este paiz uma impressão das mais agradaveis, pois, seja dicto de passagem, nenhum outro o eguala em aceio, porque é alli geral esta tendencia em todas as classes, nem lhe leva vantagem em robustez, belleza e moralidade dos habitantes.

VII

ALLEMANHA

Colonia (125,172 h.)

Muito manufactureira, porém sem curiosidades, afora a sua Cathedral, que é a obra mais grandiosa da architectura alleman antiga. Tem 132 metros de comprimento, 44 de largura e 45 d'altura; o transepto tem 74 metros, ou tudo uma superficie de 69,400 pés quadrados. O que lhe dá toda a importancia, é o perfeito da sua construcção. As torres hão de attingir 149 metros, tendo a mais alta por emquanto somente 59. Trabalham agora activamente para acabar esta grande obra, principiada em 1248, e a que falta concluir o atrio, fachada e torres. No interior tem muito bons quadros da eschola alleman, principalmente a Adoração dos Magos por Estevão Lochner, proximo á capella dos Tres Reis Magos. Os vidros de côres que tem esta Cathedral, são o que se conhece de melhor n'este genero.

Colonia tem uma formidavel ponte de ferro de 426 metros de comprimento por 20 de largura, que em metade dá passagem a carros e peões, e n'outra metade tem dois trilhos para a via ferrea. Sobre esta

ponte, que atravessa o Rheno, vê-se a estatua equestre do rei Guilherme I.

Esta parte da Prussia é talvez a mais fertil, e sem duvida a sua campina é a mais bella de todo o paiz.

Hanover (74,000 h.)

Cidade com muitos melhoramentos modernos. Tem uma lindissima e importante estação de caminho de ferro faceando com uma excellente praça ajardinada, tendo no centro a estatua equestre de Ernesto Augusto, e aos lados vistosos predios, pela maior parte hoteis. Tem ainda duas outras lindas e importantes praças, a de Waterloo com uma columna em memoria d'aquella batalha e grandes quarteis aos lados; e a praça do theatro.

Tem egualmente um lindo palacio real em construcção.

Uma alameda de 2,222 metros, com quatro filas de magnificas tilias formando uma mui larga rua ao centro e duas menores aos lados, conduz da cidade aos jardins *Herrenhausen*, com um palacio real, jogo d'aguas e dois lindos mausoleos d'Ernesto Augusto e sua mulher, esculptura de Rauch.

A léste d'esta alameda fica o Georgenparc com grandes lagos, jardins e um palacio, que tem uma collecção de esculpturas e objectos de historia natural.

Proporcionalmente é das cidades mais abundantes em passeios, parques, jardins, etc.

O museu nacional encerra uma galeria de bons quadros e objectos d'historia natural. O museu Hausmann, hoje propriedade da corôa, possue egualmente bôas pinturas.

Hanover tem uma estatua a Schiller, e outras muitas coisas notaveis que o viajante deve ver.

Hamburgo (222,231 h.)

É a cidade relativamente mais commercial, e a sua actividade concentra-se na Praça do Commercio, onde da uma ás duas horas, é ordinario reunirem-se tres mil e muitas vezes mais de quatro mil negociantes, não só d'alli senão tambem d'outras muitas praças, de que Hamburgo é o verdadeiro emporio commercial. A sua Bolsa é immensa, bem decorada, e aos lados do salão principal tem duas grandes naves para os leilões de carregamentos ou generos armazenados.

O que mais maravilha, é ver a presteza com que, da fila de barcos que encostam ao caes do rio Elba, carregam ou descarregam a vapor para os armazens á margem do mesmo rio os generos, que depois de conferidos são passados pelo mesmo guindaste para os wagões que do outro lado vem entroncar nos armazens; de maneira que um remettente de Berlin (ou para Berlin) póde no mesmo dia ter noticia de que os generos que remetteu para cerca de 80 leguas, foram conferidos e embarcados no barco tal!

As edificações modernas d'Hamburgo são grandiosas; as ruas largas e bem calçadas; tem bons jardins, muitos cafés e fabricas de cerveja. As excursões em vapor no rio Elba são mui agradaveis.

Berlin (cêrca de 800,000 h.)

Esta cidade em 1650 tinha somente 6,500 habi-

tantes, em 1803 contava 103,000, em 1826 encerrava 220,000, em 1854 chegava a 354,000 e hoje (é verdade que foi com a juncção dos arrabaldes separados pelos muros agora demolidos), apresenta uma população de 800,000 habitantes, sendo o seu maior diametro 1 ½ legua. É a capital da Europa que em menos tempo mais tem florescido.

É muito bem arruada e calçada. Tem um semnumero de grandes e novos palacios. O museu, edificio imponente, com bella columnata no exterior, offerece uma grande collecção de quadros de todas as escholas, alguns dos quaes são de grandes mestres. Tornase muito notavel a disposição e arranjo de todo o edificio, como por exemplo o *rés-de-chaussée*, onde estão as antiguidades e o museu egypcio, cujo solo é de asphalto de côres. É admiravel a escadaria, que no primeiro patamar se abre aos dois lados com extraordinaria arrogancia debaixo d'uma elegante cupula, tendo nas paredes gigantescas pinturas a fresco, bem executadas por Kaulbach; e que representam: 1.° a torre de Babel; 2.° a Grecia no seu apogeu: 3.° a Destruição de Jerusalem pelo imperador romano Tito: 4.° a batalha de Chalons-sur-Marne entre as tropas d'Attila e as de Theodorico, rei dos wisigodos, batalha que foi tam encarniçada, diz a tradição que as proprias sombras dos mortos combatiam nos ares durante a noite: (o combate das sombras é o seu maior merecimento); 5.° chegada dos cruzados a Jerusalem; 6.° reforma da religião por Luthero; com os verdadeiros retratos d'elle, de Frederico o Grande e outros homens célebres.

A galeria dos quadros occupa 37 compartimentos com 1250 pinturas, e, se como as de Dresde, Munich, ou Vienna, não possue as mais afamadas obras d'arte tambem não está pejada de verdadeiras nullidades, co-

mo outras estão. N'este sanctuario das artes não entram producções mediocres; e torna-se por isso importante pela authenticidade das obras, que possue, e por ser um dos mais recommendaveis museus para o estudo das differentes edades da pintura.

A collecção pela maior parte de moldes, tanto de esculpturas como de architecturas antigas, occupa o segundo corpo do museu, chamado, o novo. A collecção egypcia, é rica em esculpturas originaes, que occupam 5 salas.

Além d'este museu, existem a galeria Wagner, legada ao governo em 1861 e encerrando cêrca de 200 quadros modernos; a galeria Ravenna com 147 telas modernas mas escolhidas; e a galeria Raczynski com 157 tambem a maior parte modernas, mas preciosas.

A Bolsa de Berlin é a melhor que existe: o principal salão é decorado d'uma dupla columnata de granito polido formando uma galeria em todo o quadro, e separando-o no centro em dois. Este logar é o preferivel para da uma ás duas horas se ver o movimento de mais de duas mil pessoas, sendo de notar que o espaço comporta mais do triplo.

A magnifica ponte que atravessa o rio Sprée tem bellos grupos d'esculptura, e 51 metros de comprimento por 33 de largura.

Sobre outra ponte está a estatua equestre do grande Eleitor, com escravos aos cantos do pedestal.

Na praça Wilhelmsplatz estão seis estatuas pedestres dos generaes do tempo do grande Frederico fundidas em bronze por Schadow.

Na extremidade Éste do boulevard das tilias chamado—Unter den Linden—é que existe a estatua equestre de Frederico o Grande que é talvez o melhor monumento d'este genero. Aos quatro cantos do pedestal

tem no alto assentadas as figuras da Moderação, Justiça, Sabedoria e Força, e em baixo quatro estatuas equestres dos principaes generaes que com elle fizeram as campanhas. Nas faces do pedestal tem oito ricos baixos-relevos em medalhões de bronze, com o nascimento de Frederico, sua educação, Minerva entregando-lhe a espada, Frederico depois da batalha de Kolin (em que foi batido pelos austriacos), e o resto são os seus gostos artisticos, protecção á industria e a sua apotheose. Sobre o pedestal está a estatua d'elle, que com o cavallo mede 6 metros d'altura. A perfeição em todos os grupos de bronze, mas sobre tudo a vida que se nota nas faces dos quatro generaes, companheiros de gloria do grande homem, provão quanto é justa a reputação de Rauch, seu executor.

Do mesmo Rauch existem ainda seis estatuas tres em bronze e tres em marmore todas pedestres na praça da Opera em honra dos generaes que se distinguiram nas campanhas de 1813—1815.

A porta de Brandeburgo (arco de triumpho) na entrada do parque Thiergarten, é de bello marmore com baixos-relevos, e tem 62 metros de comprimento por 20 d'altura. Sobre ella está um carro a quatro cavallos governados pela figura da Victoria, tudo de bronze, grupo que os francezes levaram em 1806 e os prussianos trouxeram em 1814.

O edificio do arsenal passa por ser um dos melhores que existem, e em petrechos de guerra nenhum o excede actualmente. O *rez-de-chaussée* tem uma infinidade de tropheos bellicos tomados em differentes batalhas. No primeiro andar tem uma linda exposição de cem mil espingardas, e em tropheos no ar innumeras bandeiras tomadas aos contendores. Por traz do edificio está a fundição de canhões, balas, etc., e em

separado vêem-se dezoito grandes modêlos de praças fortes francezas que os prussianos trouxeram em 1814.

O theatro, ou grande opera, é lindo, e dizem comportar perto de tres mil pessoas. Tem Berlin muitos mais edificios notaveis, como a academia de architectura e esculptura, museus de historia natural e zoologia, a grande bibliotheca com 600,000 volumes, muitos e grandes quarteis para tropa, a Academia de Sciencias e a das Bellas-Artes n'um só edificio, a Universidade com 1,600 estudantes, um hospital modêlo, etc.

Nos arrabaldes ha alguns outros monumentos historicos, como a columna da Paz na praça Bella Alliança. É uma columna de granito de 7 metros d'altura, e sobre ella a figura da Victoria, esculptura de Rauch. Esta praça está na extremidade d'uma rua direita com 1 legua, que vai d'um ao outro extremo de Berlin.

Sobre a collina unica d'esta cidade existe o monumento de 1813 — 1815. É uma columna de metal de 20 metros d'altura, cheia de inscripções, baixos-relevos, e estatuas sobre o pedestal, tudo executado pelo insigne Rauch, em memoria dos grandes feitos d'aquella epocha.

O parque Thiergarten, com frondosas arvores, tem $^3/_4$ de legua de comprido e $^1/_4$ de legua de largo, e boas casas, cafés, etc., aos lados; separa da pequena cidade de Charlotenbourg a capital da Prussia. Além d'este grande parque, possue Berlin, um bom jardim zoologico, um jardim botanico, e diversos passeios, cafés cantantes, etc.

Charlotenbourg (14,999 h.)

Tem um palacio real e uma grande quinta, den-

tro da qual está uma capella com os tumulos da rainha Luiza, fallecida em 1810, e de seu marido Frederico Guilherme III, fallecido em 1840, tumulos que teem em cima as estatuas de cada um d'aquelles personagens. Rauch foi o esculptor d'ambos, e a estatua da rainha que figura estar dormindo, é talvez a sua perola; e prova-o a admiração que por ella mostrou Chateaubriand, quando embaixador n'aquella côrte em 1820.

Potzdam (42,863 h.)

Cidade agradavel, mas com pouco movimento, a meia hora de Berlin em caminho de ferro: alli tem o rei um grande e excellente palacio, que é chamado o Versailles prussiano.

Chegando á estação, atravessa-se uma ponte de 114 metros, e em seguida estão os magnificos jardins reaes, lagos, ilhas e estatuas de marmore e bronze. O novo palacio, que é o mais importante, tem alguns bons quadros e é bem decorado; uma das salas, com ornatos de marmore branco, tem 32 metros de comprimento, 20 de largura e 16 d'altura. O gabinete de Frederico II acha-se no mesmo estado em que estava na occasião do seu fallecimento. O theatro é rico. O resto das estancias são bem decoradas, mas a sua principal importancia está nas recordações.

Uma alameda de mais de meia legua vae d'alli á outra extremidade do jardim, onde, perto da sahida, está a grande fonte que repuxa agua a 40 metros d'altura. Em volta do tanque ha doze magnificas estatuas de marmore. Á esquerda, subindo uma extensa escadaria que fórma nove largas rampas, está a 20 me-

tros acima do nivel da grande fonte um lindo palacete acastellado, chamado o castello de Sanssouci, que era a morada favorita de Frederico II, e cujos compartimentos conservam os mesmos objectos no estado em que se achavam, quando elle falleceu; como por exemplo um relogio que ficou marcando a hora fatal do seu passamento, 2 horas e 20 minutos (17 d'agosto de 1786). Subindo-se um pouco mais ao poente tem o laranjal um edificio que no inverno lhe serve de estufa, com lindos jardins aos lados, onde no verão aquellas arvores vêem a ser o principal adorno.

Este edificio tem salas com bellas copias de quadros de Raphael, e do jardim goza-se uma excellente vista.

Perto do castello, mas em sentido opposto ao laranjal, está o fallado moinho de vento que recorda a justiça do grande Frederico. Subindo do castello em direcção ao norte, está a cêrca de 20 minutos, no ponto culminante da collina, uma grande bacia d'agua que tem 50 metros de comprimento por quasi egual largura e 4 metros de profundidade, bacia que é alimentada por maquinas a vapor, que levantam a agua do rio Havel. Esta grande bacia está cercada de ruinas artificiaes e por essa razão chama-se este logar. — Ruinenberg—: alli ha uma torre de 129 degraus cuja vista é a melhor de todas.

Ha ainda mais proximo á estação o castello de Charlottenhof, que é uma especie de *villa* italiana, tendo dentro um hyppodromo, jardins com estatuas, banhos romanos, etc.

Deixo de mencionar por extenso uma infinidade de coisas notaveis, como o palacio de marmore que encerra pinturas e esculpturas, alli proximo e mesmo dentro dos jardins reaes, e muitas fontes notaveis,

como a gruta de Neptuno; o que porem não é possivel passar por alto, é o tempo das antiguidades em fórma de rotunda, por causa da estatua de marmore da rainha Luiza, em que Rauch foi inexcedivel.

Leipzig (90,824 h.)

Esta cidade tem tido grande incremento depois de 1840, passando de mil os predios que desde então se teem construido.

Fazem alli tres immensas feiras annuaes. A segunda, que é no terceiro domingo depois da Paschoa, costuma reunir estrangeiros que muitas vezes excedem a população da cidade. Concorrem a ella judeus, polacos, persas, turcos, etc.

O seu commercio é principalmente de livraria, cuja importancia se póde avaliar sabendo-se que ha alli duzentos e tantos livreiros, quarenta editores, e cento cincoenta e tantas typographias, das quaes mais de cem são mechanicas.

Nota-se a casa em que morou Schiller; uma grande universidade com mais de 800 estudantes; um bom museu; a casa da camara municipal, muitas estatuas, entre ellas uma de Hahnneman, inventor da homœopathia, fallecido em 1843, e muitos estabelecimentos de instrucção e beneficencia.

Leipzig e seus arrabaldes teem por vezes sido theatro de sanguinolentas batalhas, como em 1631 entre Gustavo Adolpho da Suecia e as tropas da liga; em 1706 entre Carlos XII da Suecia e o rei Augusto da Polonia; e finalmente em 18 d'outubro de 1813 entre Napoleão I e os alliados.

A cêrca de tres quartos de legua está um cubo de granito polido que terá 2½ metros de comprido por 2 d'alto, com um bastão, uma espada e um chapeu de tres bicos, no logar onde Napoleão passou o dia 18 d'outubro observando e dirigindo a batalha em que elle travando o combate com 150,000 homens só pôde retirar com noventa e tantos mil, forçado pelos alliados que empenharam n'esta acção 300,000 homens. A perda entre mortos e feridos foi de 45,000 francezes, 21,000 russos, 16,000 austriacos e 14,000 prussianos, e elevou-se o total a mais de cem mil com os contingentes das pequenas nações. O monumento tem d'um lado inscripto: «N'este logar esteve Napoleão I observando a acção durante o dia 18 d'outubro de 1813»; e do outro lado: «Deus é o unico invencivel, seu nome é Senhor!»

Proximo está outro monumento de ferro em fórma d'obelisco, indicando o logar em que os tres monarchas alliados se achavam quando se decidiu a acção. Ha tambem alli uma infinidade de lapides, tumulos, etc., recordando as tres grandes batalhas.

Dresde (156,024 h.)

Capital da Saxonia, situada sobre o Elba. A parte mais commercial, onde está o palacio, a Cathedral, etc., é antiga e mal arruada. Os novos quarteirões que se teem edificado por todos os lados, são lindos e mostram que a cidade vae acompanhando o progresso do seculo.

É todos os annos visitada por um crescido numero de viajantes, que alli vão attrahidos pela nomeada do

seu thesouro d'antiguidades, e, mais ainda, pelo subido valor da sua collecção de pinturas.

O museu de Dresde data de 1746. Augusto III, eleitor de Saxe, e rei da Polonia lançou-lhe os fundamentos, colligindo o que estava disperso, comprando por 450,000 francos a collecção dos Duques de Modena, que já possuia a afamada Virgem d'Holbein, e adquirindo em 1753 por 40,000 escudos (54.000,000 reis) a Madona Sixtina de Raphael, que era propriedade do convento de S. Sixto em Placencia. O fundador e seus successores proseguiram nas acquisições; e tantas, e tam importantes foram ellas, que o museu é hoje talvez o melhor, que existe. Conta 2,026 quadros a oleo, e 176 a pastel. É um dos mais completos na historia da pintura, por ter dignamente representados todos os grandes mestres, e todas as escholas.

Possue verdadeiros primores d'arte. Occupa o logar d'honra a Madona Sixtina, tela de 14 palmos por 10½. Reputa-se o segundo quadro da collecção a Virgem d'Holbein: representa Nossa Senhora com o Menino, e a seus pés o burgo-mestre de Bale. São egualmente paginas capitaes de seus auctores, o Christo della moneta de Titiano, a celebrada Noite de Correge, e em pintura a pastel, a Bella Chocolateira de Leothard.

O thesouro real ou museu de preciosidades é de grande nomeada. Na 1.ª sala, entre uma infinidade de objectos, nota-se um crucifixo de bronze par João de Bolonha. Na 2.ª sala, um crucifixo de marfim e a Queda dos anjos do mal, por Miguel Angelo: este ultimo objecto é um pedaço de marfim de dois palmos, todo aberto a buril, tendo no centro noventa e dois anjos perfeitamente separados, em cima S. Miguel com a espada na mão, e em baixo o Lucifer. Na 3.ª sala,

uma chaminé toda cheia de pedras preciosas de côres, e um Ecce Homo de Raphael Menz. Na 5.ª sala, dois grandes copos lapidados, de crystal de rocha, estimados em 6,000 thalers cada um (10,000$000 reis ambos), e um topazio amarello immenso. A 8.ª sala excede todas as outras, porque quasi todos os objectos são d'ouro e esmalte, em que muito brilhou Dinglinger, appellidado o Benvenuto Cellini de Saxonia. Entre muitos objectos d'elle, sobresahe a Côrte do Gran-Mogol; é uma sala de recepção com cento trinta e duas figuras d'ouro esmaltado de rara perfeição: esta peça é avaliada em 60.000 thalers (50,000$000 reis). Vê-se alli tambem uma placa de onyx, a maior que se conhece, e é avaliada em 18,000$000 reis.

Esta cidade tem muitos outros museus: o historico d'armas e armaduras antigas, um dos mais ricos de Allemanha; o de historia natural e mineralogia, e o japonez e de antiguidades romanas. Tem um lindo theatro, uma bibliotheca com 30,000 volumes, um jardim botanico e zoologico e diversas alamedas, sendo a principal a chamada Terraço. Tem diversas estatuas sendo uma equestre de Frederico Augusto, cujo cavallo está com as mãos no ar, e outras pedestres de bronze dourado e de marmore.

Fazem-se deliciosas excursões ás margens do Elba, aos logares onde principia a Suissa Saxonia, assim chamada pelo accidentado do terreno e arrebatadores pontos de vista.

A viagem d'alli para Praga é pelo valle do Elba, entre duas cordilheiras de montanhas cobertas de verdura, onde se vê um ponto que é perfeitamente como nas margens do Rheno entre Bingen e Bonn.

Munich (170,688 h.)

Bella cidade, capital de Baviera, com bairros novos e uma infinidade de monumentos, estatuas e outros melhoramentos, quasi todos posteriores a 1830. O palacio real é muito bem decorado, principalmente a sala do throno com columnas douradas aos lados, entre as quaes tem 12 grandes estatuas dos ascendentes da Familia real desde Othon Augusto até Carlos XII da Suecia, todas de bronze dourado.

O edificio divide-se em velho e novo: n'esta ultima parte está a soberba sala do throno; na parte velha ha um rico museu de joias, um antiquario d'esculpturas antigas, e uma riquissima capella com altares por Benvenuto Cellini (em ponto pequeno).

Possue esta cidade galerias de quadros magnificos, sendo digna de especial consideração, a chamada Pinakotheca. É um museu valiosíssimo e na Allemanha só inferior ao de Dresde, e rival do de Vienna; pois se alguma coisa perde no tocante á somma das telas, (que no Belvedere é de 1661, e aqui de 1300), compensa largamente esta inferioridade por apresentar maior numero d'obras capitaes dos grandes mestres, e por conter uma das mais completas collecções das differentes edades da pintura alleman, a que somente faltam os primeiros ensaios dos pintores bohemios.

O insigne Rubens tem aqui a mais importante collecção, que d'um só mestre museu algum encerra. Apparece o seu nome em 95 telas, e algumas de tamanho extraordinario: a mais vasta, e a mais importante, de todas é o Juizo Final, (cujas dimensões e analyse, vão no artigo respectivo a este mestre), bastando dizer por agora, que é uma pagina equivalente á da Apparição da Virgem a St.º Ildefonso, do museu de Vienna: en-

tre os quadros mythologicos tem outra obra prima, denominada os Sette Pequenos Triumphadores, representados por 7 genios, que levam uma comprida grinalda de flores e fructos.

Perugino tem alli uma das suas melhores paginas, a Apparição da Virgem a S. Bernardo: Raphael 10 quadros, embora dos menos importantes: Rembrandt uma admiravel Descida da Cruz, que terá um metro d'altura, e pouco menos de comprido: Van-Dyck 41 pinturas em todos os generos, destacando como obras assombrosas dois retratos o d'um Burgomestre d'Anvers, e o de sua mulher, vestidos de preto, que só tem rivaes em retratos pelo mesmo auctor, como o da Condessa d'Oxford, e o do conde de Bristol em Madrid, um outro no museu d'Anvers, e dois na galeria Liechteinstein, em Vienna, etc.

Tem um palacio d'exposição de bellas-artes, chamado Nova Pinakotheca, para os artistas contemporaneos; uma grande fundição de bronzes, onde teem sido feitas as melhores estatuas, não só d'esta cidade, como tambem de muitas outras; duas bôas estatuas equestres, a do rei Luiz I e a do eleitor Maximiliano I, e muitas estatuas pedestres. A estatua Bavaria em frente do Pantheon ou Templo da Gloria, é um verdadeiro colosso: sobre um grande pedestal de 55 palmos d'altura está uma figura de mulher segurando na mão uma corôa de louro, e que mede 99 palmos d'altura; dentro do pedestal ha uma escada de pedra, que no interior da estatua é de bronze em fórma de caracol, e vae com 136 degraus até á cara da mesma, formando aqui um camarim com um sofá para seis pessoas, d'onde pelos olhos da figura se goza d'uma excellente vista. A altura total do monumento é de 164 palmos até á corôa.

O Templo da Gloria, que fica por traz da estatua,

é uma grande galeria circular sobre columnas, com muitas estatuas e bustos de marmore em honra dos homens célebres.

São notaveis: a academia de sciencias e bellas-artes, a universidade com mais de 1,400 alumnos, um magnifico museu d'esculpturas chamado Glypotheca, com 12 salas onde se vêem preciosas esculpturas da grande epocha grega e bem assim dos melhores mestres depois do renascimento.

Vêem-se alli álem d'isto: um Pantheon de generaes em uma galeria aberta como a Loggia dei Lanzi de Florença; um grandioso arco de triumpho com 26^m de comprimento por 23 d'altura, tendo o grupo da Baviera de bronze sobre uma quadriga; um obelisco de bronze de 32^m d'altura em honra do exercito; uma das mais ricas bibliothecas que existem, contendo quatrocentos e tantos mil volumes e 22,000 manuscriptos; muitos templos importantes, principalmente os modernos; diversos theatros, sendo um excellente para 2,500 espectadores; diversos estabelecimentos de charidade e beneficencia, bons parques, jardins, alemedas e outras muitas curiosidades, como collecções particulares, etc.

VIII

AUSTRIA

Praga (117,000 habitantes)

É uma cidade summamente pictoresca e interessante, ainda que antiga e com poucos melhoramentos. A sua população compõe-se de 106,000 bohemios christãos, 60,000 e tantos allemães protestantes e 10,000 judeus. É cheia de recordações historicas, por ter sido theatro das mais sanguinolentas guerras religiosas, como a chamada de 30 annos (1618—1648), e a de 7 annos (1756—1763), que sendo guerra européa foi desastrosa para esta cidade.

Durante a primeira foi Praga tomada e retomada differentes vezes, exercendo-se vinganças atrozes, o que é attestado pelos monumentos de que a cidade está cheia, e o que facilmente se comprehende sabendo-se, que os Jesuitas dirigiam alli o partido dos christãos e do quanto é capaz um povo fanatisado.

Onde isto mais se patentêa é na antiga ponte de pedra, de 516 metros de comprimento por 10 de largura, com 16 arcos formados por grossos pilares que dos lados de fóra são especie de contrafortes, sobre cada um dos quaes sobe acima do parapeito um tor-

reão meia canna. Estes torreões, abertos do lado da ponte, teem cada um seu grupo d'estatuas, uma grande parte ao natural, reproduzindo barbaridades d'uns e vinganças d'outros. Os dois da entrada na margem esquerda tem d'um lado S. Ignacio de Loyola e do outro S. Francisco Xavier; e na margem opposta uma torre mais solida já resistiu a um bombardeamento de 14 semanas, e hoje encerra as estatuas do imperador Carlos IV e de Wenceslau IV.

Parecendo á primeira vista uma cidade pouco importante, merece ser visitada com interesse, porque cada monumento é uma pagina de historia. Os antigos palacios da fidalguia bohemia, quasi todos sem seus donos, dão-lhe um aspecto de tristeza, e os immensos camponezes bohemios e judeus que a frequentam, dão-lhe uma apparencia de feira d'aldêa que por isso mesmo é curiosa. Os edificios mais grandiosos são:

O antigo collegio de Jesuitas, que se compunha do collegio propriamente dicto, seminario, duas egrejas e quatro torres aos cantos, occupando um immenso quarteirão. Hoje aquella massa de edificios encerra uma egreja, o seminario, o lyceu, a academia de bellas-artes, uma collecção de historia natural, uma grande bibliotheca com 130.000 volumes, e o observatorio.

O palacio da familia Wallenstein, com uma grande e rica sala de baile restaurada em 1854. Para o lado do jardim, onde existe um circo que servia para os torneios, fórma uma alta e elegante galeria de arcadas.

O palacio Nostitz, com uma collecção d'esculpturas e bôas pinturas.

O palacio Sternberg, com outra bôa collecção de pinturas.

O museu nacional, com algumas esculpturas antigas e raridades bohemias.

O mosteiro de Stift Strahow, com bons quadros e d'onde se goza excellente vista.

A Cathedral, edificio de rica architectura gothica.

Ao norte da antiga ponte de pedra, construiram depois de 1840 outra de ferro suspensa, que tem 473 metros d'extensão. Entre ellas ha um lindo e largo caes, a meio do qual está uma fonte monumental em fórma de pyramide gothica, de pedra vermelha, com 24 metros, e junto d'elle uma estatua equestre de bronze com o pedestal e um grupo de estatuas de pedra, em honra do imperador Francisco I.

N'uma praça existe outra estatua pedestre em honra do general Radetzky, e na extremidade sudoeste da cidade a estatua pedestre de S. João Nepomuceno e a equestre de S. Wenceslau.

O quarteirão ou bairro dos Judeus é cheio de ruas estreitas e lojas com objectos de toda a especie, muitos d'elles já usados, similhantes a casas de adelos. A synagoga é antiquissima. O cemiterio onde elles se enterram ha mais de dois mil annos, tem o nivel actual a mais de dez metros acima do primitivo, e fórma uma amalgama de lapides sobrepostas verdadeiramente curiosa.

Praga tem um lindo passeio publico chamado Belvedere do Povo, que fica n'uma alta collina sobranceira ao rio, e outro chamado Bastei em sentido opposto, com vistas para o campo.

De Praga para Vienna vae a estrada á vista de verdejantes montanhas á esquerda e grandes campinas á direita, até que a cêrca de duas horas de Vienna as montanhas vão-se distanciando, e á medida que desapparecem vão sendo substituidas por pequenos outeiros, que ostentam durante o verão uma vegetação lindissima.

Vienna (600,000 h.)

Capital formosissima, tendo bellos *boulevards*, ruas bem calçadas, boa edificação, praças arborisadas, grandes estabelecimentos publicos, e em fim um gosto em geral a que só Paris leva vantagem. É banhada por um braço do Danubio e pelo ribeiro Wien que lhe dá o nome.

Até 1858 era muitissimo menor: arrasando-lhe por essa epocha as muralhas, fizeram em seu logar os mais lindos passeios e optimos predios, augmentando a cidade com os arrabaldes d'extra-muros, causa principal do seu rapido crescimento, pois que pelo recenseamento de 1841 não tinha mais de 357,927 habitantes.

A sua Cathedral (Santo Estevão) é de bella architectura gothica, e tem de comprimento 104 metros e no transepto 70, ou uma superficie de 32,400 pés quadrados. A egreja dos Capuchinhos tem os tumulos da familia imperial, e entre elles o do filho de Napoleão I. A egreja dos Agostinhos é notavel sobre tudo pelo rico mausoleo de marmore branco á archiduqueza Maria Christina, por Canova.

No pequeno passeio chamado Jardim do Povo se vê um lindo e pequeno templo grego, construido expressamente para guardar o admiravel grupo de marmore por Canova representando Theseu vencendo o Minotauro.

No pateo do palacio real está um bom monumento em honra do imperador Francisco I, com a estatua de bronze no topo.

Na praça ao sul do palacio estão duas lindas estatuas equestres, a do archiduque Carlos com uma bandeira, levando o cavallo a galope, e a do imperador

José II como que caminhando para a do archiduque.

É curioso e muito notavel o museu das artes e officios.

O hospital passa pelo mais vasto da Europa, e é um estabelecimento modêlo com 3,000 camas.

A imprensa do governo reune todos os ramos da arte graphica, fundição de typos, lithographia, photographia, etc., e occupa oitocentas e tantas pessoas.

A eschola polytechnica está egualmente bem estabelecida, com grandes laboratorios para o ensino da physica e um museu com as novas invenções, etc. Tem 45 professores e 1,000 estudantes.

A universidade é uma das mais acreditadas, principalmente nas faculdades de medicina e cirurgia. Tem 150 professores, 2,500 estudantes e um numero quasi egual de ouvintes.

O thesouro imperial tem grande collecção de joias e reliquias antigas, como por exemplo um brilhante de 27,42 grammas, uma immensa esmeralda de 571 grammas transformada em uma Santa, um collar do tosão d'ouro com 150 brilhantes entremeados de figuras de Santos, o cordão da ordem de Maria Thereza com 548 brilhantes, diversas armas com coronhas cravejadas de brilhantes, um crucifixo de marfim por Benvenuto Celini, e uma infinidade de objectos curiosos.

Ha n'esta cidade muitas galerias de pinturas; como são a do principe Liechtenstein com 1200 quadros, e entre elles seis com a historia de Decio, uma das obras mais afamadas de Rubens; e dois com excellentes retratos de Van-Dyck: a do principe Esterhazy com mais de 800 telas, sobresahindo o famoso Ecce Homo de Rembrandt, e duas Virgens admiraveis, uma de Murillo, outra de Leonardo de Vinci: a Arrach com 400, e a Czernin com mais de 300 pinturas: etc.

A que, porém, se torna verdadeiramente notavel é a galeria nacional do Belvedere. Conta 1661 quadros, e encerra, depois do museu de Dresde, a mais completa collecção para a historia da pintura alleman.

Possue alguns primores d'arte, mas sem ter o numero de paginas gloriosas dos museus de Dresde, e ainda de Munich.

Entre 7 quadros d'Alberto Durer sobresahem os seus dois quadros capitaes, o Martyrio de 10,000 Christãos, por Sapor II, rei da Persia; e a Trindade ou a Religião, (damos d'elles mais copiosa noticia no artigo relativo a este pintor): Rubens tem aqui 46 quadros, e um capi-d'opera, a Apparição da Virgem a St.º Ildefonso: quadro que tem a importancia do Juizo Final na Cathedral d'Anvers. É um tryptico tendo aos lados os commitentes Alberto d'Austria, e sua mulher Clara, ajoelhados deante dos Santos de seu nome, e no centro a Virgem entregando a St.º Ildefonso as vestes de Arcebispo de Toledo. Ha n'esta galeria, (o que é rarissimo fóra de Madrid), entre 4 telas de Velasques, uma importante, em que o mestre se retratou no seu *atelier* rodeado da familia e domesticos. O nome de Titiano figura em 35 pinturas, o de Van-Dyck em 24, e finalmente veem-se aqui representados todos os mestres reputados como insignes.

No Belvedere inferior existe o museu d'esculpturas antigas, e uma collecção d'armas e armaduras antigas chamada a collecção d'Ambras, que é a mais importante n'este genero.

O arsenal de guerra é um novo e vastissimo edificio de 1,120 passos de comprimento por 640 de largura, com torreões ou fortins aos flancos e magnifico arranjo, no qual ainda se trabalha.

Em parte alguma ha mais gosto pela musica, pois

todas as noites ha concertos nos jardins, cafés cantantes, theatros, etc., onde se fazem ouvir os célebres Straus.

Fazem-se muito bôas excursões ás seguintes povoações.

Laxemburgo

Pequena cidade, com um palacio imperial e um excellente parque, onde ha um grande lago, formando ilhas, que se atravessa em pequenos barcos.

Schœnbrunn

Outra pequena cidade com um bello palacio de verão, grande parque, jardins, ruinas artificiaes, jardim zoologico, e sobre uma collina no fim do parque uma especie de terraço que tem excellente vista.

De Vienna para Salzburgo é a viagem muito variada e linda: pena é que a estrada se afaste das margens do Danubio, que só se goza nas proximidades de Linz.

Linz (27,600 h.)

Cidade bem fortificada e com numerosa guarnição. Grande commercio pelo rio Danubio que a banha, e sobre o qual tem uma ponte de madeira de 534 metros de comprimento.

Tem de notavel uma immensa columna no meio

d'uma praça, em honra da SS. Trindade, e curiosidades nos lindos arrabaldes. Apezar das vantagens que tem esta cidade pela sua situação, não apresenta melhoramentos modernos.

De Linz a Salzburgo deixam-se o campo e collinas arborisadas, e encontram-se serras e valles sempre cobertos de verdura.

Salzburgo (17,253 h.)

Muito pictoresca cidade entre grandes montanhas, isoladas em fórma de pinhas. Sobre a do centro está uma fortaleza d'onde se descobre excellente vista sobre a Baviera e montanhas do Tyrol. Tem uma praça com uma fonte magnifica, e outra com a estatua de bronze de Mozart (seu filho). São interessantes as excursões aos arrabaldes, principalmente ao castello de Hellbrunn, cujo parque é cheio d'animaes de caça: tem jardins com jogos d'agua e bons restaurantes á entrada.

Desde Linz se encontram muitos conventos, cruzeiros e monumentos religiosos; e apezar da fertilidade d'esta parte do imperio, é onde elle tem cedido menos ao impulso do progresso.

Insbruck (14,200 h.)

Antiga cidade em um valle cercado pélas immensas serras do Tyrol austriaco. Tem algumas coisas notaveis e muitas recordações historicas, porque em 1706

e 1809 alli se deram sangrentas batalhas entre bavaros e tyrolianos.

A estrada d'aqui por diante é interessantissima, não só em pontos de vista, senão tambem em gigantescas obras d'arte. Sobre uma das grandes montanhas descobrem-se tres immensos zig-zags a extraordinaria distancia uns dos outros, e que os wagões transpoem, espectaculo que em parte alguma se vê, por isso que elles ficam em linha recta pela montanha acima, o que se explica por tomarem os zig-zags tal extensão, que rodêam diversas outras serras.

Bozen (12,591 h.)

Em italiano Bolzano, pequena cidade entre montanhas, ponto de reunião das estadras d'Allemanha, Italia e Suissa, e por esse motivo bastante commercial. Nos seus arrabaldes ha lindas casas de campo com bôas quintas e jardins, onde se vêem plantas exquisitas. Existem tambem ruinas muito curiosas nas visinhanças d'esta cidade.

D'aqui até Trento a viagem é pelas margens do Adige, onde já se encontram muitas devesas de castanheiros, vinhas, etc., á similhança do nosso paiz.

Trento (14,000 h.)

Antiquíssima cidade, toda edificada e calçada de marmore. Na egreja de Santa Maria Maior d'esta cidade reuniu-se o grande concilio de 1545 a 1563.

Seguindo para Verona pelo mesmo valle do Adige, cheio d'amoreiras, vinhas e outras plantas proprias dos paizes meridionaes, havendo porém menos arvoredo nas montanhas, passam-se algumas villas e povoações menores, até que se encontra Verona em uma grande planicie perto das fraldas dos Alpes.

IX

ITALIA

Verona (60,000 habitantes.)

Cidade importante palas suas formidaveis fortificações. Admira-se principalmente n'ella uma grande arena ou circo todo de marmores, do tempo dos romanos, onde cabiam 25,000 espectadores assentados ou 50,000 de pé. Na praça dei Signori, n'um espaço quadrangular e rodeado de gradil, veem-se os tumulos da familia della Scalla, que presidiu á republica de Verona desde 1262 a 1389, epocha em que foram construidos os monumentos: constam estes d'altas columnas de marmore, sustentando sarcophagos da mesma pedra, e tendo sobrepostas a elles as estatuas dos diversos membros da referida familia.

É tambem digna de vêr-se a Cathedral, que tem uma Assumpção da Virgem por Ticiano. A mais linda porém de todas as egrejas é a de S. Zenon, que

tem dentro da porta á esquerda uma grande pia de porphydo de nove metros de circumferencia, e muitas esculpturas ricas.

Padua (51,737 h.)

Cidade muito antiga e mal arruada. Tem digno de ver-se principalmente a basilica de Santo Antonio, cuja construcção principiou em 1259, vinte e oito annos depois da morte do Santo portuguez, e foi terminada em 1424. Tem sete cupulas, sendo a do centro grande e lindissima. Sobre a fachada tem uma bella estatua do Santo. As suas dimensões interiores são 91 metros de comprimento, e nos braços 45 metros de largura, com tres naves. O primeiro altar do lado do sul tem ricos baixos-relevos em bronze representando os milagres de Santo Antonio, pelo insigne Donatello. Na extremidade norte dos braços tem o grande altar de Santo Antonio, isolado e debaixo d'um rico docel sustentado por lindas columnas, entre as quaes, aos lados e no fundo, estão bellas estatuas dos quatro Evangelistas, e em volta do docel a inscripção — *Divo Antonio Confessorum sacrum.* Por baixo do docel mostra o altar o Santo de carne, e em volta nas paredes ha ricos baixos-relevos com os seus milagres. Aos lados das duas columnas que formam a entrada para o altar estão dois formosos candelabros em fórma de palmeira, cujo pé é de magnifico marmore e as folhas de prata ricamente cinzelada. Na egreja existem quadros de merecimento, e no côro um retrato de Santo Antonio em corpo inteiro, o mais perfeito que se conhece.

Ao lado da egreja ha um edificio chamado Escho-

la do Santo, onde se vêem alguns magnificos frescos por Ticiano; e defronte da egreja está uma estatua equestre d'um general veneziano, magnifica obra de bronze por Donatello.

O palacio da justiça tem uma sala que passa por uma das maiores que existem, com 84 metros de comprimento, 28 de largura e 24 d'altura. N'esta sala estão expostas muitas curiosidades antigas. No centro está um grande cavallo de madeira por Donatello, imitação do de Troya.

Ha em Padua outros edificios notaveis, que um viajante curioso deve ver. Foi patria de Tito Livio, chamado por isso o Paduano, etc. Um tremor de terra em 17 d'agosto de 1756 destruiu parte da cidade.

Veneza (124,360 h.)

Cidade que 147 canaes separam em 3 grandes e 114 pequenas ilhas, ligadas por 378 pontes, quasi todas de pedra.

Esta cidade desagrada por monotona. Os seus immensos palacios ennegrecidos pelo tempo, e a falta de animação que hoje alli se nota, comparada á importancia e vida que teve quando rainha dos mares, fazem saltar aos olhos a sua grande decadencia. Todas as praças são pequenas; a maior, que é a de S. Marcos, tem 185 metros de comprimento por cêrca de 80 de largura, e é cercada por tres lados de palacios eguaes, que formam em volta uma bella galeria de arcos regulares; é alli que, á similhança do Palais-Royal de Paris, se encontram os melhores estabelecimentos de joalheiro, modas, cafés, restaurantes, etc. Nas noi-

*

tes de verão a lindissima illuminação da praça, realçada pela dos estabelecimentos particulares, e uma banda marcial, attrahem alli o melhor da sociedade.

Na extremidade leste d'esta praça estão a basilica de S. Marcos e o palacio dos Doges, dois edificios importantes. A fachada da basilica é cheia de mosaicos de côres. Sobre a porta principal tem um carro de triumpho tirado por quatro cavallos, tudo de bronze dourado; este carro ornou um arco do imperador Nero, em seguida outro de Trajano, e sendo por Constantino mandado para Constantinopla, foi de lá trazido por ordem do doge Dandalo em 1204. Napoleão I fel-o conduzir para Paris, sendo em 1815 restituido a Veneza. Da varanda ou saccada, que se sobrepõe ao portico da basilica, é d'onde melhor se admiram os mosaicos e quadriga.

O interior do templo tem mais de pictoresco que de grandioso. As suas 500 columnas de verde antigo, porphydo e marmores de côres, e os mosaicos e dourados que adornam o tecto, paredes e frente, são obras dos seculos XI a XIX. Os mosaicos até 1500 representam pela maior parte scenas do Velho Testamento, como a creação do mundo, o diluvio, a vida de Moysés, etc., e os de 1500 por diante, scenas do Novo Testamento e a vida de S. Marcos. As dimensões interiores são: 480 palmos de comprimento por 400 de largura. O pavimento é de côres e está em sitios tam abatido, que é facil cahir-se não havendo cautella. O altar-mór é muito rico: tem por cima um docel de verde antigo sustentado por quatro bellas columnas de marmore torcidas. Por traz do altar-mór está outro altar com quatro columnas d'alabastro, das quaes duas são transparentes e vieram do templo de Salomão. A sachristia tem tambem ricos mosaicos e baixos-relevos em bron-

ze por Sansovino. Na capella do Cardeal Zen existe um grande monumento de bronze com a estatua d'este Cardeal.

O thesouro de S. Marcos tem uma faca que dizem servira a Christo na ultima ceia; um vaso de crystal com sangue do Redemptor; uma columna de prata, sobre a qual está um pedaço de marmore da columna em que Jesus foi amarrado; um calix de agatha com um pedaço de craneo de S. João; e na capella baptismal a pedra, sobre que foi degollado este Santo.

O palacio ducal ou dos Doges, fórma uma dupla galeria de arcadas, tendo na de baixo 36 e na de cima 71 soberbas columnas de marmore d'uma só pedra, que guarnecem as duas frentes, a da praça de S. Marcos que tem 75 metros, e a da Piazetta, que dá sobre o grande canal e que tem 72 metros. As columnas da galeria superior teem riquissimos capiteis, e são de mui lindos marmores; a 9.ª e a 10.ª são vermelhas, e era d'entre ellas, que se liam antigamente as sentenças de morte. Da praça de S. Marcos sobe até o primeiro andar uma rica escadaria, formando a meio um largo patamar, onde estão as estatuas colossaes de Marte e Neptuno, obra primorosa de Sansovino, e é por isso chamada a escada dos Gigantes; em baixo tem duas outras estatuas, de tamanho pouco mais que natural, de Adão e Eva, por Antonio Rizio: todas quatro são de bellos marmores. Entre as duas estatuas de cima é que se fazia a coroação dos Doges.

Entra-se por uma porta ao lado da escadaria para um grande pateo com chafarizes, e d'ahi subindo-se á larga varanda em todo o quadro vêem-se em seguida as estancias, que serviam de morada aos Doges, nas quaes ha algumas coisas raras, como cartas geographicas e mappas-mundi de 1457 e 1559. Passa-se de-

pois ao segundo andar a ver a sala da bussola, outr'ora ante-camara dos tres inquisidores do estado, cuja parede tem um buraco em fórma de bôcca de leão por onde eram recebidas as denuncias anonymas; d'ahi á sala do conselho dos dez, que tem bons frescos no tecto por Paulo Veronese e ricos quadros nas paredes; e atravessando-se diversas saletas, vae-se á sala das quatro portas, assim chamada em razão do rico lavor d'ellas: nas paredes tem um excellente quadro de Ticiano; d'ahi passa-se á sala do senado, onde se vê um throno, e aos lados lindos quadros de Palma o Novo e de Tintoreto, de quem são os tectos: vê-se depois a sala do collegio, egualmente notavel; atravessando-se a sala do anti-collegio e outras desce-se ao primeiro andar, depois de pelas janellas se ter visto a ponte dos Suspiros, que atravessando uma estreita viella, ligava a cadêa com o tribunal da inquisição.

Voltando ao primeiro andar, vê-se atravez de umas grades a Escada d'ouro, que é notavel em marmores, frescos e dourados, e só subiam por ella os nobres inscriptos no livro d'ouro, que compunham o grande conselho da republica, cuja sala se vê por ultimo. As dimensões d'esta sala são: 50 metros de comprimento, 25 de largura e 15 d'altura. Sobre as portas d'entrada está o maior quadro a oleo que existe, representando o Paraiso, por Jac. Tintoreto: tem 10 metros d'altura, e de comprimento toda a largura da sala. Existem alli tambem em volta da sala 21 quadros dos mais distinctos pintores representando as glorias da republica nas suas batalhas. O friso da sala é ornado com os retratos de 76 Doges, principiando em Angelo Partecipaco, fallecido em 827, e acabando em 1797 em Luiz Manin. Depois de bem se examinarem todas as pinturas d'este edificio, e principalmente d'esta ultima

sala, póde ficar-se conhecendo o merecimento de Paulo Veronese, Bassano, Jac. Tintoreto e Palma o Novo, não só por quadros que teem nas paredes como tambem pelos ricos frescos no tecto, em que todos quatro trabalharam.

É muito notavel a academia de bellas-artes, onde se vêem riquissimas telas, sobre tudo a Assumpção da Virgem por Ticiano, que dá nome á sala, onde este mestre tem egualmente o seu primeiro quadro, a Visitação, e o ultimo, Christo no Sepulchro. Admiram-se mais quatro retratos, por este grande artista, na 9.ª sala, e um quadro na sala 10.ª, além de boas télas de Bellini, Giorgion, Paulo Veronese, Dominico e Jac. Tintoreto, Palmas novo e velho, Bonifacio, e muitos outros.

A egreja de S. Giovanni e S. Paulo tem os tumulos dos principaes Doges, entre elles um, que é em esculptura a obra prima de Veneza, o de André Vendramin, feito por Alexandre Leopardo em principios do seculo XVI; e teve outr'ora o martyrio de S. Pedro em uma floresta, rica téla de Ticiano, hoje estragada por um incendio. A egreja Frari é o pantheon dos homens célebres. Alli se vêem dois bellos tumulos modernos, um a Ticiano em 1839, e outro a Canova em 1827.

Dando-se um passeio em gondola, pelo grande canal disfructa-se a vista dos magnificios palacios, como a alfandega, com a figura da Fortuna girando em uma torre, o palacio Dario Angarani, e o Mangoni Angarani, muito lindos, a academia de bellas-artes, o magestoso palacio Foscari, o palacio Grimani, e muitos outros com ricas fachadas de marmore, que seria longo enumerar.

O campo de marte occupa uma ilha de fórma tri-

angular, e serve de campo de manobras, e de passeio publico: é todo guarnecido d'arvores em volta com relva no centro.

A immensa ponte que liga a cidade com a terra firme, é uma das grandes curiosidades que devem vêrse, por causa da sua extensão: teem 3,601 metros e 222 arcos, havendo entre elles alguns grandes espaços tapados. Esta ponte atravessa primeiro pantanos, depois um grande espaço coberto d'agua, que na baixa-mar tem em sitios pouco mais de um metro de profundidade, e nas visinhanças da cidade a altura é muito maior. N'esta ponte existem diversos largos, sendo o do centro de 100 metros d'extensão.

Em Veneza nasceram Fra-Paolo, o Tintoreto, Algarotti, etc.

Bolonha (74,000 h.)

Patria dos tres Carraches, Luiz, Agostinho e Annibal, e de seus discipulos Guido Reni, Albano, Dominichino e Guerchino, que lhe deram renome na pintura em meiados do seculo XVI.

A praça Victor Manuel tem no centro uma fonte com uma estatua colossal de bronze, obra primorosa de João de Bolonha: é um Neptuno com o seu tridente, sobre uma concha sustentada por quatro sereias, tudo do mesmo metal.

A egreja de S. Petronio, por acabar, é a mais notavel, e tem uma rica imagem de Santo Antonio, bella obra de marmore por Sansovino. A egreja de S. Domingos tem no altar-mór e no d'aquelle Santo pinturas dos Carraches e de Guido, e excellentes esculpturas attribuidas a Miguel Angelo.

A academia de bellas-artes tem entre outros quadros de merecimento o Extase de Santa Cecilia, pelo immortal Raphael: a Santa está com os olhos no ceo tocando n'uma lyra, e perto d'ella se acham S. Paulo, S. João Evangelista, Santo Agostinho e Santa Maria Magdalena.

Bolonha tem muitas outras coisas notaveis, como o palacio do Podestá, a universidade, o palacio Ventivoglio, varias egrejas, a torre inclinada, etc.

A estrada até Florença é interessantissima, principalmente até Pistoia, não só porque esta parte de Italia é o seu jardim, como tambem porque na passagem dos Alpes Apenninos da Toscana ha excellentes pontos de vista sobre os seus valles e lindas campinas, povoações, etc., e além d'isso gigantescas obras d'arte. Basta dizer que em cinco horas de viagem se passam vinte e tantas pontes, e quarenta e seis tunneis, um de 6½ minutos, um de 5, dois de 3 e muitos menores, a alguns dos quaes por pequenos chamam galerias.

De Pistoia a Florença ha 1 ½ hora de trajecto, por estrada que vae descendo quasi imperceptivelmente atravez de muitas povoações e bellas e fertilissimas campinas.

Florença (115,000 h.)

Linda cidade, cortada pelo rio Arno. Foi patria de Dante, Machiavelo, Galileu, Brunelleschi, Miguel Angelo, Donatelli, Benvenuto Cellini, Giotto, André del Sarto, e d'outras celebridades; merecendo, por isso, que Viardot lhe chamasse a Athenas moderna. Ambas foram republicas, ambas populares, agitadas, e cheias

de vida. Uma teve Homero e Pisistrates, outra Dante e o velho Cosme: aquella Pericles, esta os Medicis: a primeira Aristoteles, a segunda Machiavelo: acolá Apelles e Phidias, aqui Leonardo e Miguel Angelo.

Na praça dei Signori ha uma galeria aberta chamada Loggia dei Lanzi, com magnificas esculpturas em bronze, sendo as principaes o Roubo das Sabinas, por João de Bolonha, Hercules derribando o centauro Nessus, pelo mesmo, Perseu com a cabeça de Medusa, por Benvenuto Cellini, e Judith com a cabeça de Holophernes, por Donatello. Ao lado, na mesma praça, está a Zecca, museu de medalhas antigas e esculpturas. No segundo andar d'este edificio é a célebre galeria Degli Uffizy, que não só pelo grande numero, mas principalmente pelo valor das suas pinturas, é a primeira do mundo.

Passarei por alto as salas que se visitam antes da tribuna sala octogona, em cujo centro ha esculpturas importantissimas, entre ellas a célebre Venus de Medicis, achada em 1500 e tantos na *villa* Adriana perto de Tivoli, que era a estatua de Cleomene, filha d'Apollodoro d'Athenas. Nas paredes d'esta sala estão a Madona do Cardinello, e mais sete télas do insigne Raphael, e algumas outras obras capitaes de Ticiano, Guido, Carraches, André del Sarto, Spagnoleto, Miguel Angelo, Rubens, Van-Dyck e d'outros. Nas salas da eschola veneziana estão a célebre Flora de Ticiano, e muitos quadros de Paulo Veronese, Tintoreto e outros. Tem o museu télas primorosas e salas especiaes de todas as mais escholas italianas, hespanhola, flamenga, alleman e franceza. Tem tambem grande porção de salas de esculpturas antigas e modernas, etruscas, etc. Entre as antigas é muito notavel o grupo de Niobe com suas sete filhas e sete filhos, morrendo ás frechadas d'Apol-

lo e Diana. É tambem muito notavel uma Hermaphrodita deitada sobre uma pelle de panthera. Nos bronzes ha egualmente muito ricas estatuas, sobresahindo um Mercurio por João de Bolonha, a estatua do gran-duque Cosme I de Medicis por Benvenuto Cellini, e outras.

O palacio Pitti, é ligado ao museu Degli Uffizi por uma ponte que fórma uma galeria fechada, onde estão expostos excellentes tapetes feitos por desenhos de Raphael. Este palacio é a continuação do mesmo museu, e a escolha dos quadros é ainda melhor; além dos inexcediveis de Raphael, tem quadros de Velasques e Murillo. Entre onze producções do primeiro é sobretudo admiravel a sua Madona da Cadeira, assim como a Madona do Pallio, a Madona do Gran-duque. De Velasques ha alli um admiravel retrato, e de Murillo uma Nossa Senhora. Entre os quadros de Ticiano está um magnifico retrato de mulher (a Bella). Os grandes mestres de todas as escholas teem alli das suas mais afamadas télas.

As egrejas d'esta capital são quasi todas notaveis em esculpturas, principalmente a sachristia de S. Lourenço e a capella dos Medicis por causa das estatuas de Miguel Angelo. Sobre o sarcophago de Julio de Medicis, duque de Nemours, fallecido em 1516, está a sua estatua, e aos lados acham-se as estatuas do Dia e da Noite: a primeira é um homem imberbe recostado com os olhos abertos, e a segunda um velho com os olhos fechados; esta ultima é sublime! Defronte está o sarcophago de Lourenço de Medicis, duque d'Urbino finado em 1518, e sobre elle se vê a sua estatua na attitude da reflexão, a que chamam *il pensiero;* aos lados estão as estatuas do Crepusculo e da Aurora, tudo de tamanho colossal, e com uma expressão que ninguem conseguiu egualar.

A academia de bellas-artes tem sem duvida menos

interesse para o geral dos visitantes que as galerias Degli Uffizj e Pitti, mas não acontece o mesmo para os homens de sciencia, que podem fazer alli um verdadeiro confronto das differentes epochas da pintura; por exemplo: vêem-se a um lado as pinturas de Cimabue de 1200 e tantos, de Giotto, o grande reformador das artes, e assim seguidamente de Gentile e Fiesola até André del Varrochio, que em fins do seculo XV foi o mestre de Leonardo de Vinci, uma das maiores illustrações e contemporaneo de Bellini, Ticiano, André del Sarto, Corregio e do grande Raphael.

A Cathedral de Florença é uma das mais grandiosas que existem, se bem que por acabar, pois faltam-lhe a fachada e muitos ornatos interiores. Tem 170 metros de comprimento por 104 de largura no transepto. A sua cupula excede em altura a de S. Pedro de Roma. O côro é bellissimo pelos baixos-relevos de marmore. Para fazer o elogio d'esta egreja, basta dizer que é obra de Brunelleschi, Giotto e Orcagna, e tem esculpturas de Donatello e outros similhantes.

A capella do Baptisterio, (chamada tambem de S. João), existente em face da Cathedral, é em fórma octogona, e tem quatro portas de bronze uma por André de Pisa, e tres por Lourenço Ghiberti. Estas são uma obra assombrosa, e no dizer de Miguel Angelo mereciam ser as portas do Paraiso.

A egreja da Annunziata possue, entre outras pinturas a famigerada Madona del Sacco, (mulher confessando-se), bella pagina d'André del Sarto. O convento de S. Marcos está ainda cheio de frescos de Frei Angelico, Ghirlandajo, Cimabue, etc.

A basilica de Santa Croce é o verdadeiro pantheon d'Italia, porque alli se vêem monumentos aos maiores vultos que a Peninsula tem produzido, taes como Dan-

te, Miguel Angelo. Tem tres naves; e as suas dimensões são 150 metros de comprimento por 44 de largura.

Defronte d'este templo está a estatua do Dante inaugurada em 14 de maio de 1865, 600 annos depois do seu nascimento.

Tem Florença muitas outras coisas notaveis que inutilmente tentaria descrever. Direi somente que é agradavel o aspecto da cidade, que é bem calçada e arruada, que tem um bello caes e excellente parque com um casino na margem do rio Arno.

Roma (220,000 h.)

A sua população era em 1867 de 208,000 habitantes, dos quaes 4,661 padres e 4,847 frades, mas com a guarnição, que excedia a 12,000 homens, elevava-se a um algarismo de 220,000. É frequente vêr-se na primavera augmentado este numero com 20,000 e ás vezes mais estrangeiros.

A entrada na capital do mundo catholico é ordinariamente pela porta del Popolo, que tem em frente a praça do mesmo nome, cujo centro é decorado d'um obelisco e d'uma fonte com quatro leões, que lançam agua a jorros. Defronte ficam as tres principaes ruas, Ripeta, Corso e Babuino. Á esquerda fica o monte Pincio, que tem para o lado d'esta praça um lindo passeio com excellentes vistas sobre esta parte da cidade. Como a descripção completa, do que esta capital tem de notavel, me é impossivel, notarei o essencial.

No passeio do monte Pincio encontram-se nume-

rosos bustos de homens célebres da antiguidade. Perto do passeio está um obelisco vindo do Egypto. Em seguida fica a villa Medicis com a academia franceza, d'onde se goza excellente vista sobre a praça e basilica de S. Pedro. Continuando para a praça de Hespanha, vê-se alli uma columna de bello marmore e grande altura, que tem sobre o pedestal as estatuas de Moysés, David, Isaias e Ezechiel, tudo da mesma pedra, e de bronze uma bella estatua da Virgem Immaculada coroando a columna, mandada erigir por Pio IX em 1854.

A pequena distancia está a fonte de Trevi ou Aqua Vergine, cujo aqueducto vem de 14 milhas, data do anno de 27 antes de Christo, e conduzia agua para as thermas de Aggripa. De 1450 a 1762 foi reparada e construida a actual fonte, encostada ao palacio Poli, a qual consta d'uma cascata de pedra tosca, e sobre ella a estatua de Neptuno no centro, e aos lados duas estatuas de mulher despejando agua: a da direita é a Salubridade, e a da esquerda a Abundancia, todas excellentes, e de tamanho colossal.

Seguindo-se pelas praças de S. Carlos e S. Silvestre, encontra-se a bella praça Colonna, que tem á direita o palacio Chigi e defronte o Piombino. No centro está a columna de Marco Aurelio ou d'Antonino, cheia de baixos-relevos representando as guerras d'este heroe: tem 172 pés d'altura, sendo de todas as que existem somente inferior 30 pés á de Londres. Esta columna tinha primitivamente a estatua d'Antonino Pio, e hoje tem a de S. Paulo.

Em seguida acha-se o palacio Sciarra Colonna, que tem uma bôa galeria de quadros, entre elles o Tocador de Violino de Raphael, verdadeiro primor d'arte. Perto está o palacio Doria, um dos melhores e mais vastos

de Roma, com uma grande collecção de quadros e esculpturas antigas. O palacio Colonna tem egualmente antiguidades apreciaveis, e um lindo jardim. Fica proximo o palacio Bonaparte, no qual morreu a mãe de Napoleão I. A pequena distancia vê-se a egreja de Jesus, que é o principal templo dos Jesuitas, d'uma riqueza extraordinaria em baixos-relevos d'altares, columnas de lapis-lazuli, prata, bronzes dourados, etc. É principalmente notavel o altar de Santo Ignacio, que tem duas admiraveis imagens de Deus-Pae e Deus-Filho, e no meio o Espirito Santo em uma esphera de lapis-lazuli d'uma só pedra, a maior que se conhece.

Segue-se depois a villa Borghese, cujos jardins são um excellente passeio dos mais frequentados, e conteem restos de ruinas antigas arranjadas com esmero e muito gosto, como um arco sobre o qual está uma bôa estatua d'Apollo. O casino, no fundo do jardim, encerra uma copiosa collecção de preciosidades em esculptura antiga e grande numero de quadros que em Roma são de segunda ordem. Das varandas do casino disfructa-se magnifica vista.

A villa Ludovici, que fica um pouco distante, tem uma collecção muito estimada de esculpturas antigas: no primeiro pavilhão tem uma estatua de Juno, a mais perfeita que se conhece; uma cabeça de Medusa, um Marte dormindo, e Telemaco e Penelope, egualmente admiraveis. No fundo dos jardins ha outro pavilhão, que encerra tambem bôas esculpturas, e os tectos com admiraveis frescos por Guerchino: a Aurora e a Fama. Das varandas d'este pavilhão ha bellas vistas sobre Roma e montanhas visinhas.

Seguem a villa Albani e o palacio Barberini, que são notaveis; depois a praça do Monte Cavallo, assim chamada em razão dos dois grupos colossaes, que se

admiram a entrada: são dois domadores segurando cada um o seu cavallo, cujas cabeças attingem 6 metros d'altura, e que outr'ora decoraram a entrada das thermas de Constantino. No meio da praça ha uma fonte, cuja bacia, de granito oriental, de 25 metros de circumferencia e d'uma só pedra, ornou primitivamente o Forum romano. No meio da bacia está um obelisco de granito vermelho de uma só pedra com 15 metros (fóra o pedestal), que antigamente adornou o mausoleo d'Augusto. D'um lado d'esta praça está o palacio apostolico do Quirinal, que os Papas habitam no verão, e que tem uma galeria de quadros pouco notavel, mas em compensação os seus jardins são muito bonitos, teem plantas raras e muitas antiguidades. Defronte está o palacio da Consulta com o ministerio do interior.

Perto d'alli ficam as ruinas das thermas de Diocleciano, as maiores que existiram em Roma, tendo sido uma das salas approveitada para n'ella se construir a egreja de Santa Maria dos Anjos, com 90 metros de comprimento, 29 de largura e 30 d'altura, na qual se vêem dezeseis bellas columnas de granito oriental polido, oito d'ellas d'uma só pedra de 13 metros, ou 15 com base e capitel. O palacio Rospigliosi tem alguns bons quadros, e antiguidades, e a melhor pintura de Guido Reni, que é um fresco em um tecto, a Aurora semeando flores adiante do carro do Sol.

Proximo, na praça dei Termine existe a fonte de Acqua Felice, montanha artificial d'um tamanho espantoso; a meio está um grupo de grandes estatuas, que representam Moysés fazendo com a vara brotar a agua do rochedo, e dando-a ao povo.

Segue-se a egreja de Santa Maria Maior, que depois de diversas reconstrucções tem hoje 660 palmos

de comprimento por 265 de largura. As suas capellas são riquissimas, principalmente a da familia Borghese com lapis-lazuli, agatha e ricos frescos de Guido, Lanfranco e outros.

San Pietro in Vincoli é uma das egrejas mais notaveis por causa de 20 columnas doricas antigas, e da estatua de Moysés no fim da nave da direita em frente do tumulo de Julio II, uma das obras capitaes de Miguel Angelo.

Estão perto as ruinas do mausoleo d'Augusto, que dizem ter sido d'um tamanho pasmoso, e cercado de um bosque: era redondo e tinha em cima a estatua d'aquelle imperador. Na edade media serviu de fortaleza ao principe Colonna. Hoje está entre casas, e sobre elle fizeram um theatro descoberto em fórma de circo. No andar terreo vêem-se ainda as catacumbas que serviram á familia d'Augusto.

D'alli proximo fica o palacio Borghese, que é de uma architectura magnifica. Ha lá um Christo no tumulo, obra prima de Raphael, e um quadro mythologico de Correge, — Danae, filha d'Acrisio, rei de Argos, que por causa de Jupiter a encerrou n'uma torre, na qual penetra este deus sob a fórma de chuva d'ouro, — quadro d'um effeito maravilhoso. Ticiano tem alli tambem uma tela excellente—Amor sagrado e Amor profano. A galeria d'este palacio é d'uma bella escolha de afamados mestres, e divide-se em doze estancias.

O Pantheon ou Santa Maria Rotunda é o unico edificio que se conserva na sua construcção primitiva. A sua fórma é redonda, e a soberba cupula repousa sobre um circulo de magestosas columnas, que tambem sustentam a abobada. Esta cupula, que lhe subministra immensa claridade, serviu de molde a Miguel Angelo para a da basilica de S. Pedro, que tem somen-

te de menos um metro de diametro. Foi esta egreja em 610 consagrada ao culto catholico, e egualmente destinada a ser o jazigo dos grandes vultos, entre os quaes lá estão Raphael, Annibal Carrache, e muitos outros.

Perto está a praça Navona, que tem tres fontes, uma das quaes enorme. É uma grande montanha formando quatro pincaros, em allusão ás quatro partes do mundo; em frente de cada pincaro tem uma estatua colossal lançando agua, o Nilo, o Danubio, o Ganges e o Prata, e no centro da montanha um grande obelisco, que outr'ora decorou o monumento de Domiciano. Antigamente soltavam a agua na praça por occasião de festas e n'ella faziam regatas, por cujo motivo todas as casas que a faceiam teem á entrada alguns degraus a subir antes do primeiro pavimento.

O palacio Farnese, na praça do mesmo nome, é muitissimo notavel construcção de Miguel Angelo, com bellos frescos e ricas esculpturas; mas Francisco II de Napoles, que o habita, não permitte a visita d'elle.

A praça do Capitolio, segundo os planos de Miguel Angelo, é das mais curiosas. Sobe-se uma mui larga e extensa escadaria em fórma de rampa, cujos degraus são especie de patamares de asphalto, tendo de cada lado em baixo um grande leão de granito vermelho do Egypto jorrando agua, e em cima, á entrada da praça, de cada lado um grupo de domadores de cavallos, que vieram da entrada do theatro de Pompeu (em Roma), e ao pé de cada um d'estes grupos uma estatua de Constantino e de seu filho Constante, vindas das suas thermas. Do lado da escada ha em toda a frente da praça um lindo gradil de bellos balaustres de marmore, sobre o qual estão os tropheos de Mario, trazidos da torre d'Aqua Julia. O centro da praça é embellezado por uma soberba estatua equestre de bronze doura-

do do imperador Marco Aurelio, estatua que decorou o Forum primitivamente, sendo em 1187 transportada para a praça de S. João de Latrão, e em 1538 para este logar, sem que lhe succedesse o menor desastre; e tendo além d'estas mudanças atravessado incolume as diversas commoções desde 161 da nossa era, o que se explica pela veneração em que o povo a tinha suppondo-a de Constantino, o protector da religião christan, devendo-se a esta crença o perfeito estado d'um dos melhores specimens da estatuaria antiga.

Á esquerda está o museu Capitolino, com antiguidades e quadros; no fundo do vestibulo tem uma estatua magnifica de Marforio ou Mar. No fundo da praça está o palacio do Senado, que tambem é paço municipal e observatorio. Á direita acha-se o palacio dos Conservadores, com uma riquissima escadaria e uma linda fonte com tres estatuas de Miguel Angelo, o Tibre, o Nilo e acima Roma assentada. Por traz d'este palacio fica a Rocha Tarpeia, da qual lançavam os condemnados á morte a uma profundidade que ainda hoje é grande, e que primitivamente foi muito maior. Nas esculpturas do museu Capitolino ha um grupo de bronze de muito valor artistico, a Loba amamentando Romulo e Remo.

Pelo fundo d'esta praça desce-se ao Forum Romanum, do tempo de Romulo e Tacio (700 annos antes de Christo), logar onde se reunia o povo, se faziam as feiras e havia os tribunaes; servindo por conseguinte de praça de commercio, mercado, reunião das assemblêas e sitio de distribuição da justiça. Este forum é o maior, e foi unico até 45 annos antes da nossa era, em que se inaugurou o de Julio Cesar, abrindo-se até fins do seculo I mais os d'Augusto, Nerva e Trajano.

O Forum Romanum era no logar hoje chamado

Campo Vaccino, porque n'elle se fazem feiras de gado, e é no entretanto d'este primeiro Forum, que ainda restam maiores vestigios. Grande parte dos edificios, que o compunham, estão hoje aproveitados para diversos misteres, como por exemplo : o templo d'Antonino e Faustina é o de Santo Antonio in Miranda; o dos Penates é o de S. Cosme e Damião ; o de Vesta é o de S. Theodoro; e em fim as egrejas da Consolazione, S. Theodora, S. Lucas e outras, são de origem identica.

O centro do Forum era decorado de monumentos, que mais tarde retiraram para outros logares: vê-se porém ainda um pequeno templo da Concordia, erecto em 388 antes da nossa era, com reparos posteriores. Acham-se no seu estado primitivo o templo da Fortuna e o arco do Septimo Severo, ao qual só tiraram os adornos. Vê-se egualmente parte do antigo templo de Saturno, do de Vespasiano, da columna Phocas, etc. Esta ultima é um pedaço de columna cannelada d'um diametro pasmoso.

Á esquerda do Forum, onde existiu a Basilica Julia, passava por baixo d'ella um aqueducto construido de tijolo, que desagua no Tibre a grande distancia, e que ainda se póde vêr perfeitamente na sua extremidade: este aqueducto chama-se Cloaca Maxima, e servia para os despejos; e apezar dos seus dois mil e quinhentos annos de existencia, está nos sitios onde não tem sido demolido em perfeito estado de conservação; e é o espanto dos homens da arte. Sahiam do Forum duas ruas para o Capitolio, cujo calcetamento primitivo ainda agora se vê, o que se explica por terem ellas ficado entulhadas com mais de tres metros de atterro, e quando na edade media se foi desatterrando evitou-se a entrada alli por causa da sua conservação, como ainda hoje acontece: estas ruas são a Via Trium-

phal que entrava no Forum á direita, e a Via Sacra que entrava á esquerda.

Dos outros quatro Forums, apezar de mais modernos, pouco existe por onde se possa fazer uma ideia d'elles, o que se explica por ter-se a cidade estendido para este lado, e haverem-se utilisado aquelles espaços em outras edificações. O que apresenta mais vestigios é o de Trajano, que foi enterrado no centro, e sobre o seu tumulo foi levantada uma grande columna com a estatua d'aquelle imperador, que mais tarde foi substituida pela de S. Pedro. A columna é cheia de baixos-relevos representando as guerras de Trajano contra os Dacios, e desde a base até o final da estatua tem 46 metros, ou 36 sem a estatua; o seu diametro é de 11 pés na base e 10 no vertice. O resto dos edificios desappareceram ou foram transformados, e os ornamentos aproveitados para outros.

A pequena distancia do Forum Romanum estão muitos outros restos, e um pouco mais longe as ruinas da basilica de Constantino, onde se vêem tres arcadas colossaes, em que muitos architectos modernos teem estudado para obras similhantes, como aconteceu já para a nave principal da basilica de S. Pedro, do mesmo systema e exactamente da mesma largura. De cima d'estas abobadas goza-se um bom panorama sobre a antiga Roma. Perto encontra-se um arco de Tito inaugurado no anno 81. Tambem se vê alli um templo de Venus e Roma, metade do qual está fóra, e outra metade dentro do muro do convento de S. Francisco, que o aproveitou.

A pequena distancia está o maior de todos os theatros, o *Coliseu*, mandado construir por Vespasiano e Tito, do anno 68 a 80, cujos festejos de inauguração duraram 100 dias consecutivos, com batalhas navaes,

regatas, torneios e outros jogos de destreza, nos quaes se mataram cinco mil e tantos animaes ferozes. A fórma d'este theatro é oval, tendo no maior diametro 591 pés e no menor 508, de circumferencia 1683, e d'altura 183. Tem quatro immensos andares, que correspondem a mais de oito andares das edificações actuaes. Pelo interior tem 44 circulos de assentos, com capacidade para 90,000 espectadores divididos em 80 classes, das quaes subsistem ainda os numeros de 23 a 54. Um terço do edificio conserva ainda a sua altura e fórma primitivas; o resto varia, estando a parte mais baixa na altura do primeiro andar. Entre as duas paredes que formam o circulo estão as escadas com 55 degraus para o primeiro andar, e assim a diminuir até o ultimo que tem 48 degraus, ao todo duzentos e tantos.

Na edade media serviu de fortaleza á familia Frangipane, e desde 1332, em que alli se deram as ultimas corridas de touros, ficou ao abandono e considerado um montão de pedras para construcção. De 1400 e tantos até 1549 tiraram de lá a pedra para os palacios Farnese, de Veneza e da Chancellaria. Em 1740 Benedicto XIV, tomando-o debaixo da sua protecção, consagrou as antigas jaulas de feras em pequenas capellas á Paixão de Christo, por causa do sangue dos christãos que alli foram martyrisados, prégando n'ellas ás sextas feiras um frade capuchinho; e desde então todos os Pontifices, principalmente Pio IX, teem velado pela conservação de tam importantes ruinas.

Não longe fica o arco triumphal de Constantino, o mais bem conservado dos monumentos antigos, erecto em 311 em memoria da batalha ganha sobre Maxencio, e que o decidiu a abraçar o christianismo. Este arco tem tres passagens, é de excellente trabalho em esculpturas e baixos-relevos transportados d'um arco

de Trajano, porque as artes n'aquella epocha já se achavam em grande decadencia.

Em seguida estão as ruinas das thermas de Tito, que as mandou edificar no mesmo logar em que Nero já tinha a sua «casa dourada» sobre a villa Messena; e depois de Nero haviam alli feito augmentos Domiciano e Trajano. A parte mais perfeita do que está descoberto são sete salas, tendo a quarta magnificas pinturas a fresco, que Raphael reproduziu no Vaticano. Segue-se depois um extenso corredor de abobada que conduz á sala de banhos. Á esquerda d'este corredor existem quartos mais simples, provavelmente dos escravos. Perpendicular ao primeiro existe um segundo corredor muito extenso, com frescos magnificos na abobada, e suppõe-se ser do tempo de Trajano. Vêemse depois diversas outras estancias, que por estarem mais ao nivel actual se acham por isso mesmo muito mais estragadas.

A cinco minutos do arco de Constantino estão as ruinas das thermas de Caracalla (ou Antoninas), que foram d'um luxo espantoso, e onde se encontraram esculpturas de subido preço, entre outras o Touro Farnese, o Hercules e a Flora de Napoles (todas tres n'aquelle museu), excellentes mosaicos, etc.; restando hoje somente um grande espaço vasio, e parte da divisão das salas, cujo tecto ou abateu, ou foi apeado para lhe tirarem os frescos, assim como aos pavimentos tiraram os mosaicos. De cima dos terraços ha excellente vista para a Campanha e antiga Roma.

A pequena distancia fica S. João de Latrão, a que chamam a mãe ou cabeça de todas as egrejas. Em 896 desmoronou-se por causa d'um tremor de terra, e foi reconstruida de 904 a 911 e consagrada a S. João Baptista. Ardeu em 1308, e em seguida foi reedificada

e modificada. A fachada é uma bella obra de Galileu. Tem 120 metros de comprimento, formando cinco naves com pilares e columnas, algumas d'ellas de bello granito antigo. Entre outras muitas coisas notaveis, admira-se a capella Corsini pela riqueza e perfeição das suas esculpturas. O thesouro encerra parte da meza em que Jesus Christo celebrou a ultima Paschoa e em que os Apostolos tomaram a communhão; e nos claustros está a columna que se quebrou no templo de Jerusalem por occasião da morte do Salvador, e a pedra sobre que os judeus jogaram os seus vestidos: tudo presentes do imperador Constantino quando voltou do Oriente. As portas principaes são d'um bello trabalho em bronze, e foram tiradas das thermas de Caracalla.

O palacio fronteiro, hoje museu de antiguidades, foi morada dos Papas até 1309, quando foram para Avinhão, não querendo mais habital-o na sua volta em 1377.

Passarei ao castello de Sant'Angelo, notavel por ter sido o mausoleo d'Adriano no segundo seculo, em rivalidade com o d'Augusto. Hoje é uma fortaleza magnifica do outro lado do rio Tibre, e no logar em que estava a estatua de Adriano, tem actualmente uma capella a que se sobrepõe a estatua de bronze de S. Miguel. D'esta fortaleza ha uma galeria subterranea em fórma de tunnel de 1,000 metros de extensão, que a liga com o palacio do Vaticano, que tem a fachada para a praça do mesmo nome. E esta praça um espaço oval formado por dois semi-circulos de 284 columnas doricas e 84 pilares, com um tecto formando tres galerias abertas dos lados. Sobre o tecto estão 162 estatuas de Santos e Papas de mais de tres metros d'altura. No centro da praça ha um grande obelisco que com a base tem 42 metros d'altura, o qual tinha vindo do

Egypto para um circo que alli existiu. De cada lado do obelisco está uma fonte magnifica jorrando agua a immensa altura. Todo o largo é calçado de lindo mosaico, formando em volta do obelisco a rosa dos ventos. O todo da praça fórma uma entrada digna do maior templo do mundo; pois dizem que se gastaram para arranjal-a 938,000 escudos, sem contar o valor do obelisco e bronzes que já existiam.

A fachada da basilica tem oito immensas columnas, quatro pilastras e quatro meias pilastras em estylo corinthio, com 111 metros de largura por 45 d'altura, e em cima uma balaustrada de dois metros e treze immensas estatuas de Jesus e dos Apostolos, de 25 palmos d'altura.

S. Pedro. É uma basilica de tres naves e um transepto no logar em que foi o circo de Nero e onde S. Pedro foi martyrisado. N'este sitio esteve uma capella com o seu tumulo cercada de pequenas egrejas e conventos, capella em que foram coroados Carlos Magno e diversos imperadores e Papas. Em 1450 resolveu Nicolau V a sua edificação em fórma de cruz grega, cujo risco foi por seus successores ora seguido ora alterado, até que estava quasi concluida d'esta fórma quando encarregaram da sua conclusão Dominico Fontana, o qual accrescentando-lhe ao comprimento a terminou em fórma de cruz latina. Os seus principaes architectos foram Bernardino Roselini, em 1450; Bramante, em 1506; Raphael, em 1514; Miguel Angelo, em 1520, e outros até Fontana que a terminou: e foi sagrada em 1626 por Urbano VIII, 1300 annos depois da sagração da primeira capella, em 326, por S. Silvestre. Custou 325 milhões de francos, e o seu custeio é de 150,000 francos annuaes.

As dimensões interiores são: comprimento 200 me-

tros (contando 13 que tem o vestibulo de entrada), largura 64, e os braços ou transepto 142 metros de comprimento por 66 de largura. A nave do centro tem 28 metros, e as duas dos lados 10 cada uma; o resto da largura é tomado pelas duas immensas ordens de pilares e pelos monumentos que todos os pilares teem. A sua superficie é por consequencia de 199,926 pés quadrados, (a da Cathedral de Milão é de 110,808 pés; a de S. Paulo de Londres, de 102,620 pés; a de Santa Sophia de Constantinopla, de 90,864 pés; a da Cathedral de Colonia, de 69,400 pés; a de Nossa Senhora de Paris, de 56,190 pés). [1] A sua altura é de 45 metros; a cupula tem de diametro no interior 40 metros, e d'altura desde o pavimento da egreja até ao topo da lanterna 126 metros, e até ao topo da cruz 139 metros. Tem 290 janellas, 390 estatuas (a maior parte colossaes) e 46 altares que quasi todos são dentro de capellas fundas.

O vestibulo d'entrada tem 70 metros de largo por 13 de fundo, com um tecto rico em adornos d'estuque. Na extremidade da direita tem a estatua equestre de Constantino o Grande, e na da esquerda uma egual de Carlos Magno; a meio em frente sobre a porta principal está um grande mosaico representando S. Pedro no mar. Passando á egreja, tem logo á entrada uma grande pedra de porphido, sobre a qual eram coroados os

[1] Cada auctor tem a sua fórma de dar as dimensões: uns dão as exteriores; outros as interiores, sem attender ás capellas fundas; outros em fim dão o que elles chamam espaço destinado ao culto, isto é, contam as capellas e descontam o espaço tomado pelas divisões, pilares, etc., systema que adoptei de preferencia D'este modo S. Pedro tem 200 metros de comprimento, e por ambos os lados das naves lateraes tem capellas cujo fundo as faz ir ao alinhamento dos braços do transepto, o que lhe dá uma largura de 142 metros, e descontando as divisões e pilares, 199,926 pés quadrados.

antigos imperadores. Os immensos pilares teem para o lado da grande nave nichos oblongos com estatuas collossaes dos fundadores das diversas Ordens religiosas. A cupula repousa sobre quatro pilares ainda mais grossos, cujos nichos teem estatuas de cinco metros d'altura.

Debaixo da cupula está o altar-mór, por cima do qual ha um rico docel de bronze dourado, sustentado por quatro columnas torcidas do mesmo metal, obra primorosa que mede 31 metros d'altura; e tendo sido todo o bronze tirado do Pantheon, ainda assim custou esta obra 100,000 escudos, notando-se que só os dourados custaram 40,000 escudos. N'este altar unicamente officia o Papa nas grandes festas. Á direita está uma estatua de bronze representando S. Pedro sentado n'uma cadeira de marmore branco, estatua que no dia da grande festa é vestida com vestes pontificaes e tiara, e é tida pelo povo em grande veneração. Por baixo do altar-mór está o tumulo do Santo, formando um espaço de cerca de 6 metros de diametro a dois metros abaixo do solo, resguardado por um gradil de marmore: n'este espaço ardem constantemente 89 magnificas luzes das lampadas, que pendem da parede e gradil; no fundo vê-se uma porta de bronze que dá para o tumulo exactamente debaixo do altar. Defronte da porta do tumulo vê-se uma excellente estatua de Pio VI, de joelhos com as mãos postas, executada em lindo marmore branco por Canova.

No fim da nave principal tem a tribuna, rico altar de marmores de côres, sendo os dois degraus que lhe dão accesso de mui lindo porphydo. Por cima d'este altar chamado tribuna, está a cadeira de S. Pedro, sustentada pelos quatro Doutores da Egreja, bella obra em bronze d'ourado por Bernini.

Voltando a principiar pela pequena nave da direita, tem na primeira capella uma Nossa Senhora da Piedade com seu Filho morto nos joelhos, obra admiravel em marmore por Miguel Angelo. Na terceira capella, que é a do Santissimo, tem um admiravel monumento de Xisto IV por Pullajuolo em 1473. Acima do transepto ha um rico monumento de Clemente XIII por Canova. Dando volta pela nave da esquerda, vêem-se n'aquelle braço do transepto onze grandes confissionarios para onze diversos idiomas, com os respectivos letreiros. Continuando pela mesma nave, vê-se um rico monumento de Pio VII por Thorwaldsen, assim como outro d'Innocencio VIII por Pullajuolo em 1492.

Sobre a porta que conduz á cupula vê-se um monumento de Carlos Eduardo Stuart, que morreu em Roma em 1735. Defronte vê-se outro monumento do Cardeal d'York, ultimo dos Stuarts, feito por Canova, em 1819. Álem d'estes monumentos, tem S. Pedro um sem-numero d'outros, cuja descripção seria demasiado longa.

A sacristia tem pinturas de Giotto e candelabros de Miguel Angelo e Benvenuto Cellini.

A escada para a cupula é redonda, muito commoda e larga, dividida em oito lanços com 142 degraus larguissimos até o tecto da egreja, d'onde se descobrem dez outras cupulas menores que em parte são habitadas pelos empregados; e sobre os pilares que sustentam a grande cupula ha oito quartos com desenhos, os quaes é preciso licença especial para visitar. Continua depois outra escada commoda, porém menos larga, até á lanterna, d'onde se goza d'uma vista impagavel. D'alli até á bola, onde cabem dezeseis pessoas, vae-se por outra escada estreita e fatigante.

Vaticano. Antigo palacio de muito menores dimen-

sões, que dizem ter sido habitado por Carlos Magno, e morada dos Papas desde que voltaram d'Avinhão em 1376. Nicolau V quiz fazel-o o maior palacio do mundo, e seus successores o teem imitado; e por isso tem elle hoje vinte grandes largos ou pateos interiores e onze mil estancias entre salas, quartos, capellas, corredores, etc. ([1]). Os Papas occupam uma mui pequena parte, sendo o resto salas d'estado e de apparato, museus, bibliotheca, galerias de quadros, etc.

A quem o visita mostram primeiro a sala ducal e a sala regia, que são sumptuosas; passa-se depois á capella Sixtina, em que existem admiraveis frescos por Miguel Angelo. Este templo, de 39 metros de comprimento e 13 de largura, com seis janellas por lado, está cheio de pinturas a fresco. O tecto passa pelo que ha de melhor em pintura. Miguel Angelo trabalhou alli vinte e dois mezes consecutivos. A idêa é a preparação do mundo para o nascimento de Christo: no centro, a Creação, o Peccado original, o Diluvio, Noé, etc.; em volta, Prophetas e Sybillas prevendo e predizendo o nascimento do Messias. Estas pinturas estão divididas em compartimentos, cujo conjuncto é admiravel.

No fundo, sobre o altar-mór, pintou tambem Miguel Angelo trinta annos depois (em 1531) o seu famoso Juizo final.

A capella Paulina tem tambem dois bellos frescos que Miguel Angelo fez na sua velhice, a Conversão de S. Paulo e o Martyrio de S. Pedro.

No segundo andar ha na frente d'um pateo interior uma grande varanda, que d'um lado se chama Lojas de Raphael, em cujo tecto este grande pintor e seus

([1]) O nosso palacio e convento de Mafra tem 886 salas e quartos e 5,200 portas e janellas.

discipulos reproduziram os frescos das thermas de Tito em homenagem a este imperador, que segundo a historia fez as delicias do seu povo do anno 70 a 81. Além d'estas reproducções pintou alli tambem Raphael scenas do Velho Testamento, ajudado por seus discipulos João d'Udina, Julio Romano, e outros.

D'este logar passa-se atravez d'uma ante-camara para as Stanzas de Raphael, que são uma sala e tres saletas decoradas de frescos do immortal pintor, a respeito das quaes veja-se na segunda parte os artigos respectivos.

Segue-se no terceiro andar a galeria de quadros, onde Raphael tem a sua melhor pintura, a Transfiguração, que por conseguinte é a melhor de todas as telas. No alto vê-se Christo entre nuvens todo radiante; aos lados Moysés e Santo Elias; a meio S. Pedro, S. Joaquim e S. João, aturdidos com o reflexo divino, e mais afastados os outros Discipulos, entretidos a curar o menino possesso. Dominichino tem alli tambem um sublime quadro, a Communhão de S. Jeronymo; Pinturichio, a Resurreição de Christo; Perugino, o Nascimento de Jesus. Não só estes mestres, como tambem Leonardo, Ticiano, Murillo, Paulo Veronese, e muitos outros alli figuram com obras primas.

O museu d'esculpturas antigas occupa uma infinidade de salas com diversas denominações, como por exemplo museu Chiaramonte em 30 divisões, museu Pio Clementino com 11 secções, museu Braccio nuovo, galeria d'estatuas e bustos, Cortile del Belvedere, galeria dos bustos e mascaras, galeria dos candelabros, museu Gregoriano, museu Etrusco, museu Egypcio, galeria dos tapetes de Raphael e muitas outras classificações, notando-se que algumas occupam muitas salas; como, por exemplo, o Cortile del Belvedere um gran-

de pateo d'arcadas e quatro salas de volta do pateo, na terceira das quaes se vê Laocoon e seus tres filhos enlaçados por uma serpente, admiravel trabalho executado por tres esculptores de Rhodes, Agesandro, Polydoro e Athenodoro, vindo do palacio de Tito e que Miguel Angelo chamou verdadeira maravilha d'arte; bem como o grande Apollo do Belvedere, que passa pelo melhor modêlo da figura masculina. O museu Gregoriano occupa 12 salas e gabinetes; a galeria dos candelabros, 6 compartimentos; o museu Egypcio, 10 salas ou gabinetes, e os mais em proporção.

Uma das coisas mais notaveis é a sala das Musas, porque alli se vêem a Philosophia e a Poesia representadas por modos diversos: Zenon representa a Philosophia stoica; Anthistenes, a cynica; Bias, a misanthropa; Melpomene, a musa tragica; Thalia, a da comedia; Urania, a da astronomia; Terpsichore, a da dança; Calliope, a epica; Erato, a erotica; Euterpe, a da musica, etc.

A bibliotheca tem uma grande e rica sala de 70 metros de comprimento, 15 de largura e 9 d'altura, encerrando 80,000 volumes e 25,000 manuscriptos.

Os tapetes tecidos por desenhos de Raphael são expostos em sete salas. Em fim ha no Vaticano uma immensidade de coisas que demandam muito tempo para uma visita methodica.

Perto do Vaticano fica a villa Farnesine, onde se vê uma galeria especie de varanda com grandes janellas, com frescos desenhados e pintados pelo insigne Raphael e seus discipulos.

Quem não dispozer do tempo necessario para vêr meudamente as catacumbas de Roma, póde n'uma rapida visita ir ás de S. Calixto, que são as mais notaveis, e ficam a 25 minutos da porta de S. Sebastião. A en-

trada d'estas catacumbas é ao lado d'uma casa de tijolo em uma vinha, propriedade de Pio IX. Entra-se em uma galeria de sepulturas, e tomando-se á esquerda vê-se logo um grande espaço chamado camara papal ou pontifical, que tem aos lados os tumulos dos Papas Anthero, Lucio, Fabricio, Entychio e Xisto II, fallecido em 258. Alguns d'estes tumulos teem inscripções mandadas abrir por S. Damazio em caracteres elegantes, e chamam-lhes inscripções damazianas. D'esta sala subterranea passa-se a outra sem tecto, em fórma de claro, chamada de Santa Cecilia, por ter outr'ora os restos d'aquella Santa que hoje estão na egreja do seu nome. Vêem-se aqui frescos nas paredes chamados pinturas bysantinas, dos seculos VII e VIII, e desde a entrada muitas inscripções dos devotos d'aquella epocha. As galerias que seguem, encerram muitas ossadas em catacumbas, e alguns tumulos e pinturas nas paredes.

São interessantissimos os arrabaldes de Roma, principalmente Tivoli, por causa das suas lindas cascatas e ainda ruinas antigas importantes. Esta villa está a 6 leguas de distancia, que demandam 4 horas de ida e outro tanto de volta em carro particular ou mais duas horas no omnibus, sendo por conseguinte preciso ficar lá um dia para ver-se commodamente. Frascati, a meia hora de caminho de ferro, é notavel pelas riquissimas quintas a que chamam *villas*, e pelos lindos arrabaldes Tusculum, Marino, Rocca di Papa e Albano. Muitas outras excursões se fazem a Castelgandolfo, Ariccia Genzano, Nemi, lago do mesmo nome, etc.

Napoles (550,000 h.)

A sua situação é realmente bella, e os seus ar-

rabaldes são tidos com razão pelos mais lindos do mundo.

Em objectos d'arte é esta cidade pobre relativamente a Roma, Florença, Veneza e outras cidades d'Italia: somente Herculanum e Pompeia lhe teem fornecido curiosidades, que tornaram rico o seu museu.

Uma infinidade d'officiosos, muitos d'elles maltrapilhos, assaltam á chegada os viajantes, agarrando-lhes na bagagem e offerecendo-lhes carros, hoteis e serviços de toda a especie, e fazem mais que em parte alguma impressão desagradavel, porque levam sua officiosidade a ponto de se insultarem uns aos outros por causa de preferencias.

A cidade em geral é mal arruada e pouco limpa, á excepção da rua de Toledo e suas immediações, Chiaja, Villa Reale e lados de Capo di Monte, museu, etc. A população está aglomeradissima, porque a sua área é relativamente pequena (uma legua de comprimento e menos de largura); por cujo motivo, ha sempre uma concorrencia espantosa, principalmente na rua de Toledo, que tem as principaes casas de negocio, modas, ourivesaria, cafés, restaurantes, etc.

As suas principaes curiosidades são:

O palacio real, que tem um lindo jardim á beira do golpho, com um terraço no fundo olhando para o porto e arsenal. Á entrada do jardim estão dois magnificos grupos de bronze, representando dois domadores de cavallos, presente do imperador da Russia. O palacio tem uma rica e larga escadaria de marmore ornada de duas boas estatuas, o Tejo e o Ebro. Os aposentos são ricamente mobilados, principalmente a sala do throno, que é tapetada de excellente velludo encarnado, cheio de flores de liz bordadas a ouro. Tem alguns quadros, e n'uma saleta uma bella estatua, a Italia (1864).

A vista exterior do palacio e do theatro (S. Carlos), que a bem dizer faz parte d'elle, é lindissima pela boa cimalha e magestosa columnata de marmore. Este theatro é muito bem decorado e um dos maiores que existem: tem 3,000 logares.

O museu é verdadeiramente célebre pelas collecções de bronzes e de marmores antigos. As primeiras, pela maior parte provenientes de Herculanum, são de grande interesse para o estudo das artes em relação á epocha da existencia d'aquella cidade; pena é que se não tenha acabado a classificação, no que trabalham com affinco. São alli sobre tudo admiraveis um Fauno bebado, um Fauno dançando, um Fauno dormindo, uma Sapho e um Mercurio. As collecções de marmores, que occupam doze salas, teem entre outras uma Venus vinda de Capua, que foi restaurada e é magnifica, attribuindo-se mesmo a Praxiteles. Ha lá egualmente o célebre touro Farnese, o Hercules e a Flora vindos de Roma, das thermas de Caracalla. Das salas das estatuas das Musas, a septima tem um mosaico achado na casa de Fauno em Pompeia, representando a batalha de Issus. É um facto historico, e o trabalho do mosaico (que fórma um grande caixilho) é de excellente execução, o que lhe dá muitissimo valor. Representa Alexandre carregando com a sua cavalleria sobre o general e o rei dos persas, matando com sua propria espada o primeiro, e pondo em fuga o segundo. Ha tambem outros mosaicos e pinturas a fresco trazidas de Herculanum e Pompeia, que supposto sejam ligeiras, por terem pertencido a duas cidades de provincia, revelam gosto e conhecimento da arte.

É preciosa a galeria ou collecção de medalhas e pedras finas. A bibliotheca dos papyros é outra grande curiosidade. Vêem-se alli rolos de casca d'aquella

arvore carbonisados pela erupção do Vesuvio, e que um recente processo conseguiu que se desenrolem e se conheça o seu conteudo. A galeria de quadros, que tem alguns de Raphael, Ticiano, Rivera, e outros grandes mestres, é notavel.

A Chiaja ou Villa Reale, é um comprido passeio de 1,500 passos de extensão por 70 de largura, á margem do golpho, no qual todas as tardes de verão se toca musica, e se reune a alta sociedade. Este passeio tem diversas estatuas, e a meio uma boa e linda bacia com repuxo, aos lados da qual estão dois templos de gloria, um a Virgilio e outro a Tasso. Todo este recinto é fechado por uma grade, deixando do lado do golpho uma alameda, e do lado da cidade uma larga rua entre elle e as casas.

Em seguimento ao passeio ha ainda uma alameda, á margem do golpho até á Margelina, que fica a grande distancia voltando a ponta da montanha de Pausilipo. Perto do passeio fica a gruta de Virgilio, que tem a fórma d'um tunnel com 2,500 pés de comprimento por 80 d'altura e 25 de largura, com dois oculos; e atravessando o monte de Pausilipo desemboca junto da povoação de Fuorigrotta. Seguindo a estrada em frente para Puzzoles e subindo á direita, regressa-se a Napoles transpondo-se a montanha em zig-zag. Sobre ella está o castello de Santelmo ou Santo Erasmo, que outr'ora foi formidavel e hoje é simples prisão militar: d'aqui e do convento de S. Martinho disfructa-se excellente vista sobre Napoles, golpho Miseno, ilhas, Vesuvio e todo o lado fronteiro. A egreja do convento, com lindos marmores, tem boas pinturas, um notavel Descimento da cruz por Spagnoleto, e outros quadros de Guido e Lanfranco, e frescos na sachristia pelo cavalleiro d'Arpin.

*

D'alli segue-se em carro até Antignano, que são duas leguas, e depois legua e meia a cavallo até Camaldoli, onde ha um convento, e onde se goza d'uma das melhores vistas que teem os arredores de Napoles.

Deixando de mencionar os templos, que para Italia não são notaveis, indicaremos somente a capella de S. Severo (ou Santa Maria della pietá di sangre), pertencente á familia de Raimundo di Sangre, principe de S. Severo. Tem de notavel n'um dos lados do arco cruzeiro a estatua do Desengano, representado por um homem que figura ter um vestido de malhas, que está desfazendo com a assistencia da razão (figura de genio que tem sobre a cabeça), em allusão a Antonio di Sangre, que renunciou ao mundo tornando-se monge depois da morte de sua esposa querida. No outro lado está a mulher d'elle, Cecilia Gaetani, que denominam o Pudor: está sem vestes, envolta em um veo, atravez do qual se lhe vêem as fórmas. Ao lado da capella ha outra capellinha, onde está sobre um tumulo a imagem de Christo envolta n'um lençol, conhecendo-se-lhe atravez d'elle todas as chagas. Todas ellas são d'uma só pedra de bello marmore, a primeira por Francisco Queirollo, a segunda por Antonio Candini e a terceira por Giuseppe Sanmartino. Dizem que já offereceram pelas tres 112:500 francos (20:000$000 reis da nossa moeda). Fazemos distincção d'estas esculpturas, porque em Napoles são uma das primeiras coisas que apontam, e mesmo porque a especialidade do trabalho as torna singulares; as pessoas entendidas não lhes acham correcção.

É notavel o palacio de Capo di Monte, que tem boas vistas, grande e bello parque, optimos aposentos e muitos quadros modernos, como tambem são notaveis o parque Villa Gallo (ou Regina Isabella), e o no-

vo Campo santo, pelas lindas vistas. Este cemiterio, apezar de novo, tem uma infinidade de monumentos de marmore: está situado n'uma encosta, tendo no alto a capella; em seguida tem um grande quadrado fechado por um muro, que para dentro fórma uma galeria sobre columnas, em que ha 102 capellinhas, entre as quaes e as columnas ainda ha uma passagem para tres pessoas a par. No centro do quadro está uma grande estatua da Religião. No mesmo sentido, porém com menos luxo, existem alli outros quadrados todos pertencentes a irmandades ou ordens terceiras. Vêem-se dispersos muitos outros monumentos mais ou menos ricos, pertencentes a diversas familias.

É interessante a viagem ao Vesuvio, que se póde fazer do modo seguinte: sahindo de Napoles ás 6 horas da manhan acompanhado do guia com algumas provisões, ás 6 e um quarto desce-se na estação de Portici, seguindo a pé para Resina, d'onde sahindo ás 7 a cavallo chega-se ás 8 e vinte minutos á ermida e observatorio, onde se deixam as refeições, ás 9 á velha cratera, e ás 9 e dez minutos ao pé do cone, onde se deixam os cavallos. Sobe-se ao lado do cicerone, que de vez em quando ajuda o visitante, e em 50 minutos alcança-se o logar chamado Cabana de pedra, sem tecto, onde se descança cêrca de meia hora, gozando d'uma vista arrebatadora sobre Napoles, golpho, ilhas, etc.

Se a cratera estiver completamente calma, não merece fazer-se a ascensão ao cone interior, para o que é preciso ladear um pouco, descer depois para tornar a subir aquelle cone, o que é um tanto mais penoso, e somente de grande interesse havendo alguma erupção.

Desce-se dando o braço ao guia em menos de 15 minutos, tomam-se os cavallos, e pouco depois das 11

horas póde-se ter já descançado e devorado as refeições que se tenham deixado na ermida, que é uma capella e alguns quartos, onde vendem do afamado vinho Lachrima Christi. Seguindo para Resina, póde-se ainda sem grande trabalho tomar alli a via ferrea da meia hora depois do meio dia e vêr Pompeia, aonde se chega á uma hora e se encommenda o jantar para as 4 e tres quartos.

Esta cidade tinha uma circumferencia de 2,600 metros, e calcula-se pelas casas, que a sua população fosse de 30,000 habitantes. Existem quasi intactos os muros e as portas que a fechavam. A parte que está descoberta pouco excederá um terço, porém é a mais importante. Está bem conservado o primitivo calcetamento das ruas, que em geral são estreitas, e seus passeios altos, ligados, principalmente nos cantos, por pedras que a dois palmos umas das outras davam passagem d'um para outro lado, livre da enxurrada em tempo de chuva. Vêem-se algumas fontes pouco notaveis.

As casas, nos bairros commerciaes, tinham sufficientes portas, com balcões dentro das lojas, alguns dos quaes, os de pedra, ainda subsistem; mas onde eram casas de habitação, formavam pela maior parte uma parede fechada para a rua e mais lados, apenas com uma unica entrada, tendo no centro um pateo para onde davam todos os aposentos e por onde recebiam a claridade: e segundo o tamanho d'ellas, o gosto ou as posses do individuo, assim era o seu arranjo, tendo muitas vezes jardim, chafarizes, estatuas, pinturas, etc. Vê-se pelas escavações, que a cidade que se descobre é edificada sobre as ruinas d'outra egualmente submersa, e que o nivel d'esta está na maior parte na altura dos segundos andares da anterior, cujas casas eram na maioria de tres compartimentos, ao passo que estas

são quasi todas d'um só, ou quando muito teem lojas e um andar, á excepção de uma ou duas de dois andares.

Dos principaes edificios descobertos quasi que só restam as paredes, pois as decorações foram para os museus, como acontece aos que faziam parte do Forum, que é no centro da cidade uma praça de 157 metros por 33, calçada de quadrados eguaes de marmore, onde desembocam as seis principaes ruas, e onde columnatas de pedra vedavam a entrada a grandes animaes. O principal edificio ao lado era a basilica, com 67 metros por 28, actualmente sem tecto, tendo no fim um logar elevado para o magistrado que applicava a lei, e ao lado d'elle um pedestal que teve estatua. No Forum havia 22 pedestaes, que serviam para estatuas dos homens que bem mereciam da cidade; seis d'estes pedestaes teem ainda as inscripções em honra de altos funccionarios, com o nome de duumviros, que correspondiam a consules em Roma. As entradas d'este Forum eram porticos de columnas, algumas das quaes subsistem em parte; mas o todo d'elle estava por acabar e n'elle trabalhavam, como se vê das pedras alli encontradas, umas promptas e outras preparando-se para os differentes monumentos. Á direita existiam tres tribunaes inferiores.

N'um canto da rua da Abundancia estava a Bolsa, e no outro uma eschola. Vê-se tambem a um lado a curia ou conselho municipal (20 metros por 18), onde ha diversos nichos, n'um dos quaes existiam os moldes dos pesos e medidas, como diz a inscripção. Vêem-se tambem nas proximidades diversos templos: o de Mercurio tem 25 metros por 16, o de Jupiter 37 por 27, e o d'Augusto ou Pantheon tinha estatuas e monumentos. Na rua de Mercurio vê-se o

templo da Fortuna, que tinha duas estatuas da familia Tullio. Logo ao principio da rua das Thermas está o edificio d'este nome, que occupa quasi uma insua (quadro entre quatro ruas): o exterior eram lojas de negocio, e o interior salas de banhos, quentes, frios, tepidos, de transpirar, etc., e salas d'espera e de vestir. Defronte está a casa do Poeta tragico, assim chamada por causa das pinturas que a decoravam (scenas da Illiada) e que foram para o museu de Napoles. Mais adiante está a casa de Pansa, occupando uma insua inteira (98 metros por 37), que era um estabelecimento de lojas para allugar, com 16 d'estas lojas e alguns outros commodos no interior.

Mostram tambem a casa de Sallustio, a do Cirurgião, a de Cornelio Ruffo, a de Holconio, o Forum triangular, que tem pegado o grande theatro para 5,000 pessoas e o pequeno para 1,500. O primeiro tinha tres ordens designadas por *ima*, *media*, *summa:* a primeira tinha cinco ordens de cadeiras de distincção, a segunda vinte e a terceira quatro, contadas de baixo para cima, com corredores aos lados que davam entrada para ellas. Representavam a tragedia de dia, e para impedir os raios do sol, havia um toldo que era seguro em argolões, que ainda existem nos muros de roda. O panno da bocca descia abaixo do solo por uma abertura que ainda se conhece, e o fundo da scena era cheio de esculpturas.

Na rua de Mercurio a casa n.º 15 era de Meleagro. O n.º 9 é uma taberna: no interior tem um quarto, cujas pinturas são relativas ás libações, como um soldado segurando um copo e uma rapariga deitando liquido, e o letreiro—*Dafridum pusillum*—que quer dizer «enche sem susto.» O n.º 8 era um albergue, onde appareceram 5 esqueletos. O n.º 38 era uma

fabrica, talvez de pannos, onde está a machina de os lavar e pisar, e chama-se a casa do Foulon. O n.º 44 era uma pequena barbearia.

Deixando a individualisação seguida, passo á rua do Lupanar, onde o n.º 22 á direita era uma padaria, na qual se encontraram no forno 81 pães, e o n.º 25 á esquerda o proprio lupanar, com uma só porta para a rua: dentro ha um pateo comprido e cinco quartos a um lado, sobre cujas portas estão pinturas que não deixam duvida do fim a que se destinavam. No fim do pateo existe um sofá de pedra, certamente para quem administrava. Sobre estes cinco quartos ha outros tantos, que não se sabe se pertenciam ao mesmo estabelecimento, porque a entrada é separada.

A rua dos Tumulos ou Cemiterio é n'uma das sahidas, e tem uma porção de monumentos d'este genero em perfeito estado. Alli perto está a villa Diomedes, com grande casa, jardins e subterraneos, onde foram encontrados dezesete cadaveres e indicios de provisões, suppondo-se que alli se tinham refugiado da invasão da lava, não esperando que ella durasse a ponto de obstruir as sahidas. No outro extremo da cidade ainda submerso descobriram apenas o grande circo ou arena, que tem tres ordens de logares, no maior diametro 130 metros e no menor 102, podendo conter 20,000 espectadores

Pouco depois das cinco horas póde-se estar jantando, e ás seis partir pelo caminho de ferro para Napoles, aonde se chega por volta das sete.

Tendo sido Herculanum talvez mais consideravel que Pompeia, as suas ruinas não offerecem tanta curiosidade por serem subterraneas, pois sobre ellas está a importante povoação de Resina.

No entretanto o viajante curioso não deverá dei-

xar de vêl-as. A 20 minutos da estação de Portici, depois de atravessar diversas ruas de Resina, encontra-se a entrada do theatro, para o qual se descem mais de 100 degraus acompanhado d'um guia com archote. É difficil fazer uma idêa do effeito do theatro á luz do archote, tanto mais que os pilares que sustentam o tecto augmentam o embaraço. Todo o edificio está de 21 a 26 metros abaixo do nivel actual de Resina, e podia conter de dez a quinze mil pessoas. N'este theatro existiam muitas estatuas, que foram para o museu de Napoles.

Depois da visita ao theatro, resta ainda outra parte da cidade que foi descoberta 13 metros abaixo do nivel actual: vêem-se alli uma rua, diversos edificios de commercio e parte d'uma grande casa, que tinha um portico com 20 columnas e 6 pilares.

O viajante que dispozer do tempo tem muitas outras digressões agradaveis, como a Portici, Castellamare e Sorrento, ou para o outro lado a Puzzoles, que tem ruinas de povoações submersas, ao antigo lago d'Agnano, com tres quartos de legua de circumferencia, que já foi o cone d'uma cratera, por cujo motivo a agua está sempre morna. Alli perto ha uma gruta em que se não entra por causa do mau cheiro, e onde principalmente os cães teem certa a asphyxia: chamam-lhe por isso a gruta dos Cães. Seriam egualmente lindas as excursões a Baias, Bacoli, Misena e Cumes, e bem assim ás ilhas de Procida, que tem 14,000 habitantes; e Ischia com 28,000.

Leorne (96,000 h.)

Cidade sobre o rio Arno, muito commercial em

quinquilherias, com 20,000 judeus. É muito bem calçada e arruada, e tem boas edificações, um excellente porto artificial defronte da ilha d'Elba, optimos canaes e magnificos banhos de mar, para o que ha bons estabelecimentos, e um bello passeio na costa. Vêemse em Leorne tres estatuas equestres, uma das quaes tem quatro escravos negros no pedestal; e uma boa cisterna para filtrar a agua que alli se consome, mandada fazer em 1792 por Leopoldo II.

Pisa (25.000 h.)

Egualmente na margem do rio Arno, muito pacifica. As suas principaes curiosidades são:

A Cathedral, com cinco naves e 100 metros de comprimento, construida de 1067 a 1103 em estylo normando-toscano da mais alta perfeição. Tem no interior 68 columnas, quasi todas antigas. O plano para os seus doze altares attribue-se a Miguel Angelo; e o altar-mór, todo de rico marmore e lapis-lazuli, é de 1774 e tem no alto um sublime Christo na cruz por João de Bolonha. Tem pinturas d'André del Sarto e outros. Dizem que fôra o balanço da lampada d'esta egreja que despertara em Galileu a idêa da pendula. Na fachada é que este templo ostenta verdadeiramente a sua magnificencia! Tem cinco ordens de columnas sobrepostas, cujos capiteis são na maior parte d'origem romana e grega, trazidos a Pisa, como tropheos de gloria.

A torre é um edificio isolado, redondo, com 47 metros d'altura, fugindo quatro metros da linha vertical, o que lhe dá uma inclinação muitissimo visivel.

Foi construida de 1174 a 1350; tem oito ordens de lindas columnas sobrepostas, e uma escada interior muito commoda com 294 degraus. Do lado opposto á inclinação tem um grande sino de 12,000 kilogrammas.

O baptisterio é outro edificio separado de fórma circular, com duas ordens de lindas columnas; e o tecto é em fórma de cupula, fornecendo-lhe muita claridade por uma porção de janellas. No interior tem um circulo de columnas, que formam uma varanda, e uma galeria inferior. No centro tem um espaço oitavado, fechado por uma balaustrada de marmore, e pias baptismaes aos cantos, no meio das quaes está uma cadeira destinada ao sacerdote; tudo de marmore admiravelmente cinzelado.

O campo Santo, que fica faceando com a mesma praça, é de 1168 a 1200. Mandaram vir do monte Calvario 53 navios carregados de terra para elle. Do lado exterior fórma arcadas fechadas, e para dentro uma galeria coberta, onde estão os tumulos, e esculpturas antigas que com as pinturas a fresco nas paredes são de grande interesse para a historia das artes. No centro tem um espaço ajardinado, por onde as galerias recebem a claridade pelas arcadas ogivaes.

Placencia (32,000 h.)

É cidade perto do rio Pó, com grandes fortificações, mas de pequeno commercio. Na praça Cavalli tem duas boas estatuas equestres de bronze dos duques Alexandre e Ranucio Farnese, fundidas em 1620 a 1624 por Mochi. O duque Alexandre cobriu-se de glo-

ria nos Paizes-Baixos ás ordens de Philippe II, tomando Anvers, e cercando Paris de 1585 a 1591.

Na Cathedral ha magnificos frescos por Guerchino e Luiz Carrache. A egreja de S. Xisto teve a Madona Sixtina de Raphael, hoje no museu de Dresde.

Genova (127,986 h.)

Acha-se n'uma situação lindissima. Está assentada n'uma encosta de montanha e no fundo do golpho, de maneira que produz o effeito mais grandioso quando vista do porto a meia legua do litoral, e é por causa d'esta vista appellidada a soberba. O visitante que se dirige ao caes, é assaltado por milhares de barqueiros que o desafiam a um passeio pelo golpho; mas o mais interessante é a vista que acabamos de dizer; e essa goza-se a pequena distancia, devendo-se para este fim fazer o ajuste claro para não ser logrado no preço ou desgostado no desenlace.

A melhor vista do lado da cidade é de sobre a egreja de St.ª Maria di Carignano, a que se sobe por uma commoda escada de 255 degraus até á ultima galeria da cupula. Estando esta egreja na extremidade sueste no ponto talvez mais elevado, domina a cidade, as fortificações, o golpho e as povoações das margens, e ao poente quanto a vista possa abranger sobre o Mediterraneo (para cujo lado dizem que em dias serenos e claros se alcança ver a Corsega). É um ponto de vista muitissimo notavel, que não deve deixar de gozar-se.

O movimento commercial e maritimo observa-se de cima do Terraço, que é um passeio de 748 passos

de comprimento por 20 de largura sobre as arcadas da muralha de marmore, que separa o porto franco das ruas da cidade; e querendo ter-se uma idêa mais completa, é fazer-se a ascensão do pharol novo sobre o molhe do poente. Este pharol tem 375 degraus, e de cima d'elle se descobrem ao nordeste os arsenaes de guerra e de marinha, ao nascente o molhe velho e o porto franco, e ao norte o immenso ancoradouro.

As egrejas d'esta cidade não são notaveis. A mesma Cathedral, em fórma de cruz latina com tres naves, é em diversos estylos conforme as differentes restaurações. A Annunziata ou dos Capuchinhos tem bôas pinturas e dourados. S. Ambrosio, egreja dos Jesuitas, é sobrecarregada de mosaicos e dourados: tem um quadro de Rubens e outro de Guido. S. Matheus, edificada no seculo XIII por ordem da familia Doria, encerra grande copia de monumentos d'esta familia, que concorreu para o engrandecimento da republica.

Os outros edificios dignos de notarem-se são: o palacio ducal (camara municipal), que tem sobre a fachada oito nichos com estatuas de oito doges; e um bom e novo theatro, o Carlo Felice.

A verdadeira curiosidade de Genova, depois da sua lindissima situação, encerra-se na riqueza dos seus palacios, todos de marmore, cuja visita é muito recommendavel pela opulencia dos adornos, pinturas e esculpturas estimaveis; taes são o palacio Roxo ou palacio Brignoli, o dos principes Doria com seus bellos jardins, o do marquez Pallavicini, etc.

O que muito recommendamos é a excursão á *villa* Pallavicini, que fica perto de Voltri, no caminho de ferro que se construe para Nisa, a cêrca de meia hora de trajecto. Esta quinta é uma verdadeira maravilha pelo arranjo dos seus jardins, grutas de stalactites, ruinas

artificiaes d'apurado gosto, algumas com lagos subterraneos, (onde se entra em bote) mesquitas chinezas, templos romanos, obeliscos, jorros d'agua, flores variadissimas, bosques de cedros, laurestins, camelias e magnolios, espaços de linda relva, e no cume um edificio com uma torre, do alto da qual a vista sobre a quinta e o mar é surprehendente.

———

Milão (265,300 h.)

Muito bem arruada, calçada, edificada e limpa. O pequeno rio Olona e tres grandes canaes ligam-n'a aos lagos Maior e de Como, e aos rios Adda e Pó. É situada n'uma fertil planicie á vista dos Alpes; que se descobrem de cima da sua admiravel Cathedral. As fortificações d'esta cidade foram arrasadas, e em seu logar tem circulando-a bellas alamedas, jardins, praças e excellentes edificações.

A mais notavel das suas curiosidades é a Cathedral, que os milanezes chamam oitava maravilha: é dedicada a Santa Maria, da qual tem sobre a cupula uma linda estatua de bronze dourado de 4^{m},50. As dimensões interiores são 145 metros de comprimento por 57 de largura; é de cinco naves, formadas por 52 pilares, sendo a sua superficie de 110,808 pés quadrados, ou 87,229 sem comprehender o espaço occupado pelos pilares. A nave do centro tem 17 metros de largura por 48 d'altura.

A pintura da abobada imita perfeitamente relevo, e o pavimento é de marmore de côres. No transepto tem uma imagem de S. Bartholomeu, admiravel trabalho em marmore sob o ponto de vista anatomico. Em

conformidade com o martyrio d'aquelle Santo, vê-se-lhe a pelle arrancada do pescoço até aos pés, e apanhada sobre um hombro em ar de capa. É uma obra prima de Marco Agrata. Admira-se tambem um tumulo de Jacques e Gabriel de Medicis, tendo em cima a estatua colossal do primeiro, bella obra de Leoni em 1564. As tres immensas vidraças do côro teem 350 diversas pinturas sacras modernas, copias de quadros antigos. No arco cruzeiro ha uma capellinha subterranea com o tumulo de S. Carlos Borromeu, exactamente por baixo da cupula.

O que verdadeiramente maravilha é o seu exterior em estylo gothico, com 98 torreões d'um admiravel rendilhado feito d'estatuas de marmore, desde tamanho colossal até pequenas dimensões: para calcular-se o valor d'este trabalho, basta dizer que o numero d'estatuas sobe a 4,500, entre as quaes se vêem algumas de Canova, insigne esculptor. A estatua de cima da cupula está 110 metros acima do solo. De sobre o tecto da egreja a vista é arrebatadora, avistando-se perfeitamente ao sudoeste o monte Viso, monte Cenis, monte Branco, monte Rosa e Grande S. Bernardo; ao noroeste monte Leone e os Alpes de Berna; ao norte o Splugen, e ao sul a Cartuxa de Pavia e por traz os Appeninos.

A egreja de Santa Maria delle Grazie, do convento do mesmo nome, tem algumas bôas pinturas (e entre ellas um Descimento da cruz por Caravagio); mas o que causa verdadeira admiração, é um fresco na sala do refeitorio, a «*Ultima Ceia de Christo*», um dos prodigios da arte, por Leonardo de Vinci.

O palacio Brera (academia de bellas-artes) tem uma galeria de 400 e tantos quadros, entre os quaes está o Sposalizio que Raphael pintou aos vinte annos.

A bibliotheca, no mesmo edificio, é rica em obras raras, e tem no andar superior cêrca de 60 quadros, alguns dos quaes são muito bons. No atrio do palacio está uma estatua de bronze que passa por uma obra prima de Canova. Allude a Napoleão, e é de tamanho mais que natural. É um homem nú, que vae a passos largos e firmes com um bastão na mão esquerda, e na direita um globo sobre o qual está a figura da Victoria.

Em Milão existe tambem uma arena moderna, mandada construir de marmores por Napoleão I, a qual rivalisa com as dos romanos, e sem ser alta póde comportar 30,000 espectadores. É tambem oval; o seu maior diametro tem 750 pés; serve para corridas de cavallos ou touros e torneios, e por meio d'um aqueducto póde receber agua sufficiente para regatas ou para simular combates navaes.

O passeio publico d'esta cidade é magnifico, e melhor ficará, quando completarem a collecção de estatuas de homens célebres, que principiaram.

O arco de triumpho chamado da Paz, ponto final da estrada do Simplon, é uma obra magnifica em estylo romano, e sobre elle está um carro a seis cavallos com a figura da Paz: este arco foi mandado fazer por Napoleão I em 1804, e terminado pelo imperador d'Austria em 1838, o qual lhe alterou os disticos.

O grande theatro Scala de Milão tem excellentes decorações, espaçosos camarotes, e é talvez o melhor em condições de acustica, e em capacidade somente inferior ao Lyceu de Barcellona, pois comporta 3,200 espectadores.

Turin (210,000 h.)

É a cidade d'Italia que mais tem acompanhado o impulso dos ultimos progressos, e até uma das mais bem arruadas e edificadas da Europa. É banhada pelo rio Pó e ribeiro Dora. Tem muita animação e bôas lójas de commercio, principalmente na rua do Pó, entre as praças Castello e Victor Manuel, toda de lindas arcadas, e onde á noite é d'um bonito effeito o variado das illuminações particulares.

O palacio Madama, que até 1865 era o senado, serve hoje de museu de quadros, cuja galeria orça por 600 pinturas, entre as quaes se nota a Madona di Tenda pelo immortal Raphael, e em cuja collecção se vêem figurar Ticiano, Paulo Veronese, Correge, Rubens, Van-Dyck, Rembrandt, Holbein e outros grandes mestres.

O palacio real, d'uma apparencia desengraçada, tem excellentes decorações e mobilia, e uma collecção de armaduras antigas das mais completas que existem, onde se vêem uma espada e um escudo com admiraveis lavores por Benvenuto Cellini, figurando episodios das guerras entre Mario e Jugurtha.

No palacio Carignan ha o museu d'historia natural, onde se vêem ossos d'um mastodonte ante-diluviano, pelos quaes se conhece que este animal era muito maior que o elephante.

Existem alli muitas estatuas: a mais antiga é a de Manoel Felisberto, que bateu os francezes no reinado de Philippe II de Hespanha. Esta estatua tem um baixo-relevo representando o tractado de Chateau-Cambrésis, do qual resultou ser entregue o ducado de Saboia á casa do mesmo titulo; está na praça de S. Carlos, n'uma attitude fanfarrona, embainhando a espada por causa da paz que se digna conceder á Europa.

Outra bôa estatua equestre é a de Carlos Alberto na praça do mesmo nome, tendo a cada canto do pedestal uma estatua de soldado, cada um com differente fardamento, dos regimentos sardos.

Defronte da camara municipal acha-se a estatua de Amadeu VI, conde de Saboia. Á entrada da camara vêem-se as estatuas equestres de marmore dos principes Eugenio e Fernando. Na praça Carignan ha uma estatua de marmore a Gioberto, propugnador da liberdade italiana. Na praça do Castello ha uma estatua de guerreiro defendendo a sua bandeira, monumento que os milanezes mandaram erigir em 1857 em honra do exercito sardo. Ha tambem um obelisco de 23 metros na praça de Saboia, em honra do ministro Sicardi, reformador da jurisdicção ecclesiastica e implantador da carta constitucional, monumento que tem os nomes dos deputados que votaram por estas medidas. A praça do Commercio tem a estatua de Cavour, e o jardim publico um monumento a Manin.

Ha em Turin ainda outras curiosidades, que deve ver quem dispozer do tempo.

Faz-se d'alli uma linda excursão á Superga, summidade de 780 metros, coberta de linda vegetação. Embarca-se no rio Pó e vae-se n'um pequeno barco até Madona del Pilone, (menos d'uma legua); alli tomam-se burricos, que em cêrca d'uma hora fazem facilmente a ascensão. A vista que de lá se goza é arrebatadora. Ha alli uma egreja com os tumulos dos principes de Saboia.

Susa (2,500 h.)

Pequena e muito antiga cidade na raiz do monte Cenis, onde actualmente termina a estrada de ferro de

Turin, para depois continuar pelo grande tunnel de 12,220 metros, cuja perfuração está feita na extensão de 7,800 metros (dezembro de 1867), e vencendo-se mais de cem metros por mez estará terminado no fim de 1870.

Vou narrar o que me aconteceu entre Susa e S. Michel, porque póde aproveitar a lição a quem, tendo de fazer excursões similhantes, pretenda emprehendel-as com tempo duvidoso.

Esperava-me n'aquelle logar uma berlinda a quatro cavallos, que com as mesmas mudas da mallaposta me levou a S. Michel por 205 francos em 11 horas de transito, conducção que preferi para commodamente gozar as diversas impressões que se experimentam n'esta ascensão, que attinge uma altura de 2,194 metros. Eram cêrca de oito horas da manhan quando principiei a jornada, e se bem que havia nuvens altas, não impedia isto que ora se descobrisse o monte Bernardin com 2,264 metros, Splugen com 2,242, St. Gothard com 2,239, Simplon com 2,152, e as outras montanhas intermedias, ora os differentes panoramas que se gozam do proprio monte Cenis, e os valles e lagos por elle formados.

Antes do meio dia tinha alcançado o topo da montanha, onde resolvi jantar e descançar uma hora; bem longe de suppor que tinha de presenciar um espectaculo que sem exageração se podia chamar *bello-horrivel.* Por volta da uma hora, quando já me dispunha a continuar, principiou a cahir folheca (neve em floccos), tornando-se em breve tam densa que quasi escurecia o ar; e em menos d'uma hora havia mais de palmo de neve no caminho.

Isto parecerá trivial e pouco medonho a quem não souber que nós começavamos a descer, o que fazia

escorregar accelerando a marcha; que a estrada é em logares perto e á vista de precipicios, que só o imaginal-os faz estremecer; accrescendo que não podendo a chamada estrada americana, sobre trilhos de ferro, trabalhar pela obstrucção causada pelas neves, lhe andavam collocando um tecto de ferro em fórma de meia canna sobre esteios de madeira; que de materiaes d'este tecto havia milhares de monticulos á beira do caminho, e que como a folheca os havia coberto, era facillimo que enganando-se o boleeiro levasse os cavallos a dar com as canellas no topo d'aquelles ferros, e que atordoados pela dôr atirassem com o carro por algum de tantos despenhadeiros!

Todas estas considerações me trouxeram em continuo sobresalto, até que depois d'uma hora de marcha arriscadissima, mudou completamente o tempo, e gozei d'ahi por diante do mais bello de todos os espectaculos. Principiou a chover torrencialmente, o que limpou a estrada em pouco tempo, formando multidão de cascatas, que augmentavam em volume e belleza com a neve que nos pincaros cada vez mais derretia, tornando a agua côr de prata.

A vista d'esta transformação maravilhou-me mais do que a anterior me tinha atterrado, e dei-me por muito feliz em gozar do que talvez não tenha outra occasião de vêr; porque, apezar de ter gostado immenso do desfecho, pretendo evitar sempre que possa arriscar-me como me arrisquei.

Terminando aqui a viagem d'Italia, passo ás margens do Rheno e Suissa.

Ao sahir de França pelo lado da Belgica e Hollanda dever-se-ha ir vendo as cidades já descriptas, para o que aproveitará muito consultar a carta da Europa central.

X

MARGENS DO RHENO

Coblentz (27,767 habitantes)

Cidade antiga, bem fortificada, e theatro de grandes batalhas. Na margem opposta está uma fortaleza magnifica, que os francezes destruiram em 1799 e que os prussianos obrigaram a reconstruir depois de 1815; acontecimento que deu origem a que o povo francez, quando se lhe propõe um negocio sem lucro, responda: «Não estou disposto a trabalhar para o rei da Prussia.»

Mayence (42,000 h.)

Uma das melhores praças fortes de toda a Allemanha, que até 1866 tinha uma guarnição mixta austriaca e prussiana, e hoje só d'esta ultima nação. Já em tempo dos romanos, e depois na dominação franceza, era tida como grande ponto estrategico, e por isso a sua principal curiosidade são as formidaveis fortificações.

É patria de Guttemberg, do qual tem uma esta-

tua na praça do theatro. Tem tambem uma galeria de antiguidades romanas, de segunda ordem.

De Coblentz até aqui é que o Rheno tem mais belleza, e é por isso que todos preferem a viagem em vapor, porque dá mais tempo e porque assim se vêem simultaneamente as duas margens. Com o auxilio de cartas especiaes para esta parte do rio, se passam estas poucas horas contemplando a gravidade das suas margens e a magestade dos seus castellos, outr'ora formidaveis e hoje pela maior parte em ruinas, á excepção de alguns, como o de Braenserburg, d'origem romana e bem conservado, o de Joannisberg, solar e propriedade do grande Metternich, e cujo vinho é o mais afamado d'Allemanha e se vende a 10 florins a garrafa (cerca de 3,600 reis).

Wisbaden (21.000 h.)

Capital do ducado de Nassau, a qual deve todo o progresso á justa fama das suas aguas mineraes, já conhecidas dos romanos e ainda mais ao estabelecimento de jogo que, como os de Baden e Hombourg, attrahe todos os annos grande multidão d'estrangeiros.

Fazem-se d'alli mui lindas excursões á capella russa a 20 minutos de distancia, sobre uma pequena planura com excellentes vistas, onde está aquelle pequeno mas elegante templo que o duque mandou erigir em 1855 á duqueza Elisabetha para encerrar o tumulo d'ella, magnifica obra de marmore pelo esculptor Hopfgarten; e ao castello de caça ducal, a $1\frac{1}{2}$ legua na estrada de Limbourg, com grande parque e boas vistas.

Hombourg (4,500 h.)

Pequena mas mui linda cidade, capital de Hesse Hombourg, com edificações todas novas, e mui frequentada em tempo de banhos por causa das suas aguas ferro-salinas, e sobre tudo pela magnificencia da sua casa de jogo, principal attractivo, que alli entretem um banco, theatro, grande e excellente musica, jardins, caça e pesca, para engôdo dos estrangeiros.

Francfort s/m (83,380 h.)

Cidade muitissimo importante, principalmente até á invasão prussiana de 1866, e uma das principaes praças em transacções de fundos pelos seus immensos capitalistas.

A parte mais importante é a mais velha e menos agradavel, que fica na margem do rio Meno. Do lado opposto tem quarteirões inteiramente novos e de lindas edificações, com espaçosos passeios e excellentes jardins. Tem um bom monumento a Guttemberg e seus protectores Fust e Schœffer, e duas estatuas a Goethe e Schiller, tudo bom trabalho em bronze, e sobre a ponte a estatua de Carlos Magno, esculpida em pedra vermelha.

A galeria de quadros tem telas muito apreciaveis, principalmente uma de Lessing representando Huss perante o concilio de Constança.

Possue Francfort uma rica synagoga e um bom jardim zoologico, e n'uma galeria particular d'esculpturas um excellente grupo de marmore — Ariadne sobre uma panthera.

Carlsruhe (27,000 h.)

Capital do gran-ducado de Baden, cidade novissima, pois a sua fundação não excede a cem annos; por isso as suas ruas são muito regulares, partindo todas as principaes do palacio do gran-duque em fórma de leque. As curiosidades são este palacio com um bom jardim, algumas estatuas, duas d'ellas de gran-duques, uma pyramide, etc.

Baden (7,500 h.)

Pequena mas mui pictoresca cidade, com afamadas aguas mineraes e um estabelecimento de jogo, que attrahem todos os annos grande numero de visitantes, sendo em 1863 de 42,000. A casa de jogo é um vasto edificio com muitas e luxuosas salas para aquelle fim, grande e rico salão para bailes, salas de conversação e leitura, theatro, ricos cafés, restaurantes, e magnificos jardins onde tres vezes por dia toca uma excellente musica.

Encontram-se n'esta cidade muitissimos hoteis, um banco e bons predios. São interessantes as excursões ao velho castello e á cascatinha, etc.

Strasburgo (84,167 h.)

Antiga capital da Alsacia, na margem esquerda do Rheno, que alli separava a França do Wurtenberg. Os seus costumes mais parecem allemães que france-

zes. Tem formidaveis fortificações, e uma guarnição de 6,000 homens.

O seu edificio mais importante, e um dos mais notaveis que existem, é a Cathedral, construcção antiquissima, porém reedificada de 1015 a 1275 quanto ao interior; a fachada é desde esta data até 1339: esta ultima parte, que lhe dá todo o realce, é obra do architecto Erwin, de Steinbach (ducado de Bade), e seu filho João. Sua filha Sabina dizem ter executado as esculpturas primitivas. Notam-se principalmente a fachada, o florão ou janella de 14 metros de diametro, a torre, o pulpito e as columnas, tudo do mais lindo e apurado estylo gothico. As suas dimensões são 115 metros por 43, em tres naves, tendo de espaço livre das columnas 41700 pés quadrados.

A torre do sul ficou por concluir, e a do norte foi terminada em 1439 por João Hultz, de Colonia, segundo os planos d'Erwin. Esta torre e a d'Anvers são geralmente tidas pelos dois edificios mais elevados da Europa, e pouco inferiores ao primeiro do mundo, a grande pyramide do Egypto, que attinge 160 metros. Discordam, porém, as noticias sobre a altura relativa de cada uma d'ellas. O proprio Baedeker (cujos guias são talvez os melhores) diz no d'Allemanha, 3.ª edição, paginas 512, que esta torre se eleva a 156 metros ou 483 pés de Strasburgo; e no de Paris e França do norte, 2.ª edição de 1867, paginas 240, diz que ella tem 142 metros e que a d'Anvers tem 151. O que dá origem ás differentes opiniões, é que uns fazem referencia á altura a que o visitante costuma chegar, e outros áquella a que attinge o edificio; e n'este sentido é maior a altura a que se costuma subir na de Strasburgo, que excederá talvez 120 metros ou cêrca de 600 degraus, sendo não só difficil mais arriscadissima a ascensão até

á cruz. A maior altura a que com custo mas sem tanto risco se póde chegar, é á bola da cupola de S. Pedro em Roma, cuja cruz exterior attinge 139 metros. N'esta mesma quasi todos os viajantes se contentam com chegar á galeria exterior da cupala ou lanterna, a cêrca de 120 metros, d'onde a vista sobre o edificio e sobre a cidade, arrabaldes e mar é maravilhosa. Do mesmo modo, a lanterna da cupula de S. Paulo em Londres está a 120 metros e a cruz a 130; e já que d'alturas fallamos, notaremos tambem que a torre de Saint-Etienne em Vienna attinge 138 metros, e a da cathedral de Colonia 109.

Voltando á descripção do grande templo de Strasburgo, resta-nos fallar particularmente das magnificas estatuas que guarnecem a fachada principal, os portaes do sul e norte e os pilares interiores. No transepto ou braço do sul existe o mais extraordinario relogio astronomico, construido de 1838 a 1842 em substituição d'outro que se tinha arruinado. Na base um grande globo marca o curso dos astros, tendo no reverso um calendario perpetuo, no qual Apollo marca a data do dia com a flecha. Á direita um maquinismo indica os equinoxios solares e lunares; á esquerda outro marca o computo ecclesiastico. Acima um quadrante marca o tempo medio, seguindo-se-lhe um indicador planetario; e mais acima vê-se um globo estrellado que marca as phases da lua. Segue-se agora um immenso grupo d'estatuas de bronze distribuidas d'este modo: sobre a primeira galeria ou varanda do relogio um grande anjo toca os quartos d'hora com uma campainha que empunha, e perto d'elle está um genio que a cada hora vira uma ampulheta; na segunda galeria um menino, um joven, um homem e um velho veem por sua vez em volta d'uma figura de esqueleto tocar

o seu quarto d'hora, findo o que o esqueleto toca as horas, sahindo ao mesmo tempo d'um nicho a divindade do dia, isto é, Apollo ao domingo, Diana á segunda feira, etc.; ao meio dia e á meia noite, os doze Apostolos passam reverenciando-o por diante de Christo, que collocado mais alto os abençôa; Christo fórma o centro e remate do relogio, que tem aos lados duas pyramides, uma das quaes é coroada por um gallo que no fim da ceremonia de cada doze horas, tres vezes estende o pescoço, bate as azas e canta de maneira que retumba em toda a egreja.

Existem em Strasburgo algumas outras curiosidades, como a velha egreja de S. Thomaz em fórma de rotunda e em estylo gothico: a qual é consagrada ao culto lutherano. O que a torna porém mais notavel, é um excellente mausoleo do marechal de Saxe, executado em marmore por Pigalle. Na praça de Guttenberg vê-se a estatua pedestre de bronze d'este homem célebre, por David d'Angers; e na grande praça d'armas a estatua equestre de bronze do general Kleber, modelada por Grass.

Apezar do genio laborioso dos seus habitantes, poucos melhoramentos modernos se observam alli, á excepção da magnifica ponte de ferro que liga as duas margens do Rheno, e cujas extremidades rodam sobre um pilar, e por este meio se póde interceptar a communicação em caso de guerra.

XI

SUISSA

Bale (cêrca de 45,000 habitantes)

Bale ou Basilêa, cidade antiquissima, porém importante, por causa dos seus ricos proprietarios e grandes capitalistas, e porque mantem bastantes relações commerciaes com a Allemanha e França pela via ferrea e pela navegação do Rheno. Tem um aspecto inteiramente particular: quasi todas as ruas são de arcadas de grossos pilares, que de dia tornam as lojas muito escuras e á noite mal illuminadas. Algumas das portas da cidade são torres com grandes relogios, cujas horas são dadas por figuras de martello em punho; ou qualquer outra singularidade.

A Cathedral é algum tanto notavel, e de lá goza-se excellente vista sobre o Rheno.

Tem a cidade uma optima bibliotheca com 85,000 volumes e 4,000 manuscriptos, e um museu notavel pelas pinturas de Holbein e d'outros pintores célebres.

Tem algumas curiosas fontes antigas, como a do mercado do peixe e a de S. Paulo.

Possue tambem muito bons estabelecimentos de caridade e instrucção.

Schaffouse (8,711 h.)

Pequena mas mui pictoresca cidade, á qual o contacto com os estrangeiros, depois da construcção da via ferrea, ainda não fez alterar o aspecto nem os costumes patriarchaes. É de pouca importancia, e não fariamos d'ella menção a não ser como ponto de partida para a queda do Rheno que nos obriga a chamar a attenção do viajante, porque os pontos de vista, lagos e cascatas são, o que a Suissa offerece de curioso.

Quem, seguindo de Bale para Constança, deseja vêr em caminho esta importante curiosidade, quasi sempre pára em Nenhausen, onde se encontra bom hotel proximo da cascata na sua margem direita. Notaremos que d'esse modo é quasi como se se não visse, tal é a differença que ella apresenta na sua margem esquerda. É por isso que recommendamos desembarcar alguns minutos mais adiante, em Schaffouse. N'esta cidade toma-se na outra margem o caminho de ferro de nordeste até Dachsen (10 minutos), e d'alli em omnibus ou mesmo a pé (um quarto d'hora) vae-se ao castello de Laufen, onde se paga 1 franco d'entrada. D'aqui a vista é surprehendente. A melhor hora é antes das nove da manhan ou depois das quatro da tarde, porque quanto mais horisontaes forem os raios do sol, melhor produzem o effeito d'arco-iris. É egualmente notavel o effeito do luar, e melhor ainda o da illuminação, que fazem às quartas e sabbados.

Depois de terem-se visto d'esta quinta os diversos pontos, desce-se a uma floresta que fica pelo lado de baixo, e alluga-se uma capa impermeavel das muitas, que são offerecidas, para vêr a ca tarata de baixo para cima. Aqui a vista é completa, e póde saciar o mais avido de curiosidades deste genero. Imagine-se uma

lingueta do solo pedragoso, mas coberto d'arvores, que se intromette pelo leito do rio mesmo encostada á grande catarata, que no despenhar-se se affigura a quem a encara que lhe vem em cima, mudando-se a illusão em realidade pelos borrifos que formam um nevoeiro constante e golfadas de instante a instante, que sem a capa impermeavel deixariam o observador completamente alagado. Junte-se a isto o urro da queda, e o redemoinhar das aguas, que absorveriam não só os individuos mas até barcos para não apparecerem senão a grande distancia, e comprehender-se-ha que o apaixonado de emoções deve satisfazer-se. Quanto ao timido, esse recuará por certo sem mesmo encarar bem a queda, nem aproximar-se do precipicio, que póde vêr aberto a seus pés.

Da margem opposta a vista é, como dissemos, muito inferior, porque havendo no alto quatro enormes rochedos, que dividem a agua, impedem ao mesmo tempo que d'aquelle lado se goze no melhor ponto; ao passo que a da esquerda é muito mais volumosa, rapida e completa.

A viagem de Schaffouse a Constança póde fazer-se em cêrca de 1 ½ hora em caminho de ferro, ou em vapor pelo rio em cêrca de 4 horas, que seriam recreativas pelas lindas margens do Rheno.

Constança (9,400 h.)

É situada em terreno pertencente ao ducado de Bade, e á margem do lago do seu nome, o qual é neutro por pertencer a estas duas nações e a Wurtemberg, Baviera e Austria. Tem o lago 14 leguas de

comprimento por 3 na maior largura. As suas margens são em geral baixas, ferteis e cheias de povoações, villas e cidades, que o tornam curioso, mas menos bello que os de Zurich, Genebra, e sobre tudo o de Lucerna ou dos Quatro Cantões.

Em 1 1/2 hora no vapor póde ir-se a Romanshorn, e d'ahi em duas horas de caminho de ferro, á seguinte cidade.

Zurich (20,381 h.)

Linda e florescente cidade sobre o rio Limat, na extremidade norte do lago do seu nome. O rio ao sahir do lago com bastante rapidez divide a cidade em pequena e grande Zurich, ligadas por cinco pontes.

Tem uma excellente academia de medicina e outras faculdades, uma boa eschola politechnica; eschola d'artes e officios; academia de bellas-artes; bibliotheca; um museu d'antiguidades, e muitos outros estabelecimentos de instrucção e charidade, e edificios religiosos; um bom jardim botanico, e uma alameda de grandes tilias em um ponto elevado cuja vista é excellente.

Quanto a pontos de vista, um dos melhores que offerece a Suissa é o do arrabalde de Uetly a 2 leguas da cidade, que recommendamos por causa da facilidade da ascensão, á montanha de 873 metros acima do mar e 465 acima do nivel do lago, cuja vista excede em mimo o que póde perder em extensão relativamente a outras, assim como o resto das margens excedem em belleza áquellas a que cedem em magestade. Os mais commodistas tomam um fiacre para o transporte até Albisgutli na raiz da serra, e ahi tomam

um animal para a subida d'esta. A despeza de transporte póde ser de 12 francos ida e volta por uma só pessoa, ou relativamente menos, sendo duas até quatro. No alto da serra ha bons hoteis, onde se deve ficar para ver o effeito arrebatador do nascer do sol. D'este ponto goza-se a mais deliciosa vista, que se póde imaginar, sobre a cidade e sobre o lago, cujas margens são collinas cheias de verdura, pomares, vinhas, casas e povoações, e d'um declive de facil accesso em toda a sua extensão, que é de 8½ leguas de comprimento por 1 na maior largura. D'alli se disfructam egualmente o valle do rio Limat, as cordilheiras dos Alpes cobertas de neve, e outros muitos pontos notaveis até aos arrabaldes de Baden com seus velhos castellos. Ao principio o lago tem a pequena e linda ilha de Bauschauze á similhança da ilha de Rousseau em Genebra, e como ella ligada á cidade por uma ponte.

Não tendo espaço para os pormenores das excursões agradabilissimas ás povoações, villas e cidades das margens do lago, limitamo'-nos a recommendar as de Thalwyl, Horeen, Meilen, Waedenswyl, Richterewyl, Staefa e Rapperschwyl. D'este ultimo ponto a uma peninsula fronteira da outra margem existe uma das maiores pontes conhecidas, tendo 1,460 metros d'extensão por 4 de largura, sobre 180 pilares formados sobre estacas. Além da ponte ha outras povoações importantes, porém menos lindas. De volta a Zurich, toma-se a linha ferrea de Zug e da seguinte cidade.

Lucerna (11,673 h.)

Sobre o rio Reuss, á sahida do lago que tem di-

versos nomes, porém mais conhecido pelo dos Quatro Cantões. Tres pontes ligam as duas partes da cidade sobre o impetuoso rio, duas das quaes são antigas e curiosas por serem cobertas e terem pinturas sacras nos tectos. É uma cidade florescente, mas á excepção d'um monumento em memoria da guarda suissa victima da revolução de Paris em 1792, nada mais tem de verdadeiramente notavel. Este monumento é um grande rochedo a que fizeram uma face perpendicular, abrindo-lhe depois uma profunda gruta de 14 metros de comprimento por 8,5 d'altura, dentro da qual se vê um leão de 9 metros de comprimento expirando atravessado por uma lança. Os pés do leão são banhados por uma pequena corrente d'agua, que alimenta uma grande bacia na parte inferior do rochedo. Merece elogios a execução d'esta obra, cujo desenho é do insigne Thorwaldsen.

Quanto ao lago de Lucerna ou dos Quatro Cantões, com 8 leguas de comprimento e largura tam desegual que a calcularemos aproximadamente de menos d'um quarto a mais de 1 ½ legua, é não só o mais bello de toda a Suissa, mas até um dos mais pictorescos de toda a Europa. Em cada garganta ou torcicollo toma diverso nome, e assim ao sahir e em frente da cidade chama-se de Lucerna, á esquerda a bahia Kusnacht, á direita a de Alpnach, em frente o lago de Waldstetten, além d'elle o das Buochs e á final o de Uri. Para o apaixonado da natureza caprichosa, nenhum logar é mais proprio. Sahindo de Lucerna, tem á esquerda Waeggis, povoação cheia de pomares na raiz do monte Rigi, a menos d'uma hora em vapor ou duas horas a remos; mais adiante Fitznau ou Witznau, perto do qual existe uma immensa gruta de stalactites de difficil accesso. Continuando encontra-se Gersau n'um

sitio lindissimo, cheio de castanheiros e outras arvores de fructo, com excellente hotel cuja pensão para quem alli passa uma semana ou mais dias é de 5½ francos diarios. Todos estes logares são á esquerda de quem vae de Lucerna.

Na outra margem tem defronte Beskenried, e á esquerda ao voltar para o lago d'Uri a linda villa de Brunnen, a mais bem situada de todas por ficar no vertice do angulo formado pelo lago onde desagua o rio Schwyz, cujas encantadoras margens d'alli se gozam. Nas proximidades d'esta villa existem pontos de vista arrebatadores, taes são sobre tudo Stoss a 1,290 metros acima do nivel do mar, e Frohnalp a 1,911 metros. Defronte está Treib, com vistas das montanhas proximas egualmente recommendaveis.

Entrando-se no lago d'Uri, encontra-se á direita uma grossa pyramide de granito com letras douradas colossaes, cada uma de 24 kilogrammas: «Ao cantor de Tell, Frederico Schiller. Os cantões primitivos.» Do lado esquerdo, a pouco mais de meio lago d'Uri está a capella de Guilherme Tell pouco distante das aguas e quasi encoberta com arvoredo.

É uma pequena ermida aberta para o lago, construida em 1388, trinta e um annos depois da morte de Tell, e inaugurada na presença de 114 pessoas que o haviam conhecido pessoalmente. As pinturas das paredes são scenas da vida de Tell, em mau estado e de má execução, mas que nem por isso deixam de ter valor historico pela crença de que são d'aquella epocha. Partindo d'aqui em vapor chega-se d'entro de 20 minutos á povoação de Fluelen no extremo do lago, que cada vez é mais apertado por montanhas alcantiladas de 2,400, 2,800 e tantos até 3,189 metros, que os fanaticos por pontos de vista não deixam de aproveitar.

Berna (29,364 h.)

Está situada n'uma estreita peninsula formada pelo rio Aar, que corre 30 metros abaixo da nova ponte, a qual tem 150 metros de comprimento em tres arcos, um dos quaes tem 48 metros d'abertura prolongando-se em viaducto n'um total de 300 metros. Outra ponte não menos importante é a que ao noroeste da cidade dá passagem ao caminho de ferro.

É notavel o novo palacio federal, acabado em 1857, em estylo florentino. Existe n'elle uma galeria de pinturas modernas, e de sobre o terraço disfructa-se excellente vista. Tem um bom museu de historia natural com todos os animaes indigenas, e uma importantissima collecção de mineralogia contendo diversos crystaes descobertos em 1868, tendo alguns mais de 100 kilos e attingindo um d'elles 133^{k},5. Da plataforma inferior ao lado do palacio federal gosa-se excellente panorama, e do lado fronteiro na plataforma superior outro panorama ainda mais extenso.

Vista extensissima é a que com toda a commodidade se póde ir disfructar de carro a 1 ½ legua sobre o monte Gurten, d'onde dizem se alcança a 35 leguas; o que é certo, é que d'alli se descobrem as montanhas das margens do lago de Lucerna até ás margens e parte do lago de Neuchatel. A melhor excursão que se póde fazer é a Interlaken, villa de 1,313 habitantes, cuja rua principal é um *boulevard* com grandes e bellas nogueiras. Apezar de pequena reune alguns annos 3,000 e mais estrangeiros, tanto é linda, pictoresca e sobre tudo tam arrebatadoras são as excursões para todos os lados, tornando-se por isso o quartel general de muitos visitantes, que d'alli fazem ponto de partida para as curiosidades que ficam proximas. Descreveremos

simplesmente a mais commoda que ao mesmo tempo é das mais interessantes.

Toma-se em Berna a estrada de ferro de Thune, lago de $3^{1}/_{2}$ leguas de comprimento por 1 de largura. O comboyo gasta 1 hora até Thune, principio do lago, e um vapor que anda d'um a outro extremo gasta $1^{1}/_{4}$ até Neuchans, d'onde uma linha de omnibus conduz em meia hora a Interlaken. O trajecto é todo agradabilissimo e variado, e conforme a hora a que se tenha chegado, assim deve escolher-se a direcção a tomar. Tendo-se sahido de Berna ás 6 horas da manhã de maneira que se haja almoçado em Interlaken antes das 10 horas, resta ainda tempo sufficiente para ir ver a cascata de Staubbach no valle de Lauterbrunnen, entre os dois lagos de Thune e Brienz do lado do sul. Para esse fim toma-se um carro (alli os ha excellentes), e em cêrca de $1^{1}/_{2}$ hora póde-se estar contemplando uma cascata que, sem ser grande, não deixa de ser lindissima sendo vista antes do meia dia, em quanto os raios do sol lhe fazem produzir o mais perfeito arco-iris. É um jorro d'agua que se despenha da altura de 300 metros, descendo junta e desligada da montanha no primeiro terço; no segundo terço abre por effeito do vento, que mais ou menos reina n'aquelle apertado valle, e fórma uma verdadeira nuvem, sendo por isso chamada a cascata da poeira, conforme a traducção litteral do seu nome; no terço inferior, apanhando a sapata da montanha, que alli é saliente, fórma um lençol d'agua de muitos metros de largura.

De tarde, depois do jantar, ainda ha tempo de em cêrca de meia hora alcançar-se o principio do lago de Brienz e ahi o vapor que vae a Giesbach no outro extremo do lago (12 kilometros de comprimento por 5 de largura), cuja viagem vale muito a pena aproveitar

sendo dia de illuminação (segundas feiras e sabbados). Com familia convem ir de dia e só esperar para a illuminação havendo acommodações no hotel, porque mais tarde ha o risco de ser grande a affluencia no vapor e ter-se de tomar um barco a remos para Brienz, que fica defronte a menos de tres kilometros.

Giessbach é o nome do rio que ao despenhar-se no lago fórma lindissimas cascatas, e que hoje pela illuminação e estradas commodas attrae grande numero de visitantes. Do desembarque segue para a montanha uma estrada em zig-zag, que em um quarto de hora de marcha suave conduz ao hotel, d'onde já se goza surprehendente vista, a qual é ainda mais completa um pouco acima na plataforma expressamente preparada a que chamam terraço, d'onde se descobrem 7 quedas do Giessbach de rochedo em rochedo. Algumas penedias salientes foram admiravelmente approveitadas para a construcção de diversas pontes artificiaes n'uma altura total de 357 metros acima do lago. A illuminação é ordinariamente por meio de fogo de Bengala, que tem um effeito magico sobre a agua, arvores, reflexo no lago, etc. A vista d'este logar é tambem maravilhosa durante o dia, sobre tudo continuando-se a subir por zig-zags sempre commodos ao logar chamaho Rauft, que fica a 125 metros acima do hotel e a pique sobre o lago a 250 metros, e offerece um panorama só proprio d'aquelle paiz. Ainda mesmo com familia, é facil esta excursão, uma vez que se tenha logar no hotel.

Muitas outras excursões a cascatas e principalmente a grandes alturas se podem fazer nos arrabaldes d'Interlaken, as quaes o apaixonado por esta especialidade póde realisar tomando alli um *cicerone* que melhor que nós lhe indicará o modo conveniente, na certeza de que para todos os lados ha hoteis onde repou-

se e meios de transporte em relação ao logar que se propozer visitar. Seguindo de Berna para Genebra é conveniente ir por Friburgo e voltar por Neuchatel ou vice-versa. Seguiremos o primeiro plano.

Friburgo (10,500 h.)

A uma hora de Berna em caminho de ferro, situada como aquella cidade em terreno alto, e banhada por todos os lados pelo rio Sarino. Tem nos seus arrabaldes bons pontos de vista, mas não mencionariamos esta cidade a não serem tres excellentes pontes que tem, uma de pedra e duas de ferro suspensas, uma das quaes sobre um pequeno regato tem 227 metros de comprimento por 93 de elevação; a outra sobre o Sarino tem 276 metros de comprimento por 51 acima da agua, ou talvez 60 acima do fundo do rio.

Genebra (48,000 h.)

A mais importante de todas as cidades da Suissa, situada na extremidade sul do lago do seu nome, no logar onde o Rhodano recebe as aguas com que no outro extremo abastece o mesmo lago. Tem muita animação, grande florescencia e muitos melhoramentos, mas a sua verdadeira importancia dão-lh'a os deliciosos arrabaldes, onde se vêem quintas magnificas de nacionaes e estrangeiros; taes são na margem direita do lago as Delicias de Voltaire, Mac-Cullock onde morou a imperatriz Josephina, e a quinta da condessa

Gasparinho; em Pregny o castello de Adolpho Rothschild, ultimamente concluido; na margem esquerda a quinta de Favre Sarasin, grandiosa propriedade, onde estão expostas algumas obras d'arte, como uma excellente Venus de Canova; e em Cologny, á margem do lago, a quinta Deodati, outr'ora de lord Byron. Todas estas quintas, para onde ha boas estradas de rodagem, são proximas da cidade.

O lago Leman ou de Genebra, sem ser tam lindo como o de Zurich, nem tam magestoso e pictoresco como o dos Quatro Cantões, é talvez preferivel, pois reune um pouco de cada uma d'aquellas qualidades, sendo álem d'isso o maior de todos elles. É da fórma d'um crescente, tendo n'uma das margens 89,5 kilometros e na outra 77,5 por 15 kilometros na maior largura e cêrca de 200 metros na maior profundidade. A linda ilha de Rousseau, ligada á cidade por uma ponte, tem um pequeno café, copadas arvores e no centro a estatua pedestre de bronze de J. J. Rousseau. Todo o lago é bordado de cidades, villas e povoações cheias d'attractivos. Na margem do norte, a mais extensa, tem Versoix, Coppet, Nyon, Rolle, Morges, Ouchy, Lausanne, Vervey e outras menores; na margem do sul Yvoire, Thanon, Evian, Meillerie e S.te Gingolph que pertence metade a Saboia, offerecendo para todos estes pontos agradaveis excursões.

Quem não quizer passar da Suissa a Turin, que actualmente são 22 horas de caminho e quando acabado o tunnel do monte Cenis serão 11, póde na volta para França passar por—

Neufchatel (10,537 h.)

Cidade na margem do lago do seu nome, o qual tem 9 leguas de comprimento por 2 de largura. Poucos estabelecimentos notaveis possue, á excepção d'um collegio d'orphãos, construcção de 1853. Ainda que este logar não é tam lindo nem tam notavel como outros da Suissa, offerece ainda assim excursões e pontos de vista interessantes.

RELAÇÃO DE HOTEIS

N'esta relação apontamos os hoteis mais recommendaveis, levando em vista que para pouca demora são sempre preferiveis os de primeira ordem onde os frequentadores são mais escolhidos e sobre tudo onde se encontra melhor administração, offerecendo por conseguinte mais segurança aos valores que se possam levar, e onde d'ordinario os preços são a bem dizer fixos, conforme o andar em que se toma alojamento.

Nas cidades onde a demora fôr maior, como por exemplo Paris ou Londres, póde então convir tomar aposento em casa particular ou fazer ajuste especial em algum hotel de 2.ª ordem, do que principalmente para uma familia póde resultar grande differença.

Lisboa — Hotel de Bragança e Central — bons, porém caros; Universal, Gibraltar, Alliança e d'Europa — bem situados, decentes e de preços commodos.

Cintra — Hotel do Victor — recommendavel, e St.ª Anna, mais barato.

Setubal — Escoveiro — não é bom, mas não o ha melhor.

Evora — Tabaquinho — no mesmo caso.

Elvas — Elvense — idem, idem.

Beja — Valadão — idem, idem.

Caldas da Rainha — Hotel do José Paulo — é bom em relação ao logar.

Porto — Hotel Lisbonense, Francfort e Central.
Guimarães—Casa da Joanninha—pessimo.
Braga — O Dois Amigos — é o mais bem situado e o mais supportavel.
Vianna—Hotel em frente do caes (cremos chamar-se o do Cára de pao)—é soffrivel.
Lamego—Hotel do Ribeiro.
Vizeu — » do Vianna.
Tuy — Fonda de D. Ramon.
Vigo — Fonda do mesmo nome e a dos Biscainhos.
S. Thiago—Fonda de S. Miguel.
Corunha—Fonda del Commercio.
Ferrol — Fonda de S. Francisco.
Badajoz—Fonda de las Tres Naciones.
Madrid — Grande Hotel de Paris e o dos Embaixadores—caros (cêrca de 60 reales)—o de France na calle del Carmen é decente e commodo (cêrca de 40 reales), sendo de conveniencia informar-se á entrada por causa do abuso.
Valladolid—Fonda de Paris.
Burgos—Fonda Raphaela e Fonda del Norte.
Saragoça—Fonda de las Quatro Naciones.
Barcelona—Fonda do mesmo nome—bom e bem situado, cêrca de 50 reales—a do Oriente e d'Italia, mesmos preços.
Tarragona—Fonda del Oro e del Commercio.
Valencia—Fonda del Cid e Fonda Francesca.
Malaga—Fonda Victoria e de la Danza.
Cadix — Fonda de Paris, Fonda de Cadix e d'Europa.
Sevilha— Fonda de Paris, Fonda de Madrid, Fonda de Londres e Fonda d'Europa.
Cordova—Fonda Reizi e Fonda Suissa.
Granada—Fonda Alameda, Fonda de la Victoria e Fonda de la Minerva.

Bayonna—Hotel du Commerce, de St. Etienne e o das Bilbainas—n'este ultimo falla-se hespanhol.

Bordeaux—Hotel de Nantes—bom—, e hotel Anglais, rue Esprit des lois 19—em que se falla hespanhol.

Paris—Em geral os nossos patricios vão por causa da convivencia para o Luso-Brazileiro, rua Montholon n.º 30, e para o Franklin e Brasil, rua Buffault, perto da nova Opera, os quaes regulam 10 francos por dia. Lembraremos no entretanto mais dois hoteis regulares, o de Windsor, na rua de la Paix e o de Bade, no boulevard des Capucins, que regulam cêrca de meia libra diaria.

Strasbourg—Hotel Ville de Paris, hotel Maison Rouge, hotel d'Angleterre.

Lyon — Grand Hotel de Lyon, hotel de l'Europe e hotel de Provence.

Marseille—Hotel de Noailles, hotel du Louvre e hotel du Paradis.

Toulon—Hotel Croix d'Or, e hotel Croix de Malte.

Macon—Hotel Sauvage.

Londres—Do mesmo modo que em Paris, os nossos patricios procuram reunir-se quasi todos nos hoteis do Oliveira, e do Salles, que são pouco aceados e de tractamento sem esmero, pagando meia libra por dia, para não se acharem isolados nos hoteis inglezes, onde a convivencia é difficil ignorando-se a lingua do paiz. Para quem a comprehender ou ao menos o francez, aconselharemos como muito preferiveis o Chering-Cross-hotel, na estação do mesmo nome, o Clarendon hotel 169 New Bend Street, e Langam hotel em Portland

Street, os quaes regulam de 18 sch. para cima, e bem assim o Exeter-hotel na praça de Chering-Cross recommendavel como de 2.ª ordem e regula de 18 sch. para menos.

Liverpool—Belveder hotel, Commercial hotel e o Havana hotel: este ultimo é menos recommendavel mas, é o geralmente preferido por ser hespanhol.

Manchester—Queen's hotel—caro; Albion hotel—mais razoavel, e o pequeno hotel des Etrangers, onde se falla hespanhol.

Glasgow—Queen's hotel—caro; Globe hotel—mais rasoavel.

Edimburg—Hotel Dejay—bom e rasoavel.

Ostende—Hotel Royal de Prusse — excellente, porém caro; Hotel Fontaine—bom e moderado.

Bruges—Hotel de Londres e Panier d'Or.

Gand—Hotel de Vienne e Hotel de Wellington.

Anvers—Hotel S.t Antoine e de l'Europe, ambos na Praça Verde.

Bruxellas—Hotel de la Régence, hotel de Flandres e de l'Europe—todos superiores.

Liége — Hotel de Suède (superior e hotel d'Angleterre.)

Rotterdam—Nouvel hotel des Bains, hotel des Pays-Bas e hotel S.t Lucas—todos superiores.

Haya—Hotel Bellevue, hotel de l'Europe e hotel Paulez, superiores

Leyde—Hotel de Zon, e hotel Lion d'Or.

Harlem—Hotel de la Couronne e hotel Flunkert.

Amsterdam—Hotel des Pays-Bas, hotel Oude Doelen e o hotel francez Menut—todos superiores.

Arnheim—Hotel de Zon.

Cologne—Hotel du Nord, Hollandischer-hof e Grand hotel Victoria—superiores.

Hanover—Hotel du Rhin, hotel Hartmann e hotel de l'Europe.

Hambourg—Hotel Victoria, Hollandischer-hof e Zinggs hotel.

Berlin—Hotel du Nord, Victoria hotel e Roma hotel.

Leipzig—Hotel de Russie e hotel de Pologne.

Dresde — Victoria hotel, Bellevue hotel e hotel de Saxe.

Praga— Hotel Blauen Stern, e hotel d'Angleterre.

Vienna Hotel Missl, Goldenes-Lamm e hotel de l'Europe.

Salsbourg—Hotel de l'Europe, Drei Alliirte e Raith.

Munich—Hotel des Quatre Saisons e hotel Ditzer.

Insbruck—Hotel d'Autriche, Goldne Sonne e Goldne Stern.

Botzen ou Bolzano—Hotel Kaiserkrone e Meondschein.

Trento—Hotel dell'Europa e hotel Coronna.

Verona—Hotel Due Torri, torre di Londra e Rainer.

Padua - Hotel Stella d'Oro, e Aquila d'Oro.

Veneza— Grand hotel Royal (caro), hotel Barbezi e dell'Europa.

Bologna—Hotel Brun e hotel S. Marco—este é menos recommendavel.

Florença—Hotel d'Italia, Nuova York, e Victoria—muito bons.

Roma—Hotel Constanzi—bom e o mais bem situado, e proximo á estação—Hotel Isole Britaniche, Europa e d'America.

Napoles—Hotel Victoria, d'America, de Washington e della Gran Bretagna.

Liorne—Hotel Victoria Washington e Aigle Noire.

Placencia—Hotel Croce Bianca.

Genova—Hotel Quatro Nazioni, de la Ville e de France.
Milão—Hotel de la Ville (caro)—dell'Europa—bom e rasoavel.
Turin—Hotel dell'Europa — Trombeta (caros)—e os Gran Bretanha e Feder—bons e rasoaveis.
Coblentz—Hotel Bellevue e Riese.
Mayence—Hotel Hollandischer-hof e Reinischer-hof.
Wisbaden—Hotel Victoria e hotel Taunus.
Hombourg—Hotel des Quatre Saisons—de Russie e d'Angleterre.
Francfort— Hotel Landsberg— d'Angleterre e de Hollande.
Charlsrue—Hotel Grosse e hotel Goldner.
Baden—Hotel Victoria—hotel de Bade e o de l'Europe.
Bale—Hotel Trois Rois, e hotel Kopf.
Constança—Hotel Hecht e hotel Halm.
Zuzich—Hotel Bauraulac—hotel Bellevue, e hotel Baur.
Lucerna—Hotel Schweizerhof, e hotel Luzernerhof.
Berna—Hotel Bernerhof, e hotel Bellevue.
Friburgo—Hotel de Zaebringen, e hotel de Friburgo.
Genebra—Hotel de la Métropole—Ecu de Genève—hotel des Bergues, e hotel de la Paix.
Neufchatel—Hotel Bellevue.

INDICAÇÃO DAS DISTANCIAS

Lisboa — A 880 kilometros de Madrid em 34 horas, a 2,332 de Paris em cêrca de setenta horas sem comprehender a demora em Madrid, que tem soffrido mudanças constantes.

Mafra — A 32 kilometros de Lisboa, de carro, em 5 horas, e a $2^1/_2$ horas de Cintra.

Cintra — A 25 kilometros de Lisboa, de carro, em 4 horas.

Collares—A 31 kilometros de Lisboa, de carro, em 5 horas.

Setubal—A 33 kilometros de Lisboa, e 28 do Barreiro, caminho de ferro.

Evora — A 121 kilometros de Lisboa, e 116 do Barreiro, caminho de ferro.

Elvas — A 265 kilometros de Lisboa, e a 385 do Porto.

Beja — A 159 kilometros de Lisboa, e 154 do Barreiro.

Caldas da Rainha—A 95 kilometros de Lisboa, sendo 37 ao Carregado em 1 hora, 30 ao Cercal em $3^1/_2$ horas, e 28 ás Caldas em $3^1/_2$ horas ao todo 10 horas com 2 de demora no Cercal.

Alcobaça—A 121 kilometros de Lisboa, e 84 do Carregado.

Aljubarrota — A 127 kilometros de Lisboa, e 90 do Carregado.

Batalha—A 141 kilometros de Lisboa, e 104 do Carregado.

Leiria — A 153 kilometros de Lisboa, e 116 do Carregado.

Pombal—A 178 kilometros de Lisboa, e 141 do Carregado.

Coimbra—A 218 kilometros de Lisboa, e 108 do Porto pela via ferrea.

Aveiro—A 273 kilometros de Lisboa, e 60 do Porto.

Porto — A 333 kilometros de Lisboa em 11 horas, 1,001 kilometros de Madrid em 36 horas, 2,453 de Paris em cêrca de 70 horas sem comprehender a demora em Madrid em que fazem constantes mudanças.

Villa Nova de Gaya—Fronteira ao Porto.

Foz — 4 kilometros do Porto.

Mattosinhos—5 kilometros do Porto.

Leça da Palmeira—6 kilometros do Porto.

Villa Nova de Famalicão—33 kilometros do Porto, 17 de Braga e Barcellos e 20 de Guimarães.

Vizella—50 kilometros do Porto, pela estrada de Santo Thyrso.

Fafe—65 kilometros do Porto, e 12 de Guimarães.

Guimarães—53 kilometros do Porto.

Taipas—63 kilometros do Porto, e 10 de Guimarães.

Braga — 50 kilometros do Porto, e 18 de Guimarães.

Ponte do Lima—77 kilometros do Porto, 27 de Braga e 22 de Vianna.

Vianna—80 kilometros do Porto.

Caminha—Cêrca de 100 kilometros do Porto.

Valença—Cêrca de 130 kilometros do Porto por Vianna e 115 pelos Arcos.

Monção—Cêrca de 110 kilometros do Porto pelos Arcos, 3 da Brejoeira e 13 de Valença.

Villa dos Arcos—Cêrca de 70 kilometros do Porto, 40 de Monção e 45 de Valença.

Barcellos—50 kilometros do Porto, e 30 de Vianna.

Povoa—30 kilometros do Porto, em 3½ horas.

Villa do Conde—26 kilometros do Porto, em 3 horas.

Vallongo—12 kilometros do Porto, em 1 ½ horas, 12 kilometros de Baltar e 20 das Paredes.

Penafiel—37 kilometros do Porto em 4 ½ horas, e 5 kilometros de Paredes.

Amarante—66 kilometros do Porto em 8½ horas, 40 kilometros de Villa Real e 44 da Regoa.

Mezão-frio—97 kilometros do Porto em 15 horas e 13 da Regoa em 3 horas.

Regoa—110 kilometros do Porto, em 17 horas.

Villa Real — 106 kilometros do Porto em 17 horas, 40 d'Amarante em 8 horas, e 30 da Regoa em 5 horas.

Lamego—117 kilometros do Porto em 19 horas, 7 da Regoa em 2 horas.

Castro Daire—30 kilometros de Lamego em 6 ½ horas (a cavallo pela estrada velha).

Alba — 36 kilometros de Lamego em 8 horas (a cavallo pela estrada velha).

S. Pedro do Sul — 50 kilometros de Lamego em 11 horas (a cavallo pela estrada velha) e 22 kilometros de Vizeu em 2 ½ horas (mala-posta).

Vizeu—A 78 kilometros da Mealhada em 10 horas, 19 kilometros de Mangualde em 2¼ horas.

Tondella—25 kilometros de Vizeu em 3 horas.

Santa Comba-Dão — 40 kilometros de Vizeu em 4½ horas.

Mortágoa—50 kilometros de Vizeu em 8 horas.—Havendo n'estes tres pontos intermediarios duas horas para mudas e comer, que vão incluidas.

*

Mealhada—78 kilometros de Vizeu em 10 horas e 97 do Porto em 3 horas, caminho de ferro.

Tuy — Fronteira a Valença.

Vigo—25 kilometros de Tuy.

Pontevedra—59 kilometros de Tuy por Vigo.

Santiago—106 kilometros de Tuy por Vigo.

Corunha—158 kilometros de Tuy por Vigo.

Ferrol—177 kilometros de Tuy por Vigo e 19 da Corunha por mar (ou por terra 50).

Badajoz—281 kilometros de Lisboa e 402 do Porto, em 13 $^1/_2$ horas.

Merida—60 kilometros de Badajoz.

Ciudad Real—336 kilometros de Badajoz.

Madrid—599 kilometros de Badajoz, 880 de Lisboa em 34 horas, 1,001 do porto em 36 horas, 633 de Hendaya em 19 horas, e 1,450 de Paris em 34 horas.

Escurial—51 kilometros de Madrid.

Valladolid—242 kilometros de Madrid.

Burgos—363 kilometros de Madrid.

Saragoça—341 kilometros de Madrid em 10 $^1/_2$ horas, 231 d'Alsasua e 336 de Hendaya.

Barcelona—707 kilometros de Madrid em 23$^1/_2$ horas, 366 de Saragoça em 12$^1/_2$ horas.

Tarragona—a Barcelona 102 kilometros em 3$^1/_4$ horas, a Valencia 261 em 11 $^3/_4$ horas, sendo 3 $^1/_4$ em diligencia.

Valencia—a Madrid 492 kilometros em 16 horas e 231 a Alicante em 9 horas.

Malaga—a Alicante 795 kilometros em 29 horas, (é talvez preferivel a viagem por mar), e a Madrid 636 kilometros em 33 horas.

Cadix—153 kilometros de Sevilha em 4$^3/_4$ horas e 726 a Madrid em 25 horas.

Sevilha—131 kilometros a Cordoba em $4^1/_4$ horas.

Cordoba—194 kilometros a Malaga e 442 a Madrid em 23 horas.

Granada—A cêrca de 170 kilometros de Malaga, havendo (em 1867) por concluir cêrca de 30 kilometros a meio do caminho, cujo espaço se percorria ainda em diligencia, e todo o trajecto levava mais de 5 horas.

Bayona—36 kilometros de Hendaya e 198 de Bordeaux.

Bordeaux—234 kilometros de Hendaya e 583 de Paris.

Paris — 817 kilometros de Hendaya em $16^1/_2$ horas, 1,450 de Madrid em 34 horas, 2,332 de Lisboa em 68 horas, 2,453 do Porto em 70 horas ou 81 com 11 de demora em Madrid, 492 de Cologne em $11^1/_4$ horas, 821 do Hanover em 18 horas, 1,134 de Berlin em 24 horas, 2,825 de S. Petersburgo em $68^1/_2$ horas, e d'ahi a Moscou cêrca de 600 kilometros em 20 horas, 502 de Strasbourg em 10 horas e 10 minutos, 600 de Carlsruhe em $12^1/_4$ horas, 699 de Stuttgard em $16^1/_2$ horas, 939 de Munich em $23^1/_2$ horas, 1,099 de Salzbourg em $28^1/_4$ horas, 1,407 de Vienna em $36^1/_2$ horas, 665 de S. Michel em $17^1/_2$ e 809 de Turin em 31 horas.

S.t Cloud—Arrabaldes de Paris.

Versailles—A 23 kilometros de Paris.

S.t Denys—23 kilometros de Paris.

S.t Germain—21 kilometros de Paris.

Fontainebleau—59 kilometros de Paris.

Strasbourg—502 kilometros de Paris em 10 horas e 10 minutos.

Lyon—512 kilometros de Paris, 9½ horas.
Marseille—864 kilometros de Paris e 352 de Lyon.
Toulon—931 kilometros de Paris, 67 de Marseille e 158 de Nice.
Vichy—365 kilometros de Paris e 184 de Lyon.
Macon—441 kilometros de Paris, 71 de Lyon, 224 de S.t Michel e 314 de Susa.
Calais—327 kilometros de Paris, 35 de Dover e cêrca de 170 de Londres.
Londres—Cêrca de 500 kilometros de Paris em 10½ horas, comprehendendo cêrca de 2½ horas na travessia e baldeações.
Windsor—21 milhas de Londres.
Liverpool—Cêrca de 300 kilometros de Londres em 5 horas e 12 minutos.
Chester—Cêrca de 300 kilometros de Londres em 5 horas e 12 minutos.
Manchester—Cêrca de 300 kilometros de Londres (em 5 hóras) e cêrca de 80 de Liverpool.
Glasgow—A 7½ no expresso ou 13 horas no mixto de Liverpool, a 1½ de Edimburgo e a cêrca de 130 leguas de Londres.
Edimburgo—A 133 leguas de Londres em 10½ horas no expresso ou 16 horas no mixto.
Dover—Cêrca de 140 kilometros de Londres.
Ostende—A 5 horas de Dover e 124 kilometros de Bruxellas.
Bruges—A 20 minutos d'Ostende e 3¼ de Gant, em expresso.
Gant—A 1 hora de Bruxellas em expresso ou 1¾ em mixto.
Anvers—205 kilometros de Bruxellas e a 4 horas de Rotterdam.
Bruxellas 310 kilometros de Paris e 231 de Cologne.

Liége — 99 kilometros de Bruxellas e 20 de Pepinster, fronteira alleman.

Rotterdam—A 4 horas d'Anvers (1½ em caminho de ferro e 2½ em vapor no rio).

Haya—29 kilometros de Rotterdam.

Leyde—A ½ hora de Haya.

Harlem—A ¾ d'hora de Leyde e a ½ hora d'Amsterdam.

Amsterdam—51 kilometros de Haya.

Arnheim—40 kilometros d'Amsterdam.

Cologne—492 kilometros de Paris por Charleroi e Liége, 329 do Hanover e 642 de Berlin.

Hanover—821 kilometros de Paris e 313 de Berlin.

Hamburgo—170 kilometros de Hanover e 300 de Berlin.

Berlin—1,134 kilometros de Paris em 24 horas, 800 d'Eydkuhnen (fronteira da Russia) em 18 horas, 1,691 de S. Petersburgo em 44½ horas, 651 de Varsovia em 15½ horas, e cêrca de 700 de Vianna em 21 horas.

Charlotenbourg— Suburbios de Berlin.

Potzdam—Suburbios de Berlin.

Leipzig—Cêrca de 150 kilometros de Berlin.

Dresde—Cêrca de 175 kilometros de Berlin em 5 horas e 79½ milhas allemãs de 15 ao grão ou 530 kilometros de Vienna em 15½ horas.

Munich—A 468 kilometros de Vienna.

Praga—Cêrca de 170 kilometros de Dresde em 5½ horas, e 360 de Vienna em 10 horas.

Vienna—A 1,407 kilometros de Paris em 36½ horas, 905 de Strasbourg em 26 horas, 708 de Stuttgart em 20 horas, 468 de Munich

em 13 horas, 308 de Salzbourg em 8 horas e 10 minutos, 1,049 de Varsovia em 22 horas, cêrca de 1,800 de S. Petersbourg em 51 horas, 700 de Berlin em 21 horas, e 600 de Trieste em cêrca de 20 hóras.

Laxembourg—Suburbíos de Vienna.

Schœnbrunn—Suburbios de Vienna.

Linz—A 185 kilometros de Vienna.

Salzbourg—A 308 kilometros de Vienna.

Insbruck — Cêrca de 300 kilometros de Munich em $7^1/_2$ horas.

Botzen — Cêrca de 240 kilometros d'Insbruch em 6 horas 20 minutos.

Trento—A 65 kilometros de Botzen.

Verona—A 94 kilometros de Trento.

Padua — A 78 kilometros de Verona e 37 de Veneza.

Veneza—A 285 kilometros de Milão, 435 de Turin, 164 de Bolonha e 217 de Trieste.

Bolonha — A 132 kilometros de Florença e 157 de Placencia.

Florença—A 372 kilometros de Roma.

Roma—A 261 kilometros de Napoles.

Napoles—A 633 kilometros de Florença, 765 de Bolonha, 929 de Veneza, 981 de Milão, 1,100 de Turin, 8 de Portici, 23 de Pompeia em 50 minutos.

Leorne—A 98 kilometros de Florença.

Pisa—A 79 kilometros de Florença.

Placencia—A 289 kilometros de Florença, 69 de Milão e 188 de Turin.

Milão — A 285 kilometros de Veneza e 150 de Turin.

Turin—A 91 kilometros d'Alexandria, 166 de Geno-

va, e 809 de Paris em 31 horas (10½ em mala-posta).

Susa—A 54 kilometros de Turin e 90 de S.t Michel (mala-posta 10½ horas).

Coblentz—A 95 kilometros de Mayence, 75 de Cologne e 585 de Paris.

Mayence—A 680 kilometros de Paris por Cologne, 34 de Francfort e 9 de Wisbaden.

Wisbaden—A 1 hora e 40 minutos de Francfort em via ferrea.

Hombourg A 35 minutos de Francfort em caminho de ferro.

Francfort—A 742 kilometros de Paris por Strasbourg em 16½ horas, 714 por Cologne em 16½ horas, 692 por Forbach em 15½ horas e 142 de Carlsruhe.

Carlsruhe—A 600 kilometros de Paris e 29 de Baden.

Baden—A 571 kilometros de Paris e 70 de Strasbourg.

Bale—A 524 kilometros de Paris por Mulheouse, em 12½ horas, 141 de Berna e 300 de Genebra.

Constança—A 5 horas de Bale e 4 de Zurich por Schaffouse.

Zurich—A 1¾ horas de Lucerna pelo lago de Zug.

Lucerna—A 4½ horas de Berna.

Berna—A 159 kilometros de Genebra e 3 horas d'Interlaken.

Friburgo—A 1 hora de Berna e 4½ de Genebra.

Genebra—A 626 kilometros de Paris por Lyon em 12½ horas, 61 de Lausanna e 128 de Friburgo.

Neufchatel—A 4 horas de Genebra.

É util saber-se que os preços nos differentes caminhos de ferro variam, segundo a maior ou menor velocidade d'elles. Exemplo:

Portugal (linha de norte e leste) 19 rs. em 1.ª, 14¾ em 2.ª, 26 kilometros por hora.

Hespanha 20 rs. em 1.ª, 15 em 2.ª, 28 a 33 kilometros por hora.

França 20 a 21 rs. em 1.ª, 15 em 2.ª, 50 a 60 kilometros por hora.

Prussia Rhenana e margens do Rheno, Cologne, Coblentz, Mayence, Francfort até Baden 20 a 21 rs. em 1.ª, 15 em 2.ª, 50 a 60 kilometros por hora.

Hollanda 21 rs. em 1.ª, 17 em 2.ª, 33 kilometros por hora.

Suissa 19 rs. em 1.ª, 15 em 2.ª, 33 kilometros por hora.

Italia { expressos 22 rs. em 1.ª, 16 em 2.ª, 36 a 40 kilometros por hora.
mixtos 20 rs. em 1.ª, 15 em 2.ª, 28 a 33 kilometros por hora.

Prussia e norte d'Allemanha { expressos 21 a 23 rs. em 1.ª, 15 a 16½ em 2.ª, 40 a 48 kil. por hora.
mixtos 20 a 21 rs. em 1.ª, 14 a 15 em 2.ª, 33 a 36 kil. por hora.

Saxonia, Austria e Baviera { expressos 25 a 29½ rs. em 1.ª, 18 a 21 em 2.ª, 35 a 40 kil. por hora.
mixto 21 a 22 rs. em 1.ª, 15 a 16½ em 2.ª, 28 a 30 kil. por hora.

Russia 19 rs. em 1.ª, 15 em 2.ª, 30 a 34 kilometros por hora.

Wurtemberg e Baden regulam pelas margens do Rheno. Na Belgica é muitissimo barato, pois em expressos não ha linha nenhuma onde o preço da 1.ª

classe chegue a 15 reis e andam 50 kilometros; e nos mixtos:

Linha d'Ostende a Bruxellas 7½ rs. 1.ª, 5 rs. 2.ª, 33 kilometros.

Linha de Bruxellas a Liége 8 rs. 1.ª, 6 rs. 2.ª, 33 kilometros.

Linha de Liége a Rotterdam 9½ rs. 1.ª, 7 rs. 2.ª, 30 a 33 kilometros.

Na Inglaterra é muitissimo mais caro, regulando:

Expressos, 32 rs. em 1.ª, 25 a 26 em 2.ª, 60 kilometros.

Mixtos, 26 a 28 rs. em 1.ª, 19 a 20 em 2.ª, 40 a 50 kilometros.

A um viajante com meios não aconselharei que prefira a 2.ª classe, principalmente se a viagem for longa, e menos ainda que deixe expresso onde o houver para viajar em trens mixtos, em que as baldeações são muito mais frequentes.

No entretanto, para quem precisar de economisar, ha logares onde é preferivel viajar em trens mixtos e d'estes na 2.ª classe, porque com pequena differença de tempo e com boa commodidade se faz a mesma viagem, economisando 40 por 100 e algumas vezes mais. Exemplo:

De Vienna a Salzbourg, 308 kilometros.

No expresso 29⅓ reis em 1.ª classe, 21 em 2.ª, 8 horas 10 minutos.

No mixto 22 reis em 1.ª classe, 16½ em 2.ª, 11¼ horas.

Este exemplo deve ser sufficiente para quem estiver no caso ver, que tem interêsse em examinar as

tabellas dos preços que tenham relação com o itinerario da viagem que se propozer fazer.

Outra explicação que póde ser d'utilidade:

Quem quizer saber aproximadamente quanto custará a viagem entre dous pontos que venham aqui mencionados, não tem mais que vêr os kilometros a percorrer e multiplical-os pelos preços que lhes corresponderem. Exemplo: do Porto a Paris 2,453 kilometros; e sendo o preço cêrca de 20 reis por kilometro em primeira classe, será a passagem aproximadamente 49$060. E em segunda classe sendo cêrca de 15 reis por kilometro, será aproximadamente —36$795.

E assim a respeito de todos os mais logares.

INDICE DA PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

BELLAS-ARTES

ESCULPTURA E PINTURA

Ainda que não dispomos do espaço necessario para uma historia mesmo resumida d'estes dois ramos das bellas-artes, não podemos mencionar o que possa haver de mais notavel, sem que essa menção seja precedida d'alguns elementos, que habilitem o simples *touriste* a poder julgar do valor relativo dos objectos, de que dermos noticia.

N'esse intuito faremos uma pequena resenha, principiando pela

Esculptura egypcia

Os egypcios foram talvez os primeiros, que cultivaram as bellas-artes, por isso que alguns dos seus monumentos contam hoje mais de sete mil annos, (um d'elles é a pyramide de Sakkara). Empregavam na estatuaria granito vermelho, preto e grisalho, pedra calcarea, terra cozida, basalto, diorita, porphyro, jaspe, serpentina, cornalina, aragonita, ouro, prata, bronze, ferro, chumbo, vidro, marfim, ebano, sycomoro, mimosa, cedro, pinho, etc. Algumas estatuas da sua epo-

cha primitiva, (a de que temos conhecimento,) remontam a cêrca de seis mil annos (quatro mil e tantos antes de Christo); e já essa epocha mostra tal grau de perfeição, que devia ter sido precedida por muitos annos d'aprendizagem. Seguiu-se-lhe um longo periodo que não deixou tam bons *specimens*, e cujas esculpturas obedecem sempre a certas regras sacerdotaes immutaveis: representando leões dormindo, deuses acocorados, heroes inertes, monstros estranhos, surdos, mudos, cegos e immoveis; não constituindo um ramo á parte, mas um adorno da architectura, que por seu turno era simples, forte e colossal, porem sempre invariavel, sempre uniforme em todas as construcções.

Por cêrca de 2200 antes de Christo, havia a architectura e esculptura outra vez readquirido a variedade e o aperfeiçoamento, quando veio a invasão dos arabes (chamados os pastores), e com ella uma decadencia completa, que durou cinco seculos. Com a expulsão dos invasores, proseguiram as artes de novo, e mais livremente seu curso (de 1700 até 1000 antes de Christo). Os templos eram regulares, com zimborios conicos, as paredes guarnecidas d'esculpturas, e as columnas com capiteis representando flores, botões, etc. A esculptura, se bem que ainda sujeita no estylo ás regras do dogma sacerdotal, differia muito na execução: tinha deixado de esculpir faces sempre largas e communs, narizes grossos, mãos e pés enormes, substituindo estes defeitos por extremidades mais regulares, membros mais livres, musculos mais desenvolvidos e rostos com traços de retratos, como o haviam sido na primeira epocha.

Seguiu-se a invasão dos ethiopes (1000 até 660 antes de Christo), que trouxe nova interrupção ás artes, as quaes renasceram mais que nunca melhoradas

depois da expulsão dos invasores (660 até 525 antes de Christo). As estatuas d'esta epocha exprimem, a par da arte tradicional (hierarchica ou jerarchica, chamada o culto dos Pharaós, o ultimo dos quaes foi Sesostris fallecido por 1500 antes de Christo), o que exigia a natureza e a verdade, sendo por conseguinte excellentes.

A este periodo succedeu a conquista dos persas, e a terceira e definitiva decadencia das artes. Depois d'estes conquistadores Alexandre Magno, de Macedonia, por 330 antes de Christo, assim como depois da conquista dos romanos o imperador Adriano, no segundo seculo da era christã, e ainda outros tentaram debalde uma regeneração das artes, que haviam de todo fenecido. Todas as estatuas depois de 525 antes de Christo são caracterisadas pelas fórmas longas, traços mudos e sem expressão, membros em repouso e immobilidade completa, regularidade e symetria, alliando-se assim á architectura da mesma epocha.

Diremos em resumo: as estatuas egypcias representando deuses, reis, sacerdotes ou officiaes da côrte, foram a bem dizer em todas as epochas mais ou menos sujeitas a regras invariaveis quanto ás fórmas, attingindo em algumas epochas a perfeição de retratos quanto aos traços. Pelo que toca ás divindades, essas tinham typos e traços fixos, dando-se-lhes em algumas epochas os dos reis actuaes e reconhecendo-se apenas pelos attributos, o que mostra o requinte da adulação: como Sesostris sobre o pedestal do deus Osiris, o revelador do bem; do deus Thot, o inventor da palavra e da escripta e o guia do céo; e do deus Amen, Ammon ou Hammon, o incomprehensivel, o deus supremo. Um homem d'estes não podia ter por tumulo se-

não uma pyramide, em que trabalhasse um povo inteiro d'escravos.

O museu do Louvre tem, entre outras, duas estatuas egypcias, a do sacerdote Sepa e a de sua mulher Nesa, contemporaneas das primeiras dynastias e das grandes pyramides, que contam hoje seis mil annos; dois grupos, um de duas estatuas de homem, e outro de um homem e mulher, tambem da primeira epocha; outro grupo, Téti e Pensevasen, pae e filho, que são posteriores á expulsão dos arabes e por conseguinte já retratos; uma estatua em granito grisalho de Onnovre, primeiro propheta d'Osiris, do principio da segunda decadencia ou invasão dos ethiopes; e uma estatua de granito preto de Horus, chefe de soldados, e outra de marmore preto de Ensahor, denominado o bemfazejo, as quaes mostram em todo o seu explendor o terceiro e ultimo renascimento: são duas obras primas de fino trabalho dos artistas egypcios sobre materia, que parece desafiar a força e a paciencia humana.

Existe tambem alli uma magnifica sphinge de granito côr de rosa, que se suppõe de Ramsés, o Pharaó de quem diz a Biblia que, perseguindo Moysés, viu perecer a sua gente nas aguas do mar Vermelho. A sphinge é corpo de leão com peitos e cabeça de mulher, symbolo de Neith, deusa da sabedoria, no qual se fez esculpir o tal Ramsés da dynastia dos Pharaós.

O Louvre tem pequena collecção de estatuas de divindades egypcias, mas grande quantidade d'estatuetas ou figurinhas de ouro, prata, bronze, porphiro, basalto, pedra, madeira etc.

Vêem-se n'este museu muitas *stèles* ou taboas d'inscripções pintadas, gravadas ou esculpidas, bem como sarcophagos cheios d'inscripções, cuja decifração

tem dado a conhecer a antiga historia do Egypto, na qual até ha bem poucos annos não havia perfeito accordo. Estas inscripções em hierogliphicos ou escripta demotica foram decifradas por meio d'uma pedra chamada pedra de Rosetta, especie de columna existente no museu de Londres, cheia d'inscripções em tres caracteres diversos, os dois que acabamos de mencionar e o grego, dizendo nos tres idiomas a mesma cousa, e servindo este ultimo de chave para a intelligencia dos outros. Aquella pedra é do anno 193 antes de Christo, e contem a acta de investidura das prerogativas reaes a Ptolomeu V.

Além das estatuas, relevos, sarcophagos e figuras de mil fórmas, existem, não só em Paris e Londres, mas em museus d'outras capitaes, monumentos d'esculptura dignos de uma descripção que não comporta um resumo para curiosos, a quem de ordinario os trabalhos muito extensos enfastiam; além de que, o pouco que fica dito cremos ser sufficiente para iniciar e servir de guia em todos os museus d'esta especie. Accrescentaremos somente que o de Berlin possue entre a sua collecção duas estatuas de muito valor: uma é a estatua colossal assentada d'um Pharaó da 4.ª dynastia chamado Schafra, o que mandou construir a segunda das grandes pyramides para seu sepulcro, a qual estatua remonta, como a pyramide, a 4100 annos antes de Christo ou çêrca de seis mil annos da nossa era; a outra é a estatua d'um sacerdote chamado Raem-Ké, que viveu cem annos mais tarde sob a 5.ª dynastia, estatua que outr'ora dentro d'um sarcophago e hoje em pé, causa a admiração dos artistas, pois apezar de lhe ter o tempo gasto a epiderme, o tronco e a cabeça são um prodigio de vida e realidade.

Esculptura assyria

Porque rivalisa em antiguidade e duração com a do Egypto e porque influiu mais directamente sobre a etrusca e grega, é a esculptura Assyria tambem de grande importancia para a historia das artes.

A Assyria, ou os imperios de Ninive e Babylonia, creados em 2680 antes de Christo e reunidos por Nino (1968 a 1916) n'um só, o qual foi engrandecido pela sua viuva a grande Semiramis, abrangia pouco mais ou menos o que hoje fórma a Turquia d'Asia. É evidente que a civilisação dos phenicios, assim como a de toda a Asia menor na epocha anterior ás colonias gregas, era puramente assyria.

Está hoje averiguado que, longe de serem como se julgava, obras de prisioneiros gregos as que appareceram em Persépolis, foram ao contrario os assyrios os que deram as primeiras luzes da arte aos hellenos. As esculpturas, porém, que existem, são pela maior parte baixos-relevos em placas d'alabastro grisalho, que serviam de revestir paredes de tijolo dos palacios, que se teem descoberto nas excavações feitas no local da antiga Ninive, na margem direita do Tigre. Estes relevos quasi sem relevo são d'assumptos muito variados, e alguns até complicados, reunindo no mesmo quadro homens, animaes, plantas, edificios, etc., e formando verdadeiros quadros de historia. Os menos importantes são as batalhas e os assedios. Aquelles relevos em geral são finamente cinzelados e polidos, e os desenhos seriam verdadeiramente bons se os olhos, os rostos e os hombros não fossem vistos sempre de frente em personagens representados de perfil, e se o modelado dos joelhos e das barrigas das pernas não fossem de pura convenção.

O museu do Louvre tem quatro enormes pedras, que excedem quatro metros d'altura por quatro de comprimento e talvez um metro d'espessura, representando no relevo d'uma das faces um enorme homem-touro. O corpo, cauda e pés são de boi; tem azas proporcionadas ao tamanho; o rosto é de homem, com longas barbas de cachos e uma tiara na cabeça: suppõe-se que seja a figura do rei Sargon, o qual reinou de 720 a 688 antes da nossa era e cujo nome se vê na barriga do touro, e que se fizesse esculpir assim para symbolisar a intelligencia unida á força. Estes colossos foram encontrados servindo d'adorno á entrada do palacio que mr. Victor Place descobriu em Horsabadhe, d'onde foram arrastados para as margens do Tigre em grandes carros movidos por 600 homens: o peso de cada um orça por 35000 kilogrammas.

Além d'estes, existem no Louvre tambem outros colossos, entre elles duas figuras de gigantes com maça na mão direita e a esquerda segurando um leão, personificando talvez o deus da força, ou o Hercules assyrio; mas sempre relevo em taboas ou placas de pedra e não estatuas propriamente ditas.

O museu de Londres, que possue ainda maior collecção, somente encerra dois objectos que divergem inteiramente: um é uma estatua de rei sobre o throno, muito estragada e sem cabeça, inutil para a archeologia e insignificante em relação á arte; o outro é importantissimo, e dará talvez a decifração das immensas inscripções assyrias dos diversos museus: a fórma d'este objecto é a d'um obelisco de marmore preto de dois metros d'altura com quatro faces, contendo vinte baixos relevos com figuras de homens conduzindo animaes carregados de presentes, talvez tropheus de victoria, fazendo lembrar as offrendas ao rei por uma nação

submettida: além d'estes relevos tem 210 linhas d'escripta chamada cuneiforme, ainda por decifrar.

Hoje reconhece-se a mesma origem em objectos encontrados nas ruinas da antiga Cittium na ilha de Chypre, e comprehende-se que os commerciantes os tenham trazido da Assyria para o archipelago, para a Grecia continental e para a Italia central, onde então florescia a arte etrusca, afamada nos bronzes e na ceramica.

Esculptura etrusca

A Etruria propriamente dita era pouco mais ou menos a moderna Toscana. Este paiz póde-se tambem gloriar d'uma civilisação adiantada pelo 9.º seculo antes de Christo. A sua esculptura e todas as artes sofferam a influencia das assyrias e gregas, fundindo-se por fim nas dos romanos, depois de ter dado a estas ultimas os primeiros rudimentos.

Ha muito tempo que chamam vasos etruscos a grande copia d'elles, que teem apparecido em differentes partes d'Italia, principalmente na Apulia, ao sul de Roma, e com especialidade em Nola. É hoje crença que estes vasos são d'origem grega.

Á esculptura etrusca, ainda mal estudada, cabe a honra dos melhores bronzes e trabalhos em metaes de varias especies. O museu de Florença gloria-se de possuir, entre outros, tres excellentes *specimens:* um pequeno Mercurio a que chamam Idolino; uma Chimera com corpo e cabeça de leão para a frente, cabeça de cabra para as costas e cabeça de serpente no fim da cauda; e uma admiravel estatua de magistrado arengando ao povo.

Esculptura grega

Não é bastante clara a historia da esculptura na Grecia, para que desde o seu principio a possamos seguir passo a passo. De positivo sabe-se apenas que as antigas estatuas em madeira de algum merecimento eram attribuidas a Dedalo, personagem mythologico, que fazem remontar a mil tresentos e tantos annos antes de Christo. Os primeiros artistas conhecidos, que trabalharam em estatuas de pedra, de marmore ou de metal, foram Rhoecus, seu filho Telecles e seu neto Theodoro, naturas da ilha de Samos, pelos annos 570 a 525 antes de Christo; ao mesmo tempo que em Chio vivia outra familia, tambem avô, filho e neto, Melas, Miciades e Archermo, tendo este ultimo dois filhos, Bupalo e Athenis, que trabalharam em commum, e foram de todos os mais notaveis.

Em seguida crearam-se diversas escholas nas differentes ilhas, que terminaram por uma fusão no que depois se denominou eschola grega propriamente dicta; e d'estas differentes escholas foram mais notaveis os artistas cretenses Dipoene e Scyllis que, ensinando na de Sicyone, já célebre em fundições e cinzelura de metaes, o emprego do marmore e melhoramentos sobre elle obtidos, a tornaram verdadeira eschola de estatuaria. Esta eschola se espalhou por toda a Grecia e Italia, e d'ella sahiram Dameas, Laphaes, Euchir, Eutilidas, Chysotemes e Aristomedon. D'estes tres ultimos, naturaes d'Argos, sahiu o célebre Ageladas, que teve a gloria de deixar por discipulos Polycleto, Myron e sobre tudo Phidias, o Homero da esculptura.

Chegados assim d'um modo summario ao seculo chamado de Pericles que governou a Grecia n'uma epocha (451—431) em que as artes, pelo favor que lhes

prestou este politico, chegaram ao maior apogeu de que ha noticia, cumpre-nos dizer que deixamos de mencionar muitos outros nomes importantes, dos quaes indicaremos somente Canacho e Aristocles, que trabalharam em commum com Ageladas n'um grupo das tres Graças, bem como Scopas, um dos melhores artistas, natural de Paros, e Onatas, o mais célebre estatuario da ilha Egina.

D'esta ultima eschola existem dezesete estatuas na Glypotheca de Munich, trazidas d'aquella ilha em 1811, onde foram encontradas no tempo de Minerva segundo uns, e de Jupiter Panhellenion segundo outros. Estas estatuas dão-nos idêa da esculptura da referida eschola por cêrca de 500 annos antes de Christo, epocha da fundação d'aquelle templo, e por conseguinte do merecimento artistico dos conterraneos e contemporaneos d'Onatas, e até mesmo d'elle que se suppõe não deixaria de trabalhar no principal templo do seu paiz. Tendo sido achadas todas em pedaços, foi encarregado Thorwaldsen da sua restauração, d'acordo com eminentes antiquarios que, baseando-se nas tradições, concordaram em que cinco ornavam o frontão posterior ou oriental e representavam o combate de Hercules e Telamon contra Laomedon, rei dos troianos: o primeiro está com o joelho em terra disparando uma frecha, tendo por vestido uma couraça e por capacete uma cabeça de leão; o segundo está em pé e nú, com um capacete e um escudo; e o terceiro é Laomedon que está egualmente nú, somente com capacete, cahindo sobre o escudo que o sustem. Os outros são dois guerreiros por terra, um dos quaes e Laomedon são os melhores.

Dez figuras compunham o frontão occidental ou anterior e representavam um dos mais célebres epi-

sodios da Illiada, o combate dos gregos e troianos em volta do corpo de Patroclo; Minerva no centro e de face parece tomar partido a favor dos gregos. As restantes são duas pequenas estatuas de deusas, que figuravam no alto do frontão.

As quinze estatuas dos dois grupos são de tamanhos diversos, attingindo algumas a custo o tamanho natural, á excepção de Minerva que excede a altura commum. São todas de marmore finamente trabalhado, sem auxilio de nenhum polido. Os corpos e os membros apresentam um movimento tam activo, que parece uma especie de agitação convulsiva. As attitudes são violentas e como que emphaticas. Os contornos formam angulos salientes. As cabeças são d'um oval oblongo, barba ou queixo pontudo, olhos obliquos, nariz levemente recurvado, e ar imbecil.

Estas esculpturas mostram bem pertencer a uma epocha intermediaria, meio seculo distante da de Phidias, pois parecem obedecer a ella pelo movimento, e á da arte convencional ou dogmatica pela nenhuma expressão nos rostos, tam differentes dos que Phidias e Praxiteles chamaram o typo grego, em que apparecia a belleza serena e tranquilla.

Eis-nos pois na grande epocha, a de Phidias. Em 440 antes de Christo, mandou Pericles reconstruir o templo de Minerva virgem ou Parthenon, encarregando d'essa obra dois insignes architectos, e Phidias da sua decoração. Se bem que este grande mestre não podesse executar por si só tantas e tam importantes esculpturas, foi elle alli o que mais tarde foi Raphael a respeito das estancias e lojas do Vaticano, que se nem tudo é obra da sua mão, é ao menos de seus discipulos mais queridos, e sob a sua immediata inspecção. O museu de Londres possue uma collecção de fragmentos

importantissimos tirados do Parthenon, para cujo exame são indispensaveis pelo menos os seguintes rudimentos da historia.

Dentro do grande templo havia uma cellula com a estatua de Minerva de marfim e ouro pelo proprio Phidias, uma de suas obras primas que desappareceu. Em volta d'esta cellula ou santuario havia um friso com baixos-relevos, cujo motivo era a procissão de deuses, povo, victimas e offrendas, que havia sido instituida 1500 annos antes de Christo. Acima do friso havia outro circulo de nichos eguaes, cujo motivo era o combate dos Centauros e Athenienses, sempre dois a dois, um Centauro luctando com um Atheniense. Para bem se poderem apreciar, por isso que estavam mais altos, eram o meio termo entre o baixo-relevo e estatuas, ou o alto-relevo, e suppõe-se obra d'Alcamene, discipulo querido de Phidias.

Tendo este templo duas entradas, tinha tambem duas fachadas exteriores, oriental e occidental. O frontão de leste representava o nascimento de Minerva, sahindo armada da cabeça de Jupiter por occasião da martellada de Vulcano. O frontão d'oeste representava a disputa de Minerva com Neptuno por causa do premio da mais util creação, o qual era a honra de baptisar a cidade. Minerva havia creado a oliveira, symbolo da paz e abundancia, e Neptuno creou o cavallo, symbolo da guerra. [1] Coube por tanto a honra a Minerva, que lhe poz o nome d'Athenas, que em grego é o proprio da deusa.

Sendo o Parthenon victima dos iconoclastas, (sei-

[1] Ha ainda outras versões d'esta fabula, sendo a que fica relatada a mais geral; e em seguida a que diz que, tendo Neptuno feito sahir da terra um cavallo selvagem, Minerva o domara mettendo-lhe as redeas, para poder ser util aos homens.

ta destruidora do culto das imagens), e sendo por vezes utilisado como fortaleza nas differentes guerras, as suas estatuas estavam na maxima parte reduzidas a fragmentos. Os baixos-relevos do friso, que o museu de Londres conseguiu recolher, são os mais perfeitos, por isso que a sua menor saliencia os defendia mais. Dos metopes ou alto-relevo do cimo da cellula existem alguns soffrivelmente conservados. Dos grupos dos dois frontões é que só existem verdadeiros fragmentos. Do frontão de leste existem nove fragmentos d'estatuas, cinco das que estavam á esquerda, e quatro das que estavam á direita de Jupiter. Os cinco primeiros são a cabeça do sol sahindo das aguas e segurando as rédeas do seu carro, duas cabeças de cavallos do mesmo carro, a estatua de Theseu, (heroe atheniense fabuloso), á qual faltam as mãos e os pés, um grupo de duas deusas já desfiguradas, e outro grupo de mulheres, somente os troncos, que dizem ser de tres bellas matronas representando as tres Parcas. Do frontão d'oeste só existem verdadeiros destroços, a que só a historia póde achar uma denominação, e essa mesma toda conjectural, á excepção d'uma admiravel estatua representando o pequeno rio Illisso, a qual deve talvez a sua melhor conservação a ter sido figurada deitada.

As proporções de todas as estatuas são verdadeiramente gigantescas. Quanto ao seu merecimento, não ha elogios que bastem: cada estatua, cada metope, cada baixo-relevo ou cada um dos menos importantes fragmentos, causa até mesmo ao visitante leigo o assombro que só comprehende quem as observa; e servindo-me d'um dicto a respeito d'um heroe — «Queres elogiar Cesar? Chama-lhe Cesar» — direi aqui que o seu unico elogio sufficiente é serem attribuidas ao divino Phidias.

Em outra sala do mesmo museu, o *Phigalian-Saloon*, existem esculpturas gregas tambem importantissimas, entre ellas os restos d'um cavallo da quadriga, esculpida por Pythis no tumulo, que na cidade de Halicarnasso (na Asia Menor) a rainha Artemisa mandou erigir a seu irmão e marido Mausolo, tumulo que era uma das sete maravilhas do mundo; e tomando mais tarde o nome de mausoleo, d'alli veio o dar-se hoje este nome aos monumentos funerarios. Do mesmo monumento existe alli uma estatua mutilada, que se suppõe ser o retrato de Mausolo. Para se fazer idêa do valor d'estes restos, basta saber-se, que este mausoleo foi encarregado aos dois melhores architectos, e ornado d'esculpturas pelos cinco melhores esculptores da epocha, Pythis, Bryaxis, Timotheo e Leochares, e que o lado de leste se attribue ao famoso cinzel de Praxiteles, todos elles pertencentes ao ultimo periodo da grande epocha de 350 a 280.

No *Elgin-Saloon*, onde existem os restos do Parthenon, vê-se tambem uma admiravel estatua de Baccho muito mutilada, e uma estatua architectural soffrivelmente conservada. Era uma das quatro cariatides que sustentavam o pequeno tecto do templo de Pandrosa, que é julgada digna de attribuir-se ao grande Phidias.

Depois dos marmores achados nos dois monumentos Panhellenion e Parthenon que acabamos de citar, teem preferencia diversas estatuas espalhadas pelos museus d'Italia, de Paris e outros. No de Paris vê-se principalmente a Venus de Milo, descoberta na ilha d'este nome 1820. Apezar das mutilações que lhe levaram os braços e um dos pés, bem deixa ver que é da grande epocha da esculptura grega entre Phidias e Praxiteles, e até digna do cinzel de qualquer d'elles.

No mesmo caso está a Diana caçadora. São egualmente gregas e admiraveis a estatua d'Achilles e a d'um gladiador combatendo. Existem ainda n'este museu grande numero d'estatuas notaveis do tempo dos gregos e dos romanos, a respeito das quaes só um cathalogo especial satisfará o observador curioso; e o mesmo acontece pelo que toca ao museu de Londres, e aos mais de que vamos fallar ligeiramente em consequencia da pouca extensão e natureza da nossa obra.

Museu de Florença. Principiaremos pela sala de Niobe. Esta Niobe, mãe de doze filhos, segundo a historia fabulosa, desprezava sua irman Latona, porque só tinha dois. Apollo e Diana vingaram cruelmente sua mãe Latona matando ás frechadas os filhos de Niobe á vista da propria mãe, cuja dôr moral a petrificou. D'esta familia existem cinco estatuas na referida sala, sendo a mãe, que com o corpo procura cobrir uma joven filha, e ao lado um filho morrendo, e dois soffrendo o martyrio, dignas sem duvida do cinzel de Praxiteles ou Scopas, a quem são attribuidas.

Na Tribuna, sala octogona que só contem obras primas de pintura e esculptura, occupa o primeiro logar a Venus de Medicis. Esta soberba estatua, achada em dezeseis pedaços, foi restaurada por Bernin, que teve de fazer-lhe os braços, e é accusado de os ter collocado de maneira um tanto affectada, deixando antever-lhe um falso pudor, que se crê teria sido evitado por seu auctor Cleomene, filho d'Apollodoro d'Athenas, conforme a inscripção copiada da primitiva, e que por certo seria Alcamene, o melhor esculptor entre Phidias e Praxiteles. Vêem-se tambem: um Apollo, que por ter só quatro pés d'altura se chama Apollino, attribuido ao mesmo auctor, e com a vantagem de ser todo antigo; um Fauno, rastaurado por Miguel Ange-

lo; e um grupo de dois luctadores, attribuido a Cephissodote.

Museus de Roma. No Capitolio, a principal estatua grega é uma Venus sahindo do banho. São tambem notaveis: um Marte colossal; um gladiador morrendo; uma Juno, chamada Juno do Capitolio; uma Diana; uma Minerva; um Arpocrates; uma Hecuba, e duas amazonas.

Vaticano. Deixemos ao amador d'antiguidades que compre um cathalogo especial tam necessario, e noticiemos ao simples *touriste*, que aqui existe a mais célebre e popular estatua, que ficou da arte grega, a chamada Apollo do Belveder, talvez Apollo Pythio, por causa da acção em que é representado disparando uma frecha contra a serpente Python, acção que explica o ar victorioso e posição theatral. São egualmente admiraveis: o grupo de Laocoon e seus dois filhos, enlaçados pela serpente; um Mercurio; um Meleagro; e o tronco do Belveder, que é um corpo d'Hercules desde o pescoço até aos joelhos, e isso mesmo cheio de mutilações, esculpido por Apollino d'Athenas.

Museu de Napoles. O museu *Degli Studi* é tambem notavel pelas esculpturas, que se descobriram em Herculanum, Pompeia e Stabia, e pelos marmores idos de Roma. Entre as primeiras figuram um pequeno Fauno dançando, o Fauno dormindo, o Fauno bebado, um Mercurio assentado, uma Sapho e o cavallo d'uma quadriga todos em bronze. Entre os marmores distinguem-se duas Venus, a de Capua e a de Callipyge: a primeira está com um Cupido e attribue-se a Alcamene ou Praxiteles; a segunda dizem-n'a rival da Venus de Medicis. É egualmente notavel um Apollo chamado do Cysne.

Existem alli mais tres outras peças importantissi-

mas, que são a Flora, o Hercules e o Touro Farnese, presente de Paulo III da casa de Farnese, que as houve das Thermas de Caracalla em Roma. A Flora é uma estatua colossal, talvez da musa Melpomene, que presidia á tragedia, e é figurada ricamente vestida. O Hercules é outra estatua colosso, para cujo elogio basta dizer-se que, sendo encarregado Miguel Angelo de a restaurar, elle lhe ajustou alguns pedaços antigos, mas faltando as pernas da estatua, declarou que se julgava indigno de a terminar: por felicidade, appareceram mais tarde e foram tomar o logar d'outras que o esculptor Guglielmo della Porta, menos habil mas menos escrupuloso, lhe havia feito, ficando assim completa esta sublime producção, que, segundo a assignatura, é de Glycon.

O Touro Farnese é o grupo de maiores dimensões, que existe da estatuaria antiga, formando uma scena completa talhada em uma só pedra, que tem 16 palmos d'altura por 14 de comprimento. Representa Antiope, que, querendo vingar-se d'um ultrage de Dircea, mulher do rei de Thebas a quem ella amava, a mandou amarrar por seus dois filhos ás pontas d'um touro selvagem, mas no momento de largar o touro enterneceu-se, perdoando-lhe. A acção em que o touro é representado, fazendo o salto e seguro pelos dois filhos, é perfeitamente interpretada pelos esculptores gregos Apollonio e Taurisco, que completaram a scena com um Baccho e um cão.

Além d'estas, existem alli outras estatuas excellentes, como Ganimedes arrebatado pela aguia; um Apollo tocando lyra, elegantemente vestido, de porphydo, menos a cabeça, mãos e pés, que são de marmore branco; um Atlas com o mundo ás costas, e uma ad-

miravel estatua d'auctor desconhecido, a que deram o nome de Aristides por analogia de caracter.

O museu de S. Petersburgo possue entre outras estatuas uma Venus, uma Jupiter e uma Hygia notaveis, e adquiriu ultimamente do museu Campana a collecção completa das nove Musas, todas gregas, e de talhes quasi similhantes, o que a faz reputar a melhor que d'ellas existe.

Ha sem duvida nos outros museus da Europa muitas mais esculpturas gregas dignas de notarem-se, assim como é certo termos deixado de mencionar muitas outras importantes dos museus de qne fallamos, devido isto, como dissemos, á indole d'esta obra que nos obriga a só indicarmos as mais célebres; e fazendo d'ellas ainda uma escolha, diremos que o Apollo do Belveder, dizem os competentes, ser o modêlo cabal do sublime, o Laocoon, a que Miguel Angelo e outros davam preferencia, é tido pelo mais perfeito modêlo na expressão da dôr physica, da vontade, e da força activa na resistencia, — opinião esta que já Plinio nos transmittiu; a Niobe, que segundo Plinio é de Scopas ou Praxiteles, passa pelo melhor modêlo da dôr moral, por isso que a salvo das frechas soffre como o soffrimento de seus filhos; a Venus de Milo é maravilhosa pela dignidade, graça, e simplicidade; a Venus de Medicis passa pelo melhor modêlo de proporções do corpo feminino; o Apollino de Florença, o Fauno do mesmo museu e o Fauno de bronze dançando que se vê em Napoles, são, o primeiro um modêlo de perfeição do corpo masculino, e os outros dois, modêlos de vitalidade, destreza, alegria, petulancia, etc.

Podem ainda incluirem-se nas obras primas da melhor epocha a Diana caçadora no museu de Paris, a

Venus sahindo do banho, e uma Amazona de roupa curta, ambas no museu do capitolio.

Esculptura romana

Passado o seculo de Pericles, em que appareceram artistas verdadeiramente eminentes, como Phidias, Scopas, Alcamene e Praxiteles, tornaram as artes a decahir; se bem que alguem diz, mas sem certeza, que Agesandro e seus dois filhos, auctores do Laocoon, viveram já no tempo da dominação romana. O que é certo, é que os romanos tentaram de balde um novo renascimento: algumas estatuas notaveis dos primeiros tempos da sua dominação na Grecia e Etruria, ou foram feitas n'estes paizes, ou por artistas que d'alli emigravam. Existem no entretanto muitas estatuas, e algumas de merecimento que se denominam romanas, e que pela maior parte são anteriores ao terceiro seculo da nossa era. No museu do Capitolio vê-se uma excellente de Agrippina, uma d'Antinoo e outras do 1.º e 2.º seculos.

Com o triumpho do Christianismo principiou a preferencia pelo valor real ou intrinseco sobre o valor artistico. Na mudança da capital do imperio romano para Bysancio ou Constantinopla em 330, quando Constantino ordenou a transferencia de muitas obras d'arte de Roma para a nova capital, foram mandadas fazer dezoito estatuas de prata macissa, sendo uma do Salvador de 120 libras, quatro anjos do mesmo peso cada um, com olhos de pedras preciosas, e os doze Apostolos de 90 libras cada um. Subindo ao throno seu sobrinho Juliano o apostata em 355, exerceu sobre os

christãos extraordinarias perseguições, e elles a seu turno juraram exterminio a todos os objectos d'arte que podessem lembrar o paganismo. D'aqui nasceu em 485 a seita dos iconoclastas, (destruidores d'imagens), que teve por protector o Papa Leão III, o qual a fez approvar pelo Concilio de Constantinopla em 730. Condemnada esta seita pelos Concilios de 787 e 842, foi em seguida extincta.

Eis ahi a explicação da total decadencia, e completo olvido, a que chegou a esculptura e a pintura no fim do 11.º seculo da nossa era.

Esculptura italiana

Foi Nicolau de Pisa, quem em 1231 fez os primeiros ensaios do renascimento nas esculpturas das cadeiras das cathedraes de Senna e Pisa, e sobre tudo no tumulo de S. Domingos em Bolonha, d'onde lhe veio o nome de «Nicolau dell'urna». A este seguiram-se seu filho Giovanni e seu discipulo Arnolpho, Agostinho e Agnalo de Senna, André de Pisa, André Orcagna, que como Miguel Angelo foi artista universal, e depois Ghiberti, Donatello, della Robbia e Sansovino.

Lorenzo Ghiberti (1378 a 1455) é conhecido principalmente como auctor das portas de bronze do baptisterio de Florença. Aos 20 annos concorreu com Bruneleschi para o plano d'esta obra, encommendada pela municipalidade, e foi julgado vencedor por seus proprios rivaes; n'aquella obra trabalhou quarenta annos como esculptor e fundidor, e ainda que alguem diz que aquelles baixos-relevos são demasiadamente complicados nos planos e nos grupos, era opinião de Miguel

Angelo que ellas mereciam ser as portas do Paraiso, e Vasari accrescentava, que eram a obra mais perfeita do mundo.

Donatello (1385 a 1466), egualmente célebre em todos os generos d'esculptura, deixou á sua patria, Florença, as obras mais capitaes, sobre tudo um S. Jorge que decora a egreja de S. Miguel, um S. João Baptista extenuado pelo jejum, existente no museu, e ainda melhor um Frá Barduccio em um dos nichos do *Campanile*, pelo qual jurava, costumando dizer: «Pela fé, que tenho no meu careca (*zuccone*)».

Lucca della Robbia (1400 a 1481), tambem de Florença, passa por ter sido o primeiro que applicou o esmalte sobre terra cozida e á estatuaria. O museu do Louvre tem uma estatua da Madona com o Menino, a que elle applicou diversas côres, como se fosse um quadro.

André Verochio (1422 a 1488), egualmente florentino, foi quem modelou a excellente estatua equestre de Bartholomeu Colleoni que está em Veneza, na praça de S. Zanipulo, a qual foi fundida em bronze por Alessandro Leonardo, e sem injustiça aos auctores modernos não ha outra mais perfeita.

Jacopo Patti Sansovino (1479), filha da mesma cidade, estabeleceu-se em Veneza, e foi alli que deixou as suas melhores obras: os quatro Evangelistas em bronze no côro da egreja de S. Marcos; a magnifica porta da sacristia na mesma egreja, na qual trabalhou 30 annos; as estatuas de Marte e Neptuno em marmore, que adornam a escadaria do palacio dos Doges, a qual por causa d'ellas se chama a «escada dos Gigantes».

Marco Agrata. É d'esta mesma epocha uma das obras mais surprehendentes que produziu a esculptu-

ra, a estatua de S. Bartholomeu na cathedral de Milão. O seu auctor comparou-se a Praxiteles, esculpindo na base ou aos pés do Santo: «Não sou Praxiteles, mas sim Marco Agrata»; não tendo sido possivel descobrir mais nada a respeito d'este nome, sem que se saiba de nenhuma outra producção do seu cinzel, nem do seu nascimento ou sua morte. O Santo é representado maior que o natural, com a pelle arrancada desde o craneo até os calcanhares pelo lado das costas, e depois levantada sobre um hombro em ar de capa, deixando ver a mais severa, e inacreditavel perfeição de musculos, veias, nervos, ossos e tendões, e a par d'isto a maior belleza de fórmas, assim como exactidão nos movimentos. É a mais estranha obra-prima, que nenhum outro artista antigo ou moderno excedeu. Talvez Agrata trabalhasse toda a vida n'esta especie de *in-folio* em marmore, e depois d'acabado, tendo-se ufanamente comparado a Praxiteles, morresse contente.

Miguel Angelo Buonarotti (1474 a 1563) não só foi o mais célebre florentino, mas tambem o homem mais célebre dos tempos modernos. Cabe aqui transcrever a opinião de Vasari: «Desde muitos annos os successores de Giotto faziam vãos esforços por dar ao mundo o espectaculo das maravilhas, que póde crear a natureza humana na imitação da mesma natureza. O divino Creador, vendo a inutilidade dos ferventes estudos d'estes artistas, dignou-se emfim lançar um olhar de bondade sobre a terra e resolveu enviar-lhe um genio universal, capaz de abranger ao mesmo tempo em toda a sua perfeição as artes da pintura, esculptura e architectura. Deus concedeu ainda a este mortal privilegiado uma alta philosophia e o dom da poesia, para mostrar n'elle o modêlo completo dos dotes, que mais ennobrecem a creatura».

E assim é: Miguel Angelo foi um ente privilegiado. Entre outras esculpturas, conserva o museu *Degli Offici*, em Florença, um excellente Baccho bebado, que a custo se tem em pé, levantando na mão direita um copo, em que se esforça por beber um satyro, que elle segura com a esquerda. Na sacristia da egreja de S. Lourenço d'esta mesma cidade pôde elle ser devidamente avaliado nos mausoleos de Lourenço de Medicis, duque d'Urbino, e no de Julio de Medicis, duque de Nemours. Sobre o primeiro admira-se a estatua, commemorativa do fallecido, na attitude da reflexão, (chamam a este primor d'arte il Pensiero), e aos lados as da Aurora, e do Crepusculo. No segundo vê-se a estatua do duque, e aos lados o Dia e a Noite. Entre as quatro estatuas, meio deitadas aos cantos dos mausoleos, sobresahem as representativas do crepusculo e da Noite, motivando esta os seguintes versos de Strozzi:

«La Notte che tu veddi in si dolci atti
Dormire, fu da un angelo scolpita
In questo sasso; e perchè dormi ha vita;
Destala, se no'l credi, e parleratti».

Cuja traducção é: «A noite que vês dormir em tam doce attitude, foi esculpida por um anjo n'esta pedra; e, porque dorme, vive; acorda-a, se duvidas, e ella te fallará».

Ao que o severo Miguel Angelo respondeu alludindo aos males da patria:

«Grato m'è il sonno, e più l'esser di sasso,
Mentre che il danno e la vergogna dura;
Non veder, non sentir, m'è gran ventura.
Però non mi destar: deh! parla basso».

«É-me agradavel o somno, e mais ainda o ser de

pedra, n'este tempo em que reina o mal e a vergonha. É grande ventura para mim o não ver e o não sentir. Não me acordes pois: ah! falla baixo».

Em Roma onde Miguel Angelo passou metade da sua vida, existem varias das suas obras primas: uma d'ellas é Nossa Senhora da Piedade com o corpo de seu Filho morto nos joelhos, no altar da primeira capella da direita na egreja de S. Pedro; um Christo com a cruz, na egreja de Santa Maria Sopra Minerva, o qual está desfigurado por causa das vestes de bronze: chamam-lhe Christo vingador, e é a repetição em marmore do Christo do Juizo final. O que porém passa pela sua melhor esculptura, é a estatua colossal de Moysés na egreja de S. Pietro in Vincoli. A critica não tem poupado a obra prima do maior esculptor dos tempos modernos, dizendo que a cabeça é pequena para tam longas barbas, e as pernas compridas em relação aos pés; o que talvez seja devido a que a estatua era destinada ao projectado monumento de Julio II, onde devia ser vista no alto e quasi a prumo, e não ao rez do chão como ora se acha. O que porém é verdade, é que grandes auctoridades na materia dizem, que este Moysés é o mais admiravel emblema da força, da severidade e da potencia; que nunca ninguem exprimiu tam plenamente as diversas qualidades, que fazem a superioridade d'um homem sobre os outros: a auctoridade. No olhar irresistivel parece ameaçar um povo amotinado e abatel-o a seus pés. Em fim é perfeitamente o severo legislador dos hebreus, armado da sua lei terrivel.

Torregiani (1472 a 1522) foi o emulo de Miguel Angelo, vendo-se porém assoberbado pela concorrencia de tão insigne esculptor retirou-se para o estrangeiro, e na Inglaterra e Hespanha executou excellentes

obras, sendo as principaes um S. Jeronymo que elle fez para o convento da Boa Vista, proximo a Sevilha, e que está hoje no museu da mesma cidade; e sobre tudo o tumulo de Henrique VII na egreja de Westminster em Londres.

Benvenuto Celini (1500 a 1570), tambem florentino, mas attrahido por Francisco I, foi a principal illustração da eschola de Fontainebleau. Era insigne ourives, gravador, fundidor e esculptor, e deixou tractados escriptos de cada um d'estes ramos. O museu do Louvre recolheu a chamada Nympha de Fontainebleau. É um alto relevo de bronze fundido, representando uma mulher nua meio deitada sobre o braço esquerdo, e passando o direito pelo pescoço d'um veado de grande e linda armação, tudo isto cercado de um arco do mesmo metal. As proporções da Nympha são desengraçadas por muito compridas. Na «Loggia dei Lanzi», em Florença, existe um grupo de bronze, Perseu cortando a cabeça de Medusa, excellente producção d'este artista.

Depois d'elle o melhor foi Amanato, discipulo de Sansovino, do qual se vê no jardim publico de Florença um Neptuno colossal n'um carro levado por quatro cavallos marinhos.

O cavalleiro Bernini (1598 a 1680), chamado o segundo Miguel Angelo, foi durante meio seculo o arbitro das obras d'arte na Europa. Napolitano como Luca Giordano, coube-lhe na esculptura a mesma sorte que a Giordano na pintura. Vindos no tempo da decadencia, longe de melhorarem a arte, a precipitaram. Bernini é o auctor da emphatica praça circular que precede a egreja de S. Pedro em Roma, em cujo templo fez a cadeira de S. Pedro e o tumulo de Urbano VII, a melhor de suas obras, em que se vêem duas gordas

figuras espremendo os peitos para lançarem, sobre o corpo do defuncto Papa, o leite da justiça e da charidade.

Canova (1747 a 1822). Nascido no insignificante logar de Possagno, a 12 leguas de Veneza, Antonio Canova foi o unico artista italiano que elevou a arte ás alturas do renascimento ou da grande epocha. As suas melhores producções encontram-se em Roma e Vienna. Na primeira d'estas capitaes existem, o mausoleo de Clemente XIV na egreja dos Santos Apostolos, e os tumulos dos Stuarts, o de Pio VI e o de Clemente XIII na basilica de S. Pedro, e no museu do Vaticano o grupo dos luctadores Damoxenes e Crengas, e sobre tudo a estatua de Perseu com a cabeça de Medusa.

Vienna, mais feliz ainda, possue as suas duas mais importantes obras primas. O mausoleo de Maria Christina, filha de Maria Thereza, é em fórma de pyramide aberta, em que está entrando um cortejo de virgens, symbolo da innocencia, seguidas da Beneficencia, que é uma joven que sustem um velho, e da Virtude, que é um genio com azas segurando a urna das cinzas. Á entrada está outro genio com azas apoiado sobre um leão, symbolisando o marido a chorar. Este monumento é em tudo digno do renome do seu grande auctor, especialmente uma das virgens e o velho.

O que porém passa pela sua obra prima, é o grupo de Theseu vencedor do Minotauro, que representa admiravelmente a força na figura de Theseu, e a dôr na do Minotauro.

Attrahido a Paris, alli executou uma admiravel Magdalena arrependida, e um Zephyro arrebatando Psyché adormecida, grupo que se vê no museu do

Louvre e é admiravel na representação da graça e ligeireza.

Da eschola de Canova sahiu o florentino Bartolini, unico artista italiano, que depois de seu mestre merece ser mencionado.

Esculptura hespanhola

O primeiro hespanhol que cultivou a esculptura com bom successo foi Juan de la Huerta, natural de Daroca, em Aragão. No museu de Dijon, em França, existe por elle um tumulo do duque de Borgonha, João sem-medo, feito por cêrca de 1450. N'este tumulo de marmore admiravelmente cinzelado, que representa um edificio de fórma ogival, teve por ajudantes dois flamengos, João Droguès e A. Lemouturier.

Alonso Berruguete (1480 a 1561) foi discipulo de Miguel Angelo, a quem ajudou em trabalhos de todas os generos. Voltando á patria em 1520, executou boas pinturas, mas sobre tudo excellentes esculpturas, sendo as principaes uma cadeira de marmore para o Arcebispo na Cathedral de Toledo, cadeira em que esculpiu a Transfiguração; e as decorações do palacio que Carlos V mandou edificar dentro da Alhambra.

Gaspar Becerra (1520 a 1570) estudou na Italia, d'onde voltou bom pintor e melhor esculptor. A sua obra prima dizem ser uma imagem da Senhora da Soledade na egreja do convento dos padres minimos em Madrid, a qual é digna dos maiores elogios pela dôr, resignação e ternura que exprime.

Alonso Cano (1601 a 1667) cultivou com feliz exito a pintura, a architectura e sobre tudo a esculptu-

ra. Uma de suas melhores producções, que o é tambem do genero, existe em Lebrija, pequena cidade a 8 leguas a sudoeste de Sevilha, e é o altar-mór da Cathedral, em que se admira especialmente uma imagem da Virgem com o Menino no collo, que occupa o nicho principal do retabulo.

Depois d'Alonso Cano só foi notavel Antonio Solá no principio d'este seculo, mas viveu pouco, e as suas esculpturas são quasi desconhecidas. O museu de Madrid recolheu um grupo de duas victimas da guerra de 1808, que é muito apreciavel.

Á excepção d'estes, só teem sido notaveis alguns outros esculptores d'um genero mui especial, o das figurinhas de côres em terra cozida que se fabricam em Malaga, Granada, Valencia, etc. Na academia de S. Fernando em Madrid existe uma grande serie d'estas notaveis esculpturas por Juan Ginés, de Valencia.

Esculptura alleman

Esta parte da Europa concorreu pouco para o brilho da esculptura durante a edade media, e somente no tempo do renascimento é que produziu obras notaveis e artistas eminentes. Não passa de lenda a tradicção, que attribue as finas esculpturas da torre de Strasburgo a Sabina, filha do architecto, que erigiu aquella Cathedral em fins do seculo XIII e principios do XIV, o qual foi Erwin, natural de Steinbach, no gran-ducado de Baden. No tempo do renascimento appareceram diversos artistas a quem, embora distinctos, não permittiu a modestia assignarem as suas obras. D'este numero é um notavel Calvario em Spira, peque-

na cidade da Baviera, e o baptisterio de S. Sebald, executado em bronze na Cathedral d'aquelle nome na cidade de Nuremberg (Baviera), obras que se dizem do seculo XIII.

Em seguida sabe-se que existiram Sebald Schuffer, auctor de uma bella fonte em Nuremberg, e Hans Decker e Adão Kraff, auctores de baixos-relevos da Paixão de Christo na mesma cidade. Foi ainda em Nuremberg que em principios do seculo XV, denominado o seculo d'ouro, appareceu Peter Vischer, auctor do célebre tumulo de S. Sebald, cujos relevos de milhares de figuras provam quanto é justa a nomeada do antecessor d'Alberto Durer.

Chegados ao grande seculo, Alberto Durer (1471 a 1528) personifica as artes d'esculptura em toda a Allemanha e de pintura na eschola de Nuremberg. Este grande homem, artista universal, deixou, além das inestimaveis pinturas, uma grande collecção de gravuras e esculpturas meudas em madeira e marfim, que pela perfeição, e gosto do trabalho se elevam á dignidade de obras d'alto estylo. No pequeno museu de Carlsruhe existe um pedaço de marfim com quatro figuras de mulheres nuas, em alto relevo, formando uma especie de dança, as quaes teem, além da correcção das fórmas, uma belleza cheia de encanto e elegancia, que nem sempre mostrava nas suas pinturas, cujo distinctivo era quasi sempre o vigor.

Com este eminente artista feneceu a esculptura alleman, e somente em principios do seculo actual se vêem apparecer Owerbek, Cornelius e seus discipulos. Dannecker de Stuttgard ganhou immensa fama com o grupo que fez em 1814 para o banqueiro Rothschild de Francfort, representando Ariana sobre a panthera, o qual, embora bem executado, está abaixo da nomea-

da que alcançou. Sem que o trabalho do cinzel seja fino, a parte da estatua d'Ariana até á cinta, que é representada nua é meio deitada sobre a panthera, é excellente e merece talvez os gabos que tem tido; mas a parte superior não tem o mesmo merecimento, e principalmente o rosto em que Dannecker quiz imitar o typo grego sem o conseguir perfeitamente, e a que deu um gesto de pouca graça, colloca o auctor d'este grupo não só abaixo de Canova, que o precedeu, como de Rauch e outros, que se lhe seguiram. Tem porém um merito incontestavel, o da sua data; Dannecker deu o signal e o exemplo da resurreição da arte na Allemanha, e como tal foi saudado: eis ahi a grande gloria do artista e a honra da sua obra.

Em Vienna existe no Belveder o grupo de Jason com o tosão d'ouro seguido por monstros, que é uma obra-prima feita em Roma em 1829 por José Kaeshmann, no estylo mais gracioso, que energico, de Canova.

Ao mesmo tempo Christiano Rauch (1777 a 1857) fundava, á sua volta d'Italia, uma eschola em Berlin e produzia o mausoleo da rainha Luiza, mãe do rei actual, para Charlottemburgo, e para Potsdam a estatua em pé da mesma rainha, que o fizeram reputar immediatamente o melhor dos esculptores d'Allemanha. Durante a sua longa vida fez grande numero d'estatuas e bustos, como as estatuas de bronze do rei Maximiliano em Munich, d'Alberto Durer em Nuremberg, de Luthero em Wittemberg, seis Victorias em Walhalla, a estatua de Blucher e as de mais tres generaes em Berlin. A principal porém das suas obras de bronze é a estatua equestre de Frederico o Grande em 1851, rodeada de altos e baixos-relevos em todas as faces do pedestal, que tem a cada canto outra esta-

tua equestre dos quatro homens mais notaveis d'aquelle reinado. A vida que se nota nos quatro cavalleiros dos cantos, e a posição tanto do cavallo como de Frederico, que parece estar dominando a cidade, que lhe deve toda a sua preeminencia, são d'um merecimento inexcedivel.

Ernesto Rietschel (1804 a 1861), natural da Saxonia, substituiu o prussiano Rauch como primeiro esculptor d'Allemanha. As suas melhores esculpturas são a Virgem com seu Filho morto, as estatuas-retratos dos quatro principaes esculptores gregos no museu de Dresde, e o grupo em bronze de Goette e Schiller em Weimar.

Os melhores discipulos de Rauch foram Augusto Kiss e Frederico Drake. Do primeiro é uma excellente amazona, defendendo-se com a lança d'uma leôa, que lhe saltou acima do cavallo, grupo em bronze que se vê á entrada do museu e é soberbo em perfeição, energia e vida. E de Drake são os excellentes altos-relevos da estatua de Frederico III em Thiergarten.

Da Dinamarca não faremos artigo separado, por isso que temos a tractar só d'um artista.

Thorwaldsen (Alberto Bartholomeu — 1770 a 1844), contemporaneo de Canova e seu emulo, estudou como elle em Italia, seguindo os mesmos modêlos e as mesmas opiniões sobre a pratica, tendo por conseguinte o mesmo estylo e assimilhando-se-lhe. Divergindo de Miguel Angelo, preferia como Canova a graça á força, e a delicadeza da execução ao vigor e ao fogo do pensamento, sem todavia cahir na affectação de Bernini. Fez-se conhecido por um Jason levando o tosão d'ouro, um Marte colossal e um Adonis, a que o proprio Canova chamou obra-prima. Fez ainda muitas

outras estatuas de Graças, Musas, Venus, Apollo, Mercurio, etc.; a Madona para Napoles; o monumento de Pio VII na basilica de S. Pedro em Roma; Christo e os doze Apostolos para a Cathedral de Copenhague; e em bronze a estatua equestre de Poniatowski em Varsovia, e a de Guttemberg em Maguncia.

Em baixos-relevos foi talvez o artista mais eminente dos tempos modernos. No palacio de Christiansborg existe uma admiravel serie em que elle figurou a entrada d'Alexandre em Babylonia, que se diz digna de ser comparada a obras do mesmo genero dos grandes artistas gregos. Achando-se velho e rico, fundou um museu em Copenhague, que enriqueceu com producções de diversos artistas eminentes e suas.

Esculptura flamenga

Aqui o titulo não abrange como a respeito da pintura os dois paizes, Hollanda e Belgica, porque a Hollanda não teve esculptores notaveis, e se alguma bôa estatua alli existe, é d'artistas estrangeiros. Quanto á Belgica, essa teve-os eminentes desde fins do seculo XIV até principios do XVI.

O mais precioso *specimen* d'essa epocha é o tumulo do duque de Borgonha, Philippe o Audaz, feito em 1404 por tres artistas flamengos, Claux Sluter, ajudado por seu sobrinho Claux de Vousonne, e por Jacques de Baers. Imita um edificio em fórma ogival de marmore ricamente cinzelado, e acha-se hoje no museu de Dijon, em França. No mesmo museu existe outro excellente tumulo do duque João Sem-medo, filho do precedente, cujo tumulo é feito por

um hespanhol, João de la Huerta, mas ajudado por dois flamengos, Jean de Drognes e Antonio Lemouturier.

Em Bruges existem, na egreja de Nossa Senhora, dois outros excellentes tumulos, sendo um do duque de Borgonha Carlos o Temerario, e outro de sua filha Maria de Borgonha. Estes teem de marmores somente os soccos, e deitadas sobre elles as respectivas estatuas de cobre dourado e admiravelmente cinzelado. Existe ainda em Bruges, no palacio da Justiça, uma chaminé de madeira d'um trabalho delicadissimo, decorada com cinco estatuas quasi ao natural, a qual dizem ser obra de Hermann Glosencamp, que com este trabalho obtivera o perdão de um crime, que o tinha feito condemnar á morte.

Todo o seculo XVII e todo o XVIII foram estereis em esculpturas notaveis, e somente agora, na segunda metade do XIX, é que a esculptura parece querer sahir do olvido pelos esforços de Géefs, Fiers, Lopers e Wienez, artistas existentes.

Esculptura ingleza

A Inglaterra só tem esculptura, a bem dizer, desde o principio d'este seculo; porque as anteriores esculpturas de merecimento, ou são idas de fóra, ou feitas por estrangeiros. Os esculptores inglezes mais notaveis, sem comtudo valerem Canova, Thorwaldsen, Rauch, Rietschel, Kiss e Drake, ou Costou, Bouchardon, Pigalle, David d'Angers, etc., são os seguintes:

Sheemakers, auctor da estatua de Newton, dos mausoleos de Shakespeare e de lord Cornwallis.

Flaxman, auctor do mausoleo de lord Mansfield.

Chantry, auctor da estatua de Watt.

Westmacott, auctor do mausoleo d'Isabel Warren, sobre a qual se vê acocorada uma menina só em camisa, por baixo da qual se distingue o corpo.

E o auctor d'outro monumento em Westminster figurando uma esposa que, tendo estado presa, morreu no momento, em que o marido a ia libertar; sendo isto representado por um esqueleto que, entrando com o marido, lhe lança a foice.

Esculptura franceza

A França foi um dos paizes que primeiro cooperaram para o renascimento da esculptura. Alliviado pouco a pouco da pressão dos iconoclastas, foram-se os artistas libertando e esculpindo livremente na pedra toda a especie de plantas, animaes pela maior parte fabulosos, chimericos e symbolicos, e por fim demonios, homens, santos e deuses. É d'este modo que foram ornadas as velhas cathedraes de Reims, Chartres, Amiens, Laon, Sens e Paris, cujas esculpturas são parte integrante da architectura.

Com o seculo XIV appareceram em França esculptores de merecimento, como Hennequin de la Croix, auctor d'um magnifico mausoleo na egreja de Senlis, e em seguida Conrado Meyt e André Colomban, auctores d'outro mausoleo na egreja de Brou, e em fim Miguel Colombe (1431 a 1514), auctor do mausoleo do duque de Bretanha que se vê em Nantes. É a este mesmo artista que o museu do Louvre dedicou a primeira das salas da Renascença, a de Michault Columb,

na qual se vê, em baixo-relevo sobre marmore, o combate de S. Jorge com o Dragão.

D'esta mesma epocha são João Justo de Tours, que fez o tumulo de Luiz XII, e João Texier, auctor dos quarenta e um grupos em baixo-relevo na cathedral de Chartres, reproduzindo o casamento da Virgem, a Visitação, a Circumcisão e a Degolação dos Innocentes, trabalho que faria honra á Italia da grande epocha.

Ao mesmo tempo que Francisco I chamava Benvenuto Celini e outros italianos para aperfeiçoar os francezes nas artes do desenho; um francez João de Bolonha, nascido em Douai em 1524, tomava logar entre os primeiros estatuarios d'Italia. Foi esculptor eminente, principalmente em bronzes. A sua obra-prima é um pequeno Mercurio voando, perfeito modêlo de ligeireza, equilibrio e graça, recolhido pelo museu de Florença com outras estatuetas do mesmo metal, Juno, Venus, Apollo e Vulcano. Na «Loggia dei Lanzi» existe do mesmo artista o grupo tambem em bronze, Roubo d'uma Sabina.

João Goujon (cêrca de 1530 a 1577) foi um célebre esculptor victima das arcabuzadas de S. Bartholomeu. A mais notavel das suas obras é o grupo de marmore que elle fez para Diana de Poitiers. Sobre um socco de marmore bizarro e em fórma de barco, ornado de esculpturas figurando lagostas, caranguejos, etc., está Diana, meio deitada, com seu arco d'ouro na mão, recostada sobre um veado e guardada por seus dois cães Syrio e Procyon. A figura meio colossal da deusa, inteiramente nua, dizem ser o retrato da altiva rival da duqueza d'Etampes. Nos baixos-relevos foi elle ainda mais sublime. O Louvre conserva alguns sobre pedra; no estylo sacro o Descimento da Cruz,

obra soberba, assim como os quatro Evangelistas; e em estylo profano recolheu tambem nymphas, tritões e nereidas do Sena, baixos-relevos sobre a mesma pedra *liais* (d'amolar), e sobre marmore uma allegoria da Resurreição. Mas o que passa pela sua obra-prima, são os baixos-relevos da fonte dos Innocentes, no mercado dos legumes.

Contemperaneos de Goujon, e como elle restauradores da esculptura em França, são João Cousin e Germano Pilon. Ao primeiro attribue-se o admiravel tumulo de Pedro de Brézé em Roma. O museu do Louvre só possue d'este mestre o mausoleo do almirante Philippe de Chabot. Do segundo (1515 a 1590) tem o Louvre maior numero d'esculpturas, como os mausoleos de Renato Birago e de Valentina sua mulher: está sobre o primeiro a estatua respectiva de bronze, de joelhos, na attitude da oração, e sobre o de Valentina a sua estatua de marmore, meio recostada, lendo n'um livro; e na face do socco em baixo-relevo a mesma figura, mas descarnada e morta. Não é menos notavel um grupo de tres mulheres sustendo um vaso dourado, grupo que uns dizem ser as tres Graças e outros as tres Virtudes theologaes. E finalmente muitas outras esculpturas importantes de Pilon alli existem, bem como em varios outros logares.

Depois d'estes tres existiram ainda outros esculptores célebres, dos quaes o Louvre recolheu egualmente producções, como Pedro Sarrazin, nascido em 1590, Simão Guillain (1581 a 1658), os dois Auguier, Francisco (1604 a 1669) e Miguel (1612 a 1686).

Em seguida vêem os esculptores modernos, abrindo a lista Pedro Puget (1622 a 1694), que apezar de faltar-lhe sciencia e gosto, e de não conhecer as bellezas da esculptura antiga, nem por isso deixa de ser

talvez o melhor esculptor francez. Foi tam original como irregular, obtendo do marmore mais que nenhum o movimento d'acção e de força; ou, por outra, ninguem soube imprimir-lhe mais calor. Uma de suas obras-primas no Louvre é o grupo de Milon de Crotona devorado por um leão. Milon, athleta sempre vencedor nos jogos da Grecia, onde com um murro derribava um touro, viu-se na sua velhice atacado por um leão, que com unhas e dentes o vae devorando, em quanto elle, com uma das mãos agarrada a uma arvore, procura de balde defender-se com a outra. Este grupo é magnifico a muitos respeitos, mas principalmente é maravilhoso pelo movimento e pela vida, e ainda mais pela expressão de dor e raiva manifestada por aquelle a quem trahia a velhice.

Ha muitas outras producções de Puget, mas como esta basta para dar idêa das suas qualidades, notarei somente um baixo-relevo reproduzindo admiravelmente a scena em que o imperador Alexandre, querendo conhecer o philosopho Diogenes, se apresentou diante d'elle e admirando-o lhe disse: «Se pretendes alguma coisa de mim, falla»; ao que o philosopho respondeu: «Que te retires de diante de mim, para me não estorvares o sol.»

Seguem-se-lhe Antonio Coysevox (1640 a 1720), tambem notavel, e Francisco Girardon (1630 a 1715), auctor dos grupos Plutão arrebatando Proserpina e Apollo descendo a casa de Thetis, existente no jardim de Versailles.

Uma das salas do museu tem o nome dos dois irmãos Costou, Nicolau (1658 a 1733) e Guilherme (1678 a 1746). O primeiro é auctor do grupo Juncção do Sena ao Marne, no jardim das Tuileries, e o

segundo auctor dos famosos grupos Escudeiros de Marly, á entrada dos Campos Elysios.

Edme Bouchardon (1698 a 1762) tem no Louvre, entre outros, um grupo d'uma menina com uma cabra, e outro de Psyché com o Amor; assim como é auctor das imagens de Christo, da Virgem e de oito Apostolos na egreja de S. Sulpicio, e das esculpturas da fonte da rua de Grenelle.

João Baptista Pigalle (1714 a 1785), excellente esculptor, tem no Louvre somente um busto, retrato de Mauricio de Saxonia, mas é auctor da estatua de Voltaire na sala do Instituto, do mausoleo do marechal d'Harcourt n'uma das capellas da egreja de Notre Dame, e sobre tudo do mausoleo do marechal de Saxe na egreja de S. Thomaz, em Strasburgo.

João Antonio Houdon (1741 a 1828) é auctor da excellente estatua de Voltaire e do busto de Molière no theatro francez.

David d'Angers (Pedro João—1789 a 1856) é auctor do frontão do Pantheon, e das estatuas de Philopaemen nas Tuileries, e de Condé, em Versailles.

E ha em fim alguns outros, não só já fallecidos, senão tambem existentes, sobre os quaes a critica não é ainda imparcial. Dos ultimos gozam celebridade Antonio Luiz Barye (1795) e Pedro Julio Cavelier (1814).

Esculptura portugueza

Em todos os paizes e em todos os tempos, depois do renascimento, tem tido a esculptura menos cultivadores célebres que a pintura. Algumas nações

ha, como a Hollanda, a Russia e até a propria Inglaterra, que não produziram nem um homem com jus a que a historia das artes se occupe d'elle. Outros paizes, tendo brilhado até meiados do seculo XVII, parecem ter gasto de tal modo as suas forças, que dois seculos não bastaram ainda para as recuperarem. N'este caso estão Flandres e a Hespanha, e estaria a propria Italia, se não fosse a nova vida, que lhe imprimiu Antonio Canova já em fins do seculo passado e principios do actual. Uma unica excepção se encontra, a França, que nunca deixou de ter esculptores distinctos.

Se isto não justifica, pelo menos explica não ser de admirar, que nós, tam pequenos, e com tendencias somente a conquistas de paizes, que, se nos deram riqueza monetaria, nos empobreceram de riqueza artistica pelos braços que nos roubaram, não tenhamos verdadeiras illustrações n'este ramo. É com magua pois que abrimos este capitulo, porque, amante da patria, quizeramos vel-a brilhar a par das mais favorecidas; e, não menos amante da verdade, temos de confessar, que, á excepção de Joaquim Machado de Castro pela altura a que se elevou na construcção da estatua de D. José, todos os nossos esculptores não teem passado de mediocres. Vou porém transcrever os elogios mais ou menos merecidos áquelles, que são dignos de alguma distincção.

Manuel Machado, fallecido na primeira metade do seculo passado, foi esculptor a par do célebre Joaquim Machado de Castro.

José d'Almeida (1700 a 1769) estudou em Roma e foi esculptor de merito. São d'elle: um S. Paulo na capella das Necessidades, um S. João Baptista na Bemposta, e um S. Onofre na Trindade, todos tres de

marmore; e de madeira a Paixão de Christo no Carmo, a Senhora Mãe dos homens e S. José na egreja de S. Francisco de Xabregas.

Antonio Ferreira foi um bom esculptor do seculo passado, que executou em terra cozida excellentes trabalhos, os quaes mr. Forrester, lord Howard e Raczynski apreciavam muito, possuindo alguns.

João José d'Aguiar, natural de Bellas, estudou em Roma com Labruzi, José Angeli e Canova. De volta á patria, foi admittido como esculptor da fundição do arsenal, onde deixou um excellente modêlo da estatua de D. José. Mafra e o palacio da Ajuda possuem algumas das suas estatuas de marmore.

José Joaquim, natural do Porto, falleceu em principios d'este seculo. A sua cidade natal possue as estatuas de granito na fachada dos Terceiros do Carmo, e em madeira um Senhor dos Passos na Lapa, S. Felix, S. João da Matta e a SS. Trindade na egreja d'este nome.

Joaquim Machado de Castro, o mais distincto dos nossos esculptores, nasceu em Coimbra em 1731 e falleceu em Lisboa em 1822. A obra-prima, que o é tambem do genero, é a estatua de D. José I, cujo desenho, feito por Eugenio Carvalho dos Santos, elle completou addicionando-lhe os grupos, e modelando-a para ser fundida d'um só jacto, sendo a fundição confiada a Bartholomeu da Costa, director do arsenal. Joaquim Machado de Castro foi discipulo de seu pae, de José d'Almeida e d'Alexandre Giusti. Entre as muitas esculpturas que deixou, são mais notaveis os excellentes baixos-relevos do frontispicio da egreja da Estrella e as estatuas de sobre as columnas.

Thomaz d'Aquino, fallecido em 1817, é tambem apreciavel pela esculptura d'um tumulo em que está

um Christo morto, pertencente á confraria do SS. Sacramento na egreja dos Francezinhos.

Faustino José Rodrigues nasceu em Lisboa em 1760, onde morreu em 1829. Foi bom esculptor, e as suas melhores producções são o tumulo de D. Maria I no convento da Estrella, e tres estatuas allegoricas, Virtude, Patriotismo e Intrepidez, no vestibulo da Ajuda.

Joaquim José de Barros Lobarão (1762 a 1820) foi esculptor distincto. São d'elle uma allegoria com dois retratos no obelisco de Bellas, os baixos-relevos da egreja da Bemposta, tres estatuas allegoricas na Ajuda, Desejo, Diligencia e Honestidade, e grande numero d'outros trabalhos.

João José Braga, natural do Porto, onde morreu em principios d'este seculo. Foi tambem esculptor distincto, como se vê de dois meninos em granito, um dormindo e outro acordando, no museu Allen, e sobre tudo de um menino deitado em uma longa cadeira, que foi adquirido pelo barão Mercier.

Poderia accrescentar a esta lista muitos outros nomes, mais ou menos distinctos, taes como Francisco Leal Garcia, José Joaquim Leitão, João José Elveni e Alexandre Gomes, todos os quaes collaboraram com Joaquim Machado de Castro para o pedestal da estatua de D. José.

Actualmente consideram o snr. Victor Bastos um esculptor distincto.

PINTURA

Escholas italianas

A historia da pintura em Italia, desde os primeiros ensaios até á epocha do seu esplendor, dar-nos-ia materia para grossos volumes; porém, por mais curioso e interessante que seja esse estudo, nem o comporta a indole do nosso trabalho, nem os limites em que temos em vista restringil-o. Procederemos por tanto como fizemos a respeito da esculptura, deixando a quem mais detidamente se occupe d'este assumpto o encargo de assignar circumstanciadamente as phases das tres artes do desenho, desde a sua remotissima origem até aos mais brilhantes triumphos nos tempos modernos; faremos da pintura uma succinta resenha, quanto baste para servir d'introducção e tornar conhecidos os principaes mestres das differentes escholas italianas cujas obras, disseminadas pelos templos, museus, palacios e galerias de toda a Europa, mais particularmente attrahem a attenção do viajante.

Nascida no Egypto, aperfeiçoada na Grecia, decahida entre os romanos do alto grau de esplendor, que attingira na patria de Homero, e a que a tinham levado Parrhasio, Zeuxis e sobre tudo Apelles no seculo d'Alexandre (330 antes de Christo), a pintura após Mar-

co Aurelio chegou a uma total degradação nas epochas calamitosas, que precederam o desmembramento e a ruina do imperio, e com a morte d'este quasi se extinguiu tambem.

No reinado de Constantino (306 a 337 da nossa era), as bellas-artes alcançaram algum favor. Transferida para Byzancio a séde do imperio, o vencedor de Maxencio empenhou-se em decorar pomposamente a sua nova capital, fazendo d'ella uma outra Roma. N'este incentivo dado ás artes do desenho, se a architectura occupou o primeiro logar, a pintura lucrou egualmente. Mas esse tenue reflexo de prosperidade foi pouco duradouro: vingando-se da reacção tentada por Juliano Apostata, os christãos votaram-se com cega furia á destruição de todos os vestigios da antiguidade anterior a Christo, e n'esta obra de exterminio comprehenderam (refere Vasari) não só as maravilhosas estatuas, as esculpturas, pinturas, mosaicos e ornamentos dos falsos deuses, mas tambem as imagens dos varões illustres, que decoravam os edificios publicos.

Sob o imperador Theodosio o Grande, no seculo IV, teve origem a funesta seita dos iconoclastas, e este foi o signal de uma nova destruição d'estatuas e quadros antigos. No meio d'estas devastações era ainda a pintura cultivada, pelo menos a pintura christan sob a fórma allegorica; o gosto porém continuava a alterar-se e a tal ponto, que o mosaico, tornando-se a arte por excellencia dos gregos do Baixo Imperio, desthronou a verdadeira pintura.

Como se não fosse bastante o estado de abatimento em que esta arte tinha cahido, a seita dos iconoclastas novamente accendeu o facho da destruição das imagens, chegando a subir ao throno com Leão Isauriano em 726; e tam longe ia a sanha do extermi-

nio, que Theophilo em 840 mandava queimar um frade de nome Lazaro para o punir de ter pintado objectos sagrados.

Finalmente Basilio Macedonio, inimigo de heresia e dos seus excessos, restabeleceu em 867 o culto das imagens, e restituiu ás artes o seu livre exercicio. Libertadas dos iconoclastas, as artes do desenho poderam tomar folego e respirar livremente até ao tempo dos cruzados no fim do seculo XI. Tomada de assalto pelos cruzados em 1204, Constantinopla perdeu alguns dos seus mais preciosos monumentos da antiguidade, entre elles o «Jupiter Olympico» de Phidias e a «Juno de Samos» de Lysippo, além de grande quantidade de objectos d'arte que um costume de mau gosto havia carregado de ornatos preciosos.

Porém quando um estado mais regular succedeu ás devastações da conquista, principiou para os occidentaes a communicação da arte grega antiga, bem como d'uma arte nova, a dos gregos modernos, que tinham a sua architectura, a sua estatuaria, os seus frescos e mosaicos. Miguel Paleologo, elevando um momento o imperio grego, deu egualmente alguma vida ás artes, e não olvidou a pintura; mas depois d'elle o imperio, ameaçado pelos turcos, só se occupou dos meios de lhes resistir até Mahomet II, que em fim tomou Constantinopla d'assalto em 1453, e as artes foram como as lettras procurar refugio na Italia. É ahi que seguiremos de novo a sua historia a partir do primeiro Constantino.

Desde a trasladação da séde do imperio para Byzancio até á tomada de Roma por Odoacro em 476, todos os trabalhos da intelligencia estiveram como que submersos n'um somno geral, e as unicas obras d'esse triste periodo, que podem ter relação com a pintura,

são apenas alguns mosaicos. No dominio dos godos, a sorte das artes melhorou na Italia, mas infelizmente o seu imperio teve pouca duração. Aos godos succederam os lombardos, porém as continuas luctas que se viram obrigados a sustentar estes novos dominadores da Italia, não permittiram que as artes fossem cultivadas em larga escala: comtudo são d'essa epocha (seculo VI) a construcção e reparo de muitas egrejas, que o rei Antharis fez adornar d'esculpturas e pinturas, e bem assim a célebre residencia de Monza, perto de Milão, onde a rainha Theodolinda mandou pintar os feitos d'armas dos exercitos lombardos.

Em Roma o impulso dado ás artes era mais sensivel. Á sombra das longas guerras entre os reis lombardos e os exarchas de Ravenna, os Papas fundaram o seu poder temporal creando um territorio e tornando-se soberanos. Esta circumstancia foi propicia ás artes, que encontraram n'elles protectores naturaes, como o proprio S. Leão, que no seculo V mandou pintar n'uma parede da basilica de S. Pedro toda a serie de Pontifices desde o Principe dos Apostolos até elle. Além d'isto, os templos contemporaneos de Constantino e os d'esta epocha eram decorados de mosaicos, frescos e pinturas, que o tempo inutilisou, escapando apenas alguns mosaicos principalmente das catacumbas christans.

Entre o IX e o XI seculos, epocha da mais crassa ignorancia e das mais espessas trevas da edade media, existe uma verdadeira e completa lacuna, em que a serie de monumentos se interrompe. Pelo que respeita a pintura, não se encontra d'então mais que os trabalhos d'alguns cenobitas, ornando missaes na paz do claustro. No seculo XI, quando se fórmam umas e engrandecem outras republicas de Veneza, Florença,

Genova, Pisa e Senna, e quando os normandos recuperam a Sicilia dos arabes, é que se reata a cadêa tradicional e apparecem os primeiros symptomas da renascença. Pertencem a este tempo pouco mais ou menos as differentes imagens da Virgem attribuidas a S. Lucas, assim como as pinturas dos tumulos da cathedral d'Aquilêa, S. Maria Primeseana em Fiesola, S. Maria Prisca em Orvieto, e finalmente as da cathedral de Senna. Então foi que vieram de Constantinopla e de Smyrna algumas pinturas gregas, e que os venezianos attrahiram os mosaistas gregos, a quem se devem os grandes mosaicos da sua singular e oriental basilica de S. Marcos. N'essa epocha em fim foi que principiou entre os artistas do Baixo Imperio e os d'Italia uma communhão que bem necessaria se tornava a estes ultimos. Então a arte nacional resurge finalmente na Italia.

Não obstante as luctas que a pertubaram, os conhecimentos adiantam-se; a propria agitação da epocha como que favorece esse desenvolvimento. Foi na Toscana que principiou o movimento das artes pela reforma da esculptura. Primeiro que nenhum outro, Nicolau de Pisa (1230) achou e imitou nas suas obras o estylo dos antigos. A pintura, que no dizer d'um illustre artista e escriptor é irman gemea da esculptura, devia acompanhar o movimento que Nicolau de Pisa imprimia á arte. Com effeito, Ventura e Ursone de Bolonha pintaram no principio do seculo XIII, Guido de Senna em 1221, e Giunta de Pisa em 1230, quando executou as pinturas da egreja de Assis, ainda d'estylo duro, secco e desengraçado, mas já mostrando uma verdadeira superioridade sobre os gregos seus contemporaneos. Seguem-se-lhes Boaventura Berlinghieri de Lucca em 1235, o primeiro Bartholomeu de

Florença em 1236, de quem se suppõe sér uma Annunciação na egreja De'Servi, e Margaritone d'Arezzo, o primeiro que pintou sobre tela.

Foi porém o florentino Cimabue, nascido em 1240 e fallecido em 1303, quem preparou a emancipação dos pintores italianos até então restringidos á servil imitação dos gregos-byzantinos. Entre as obras d'este mestre, que felizmente ainda existem para attestar o progresso, de que elle foi iniciador na arte, occupa o primeiro logar uma Virgem dos Anjos, feita para a egreja de S. Francisco de Pisa, e actualmente no museu do Louvre. N'este quadro, superior á Madona que fez para S. Maria Novella em Florença,—cujos habitantes a saudaram com uma festa publica, saudando n'ella o renascimento da arte — representa-se a Virgem com o Menino, cercada symetricamente de tres anjos a cada lado, o que prova que ainda elle é imitador dos gregos, embora muito mais adiantado e sem contestação mais intelligente que os seus antecessores Giunta de Pisa (cujas composições nobremente dispostas apresentam os personagens symetricamente enfileirados, graves e immoveis como nas composições gregas sujeitas ás fórmas hieraticas); e Guido de Senna que se tinha adiantado a Giunta, mas não pintava inteiramente liberto dos modêlos. Não foi por tanto o primeiro dos pintores italianos, como pretendem os seus admiradores: Cimabue deve chamar-se o ultimo dos pintores d'estylo grego.

É a Angiolo, Angiolotto ou Giotto, nascido na aldêa de Vespignano em 1276; é a este pastorinho, que Cimabue encontrou desenhando as suas ovelhas na areia com uma pedra aguçada e a quem tomou como discipulo por charidade; é a Giotto em fim, que é devida a honra de ter realmente fundado a eschola mo-

derna de pintura italiana; e ainda mais, de ter sido o verdadeiro promotor do renascimento de todas as artes do desenho, pois foi pintor, esculptor, architecto, engenheiro, mosaista, miniaturista, etc.; abrangia em fim todas as artes conhecidas do seu tempo. Foi o commum e geral modêlo de toda a Italia, que elle percorreu desde Avinhão aonde acompanhou Clemente V, até Napoles onde trabalhou muito tempo para o rei Roberto de Anjou, appellidado o sabio. Em Lucca fez o plano da fortaleza da Giusta; em Florença elevou o Campanile; em Roma compoz o célebre mosaico chamado Navicella di San Pietro.

A pintura sobre tudo é que lhe deve os mais assignalados serviços. Chamado de Padua a Roma por Bonifacio VIII, appareceu alli Giotto inspirado d'uma especie de revelação divina, libertando-se plenamente da imitação dos gregos e não se sujeitando senão á da natureza. Sem deixar de ser nobre a disposição das suas composições, era mais variada, mais animada e sobre tudo mais apropriada ao assumpto. O seu desenho tornou-se simples e natural, sem fórmas de convenção, sem typos fixados previamente, e sempre de mathematica exactidão. O seu colorido avantajou-se, offerecendo côres mais variadas, verdadeiras e profundas. Resuscitou a esquecida arte do retrato; foi o primeiro que se animou a fazer uso dos escorços e da perspectiva; e levou as roupagens a uma perfeição, que nunca foi excedida. Foi o primeiro que deu expressão ás figuras, grande objecto da admiração dos seus contemporaneos, que appellidavam *pintura miraculosa* a sua, que era a verdadeira pintura. As principaes obras de Giotto provam a consideravel distancia, que o separa dos seus immediatos antecessores; observa-se n'ellas o extremo limite da arte italiana sahindo da arte gre-

ga, e comprehendem-se, examinando-as, os elevados louvores, que lhe deram os homens mais illustres.

Os progressos da arte depois da independencia d'ella continuaram com os numerosos discipulos, que deixou Giotto: Simão Memmi, que, tendo feito o retrato de Laura para Petrarcha, foi por elle cantado; Pedro Lamati, Ugolino, Puccio Campanna, Pedro Cavallini, Buonamico Buffalmacco, etc. O progresso tornou-se ainda mais sensivel e a separação dos byzantinos mais completa, quando André Orcagna pintou o *Inferno* em um grande fresco na egreja de Santa Maria Novella de Florença, e no Campo Santo de Pisa o célebre e singular *Juizo final*, em que se reconhecem as idêas e descripções de Dante. O movimento italiano propaga-se e desenvolve-se ainda mais com os frescos de Gherardo Starmina, com as obras dos differentes mestres, que pelas cidades de toda a Italia surgiam n'essa epocha, como em nobre emulação para o desenvolvimento da arte regenerada: Franco e Vitale, de Bolonha; Giovanni, de Pisa; Nicol Antonio del Fiore e seu genro Antonio Solario, de Napoles; Tommaso e Barnabeo, de Modena; Lorenzo, de Viterbo; Marco Basaite e os dois Vivarini, de Veneza; Squarcione, de Padua; Mefozzo, de Forli, o qual melhorou os escorços; Fra Angelico, de Fiesola; Paulo Ucello, de Florença, creador da perspectiva; Pedro della Francesca, que melhorou esta sciencia com a applicação da geometria; Masaccio, no principio do seculo XV, chamado o seculo d'ouro; Antonello, de Messina, que trouxe de Bruges o segredo da pintura a oleo; Mazzolino, que melhorou o claro-escuro; os dois Pozzelli, os dois Lippe, Fra Bartolomeo della Gatta, Gozzoli, André Mantegna, André del Castagno, André del Verocchio, os dois Pollajuoli, os

dois Bellini, Francisco Francia, e finalmente Ghirlandajo e Perugino.

Então a arte completa e perfeita é cultivada com tanta paixão, admirada com tam sincero enthusiasmo, que o seu uso se estende a todas as coisas, e, na expressiva phrase d'um célebre escriptor, tornou-se tam commum como o pão e o ar. D'estes ultimos mestres descende uma pleiade de chefes que fazem a gloria das artes, representando n'ellas o seu zenith; taes são Leonardo de Vinci, Fra Bartolomeo della Porta (il Frate), Giorgion, Ticiano, Corregio, André del Sarto, Miguel Angelo e sobre tudo o divino Raphael, que marca o ponto culminante.

Até aqui temos dado uma idêa, ainda que resumida, da escala ascendente da pintura; resta-nos dizer alguma coisa da sua escala descendente. Os discipulos de Perugino, principalmente Pinturichio; os imitadores de Corregio, Barochio, e Mazuolo (o Parmesano ou Parmesiano), os discipulos de Leonardo de Vinci, Bernardino Luini, cujas obras se confundem com as do mestre, e ainda André Solario (il Gobbo) e Cesar da Cesto, assim como os discipulos do grande Ticiano, Giacomo, Tintureto, Palma o velho, Bonifacio Bembi, e seus contemporaneos e emulos, Paulo Veroneso, Sebastião del Piombo e outros; os imitadores do mesmo Ticiano, Morone e Paris Bordone, e os filhos de Ticiano, Tintureto e Veroneso, imitadores de seus paes; e em fim os discipulos de Miguel Angelo, os dois Allori ou os Bronzinos e outros, e os discipulos de Raphael, Julio Romano, Polidoro di Caravaggio, Perino del Vaga, Giovanni Francesco Penni (el Fattore), etc., foram a bem dizer sustentadores da arte á mesma altura a que seus mestres a tinham elevado (salvo um ou outro cahido no maneirismo).

Com a falta d'estes caminhava a arte para uma ruina total, pelo abandono do bello em troca do emprego da força exagerada, ou verdadeiramente pela falta d'estudos approfundados sobre a arte, com os quaes tirariam as vantagens d'esse emprego da força, que pretendiam herdar do modêlo (Miguel Angelo), sem como elle terem adquirido a sciencia. Da queda eminente ainda a poderam salvar os tres Carraches estabelecendo a eschola de Bolonha e formando n'ella eminentes discipulos, como Dominichino, Guerchino, Guido e Albano. Mas esta nova vida não foi secundada por seus successores, e apenas apparece um homem excepcional, que creou eschola propria, a de Miguel Angelo Amerighi de Caravaggio, que foi perpetuada pelo italiano Manfredi, pelo francez Valentin, e muito illustrada pelo hespanhol Ribera. Depois dos nomes italianos já citados, só resta mencionar Salvador Rosa e um irmão dos dois Allori (o Christophoro), que deixando a imitação de Miguel Angelo seguida por seus irmãos, foi mais célebre que elles, seguindo a eschola de Corregio.

São ainda algum tanto notaveis os Bassano de Veneza, principalmente Jacopo da Ponte nos seus quadros d'animaes, e ainda os Canalletti da mesma cidade, em pinturas de marinhas e paizagens. Depois d'estes só mencionaremos Carlos Marata e Lucca Giordano, porque marcam o ponto extremo da lista dos grandes artistas, e porque, despresando os principios classicos e adoptando o mau gosto do seculo em que viveram, precipitaram a arte no abysmo da sua total decadencia, d'onde não tem sido possivel tiral-a apezar dos esforços do allemão Raphael Menz, de que só apparecem vestigios nas obras de Battoni, e Camuccini.

Passamos pois a uma resenha dos pintores por

eschòlas, e em seguida a uma apreciação individual dos mais notaveis por sua ordem chronologica.

Eschola florentino-romana

Giotto, Fra Angelico, Masacio, Perugino, il Frate (Fra Bartolomeo della Porta), André del Sarto, Miguel Angelo e Raphael; e os filhos d'esta eschola: dois Allori (Angelo e Alexandre) e ainda Daniel de Volterra, todos tres imitadores de Miguel Angelo; Pinturichio. André Luigi (il Ingegno), e Gerino de Pistoia, discipulos de Perugino; Julio Romano, Polidoro di Caravaggio, Perino del Vaga, Pellegrino de Modena, Giovanni Francesco Penni (il Fattore) e André Sabatino ou de Salerno, discipulos de Raphael, e a final Carlos Marata.

Eschola lombarda

André Mantegna, Leonardo de Vinci, Corregio, e os discipulos ou imitadores d'esta eschola, o Mazuolo ou Parmigiano, o Barochio, Bernardino Luini, André Solario (il Gobbo) e Cesar da Cesto.

Eschola veneziana

Os dois irmãos Bellini (Gentil e João), Giorgion, Ticiano, Tintureto (Jacome), Paulo Veroneso, Palma o velho e Sebastião del Piombo, e os discipulos e imitadores, Palma o novo, Paris Bordone, Bonifacio Bembi, Pordenone, assim como os Bassano, dos quaes foi célebre Jacopo da Ponte em quadros historicos com animaes, como «Sahida da Arca», «Entrada na Arca», «Christo expulsando os vendilhões do templo», etc.,

e dois outros pintores, os Canaletti, célebres em pinturas de marinhas.

Eschola napolitana

Posto que se diga ser Tommaso de Stefani o fundador d'esta eschola em meiados do seculo XIV, sendo chamado Giottino por imitar a Giotto, considera-se mais commummente a Col Antonio del Fiore e a seu genro Antonio Solario (il Zingaro) como verdadeiros fundadores em principios do seculo XV, e mais tarde Salvador Rosa e Lucca Giordano, e os discipulos de Zingaro, Hipolito, e Pedro Donzelli, e outros até Giuseppe Cesari (il Cavaliere d'Arpino), Mico Spadaro e finalmente o Calabrese, o melhor de todos estes entre Zingaro e Salvador.

Eschola bolonhesa

Luiz, Agostinho, e Annibal Carraches, e seus discipulos Guido, Albano, Dominichino e Guerchino.

Eschola de Caravaggio

Miguel Angelo Amerighi de Caravaggio e seu imitador Manfredi.

Giotto (Angelo, Angiolotto), 1276 — 1334. Tendo dicto a respeito d'este mestre quanto basta para se fazer idêa do valor de suas obras, resta agora dar noticia dos logares, onde param as principaes. Bolonha orgulha-se de possuir no seu museu uma preciosa obra;

o de Florença, a «Oração de Christo no monte das Oliveiras»; a egreja de S. João de Latrão em Roma, o «Papa Bonifacio VIII publicando um Jubileu». Nas egrejas da Incoronata e de Santa Clara em Napoles, e no palacio Manfredi em Veneza, ha algumas outras pinturas de Giotto; dois preciosos quadros no museu do Louvre, cinco no de Munich, um em Dresde, e um em Londres attribuido a elle sem grande fundamento, como acontece a outro em Anvers.

Depois de Giotto, ainda que todos os nomes que citamos concorressem para o aperfeiçoamento da arte, o que mais sobresáe é

Fra Angelico, 1387 — 1455. Nascido na aldêa de Vecchio com o nome de Guido di Pietro, tomou ao entrar para a ordem dos dominicanos o de Fra Giovanni di Fiesola. Laborioso e fecundo não retocava nenhuma de suas obras, sem que por isso deixassem de ser perfeitamente acabadas. Entre as que restam do seu pincel, notam-se um Descimento da Cruz na academia de Florença, um triptyco no museu da mesma cidade, a Coroação da Virgem no Louvre, a lenda de S. Cosme e S. Damião e dois outros quadros em Munich, dois em Berlim, e uma Adoração dos Magos em Londres. É sobre tudo admiravel pelo fervor religioso que dava a todas as suas pinturas, sendo por essa razão appellidado Angelico.

Masaccio (Tommaso Guido di San Giovanni), 1407 — 1443. Era diametralmente opposto ao precedente pelo vigor varonil, que imprimia ás suas pinturas, sendo por isso chamado o pintor de corpos, em opposição a Fra Angelico que parecia pintar as almas. É o verdadeiro precursor de Miguel Angelo e como elle seria célebre se não vivesse tam pouco, deixando por esse motivo mui raras producções. O museu de

Florença possue somente uma admiravel cabeça de velho. Na egreja del Carmine existem a Resurreição d'uma creança por S. Pedro e o Martyrio d'este Santo, e na capella dos Brancacci diversas pinturas cujo elogio é terem servido de modêlo a todos os grandes mestres. No museu de Munich está um St.º Antonio de Padua, uma cabeça de monge e o proprio retrato do pintor. Foi correcto e exacto em desenho, contornos e movimento.

Col Antonio del Fiore e seu genro Antonio Solario *il Zingaro*, não se sabe precisamente as epochas em que nasceram e falleceram; sabe-se apenas que floresceram no principio do seculo XV. Fiore pintava no estylo dos flamengos da sua epocha, como Lucas de Leyde, segundo se vê d'um seu quadro no museu de Napoles representando S. Jeronymo tirando uma espinha ao leão. Quanto ao Zingaro, esse foi verdadeiramente célebre. De caldeireiro ambulante conseguiu elevar-se a pintor afamado, para obter a mão da filha de Fiore, que a havia recusado ao cigano caldeireiro. A Virgem gloriosa que possue o museu de Napoles na sala dos capi-d'opera, dá-lhe jus á reputação de grande mestre.

Bellini (Gentile), 1421 — 1507, pintor e viajante distincto, mas sem discipulos; e

Bellini (Giovanni) 1426—1516, mais célebre ainda por ter sido o fundador da eschola veneziana, e o mestre de Giorgion e Ticiano: a sua pintura é muito castigada, muito acabada e d'uma paciencia a toda a prova, até na imitação dos mais insignificantes objectos; a sua maneira foi um tanto modificada depois dos exemplos de seu discipulo Giorgion.

O museu do Louvre tem de Gentile Bellini uma Recepção do embaixador de Veneza em Constantinopla,

e o de Vienna dois quadros representando milagres por occasião da chegada das reliquias da Santa Cruz, excellentes e verdadeiros quadros historicos segundo as memorias d'então. De Giovanni Bellini póde ajuizar-se por cinco quadros, Virgens gloriosas, na academia de Veneza, uma Transfiguração no museu de Napoles, uns e outros dando a conhecer timidez, ainda que excellente colorido; e no museu de Vienna e no de Londres dois retratos da sua maneira ultima, revelando mais calor e mais largueza de pincel.

Mantegna (Andrea), 1431 — 1506. Filho de Padua, onde como Giotto foi pastor, e como Raphael mestre aos 18 annos. Casou-se com a irman dos Bellini, ligando-se depois á eschola de Veneza. Seus discipulos, seus imitadores e suas obras exerceram grande influencia, sobre a eschola lombarda, pelo que é considerado seu fundador.

Toda a Italia, e quasi todos os museus da Europa, possuem producções suas, sendo as mais notaveis: uma Adoração dos Magos, a Circumcisão e a Resurreição de Christo na tribuna do museu de Florença, uma St.ª Euphemia no museu de Napoles, um Calvario, a Senhora da Victoria, o Parnaso; e a Sabedoria vencedora dos vicios, no museu do Louvre, e uma collecção de cartões em Hampton-Court, que serviram para tecer tapetes, representando Julio Cesar triumphante na sua volta das Gallias. Todos estes quadros provam que Mantegna era artista consummado, de estylo elevado, solidez de colorido, justeza de linhas e contornos, e em tudo digno da reputação, que gozou de que, com Leonardo de Vinci e Giovanni Bellini, eram os artistas mais distinctos da sua epocha, immediatamente anterior a Raphael.

Perugino (Pietro Vanucci), 1446 — 1524. Natural

de Perusa, d'onde lhe vem o appellido, por que é conhecido. Era pobrissimo em sua patria, vindo por esse motivo para Florença, onde em pouco tempo se tornou conhecido e acreditado. Estabeleceu então uma eschola e com tanta felicidade, que n'ella se formou o mais assombroso pintor dos tempos modernos, o divino Raphael, sua maior gloria.

Suas obras dão-lhe egualmente indisputavel direito a um logar distincto entre os grandes mestres. As principaes são: um bello e vasto fresco na capella Sixtina, representando S. Pedro recebendo as chaves das mãos de Christo; a Resurreição de Christo, no museu do Vaticano; uma Deposição no tumulo, em Florença; o Padre Eterno entre uma gloria de cherubins, no museu de Napoles; tres excellentes quadros no museu do Louvre, dois no de Berlim, uma Virgem gloriosa no de Vienna, onde occupa o primeiro logar na sala romana. O museu de Munich é ainda mais feliz com tres admiraveis producções; o de Londres é egualmente feliz com um admiravel triptyco com a Sacra Familia no centro e os archanjos S. Miguel á esquerda e á direita S. Raphael conduzindo Tobias: esta obra é tam parecida ás primeiras producções de Raphael, que ao principio lh'a attribuiram, ou suspeitaram que ao menos tivesse ajudado o mestre; passa porém hoje em julgado que é exclusivamente de Perugino, mas que é do fim da sua vida, quando tinha modificado a sua maneira com os exemplos que lhe forneceu o discipulo, deixando antever uma reacção d'este sobre o mestre; é emfim um quadro de tal importancia, que Vasari o proclamou o seu *capo-d'opera*.

FRANCIA (Francesco), 1451 — 1517. Ao principio ourives, gravador de medalhas e director da casa da moeda em Bolonha, estudou secretamente a pintura

com o velho Marco Zoppo, e manifestou de repente aos olhos maravilhados de seus contemporaneos os conhecimentos artisticos com um excellente quadro que em 1490, quando rastejava pelos 40 annos, assignava modestamente *Francia aurifex.* O bom successo que teve animou-o a continuar, assignando sempre as pinturas d'este modo e as obras d'ourivesaria: *Francia pictor.*

Em breve tornou-se mestre distincto, e foi o fundador da eschola de Bolonha, continuada por duas ou tres gerações d'artistas, que lhe succederam. Raphael fazia d'elle tanto apreço, que o comparava a seu mestre Perugino e a Giovanni Bellini, e quando enviou a St.ª Cecilia para Bolonha, pediu respeitosamente a Francia, que emendasse no quadro os defeitos que necessariamente havia d'encontrar-lhe. A Pinacotheca de Bolonha possue seis importantes paginas de Francia, entre as quaes citam de preferencia uma Natividade, onde se vêem agrupados diversos sujeitos, que viveram muito posteriormente ao acontecimento que o pintor reproduz, entre elles Antonio Galea Ventivoglio que encommendou o quadro, e o poeta Pandolfi, que o havia cantado. É egualmente notavel uma Virgem gloriosa. A National Galery de Londres possue tambem uma Virgem gloriosa, e outro pequeno quadro, Christo morto no regaço de sua Mãe e dois anjos ajoelhados aos lados, que é admiravel pelo vigor e expressão. O Louvre possue um bello retrato de mancebo. Munich tem pela sua parte algumas Madonas. Dresde porém é que entre outros quadros possue um Baptismo de Christo de grandes dimensões e datado de 1508, que é uma das melhores paginas d'este mestre.

Leonardo de Vinci, 1452 — 1519. Filho natural d'um tabellião de Vinci, tornou-se pintor, esculptor,

architecto, engenheiro e machinista eminente. Era versado em mathematicas, phisica, historia natural e astronomia. Conhecia musica, e era poeta e escriptor auctorisado em diversas materias. Era em fim um homem verdadeiramente universal, não podendo consagrar á pintura senão uma pequena parte do seu tempo; e por isso o pouco habito, e o esmero com que acabava os seus quadros, justificam o pequeno numero d'elles.

O museu do Louvre teve a felicidade de reunir cinco, sendo: uma Virgem dos Rochedos, já arruinada; um S. João Baptista em meio corpo representado muito moço; um retrato chamado da bella Ferronière, amante de Francisco I, e que outros dizem d'uma duqueza de Mantua; outro retrato chamado da bella Jocunda, verdadeiramente primoroso, e uma St.ª Anna com Nossa Senhora e o Menino Jesus, obra verdadeiramente capital, ainda que em partes por acabar. Os museus d'Allemanha possuem poucas obras d'este mestre, mas d'essas poucas é notavel uma das duas Madonas da galeria do principe Esterhazy em Vienna, representando a Virgem segurando o Menino que pega n'um livro de cima d'uma meza, e aos lados St.ª Barbara e St.ª Catharina: n'este grupo ha similhança de physionomias, mas o seu acabado é d'uma perfeição prodigiosa. O museu de S. Petersburgo fez ultimamente acquisição d'uma Virgem dando o peito ao Menino, cuja belleza lhe tem grangeado os mais subidos elogios. A National Galery de Londres tem somente Jesus entre os doutores, d'uma authenticidade duvidosa. O museu de Madrid, que só possuia duas repetições de quadros existentes no Louvre, obteve do Escurial uma Sacra Familia, que é não só uma das melhores do mestre, mas até uma das melhores da arte: a Virgem

e S. José são vistos em busto ao natural por traz de uma meza, em cima da qual Jesus e seu infantil companheiro confundem os delicados membros n'um fraternal abraço; bella e risonha de amor, sollicitude e respeito, trajando com certo esmero, Maria ampara carinhosamente em seus braços o juvenil grupo, que S. José, collocado mais atraz com a cabeça encostada na mão, contempla com olhar cheio de affecto e serenidade. O grupo no seu conjuncto é uma obra maravilhosa e de perfeita conservação. Os rostos da Virgem e de S. José marcam, como perfeição, o limite da arte humana.

A Italia possue egualmente poucos quadros d'este mestre, sendo: uma Virgem no museu de Napoles; duas cabeças denominadas a Modestia e a Vaidade no palacio Sciarra de Roma; dois retratos desconhecidos um dos quaes se chama a Religiosa *(la Monaca)*, em Florença, e dois esboços de Sagradas Familias no palacio Brera em Milão. É porém no refeitorio do convento de Santa Maria della Grazia que existe a obra capital do mestre, e segundo alguns a mais magistral da pintura moderna, *Il Cenaculo*. São incriveis as profanações, digamos assim, por que tem passado esta verdadeira maravilha! Não estranhariamos, que se houvessem dado em paizes onde ha geral e profunda falta de respeito para tudo que é expressão do bello sob as suas variadas fórmas; porém na Italia, patria por excellencia das artes, onde a admiração por ellas tem attingido por vezes as proporções d'um verdadeiro culto, é inacreditavel, não se comprehende! É uma pintura a oleo sobre a cal d'uma parede, que Francisco I, quando invasor d'Italia quiz mandar encaixilhar, desligando depois por traz a cal, como se tem feito a outras; tendo isso porém o risco de inutilisar a pintura,

prescindiu do intento com extraordinario pezar, pois dizia elle: «seria o melhor tropheo das minhas victorias.» Pois foi a uma pintura de tal importancia que, em 1652, querendo os frades mandar alargar a porta do refeitorio, fizeram cortar parte das pernas dos personagens do centro, Christo e os dois Apostolos proximos; e ainda ha poucos annos, passando o convento a servir de quartel, era aquella parte um armazem de deposito, achando-se por conseguinte muito arruinada.

Por felicidade para a arte, foi ella reproduzida por milhares de copias geraes e parciaes, a pincel, craião e buril, por um sem-numero de gravuras de Montegna, Soutman, Rainaldi, Bonati, Fiey, Thouvenet e outros, mas sobre tudo pela de Raphael Morghen que, consagrando seis annos a este trabalho, fez no seu genero uma obra-prima como Leonardo com o original, em que empregou egual espaço de tempo. Hoje que quasi já não existe este primor *Il Cenaculo*, qualquer das outras composições menores serve para dar idêa do auctor, principalmente a Santa Familia recentemente adquirida pelo museu de Madrid, e a Jucunda do Louvre. Em ambas se póde julgar da prodigiosa sciencia com que elle alliava os conhecimentos anatomicos aos do claro-escuro, e a realidade ao genio do ideal; precedendo Corregio na graça, Miguel Angelo na força e Raphael na belleza.

Il Frate (Fra Bartolomeo della Porta), 1469 — 1517. Assim appellidado para differençar-se mais facilmente de Fra Bartolomeo della Gatta. Il Frate era pintor, architecto e musico, e junto com o prior do convento de S. Marcos em Florença abraçou e defendeu o partido de Luthero, por cujo motivo foi o prior justiçado, e esteve em risco de o ser tambem o pintor, que precisou para justificar-se de queimar todos os de-

senhos e estudos, que possuia, a titulo de hereticos, professando no mesmo convento. Depois de monge executou importantissimas pinturas sacras, e como antes o seu estylo passava por mesquinho, quiz provar o contrario executando pinturas d'um estylo tam amplo, que, se não é exagerado, é n'este genero o que Miguel Angelo foi na esculptura, a mais completa expressão da força. D'isto é prova o gigantesco S. Marcos, que elle havia executado para o mesmo convento, e hoje se acha no palacio Pitti. Uma das suas mais excellentes producções é um S. Sebastião, bella figura d'adolescente, ainda n'aquelle convento. Em outros museus d'Italia e pelo norte da Europa encontram-se quadros estimaveis d'esta grande illustração da eschola florentina.

Giorgion (Giorgio Barbarelli), 1477 — 1514. Natural de Castelfranco. Occupou-se principalmente em decorar o palacio dos doges e de fidalgos, deixando poucos quadros propriamente dictos. Creando por assim dizer o systema dos profundos empastes, e das grandes massas de sombra, para realçar as grandes massas de luz, e os mais arrojados e maravilhosos effeitos de claro-escuro, introduziu na eschola veneziana o culto do colorido. Era d'elle que o presidente de Brosses dizia: Comparal-o-ia de bom grado pelo colorido ao que vale Miguel Angelo pelo desenho».

Em Veneza existe no palacio Manfrino um admiravel quadro chamado dos tres retratos, que foi celebrado por lord Byron; e na academia um quadro representando uma tempestade serenada por S. Marcos, e um retrato de desconhecido, todos tres admiraveis. Tendo-se inutilisado as pinturas que na sua patria executou em exteriores de palacios, é hoje Giorgion mais importante fóra d'ella. O museu de Florença recolheu

um Moysés na prova dos carvões ardentes, um Juizo de Salomão, uma allegoria mystica e dois retratos, o d'um cavalleiro de Malta e o do general Gathamelata, que são de extraordinario vigor e belleza; e o palacio Pitti um Moysés salvo das aguas, uma nympha perseguida por um satyro, e um concerto de musica, egualmente bons. O museu de Dresde possue a Saudação de Jacob a Rachel no meio dos servos e rebanhos; o de Vienna quatro quadros, um cavalleiro armado, um mancebo coroado de pampanos e atacado por um bandido, David pegando na espada de Goliath, e sobre tudo o quadro chamado *Medidores*, que provavelmente são tres astrologos: é uma nobre e vigorosa composição, cercada por lindissima paizagem, merecimento bem raro então em Italia. No museu de Munich existe o retrato pelo proprio; no do Louvre uma Sacra Familia e um concerto campestre; no de Madrid dois quadros, David matando Goliath e outro quadro em que, diante d'um cavalleiro armado prestes a partir, uma dama se esquiva aos carinhos d'uma creança, entregando-a aos da aia, para poder abraçal-o: maravilha e arrebata como toda a composição é clara, vigorosa e completa, ainda que os personagens são vistos somente a meio corpo. Deve lamentar-se que o seu auctor não vivesse o tempo preciso para ser tam fecundo, quanto foi arrojado.

Ticiano (Tiziano Vecelli, de Cadore) 1477—1576. Foi discipulo de Zuccato e de Bellini, e condiscipulo de Giorgion, de quem aproveitou os exemplos, e por isso seu continuador na eschola, cujo principal caracteristico é o vigor do colorido. Trabalhou com facilidade e constancia desde tenra edade até ao fim da sua vida de centenario, fazendo-se ás vezes ajudar por discipulos escolhidos; deixou um numero prodigioso de pro-

ducções, sendo rara a galeria da Europa, que não tenha alguma.

O museu de Madrid conta 42, o de Vienna 35, o do Louvre 18, o de S. Petersburgo 16, o de Florença 13, o de Dresde 12, o de Munich 10, o de Londres 5, e o de Napoles 3. Mas o que augmenta muitissimo o numero são as differentes collecções particulares, egrejas, etc., como por exemplo a egreja della Salute em Veneza que possue 13, o palacio Doria em Roma umas 6, etc. Entre os quadros do palacio Doria ha um admiravel, o Sacrificio d'Abrahão; em tres do palacio do Capitolio, uma excellente personificação da Vaidade; nos do museu de Napoles sobresáe um retrato de Filippe II. Para não cançar o leitor com repetições e aproveitar espaço, fallaremos em especial d'alguns do museu de Madrid e da academia de Veneza, que darão idêa dos diversos generos de merito de tam eminente mestre.

As suas duas obras mais assombrosas foram victimas d'incendios, a allegoria á *Religião* quando ardeu o palacio do Pardo proximo a Madrid, e o *Martyrio de S. Pedro de Verona* ultimamente na egreja de S. Giovanni Paolo em Veneza, quadro tam importante que, fallando-se (ha mais de dois seculos), em que os frades possuidores da pintura tractavam de effectuar a venda d'ella a um tal Daniel Nilo por cêrca de 18,000 escudos, o senado fez baixar um decreto prohibindo a sahida do quadro para fóra da republica, sob pena de morte ao contraventor. Tendo vindo a Paris com outros egualmente importantes como tropheos das victorias francezas, foi julgado uma das melhores pinturas existentes. Como os outros foi restituido em 1815. Por felicidade o eminente pintor Dominichino teve a idêa de tirar uma copia ao natural,

pretendendo n'ella vencer o auctor: esta copia, no museu de Bolonha, se bem que fosse julgada eminentissima, ainda assim ficava áquem do original; mas hoje na falta d'elle serve para exaltar-lhe o merecimento.

Passemos ao museu de Madrid. Entre os retratos, genero em que Ticiano mais brilhou, figurava como *capo-d'opera* um retrato equestre de Carlos V com armadura e lança em riste; tendo-se porém estragado, é hoje outro retrato do mesmo monarcha, a pé e com vestido civil, que brilha tanto pela conservação como pelo maravilhoso do seu acabado e magestade de todo o conjuncto. Seguem-se outras obras-primas, como os retratos de Filippe II e Isabel de Portugal, mulher de Carlos V, o d'uma dama desconhecida, os de alguns fidalgos e o do proprio Ticiano, velho venerando e de compridas barbas brancas. Entre as composições singelas sobresahem um *Ecce Homo* sobre lousa, uma Virgem das Dôres, duas Santas Margaridas, e uma Salomé segurando a salva com a cabeça de S. João Baptista, que é d'uma execução surprehendente. Nas grandes composições profanas destacam-se duas Venus, uma allegoria da batalha de Lepantho, e sobre tudo uma offrenda á *Fecundidade*, representada tambem por uma allegoria em que, n'uma encantadora paizagem, junto d'uma estatua da deusa estão duas lindas jovens offerecendo-lhe flores e fructos, e em volta uma immensa turba de creanças, em numero de mais de 50, brincam, saltam, brigam, cahem, e em fim entregam-se a toda a especie de divertimento que se póde imaginar em meninos na edade da innocencia, correndo, pulando, e colhendo fructos para trazer ás duas jovens. Ticiano venceu aqui admiravelmente a monotonia que necessariamente resulta d'uma composição em que é preciso empregar tantos corpos nus, tantas caras, eda-

des e côres eguaes, pela distribuição dos grupos e attitudes, e pela vivacidade e variedade das paixões.

Nas composições religiosas distinguem-se um Christo com a Cruz, o Peccado original (Eva offerecendo o pomo a Adão), uma Assumpção de Magdalena e uma allegoria semi-politica semi-religiosa, onde se vêem Carlos V e Philippe II e suas esposas, sendo apresentados no ceo á SS. Trindade. Abstrahindo do assumpto, é considerada uma de suas obras capitaes. No genero de composições sacras é porém hoje a academia de Veneza, onde este auctor mais brilha em dois quadros do principio e do fim da historia da Virgem, a sua Apresentação no templo, e a sua Assumpção. A primeira é de singular disposição: vê-se no quadro o vestibulo do templo, as casas proximas, e montanhas ao longe; Maria, menina pequena, sobe só as escadas, e sendo a parte mais pequena do quadro, é ao mesmo tempo a mais importante, na maneira veneziana mais admiravel pela realidade que pela idealidade. Estes dois generos de merito brilham na Assumpção, que Ticiano havia pintado aos trinta annos, e que só ha pouco tempo foi transportada da egreja Frare onde se achava defumada e quasi esquecida, para o seu logar de honra na academia, onde hoje é reputada a melhor pagina existente de seu auctor. A magestosa e suave attitude do Padre Eterno, o deslumbrante esplendor do grupo da Virgem sustentada por trinta anjos, e a vigorosa realidade dos personagens testemunhas do milagre, são os caracteres que assignalam esta obra, em que Ticiano mereceu plenamente o nome do melhor colorista d'Italia, e se não póde chamar-se precisamente o melhor colorista do mundo, participa d'esse titulo insigne com Rubens, Velasques e Rembrandt.

Ticiano foi na eschola veneziana o que foram Mi-

guel Angelo, Raphael, Corregio e Leonardo de Vinci em Florença, Roma, Parma e Milão: absorveram os seus antecessores, sem que depois d'elles podesse brilhar nenhum outro. A respeito de Ticiano dizem os annotadores de Vasari, que á eschola do seu mestre Bellini, atada pelos escrupulos de consciencia e pelas apprehensões da modestia (em referencia ao gosto do profano que Ticiano introduziu), e ainda pelo medo e respeito ás difficuldades, elle juntou o impulso, a audacia, a promptidão e em fim a plena liberdade do espirito e da mão. Ao que temos dicto só resta accrescentar que uma Venus com Adonis, e um Bacho com Ariana, no museu de Londres, a Coroação d'espinhos, o Enterro de Christo e os Peregrinos d'Emaús no museu do Louvre, e o Christo della Moneta no museu de Dresde, são egualmente obras-primas entre os quadros d'este grande mestre.

Piombo (Sebastiano Luciano), 1485 — 1547. Pintor egualmente notavel da eschola veneziana, reunindo ao colorido de Giorgion, de quem foi discipulo, o desenho de Miguel Angelo que egualmente o ensinou, antevendo em Piombo um rival de Raphael. As suas principaes producções são: a Resurreição de Lazaro no museu de Londres, em cujo quadro dizem que Miguel Angelo não só fizera o desenho mas pintara a figura de Lazaro, principal personagem; não é menos notavel o Martyrio de Santa Agatha no museu de Florença, e uma Sacra Familia no de Napoles, e talvez superior a todos a Descida de Christo ao Limbo no museu de Madrid.

Os favores de que o cobriu Clemente VII e o *dolce far niente*, que tanto amou, fizeram de Piombo um rival pouco temivel a Raphael, não obstante ser eminente e seus quadros muito apreciaveis.

Sarto (Andrea del), 1488 — 1530. Seu nome era Andrea Vanuchi, appellidado del Sarto por ser filho d'um alfaiate. Ainda que foi um dos pintores mais distinctos da eschola florentina, teve um viver desgraçado, devido aos caprichos de sua mulher, que a final o abandonou por causa d'uma molestia contagiosa. Formou a sua celebridade somente estudando os frescos de Masaccio e Ghirlandajo, as pinturas de Leonardo de Vinci e os desenhos de Miguel Angelo, chegando a merecer de seus contemporaneos o appellido de *Sem-erro.*

O museu de Florença pôde reunir 16 preciosas paginas d'este mestre, entre as quaes sobresahem a Deposição no tumulo e duas Sacras Familias. Na egreja dell'Annunziata da mesma cidade está um admiravel fresco, representando uma dama confessando-se, chamada a Madona del Sacco. No museu de Munich existem duas admiraveis Sacras Familias; no de Berlin uma sublime Virgem gloriosa; no de Madrid um quadro inexcedivel, representando o Sacrificio d'Abrahão, e diversas composições em outras galerias. Em todas as suas pinturas mostrava este mestre estylo elevado e grandioso, composição simples, sabia, vigorosa e expressiva, e desenho correcto. É tido em fim pelo melhor colorista florentino.

Corregio (Antonio Allegri), 1494 — 1534. Nasceu este eminentissimo artista, aguia de todas as escholas do norte d'Italia, na aldêa de Corregio, entre Ferrara e Milão. Sem ter sahido dos limites da Lombardia, Toscana e Romania, sem ter tido outros mestres além d'um seu tio, mediocre pintor, e alguns quadros sem grande fama, pintava sem ser conhecido e apreciado, fazendo sacrificios para poder viver, vendendo suas producções a preço vil, devendo em fim

tudo ao seu proprio talento, e sendo por isso mesmo o artista mais original, que tem existido. Parma, onde passou quasi todo o tempo, pôde reunir no museu e nas egrejas a melhor parte das suas obras. Aos 26 annos d'edade executou a Ascensão que ornamenta a cupula da egreja de San Giovanni da mesma cidade, a qual pintura foi como que o preludio para mais tarde executar a maravilhosa Assumpção que embelleza toda a cupula da cathedral da mesma cidade.

O museu tem entre outras, duas das suas melhores paginas, o S. Jeronymo e a Virgem *della Scodella* (da taça), que é um repouso no egypto. O primeiro compõe-se de Maria com o Menino nos joelhos, a quem Magdalena beija os pés com humildade; dois anjos, S. Jeronymo e o seu leão completam o quadro. O grande Doutor da Egreja latina não é aqui mais do que um personagem accessorio, collocado de perfil no canto do quadro, como S. Paulo na Santa Cecilia de Raphael. Este quadro tambem é conhecido pelo nome de *Giorno*, por opposição ao que do mesmo auctor existe em Dresde representando uma Natividade, e que se denomina *la Notte.* Esta preciosidade de Parma foi vendida por cêrca de 100$000 reis da nossa moeda á viuva d'um fidalgo alli residente. Em 1792, quando os francezes invadiram a Italia e se propunham leval-o, o possuidor do quadro cedia-o á municipalidade para que o remisse a fim de não sahir do paiz: mas os francezes, apezar da magreza da caixa militar, preferiram aquelle tropheo aos 180:000$000 reis, e o quadro foi para Paris, onde ficou até 1815. A *Madona della Scodella* é talvez ainda preferivel pela belleza do conjuncto e pela vantagem d'uma perfeita conservação. Raphael Menz collocava o auctor d'estas duas obras logo

apoz o auctor da Virgem da Cadeira, o grande Raphael.

Napoles é abaixo de Parma a cidade d'Italia mais rica em obras d'este mestre, que alli tem um esboço e tres primores de delicadeza e fina execução. O esboço representa Maria encostando amorosamente a fronte na de seu Divino Filhinho. Os tres quadros concluidos são a *Madona della Zingarella*, o Casamento mystico de Santa Catharina, e Agar no deserto: a primeira das tres é uma obra delicada como todas as d'este auctor; a segunda, que ha poucos annos os reis de Napoles poderam obter por 20,000 ducados, é muito conhecida por milhares de copias e gravuras; e o pequeno quadro de Agar no deserto é um adoravel *bijou* do mais apurado sentimento e do mais prodigioso acabado.

Na Tribuna do museu de Florença existe uma Madona de Corregio d'uma graça que só elle sabia imprimir-lhe. A Virgem adora o Menino que dorme, e o veo, que o cobre, é uma ponta do manto que envolve o corpo de Maria.

Madrid possue hoje uma de suas obras capitaes, que até ha pouco existia ignorada no Escurial, mascarada com uma emplastada que, a pretexto de lhe encubrir certas nudezas, a tinha desfigurado. Havendo porém quem adivinhasse o que occultava aquella sacrilega cataplasma, conseguiram com habilidade e cuidado restituir a pintura ao seu estado primitivo, parecendo até que assim resguardada se apresenta com mais brilho a frescura. Representa o *Noli me tangere*, e mais que a apparição de Jesus á santa mulher parece ser a supplica da peccadora arrependida ao Christo irritado. Esta tela é um verdadeiro, um completo Corregio, um quadro arrebatador, que se bem menor pelas dimen-

sões e pelo assumpto que as grandes composições de Parma ou Dresde, não cede a nenhuma das raras obras do seu immortal auctor.

Os inglezes julgam ter seis quadros d'este mestre na sua National Galery, o que passa por duvidoso. Dos tres mais importantes entra na duvida um *Ecce Homo* que, não obstante ter custado 54:000$000, e apezar do grande numero de reproducções que teem sido tiradas e mesmo da indispensavel belleza da cabeça da Virgem que n'elle apparece, differe das obras do auctor do S. Jeronymo de Parma e da Noite de Dresde. São porém incontestaveis e de grande valor uma Sacra Familia com menos de tres palmos por lado, que de certo eguala em merecimento a Agar de Napoles e a Magdalena de Dresde pela naturalidade, graça e expressão, unidas á mais suave delicadeza do pincel de Corregio; e outro quadro representando Mercurio ensinando o Amor em presença de Venus, que é conhecido pelo nome de *Educação do Amor*, e em que Corregio se mostra o gracioso e inimitavel auctor da Agar.

O Louvre possue duas paginas d'este mestre, uma repetição do Casamento de Santa Catharina que se vê em Napoles, e o célebre *Somno d'Antiope:* é uma Venus dormindo, contemplada por um satyro; no seu genero só lhe é comparavel a Educação do Amor. Em ambos os quadros mostra Corregio a suprema elegancia e encanto, e profunda sciencia do claro-escuro e modelado, com a harmonia do colorido que constitue a magia do seu pincel.

É porém em Dresde que Corregio deve ser estudado, porque em parte alguma se mostra tam completo como alli. O museu d'esta cidade não conta menos de seis paginas originaes e sublimes. Estas seis pagi-

nas entraram juntas em 1746, quando o rei Augusto III comprou em globo por 85:000$000 o gabinete dos duques de Modena. Entre ellas encontra-se um retrato de um homem em meio corpo, que se suppõe seria o seu medico. Um retrato por Corregio é tam raro que, além de ser excellente, se torna duas vezes precioso, visto que só se conhece outro em Hampton-Court que lhe é attribuido. Se n'esta collecção se principiar pelas obras de menores dimensões, teremos em seguida ao retrato já citado a Magdalena no deserto, pintada sobre cobre com cêrca de 1½ palmo quadrado, tam conhecida pelas copias, repetições e gravuras: é um pequeno quadro que eguala em merecimento ás mais vastas obras-primas. N'um deserto cheio de relva está a peccadora prostada por terra, com a mão esquerda no chão e ao mesmo tempo sobre um livro que procura ler; a mão direita está-lhe segurando a cabeça apoiada no cotovello. Suas longas madeixas cobrindo-lhe os seios, seus vestidos azues destacando do verde sombrio da paizagem, o encanto ineffavel do todo e a finura maravilhosa das tintas, fazem d'este quadrinho uma preciosidade sem preço. As quatro restantes são, depois dos frescos nas egrejas de Parma, as mais vastas producções d'este mestre. Tres são uniformemente Virgens gloriosas, apenas distinctas pela disposição e pelo cortejo; e outra é uma Natividade. Para differençar as tres deram ás Virgens os nomes dos santos que mais sobresahem; assim uma chama-se S. Jorge, e as outras S. Sebastião e S. Francisco. Quanto á Natividade, pintada para a cidade de Reggio, é conhecida pelo nome de *Noite de Corregio.* A mais vasta composição é a conhecida pelo nome de S. Sebastião, porém a mais importante em merecimento é a Natividade, que dizem ser a melhor coisa que

deixou o seu auctor, e tem sido proclamada a sua obra capital.

Tintureto (Giacomo Robusti), 1512—1594. Chamado Tintureto por ser filho d'um tintureiro. Encheu com suas obras os palacios e os templos de Veneza, pois dotado de extraordinaria facilidade para conceber e executar, occupou laboriosamente uma longa vida de 82 annos. As suas qualidades d'artista revelaram-se-lhe muito cêdo, e dizem que Ticiano invejoso o despedira de seu discipulo, temendo lhe fizesse sombra. Foi um bem para Tintureto, porque com o mestre talvez ficasse um seu imitador, ao passo que separado creou um estylo seu, tódo original, em que chegou a produzir obras admiraveis, com um desenho similhante ao de Miguel Angelo e um colorido que herdou de Ticiano. Depois que ganhou celebridade, era tal a sua ambição, trabalhando com uma especie de ardor febril, que o fez denominar o *Furioso*; e por isso parte de suas obras se resentem da evidente precipitação ou do desejo de concluir depressa.

Notam-se entre as suas producções a Crucificação de Christo na egreja de S. Zanipulo, e na de Santa Maria del Orto outro quadro representando Santa Ignez fazendo resuscitar o filho do prefeito Simphronio, duas paginas verdadeiramente admiraveis, assim como o immenso quadro na sala do grande conselho no palacio dos doges, pintura a que dão o nome de Gloria do Paraiso. É sem duvida uma das mais vastas télas que existem, pois mede 30 pés d'altura por 64 de comprimento. Com quanto obra da velhice de Tintureto, confuso em algumas partes e mal restaurado n'outras, este quadro é ainda d'um vigoroso effeito.

O Louvre só possue um esboço d'este quadro e o retrato do pintor já de avançada edade. Madrid pos-

sue outro esboço d'aquelle grande quadro, mais precioso que o do Louvre, por isso que foi o preferido para a execução. Quanto ao resto dos museus de fóra d'Italia, não possuem mais que retratos, em geral excellentes.

O museu de Veneza e o palacio dos doges é que unicamente podem dar idêa d'este mestre. No museu ou academia de bellas-artes encontram-se: um admiravel retrato do doge Mocenigo, a Ascensão de Christo em presença de tres senadores, uma Madona adorada por tres senadores, e uma Virgem gloriosa entre S. Cosme e S. Damião. Esta ultima é um verdadeiro prodigio de colorido, acima do qual nada se póde imaginar, pelo vigor e harmonia do effeito. Outra tela prodigiosa é o milagre de S. Marcos, que com justa razão occupa um dos logares de honra, homenagem que merece a obra reputada a capital de seu auctor, que a pintou aos 36 annos. Representa o livramento de um escravo pela milagrosa intervenção do patrono de Veneza. É uma vasta scena em pleno ar livre, que reune numerosos personagens agrupados sem confusão, concorrendo todos para o assumpto cuja unidade se conserva perfeita. No meio de toda esta gente reunida para ver o supplicio e testimunha do milagre, o escravo nú, deitado no chão, cujas prisões se quebram de per-si, encara o Evangelista que apparece no ar como se o sustentassem azas. A figura do Santo offerece escorços d'um arrojo e felicidade incriveis, uns destacando-se claros em roupas de côr escura, outros destacando-se escuros n'um fundo de deslumbrante claridade. Toda esta multidão vive e se agita, todos se commovem d'espanto e terror, e comprehende-se á vista d'este quadro a verdade do proverbio admittido entre os artistas italianos, de que é em Tin-

tureto que se deve estudar a vida e o movimento. Além d'isso a magistral liberdade do pincel, o bem combinado jogo das luzes, a harmonia e delicadeza dos tons, o assombroso vigor do claro-escuro, e toda a magia do colorido, fazem d'este quadro uma obra verdadeiramente assombrosa, que bem merece o nome de milagre, e milagre de Tintureto.

Paulo Veroneso (Paolo Cagliari), 1528 — 1588. Nasceu em Cagliari (em Verona), d'onde vindo para Veneza foi como Tintureto rival de Ticiano. O tecto da sala do conselho dos dez no palacio dos doges é hoje a sua melhor producção, e abaixo do da Capella Sixtina dizem ser o melhor tecto d'Italia. Representa a apotheose da republica, vendo-se Veneza sustentada sobre nuvens, coroada pela Gloria, celebrada pela Fama, e acompanhada pela Honra, Liberdade e Paz, tudo executado de maneira menos impetuosa por certo que a de Tintureto, mas cheia d'espirito, calor e movimento. Outro quadro que foi admiravel e passava pela sua melhor obra, é o Rapto d'Europa na sala do antigo collegio do mesmo palacio; mas este quadro acha-se hoje alterado por deteriorações, que não deixam apreciar bem a finura dos toques. Na academia de bellas-artes da mesma cidade existem entre outros dois grandes quadros conhecidos, um pelo nome de Ceia em casa de Levi, e outro pelo de Ceia em casa de Simão o Leproso.

Á excepção do grande tecto que pintou no palacio dos doges, é hoje o Louvre onde melhor se póde estudar este mestre. Entre outras, conta este museu talvez a melhor tela que possa ser transportada: denomina-se a Ceia em casa de Simão o Phariseu, e está mais bem conservada que as de Veneza. A outra grande tela que existe no Louvre, é a conhecida pelo nome

de Bodas de Caná. Sob pretexto d'estas scenas evangelicas, Veroneso pintava os festins da sua epocha, com a architectura e os trajos de Veneza no seculo XVI, com danças, concertos, pagens, creanças, bobos, fructas, animaes domesticos, flores, etc.; e os personagens reunidos n'estas composições formavam de ordinario uma reunião de retratos. Assim entre os convivas nas Bodas de Caná, em roda de Jesus, de sua Mãe e dos creados que trazem iguarias, julga-se reconhecer Francisco I, Carlos V, o sultão Solimão I, Leonor d'Austria rainha de França, Maria rainha d'Inglaterra, Victoria Colonna mulher do pintor, elle proprio tocando violino, Tintureto egualmente tocando violão, Ticiano tocando rebecão, e outros. De certo que esta circumstancia augmenta o valor da pintura pelo interesse historico. Se abstrahisse n'estas immensas pinturas da estranha maneira de conceber os assumptos, maneira de certo defeituosa e conrtaria ao sentimento religioso e á verdade historica; ou, por outra, se, tirando-lhes os nomes com que os denominou, lhes chamasse simplesmente scenas da sua epocha ou banquetes venezianos, todo o elogio seria bem cabido; ao passo que, encarados do modo como os apresentou, mereceu que auctoridades competentes o appellidassem de bom decorador em logar de lhe chamarem bom pintor. Apezar porém dos seus defeitos manifestos, tem egualmente suas virtudes incontestaveis na sumptuosa e magnifica disposição theatral, na belleza dos adornos de architectura, na verdade e variedade dos retratos, no esmero e byzarria dos ornatos, na justeza e amplidão do desenho, na graça e vivacidade da sua côr de prata, opposta á côr d'ouro que empregava Ticiano e á côr de purpura empregada por Tintureto.

Os mesmos defeitos e as mesmas virtudes se no-

tam n'outro grande quadro da National Galery de Londres, que ha poucos annos custou 14,000 libras. Representa pelo titulo a visita d'Alexandre á familia de Dario, e n'esta tela, sob o pretexto d'aquella familia, reproduziu simplesmente os retratos da familia Pisani, mas com os ricos trajos dos venezianos do seculo XVI. É bella esta pintura, mas perdeu em aproximarem-n'a de outras d'alto estylo, provando apenas que Veroneso é um sabio e brilhante colorista, um maravilhoso decorador, que seria inexcedivel se se tivesse limitado a poemas pictorescos. É o que provam os seus quadros do Louvre, de Londres, de Dresde, onde quatro grandes telas occupam logar honroso, e outros muitos que deixamos de mencionar, não só nos museus que citamos, mas em muitos outros e em galerias particulares.

Eis-nos no ponto culminante da arte, para onde reservamos fallar dos dois mais afamados mestres.

Miguel Angelo Buonarotti, 1474 — 1564. Não obstante termo'-nos já occupado d'este grande vulto na historia da esculptura, para onde remettemos o leitor que não tiver lido a opinião de Vasari, repetiremos o que então dissemos, que Miguel Angelo é em pintura, esculptura ou architectura um modêlo a seguir, um mestre por excellencia. Se bem que mais esculptor que pintor, não exerceu menos influencia sobre a pintura, porque formou n'ella discipulos directos, e principalmente indirectos ou imitadores.

Fez poucos e alguem diz mesmo que nenhuns quadros propriamente dictos, os de cavallete; mas os frescos da Capella Sixtina no palacio do Vaticano são para Miguel Angelo o que são as camaras e as lojas do mesmo palacio para Raphael. O tecto d'esta capella contem em muitos compartimentos de fórmas diversas

motivos do Velho Testamento, e em 12 *pendants,* isto é, 12 quadros por lado patriarchas, prophetas e sybillas. O todo representa a preparação do mundo para o nascimento de Christo, principiando pela creação, peccado original, etc. No fundo da capella, acima e aos lados do altar-mór, outra composição representa o Juizo final. A primeira composição foi executada por cêrca de 1510, e a segunda terminada em 1541.

Devotado á solidão e á austeridade, com uma vida sem prazeres ou diversões, sem outra paixão que não fosse a das artes, testimunha dos horrores de que ia sendo victima na tomada de Florença pelos Medicis e saque de Roma pelas tropas de Carlos V, retratou n'esta grande composição a melancolia selvagem de que sua alma estava possuida, e justifica Bossuet quando ao analysar a Miguel Angelo traduz o seu pensamento pelo seguinte modo: «Sim, Deus tambem se tornará cruel e implacavel vendo suas verdades menosprezadas» (alludindo a elle ter pintado Christo com o semblante irritado).

No alto do Juizo final, mas abaixo d'um ceo onde apparecem o Padre Eterno e o Espirito Santo, está no centro Jesus Christo como juiz inexoravel e terrivel, mandando pesar em uma justa balança as acções dos homens, sem se deixar enternecer pelos choros de sua divina Mãe. Em volta d'elle estão os bemaventurados e os prophetas. Um grupo de assistentes espera ancioso a sentença dos seus actos, e os anjos como executores conduzem uns ao ceo e entregam outros aos demonios. Na parte inferior ou terrestre, d'um lado estão os mortos resuscitando ao som de trombetas, e do outro um grupo de condemnados, personificando os peccados e os vicios, são amontoados na

barca fatal prestes a entrar por uma bôcca do inferno.

Diversos criticos teem-lhe notado defeitos, porque obra nenhuma humana deixa de os ter; como, por exemplo: que Christo e o seu cortejo sejam de proporções tam gigantescas comparativamente aos personagens do plano inferior ao natural; mas sem duvida o seu auctor quiz até em pintura apresental-os como muito acima do commum. Outro defeito que teem julgado encontrar, é a especie de pantomima, trejeitos e caretas que fazem os condemnados, que dizem mais propria d'uma tentação de Santo Antonio por Tenniers do que d'um quadro d'assumpto severo e biblico. A critica aqui parece mais bem fundada, mas a explicação é egualmente facil, conhecendo-se a vida do auctor e o fim que tinha em vista, que foi mais ou menos retratar o orgulho, a ambição, a avareza, a luxuria e todos os vicios com os ares e as maneiras dos dignitarios da Egreja, que deshonravam a purpura e despojavam a patria de sua liberdade. Esta explicação é tanto mais acceitavel quanto, sendo Miguel Angelo um poeta de diversos generos, mas sobre tudo epigrammatico, aproveitou talvez esta occasião para fazer uma satyra com o pincel. Quanto aos louvores que lhe teem tecido immensas pessoas competentes, citaremos somente o que dizem Vasari e dois outros.

«Póde-se chamar feliz aquelle que conseguir ver um tal prodigio da arte e do genio,» diz o primeiro.

«Este grande homem, diz Reynolds, é aquelle que mais elevou o mecanismo e a poesia do desenho. O ar e attitude graciosos que deu ás suas figuras, achou-os em sua imaginação sublime, pois na antiguidade não podia achar o modêlo. Homero da pintura, as suas

sybillas e os seus prophetas revelam as sensações que se experimentam com a leitura do poema grego».

«Prodigio incomparavel, diz Viardot, Miguel Angelo, que foi pintor e architecto como Bramante, pintor e esculptor como Alonso Cano, pintor e poeta como Orcagna, Bronzino, Cespedes e Salvador Rosa, pintor e estadista como Rubens, é maior que todos elles em cada genero, e já velho fazia ao mesmo tempo as suas tres obras-primas nas tres artes que o immortalisaram. Elevava a cupula de S. Pedro, esculpia a Moysés na egreja de San Pietro in vincoli e pintava o Juizo final na Capella Sixtina».

Dos quadros de cavallete só dois no palacio Pitti e museu de Florença passam por authenticos, as Tres Parcas e uma Sacra Familia.

Miguel Angelo conduz-nos a

Raphael Sanzio d'Urbino, 1483 — 1520. Principiaremos este artigo por onde Viardot o termina: «Artistas, quemquer que sejaes, seja qual for a tradição a que vos liguem vossos estudos, vosso nascimento, eschola ou genero, qualquer que seja a tendencia a que vos arrastem vossos instinctos naturaes ou vossos gostos reflectidos, curvae a cabeça ante Raphael, saudae n'elle o vosso chefe, o vosso mestre»!

Seu pae Giovanni Sanzio, natural d'Urbino, d'onde lhe vem o appellido, depois de dar as primeiras lições ao filho, teve bastante modestia, ainda que artista d'algum nome, para julgar-se insufficiente a encaminhar um tal prodigio de talento. Entregou-o pois a Pietro Perugino, que tinha aberto eschola em Florença, onde gozava grande fama; e n'essa eschola o discipulo não tardou a exceder o mestre. O seu extraordinario e precoce talento em breve o enthronisou tam alto, que em toda a historia das artes nenhum outro

artista, chame-se elle Ticiano, Holbein, Alberto Durer, Rubens, Rembrandt, Velasques, Murillo, Poussin ou mesmo Miguel Angelo, conseguiu disputar-lhe seu legitimo imperio. O seu nome pois é o unico elogio sufficiente para as producções que deixou e que vamos noticiar ao amador.

As primeiras pinturas são imitações do seu illustre mestre. No entanto aos 21 annos, produziu o *Sposalizio* ou Casamento da Virgem, recolhida pelo museu de Milão onde revela já uma graça e um estylo até então desconhecidos mesmo na imitação, que justificam a tradição de que Perugino ao apreciar os seus primeiros trabalhos exclamara arrebatado: «Va, seja meu discipulo quem em breve deverá ser meu mestre». O museu de Florença teve a felicidade de recolher bom numero de importantes paginas do que appellidaram *divino*. A tribuna ou sala das obras-primas reune seis, que felizmente são das suas tres maneiras ou epochas d'artista, principio, progresso e perfeição, que a morte impediu que elle unico levasse mais longe. Da primeira é um retrato de dama desconhecida, assentada e em meio corpo, no gosto de Leonardo, mas de toques mais timidos. Da segunda são duas Santas Familias, somente com a Virgem, o Menino e S. João, em fundos de paizagem, uma conhecida pela Virgem do Cardellino ou Cardinello, e que outros denominam do Passarinho por causa d'um passaro que Jesus segura e offerece a S. João; e a outra, d'uma combinação pouco differente, não tem denominação. Da terceira maneira são o retrato de Julio II, o da Padeira, *Fornarina*, e um quadro representando S. João no deserto, que as tradições d'então representavam mais joven. É muito conhecido até por copias do tempo e approvadas pelo proprio Raphael, o que mais tarde

fez haver contestação sobre qual seria o original; porém decidiu-se immediatamente a favor do de Florença, não só pelo acabado, mas até por outra circumstancia, o saber-se que elle fôra feito em tela e o unico que assim se encontra é aquelle, sendo todos os mais sobre madeira.

O palacio Pitti reune onze quadros. Um dos de menores dimensões é dos de maior merecimento, porque representa um assumpto complicadissimo, a *Visão d'Ezechiel*, que segundo a Biblia é: «Durante o captiveiro de Babylonia o propheta teve uma visão ás bordas do Euphrates. Viu um espirito com uma face de homem, uma face de leão, outra de boi e outra de aguia. Acima d'este espirito viu o firmamento brilhando como crystal, por onde atravessavam chammas e raios. Em seu terror o propheta abaixou-se até ao chão; então uma voz gritou-lhe: Levanta-te, filho do homem, vae encontrar os filhos d'Israel: diz-lhes que escutem as minhas palavras e cessem de me irritar». Tudo isto seria difficil a qualquer outro que não tivesse alguns metros d'espaço para executar o que Raphael conseguiu fazer n'uma taboa de 1 ½ palmo por lado sem amesquinhar o assumpto. A interpretação que então se dava era que Deus fallara a Ezechiel como fallava ao seu povo pela voz dos quatro Evangelistas, cujos animaes symbolicos agrupou junto do Eterno, nobre e bello como na creação, mas que, irritado, parece lançar sobre o seu povo um olhar ameaçador. O ceo scintillante e inflammado completa a visão. N'este quadro provou o auctor que só a grandeza do estylo póde dar a medida d'uma composição, e que Raphael e poucos outros achavam meio de fazer grandissimos quadros em pequenas telas.

Os outros quadros do palacio Pitti comprehendem

os tres generos de Madonas: gloriosas, simples Madonas com o Menino ou com os dois Meninos, e Sacras Familias. Uma das simples Madonas, por isso que só tem o Menino Jesus; chamada do gran duque, de pequenas dimensões e em meio corpo, é um modêlo de belleza virginal e de modestia. Outra, a da Cadeira, *Madona della Seggiola*, é tam conhecida pelas copias e tam elogiada, que tudo quanto dissessemos ficaria muito áquem do seu valor e do que outros teem escripto; por isso transcreveremos somente parte d'um trecho de Viardot: «A Virgem da Cadeira é conhecida por todos os meios que servem a popularisar a obra do pintor, por milhares de copias, desenhos, gravuras e photographias; todavia eu affirmo que quem não viu o original, não a conhece. Antes de ver a Virgem da Cadeira, confesso ingenuamente que admirava mais a Raphael pela sua grande fama que por meu proprio gosto ou minha intima convicção. Aconteceu-me diante d'este quadro o que acontece frequentes vezes nas artes; foi elle para mim a revelação do seu auctor, que até então não conhecia perfeitamente pelas obras de Paris, Londres, etc. Ha além d'isso grande vantagem em visitar-se a Madona della Seggiola, para todo o visitante artista, ou aspirante a sel-o, aprender a conhecer-se procurando conhecer a Raphael. Toda a pessoa que durante um quarto de hora contemplar esta pintura sem se commover, que não sentir accender-se-lhe no peito o nobre e santo movimento da admiração, esse homem não nasceu para as artes e nunca as comprehenderá». Esta Madona com os dois Meninos em quadro oval é a unica de Raphael que não baixa os olhos: encara o espectador e acompanha-o com a vista. Apezar de composição simples, ha quem a repute a pagina mais preciosa do seu auctor.

O museu de Bolonha ufana-se tambem de possuir outra admiravel pagina, o Extase de Santa Cecilia. É um grupo d'esta Santa, Maria Magdalena, S. Paulo, S. João Evangelista e Santo Agostinho. Santa Cecilia no centro á frente segura um pequeno orgão, que lhe vae escorregando das mãos pelo extase produzido pela musica, que ella tinha principiado e os anjos continuaram.

Entremos porém em Roma, onde mais que em Florença, Bolonha ou qualquer outra parte Raphael reina e triumpha. Nomeado architecto do Vaticano e de S. Pedro, superintendente das excavações dos monumentos antigos e pintor da côrte aos trinta annos, dividiu os sete annos restantes entre as duas artes que cultivava simultaneamente. Um dos seus trabalhos d'architecto foi o pateo de S. Damaso com tres andares de galerias que decorou de ornamentos a fresco em fórma d'arabescos, postos em voga pelas pinturas encontradas nas excavações. Os tectos d'estas galerias, formando arcos para o pateo, são divididos no segundo andar em 52 espaços onde executou os principaes factos da historia sagrada, desde a creação do mundo até á ceia de Christo, em pequenas figuras que, não tendo mais de dois pés d'altura, parecem ainda muito menores vistas de longe. É a isto que chamam *Loggie* ou a Biblia de Raphael.

Propriamente d'elle são os desenhos, a inspecção e alguns retoques: os executores foram seus discipulos Julio Romano, Giovanni Francesco Penni, chamado il Fattore ou Fattorino, João de Udina, Perino del Vaga, Pellegrino de Madona, Polidoro de Caravaggio e outros; e do pincel do mestre somente tres dos compartimentos, o Eterno separando a luz das trevas, a creação do firmamento e a creação d'Adão e Eva. O Eterno é d'um

encanto indescriptivel. É figurado por um homem que representa muita edade sem parecer velho, em fim um homem a quem os annos não podem envelhecer. Este homem, vestido com lindissima tunica de côr violeta, entretem-se em pegar com uma das mãos no sol e com outra na lua, que está placidamente collocando no firmamento. Diz-se que, tendo elle feito os tres primeiros da serie, se teria provavelmente encarregado tambem de a terminar, razão por que lhe attribuem a Ceia, que é d'uma execução sabia e vigorosa.

Das *Loggie* passa-se ás Camaras, *Stanze*, ou Estancias, quatro salas decoradas de frescos que são a maravilha da arte, a qual em parte alguma se mostra mais variada e mais completa; nem tambem o seu auctor se mostrou jamais tam grande e tam victorioso. Chamado a Roma por Julio II por conselho de Bramante, foi-lhe confiada a pintura d'uma das paredes da maior das camaras, onde Raphael pintou a disputa do SS. Sacramento, cujo trabalho arrebatou de tal modo ao Santo Padre, que o encarregou de inutilisar todas as pinturas n'ella e nas outras existentes, feitas por Pietro del Borgo, Pietro della Francesca, Lucca Signorelli e Perugino. Raphael só pôde obter dispensa para as de Perugino na sala d'entrada. Encarregado pois de acabar a sala que principiou e reformar todas as outras, fez os desenhos para todas ellas, sendo a primeira chamada *Camera dell'incendio*, na qual, sob o pretexto d'um incendio no Borgo Vecchio, em 847, elle representou o incendio de Troia conforme o segundo canto da Eneida.

A segunda chama-se *Camera della Scuola d'Atene*. É aqui onde Raphael tem obras mais perfeitas e mais pessoaes, visto que tudo se póde dizer do seu pincel; e se elevou a uma altura a que a nenhum outro

foi dado attingir. D'um lado a Disputa que havia feito, pintura que é conhecida tambem pelo nome de Theologia, porque defronte d'ella pintou a Eschola d'Athenas conhecida pelo nome de Philosophia. A primeira é uma imagem poetica do Concilio de Placencia, que terminou por grande desintelligencia entre os bispos da Lombardia e o Papa Gregorio VII, occasionada pelas discussões sobre o SS. Sacramento. No ceo a SS. Trindade rodeada por anjos e duas longas fileiras de bemaventurados; na terra a Hostia radiante cujo vaso figura um sol d'ouro, cercada pelo concilio de bispos, doutores, velhos e novos. É como que o ceo e a terra unindo-se pelo mysterio eucharistico. Fronteira está, como dissemos, a Eschola d'Athenas, ou a Philosophia. Cincoenta e dois personagens estão reunidos n'esta scena immensa. No alto, como que presidindo, estão os dois grandes escriptores philosophos gregos Platão e Aristoteles, que se podem dizer a intuição idealista e a sciencia experimental. Perto d'elles vê-se o grupo da poesia, onde está Homero entre Virgilio e Dante, personificando as tres grandes epopeias da Grecia, Roma e Italia. D'um lado o grupo das sciencias, do outro o grupo das artes. Raphael não podia conhecer os traços historicos d'alguns personagens, como Homero, do qual ainda não tinham apparecido effigies; teve pois de invental-os segundo o seu ideal, e póde-se dizer que os adivinhou. É uma verdadeira historia fallante da philosophia grega entre Pythagoras e Epicuro. N'esta sublime composição retratou muitos personagens da sua epocha. Bramante é representado sob os traços d'Archimedes; o duque de Mantua Frederico II, é e joven que com um joelho em terra faz uma demonstração geometrica; assim como tambem alli figuram Perugino e o proprio Raphael.

N'uma das cabeças da sala está outra grande com-

posição, o *Parnaso*. Grupos de poetas de diversas epochas são misturados com grupos de musas, no meio das quaes se vê Apollo. Fronteira ao Parnaso vê-se a *Jurisprudencia*, representada allegoricamente pelas tres virtudes companheiras da justiça. No tecto da sala pintou em cada extremidade Theologia, Philosophia, Poesia e Jurisprudencia. Raphael tinha o dom de reunir a variedade á unidade, mostrando uma universalidade de talento e estylo em perfeito equilibrio, e esta harmonia com que enquadra todas as concepções é o seu talento, o seu genio e o seu verdadeiro caracteristico.

Na terceira, *Camera di Eliodoro*, a historia d'este fórma o principal quadro. Heliodoro, prefeito e general do rei da Syria, foi encarregado de saquear o templo de Jerusalem; no acto de entrar, foi detido á porta do templo por anjos, que o castigaram por sua ousadia. N'este templo vê-se o Papa em sua cadeira fazendo signal aos anjos para que repillam o attentado de Heliodoro e sua gente, que apezar das armas e armaduras se vêem cahir a um simples aceno. Feliz imagem da superioridade da idêa sobre a força! Dizem que Raphael quiz fazer allusão ao Papa guerreiro Julio II que dizia: «É preciso lançar ao Tibre as chaves de S. Pedro e travar da espada de S. Paulo para expellir estes barbaros.» O que é certo, é que em logar do grande prelado dos hebreus o auctor appresentou o Papa dos christãos com a sua tiara. O grupo do Papa e de Heliodoro são pelo proprio Raphael, que a nenhuma outra pintura deu mais movimento e expressão; o resto é obra de seus ajudantes. Na parede fronteira pintou o livramento de S. Pedro, em que sobre tudo se admira o maravilhoso effeito da luz d'uma lanterna, que traz um anjo no escuro da prisão, onde dormem

alguns soldados. N'uma das cabeças da sala está pintado o *Milagre de Bolsena:* é um padre que, duvidando da presença de Christo na Eucharistia, viu sahir gotas de sangue que espirraram sobre o altar quando consagrava uma hostia na occasião d'uma missa. Fronteiro a este está S. Leão detendo Attila ás portas de Roma.

A quarta camara só ficou esboçada por morte de Raphael, tendo apenas acabado as figuras da Justiça e Benignidade, admiraveis de belleza, expressão e vigor. Denomina-se a *Camera di Constantino*, onde é do mestre o desenho da batalha de Constantino contra Maxencio, que foi religiosamente respeitado por Julio Romano que terminou a pintura d'um modo surprehendente. Nenhum outro foi capaz de fazer reinar tanta ordem no meio das circumstancias desordenadas d'um combate. O baptismo de Constantino, onde se conhece o poderoso engenho de Raphael quanto ao esboço, é porém menos bem executado por seu discipulo Giovanni Penni *il Fattorino.* Outro fresco d'esta sala é a Apparição do Labaro, que dizem ser risco e execução de Julio Romano e que lhe faz honra. É uma bandeira que antes da batalha appareceu a Constantino, e que tinha uma cruz e dizia: *Com este signal vencerás.*

Passando das camaras á galeria de quadros do Vaticano, encontram-se alli entre outros dois dos seus primores: a Virgem de *Foligno* ou Virgem do Donatario é uma admiravel Virgem gloriosa, cujo throno é rodeado por bemaventurados em adoração, e só tem como rival a Virgem gloriosa de Madrid chamada Virgem do Peixe; o outro quadro, o primeiro do mestre e da arte, o mais importante que existe, aquelle que lhe collocaram á cabeceira no seu leito de morte e que foi conduzido em procissão no seu funeral como uma santa reliquia, é a *Transfiguração.* É preciso vel-o, con-

templal-o, para apreciar todas as suas divinas qualidades reunidas no mais alto grau que foi dado desenvolver pelo genio, pelo trabalho ou pela experiencia. O quadro da Transfiguração foi encommendado pelo Cardeal Julio de Medicis, que o destinava para Narbonne (em França) onde este prelado era Arcebispo. Roma, querendo possuir aquella preciosidade quando a viu acabada, encarregou a Sebastião del Piombo outra composição para mandar em logar d'ella, e Miguel Angelo, cioso da reputação de Raphael, animou Piombo auxiliando-o, esperando eclipsar a gloria do divino mancebo. Piombo executou um excellente quadro que hoje pertence ao museu de Londres, a Resurreição de Lazaro, attribuindo-se a Miguel Angelo não só o desenho mas a execução do principal personagem. Não obstante todos os esforços empregados para esta especie de duello, a Resurreição de Lazaro é considerada muito inferior á Transfiguração, o que dizem dera motivo a Raphael dizer «Agradeço a Miguel Angelo julgar-me digno de luctar com ambos».

O quadro de Raphael representa uma dupla scena, pondo em acção os vinte primeiros versiculos do capitulo XVII de S. Matheus. Christo está no alto entre Moysés e Santo Elias. Perto d'este grupo vêem-se sobre uma elevada montanha S. Pedro, S. Thiago e S. João aturdidos pelo reflexo divino. Em baixo da montanha o povo espera o seu Messias para curar um rapaz endiabrado. Para todo o elogio d'este quadro basta dizer que elle passa pela obra-prima do seu auctor.

Limitar-nos-emos agora a apontar onde param as restantes das suas producções mais distinctas: em Roma, na egreja de Santa Maria *della Pace*, as quatro sublimes Sybillas; na egreja de Santo Agostinho o qua-

dro do propheta Isaias; e no palacio Sciarra o Tocador de violino.

O museu de Madrid possue tres admiraveis retratos e sete diversas outras composições, das quaes cinco Sacras Familias, entre ellas uma com um fundo de ruinas antigas, da sua epocha final (talvez 1518) e por conseguinte das mais apreciadas. Das outras uma é egualmente admiravel e conhecida pelo nome de Virgem da Perola; os dois quadros restantes são a Virgem do Peixe e o *Spasimo*. A Virgem do Peixe é uma Virgem gloriosa sustentando o Menino em pé sobre os joelhos; ella está assentada n'um throno e é adorada d'um lado por S. Jeronymo ajoelhado ao pé do seu leão; do outro lado o archanjo Raphael apresenta Tobias, que traz o milagroso peixe cujo fel deve expulsar os demonios e o coração dar vista a seu velho pae. Quanto ao *Spasimo*, representa Christo com a cruz ás costas no momento em que dá uma queda, prestes a chegar ao alto do Golgotha; Simão Cyreneu ajudando-o, sua divina Mãe entre as santas mulheres, Santa Cecilia estatica e discipulos exhalando suspiros; completam a scena o Centurião a cavallo, soldados e algozes a pé. O elogio d'este quadro, mesmo entre os de Raphael, é que elle se reputa tam importante como a Transfiguração, da qual tem as dimensões.

No Louvre, entre diversos retratos que lhe são attribuidos, existem dois que se julgam authenticos, o que quer dizer admiraveis, o d'um joven de quinze annos com cabellos louros dando ares da sua propria physionomia, e o do poeta Baldassare Castiglione; e tres Santas Familias, entre ellas uma com diversos nomes, com o Menino dormindo; outra chamada a Bella Jardineira, e outra chamada a Santa Familia de Francisco I, por ter sido adquirida por elle; e ainda outro

quadro, S. Miguel derrubando o demonio: estes dois ultimos são de 1518, e por conseguinte do seu estylo mais apurado.

Londres, que até ha poucos annos nada possuia importante de Raphael, acaba de receber de Hampton-Court uma collecção de sete grandes composições, que serviram de copias de tapetes que Leão X mandou fazer em Arras. Representam a Pesca milagrosa, S. Pedro e S. João curando um aleijado, S. Paulo e S. Barnabé em Lystres, S. Paulo prégando em Athenas, outra passagem de S. Paulo, Ananias ferido de morte e Jesus entregando as chaves a S. Pedro. Ainda que estas composições foram feitas em papelão, não são simples esboços como acontece a muitas outras analogas; são completamente coloridas e fazem o effeito de pintura terminada; foram forradas, e como são da sua ultima epocha, teem um valor extraordinario.

Difficilmente se póde julgar do mestre pela Virgem d'Alba no museu de S. Petersburgo, e pela Virgem de Dusseldorf no de Munich, onde injustamente apresentam outra Virgem como rival da Virgem da Cadeira; em Dresde porém apparece Raphael com todo o seu prestigio: n'este museu encontra-se uma das paginas capitaes do mestre, que se chama a *Madona de S. Sixto;* mas para a comprehender é preciso ter em vista a idêa do auctor, que não pintou uma Virgem no sentido das outras composições de nome analogo: Raphael teve na mente uma especie de revelação do ceo á terra, e por isso deveria chamar-se Apparição da Virgem a S. Sixto. O quadro figura uma especie de varanda de balaustres, aos lados da qual dois anjos puxam cada um para si as extremidades d'um cortinado; em baixo estão S. Sixto e Santa Barbara, e ao fun-

do, no plano superior, a Virgem sobre nuvens com o Menino Jesus nos braços. Encarada assim, é forçoso reconhecer uma obra divinal. Maria é um ente celeste, uma verdadeira visão; o Menino meditativo revela que será um dia o severo juiz das nossas acções; S. Sixto e Santa Barbara são sublimes em piedade, e em fim do todo da execução basta dizer que é da sua epocha final.

Para resumir a respeito de Raphael diremos que nas composições importantes e historicas teem grande preferencia as do Vaticano, e fóra de Roma a melhor é o Spasimo em Madrid; nas allegorias a Madona de S. Sixto de Dresde; nas simples Madonas a da Cadeira em Florença; nas Virgens gloriosas a do Peixe em Madrid, e nas Sacras Familias a de Francisco I no museu do Louvre.

Entre as differentes considerações a respeito de Raphael, tem-se dito que a morte precoce seria talvez uma circumstancia feliz á sua gloria, que uma longa vida poderia enfraquecer. Não pensamos assim com respeito ás artes. N'ellas o homem que fórma reputação, principalmente em pintura, esculptura, musica, etc., não está arriscado a perder tam facilmente esta reputação como outras classes da sociedade. Uma unica peça dá algumas vezes gloria que muitas producções inferiores não mancham. Rubens, Ticiano, Murillo fizeram muitas vezes obras de feira, e no entretanto qualquer d'elles se foi engrandecendo constantemente; do mesmo modo Poussin tinha 71 annos quando pintou o Diluvio, sua obra-prima; Miguel Angelo acabou o Juizo final aos 67. O que é certo, é que se todos estes morressem na edade de Raphael, outros occupariam o logar de summidades a que mais tarde ganharam indisputavel direito. Á vista pois de todos estes exemplos,

somos de opinião que Raphael teria tudo a ganhar com a prolongação da sua vida, e quem sabe se poderia elevar-se ainda?!

Terminaremos este artigo com a exclamação de Vasari: «Bemaventurada seja tua alma, ó Raphael! O mundo inteiro se prostra diante de tuas obras. E a pintura porque não desce tambem ao tumulo?! Em tu fechando os olhos, acabar-se-ha para ella a luz!» E com effeito, com a morte dos pintores d'aquella epocha de que Raphael representa o extremo, acharam-se as artes em tal decadencia, que só a eschola de Bolonha conseguiu amparal-as por algum tempo, cabendo a gloria inteira aos tres irmãos

Carraches: Luiz, 1555 — 1619; Agostinho, 1557 — 1602; e Annibal, 1560 — 1609. Todos tres maiores por seus discipulos que por suas proprias obras. Nas producções de todos tres nota-se, não um estylo verdadeiramente elevado, mas ao menos o abandono do abuso e dos excessos; e se não o bello, simples e severo da grande epocha, tambem não teem as faltas enormes de gosto d'aquelles a quem succediam. No Louvre e em Madrid encontram-se obras isoladas d'alguns d'elles, como acontece em outras galerias. Onde se encontram todos tres e onde podem ser estudados, é em Bolonha.

Caravaggio (Miguel Angelo Amerighi di) 1560 — 1609. Lombardo por nascimento, mas não por estylo, que, se bem não tivesse mestre, éstudou nas producções dos venezianos e bolonhezes, fazendo viagens a toda a Italia, onde levou uma vida errante e vagabunda, a que era condemnado por seu caracter feroz e brutal; acabou por formar um estylo todo pessoal, que foi perpetuado pelo italiano Manfredi, pelo francez Valentin e principalmente pelo hespanhol Ribera, que al-

tamente o illustrou. Sendo Caravaggio inculto e analphabeto, fazia gala de desprezar os modêlos antigos, e como Raphael e Corregio procuravam o sublime da natureza, elle só buscava o trivial e grosseiro d'acordo com o seu caracter; e com effeito conseguiu dar ás suas pinturas uma tal energia, verdade, potencia e fogo de execução, que quasi o seu unico defeito é o proprio excesso d'essas qualidades.

No Vaticano existe a sua obra-prima, o Descimento da Cruz, em que todas as physionomias são ignobeis, sem exceptuar o divino Redemptor e sua santissima Mãe. No Louvre, entre outras, tem tambem uma das mais afamadas, a Morte da Virgem, em que revela claramente a ausencia de todo o estylo religioso, de todos os caracteres tradicionaes communs aos quadros d'esta natureza, sem revelar sequer nobreza mesmo mundana. É perfeitamente uma velha bohemia exhalando o ultimo suspiro no meio d'um grupo de maltrapilhos da sua tribu. Acontece o mesmo com a Judith que existe no museu de Napoles e que passa por uma das suas obras-primas. Em logar da linda e rica viuva de Manassés, habitante de Bethulia, que, seduzindo o general Holophernes que por ordem de Nabucodonosor sitiava aquella cidade, conseguiu embebedal-o e degolal-o, salvando assim a sua patria, Caravaggio reproduz uma scena que seria inexcedivel se se tractasse d'uma meretriz de baixa classe, assassinando o seu amante para roubal-o, e não d'aquella a quem a historia chamada timida e virtuosa, e que tornando-se heroina commettia o crime para salvar a patria.

Caravaggio é grande quando está no seu verdadeiro elemento, como na Leitora da buena dicha no museu do Louvre, e em Roma no quadro dos Jo-

gadores, onde um gentilhomem é escamoteado por dois gatunos. Somente em Vienna, na galeria Lichtenstein, no quadro d'uma joven tocando cithara, sahiu fóra do seu proposito e brilha pela verdadeira graça, belleza e encanto.

Quanto aos eminentes discipulos dos Carraches:

Guido Reni, 1575—1642; Albano, 1578—1660; Dominichino, 1581—1641, e Guerchino 1591—1666, são como os seus mestres representados no museu de Bolonha, onde o Guido tem a pagina capital, Nossa Senhora da Piedade. Esta composição divide-se em duas partes: na superior está Christo estendido sobre o sepulcro, a cada lado um anjo chorando, e ao centro sua divina Mãe; na parte inferior cinco bemaventurados ajoelhados, orando n'uma especie de extase. N'este quadro mostrou Guido todas as suas qualidades distinctas, nobreza, elegancia de composição, delicadeza de colorido e distribuição harmoniosa de luz; e em fim todos os meritos d'um estylo gracioso e menos pallido que a maneira adoptada depois, mais similhante á de Veroneso, que lhe facilitava a promptidão do trabalho que a loucura pelo jogo o obrigava a empregar e reduzir a dinheiro immediatamente.

Albano, o pintor dos amores em pequenos quadros com assumptos mythologicos, nymphas, deusas, genios, etc., em encantadoras paizagens, tem em Bolonha talvez os unicos quatro grandes quadros historicos, revelando um estylo mais nobre do que depois adoptou. Entre esses quatro quadros são notaveis um Baptismo de Christo e uma Virgem gloriosa. Quanto aos quadros amorosos proprios para *toilette*, é rara a galeria que não possue alguns.

De Dominichino ha alli uma das obras capitaes, o Martyrio de S. Pedro de Verona, copia do quadro de

Ticiano, e que hoje tem mais valor por se ter inutilisado o original. O Vaticano tem servindo de *pendant* á Transfiguração a Communhão de S. Jeronymo, em que Dominichino, embora tambem imitasse Agostinho Carrache, excedeu-o de tal maneira, que se tornou original. N'estas e outras obras mostrou que com menos timidez e mais alguma concepção seria um dos primeiros artistas de todas as epochas.

De Guerchino é em Londres, na galeria do duque de Southerland, e em Roma, no Capitolio, que de preferencia a Bolonha ou a qualquer outro logar se devem procurar as paginas capitaes: em Londres, a Canonisação ou Apotheose d'um Papa, e no Capitolio a Subida ao ceo ou a Assumpção de Santa Petronilha. Principalmente n'este ultimo, por um desenho correcto e grandioso, côr viva, clara e luminosa, cheia de effeitos que arrebatam e encantam, é que merece o appellido que lhe deram de=musico da pintura,=tirando grande partido da sciencia do claro-escuro tam peculiar aos bolonhezes.

Salvador Rosa, 1615 — 1673. Foi discipulo de Falcone, e com elle implicado na revolução de Masaniello, pouco tempo residiu em Napoles, sua patria. Em Florença existe a Conjuração de Catilina, que sem ser um primor d'arte passa pela sua melhor producção historica; e sendo as figuras em meio corpo, prova-se mais uma vez que d'este modo se não póde dar todo o movimento ás composições d'esta ordem.

Salvador Rosa, pintor, poeta e musico, brilhou em batalhas e mais ainda em paizagens e marinhas. É o que prova no mesmo palacio Pitti a vista de duas vastas marinhas, e no museu de Madrid uma grande paizagem onde um S. Jeronymo está lendo e orando, pois nada convinha mais ao seu pincel capri-

choso e á sua imaginação bizarra mas sombria que a representação d'aquelle paiz inculto e abandonado, não tendo outro ornamento senão a proximidade das aguas, pedras escarpadas e um tronco d'arvore espedaçada pelos raios.

Lucca Giordano, 1632 — 1705. Dotado de muito talento, extraordinaria facilidade e concepção, podia este artista napolitano prestar importantissimos serviços á eschola patria, rehabilitando-a pela formação de discipulos conscienciosos; mas a avareza de seu pae acostumando-o por instigações a trabalhar rapida e pouco reflectidamente, prégando-lhe constantemente: «Lucca, fa presto», incutiu n'elle um habito tal, que nunca mais prestou a attenção devida ás suas obras, provando com ellas que não basta talento e habilidade se os não acompanha a reflexão e a dignidade propria.

Na sua longa e laboriosa vida adquiriu honras e riquezas, não só porque o seu systema de pintar era proprio a illudir, como porque acabou por não ter competidor; mas além do tumulo só grangeou a funesta gloria de ser tido como o ultimo dos artistas em Italia e Hespanha, e o não mais honroso appellido de *Il Fa Presto*, que tem hoje uma importancia tam secundaria como os nomes de Carlos Marata e outros que taes, que só servem a mostrar o reverso da medalha de que Raphael e seus eminentes contemporaneos são a face. Depois d'estes só Battoni e Camuccini foram como que um reflexo da estada em Roma e do pintor bohemio Raphael Menz, que alli deixou eminentes producções.

Escholas allemans

Estas escholas, como as italianas, derivam mais directamente da grega, chamada tambem byzantina, do nome de Byzancio. Seria, sobre demasiado longo, fastidioso dar conta dos primeiros ensaios das differentes ramificações d'estas escholas, em toda a Allemanha, antes do seculo XIV.

Em 1348, concordaram entre si Theodorico de Praga, Thomaz de Mutina e Nicolau Wurnser, todos tres bohemios, em formar, por iniciativa do imperador Carlos IV, uma especie de confraria dos mais célebres pintores, creando assim um centro na sua capital. Este projecto, frustrado pelas guerras d'então e por outras causas, veio a realisar-se em Colonia debaixo da direcção de Philippe Kalf, que se ignora em que datas nasceu e morreu, de mestre Wilhelm, que viveu por 1380, e de mestre Stephan, que dizem ter sido discipulo do precedente e viveu por 1410. Do primeiro não se conhece obra authentica, o segundo é tido nas chronicas da epocha pelo melhor pintor d'Allemanha, e o terceiro, como dissemos, passa por ter sido discipulo do segundo e seu continuador. A todos tres se attribuem quadros de bôa execução existentes em diversas galerias, como se verá em seguida.

Principiando, pois, pela primitiva eschola de Praga para chegarmos á de Colonia, devemos, antes de apreciar os individuos, dar conta, ainda que resumidamente, das ramificações e phases por que passaram as escholas allemans desde então até nossos dias.

Da eschola de Colonia derivam os dois ramos

principaes: o de oeste do Rheno, chamado eschola de Flandres, illustrado pelos irmãos Van-Eych ainda em vida de mestre Stephan; e o de léste do Rheno, chamado propriamente eschola alleman, illustrado por Martin Schoen, appellidado o Bello Martinho. D'este ultimo ramo formaram-se mais tres: o d'Augsburgo, o de Saxonia e o de Nuremberg, que foi o mais brilhante e fecundo.

A eschola d'Augsburgo teve grande credito no tempo de Hans Holbein (o velho), que, sendo o mais eminente representante da pintura gothica, só deixou no seu paiz um continuador unico, seu discipulo Christoph Amberg, pois seu filho e discipulo Holbein (o novo), ainda mais eminente que o pae, foi d'alli para Basilea, e de lá passou para Inglaterra, onde depois de longa residencia morreu, terminando a lista dos mestres d'aquella eschola.

A de Saxonia foi ainda mais restricta, porque a bem dizer só teve um mestre, Lucas Sunder, appellidado de Kranach, nome da sua patria: este mestre teve por continuador unicamente seu filho, cujas obras se confundem com as d'elle.

A de Nuremberg teve por primeiro mestre Miguel Wohlgemuth, que foi auxiliado por João Van-Eych. O principal merecimento de Wohlgemuth é ter sido mestre d'Alberto Durer, que foi seu continuador, excedendo-o como Raphael excedeu a Perugino. Alberto Durer fez diversas viagens a Bruges e á Italia, tornando seu estylo um mixto das tres escholas; o que deu logar a que seus discipulos se dividissem, seguindo uns o estylo flamengo e outros o italiano propriamente dicto.

O primeiro dos discipulos que se separou foi Jorge Penz, que, visitando a Italia mesmo em vida do

mestre, adoptou o estylo raphaelino; em seguida foi João Schoreel, que sendo attrahido por João Gossaert ou de Maubeuse, seguiu egualmente o estylo italiano. Os restantes discipulos de Durer, uns seguiram o mesmo exemplo, outros filiaram-se na eschola flamenga, terminando assim a de Nuremberg.

Em fins do seculo XVI, a eschola flamenga absorvia todas as escholas allemans. Resumiremos por tanto a sua historia, dividindo-a em tres epochas, e designando-a na sua terceira epocha debaixo do nome commum de flamengo-hollandeza, por causa dos grandes vultos, que no seculo XVII illustraram cada uma d'ellas, as quaes todavia não é facil separar. Quanto ás escholas allemans, consideral-as-emos depois d'esta epocha sob o nome commum de eschola alleman, visto que nos differentes paizes appareceram individualidades mais ou menos importantes, mas não verdadeiros centros, que se possam denominar escholas; ou entidades que fossem adoptadas por modêlos.

Eschola de Praga

Teodorico de Praga deve ter nascido no principio do seculo XIV, visto que em 1348 o vemos reunido com os dois collegas já mencionados para formarem o centro, que mais tarde se realisou em Colonia. O seu estylo era bysantino, pintando sobre um fundo dourado, formando os ornamentos das figuras um relevo como as pinturas do florentino Cimabue. Além das obras que este mestre deixou ou pôde recolher a sua cidade natal, existem no museu de Vienna um Santo Agostinho e um Santo Ambrosio em terço do corpo, muito bem executados e conservados, e que provam que o seu auctor, se ainda não dava bastante nobreza ás li-

nhas, já conhecia as sombras delicadas e certa suavidade muito rara nos primeiros ensaios d'esta epocha.

Thomaz de Mutina, que viveu na primeira metade do seculo XIV, tambem bohemio, apezar do seu nome que o faz parecer de Modena, tem no museu de Vienna um triptyco com uma Virgem no centro e aos lados S. Wenceslau e S. Palmacio, cada um com sua bandeira na mão. Todas estas figuras são em busto, destacando sobre um fundo dourado sem apparencia de perspectiva.

Nicolau Wurmser, que viveu pela mesma epocha, egualmente bohemio, excedeu os dois antecedentes. A sua imitação do estylo byzantino é menos pronunciada, e a pintura reproduz melhor a vida e a expressão. O museu de Vienna possue d'elle um Christo na Cruz, tendo aos lados a Virgem e S. João. É um quadro egual aos melhores que na Italia chamam *tricentese* ou do seculo XIV. Já não apparece n'elle o ouro, a não ser nas aureolas; as figuras são de corpo inteiro e tamanho natural, e o fundo escuro e triste, mostrando nos gestos e attitudes dos personagens profundo sentimento de dôr.

Eschola de Colonia

Philippe Kalft dizem ter sido o chefe primario d'esta eschola, fundada na segunda metade do seculo XIV; porém ignoram-se as datas principaes da sua vida, assim como se não conhece obra alguma authentica.

Mestre Guilherme *(meister Wilhelm)*, que viveu pelos annos de 1380, quando com o precedente foram inauguradores da eschola de Colonia, é reputado na sua epocha o melhor pintor d'Allemanha. Aponta-se como

d'elle um triptyco existente na capella dos Tres Reis da cathedral de Colonia, excellente pintura representando uma Virgem gloriosa adorada pelos Reis Magos, e por fóra quando fechado uma Annunciação.

Mestre Estevão *(meister Stephen)* dizem ter sido discipulo e continuador do antecedente, e viver ainda em 1420. Consta que trabalhava em commum com seu mestre, por cuja razão attribuem tambem a elle o triptyco que acabamos de noticiar na cathedral de Colonia, e só a mestre Estevão quatro quadros no museu de Munich, tres no de Francfort, e outros com menos fundamento no museu de Berlin. Estas pinturas, algumas d'ellas ainda sobre fundo escuro, são consideradas preciosos restos de artistas discipulos dos gregos pelo processo, mas emancipados já pela fórma e pelo estylo.

Eschola d'Augsburgo

Hans Holbein (o velho), 1450 — 1521, foi o illustre fundador d'esta eschola. O museu de Munich conta 18 quadros d'este mestre, todos com assumptos sacros, alguns em figurinhas, e uns tres cujas figuras são de dois terços do natural. Estes ultimos apezar da sua fórma byzantina, são considerados a melhor pintura alleman antes de Holbein Junior e Alberto Durer. Hans Holbein reune o sentimento de Hemmeling e o vigor de Van Eych a uma expressão fervente e uma naturalidade que lhe eram peculiares e que lhe dão muito apreço, apezar do processo sobre fundo dourado como os byzantinos. Além dos quadros de Munich e um no museu de Francfort, pertencem-lhe certamente alguns outros dos que nas differentes galerias attribuem a seu filho de egual nome. Seus dois outros filhos, Segis-

mundo e Ambrosio, pouco nomeados na historia da pintura, estão representados no museu de Vienna.

Amberger (Christoph), nascido em fins do seculo XV, foi discipulo do velho Holbein, a quem igualou quasi. O museu de Munich possue tres pequenos quadros d'este pintor, unico que na Allemanha continuou a eschola do seu mestre. Os museus de Vienna, Dresde e Berlin possuem egualmente pinturas d'Amberger, em algumas das quaes mostra já certa tendencia para o estylo italiano, sobre tudo para o de Leonardo de Vinci.

Holbein Junior, o Grande Holbein Hans ou João, como seu pae, 1498 — 1554, foi o principal dos quatro Holbeins e dos pintores da sua eschola. Em 1526 passou á Inglaterra, onde residiu os ultimos 28 annos e onde deixou quasi todos os seus quadros mais importantes, pela maior parte nos palacios reaes, pelos favores que lhe dispensou Henrique VIII. Hampton-Court pôde reunir 27, tornando-se o logar em que este auctor póde ser melhor estudado. Nas primeiras producções vê-se que o estylo de Holbein era mais secco, por isso que sacrificava tudo á linha; foi-se aperfeiçoando successivamente, tornando-se a final suave e elegante, e adquirindo o vigor e brilho que faltavam ao seu colorido. Entre os 27 quadros sobresahem um retrato de Henrique VIII, duas entrevistas d'este monarcha, uma com Francisco I e outra com o imperador Maximiliano, as batalhas de Pavia e de Spurs, e Magdalena junto do tumulo de Christo. N'estas pinturas, em que o rigoroso amor da verdade e da correcção não exclue nenhuma das qualidades d'um grande artista, prova Holbein quanto é justa a sua reputação.

O museu de Dresde pôde recolher a pagina capital do mestre, uma Virgem gloriosa conhecida por *Vir-*

gem do Burgomestre de Bale, que ha quem affirme ser a obra-prima de todas as escholas do norte. Finalmente em Dresde talvez o primeiro dos museus que existem, ella só cede á Madona Sixtina de Raphael. Tem ainda Holbein n'este museu 8 retratos, 11 no museu de Vienna, uma Virgem na galeria do conde Czernin, 8 retratos no museu de Munich, 2 no museu d'Anvers, 4 no de S. Petersburgo, 5 no de Paris, e diversos outros pelas galerias d'Italia. Portugal em fim tambem se póde ufanar de possuir uma composição d'este mestre, e só a Inglaterra ou Dresde as possuem mais vastas. É uma Virgem gloriosa de 1,^{m}60 por 1,^{m}30 assignada e datada de 1519, dez annos antes de pintar a de Dresde. Como o pae e o filho tinham o mesmo nome, tem dado este quadro, que actualmente se acha no palacio das Necessidades, occasião a ser attribuido ao velho ou ao novo Holbein; mas quer seja da primeira epocha do filho quer da ultima do pae, é interessantissimo, e a sua composição e apreciação consta do n.º 118 dos quadros estrangeiros no nosso paiz.

Eschola de Saxonia ou de Dresde

Lucas Sunder (conhecido por Lucas de Kranach em razão do logar do seu nascimento), 1472 a ... Amigo de Luthero e de Melanchthon, foi um dos primeiros que abraçaram a reforma, fazendo-se protestante. Por esta razão os seus quadros, embora muitos de motivos sacros, traduzem a imitação exacta e material da natureza, em substituição das fórmas tradicionaes do dogma; isto é, substituiu as tradições pelo emprego das idêas philosophicas, e n'este sentido foi o primeiro pintor da sua epocha, que a bem dizer só tinha pintores idealistas.

Kranach pintou quasi tudo em figurinhas, como se vê em diversos quadros no museu de Munich representando Adão e Eva no Paraiso, Loth com suas filhas na gruta, Maria offerecendo uvas a seu Filho, um grande triptyco com a Paixão de Christo desde o Jardim das Oliveiras até á Resurreição, e dois excellentes retratos, o de Luthero e o de Melanchthon. O museu de Vienna, entre varios quadros, conta dois de grande nomeada, Christo apparecendo ás santas mulheres, e o Menino Jesus a quem Santa Rosalia offerece flores, os quaes ainda que de admiravel execução, não passam de scenas familiares com typos flamengos dos mais caracteristicos, onde a idêa religiosa desapparece. A galeria do principe Lichtenstein possue dois pequenos quadros, a do principe Esterhazy outros dois, o palacio dos antigos reis da Bohemia em Praga quatro, o museu de Leipzig dois quadros, o de Berlin 33 e o de Dresde 30, além de muitas outras producções espalhadas pelas differentes galerias do resto da Europa.

Não acontece com este mestre como com muitos outros, entre cujas obras ha algumas mais ou menos felizes quanto á concepção, e melhor ou menos bem acabadas. Pelo que toca ás de Kranach, só entre si teem preferencia pelas dimensões, sendo sempre eguaes a todos os outros respeitos. Assim o museu de Berlin, que possue as mais vastas, é que se suppõe o mais bem aquinhoado em producções d'este mestre. N'este caso está a «Fonte da Mocidade», representando um grande lago similhante a eschola de natação, onde entram mulheres velhas e feias e sahem por outro lado raparigas novas e lindas a mirarem suas fórmas em completa nudez. O museu da Russia, o de Paris, o de Madrid e diversas outras galerias possuem quadros d'este mestre, apenas continuado por seu filho, cujas

obras, ou porque se confundem com as do pae ou por menos importantes, são pouco apontadas.

Eschola de Nuremberg

Wohlgemuth (Miguel), 1434 — 1519. O seu principal merecimento é ter sido mestre d'Alberto Durer. Munich possue cinco quadros de Wohlgemuth, uma Natividade, Christo no Jardim das Oliveiras, a Crucificação, o Descimento da Cruz e a Resurreição, com figuras de corpo inteiro a meio tamanho, as maiores então empregadas. Vienna possue alguns quadros na galeria do principe Lichtenstein e no museu do Belvedere. Nos quadros de Munich mostra-se egual á estreia do seu discipulo; porém no Belvedere, em um quadro de 1511, conhece-se que melhorou com os exemplos d'Alberto Durer, como aconteceu a Bellini com Giorgion e a Perugino com Raphael.

Alberto Durer, 1471 — 1528. Foi o continuador de seu mestre Wohlgemuth, excedendo-o de tal modo, que é considerado o chefe principal d'esta eschola, e aos trinta annos d'edade o primeiro pintor d'Allemanha.

O museu de Munich possue 17 quadros de todas as epochas da sua carreira, sendo nos primeiros um fiel imitador do seu mestre, a quem aos trinta annos já levava grande vantagem, como se observa no seu proprio retrato. Entre estes 17 quadros ha dois de pequenas dimensões, que talvez por capricho elle pintou sobre fundo dourado: são datados de 1523, na plenitude do seu talento. Dos outros sobresahem duas vastas composições, um Descimento da Cruz, em que Christo e José d'Arimathea são d'um merecimento extraordinario,

e uma Natividade, em que S. José e a Virgem, rodeados de cherubins, adoram o Menino, em quanto os anjos partem a annunciar este acontecimento: esta Natividade era o centro d'um triptyco, cujas abas tambem alli existem. Além d'estes são egualmente notaveis dois outros quadros, um com S. Pedro e S. João Evangelista e outro com S. Paulo e S. Marcos, nos quaes mostra extraordinario vigor de colorido, elevação d'estylo e facilidade de pincel; e ainda que sem data, parecem do fim da sua vida e talvez inspirados pelo S. Marcos de Fra Bartolomeo.

O museu de Dresde possue tres pequenos quadros, um o de Francfort, um o d'Anvers, dois o de Haya, cinco o de Madrid, entre elles um excellente Calvario em figurinhas, que é das suas melhores paginas; o museu de Milão possue alguns, entre elles a Conversão de Santo Huberto, que é admiravel; o museu de Florença uma sublime Adoração dos Magos; o de Turin tres quadros, entre elles uma sublime Visitação; diversas galerias particulares de Roma, Napoles, Veneza, a do principe Lichtenstein em Vienna e outras possuem quadros authenticos d'este grande mestre; o museu do Louvre só possue alguns desenhos, e o de S. Petersburgo attribue-lhe sem fundamento algumas pinturas.

É porém no museu do Belvedere em Vienna que, entre sete producções d'este grande mestre, se vêem as suas duas principaes obras-primas, o Martyrio de dez mil christãos por ordem do rei da Persia Sapor II, e o quadro designado pelo nome de SS. Trindade. Em quanto ao primeiro, não se comprehende como elle pôde reproduzir n'um pequeno quadro de um metro por lado, se não os dez mil martyres ao menos, numerosos episodios que conteem a bem dizer todas

as especies de martyrios contados pelas lendas. No alto do outro quadro vê-se o Espirito Santo similhante a um astro luminoso rodeado de pequenos cherubins; logo abaixo o Padre Eterno entre dois coros d'archanjos com as azas abertas, sobre as quaes sustentam a Jesus crucificado. Abaixo da divina Triade e seu celeste cortejo vêem-se dois vastos grupos de bemaventurados: á esquerda as santas que pagaram com a vida a celeste morada; á direita os patriarchas, prophetas, apostolos e martyres, á frente dos quaes se destacam Moysés, David, S. João Baptista, etc. Mais abaixo vêem-se outros dois immensos grupos, n'um d'elles o Papa, e a Egreja representada por uma procissão de padres, frades, freiras, etc., e no outro o rei, e o estado representado por uma immensa fila de cavalheiros e damas ricamente vestidas. Por baixo de tudo isto remata o quadro uma linda paizagem terminada por um golpho.

Este quadro é um verdadeiro poema, e o auctor, reconhecendo-o pela melhor producção do seu pincel, retratou-se a um angulo pousando a mão sobre um escudo, em que se lê o seu nome por extenso e a data de 1511. Todos os primores d'imaginação, força, grandeza e verdade que se podem encontrar nas suas obras, assim como a união intima do realismo pela fórma com o idealismo pelo pensamento, se acham reunidos n'esta especie de visão, que brilha pelo esplendor dos tons e pela grandiosidade do todo.

Alberto Durer, além de ter sido distincto gravador e esculptor, cultivou a architectura e as lettras, e foi appellidado o Raphael da eschola de Nuremberg e a personificação da eschola alleman, como Raphael o foi da eschola italiana.

Eschola flamenga

1.ª EPOCHA

Van-Eyck (Huberto), nascido na segunda metade do seculo XV, morreu em 1426, sendo a sua melhor gloria ter completado os estudos a seu irmão João, que com elle havia aprendido com Lucas de Heere. Os seus quadros são raros. Existe uma Adoração dos Magos no museu de Bruges, uma Virgem no d'Anvers, um Templo gothico no d'Amsterdam, assim como uma Virgem pintada em commum com seu irmão João. No museu de Berlin existe uma serie de doze por ambos os irmãos e bem authenticos, porque João Van-Eyck ao terminal-os o attesta com a sua assignatura.

Van-Eyck (João), por 1370—1441. Foi discipulo de Lucas de Heere e de seu irmão Huberto que lhe completou os estudos, acabando por trabalharem em commum. Era natural de Bruges e por isso conhecido por João de Bruges. Passa por ser, se não o inventor da pintura a oleo, ao menos o primeiro que soube tirar partido d'este processo e a quem é devida a sua generalisação. Pelo muito que excedeu a seu irmão é tido como o fundador da eschola flamenga e a sua principal illustração na primeira epocha, como o foram João de Maubeuge na segunda, e Rubens, Rembrandt e Van-Dyck na terceira.

O museu de Munich possue seis admiraveis pinturas de Van-Eyck, entre as quaes é mais notavel uma das tres Adorações dos Magos. Egualmente possuem obras d'este mestre os museus de Vienna, de Dresde, de Berlin, de Londres, do Louvre e de Madrid. O museu d'Anvers possue seis preciosos quadros d'este ar-

tista, principalmente um triptyco, obra verdadeiramente capital, em cuja composição entram mais de sessenta personagens. É porém no pequeno museu de Bruges que existem as suas obras mais preciosas. Uma cabeça de Christo, datada de 1420, embora um dos seus primeiros ensaios, é inestimavel por ser a pintura a oleo mais antiga que se conhece. Entre outras, ha alli uma Virgem gloriosa tractada á maneira de Francia e do Perugino, com figuras de meia estatura e datada de 1436, quando tinha já attingido a plenitude do seu talento e a perfeição do seu processo. A Virgem é representada sobre um throno, tendo á esquerda S. Donato e á direita S. Jorge, aquelle com vestes d'arcebispo e este com a sua armadura de guerreiro. Um pouco mais ao fundo avista-se de joelhos o committente, velho e gordo com vestes de monge, d'onde lhe vem o nome de Virgem do Monge de Palla ou Virgem de S. Donato.

João Van-Eyck era um artista consummado, como provam principalmente o triptyco d'Anvers, o Horoscopo ou um homem lendo o futuro na palma da mão a uma dama, no museu de Londres, onde existe tambem um seu admiravel retrato, e finalmente a Virgem gloriosa de Bruges, a respeito da qual se póde asseverar que ainda ninguem levou mais longe a reproducção da natureza humana em verdade, illusão e finura de toques. Portugal tambem se póde ufanar de possuir uma Virgem gloriosa no palacio do arcebispo d'Evora, que além d'excellente, ha boas razões para lhe ser attribuida.

Hemling (Hans ou João), morto em 1495. A respeito d'este artista correram diversas lendas sobre a sua origem e seu verdadeiro nome, que ainda hoje uns dizem Memling e outros Hemmelinck. O que agora

passa em julgado, é que era um burguez de Bruges, onde morreu. O hospital de S. João, na mesma cidade, conserva entre outras a sua pagina capital, denominada a Caça de Santa Ursula, ou a historia tradicional d'esta Santa e suas companheiras, reproduzida em 1480 nas paredes exteriores e tecto d'um vaso com a fórma d'um templo gothico. Este vaso, que se acha vasio, era destinado a conter reliquias; é de metal e terá approximadamente tres palmos d'altura, formando um quadrilongo de mais d'um metro d'extensão. O tecto sobe muito inclinado de ambos os lados, cada um com tres medalhões onde elle executou admiraveis pinturas, bem como nas paredes do pequeno templo que com os rendilhados fórma um verdadeiro caixilho.

As duas pinturas principaes são d'um lado a Virgem adorada por duas religiosas, e do outro Santa Ursula, tendo n'uma das mãos a frecha, instrumento do seu martyrio, e segurando com a outra a aba d'uma ampla capa com que procura esconder dez virgens, que se lhe aconchegam. Nos medalhões pintou, nos dois principaes do centro, n'uma face Santa Ursula levando suas companheiras ao martyrio, e na outra a coroação da Santa pela SS. Trindade; os outros quatro medalhões menores teem cada um o seu anjo tocando instrumentos que formam uma celeste musica. Nas cabeças do templo e aos angulos existem ainda medalhões ovaes com outros episodios da mesma historia: embarque da Santa em Colonia com suas companheiras; chegada das mesmas a Basilêa; entrada em Roma, e recepção que lhe faz o Papa no perystilo d'um templo; sahida de Roma trazendo comsigo o Papa; sua chegada a Colonia, e o seu martyrio.

Das duas mais importantes pinturas que descrevemos primeiro, os principaes personagens, que são d'um

lado Santa Ursula e do outro a SS. Virgem, terão cêrca de palmo e meio d'altura, e todas as mais figuras são d'ahi para baixo e algumas até verdadeiras miniaturas, pois d'outro modo não seria possivel acommodar em tam pequeno espaço mais de duzentas figurinhas. Não se julgue porém que como outras pinturas anologas esta prove simplesmente excesso de paciencia. Esta composição é mais alguma coisa no seu conjuncto magnifico do que um simples esforço. A belleza dos edificios e paizagens, a fidelidade dos typos, trajos e armaduras do seculo XV, o vigor, nobreza e expressão das figuras, fazem d'este todo um verdadeiro primor d'arte, um quadro historico como o conceberia Fra Angelico no seu mais elevado estylo, e como o executaria Gerard Dow na sua mais preciosa maneira.

Não menos importante é um grande triptyco que conserva o mesmo hospital, cuja pintura foi feita em 1479. O centro representa o casamento mystico de Santa Catharina: a Virgem, como todas as de Francia e Perugino, está assentada debaixo de um rico docel, e tem os pés sobre um lindo tapete de Flandres, que produz pelo colorido e pela perspectiva um effeito admiravel; a cada lado vê-se um anjo para a servir; um d'elles vira a folha d'um livro que segura, e o outro toca uma especie de orgão. No primeiro plano está Santa Catharina ajoelhada recebendo o annel nupcial que lhe entrega o Menino Jesus; defronte está Santa Barbara, e mais afastados estão S. João Baptista e S. João Evangelista. As abas do triptyco teem, d'um lado a Degolação de S. João Baptista, e do outro S. João Evangelista na ilha de Pathmos em extase ante as visões apocalypticas. Exteriormente tem dois irmãos e duas irmans da ordem de S. João Hospitaleiro, patrono d'aquella casa. Todas estas figuras são representa-

das a meia estatura, e brilham em toda a composição as qualidades mais apreciaveis d'um artista, desde a serena e santa magestade do estylo até á infinita delicadeza dos toques.

Existem ainda n'este hospital quatro outras producções suas, uma no museu da mesma cidade, cinco no museu de Anvers, uma na galeria do marquez de Westminster, uma no museu de Madrid, e uma no museu de Turin. No museu de Munich existe uma serie de quadros, e bem assim dois outros no museu de Berlin, que lhe são attribuidos, os quaes parecem em tudo dignos d'essa paternidade; mas tendo Hemling usado sempre o processo da pintura a colla e sendo os d'estes dois ultimos museus pintados a oleo, crê-se que sejam d'algum outro artista de nome identico, talvez esse outro Hemmelinck ou Memling com que se envolveu muito tempo o mysterio d'este verdadeiro Hemling.

Metzys (Quintino, ou o marechal d'Anvers), 1460—1531. Em muitos cathalogos é o seu nome escripto *Matzys*, *Massis* e *Messis*. Elevou extraordinariamente a pintura. Deixou bastantes producções, principalmente typos de usurarios que elle muito preferiu, mas essas pinturas não servem para dar idêa do mestre. É preciso estudal-o nos quadros historicos, e d'esses nas suas obras capitaes. Assim o museu de S. Petersburgo possue dois usurarios que se póde dizer não o representam, do mesmo modo um quadro no museu de Francfort, outro no museu de Dresde, e ainda dois no museu de Vienna. O museu de Berlin possue uma excellente Virgem gloriosa; o de Madrid um Descimento da Cruz ainda por averiguar a quem pertence, mas que parece d'este mestre, e que em todo o caso é admiravel. A National Galery de Londres

possue duas cabeças, uma de Christo e outra da Virgem, de toques tam finos, que seria preciso ir até Raphael para lhes achar digna comparação.

É porém na sua patria que se vê Metzys dignamente representado. O museu d'Anvers possue nove quadros, entre os quaes maravilham principalmente uma Coroação d'espinhos e um triptyco que não só é a melhor obra que se conhece d'este mestre, mas até uma das mais notaveis da arte. O centro representa Christo no tumulo; d'um dos lados a entrega da cabeça de S. João Baptista a Herodes, e do outro o martyrio de S. João Evangelista em azeite a ferver. Os personagens são de tamanho natural, e o seu effeito, quer de perto quer de longe, é sempre o mesmo. Apezar de ser um esforço de paciencia, em que cada fio de cabello ou folha de hervinha póde ser examinado á lente com vantagem, o todo é do mais deslumbrante effeito, reunindo o vigoroso colorido de Van-Eyck, á nobre simplicidade de Hemling e ao acabado de Denner, o grandioso de Rubens. Todas as qualidades que distinguem os grandes mestres, se offerecem vantajosamente n'este quadro á analyse dos entendedores: movimento de scena, força de expressão, variedade de attitudes e de physionomias, e finalmente o contraste do sublime nos grupos dos santos com o grotesco nos grupos dos algozes, o que tudo combinado com a naturalidade faz d'este triptyco uma obra-prima sem preço.

Segunda epocha

Maubeuge (João Gossaert de), 1470 — 1532. Viajou e aperfeiçoou-se na Italia, d'onde trouxe as lições

de Miguel Angelo e Leonardo de Vinci, e com seus exemplos e esforços deu grande impulso á pintura patria, pelo que marca a sua segunda epocha.

O museu d'Anvers possue dois pequenos mas excellentes quadros, um Ecce Homo, e uma Virgem desfallecida a quem S. João ampara, no meio d'um grupo de mulheres. O do Louvre possue uma tela representando a Madona e um retrato em proporções reduzidas: o de Bruxellas um grande triptyco, tendo no centro Christo em casa de Simão, n'um dos lados a Resurreição de Lazaro, e no outro a Assumpção de Magdalena: este triptyco é uma das suas obras capitaes. Os museus de Dresde, S. Petersburgo, Vienna e Turin teem egualmente alguns quadros d'este mestre. Hampton-Court possue uns sete, e o museu de Berlin egual numero, alguns d'elles com a sua assignatura. O principal d'este museu é um grande Calvario, cujas figuras ao natural, principalmente as da Virgem, de S. João, das santas mulheres e d'alguns discipulos são admiraveis de toque, expressão, colorido, sabia perspectiva e extremo acabamento. É uma obra verdadeiramente capital.

Schoreel ou Schoorel (Hans ou João), 1495—... Foi discipulo distincto d'Alberto Durer, e depois attrahido por Maubeuge foi seu illustre continuador, contribuindo poderosamente para a adopção dos melhoramentos introduzidos na arte pelos pintores d'Italia. Voltou-se porém no fim da vida para o antigo estylo allemão com uma especie de fanatismo, cahindo até n'um maneirismo já desusado. Se porém exceptuarmos esse defeito, foi um mestre considerado, deixando discipulos eminentes, como Henskerck que foi appellidado o Raphael hollandez.

O museu de Vienna e o de Rotterdam possuem

quadros muito estimaveis de Schoreel; é porém o de Munich que se orgulha de possuir dois admiraveis quadros que lhe são attribuidos, um repouso no Egypto n'uma encantadora paizagem, e um grande triptyco tendo no centro a Morte da Virgem, e nas abas os committentes sob invocações de santos. Cabe aqui notar o que diz Raczynski na sua 7.ª carta, pag. 126, e Diccionario, pag. 187, de quatro quadros que existem na egreja da Madre de Deus de Lisboa: «Estes quadros são talvez tam bons e analogos aos que no museu de Munich são attribuidos a Schoreel». Se pois estes quadros são de Schoreel, teem ainda a vantagem de ser da sua melhor epocha, porque se suppõe serem feitos por cêrca de 1525.

Henskerck (Martin van ben de), 1498—1541. Foi cognominado o Raphael hollandez. O museu de Munich possue 11 dos seus quadros magnificos; o de Vienna 2, sendo admiravel o que representa a Baccho triumphante; o museu de Berlin um quadro mythologico no estylo de Julio Romano; a galeria de Hampton-Court tres excellentes quadros, que são Christo curando os doentes, Jonas na baleia, e o Juizo final. O museu de S. Petersburgo possue um triptyco com o Calvario; e o museu de Bruxellas dois quadros, d'elles um Calvario de maravilhosa execução.

Coxie (Miguel; outros escrevem *Coxcie* e *Coxigen*), 1499 — 1592. Adepto da eschola d'imitação italiana, foi mais longe na sua maneira d'imitar, a ponto que as suas obras podem ser tomadas pelas d'um discipulo directo de Raphael, e valem as de Perino del Vaga (il Fattorino).

Pedro Campana, 1503 — 1580, nasceu em Bruxellas e estudou a pintura no estylo allemão, imitando Alberto Durer. Mais tarde passou á Italia, onde se

aperfeiçoou com os discipulos directos de Raphael e com o proprio Miguel Angelo, como faz crer a modificação do seu estylo.

Deixando Italia veio estabelecer-se em Sevilha, onde residiu muitos annos e fez as suas obras principaes, todas sobre madeira, as quaes são na egreja de Triana, nos arrabaldes, um grande retabulo em quinze partes com a vida de Santa Anna; e na cathedral uma Purificação de Nossa Senhora, a Resurreição, diversos Santos, e a famosa Descida da Cruz, admiravel obra-prima, comparavel ás mais célebres composições de Italia.

Todas as obras de Campana se recommendam por grande sciencia de composição, correcção irreprehensivel, conhecimento da anathomia, vigor de claro-escuro, nobreza nas attitudes e expressão nas physionomias. A camara municipal de Bruxellas mandou tirar-lhe o retrato para collocar na sala dos homens illustres, onde se acha.

Lambert Sustermans, 1506 — 1560. É egualmente apreciavel, e Vasari, á vista d'uma Senhora da Piedade, que existe no museu de Londres, cognominou-o *Lambert o suave.*

Franz Floris (cujo nome é Franz Vriendt), 1520 —1570. Pintor apreciavel, e tambem adepto da imitação italiana.

A serie dos principaes pintores da segunda epocha está a bem dizer concluida, a não ser a familia *Franck*, composta de cinco pintores, Jeronymo, Francisco e Ambrosio, irmãos, e Sebastião e Francisco, ambos filhos do primeiro Francisco, o mais velho dos quaes nasceu em 1540 e o mais novo de toda a familia em 1581; *Lucas de Leyde*, que excedeu muito a seu mestre Cornelio de Leyde, e cujo elogio é dizer-se que as suas

obras se confundem com as de Metzys; e bem assim *Henrique Van Bale* 1560—1632) por ter dado as primeiras lições a Van-Dyck.

É porém *Octavio Van Ven*, mais conhecido por *Otto Venius* (1558—1529) quem teve a gloria de crear a terceira epocha na pessoa do seu illustre discipulo o grande Rubens, que a resume e representa. As obras de Otto Venius são muito apreciadas, não só porque occupa um logar muito distincto como artista, mas principalmente pela gloria do discipulo.

Paris possue um excellente quadro, em que o auctor se representa no seu *atelier* entre os retratos de seu velho pae e outros em numero de dezesete. Nos museus de Munich, Vienna, Bruxellas e Anvers existem diversos quadros d'historia sacra, mythologia, allegorias e retratos, que dão perfeita ideia de que Otto Venius era o artista predestinado para completar por seu discipulo a revolução principiada por João de Maubeuge. As suas obras já não teem a simplicidade nem os toques pacientes e a frieza dos mestres de Colonia. Discipulo d'Italia, onde passou cinco annos debaixo da direcção de Zuccharo, mostra o saber e a facilidade dos mestres italianos.

Terceira epocha

Eschola flamengo-hollandeza

Completo resumo e suprema expressão de todo o passado da arte do norte é o heroe que nos vae occupar, o qual, nascido em 1577 em Colonia ([1]), cidade

([1]) Rubens nasceu fortuitamente, segundo uns, em Colonia, e segundo outros, em Siegen, mas é tido pelos desinteressados como filho d'Anvers.

que foi berço da mesma arte, morreu em 1640 em Anvers, cidade em que ella mais brilhou.

Rubens (Pedro Paulo). Estudou em Anvers, Veneza, Florença, Roma e Madrid, assimilhou todas as maneiras, e marca a terceira epocha da eschola flamenga, a qual, sahindo da imitação italiana, se formou pela fusão das escholas anteriores. Está fóra do alcance d'este resumo o poder descrever todas as producções de artista tam fecundo, sendo opinião geral que suas obras excedem a mil e quinhentas! É verdade que grande numero d'ellas se podem chamar de pacotilha, em que diversos de seus discipulos tomaram parte, sem o que seria impossivel que uma só vida bastasse para deixar tam excessivo numero e algumas de tam vastas proporções.

Ávista de tam avultado numero de pinturas occorre ordinariamente a ideia de verificar a razão por que seus partidarios o exaltam até ás nuvens, ao passo que outros o teem deprimido, apontando-lhe os defeitos. Mestre algum se póde gabar de os não ter em maior ou menor escala. Os partidarios de Rubens podem appellidar-se os exclusivistas do colorido, que é o lado principal por onde o seu representante ou idolo mais brilhou; mostrando em algumas obras, (como no Descimento da Cruz na cathedral d'Anvers), superioridade a Ticiano, Rembrandt, Velasques, etc.: mas outras vezes lhes cede em obras, que se dizem suas paginas capitaes, tornando-se amiudadamente brando até a molleza: podendo-se-lhe applicar como a Tintureto um dicto dos seus proprios amigos: «A sua furiosa fecundidade o torna muitas vezes fraco e confuso». Estes exemplos nos primeiros vultos da arte, assim como toda a vida de Lucca Giordano, provam até á evidencia que ainda mesmo a mais prodigiosa habilidade é impotente se não

for guiada pela applicação severa e pela dignidade propria.

No museu de Munich é elle rei absoluto. A maior das nove salas, e a mais vasta das vinte e tres saletas reunidas por uma especie de portico aberto lhe estão inteiramente consagradas. Noventa e cinco telas alli se admiram, formando um museu particular d'entro do museu geral. É a mais consideravel collecção que d'um só mestre existe no mundo.

Occupa o primeiro logar um Juizo final das mesmas dimensões que o Descimento da Cruz em Anvers, 20 pés d'altura por 15 de largura, e como o d'Anvers occupa tambem o primeiro logar entre as suas obras-primas. O seu auctor, tendo visto o Juizo final da Capella Sixtina, evitou toda a comparação ou aproximação d'aquella maravilha do seu illustre antecessor. Tractou o mesmo assumpto de modo inteiramente diverso. Tristonho, sombrio, e sempre votado ás austeridades d'uma vida sem diversões, sem outra paixão sequer que não fosse a da arte, Miguel Angelo imprimiu n'esta composição gigantesca a selvagem melancolia de que seu caracter estava possuido pelo saque de Roma em 1527, bem como pelas desordens de Florença. Para elle o compassivo Redemptor dos homens tinha-se tornado uma especie de Jupiter tonante, que, sem piedade nem ainda para com as lagrimas de sua Mãe, condemnava como juiz inexoravel e terrivel todos os vicios da humanidade. Levando, ao contrario, uma vida d'actividade, prazeres e gloria, Rubens, mais amigo dos homens, fez de Christo um juiz equitativo e benevolente: se condemna os maus, recompensa os bons; e quando abre o inferno, abre ao mesmo tempo o ceo.

No alto está o throno da celeste côrte; por baixo dois grandes grupos, sendo á direita os condemnados

a quem feios demonios precipitam no abysmo, e á esquerda os bemaventurados radiantes d'alegria, no meio dos quaes figura uma pobre negra, capaz de commover ao mais indifferente, mais ainda pela surpreza que pelo encanto de achar na felicidade eterna a egualdade com suas irmans brancas. Foi um pensamento de humanidade e de philanthropia muito raro n'aquella epocha. Este mesmo contraste dos dois grupos dá mais clareza, e mais interesse á composição inteira, e n'este ponto Rubens venceu a Miguel Angelo, o qual, não aproveitando os symbolos que lhe prestavam a arte e a fé, reduzindo a homens todos os seres do ceo e do inferno, não evitou certa confusão que devia resultar de assumpto tam complicado. Ambas as duas pinturas teem motivos de preferencia. O fresco de Miguel Angelo é sem duvida muito mais notavel em desenho, sublimidade de posições e perspectiva, e pela sciencia da anatomia muscular; a tela de Rubens tem mais felicidade na disposição e mais magia no claro-escuro: eis tudo que se póde dizer. Existem ainda repetições sobre o mesmo assumpto, mas em ponto mais reduzido.

Segue-se um excellente quadro, Christo acolhendo os quatro peccadores arrependidos — David o incestuoso, Magdalena a cortezan, S. Pedro que o negou, e o Bom Ladrão que se converteu sobre a cruz. Uma Susana surprehendida no banho pelos velhos, allumiada por um pôr do sol atravez das arvores, feita d'um só jacto sem correcção nem retoques, que é um dos milagres do colorido. A Dispersão do exercito de Sennacherib pelo anjo do Senhor, e a Conversão de S. Paulo, que são dois magnificos esboços. Um Christo expirando sobre a cruz que é d'uma expresão sublime. E uma encantadora Virgem no meio d'um grupo d'anjos.

Um Martyrio de S. Lourenço em uma grelha sobre um brazeiro ardente, é excellente, mas d'um tom avermelhado que parece ter sido por onde Jordaens moldou o tom para todas as suas producções.

Entre os quadros da historia profana sobresahem uma Caçada de leões e uma Caçada de javalis, em que os animaes são pintados por Sneyders, e os esboços da historia de Decio cujo original está na galeria de Lichtenstein.

Na historia mythologica sobresahem o Roubo das filhas de Leucippe, Phebe e Elaira, por Castor e Pollux, grupo magnifico pelo movimento e effeito; um Repouso de Diana e suas nymphas, espiadas em quanto dormem por um grupo de faunos, quadro menor, mas não menos excellente que o levado pelo mesmo Rubens a Carlos I e que se acha em Hampton-Court; Bacchantes rindo-se de Sileno bebado; Meleagro offerecendo a Atalanta a cabeça do javali de Calydonia, e sobre tudo um pequeno quadro com sete geniosinhos (denominado Sete pequenos triumphadores) levando uma comprida grinalda de flores e fructos, no qual um d'estes triumphadores, mais velhaco, vae durante o caminho depennando um cacho d'uvas que lhe pende sobre a testa: é illuminado por uma côr incomparavel, e uma das obras verdadeiramente notaveis d'este grande mestre, que sempre brilhou em anjos, genios ou pequenas figuras.

Em allegorias, além de dezoito magnificos esboços da collecção de Maria de Medicis cujos originaes existem no Louvre, notam-se ainda Minerva protegendo os homens das furias de Marte, Marte coroado pela Victoria, e um guerreiro que abraça o genio da gloria e calca aos pés o genio da embriaguez.

Em retratos, o seu proprio e o da primeira mu-

lher dando-se as mãos na sua edade mais viçosa; e outra vez o seu e o da segunda mulher passeando no jardim; outro da segunda mulher, a encantadora Helena, com muitas joias; e diversos outros dos reis e principes d'Hespanha, da Polonia e de outros muitos porsonagens.

Quanto a paizagens ha alli algumas que, sem serem muito importantes, provam a facilidade do auctor em tractar todos os assumptos.

O museu de Vienna possue quarenta e tres producções. Um lado da maior das salas é tomado por tres immensos quadros, uma Assumpção da Virgem no centro, e aos lados S. Ignacio de Loyola curando um possesso e S. Francisco Xavier prégando aos indios. Estas vastas telas, das quaes a do centro, que é a menor, terá 15 pés d'altura por 10 de largura, e a de S. Francisco, que é a maior, cêrca de 20 pés d'altura por 15 de largura, parecem dois quadros que Rubens fazia por uma especie de tarefa, levando em vista somente que tal quadro havia de ficar prompto em tantos dias, como aconteceu á grande Assumpção d'Anvers que, sendo egual ao maior d'estes tres, o aprompțou em 16 dias.

É muito mais notavel um quadro menor, em que o Bispo de Milão fecha as portas do templo ao imperador Theodosio. A figura do imperador parece pouco nobre, porque deveria levantar a cabeça com furor ou curval-a ante o santo Prelado, e pelo contrario fica-se rindo de modo aparvalhado; mas a figura de S. Ambrosio é uma das mais bellas, que o pincel de Rubens traçou, assim como é tambem notavel o menino do côro que o acompanha. Tem além d'este outros quadros importantes, como a Santa Familia, a Magdalena arrependida, e um Descimento da Cruz. Entre os quadros

mythologicos são notaveis nymphas surprehendidas a dormir por um pastor, um velho surprehendendo outra nympha adormecida, meninos nús brincando com o genio da innocencia, e uma festa de Venus em Cythera, admiravel pela côr, movimento e vida, e em que, além d'amores, nymphas e faunos dançando, o auctor pintou como epygramma damas do seu tempo e do seu paiz que levam offrendas á mais pagan das divindades.

Entre os retratos sobresahem o do imperador Maximiliano, o do duque de Borgonha Philippe o Bom (ambos fallecidos antes da epocha d'este artista, e o de sua segunda mulher a bella Helena; mas a sua obra-prima n'esta galeria e um dos grandes primores d'arte que deixou este grande mestre, é um vasto triptyco, tendo no centro a Apparição da Virgem a Santo Ildefonso, trazendo-lhe do ceo as vestes d'Arcebispo de Toledo, e aos lados os committentes, Alberto d'Austria ajoelhado ao pé de Santo Alberto Cardeal, e a princeza Clara sua mulher e filha de Filippe II d'Hespanha ajoelhada ao pé da abbadessa Santa Clara, ambos fazendo face a Santo Ildefonso em extase. Tanto do quadro como dos retratos dos lados póde dizer-se que nunca Rubens pintou com mais nobreza e verdade, nem com mais potencia e brilho. Vienna possue n'este quadro uma obra-prima como o Descimento da Cruz em Anvers e o Juizo final em Munich.

A galeria do principe Lichtenstein possue dezeseis quadros e diversos esboços, que enchem uma grande sala em fórma de galeria. Sobresahem entre elles uma serie de seis com a historia de Decio, em que as figuras são ao natural, e que é sem duvida das mais gloriosas producções de Rubens (principia a serie pela benção lançada ao Consul, que vae partir para a guer-

ra contra os latinos, e termina pelo triumpho, que Roma lhe concede depois da sua morte por occasião da mesma batalha). São tambem notaveis um optimo quadro com retratos de dois de seus filhos: um outro allegorico e mythologico em que parte dos personagens são retratos de sua familia: e uma grande Assumpção da Virgem, tendo na parte inferior da tela um excellente grupo.

O museu de Dresde conta trinta e tres quadros, dos quaes uns doze são retratos, o seu, o da sua bella Helena, Van-Dyck e outros discipulos, e sobre tudo seus dois filhos em um só quadro que é admiravel. Nos seus quadros historicos, vê-se um bom esboço do Juizo final de Munich; um Julgamento de *Páris* em figurinhas, em que este personagem, chamado por Minerva, Juno e Venus para decidir qual deve ter o premio, se decide em favor de Venus; um excellente Jardim d'amor, de que Madrid tem uma repetição egualmente boa; diversos outros quadros mythologicos, caçadas, etc.; e um famoso Neptuno pronunciando o *Quos ego!* de Virgilio, que, apezar d'estar muito damnificado, é uma das maravilhas que deixou o seu auctor: nada se póde ver mais vigoroso, mais potente e ao mesmo tempo mais pictoresco que a quadriga de seus cavallos marinhos, que parecem os proprios elementos enfurecidos. No entretanto fôra para desejar, que uma collecção como a de Dresde tivesse algum capi d'opera d'este artista, que tantos deixou, e que valesse ao menos os que possue a do principe Lichtenstein na sua serie de seis quadros com a historia do consul Decio, a do marquez de Westminster com a conversação criminosa de Ixion e Juno, e outras galerias particulares que não podem soffrer parallelo com o museu de Dresde.

O museu de Berlin é um dos mais pobres a respeito d'este mestre, que está alli indicado apenas em meia duzia de quadros triviaes.

O museu da Ermitage em S. Petersburgo tem o nome d'este mestre em cincoenta e quatro quadros, sobresahindo um Descimento da Cruz, e um outro representando os dois jovens Jesus e S. João, grupo encantador; algumas caçadas, paizagens, retratos, quadros mythologicos, e um grande quadro com quatorze figuras ao natural representando a ceia em casa de Simão o phariseu, onde se vê Magdalena prostrada aos pés de Christo, os quaes banha com suas lagrimas; quadro que é uma das grandes paginas d'este artista. Existe ainda em S. Petersburgo um quadro na galeria do conde Schremeteff, outro na galeria do conde Koucheleff, e tres na do principe Joussoupoff.

O museu de Haya possue quatro pinturas da sua maneira fina e delicada. Venus e o Amor em uma linda paizagem, o retrato d'um monge e os dois de suas mulheres.

O museu de Londres, com os seus oito ou dez quadros, está já soffrivelmente dotado, attendendo-se ao pouco tempo que tem de existencia; não sendo de estranhar que não tenha nenhuma das grandes paginas d'este mestre, já então dispersas por museus onde é impossivel adquiril-as. Notam-se alli: uma allegoria da paz e da guerra;—a praga das serpentes, quadro em que se vêem defeitos, mas tambem grandes merecimentos, como por exemplo: Moysés e Aarão são pouco dignos d'elogios; mas nos corpos dos egypcios agonisantes a quem as serpentes devoram, ha partes admiraveis: aqui Rubens assimilha-se a um grande escriptor que concebeu e executou sem reflexão e immediatamente uma grande obra, em que depois se encon-

tram paginas sublimes entre outras defeituosas;—dois ou tres quadros ligeiramente executados; — duas paizagens bem acabadas, e duas telas que se podem chamar excellentes, o Roubo das Sabinas, cujas damas são typos flamengos vestidas de sedas e adornadas com muitas joias, e um Julgamento de Páris concebido d'um modo especial, pois tres deusas são exactamente tres damas flamengas que elle provavelmente copiou do original, e cujas carnes rosadas parecem tam palpitantes, que formam um verdadeiro milagre do pincel.

A galeria de Hampton-Court tem um grande quadro, Diana e suas nymphas surprehendidas por satyros durante o somno, e uma Venus que elle copiou d'outra de Ticiano durante o tempo que esteve em Londres como embaixador de Filippe IV junto de Carlos I em 1629; copia que deu origem a um dicto curioso: em quanto a copiava, foi surprehendido por outro embaixador que lhe disse: «V. exc.ª tambem gosta de se divertir a pintar?—Ao contrario, para me divertir sou ás vezes embaixador», respondeu elle.

No palacio real, Buckingham-Palace vê-se uma admiravel paizagem historica, Pan e Syrinx, uma das melhores coisas d'este genero em composição e colorido.

A galeria particular do marquez de Westminster não tem menos de sete quadros: quatro são immensos, mas d'uma execução ligeira e por conseguinte pouco notaveis; uma Adoração dos Magos mais bem acabada; a Volta d'Agar, pequeno mas excellente, e um verdadeiro primor d'arte, a Conversação criminosa de Ixion com Juno a quem queria seduzir, cuja intriga é revelada a Venus pela Calumnia; e Venus, que se quer vingar de Juno, descobre os amores d'ella com Ixion a seu marido Jupiter, e surprehendem-n'os n'aquelle col-

loquio amoroso; esta obra é tam notavel como as de Anvers ou Munich.

A galeria do duque de Southerland tem apenas uma insignificante Sacra Familia. — A de Mr. Rogers uma curiosa paizagem.—A de Mr. Thomaz Baring uma Diana e uma excellente paizagem.

O museu de Florença tem tres quadros, sendo a batalha d'Ivry e a entrada de Henrique IV em Paris, dois grandes esboços. — Na sala chamada a tribuna, onde estão as obras-primas, é Rubens bem representado por uma vigorosa allegoria, Hercules entre Venus e Minerva, ou a força entre o vicio e a virtude. — Tem cinco quadros no palacio Pitti, consequencias da guerra, uma optima paizagem, Ulysses desembarcando na ilha dos Pheaceos, duas Santas Familias, uma das quaes é finamente acabada, e um precioso quadro com quatro retratos, sendo o d'elle, um seu irmão e dois outros.

No palacio Borghese, em Roma, tem uma Visitação; no Capitolio um quadro, Romulo e Remo.

No museu de Napoles vê-se um retrato d'um religioso, o qual é notavel porque, apezar de dominar n'elle a côr branca, mostra n'esta mesma côr uma força de colorido espantosa.

Na galeria do palacio Manfrin, em Veneza, está um bom quadro, Ceres e Bacho.

O museu de Turin tem uma tela mediocre representando a Santa Familia; um excellente retrato de homem desconhecido, e uma caçada de javalis; a academia da mesma cidade, um satyro.

O museu de Madrid, onde Rubens tem 62 quadros, é um dos museus da Europa mais bem dotados em todos os generos que elle cultivou, em cada um dos quaes se apreciam grandes paginas. Nos qua-

dros historicos nota-se a praga das serpentes, e, original ou repetição, é ainda superior ao da National Galery de Londres; nos mythologicos, Medêa furiosa apresentando a Jason a cabeça d'um de seus filhos que ella acaba de matar, e uma Andromeda que Perseu acaba de livrar das suas prisões, são duas obras-primas n'este genero, em que Rubens nunca se elevou mais; é rica uma allegoria a Filippe II, em que elle é representado a cavallo coroado pela Victoria, e outra allegoria de Fernando d'Austria, Maria de Medicis, archiduque Alberto e sua mulher a infanta Clara. Além d'estes quadros, todos de grandes dimensões, com figuras ao natural, é tambem notavel um pequeno quadro, o Jardim d'amor, de toques delicadissimos, lindissima composição, do qual se vê uma repetição no museu de Dresde.

Nos quadros da historia sagrada apresenta o museu de Madrid quatro paginas capitaes, ou como diriam em Napoles quatro verdadeiros *capi d'opera:* uma Virgem gloriosa adorada por um grupo de quinze santos: (é um pequeno quadro, cujos personagens não teem mais de doze pollegadas, mas que em merecimento é dos maiores que o seu pincel produziu, principalmente as figuras de S. Pedro, S. Paulo, S. Jorge, Magdalena e St.ª Thereza); outro quadro maior representando uma Santa Familia; uma immensa Adoração dos Magos, de excellente execução, preferivel á que se vê no museu d'Anvers por menos confusa e de mais nobreza; e sobre tudo a Coroação d'espinhos: Jesus é rodeado por cinco algozes, que lhe poem na cabeça a corôa ignominiosa e na mão a canna como sceptro infamante. Cheio de movimento e do prodigioso effeito de colorido, este quadro é uma das melhores de todas as obras de Rubens.

A academia de S. Fernando possue um quadro representando Hercules e Omphale no meio de doze damas, o qual serve de modêlo de força e de colorido.

O museu do Louvre tem quarenta e quatro quadros de Rubens, e apezar d'esse numero este grande mestre não está alli cabalmente representado como dizem alguns, asseverando outros que para bem o conhecer é preciso examinar esta collecção. É verdade que no tocante a allegorias nenhum museu lhe ganha, no entretanto para estudar profundamente Rubens é necessario visitar as principaes collecções d'Allemanha, e Anvers.

A allegoria de Maria de Medicis é uma serie de 21 grandes quadros, allusivos á historia d'esta rainha, e em que elle foi ajudado por seus discipulos Thulden, Egmont, Jordaens, Diepenbeck, Schut e Simão Vos. Os seus quadros mais notaveis são: Educação de Maria de Medicis; Henrique IV recebendo o retrato d'ella; seu casamento em Florença por procuração: seu desembarque em Marseille; nascimento de Luiz XIII; coroação de Maria de Medicis; apotheose de Henrique IV; governo da regente; felicidades da regencia, e a entrevista com seu filho. Deixando de parte a infidelidade d'esta historia, em que o lisongeiro pincel exalta as qualidades d'uma esposa que se fez odiar por seu marido, as da mãe detestada por seu filho, as d'uma rainha que o povo aborrecia, e as da regente que a França exilou, taes pinturas só podem ser encaradas como obra d'arte, e sob este ponto de vista principalmente as dez que ficam apontadas são bem executadas; mas ainda assim é uma obra capital olhada em globo, porque considerando qualquer dos quadros separadamente, Rubens foi muitas vezes mais magistral.

Em historia sagrada, em que elle tanto brilhou,

vêem-se alli a Religião Triumphante, o Propheta Elias no deserto, e sobre tudo uma Adoração dos Magos que, sendo a melhor, está longe de egualar a d'Anvers, a de Bruxellas, a do marquez de Westminster e outras do mesmo genero. — Em historia profana só tem Thomisis, rainha dos scythas, mandando mergulhar a cabeça de Cyro n'um vaso cheio de sangue; repetição um pouco variada, mas muito inferior, d'um quadro outr'ora da casa d'Orleans e hoje de lord Darnlay. — Em paizagens tem duas, das quaes uma é illuminada por um arco-iris, e embora excellentes em composição, não passam pelo seu acabado de dois magnificos esboços. — Em retratos pode-se dizer bem representado no Louvre com os dos parentes de Maria de Medicis, o do seu amigo o barão de Vicg, o de sua mulher a bella Helena e outros. Figura egualmente entre os retratos uma allegoria a Maria de Medicis, figurando de Minerva a cavallo, e levando na mão a estatua da victoria, em tanto que genios a coroam de louros: n'este quadro sim, conhece-se Rubens; esta é a sua obra-prima nas allegorias do Louvre, e egual ás melhores paginas d'este genero.

Fallando dos quadros da historia sagrada, apontamos os que conforme as obras em geral d'este mestre mais attrahem a attenção (os de grandes dimensões), deixando de proposito para o fim não só uma pequena Virgem gloriosa por terminar, mas excellente, senão tambem um quadrosinho com a fugida de Loth e sua familia, guiados por um anjo do Senhor, antes da destruição de Sodoma, que é tam raro pela pequenez como pela finura dos toques e por conseguinte grande em merecimento: é no Louvre obra-prima n'este genero, e entre as producções de Rubens uma grande pagina.

O museu de Bruxellas tem sete grandes telas d'este mestre, quatro das quaes não só são das de pacotilha que elle fazia para egrejas, mas o que é peor é a sua deslocação, pois similhantes a decorações de theatro, perdem inteiramente fóra do logar para que foram feitas (talvez alguma alta nave de egreja). As outras tres, sem estarem tam deslocadas, parece comtudo que aquelle ainda não é bem o seu logar, sendo feitas para mais alta collocação. As quatro primeiras são: Martyrio de S. Luvino, Adoração dos Magos, Estação de Christo e Christo no tumulo; e as tres restantes: uma Assumpção da Virgem d'uma composição menos feliz, mais ligeira e de côr mais deslavada que o geral das suas composições similhantes; outra tela que serve para *pendant* d'esta, sendo melhor em tudo —a Coroação da Virgem, onde principalmente os grupos d'anjos, são dignos do seu grande auctor; a outra não tem facil classificação, apezar de ser alli denominada S. Francisco salvando o mundo; é uma allegoria em que Rubens figurou Christo irritado pelos crimes da terra, symbolisados ao longe, e apezar das lagrimas de sua Mãe e das supplicas dos santos e dos anjos ia acabar com este mundo impio, que é figurado por um globo em que se enrosca uma enorme serpente; mas S. Francisco lançando-se sobre o mundo o preserva com o seu corpo dos raios da colera celeste. É uma allegoria de muito effeito, até exagerado, e o Christo é a reproducção exacta do Apollo do quadro — o Governo da rainha — na historia de Maria de Medicis. Seria um excellente quadro se com qualquer pequena mudança significasse algum assumpto mythologico.

Eis-nos em Anvers, patria de Rubens, e a herdeira mais feliz no espolio de seu filho ([1]), por causa dos

([1]) Como já dissemos, Rubens, apezar de ter nascido fortuitamente

grandes primores d'arte que, ao contrario de muitas outras cidades, não pagou a pezo d'ouro. O museu reune umas dezoito de suas producções, a metade das quaes são d'um acabado tam ligeiro ou d'um desenho e composição tam pouco reflectidos, que se podem sem injustiça classificar como obras de pacotilha, que elle tantas vezes fez para egrejas, como por exemplo: Educação da Virgem, Santa Thereza intercedendo pelas almas do purgatorio, e sobre tudo a SS. Trindade, onde se vê a Christo morto nos braços do Padre Eterno, estando o corpo de Christo tam desengraçado, e n'uma posição tam fóra do natural, que a perspectiva ou o escorço da pintura parece defeituoso.

Entre as suas obras-primas vê-se um immenso Calvario, talvez de vinte pés d'altura por quinze de largura, no qual as figuras colossaes, são de execução mais ligeira e fria, mas o grupo superior, Christo e os dois ladrões, são d'um effeito vigoroso, e em sentidos oppostos tres modêlos d'anatomia, principalmente Christo a quem Longuinhos está ferindo com a lança. A Adoração dos Magos é outra composição não menos vasta, vigorosa, brilhante, e de grande effeito, mas parece que existem alli figuras em demasiado numero, o que de algum modo embaraça a composição. A Communhão de S. Francisco é verdadeiramente capital: é uma composição egualmente vasta, em que S. Francisco agonisante está a bem dizer nú, rodeado por monges que o amparam e lhe ministram a communhão. Esta scena tem tanta magestade, e tanto esplendor o colorido, que se póde dizer que o seu auctor nunca se elevou mais. Existem ainda alli telas importantes, co-

em Colonia, ou segundo outros em Liegen (ducado de Nassau), é pelos desinteressados considerado filho d'Anvers.

mo um Christo na cruz, de toques finos e vigorosos, dois excellentes retratos, etc.

A egreja de S. Paulo tem uma Flagellação, representando Christo açoitado, scena vigorosa e de maravilhoso colorido; mas no corpo de Christo, ainda que é um modêlo de perfeição, seria para desejar que, a par d'aquella resignação evangelica, se observasse uma expressão mais celeste e menos similhança a um soldado que é passado pelas armas.

A egreja de S. Thiago encerra o seu tumulo, o seu retrato e uma das suas obras mais preciosas em uma capellinha por traz do côro. O quadro que agora nos occupa, collocado no altar d'esta capellinha e sob o nome d'uma Sacra Familia, reune todos os retratos da familia do pintor em numero de oito. S. Jorge o guerreiro é o proprio Rubens, S. Jeronymo é seu pae, a figura que symbolisa o tempo é seu avô, o anjo é seu filho mais novo, a Virgem é m.[lle] Lunden, que lhe serviu por vezes de typo e que é conhecida em outra producção com o nome de Dama do chapeu de palha; Martha e Magdalena são as suas duas mulheres, e S. João seu filho mais velho. É um quadro magnifico, d'uma composição simples mas engenhosa, d'uma côr incomparavel, d'um effeito surprehendente e perfeita conservação; e embora digam que elle o principiou e terminou em dezesete dias, é uma de suas obras mais admiraveis.

Na egreja de Nossa Senhora ou cathedral é que existe a sua obra mais primorosa, que descreveremos por fim. No segundo altar á direita do côro está um triptyco de pequenas dimensões, tendo no centro a Resurreição e aos lados S. João Baptista e Santa Catharina, o qual triptyco se recommenda pela correcção de desenho que Rubens descurava muitas vezes. Vê-se alli

tambem um retrato do célebre typographo João Moretos, cujo tumulo lá se acha. No altar-mór vê-se uma grande Assumpção da Virgem com cêrca de trinta personagens, que (não é acreditavel) dizem terminara em dezeseis dias, e pela qual, como avaliava o seu pincel em cem florins por dia, se contentara com mil e seiscentos florins (cêrca de 650$000 reis). Deixando de parte o tempo que lhe levou a concluil-a, vamos occupar-nos da sua apreciação. A Virgem é d'esta vez mais que uma loura e rosada flamenga, e os grupos d'anjos que a rodeam mais que gordos e bochechudos meninos. Esta composição é do estylo mais nobre que o seu auctor praticou n'este genero, e d'um colorido deslumbrante, sem comtudo egualar a Assumpção de Ticiano na academia de Veneza, que lhe excede em sublimidade e vigor.

Em uma das grandes naves da egreja vê-se um immenso Calvario em fórma de triptyco: no centro está Christo entre os dois ladrões, a um lado vê-se um centurião fazendo prender ás cruzes os tres que querem acabar de martyrisar, e do outro lado um grupo de discipulos e de santas mulheres presenciando; esta composição é importantissima, sobresahindo principalmente na parte central o corpo de Christo que é de grande belleza, e bem assim no grupo da esquerda onde estão os discipulos a figura d'uma velha, que se vê no meio.

Fronteiro a este, na nave opposta, está outro grande triptyco das mesmas dimensões, com o Descimento da Cruz, tido pela perola das obras-primas de Rubens. A sua collocação é desvantajosa para se gozar á vontade esta maravilha d'arte: não lhe dando a luz de maneira a abranger-se o todo d'um só lance de vista, é forçado o visitante a examinal-o por partes, cujo con-

juncto vae ganhando á medida que se contempla. O centro tem o assumpto que lhe dá o nome, e aos lados a Apresentação da Virgem e a Apresentação de Jesus no templo. É a scena mais sublime que se póde imaginar em assumpto tam elevado, e o trabalho mais reflectido e mais bem acabado do seu auctor. Que serena sabedoria no meio d'uma scena tam animada e tam energica! E d'esta vez tanta nobreza como fogo e arrebatamento. Em fim toda a composição se recommenda pela mais perfeita unidade. Tudo se move em volta d'aquelle centro, o corpo de Christo, adoravel de perfeição, cheio de morbidez, bem pesado, bem languido, tam morto que não parece annunciar a proxima resurreição senão por uma magestade, por uma dignidade que só tem um nome: magestade divina. S. João, de manto vermelho com que firmeza segura aquelle corpo que os companheiros vão arreando da cruz! A Virgem parece extatica de tam absorvida por aquella dôr profunda; e a Magdalena parece augmentar de belleza com a torrente de lagrimas e a acção de soluçar. Estes tres ultimos e uma santa formam um grupo surprehendente aos pés da cruz. O todo do panno do centro contém nove figuras ao natural: Christo que vem a meio, onde de cada lado d'uma escada d'abrir dois homens o recebem d'outros dois que, no topo da escada, debruçados sobre cada um dos braços da cruz, o vão arreando, os quatro que já descrevemos junto da cruz, á frente dos quaes S. João fórma com os braços uma especie de cadeira onde o vão assentando, e os pés tocam já em Magdalena que de joelhos os segura abraçando-os, sendo ainda um dos braços alcançado por um dos homens do topo.

Em Portugal podemos apenas apontar uma producção d'este grande mestre, que felizmente é d'aquel-

las que ennobrecem o seu auctor: esta preciosidade representa a resurreição de Christo, e vê-se no côro da egreja das Mercês, em Lisboa.

Deveriam seguir Van-Dyck e Jordaens para não separar os discipulos queridos e mais distinctos de tam illustre mestre: no entretanto a ordem das datas obriga-nos a deixal-os até que chegue a sua vez.

Sneyders (Francisco), 1579—1657. Contemporaneo e collaborador de Rubens em algumas obras em que Sneyders lhe vinha fazer as paizagens, flores e sobre tudo animaes, e n'outras em que Rubens lhe ia fazer as figuras humanas. Em caçadas, ou em motivos em que tivesse de pintar animaes, nunca ninguem excedeu Sneyders em pintura de natureza morta, como por exemplo um guarda-comida cheio de legumes, fructas e animaes mortos, que um rato, gato ou cão espia.

Está muito bem representado no museu de Munich, assim como no de Vienna, onde entre diversos outros quadros elle brilha por Daniel na cova dos leões e por um Paraiso; e na galeria do principe Esterhazy por uma caçada de javalis. No museu de Dresde existem alguns quadros em que elle collaborou com Rubens, como por exemplo uma especie de despensa, em que Rubens se retratou e a sua segunda mulher em trajos de cozinheiros, mas a parte principal é de Sneyders. Os museus de Berlin, de S. Petersburgo, da Haya, de Bruxellas, de Madrid e outros muitos, orgulham-se com este nome.

Craeyer (Gaspar), 1585—1669. Se bem que discipulo de Coxcie, deixou-se dominar tanto pelo estylo de Rubens, que parece seu discipulo directo; mas alliando a energia de Rubens ao gosto italiano do seu

primeiro mestre, conservou sempre um estylo proprio que o torna mais apreciado.

O museu de Munich possue uma Virgem gloriosa com grande numero de adoradores, que é das suas paginas mais estimaveis. Em Vienna ha outra composição menos importante sobre o mesmo assumpto. O museu de Rotterdam possue um excellente Descimento da Cruz. A egreja de Nossa Senhora em Bruges tem uma Adoração dos Magos. O museu d'Anvers possue algumas producções, e a egreja de S. Paulo da mesma cidade uma mui notavel allegoria a S. Domingos, que supporta parallelo com as do seu contemporaneo o grande Rubens. Onde porém melhor se aprecia é no museu de Bruxellas, no qual tem treze producções. Sobresahem entre ellas a Pesca milagrosa de S. Pedro, a Assumpção de Santa Catharina, e sobre tudo um Christo morto adorado pelo cavalleiro Donglebert e sua mulher, em cuja obra elle é egual a Rubens.

Poelenburgh (Cornelio), 1586 — 1660. Foi eminente na pintura anecdotica. As suas producções são sempre paizagens animadas por scenas ou grupos, como Diana no meio de suas nymphas, Minerva no meio das musas, scenas de banhos em que quasi exclusivamente empregava figuras de mulheres e rarissimas vezes de homens, e a bem dizer sempre em fina miniatura. Em suas paizagens teve algumas vezes pretenções ao estylo historico e religioso. No seu genero, que cultivou na Italia, nenhum dos contemporaneos o egualou, a não ser Gerard Dow.

Munich possue tres estimaveis quadros; Vienna uma paizagem historica, Annunciação da Virgem: S. Gabriel falla do alto das nuvens rodeado d'um côro d'anjos, que lançam flores sobre Maria. A galeria do

principe Lichtenstein possue entre outros um admiravel Moysés salvo das aguas; a do conde Czernin um Banho d'amazonas. O museu de Dresde possue Diana com suas nymphas, Minerva com as musas, etc. O de Berlin possue um dos quadros de maiores dimensões, com seis palmos por lado, representando o Pastor fido, e outro que não tem seis pollegadas por lado representando Magdalena e S. Lourenço. Na galeria do conde Alexandre Koucheleff existe uma das suas obras capitaes, a Adoração dos Magos. O Louvre possue alguns quadros dos de maiores dimensões, que não são os melhores, e com esses alguns pequenos mas excellentes, como as Ruinas romanas, as Banhistas e sobre tudo a Sahida do banho, encantadora miniatura.

Honthorst (Gerard), 1592 — 1662. Foi célebre nos effeitos de luz artificial, isto é, nas scenas nocturnas allumiadas por luzes.

O museu de Munich tem quatro quadros: a Cêa do filho prodigo entre raparigas de vida alegre, Ceres transformando em lagarto o filho de Becuba, Simão e Pera, e a Soltura de S. Pedro, que elle faz allumiar pelas lanternas de soldados; o de Vienna, Christo ante Pilatos, excellente pagina; a galeria do principe Lichtenstein, uma grande Adoração dos pastores; o museu de Dresde, tres excellentes paginas, duas Velhas com uma vela, um Dentista operando de noite, e sobre tudo Moysés salvo das aguas e apresentado a Thermutis no seu berço, scena que d'esta vez é allumiada pelos ardentes raios do sol do Egypto; mas tal é o habito, que os mesmos raios do sol vindos do alto fazem o effeito d'um pharol artificial collocado no firmamento. Berlin tem um bom quadro; a galeria do duque de Southerland em Londres, um excellente Christo ante Caiphás; Florença, a Adoração

do Presepio, curiosa porque toda a luz sae do Menino Jesus no centro; o palacio Borghese, Loth e suas filhas; o museu de Turin, um Sansão preso pelos philisteus; os dois museus de Madrid, diversos quadros; o Louvre, varias producções do afamado pintor da noite, pois era raro que os seus motivos não fossem scenas passadas de noite, para ter occasião de applicar a luz artificial, sua especialidade; e no entanto o Louvre reuniu, entre seis quadros, dois cujas scenas são em pleno dia, o que os torna mais apreciaveis: as scenas de noite são Pilatos lavando as mãos da morte do Justo, um Concerto de cinco musicos, e uma Tocadora de cithara; e as em pleno dia são a Marcha triumphal de Sileno, perfeitamente animada, alegre e bem executada, e dois retratos de dois principes bavaros a quem ensinou desenho, e que por serem retratos são duplamente raros.

Jordaens (Jacques), 1593 — 1678. Foi com Van-Dyck o melhor discipulo de Rubens, sendo ao mesmo tempo seu continuador como mestre. Teve merecimento bastante para tornar-se notavel na epocha e no logar em que vivia o grande Rubens. Abjurou a religião catholica romana para abraçar a protestante, e levado talvez pelo enthusiasmo quiz pintar allegoricamente Luthero castigando a religião que deixara, figurando Christo expellindo os vendilhões do templo; quadro que representa melhor uma scena de comedia do que Luthero sob a figura de Christo e os seus contendores sob a de vendilhões. Além d'este tem no museu do Louvre quatro Evangelistas, que mais parecem caricaturas. Do mesmo modo ridicularisou um respeitavel almirante hollandez, Miguel Ruyter, vencedor das esquadras d'Argel, da Suecia, d'Inglaterra e de França em differentes batalhas, além d'outros no mesmo gosto

em differentes galerias que muito o deslustram, pois é claro que quem tentar envilecer assumptos nobres somente envilece a si proprio. Mas deixando de parte um defeito que nada tem com a habilidade artistica, passemos a encaral-o pelo lado da importancia que teve na arte. O seu pincel tinha um vigor, um brilho e algumas vezes uma delicadeza pasmosa; a côr porém é algumas vezes exageradamente forte, como imitando o reflexo d'uma fornalha ardente. Tinha muita graça em scenas vulgares, algumas das quaes eram impagaveis, como por exemplo Jupiter e Mercurio ceando em casa de Philemon e Baucis, similhante a uma fabula de Lafontaine; a Festa dos Reis, onde um grupo de bebedores sauda o rei da fava, ou outras composições similhantes, em que então quadra perfeitamente o tom avermelhado do quadro com os rostos envinagranados das figuras, em fim ficará bem caracterisado dizendo-se que é o pincel de Caravagio e a côr mais avermelhada que empregou Rubens (como por exemplo no Martyrio de S. Lourenço no museu de Munich).

Jordaens tem dois excellentes quadros no museu de Munich: um d'elles é o ultimo que mencionamos, a Festa dos Reis, em que folgasãos convivas bebem á saude do rei da fava, e o outro é a fabula do Satyro censurando ao camponez o soprar do mesmo modo com o frio que com o calor; este ultimo principalmente é muito notavel por uma certa extravagancia graciosa e pelo grotesco de bom gosto, admittindo ambas as composições o tom avermelhado que lhe é habitual. O museu de Vienna tem outros dois quadros, a Festa dos Reis e um Gabinete de amador de curiosidades, o primeiro dos quaes é excellente e superior talvez ao de Munich. A galeria do principe Lichtenstein possue um Sileno; a do principe Esterhazy a fabula do Satyro com

o camponez. O museu de Dresde possue cinco quadros, sendo engraçado um que se denomina Boda de familia, no qual um pequeno a exemplo do chefe se excede como elle e põe em pratica um proverbio hollandez; «Assim como canta o gallo, cantará o franguito:» o de Berlin possue uma repetição do proverbio hollandez e um Sileno bebedo sustentado por um satyro e um Fauno; o de S. Petersburgo, dez quadros, entre os quaes são preferiveis a fabula do Satyro, um grupo de retratos da familia de Rubens, uma grande paizagem com Argos dormindo, e a Prégação e o milagre de S. Paulo em Lystres: estes dois ultimos são da sua maneira mais energica, e apezar de pouca nobreza nos typos e da côr carregada, o ultimo foi a principio attribuido ao proprio Rubens pelo vigor da execução; a galeria do conde Scheremeteff possue uma Atalanta á caça do javali Calydon.

O museu de Madrid tem meia duzia de quadros, cujos assumptos estão em desacordo com a côr exageradamente carregada. O museu do Louvre possue uns oito quadros entre elles Christo expellindo os vendilhões do templo, os quatro Evangelistas e o retrato do almirante hollandez Miguel Ruyter, que são outros tantos sarcasmos pouco dignos d'um homem que se presa, conforme dissemos no principio d'este artigo; mas a Festa dos Reis e a Boda de familia ou o proverbio hollandez, repetições d'outros em differentes museus, são de merecimento. O museu de Milão tem o sacrificio d'Abrahão; o de Londres, uma Sacra Familia de côr muito exagerada; o de Haya, uma de suas obras-primas, Venus seguida por bacchantes; o de Rotterdam, outro excellente quadro, a Educação de Jupiter, que sem injustiça se podia attribuir a Rubens; o d'Anvers, seis quadros pouco notaveis, á excepção d'uma Cêa,

denominada a Cêa de Christo, talvez a que o artista deu quando abjurou a religião, que é um verdadeiro sarcasmo, mas de extraordinario vigor de execução, ainda que sem nobreza d'estylo.

As suas principaes obras-primas são dois quadros no museu de Bruxellas: o Milagre de S. Martinho curando um possesso, grande tela com talvez uma duzia de personagens ao natural, e ainda que o tom inflammado é exagerado, o vigor e a composição o tornam muito recommendavel; a outra tela é o Outono, quadro admiravel, por isso mesmo que d'esta vez empregou uma côr que, sem perder nada do seu brilho e vigor, é sem exageração: a paizagem, os fructos, os actores da scena, sobre tudo um satyro que leva ás costas um pequeno fauno, e bem assim uma das nymphas, são d'um effeito prodigioso; é um admiravel quadro allegorico, e a sua pagina mais gloriosa.

VAN-DYCK (Antonio), 1599 — 1641. O emulo de Rubens, o seu melhor discipulo, unico que depois do mestre viu inscrever o seu nome em grandes caracteres na academia de S. Lucas em Anvers, Van-Dyck em fim é com Rembrandt quem termina e corôa o seculo dos pintores chamados «grandes flamengos.» Foi relativamente tam fecundo como Rubens, porque as suas producções conhecidas serão na proporção da metade, como o foi a sua vida d'artista. Como pintor de historia ficou longe do mestre, mas como retratista não cede aos melhores, Rubens, Ticiano, Velasques, Rembrandt, Holbein, etc.

O museu de Munich conta quarenta e uma de suas obras. Em historia sagrada são notaveis uma Virgem cheia de nobreza segurando Jesus, que está de pé sobre uma meza e do qual se aproxima respeitosamente um pequeno S. João; dois Martyrios de S. Sebastião,

tres repetições de Christo morto nos joelhos de sua divina Mãe (assumpto designado pelo nome de Piedade); uma encantadora Susana no banho, que se admira mesmo a par da obra-prima de Rubens n'aquelle museu; uma Virgem tendo Jesus dormindo no collo, tam admiravel pela graça e candura como a primeira pela nobreza; um Christo morto sobre a cruz de expressão sublime e effeito prodigioso. Quanto a retratos, entre os muitos que alli tem, sobresahem o d'um burgo-mestre d'Anvers e o de sua mulher, ambos ricamente vestidos de preto que só os avaliará quem conhecer as outras obras-primas de Van-Dyck, o retrato da condessa d'Oxford e o do conde de Bristol no museu de Madrid, o de Gevartius no museu de Londres, o de Scaglia no museu d'Anvers, e os de Wallenstein e da princeza de Tour-e-Taxis na galeria Lichtenstein em Vienna. Estes retratos são de tam maravilhosa perfeição, que se consideram não só obras-primas do seu auctor, mas obras-primas de toda a pintura. Não ha no mundo das artes senão Raphael, Ticiano, Holbein, Velasquez, Rembrandt e Rubens que tenham n'este genero obras similhantes, sem que nenhum d'elles as excedesse. Existem alli além dos dois retratos acima mencionados muitos outros excellentes de personagens diversos, e bem assim a victoria de Henrique IV sobre o duque de Mayenne em Ivry, etc.

O museu de Vienna tem vinte e quatro quadros. Entre os de historia sagrada sobresae uma visão do monge Hermann Joseph, que recebe de joelhos, sustentado por um anjo, o annel que lhe envia a Virgem em signal de casamento mystico. Pelo que toca a retratos, tem muitos e excellentes de diversos personagens, como reis, principes e pessoas notaveis. A galeria do principe Lichtenstein possue outros vinte e quatro, sen-

do notavel entre os de historia sagrada um Christo morto com um grupo de sete personagens. Os retratos são todos excellentes, mas o de Wallenstein, duque de Friedland, e o da princeza Tour-e-Taxis, admiraveis obras-primas de que se faz menção no principio d'este artigo, são verdadeiras maravilhas da arte. A galeria Esterhazy tem uma bella Magdalena; a do conde Czernin, dois excellentes retratos.

O museu de Dresde possue dezenove telas. Entre as d'historia sacra notam-se um S. Jeronymo ajoelhado ao pé do leão, e uma Virgem; e como historia mythologica é excellente, e talvez a melhor das suas composições n'este genero, uma Danae deitada, recebendo a chuva de peças d'ouro que um amor verifica em uma pedra de toque. Com respeito a retratos, em que principalmente elle sobresahiu, vêem-se alli muitos e excellentes: o de Carlos I d'Inglaterra, sua mulher e filhos, o de João Thomaz Parker, chamado o Mathusalem escossez, pintado na edade de 151 annos (um anno antes de morrer): e os d'outros muitos personagens, todos dignos da sua grande reputação.

O museu de Berlin tem cêrca de vinte quadros, entre os quaes uns oito historicos, sobresahindo o Filho prodigo, uma Virgem entre os tres arrependidos, o rei David e Magdalena, e um Christo morto chorado por um anjo. Em retratos é sempre distincto como se vê nas reproducções de Carlos I de Inglaterra e toda a sua familia, no da infanta D. Clara d'Hespanha, no do principe de Carignan e em muitos outros.

A galeria de Francfort tem um retrato de homem desconhecido, em meio corpo, d'uma perfeição tal, que se lhe juntassem um nome historico seria rival das outras suas maravilhas nos museus de Munich, d'Anvers,

de Madrid e nas galerias de Londres e do principe Lichtenstein em Vienna.

O museu da Ermitage em S. Petersburgo reune nada menos de quarenta quadros que lhe são attribuidos, alguns dos quaes offerecem alguma duvida, como por exemplo a figura allegorica da Vaidade, que parece antes de Filippe Van-Dyck, nascido dezenove annos depois da morte d'Antonio Van-Dyck, e uma copia da Cêa em casa de Simão o phariseu que parece antes de Jordaens. N'este grande numero contam-se tambem alguns esboços e estudos de pouco merecimento. Nos quadros historicos nota-se de preferencia uma Sacra Familia, conhecida pela Virgem das perdizes, tam grande pelo estylo como pela execução maravilhosa; bella pagina cheia de candura e santidade que adornava a galeria de sir Robert Walpole, a qual a imperatriz Catharina II adquiriu inteira. Admiram-se egualmente um S. Sebastião soccorrido por dois anjos, e um quadro mythologico, a morte d'Adonis chorada amargamente por Venus e pelo Amor, excellente composição que supporta o confronto com a Partida de Adonis, pelo seu mestre Rubens, que lhe está proximo. Em retratos leva a Ermitage vantagem ao geral dos museus, porque quasi todos são do fim da sua vida e sua melhor epocha, quando elle habitava Londres: mais que nenhuma outra galeria tem aqui pessoas notaveis, pois são pela maior parte reis, principes, generaes ou grandes heroes, vendo-se telas verdadeiramente capitaes, principalmente o retrato do ministro da fazenda d'Hespanha nos Paizes Baixos, um tal Van der Wuwer, que é tam notavel como as maravilhas apontadas em Londres, Anvers, Madrid, Vienna, etc.

Champagne (Filippe de), 1602 — 1674. Embora flamengo d'origem, pertence á eschola franceza, não

só pela sua longa residencia em Paris, mas principalmente pelo estylo, como se vê do seu quadro «Adão e Eva chorando a morte d'Abel» no museu de Vienna, que mais parece uma das deslavadas producções de Lebrun; do mesmo modo se lhe assimilha nos seus quadros historicos do museu do Louvre, Bruxellas, etc. É porém reputado eminente retratista, como se observa do quadro chamado «As duas religiosas de Porto-Real no museu do Louvre, e d'um retrato na galeria do duque de Southerland em Londres.

Rembrandt (Paulo—Van Ryn), 1606—1669. Honra suprema da Hollanda, é grande em Amsterdam, como Raphael em Roma, Velasques em Madrid ou Rubens em Anvers. Filho d'um moleiro, foi analphabeto toda a sua vida, e mesmo em pintura quasi que não teve mestre, porque, descontente dos estylos de todos, creou desde o principio um estylo inteiramente seu. Rembrandt marca o ponto supremo a que se elevou a eschola do seu paiz depois da reforma protestante, desligando-se do ideal do christianismo para lançar-se no puro naturalismo. Desprezou as tradições da fé, o sentimento da poesia, o respeito do antigo e o culto do bello; mas em compensação fez da realidade uma especie de visão sobrenatural, e mostrou na energica reproducção das fórmas e na combinação dos tons e dos planos uma nova arte com a sua poesia especial: ou por outra, soube achar um novo ideal na profundeza do pensamento e na feliz combinação dos contrastes da luz e das sombras, fazendo apparecer a verdadeira belleza na simples verdade.

Pelo abandono das tradições da fé e do respeito pelo antigo, os seus quadros d'historia sacra são muito defeituosos, e não obstante grande numero de opiniões concordam com Mr. Paulo Delaroche quando diz: «Rem-

brandt, apezar dos seus enormes defeitos, é talvez o melhor pintor do mundo». Para não nos alongarmos demasiado, noticiaremos as suas obras, analysando simplesmente as mais notaveis.

Toda a Italia apenas possue uns quatro retratos, divididos pelos museus de Napoles, Florença, Turin e palacio Manfrin de Veneza; o museu d'Hespanha um unico, mas excellente retrato d'uma dama; o do Louvre treze producções, sendo oito retratos e cinco quadros historicos. D'estes ultimos dois são pequenissimos; um representa dois philosophos em meditação, e outro a officina e a familia d'um marceneiro, que provavelmente elle denominaria uma Sacra Familia, e cujas figurinhas terão 3 a 4 pollegadas: estes quadrosinhos teem tanto de pequenos como de admiraveis, e são os que n'este museu podem dar ideia do mestre. A National Galery de Londres tem cinco retratos, e dois pequenos quadros em figurinhas representando a Mulher adultera e uma Adoração dos pastores, tam excellentes que são a honra d'aquella galeria. A do marquez de Westminster possue quatro excellentes retratos; o palacio real de Buckingham tres quadros historicos e tres admiraveis retratos; o palacio de lord Ashburton dois quadros; o palacio do conde Ellesmere tres retratos e um estudo; o palacio de Hampton-Court o retrato d'um rabbino; o palacio de Dulwich (hoje collegio), ao pé do palacio de crystal, um quadro historico e um retrato; o palacio de Windsor alguns retratos na sala do conselho.

Fóra d'Allemanha é o museu de S. Petersburgo o que reuniu maior numero de producções d'este mestre, alli representado por 43 quadros em todos os generos, paizagens, marinhas, retratos e quadros historicos, sacros e profanos. Entre os retratos, os de sua mãe e de

sua mulher são maravilhosos; e entre os quadros historicos, um mythologico—Danae—reputa-se não só uma grande pagina do mestre, mas a perola d'este museu: sobre uma cama em frente da estatua do Amor (d'ouro macisso), descobre a filha d'Acrisio todas as suas nudezas, na occasião em que uma velha creada abre as cortinas da alcova para dar entrada a Jupiter, que vem disfarçado em chuva d'ouro. Nada mais exquisito que esta figura grotesca d'uma wallona tam pouco attrahente, symbolisando uma deusa; mas tambem nada mais extraordinario em luz, transparencia, relevo, vida e illusão, podendo-se traduzir em duas palavras: horrivel natureza, arte incomparavel! — A galeria particular do conde Alexandre Koucheleff possue uma soberba marinha.

O museu de quadros de Cassel, ultimamente exposto ao publico, offerece nada menos que 28 quadros, entre os quaes são mais notaveis a Benção de Jacob e o retrato da primeira mulher de Rembrandt. O museu de Vienna possue 10 retratos, entre os quaes o do pintor e o de sua mãe são admiraveis. A galeria particular do conde Czernin possue tres quadros; a do principe Esterhazy dois quadros, um dos quaes é não só uma das paginas capitaes do mestre, como tambem de toda a pintura existente: o *Ecce Homo*. N'este quadro, se bem que Rembrandt se afaste dos seus contemporaneos, não apresentando o Homem-Deus como o typo da humana belleza, apresenta-o como o symbolo da humildade e paciencia, e, talvez por casualidade, d'acordo com o que prégava S. Cyrillo no seculo IV da nossa era, — que Christo nascera pobre e humilde a todos os respeitos. O quadro representa ao natural o momento em que Pilatos, lavando as mãos, entrega Jesus quasi nú, coroado de espinhos e com

uma canna por sceptro, tendo á esquerda um grupo de soldados que o insultam, e povo que o chasqueia. Aqui comprehende-se uma scena conscienciosamente executada por quem era opposto a toda a pompa religiosa, ou por outra, por quem comprehendia o Evangelho á maneira simples da edade media e não á maneira faustosa e quasi pagan da renascença. Se n'esta pintura o personagem principal tivesse tanta nobreza quanto movimento, brilho e verdade teem todos elles, seria o milagre da arte, seria a obra principal de toda a pintura existente. Não obstante, Rembrandt, fazendo do seu Deus o symbolo da humildade ou o Deus das humanas miserias, e de Pilatos o instrumento cobarde d'uma plebe delirante, obriga o espectador a concordar em que esta terrivel verdade vale bem todas as magnificencias da arte italiana.

O museu de Dresde possue uns 20 quadros entre os quaes sobresae Ganimedes arrebatado pela aguia, onde o pintor, em vez do seductor joven filho do rei de Troia, figurou um rapazola wallon de 6 annos, debatendo-se para escapar á aguia que o leva agarrado pela grossa camisa: n'este quadro o grotesco é curioso e a execução admiravel. O museu de Berlin possue oito quadros, dos quaes um, que representa o duque Adolpho de Gueldre ameaçando seu velho pae n'uma prisão onde o tem encerrado, é digno do mestre. O museu de Munich tem uns doze ou quatorze quadros, sendo seis composições sacras de pequenas dimensões e o resto retratos. Entre as primeiras acha-se uma das suas obras-primas: é um Descimento da Cruz que terá $4^1/_2$ palmos d'altura por $3^1/_2$ de largura. Como as composições analogas de Raphael, Ticiano, Rubens, etc., ella revela as mesmas disposições piedosas na sua generalidade. É egualmente o corpo de

Christo sendo desprendido da cruz por José d'Arimathea e seus companheiros; é tambem a Virgem desfallecida nos braços de Magdalena e de S. João; mas tudo isto apenas pelo titulo do quadro; a não haver a cruz para explicar o assumpto, ninguem reconheceria o Homem-Deus, sua divina Mãe, seu discipulo muito amado e Magdalena n'aquelles grossos e pesados personagens vestidos á wallon, n'aquelles rostos grotescos de narizes rombudos, olhos pequenos e redondos e bôccas rasgadas, em que o pintor parece ter reproduzido de proposito o seu proprio retrato como typo da humana belleza. Á vista d'este quadro, o primeiro pensamento do espectador seria o de consideral-o uma pintura ironica, se antes de toda a reflexão não estivesse como que magnetisado pela verdade das posições, dos gestos e da expressão, pela magnificencia da côr e sobre tudo pela vida em alguns dos personagens d'este drama evangelico, de sorte que difficilmente lhe restará outro sentimento que não seja o do enthusiasmo. Mr. Ch. Blanc, ao examinar a luz que do alto reflecte sobre o corpo de Christo, exclama: «Quem poderá deixar de interessar-se por uma scena, pela qual o proprio ceo se interessa?» Entre os retratos, o d'um velho n'uma poltrona e de bengala na mão é outra obra verdadeiramente capital.

O museu de Bruxellas possue um unico retrato, mos esse excellente. No museu de Rotterdam existe o retrato d'um feio e indigente embarcadiço, mas admiravel na execução e verdade. No museu de Haya encontram-se cinco quadros que se dizem do seu principio, sendo dois retratos de mancebos finamente terminados, Susana surprehendida no banho (em figurinhas), d'um desenho pouco nobre, porém d'uma execução prodigiosa, uma Apresentação no templo (em tamanho

reduzido), em que sobre tudo a luz é admiravel, e uma das suas paginas mais extraordinarias, a *Lição d'anatomia*. É a dissecação de um cadaver pelo medico Tulp diante de sete assistentes. N'esta scena toda natural, sem que o auctor precisasse recorrer a tradicções nem a idealismos, acha-se Rembrandt no seu verdadeiro terreno, ou d'acordo com o plano que talvez tivesse traçado ao seu proceder. A acção é simples, e o auctor, grupando aqui estes retratos, conseguiu sem esforço sensibilisar o espectador pelo motivo da composição e pelo emprego da luz. É verdadeiramente admiravel, como diz Mr. Maxime du Camp: «É um quadro europeu, universal, eterno! pois viverá tradicionalmente quando mesmo tenha de ser destruido, por ser uma das rarissimas coisas que teem sahido das mãos do homem absolutamente perfeitas».

Terminaremos pelo museu d'Amsterdam, onde este mestre tem duas paginas egualmente extraordinarias: uma é a Corporação dos negociantes de pannos ouvindo ler a acta d'uma sessão, cuja leitura é interrompida como se entrasse alguem que ainda se não vê, e esta especie de surpreza dá uma animação aos seis personagens do grupo d'uma naturalidade inexprimivel; a outra pagina é a célebre *Guarda civica* ou Ronda da noite, que geralmente reputam a perola das suas producções, e na qual entram 21 figuras de tamanho ao natural, armadas de lanças, espadas, arcabuzes, alabardas, um joven com uma bandeira, outro com um tambor, um gaiato saltando, e uma mulher no meio d'elles, trajando quasi todos paletots e chapeos d'aba larga com plumas, ou capacetes, e formando um todo da mais completa liberdade d'acção e attitudes. Este quadro representa um pelotão dos que libertaram a patria do jugo hespanhol, e Rembrandt, achando-se

como na Lição d'anatomia no seu verdadeiro terreno, sem precisar do ideal, deu a esta scena natural a sua poesia particular na luz com que a allumiou, que sem ser a do sol, a da lua e menos ainda a dos archotes, é pura e simplesmente a luz de Rembrandt, a luz da liberdade que elle sentia e reproduziu em seus compatriotas. Em logar de, como muitos, classificarmos a Rembrandt como um dos pintores mais naturalistas, o classificaremos de primeiro magico, sendo a luz a sua magia; e como o seu quadro *Ecce Homo* da galeria do principe Esterhazy reune ao extraordinario da execução um que d'incomprehensivel bondade na figura do Homem-Deus, e em toda a scena uma tremenda lição á humanidade, o preferimos para, relacionando as principaes maravilhas da pintura, nomear indistinctamente qualquer dos nomes seguintes, exceptuando Raphael por onde deve principiar sempre a lista:

A Transfiguração, o Spazimo e as Madonas de Raphael.

A Cêa de Leonardo de Vinci.
O Juizo final de Miguel Angelo.
A Natividade de Corregio.
A Assumpção de Ticiano.
O Descimento da Cruz de Rubens.
O Ecce Homo de Rembrandt.
As Meninas de Velasques.
Os Extases de Murillo.
O S. Marcos de Tintureto.
O S. Jeronymo de Dominichino.
O Diluvio de Poussin.

Depois de Rembrandt seguem-se os seus discipulos immediatos, que sustentaram a arte á mesma altu-

ra, entrando n'elles Diepenbeck por causa das datas, não obstante ter sido discipulo de Rubens

Witoors ou Fytor (João), 1600 — 1670, foi discipulo de Rembrandt apezar de ser mais velho, e foi distincto pintor d'historia, como se póde avaliar dos seus quadros no museu de Dresde e n'outras galerias.

Coyp (Alberto), 1605 — 1672. Egualmente discipulo de Rembrandt; pintava com muita facilidade em todos os generos, e á excepção do seu mestre, excedeu a todos os outros hollandezes na luz que dava ás suas marinhas.

Diepenbeck (Abrahão), 1607—1675. Foi discipulo de Rubens, a quem sempre imitou.

Bool (Fernand), 1611—1681. Este e Gerard Dow foram os melhores discipulos de Rembrandt, a quem por diversas vezes egualam como se póde ver de seus quadros em todos os generos no museu de Dresde e Amsterdam, e em quasi todas as principaes galerias da Europa.

Dow (Gerard), 1613 — 1680. Excedeu talvez o mestre no genero anecdotico, que executava com uma paciencia e cuidado incrivel; e as suas pinturas ganharam reputação tal em vida do auctor que o principe Eugenio de Saboia lhe deu 30,000 florins pela denominada Mulher hydropica que hoje existe no Louvre, onde a sua collecção é de onze producções. Foi o chefe dos pintores do seu genero, como se vê do quadro que especialisamos em Paris, uma Dama ao toucador nos 16 de Munich, uma Menina colhendo um cacho d'uvas nos 16 de Dresde, e outras muitas obras-primas nas diversas galerias da Europa.

Flinck (Govaert) 1616 — 1660. Um dos discipulos de Rembrandt mais energico em todos os gene-

ros. São sobre tudo notaveis dois quadros historicos no museu de Berlin, e uma Guarda Civica no d'Amsterdam.

Como aconteceu em Italia que, depois de Raphael, Miguel Angelo e seus discipulos directos, nenhum outro artista conseguiu brilhar em pintura historica ou allegorica d'alto estylo, assim na Allemanha, depois de Rubens, Rembrandt e seus discipulos immediatos, só houve (ainda que em grande numero) artistas que apenas sobresahiram em sua especialidade na pintura chamada de genero, e são por esse motivo denominados «os pequenos flamengos.»

Pequenos flamengos.

São já incluidos n'esta classificação os tres Breughel, o pae que morreu em 1600 e que, sendo bom paizagista, era conhecido por Breughel o Jovial, João Breughel ou Breughel de Velludo, eminente paizagista historico, fallecido em 1625, e Pedro Breughel ou Breughel do Inferno por causa das suas pinturas d'incendios, morto em 1642.

Os dois Brill, Paulo morto em 1626, e Matheus, irmão do precedente, ambos bons paizagistas.

Os tres Neefs, o pae (1570 — 1651 e dois filhos, todos tres bons pintores d'interiores de edificios.

Wynants (João), 1606 — 1677, bom paizagista, e mais célebre por ser o mestre de Wouwermans e Van der Velde.

Lievens (João), 1607 — 1663, bom retratista.

Terburgo (Geraldo), 1608 — 1681, muito eminente em scenas anecdoticas, como por exemplo, no museu de Munich uma cabana com uma familia de

camponezes, no meio dos quaes está uma dama da alta sociedade recebendo disfarçadamente uma carta d'um corneta. Os seus quadros mais preciosos vêem-se nos museus de Haya, Dresde, Berlin, S. Petersburgo, na galeria do conde Czernin em Vienna, e este de que fallamos em Munich.

Brauwer ou Brouwer (Adriano), 1608—1640, foi pintor de scenas grotescas, como por exemplo um medico d'aldêa fazendo gritar um doente a quem cura uma ferida, no museu de Munich.

Zachtleeven (Hermano) 1609 — 1685, pintor de vistas e paizagens.

Both (João), 1610 — 1656, paizagista no estylo italiano.

Van Ostade (Adriano), 1610 — 1685, e seu irmão Isaac, 1617 — 1654, allemães, mas que são reputados flamengos pelo genero e pelo estylo. Adriano foi appellidado o pequeno Rembrandt pelo vigor que dava ao seu genero de pinturas, scenas populares ou de costumes, como o Mestre d'eschola, quadro admiravel entre os da sua collecção no Louvre. Isaac foi menos célebre nos do mesmo genero, mas em compensação foi mais notavel nas suas paizagens d'inverno, vistas de neve, etc.

Tenniers (David), 1610 — 1694, filho d'outro pintor do mesmo genero e d'egual nome. O novo ganhou grande celebridade e fortuna pintando no genero anecdotico scenas grotescas ou familiares, sempre engraçadas. Foi fecundissimo. Os museus de Madrid, Vienna e Munich recolheram a parte mais importante de suas obras. Nos dois primeiros brilha pelo quadro reproduzindo em miniatura uma collecção de pinturas, que foi encarregado de comprar para o governador dos Paizes Baixos: e em todos tres por scenas de banquetes casa-

mentos e festas d'aldêa, feiras, tentações de St.º Antonio, etc.

LAAR O BAMBOCHA (Pedro), 1613 — 1675, foi pintor de scenas populares engraçadas no genero d'Ostade, e encontros de caçadores como Wouwermans, campos de batalha depois da acção, onde larapios despojam os mortos, etc.

VAN ARTOIS (Jacques), 1613 — 1665, foi paizagista pouco vigoroso.

VAN DER HELEST (Bartholomeu), 1613—1670, eminente retratista.

METZU (Gabriel) 1615—1658, eminente pintor do genero anecdotico como Gerard Dow.

WATERLOO (Antonio), 1619—1679, paizagista.

WOUWERMANS (Philippe), 1620 — 1668, eminente em caçadas, combates e paizagens.

SWANEVELT (Hermano), 1620—1690, paizagista no genero de Claudio de Lorrain.

PYNAKER (Adão), 1621—1673, pintor de paizagens e de vistas.

BERGHEM (Nicolau), 1624—1683, pintor de paizagens animadas de figuras.

POTTER (Paulo), 1625 — 1654, eminente pintor de scenas em que entram animaes, como por exemplo um quadro na galeria do palacio real de Buckingham em Londres, que representa a desordem seguinte: um rapazinho arrebata a uma cadella dois cachorrinhos; ella furiosa persegue-o e morde-o; o menino grita e foge espavorido; um gallo espanta-se e esvoaça, e pelas grades das portas da estribaria vêem-se as cabeças dos cavallos como que admirados, e uma vacca e carneiros, que pastam, tomam parte no conflicto pela attenção que lhe prestam e completam esta scena, que é a obra capital de seu auctor.

Fyt (João), 1625 — 1671, tambem eminente em paizagens com animaes.

Hobbema (Minderhout), 1629 — 1670, eminente e estimadissimo paizagista, talvez egual a Jacques Ruysdael.

Backuysen (Nicolau), 1632 — 1693, discipulo de Rembrandt, foi excellente pintor de scenas familiares de salão, bem como estimavel retratista.

Moucheron (Frederico), 1633 — 1686, paizagista.

Van de Velde (Guilherme), 1633 — 1707, excellente pintor de marinhas; e seu irmão *Adriano Van de Velde*, 1639 — 1679, eminente pintor de paizagens com animaes.

Miers (Francisco), 1635 — 1681, foi digno discipulo de Gerard Dow, a quem quasi egualou em pinturas do mesmo genero, e que foi seguido por seu filho *Guilherme*, 1662—1747.

Steen (João), 1636—1689, pintor de scenas jocosas de Familia e costumes populares, como — o Casamento d'aldeia, Uma briga de camponezes, etc.

Hondekoter (Melchior), 1636 — 1695, pintor de pateos com aves, brigas de aves, como—O corvo tirando as pennas a um pavão, etc.

Van Hooghe (Pedro), 1636—..., pintor de costumes e de scenas populares em interiores de casas rusticas.

Van der Heyden (João), 1637—1712, foi insigne em pintar praças com arvores e edificios, no que mostrou uma paciencia e fidelidade incriveis.

Ruysdael (Jacques), 1637—1681, o melhor paizagista das escholas do norte, discipulo de seu irmão Salomão, pintor do mesmo genero.

Decker (Conrado), 1637 — 1680, paizagista imitador do precedente, e como elle estimadissimo.

Netscher (Gaspar) 1639 — 1684, pintor no genero de Gerard Dow e Terburgo, a quem por vezes egualou.

Mignon ou Minjon (Abrahão), 1639—1679, pintor de flores e fructos.

Dujardim (Karel), 1640—1678, pintor de diversos generos, sobresahindo em paizagens com animaes ou com costumes populares.

Van Stingelandt (Pedro), 1640 — 1691, pintor no genero de Gerard Dow, de quem foi discipulo eminente.

Van Schalken (Godofredo), 1643 — 1706, foi célebre pintor no genero e com o acabado de Gerard Dow, de quem foi eminente discipulo, mas brilhando pela luz facticia, isto é, em scenas nocturnas allumiadas de luz artificial, como Honthorst, com quem rivalisou n'este ponto.

Weenix (João), 1644—1719, pintor de paizagens com aves, animaes de caça, etc.

Millet (Francisco), 1664—1680, paizagista.

Van Hugtenburgh (João), 1646 — 1733, imitador de Wouwermans.

Huysmans (Cornelio), 1648—1722, paizagista.

Van der Werff (Adriano), 1659—1722, foi pintor em todos os generos, mas o paciente acabado de suas obras o fez brilhar de preferencia no genero anecdotico que pouco cultivou, preferindo-lhe a pintura historica, que acanhava com seus toques minuciosos.

Depois d'estes ha apenas dois nomes não flamengos, mas dignos d'especial menção.

Denner (Balthasar), 1685--1747, natural de Hamburgo, que excedeu com o minucioso modo de acabar os seus retratos, (sempre bustos de velhos rugosos),

a todos os seus antecessores, pelo que se tornou mais original que nenhum outro.

Menz (Antonio Raphael), 1728—1779, natural da Bohemia, estudou em Dresde o desenho, e em Roma nos modêlos antigos, tornando-se o mais notavel pintor do seu tempo. Era um artista cuidadoso e reflexivo, de desenho severo, que fez reapparecer a arte das grandes epochas nas suas pinturas, requestadas em todas as côrtes da Europa. Raphael Menz não só era correcto, mas tambem nobre em estylo, dando a suas producções vigor d'expressão, belleza ideal e execução com encanto; somente a delicadeza por demais estudada faz lembrar as primeiras lições que recebeu como pintor de miniaturas sobre esmalte, tornando-se sempre timido.

A Hespanha, onde este pintor passou grande parte da sua vida, herdou as obras mais importantes. No museu de Madrid existem entre outras uma grande Natividade, o *Noli me tangere* (apparição de Jesus a Magdalena), um Descimento da Cruz, uma Annunciação, uma Santa Familia, a Oração no Horto, um St.º Antonio de Padua, etc., e diversos retratos.

Menz era diametralmente opposto a Giordano: quanto este tinha de precipitado e irreflectido, tinha Menz de moderado e pensador.

Apoz elle só appareceram na Allemanha dois nomes mediocres, *Frederico Owerbeck* e *Angelica Hauffmann*, até que agora as escholas de Dusseldorf, Berlin, Munich e outras, teem tido illustrações a respeito das quaes a critica não póde ainda ser imparcial; por isso limitar-nos-emos a citar alguns dos nomes mais considerados: Kaulbach, Cornelius, Shorn, Hensel, Schadow, Begas, Achenbach, Frisch, Silk, Lessing, etc., na Allemanha; Villems, Stevans, Clays, e Cesar de Cock na

Belgica; os paizagistas Koeckoek, Kobel e Mayer, os anecdoticos Israel e Tadêma e Arycheffer, hollandezes.

Além dos nomes descriptos desde meiados do seculo XIV até nossos dias, existiram muitos outros nomes que na historia da arte se reputam secundarios, por serem meros imitadores mais ou menos felizes; taes foram os pintores seguintes, pela maior parte bohemios.

Bartholomeu Spranger (1564—1608), que imitou habilmente Ticiano, Tintureto e Miguel Angelo.

José Heinz (1565 — 1609), que imitou habilmente Raphael.

Adão Elzheimer (1574—1620), que, estudando em Roma, imitou depois os flamengos.

Joaquim Von Sandrart (1606 — 1688), que estudou em Veneza e foi imitador de Ticiano, Rubens e Van-Dyck.

Philippe Offenbach (fallecido em 1640), que imitou os italianos sem escolha de modêlo.

João Henrique Schoenfeldt (1609 — 1675), que imitou Pedro de Cortona.

José Werner (1637 — 1710), que imitou os antigos allemães, como Durer e Wolghemouth.

João Kien (fallecido em 1700), que imitou Jacques Courtois.

Pedro Strudel (1648 — 1714), que imitou Van-Dyck.

Tobias Pack, que viveu por 1662 e imitou os flamengos.

Franz Werner Tamm (1658 — 1724), que imitou João Fyt.

Othmar Elliger (1666 1732), que imitou Gerard Dow.

João Kupctzky (1667 — 1740), mais original que

seus contemporaneos, querendo dar tanto vigor aos retratos, que fez d'elles quasi relevo.

Augusto Querfurt (1696 — 1761), que imitou Wouwermans.

Christiano Seibold (1697—1768), que imitou Balthasar Denner.

Ignacio Stern (1698 — 1746), que imitou desengraçadamente os italianos.

João Jacob Hartmann, que viveu por 1716 e imitou com felicidade a Breughel de Velludo.

Franz Christovão Janneck (1703 — 1761), que imitou Savery, discipulo de Paulo Brill; e emfim

Christiano Guilherme Dietrich (1712 — 1774), que imitou os mestres de todas as escholas e foi um dos imitadores de mais merecimento, principalmente quando copiava Rembrandt.



Escholas hespanholas

Em Hespanha, do mesmo modo que em França e em Portugal, a pintura não remonta a eras tam remotas como na Italia, que já em 1210 tinha um Cimabue, nem como na Allemanha onde, em Praga, formou o imperador Carlos IV, em 1348, uma confraria de pintores da qual figuraram como principaes membros tres mestres ainda hoje conhecidos por suas obras. Deixando de parte disformes ensaios, revelação ainda indefinida da arte, a pintura nos tres primeiros paizes não principiou verdadeiramente senão com o seculo XV.

O pouco que em Hespanha se conhece de Rodrigo Esteban em 1290 e de Fernan Gonzales antes de 1400, não merece que d'elle nos occupemos. São de 1418, tres annos depois da chegada do florentino Gerardo Starnina a Castella, os primeiros traços dignos de menção e com os quaes João Alfon deixou assignalado o seu nome nos retabulos das capellas do «Sacrario» e dos «Reis novos» na cathedral de Toledo.

Poucos annos depois veio de Italia o florentino Dello, pintor de moveis, e de Flandres mestre Rogel, os quaes no reinado de D. João II de Castella deram principio a essa communhão das artes, que melhor do que as lettras unem as nações em estreito laço.

Em 1450, João Sanches de Castro fundava em Sevilha a primeira eschola, e mais tarde, antes de expirar o ultimo quartel d'esse seculo, Jorge Inglez, Antonio del Rincon, o velho Berruguete, Alonso Sanches, Luiz de Medina e Gallegos, que, talvez sem o ter conhecido, imitava Alberto Durer, davam á pintura uma feição mais pronunciada.

Todos estes ensaios, porém, não representavam mais do que a arte na sua infancia. A pintura era meramente gothica ou esculptural, ou para melhor nos fazermos comprehender, tinha por limite apenas a reproducção de figuras esguias, e hirtas como columnas, isoladas ou symetricamente dispostas, mas sem formar grupos, sem composição nem desenho anatomico, sem perspectiva nem claro-escuro.

A eterna gloria da Italia é que a sua eschola, se não foi a mãe, foi pelo menos a mestra de todas as outras. D'esta verdade, que resulta da comparação das escholas dos differentes paizes entre si, offerece-nos um frisante exemplo a historia da pintura em Hespanha.

Carlos V submettendo, em principios do seculo XVI, uma das peninsulas á outra e reunindo debaixo do mesmo sceptro Madrid, Napoles e Anvers, incendiou a faisca do enthusiasmo pelas maravilhas que encerrava a Italia, e esta tornou-se então mais rica para os apaixonados da arte, do que o Perú e o Mexico para as hordas de aventureiros, que a ambição de outras riquezas attrahia ás suas plagas.

Nomeando apenas os mais notaveis dos que n'essa epocha foram á Italia enriquecer-se de conhecimentos, apontarei Alonso Berruguete, Correa, Liano, Gaspar Becerra, Navarrete, Vicente Juan de Juanes, e Ribalta, Herman Yanez, Pablo Esquarte, Theodosio Mingot, Pedro de Raxis, Luiz de Vargas, Pedro de Villegas-Marmolejo e Pedro de Cespedes, os quaes regressaram á sua patria trazendo o gosto e o conhecimento de uma arte, cujos mestres tinham estudado, imitado e quasi egualado. Ao mesmo tempo varios estrangeiros, taes como Pedro de Champagne (Pedro Campana), Isaac de Helle, Greco, Lupicine, Antonio Moor, Patricio Caxesi, Peregrino Tibaldi, Rizi, Castello e os dous irmãos Carducci, attrahidos pelas liberalidades dos reis, dos prelados e dos nobres, completavam a obra d'estes aperfeiçoamentos.

Fundaram-se então em Hespanha quasi simultaneamente muitas escholas, sendo as principaes as de Valença, Toledo, Sevilha e Madrid, as primeiras das quaes se fundiram depois nas duas ultimas. Á frente das de Sevilha figuraram Luiz de Vargas, Vilegas-Marmolejo e Pedro Campana, todos tres discipulos de Italia. Aperfeiçoada com os exemplos de Juan de Juanes, esta eschola eleva-se e floresce com Juan de las Ruelas, Castillos, Herrera o velho, Pacheco e Pedro de Moya, e emfim attinge toda a sua força e esplendor e produz

as obras-primas da arte hespanhola com Velasques, Alonso Cano, Zurbaran e a final Murillo que a resume e a representa.

A de Madrid passa pelas mesmas phases. A Berruguete e Becerra, que lhe lançam os fundamentos, reune-se o Mudo, e todos tres discipulos de Italia, secundados pelo flamengo Antonio Moro e mais tarde pelos Castello, pelos Caxés, Carducci e Rizi, todos italianos, formam n'ella Sanches Coelho, Pantoja de la Cruz, Pereda e Collantes. Velasquez introduz-lhe o estylo andaluz e d'esta mistura fórma Pareja, Carreño e Cereso, e por fim Claudio Coelho com a morte do qual, occorrida pouco depois da chegada de Lucca Giordano, acaba a importante serie de artistas que illustraram a Hespanha.

Conhecida assim a historia summaria da pintura hespanhola, resta-me fazer uma resenha dos seus mestres mais distinctos, bem como das obras mais notaveis que deixaram. É o que passarei a fazer em seguida, observando n'este resumido esboço a ordem chronologica.

Berruguete (Alonzo)—Nasceu por cêrca de 1480. Desde 1503 até 1520 estudou em Italia. Foi bom pintor e architecto, e excellente esculptor. Cultivou com grande successo a pintura em Madrid antes mesmo de alli ser a capital. Foi com Becerra o fundador da eschola d'aquella cidade, que tam importante e fecunda se tornou, e é talvez um dos homens a quem a arte mais deve em Hespanha. Os trabalhos de esculptura que deixou são admiraveis, como se vê das cadeiras do côro na sala do capitulo na cathedral de Toledo, principalmente a do arcebispo, em que se representa a Transfiguração. Todos estes primores de arte são executados em marmore. Na pintura, que elle cul-

tivou quasi exclusivamente em retabulos de altares, deixou comprovada a sua correcção de desenho e sciencia anatomica.

Vargas (Luiz de) — O mais antigo dos pintores andaluzes, teve este distincto artista a gloria de ser o implantador da pintura a oleo na sua patria. Nascido em Sevilha no anno de 1502, foi aperfeiçoar-se na Italia, segundo o seu estylo leva a crer, com Perino del Vaga. Suppõe-se que alli passou muitos annos, porque o primeiro quadro authentico que d'elle se conhece é uma «Natividade» na cathedral da sua cidade natal, assignada e datada de 1555. Ninguem melhor do que elle conhecia a sciencia dos contornos, da perspectiva, da expressão e graça nas attitudes. Se fosse tam eminente na applicação da luz, bem como no colorido, seria o melhor pintor d'Hespanha. Morreu em 1568. A cathedral de Sevilha possue os quadros que d'elle restam.

Morales (Luiz de) — Este artista, que floresceu de 1509 a 1586, era, segundo se julga, natural de Badajoz. Alguns dizem-o discipulo de Pedro Campana, mas não ha noticia exacta nem do seu nascimento nem da sua educação. Deixou muitos quadros de pequenas dimensões sobre cobre e sobre madeira, geralmente simples, e algumas composições importantes, como seis quadros que ornam a egreja de uma freguezia chamada Higuera de Fregenal, na Extremadura. Estes quadros representam a Paixão, e os personagens são de corpo inteiro. Em algumas egrejas de Badajoz, como na cathedral e nas de Santo Agostinho e da Conceição, e no museu de Madrid, se podem observar as obras que restam de um pintor, que na sua epocha foi appellidado *Divino*.

Becerra (Gaspar) — Natural de Baeza, floresceu

de 1520 a 1570 e illustrou-se como pintor e esculptor. Estudou em Italia, e como o seu amigo Berruguete, foi melhor esculptor que pintor. Bermudez affirma que em esculptura ninguem o egualou em Hespanha. A sua obra-prima é talvez uma Senhora da Soledade, que existe no convento dos padres minimos em Madrid. Granada e Astorga possuem producções d'este grande mestre.

Sanches Coelho (Affonso) — Nasceu por 1520 e morreu em 1590. Os hespanhoes dizem-o nacional e os portuguezes revindicam para o seu paiz egual honra. Foi pintor de D. João III e mais tarde, recommendado pela viuva d'este rei a Filippe II, foi nomeado pintor da côrte e tornou-se o amigo favorito do monarcha hespanhol. É singular que até hoje ninguem tenha podido descobrir o lugar do nascimento de homem tam illustre e tam favorecido da fortuna. Palomino affirma que elle foi tido muito tempo por portuguez. Egual nacionalidade lhe confere Ticiano, e Carducci o denomina lusitano. A crença de que elle é hespanhol pode ter origem no facto da nobilitação de seu neto D. Antonio Herrera que, achando-se embaraçado na filiação, foi entroncar-se em uma familia da aldeia de Benyfeiro, na provincia de Valença, chamada Sanches Galvan Coello. Como quer que seja, o que se sabe de positivo é que foi pintor muitissimo estimado, particularmente de Filippe II, que o distinguiu com favores pouco vulgares. Dois incendios fizeram perder as suas melhores producções, as quaes enriqueciam o palacio do Pardo e o antigo Alcaçar de Madrid. Estas obras consistiam quasi todas em retratos, genero de pintura que Sanches Coelho especialmente cultivou. A egreja do Escurial possue felizmente sete sublimes quadros seus em varios altares; e a de S. Jeronymo em

Madrid um S. Sebastião, no grande estylo do seculo XVI.

JOANES (Juan de)—Nascido em Valença por 1523, segundo se suppõe, e tendo feito a sua educação artistica em Roma, morreu na aldeia de Bocairente em 1579, deixando obras que lhe dão inquestionavel direito a um lugar eminente na pintura hespanhola. Querem alguns que o seu verdadeiro nome fosse Vicente Juan Macip, provindo-lhe aquelle por que é conhecido talvez do costume, commum a muitos outros, de assignar os seus quadros em latim «Joanes», do que ficaria sendo appellidado, primeiro pelos seus condiscipulos ou pelo vulgo, e depois geralmente, «Juan de Joanes».

É por elle que principia a serie de mestres da eschola de Sevilha, cuja lista é fechada por Murillo. Esta circumstancia torna-o duplamente célebre. O seu estylo é o de Raphael, fazendo suppor que aprendera com Julio Romano ou Perino del Vaga, discipulos do grande mestre.

De volta de Italia estabeleceu-se em Valença, em cuja cathedral se conservam os cartões, em que fez os desenhos de uns tapetes, que S. Thomaz de Villa Nova mandou tecer em Flandres.

Possue o museu de Madrid dezoito quadros d'este mestre, a quem os hespanhoes devem sem duvida mais que a nenhum outro, porque mais que ninguem contribuiu para que a pintura da sua patria tomasse um caracter especial, cujo estylo se elevou mais tarde até um ponto em que nenhum outro o excedeu. São admirados sobre tudo entre as obras d'este artista um nobre e tocante Ecce Homo, uma Visitação de Santa Izabel, um Christo com a Cruz, imitação de Raphael, sem ser copia, e uma grande e admiravel Cêa, que em alguns

pontos supporta o parallelo com a de Leonardo de Vinci, tendo a vantagem de se achar perfeitamente conservada. Além d'isto tornam-se ainda notaveis seis outros quadros representando a vida de Santo Estevão, e principalmente os tres ultimos da serie em que a figura de S. Paulo, primeiro impetuoso de raiva, depois tocado da fé, bem como a figura de Santo Estevão, mais animado pelos reflexos gloriosos do que sob a impressão resignada do seu martyrio, são pinturas que não temem comparação com nenhumas outras, no que respeita a nobreza e profundeza de expressão.

El Mudo (Juan Hernandez Navarrete)—Nasceu em Logroño em 1526 e morreu em Toledo em 1579. A historia d'este artista offerece uma prova convincente do irresistivel e poderoso influxo de uma verdadeira vocação. Aos tres annos uma enfermidade lhe tirou a falla e o ouvir. Tal era, porém, o talento que, mesmo privado dos meios de communicação, revelou desde creança, divertindo-se a fazer desenhos a carvão pelas paredes, que seu pae se resolveu a procurar-lhe mestre. Depois de ter estudado por algum tempo com um frade do convento de S. Jeronymo, proximo a Toledo, o qual cultivava a pintura, seguiu para Italia, onde se tornou discipulo assiduo de Ticiano. A sua permanencia em differentes cidades de Italia foi de vinte annos approximadamente. Nomeado pintor de Filippe II em 1568, foi um dos que primeiro trabalharam na decoração do Escurial. O apreço de que gozou elevou-o a ponto de lhe chamarem o Ticiano hespanhol. Infelizmente as suas melhores telas desappareceram em um incendio e o museu de Madrid só possue uma de pequenas dimensões que elle pintou em Roma, e que representa o Baptismo de Christo.

Cespedes (Pablo de) — Nasceu em Cordova em

1538 e morreu em 1608. Foi não só pintor distincto, mas tambem célebre antiquario e poeta. Pertenceu tambem ao numero dos que estudaram em Italia, onde permaneceu muito tempo, e deixou bons frescos em diversas egrejas. Em Hespanha, somente Cordova e Sevilha possuem producções d'este mestre, e Madrid apenas tem uma Assumpção na academia de S. Fernando. A mais vasta das suas obras é uma Cêa que orna uma capella da cathedral de Cordova. Esta pintura torna-se muito notavel pela composição, pela expressão das cabeças e santa affeição dos apostolos, pela belleza angelica de Christo, e pelo aspecto de sordida perfidia dos judeus.

El Greco (Domenico Theotocopuli) — Diz-se que nascera na Grecia, sem se saber, porém, nem o lugar, nem a epocha certa do seu nascimento. O que é verdade, é que estudou em Italia, e que em 1577 habitava em Toledo, onde pintou o melhor dos seus quadros, a Divisão dos vestidos de Jesus, para a sachristia da cathedral. Deixou diversas obras em Toledo e no Escurial para onde Filippe II o attrahiu. Estas obras provam quanto era eminente na architectura, na esculptura e na pintura, se bem que n'esta ultima arte, com quanto mostrasse maestria se tornou extravagante pela diversidade de estylo, que adoptava. O seu quadro na cathedral de Toledo é uma obra magistral. O museu nacional em Madrid possue d'este mestre uma Ascensão em estylo byzarro, mas pallido e pouco engraçado, e um S. Bernardo de uma côr mais agradavel. Morreu em Toledo em 1625. Deixou excellentes discipulos, sendo o mais notavel d'elles Luiz Tristan.

Las Roelas (Juan de) — Nasceu em Sevilha em

1559 e morreu em 1625. Estudou na Italia e passa por excellente colorista no estylo veneziano. Conego da collegiada de Olivares, cultivava a arte ao mesmo tempo que cumpria as obrigações da sua prebenda. Desde 1607 a 1624, porém, habitando ora Sevilha ora Madrid, entregou-se exclusivamente aos seus trabalhos de artista. Requereu o lugar de pintor d'el-rei, mas com infeliz exito, porque apezar de apontado em primeiro lugar soffreu o desgosto de se ver preferido por outro. Depois de residir por alguns annos em Madrid, voltou a Sevilha e d'ahi a Olivares, onde morreu.

As suas principaes producções existem na cathedral de Sevilha, sendo as mais notaveis um retabulo no altar de Santo Isidro, representando a morte d'este arcebispo, e um S. Thiago soccorrendo christãos na batalha de Clavijo.

O primeiro d'estes quadros, repetidas vezes copiado, é de um effeito extraordinario. Divide-se em duas partes inteiramente distinctas. No alto apparece Jesus e sua Mãe, em thronos de nuvens, rodeados de um côro de anjos e cherubins, uns tocando, outros lançando flores sobre a scena, que fórma a segunda parte.

Esta representa o interior de um templo. No meio do pavimento de marmore, Santo Isidro, com a fronte pendida, erguidas as mãos e os olhos fitos no ceo, como que já avista os esplendores beatificos ao seio dos quaes o seu espirito está por momentos a voar. Um grupo de diaconos amparando-o com respeito, e outro de clerigos rodeando-o consternados, completam esta scena repassada de religiosa tristeza.

É uma excellente composição cheia de grandeza e de magestosa simplicidade.

Las Roelas deixou tambem excellentes discipulos, entre elles Zurbaran.

Ribalta (os dous, velho e novo) — Francisco Ribalta, o velho, nasceu em Castelon de la Plana, em Valença, por 1550, e morreu na sua patria em 1628. Como o antecedente estudou em Italia, sendo os Carraches os que teve por mestres. De volta a Hespanha teve alguns discipulos, sendo o mais distincto seu filho Juan Ribalta, cujas obras se confundem com as suas, e que tendo nascido em 1597 só sobreviveu alguns mezes a seu pai. Os dous formam com Juan de Joanes, fundador da eschola valenciana, e com Ribera e os dous Espinosas, a serie de artistas d'aquella eschola dignos de ser mencionados. Espinosa filho, fallecido em 1680, marcou-lhe o termo, fundindo-se depois da sua morte a eschola de Valença nas de Sevilha e Madrid.

No museu d'El-Rei em Madrid existem quatro quadros dos dous Ribaltas: os Evangelistas em duas telas, um Christo morto sustentado por anjos, e um S. Francisco de Assis.

O seu estylo é nobre, teem bellas attitudes e revelam conhecimentos anatomicos. Nota-se porém entre os dous, que o filho tinha toques mais delicados.

Existem em Valença muitos quadros d'estes mestres.

Pacheco (Francisco) — Nascido em Sevilha por 1571 e fallecido em 1654, tornou-se célebre mais como mestre do que como auctor. É reputado grande pintor por causa dos seus escriptos e dos discipulos que formou, entre elles Velasquez.

Carducci (Vicenzo)—1571 a 1638. Embora filho de Florença é incluido entre os pintores hespanhoes por ter vindo na edade de sete annos para Madrid, onde aprendeu e continuou a eschola illustrada por seu

irmão mais velho Bartholomeu Carducci. Foi fecundo em obras estimaveis, e deixou discipulos distinctos.

O museu nacional d'aquella cidade recolheu a melhor parte de suas producções, que é uma serie de 55 quadros com a vida de S. Bruno, os quaes havia pintado para o convento del Polar.

Los Herrera (Francisco o velho e seus filhos Herrera el rubio, e Herrera el mozo) — Todos tres de Sevilha, o primeiro nasceu em 1576 e morreu em 1656; o segundo, que dava grandes esperanças, morreu muito novo, no principio do seculo XVII; o terceiro nasceu em 1622 e morreu em 1685.

O velho dotado de extraordinaria facilidade, foi fecundissimo e talvez por essa razão as suas obras nem sempre eram acabadas com a perfeição que lhe proporcionavam os seus grandes conhecimentos. O seu estylo era bolonhez, assemelhando-o a Caravaggio e a Ribera.

Uma das suas obras principaes, ou talvez a melhor é um Juizo final, vasta composição, existente na egreja de S. Bernardo em Sevilha, pela qual se vê que elle possuia todas as qualidades de um grande artista.

Quanto a Herrera o moço, abandonando seu pae, a quem já imitava, foi para Roma, quando a arte alli se achava em decadencia, e obteve ser louvado como pintor de flores, fructas e peixes.

Tristan (Luiz) — Nasceu nos arrabaldes de Toledo pelos annos de 1586 e morreu na mesma cidade em 1640. Foi o discipulo querido de Greco, a quem elle encarregava dos trabalhos, que não podia terminar, ou de que não podia incumbir-se. Tristan procurou desde o principio aproveitar as boas qualidades de seu mestre, evitando os defeitos, no que mostrou um gran-

de tacto. Em 1616 pintou n'aquella cidade os quadros da capella-mór da egreja de Yepes, que passam pelo que elle deixou de melhor. São uma Natividade, uma Adoração dos Magos, um Christo preso á columna, um Christo com a cruz, uma Resurreição e uma Ascensão. A cathedral e quasi todas as egrejas de Toledo tambem possuem producções d'este mestre. Foi elle tão estimado, que tendo Velasquez principiado a estudar com Herrera e depois com Pacheco, deixou este ultimo para aprender com Tristan. As suas obras reunem uma perfeita correcção de desenho, clareza e vigor nas concepções, colorido cheio de encanto, e sobre tudo uma admiravel delicadeza nas tintas.

Ribera (Joseph) 1588—1656. Nasceu em S. Filippe, perto de Valença, e é vulgarmente conhecido pelo cognome de Spagnoleto. Com poucos rudimentos da arte, aprendidos sob a direcção de Francisco Ribalta, fugiu a seus paes e foi para Roma estudar. Alli mendigava para poder viver, e formava o seu peculio de artista estudando nos frescos dos palacios. Recolhido por um cardeal que se condoeu da sua miseria, viveu algum tempo sob o tecto d'este protector no gozo de todas as commodidades; porém enfastiado da vida d'ocio que levava, e apreciando mais que tudo a liberdade, um dia evadiu-se e continuou a mesma vida errante.

As obras de Miguel Angelo Caravaggio foram as que mais lhe agradaram pela affinidade de pensamento, e teve a felicidade de ser por elle admittido na sua officina; mas pouco tempo gozou das suas lições, porque Caravaggio morreu em 1609. Havia, porém, aproveitado tanto no estudo que fizera d'este mestre, que o imitava perfeitamente. Em seguida foi para Parma attrahido pela fama das obras de Corregio, e dedicando-se ao

estudo d'este célebre pintor fez taes progressos, que lhe adquiriu a doçura e a graça. Voltando a Roma com este estylo, persuadiram-o os seus amigos a que seguisse antes o de Caravaggio como mais proprio da sua indole. Effectivamente abraçou o conselho e chegou a ser superior a seu mestre.

De Roma passou a Napoles, onde casou rico e principiou a ser conhecido. Em pouco tempo tornou-se o pintor mais acreditado e viu-se cumulado de honras e de favores. Uma das primeiras que obteve foi a sua nomeação de pintor particular do vice-rei, com moradia no paço, e os honorarios correspondentes. Desde então teve muitas e valiosas encommendas e a sua reputação attingiu o fastigio da gloria.

Entre as pinturas que deixou em Napoles, onde Ribera passou a sua vida de artista, conta-se como uma das suas obras-primas o Descimento da Cruz, que elle fez para a Cartuxa. O museu da mesma cidade possue quatro bellos quadros d'este mestre, os quaes são um S. Bruno ajoelhado ante o menino Jesus que o abençôa, um S. Sebastião atado á arvore, linda figura de um adolescente; S. Jeronymo na sua gruta escutando a trombeta do anjo, e emfim o grande quadro o Sileno, onde se vê o protector de Baccho deitado e rodeado de satyros que lhe dão de beber. N'estes dois ultimos, collocados com justiça na sala dos Capi d'opera, mostra-se o auctor tal qual é, com as suas qualidades eminentes e com todos os seus defeitos, que não são mais do que essas qualidades levadas ao excesso. Este grande mestre tam altamente collocado entre os pintores hespanhoes chamados *naturalistas*, por opposição aos italianos que são essencialmente *idealistas*, procurou sempre mais a verdade do que o bello e algumas vezes que pintava no estylo de Corregio, no qual corrigia os

excessos que commettia no estylo que herdara de Caravaggio, dava menos occasião á critica para lhe apontar defeitos porquanto era simples, suave e sem exaggeração. Dava, porém, egualmente menos motivo para elogios, porque parecia deslocado ou contrafeito na sua vocação. Pelo contrario, quando em vez de querer mostrar doçura e suavidade se propunha manifestar a força, e longe de combater o seu genio ardente de homem e de artista, o segue e se lhe abandona plenamente, então torna-se admiravel, sublime pela grandiosidade, como a torrente que, um instante represada, irrompe impetuosa e alastra as margens por onde corre. Os seus proprios excessos, exagerando de proposito as opposições da luz e das sombras para obter maravilhosos resultados de claro-escuro; escolhendo cabeças calvas, grandes barbas, mãos enrugadas e callosas, ou corpos decrepitos para mostrar a sciencia muscular; preferindo, emfim, para assumpto dos seus quadros scenas horriveis e odiosas, serviam a mostrar que nenhum pintor de eschola alguma levou tam longe a execução material em vigor, arrojo, grandiosidade, firmeza e expressão brilhante. Além d'isso, como Rembrandt, mas com grande vantagem sobre este, conseguiu vencer uma difficuldade assombrosa da pintura; melhor que nenhum outro resolveu um problema importantissimo na sua arte, obtendo que as obras não careçam de ponto de vista; de qualquer lugar, de perto ou de longe, produzem o mesmo effeito.

No museu d'el-rei em Madrid tem este mestre trinta e tantas producções das differentes epochas de sua vida, mas nenhuma que eguale o Descimento da Cruz, ou o Sileno de Napoles, ou mesmo o S. Jeronymo do museu d'esta capital, e um S. Sebastião e ou-

tro S. Jeronymo na Ermitage, em S. Petersburgo onde se vêem oito telas do seu pincel.

A vida d'este grande pintor é de certo um dos mais notaveis exemplos do alto lugar que pode conquistar o talento, quando a mão protectora da fortuna o dirige na sua senda. Depois de ter sido mendicante, viu-se elle opulento, favorecido dos nobres, com quem convivia, e reputado grande vulto na arte, em que tam gloriosos nomes se contavam.

Não obstante, porém, todo o esplendor da elevada posição que alcançou, jamais deixaram de exercer n'elle seu poderoso influxo os instinctos com que nascera. Um sentimento pouco generoso e que sem duvida muito deslustra o brilho da sua gloria como homem, levou-o a tornar-se o chefe de uma pleiade de faccionarios, entre os quaes se contam Correnzio e Carracciolo, que tinha por fim afugentar de Napoles todo o pintor, que alli apparecesse de novo, offerecendo com a sua presença a possibilidade de um rival. O reprehensivel ardor d'esta facção artistica chegou ao extremo de empregar o punhal e o veneno; e d'este passa por ter sido victima o grande Dominichino!

Entre os seus discipulos inclue-se Lucca Giordano *il Fa presto.*

Rizi (Juan) — Nasceu em Madrid em 1595 e morreu em 1665. Filho do pintor italiano Antonio Rizi e irmão de dous pintores do mesmo sobrenome, recebeu as primeiras lições de um frade dominico, Fr. João Baptista Mayno, mestre de desenho de D. Filippe IV. Discipulo de um frade, fez-se frade tambem, entrando em 1626 no mosteiro de benedictinos de Monserrate, na Catalunha. Desejado á porfia por todos os conventos pelo seu merecimento, esteve em diversos, que enriqueceu de excellentes quadros. Depois de percorrer

os de Medina del Campo, S. Millan de la Cogolla de Yuso, S. João Baptista em Burgos, e S. Martinho em Madrid, foi morrer a Roma na congregação do Monte Cassino em 1675.

É accorde a opinião que attribue aos seus quadros uma composição bem concebida, attitudes naturaes, correcção de desenho e bom effeito do claro-escuro. Porém são executados n'um estylo mal acabado, parecendo feitos de um jacto. Esta circumstancia denota que possuia grande facilidade.

Seu irmão Francisco Rizi, nascido em 1608 e fallecido em 1685, possuiu a mesma facilidade e foi pintor muito fecundo, porém teve não só menos merecimento, mas defeitos que se perpetuaram em seus discipulos, sendo um dos que muito contribuiram para a decadencia da arte.

Zurbaran (Francisco) — Nasceu na provincia da Extremadura em 1598 e suppõe-se que morreu em Madrid em 1662. Seu pae, modesto lavrador, applicou-o ao serviço do campo; porém conhecendo a tendencia que n'elle se revelava para a pintura, mandou-o para Sevilha estudar com Las Roelas. Sob a sua direcção o discipulo fez taes progressos, que chegou a eclipsar o merecimento do mestre. A sua grande modestia realçava ainda mais esta vantagem. Primava sobre tudo na correcção de desenho, e dava frequentes vezes ás suas composições um tom azulado como Caravaggio. Como elle conhecia tambem a sciencia do claro-escuro, e se era mais frio do que Caravaggio, era comtudo mais exacto e menos excessivo.

Os seus quadros eram todos de motivos graves e serios, escolhendo sempre composições simples. Todavia, quando lh'o encommendavam, executava obras de grande pulso, como o seu famoso quadro de S. Tho-

maz de Aquino, pintado para o retabulo da egreja do Collegio de Sevilha, e hoje no museu d'aquella cidade.

O museu nacional de Madrid tem apenas um quadro d'este mestre, representando um monge, e a academia quatro retratos egualmente de monges, desvantajosamente collocados e conservados. O museu d'el-rei não tem obra nenhuma sua.

No Louvre existia até ha pouco tempo uma tela de mediocre merecimento; porém em Londres, a National Galery, possue um monge em oração, em que este mestre se eleva á altura da sua fama; assim como uma grande Adoração dos Pastores que era attribuida a Velasquez e que hoje se sabe ser de Zurbaran. A galery de Hampton-Court possue d'elle tambem diversos quadros de monges, mas sobre tudo a Madona com o menino assignada e datada de 1653, que é uma das excellentes paginas da sua historia artistica. Outro tanto não pode dizer-se da Madona que figura na galeria da Ermitage, em S. Petersburgo.

Velasquez (D. Diogo Rodriguez da Silva) — Nasceu este grande pintor em Sevilha em 1599, e morreu em Madrid em 1662. O seu primeiro mestre foi Herrera (o velho), homem de caracter rigido, mais habil como artista. Velasquez, não se sentindo disposto a supportar-lhe os effeitos da natural rigidez, passou a estudar com Francisco Pacheco, em quem encontrou o merecimento reunido á urbanidade, tornando-se o discipulo favorito d'este mestre e passado algum tempo seu genro. Tal foi no entretanto a influencia que sobre elle tiveram os toques delicados de Luiz Tristan de Toledo, ao estudo de cujas obras se dedicara, que abandonou a maneira secca, de que usava seu sogro para adoptar a que depois o tornou tam célebre. Aos 23

annos partiu para Madrid, onde nas collecções do paço, bem como nas do Escurial, procurou estudar. Decorrido apenas um anno, em 1623, tinha feito taes progressos, que foi nomeado pintor de Philippe IV. Tornandose d'ahi por diante valido d'este rei, nem por isso deixou de ser menos assiduo no exercicio da sua arte, e no meio de uma côrte corrompida conservou os bons costumes e o amor ao trabalho.

Em 1628 veio Rubens a Madrid, e travando conhecimento com Velasquez, persuadiu-o a tractar os grandes assumptos. Este conselho decidiu-o a ir á Italia, para o que o rei lhe deu licença, uma gratificação e os seus honorarios de dous annos adiantados, como pintor da real camara.

Chegado a Veneza, foi recebido no palacio do embaixador hespanhol, e alli se demorou estudando as obras de Ticiano, Tintoreto e Veronezo. Passando em seguida a Roma, Urbano VIII o alojou no Vaticano; e depois de ter visitado Napoles e outras cidades, voltou á sua patria mestre consummado. N'ella permaneceu dezesete annos até á sua segunda viagem á italia, por occasião da qual fez o retrato de Innocencio X, que mereceu as honras da procissão e coroamento, como haviam tido obras de Raphael e Ticiano.

Quando mesmo Velasquez não tivesse pintado senão retratos, bastaria o seu merecimento n'este genero, se não para o tornar superior, pelo menos para o egualar a Van-Dyck, Rembrandt, Ticiano e Holbein. Quem vir o retrato do seu real amigo Philippe IV a cavallo, figurando no meio de uma campina sem fim, com sol por todos os lados, sem uma sombra nem um claro-escuro que o auxilie, pasmará de ver com que arrojada felicidade elle conseguiu tocar os limites marcados á illusão. O cabello como que esvoaça, a boc-

ca semelha abrir-se para fallar, os olhos parecem ter vida, debaixo da pelle como que circula o sangue, a harmonia dos membros, a naturalidade da posição, são perfeitas. O mesmo elevado lugar occupam os da joven infanta Margarida, conde-duque de Olivares e muitos outros no museu d'el-rei, em Madrid.

Velasquez, a bem dizer, não tractou assumptos sagrados, e um quadro que n'aquelle museu existe d'elle, representando o martyrio de Santo Estevão, é inferior aos que pintou tendo por motivo assumptos profanos. Entre estes avulta o chamado das «Fiadeiras».

Representa o interior de uma fabrica de tecidos. N'uma sala allumiada pelo sol que entra a custo pelas janellas entreabertas, vêem-se algumas mulheres do povo semi-nuas, occupadas em diversos misteres, ao mesmo tempo que varias damas da alta sociedade examinam os trabalhos já promptos.

Pertencente tambem a este genero, o quadro de assumpto mythologico as «Forjas de Vulcano» justifica plenamente os que chamam naturalistas aos pintores hespanhoes e idealistas aos italianos. Sem a grandiosidade, sem a nobreza, que devem caracterisar taes composições, se não fosse a auréola que circumda a loura cabelleira de Apollo, nada n'esta tela indicaria que o observador se acha em presença de seres sobrehumanos. Mas abstraia-se da natureza do assumpto e ficar-se-ha maravilhado da metamorphose. Ficará então uma simples officina de ferreiro onde malham alternados alguns officiaes, em quanto o mestre patenteia de um modo comico mas inegualavel a expressão de um marido dominado pela mais profunda raiva e surpreza, ao receber a noticia de que é vilipendiado no seu leito conjugal. Que triumphante e inexcedivel combate entre a luz do sol que entra por uma porta e a que se expande do

brazeiro da forja! que perfeição e belleza de corpos, que vigor de musculos, que agilidade de membros! A verdade e o effeito de tam admiravel conjuncto fazem n'este quadro ganhar a Velasquez em naturalidade o que elle perde como idealista.

A Rendição de Breda que os compatriotas do auctor denominam vulgarmente o Quadro das lanças, é obra ainda mais capital.

O objecto é extremamente simples:—Um governador flamengo que apresenta ao general hespanhol Spinola os chefes da praça que capitulou.

N'este quadro, de avultadas dimensões, vê-se á esquerda uma parte da escolta do governador, armados os soldados de arcabuzes e alabardas. Á direita avista-se o estado maior hespanhol e a tropa que apresenta armas, e na frente d'esta o cavallo do governador que uma ordenança segura. No meio fica um espaço de ar e de luz, ao fundo do qual se estende uma longinqua paizagem. É n'esse intermedio vasio que se passa a scena. O general apeou-se para receber o inimigo vencido e acolhe-o com affavel sorriso, pondo-lhe amigavelmente a mão no hombro ao cumprimental-o. Não é possivel exprimir melhor a benevolencia, a graça e a nobreza, ante as quaes o vencedor faz desapparecer a humilhação do vencido. Velasquez comprehendeu a verdadeira grandeza.

N'este quadro tudo é de uma perfeição egual, tudo merece egual admiração; o conjuncto é grande, magnifico; os pormenores prodigiosos de arte e de verdade, accrescentando-lhe o merecimento serem tudo retratos de personagens conhecidos.

Passar d'este quadro ao dos Bebedores parecerá passar de um poema epico a uma canção de orgia; en-

tretanto a tela de *los Borrachos* é considerada uma das perolas do seu actor.

Sobre um tonel que lhe serve de throno, está assentado o rei de uma confraria bacchica, coroado de folhas de vide; cinco ou seis patuscos mal trapidos formam a sua côrte, e a seus pés ajoelha uma especie de soldado na attitude de receber respeitosamente o grau da ordem. O monarcha cinge com um ramo de vide a cabeça que humildemente lhe abaixa o recipiendario, emquanto os antigos confrades preparam libações para acabarem de festejar o resto da ceremonia.

Como se vê, não passa de um quadro burlesco, de uma scena *bouffonne,* como lhe chamam os francezes; mas o que tambem é certo, é que ninguem pôde descrever tanta naturalidade. Com as faces rosadas e gordas com o corpo e membros roliços, o rei dos bebedores revela perfeitamente o typo do verdadeiro beberrão. Quanto aos outros, as barbas incultas, os olhos avinhados, a roupa cheia de rasgões, denunciam desde logo essa classe de individuos, que em todos os paizes passam a vida abancados ás mezas das tabernas. E um velho que ao fundo descobre comicamente a cabeça grisalha para saudar um copo de vinho? E outro que ri de escarneo para quem o observa, de um modo tam communicativo que faz forçosamente rir a quem olha para elle? Tudo isto só vendo-se, porque, repito, para o descrever não ha palavras.

Dizem que o pintor David Wilkie, um dos mais distinctos que a Inglaterra tem tido, vindo estudar Velasquez, achou n'esta tela tudo quanto podia tornar célebre o seu auctor, e que, simplificando o objec-

to da sua viagem, não estudara mais do que este quadro.

No mesmo caso está o retrato da princeza D. Margarida, porque pintando o retrato da infanta, o grande artista imaginou representar ao mesmo tempo toda a scena, que n'essa occasião tinha sob os olhos.

De pé em frente do cavallete está o pintor com as palhetas na mão, emquanto defronte uma creada apresenta de joelhos de beber á infanta, e os dous anões historicos Nicolau Pertusano e Maria Barbola brincam com um enorme cão. Um espelho situado ao lado denuncia como espectadores d'esta scena Philippe IV e a rainha recostados em um sophá no quarto contiguo.

Se bem que muito diverso pela natureza do assumpto, tem este quadro merito egual ou superior ao da scena dos Borrachos. Como este elle é tambem surprehendente pela perfeita imitação da natureza, e considera-se a perola de seu auctor, e é conhecido pelo quadro das Meninas.

Fóra do museu d'el-rei existe um retrato no museu nacional de Madrid; uma paizagem authentica no museu de Londres; um retrato em cada um dos museus de Dresde, Florença, Napoles, e do Capitolio; dois estudos no Louvre; tres admiraveis quadros com retratos no Belvedere em Vienna; e um retrato de Innocencio X no palacio Doria em Roma, que é tam prodigioso, que mereceu as honras d'uma procissão, e as da coroação, quando o artista o terminou na segunda viagem á Italia.

Ha nos referidos museus, e em Munich, Milão, e Hampton-Court outras producções, que são, com pouco fundamento attribuidas a Velasquez. É mais provavel que sejam de seus discipulos, e apenas feitas debaixo da sua inspecção.

Cano (Alonzo) — Nasceu em Granada em 1601 e morreu em 1667. Foi pintor, esculptor e architecto. Estudou a pintura com Francisco Pacheco e João Castilho e a esculptura com Juan Martinez Montanes. Em 1636 fez a esculptura do altar-mór da egreja de Lebrija, em que é notavel, principalmente uma estatua da Virgem com o Menino Jesus. Por desintelligencias de artista, tendo-se batido em duello com o pintor Valdez e ferindo-o gravemente, foi obrigado a refugiar-se em Madrid. Falto de meios, entregue ás eventualidades da sorte, valeu-lhe o seu collega Velasquez, e graças á sua influencia nomeado pintor do rei, e mais tarde mestre do infante D. Balthazar, foi encarregado de trabalhos importantes. Foi durante os treze annos que residiu em Madrid, que elle executou as suas obras mais notaveis.

Tendo viuvado aos 50 annos pediu um lugar vago na cathedral de Granada, que lhe foi concedido sob clausula de ordenar-se em certo prazo, que foi ainda prorogado. Passados annos, e não tendo preenchido a condição, foi o logar declarado vago.

Voltando a Madrid a pedir a sua reintegração, encontrou alli o bispo de Salamanca, que menos escrupuloso o ordenou subdiacono sem exame, dandolhe uma capellania que o rei lhe confirmou em 1658 e da qual gozou até á sua morte.

Como todos os mestres verdadeiramente dignos d'este nome, Alonzo Cano formou em esculptura Pedro de Mena e José de Mora e em pintura diversos discipulos notaveis.

Entre outros quadros d'este mestre no museu d'elrei, em Madrid, existem um S. João escrevendo o Apocalypse na ilha de Pathmos, uma Virgem adorando o Menino e um Christo chorado por um anjo.

As pinturas d'este mestre são consideradas de magnifico desenho e bem ajustadas, reunindo uma certa magestade. Em suas composições de ordinario simples, ninguem mostrou mais gosto e harmonia, mais perfeito conhecimento da sciencia das meias tintas no colorido, razão por que tem sido appellidado o Albano hespanhol.

As suas obras de esculptura, bastante apreciaveis, acham-se espalhadas por diversas egrejas de Sevilha, Cordova, Granada e Madrid.

Fóra de Hespanha encontram-se poucas pinturas d'elle. Existe em Munich um Santo Antonio de Padua a quem a Virgem acaba de entregar o Menino Jesus, excellente pagina no genero de Albano; um S. Paulo em Dresde, e uma admiravel Santa Ignez em Berlin.

Murillo (Bartholomeu Esteban) — Nasceu em Sevilha em 1618, onde morreu em resultado de uma queda em 1682.

De condição humilde, teve por primeiro mestre seu parente, Juan del Castello, que o ensinava gratuitamente. Tendo este de ir para Cadiz, ficou o discipulo entregue a si, apenas com os primeiros rudimentos, fazendo pequenas pinturas, obra de feira, que vendia ás duzias para a America. Em 1642, chegou de Londres Pedro de Moya, que voltava á sua patria apurado no gosto e iniciado no estylo de Van-Dyck. A inspecção das obras d'este seu conterraneo despertou-lhe o desejo de aperfeiçoar-se; e não o podendo fazer com Moya, porque este se retirava outra vez, tomou a resolução de ir a Madrid, para o que realisou alguns meios na venda de uma nova e abundante porção das suas pinturas de pacotilha. Seguindo, pois, a pé para a capital em 1643, apresentou-se logo que chegou ao seu

compatriota Velasquez, que lhe fez muito bom acolhimento e lhe deu lições e meios d'estudar. Durante dois annos approveitou a vista dos grandes modêlos, taes como Ticiano, Rubens, Van-Dyck, Ribera e Velasquez. No fim d'este tempo voltou a Sevilha, onde no anno seguinte fez a admiração publica com tres quadros que pintou para o claustro do convento de S. Francisco: um Monge em extase, as Esmolas de S. Thiago e a Morte de Santa Clara; e apezar da inveja e intrigas de seus collegas, foi d'esde logo (1645) considerado o primeiro pintor d'aquella cidade, fazendo-o a sua fama obter a mão de uma nobre e rica dama, D. Beatriz de Cabrera Sottomayor.

Durante os trinta e sete annos que medeiam entre a chegada a Madrid e o seu fallecimento, passados a bem dizer na sua officina, deixou este grande pintor numerosos quadros que se encontram em toda a Europa. Sevilha como que ficou inundada d'elles.

Em 1660 com o auxilio das auctoridades municipaes de Sevilha instituiu uma academia publica de desenho, de que elle foi o primeiro director e mestre.

Em 1681, tendo ido a Cadiz pintar o grande quadro do altar-mór do convento dos Capuchinhos, cahiu dos andaimes em que andava n'aquelle trabalho, e d'esta queda lhe proveio a morte no anno seguinte.

Ao inverso de Velasquez, Murillo preferia os assumptos sacros em que a arte pode ultrapassar os limites da natureza para se lançar no mundo ideal.

Não tendo senão um fim, Velasquez não tinha se não uma fórma; procurando a perfeição no arrojo e na simplicidade do primeiro traço ou na correcção dos retoques e do acabado, attingir a summa exactidão, a illusão da verdade, era o seu alvo.

Murillo, mais apaixonado da poesia do que da rea-

lidade, dirigia-se á imaginação com preferencia, ao espirito, variando de methodo conforme o assumpto. Não teve, como outros pintores, estylos successivos; mas tinha ao mesmo tempo tres diversas fórmas, que empregava segundo a occasião. Estas tres fórmas denominam-as os hespanhoes *fria*, *quente* e *vaporosa*. Assim os maltrapidos e mendigos pertencem ao seu estylo *frio;* os extases de santos ao seu estylo *quente*, as Annunciações e Assumpções ao seu estylo *vaporoso*.

Nos 46 quadros, que d'este mestre recolheu o museu d'el-rei em Madrid, vemos que elle brilhou egualmente em todos os mencionados estylos. Do estylo frio é uma Sacra Familia conhecida pelo nome de «Santa Familia del perrito», que elle pintou no genero em que Velasquez executou as Forjas de Vulcano, isto é, procurando reproduzir uma scena toda familiar em vez de phantasiar alguma scena sobrenatural. Não parece ser a Virgem com o Menino Jesus e S. José. Dir-se-á que é um pobre carpinteiro que acaba de largar o scôpro no cesto da ferramenta, proximo a uma serra encostado, para segurar um filhinho traquina, que sustendo no ar um passaro, provoca d'este modo as iras e os latidos de um cão, e no seu travessear faz parar a dobadoura da mãe, sem que isso a agaste.

Se pozermos de parte o nome de Sacra Familia com que se decora este quadro, não é possivel vêr uma scena familiar mais bem concebida, nem melhor disposta para captivar o interesse; não pode haver maior graça nas attitudes, mais candura na expressão, mais energia nos traços, nem mais feliz harmonia em todas as partes. «Mudem-lhe o titulo — diz Viardot — e será um modêlo de perfeição que possuirá o museu.

Do estylo quente são magnificos um Santo Ildefonso a quem apparece a Virgem que do alto lhe lança a

casulla da sua nova dignidade de arcebispo; um Santo Agostinho diante de quem os ceos se abrem para mostrar-lhe a Virgem e Jesus Crucificado; um S. Francisco de Assis a quem apparecem a Virgem e seu Filho offerecendo-lhe em lugar do jubileu da Porciuncula as rosas milagrosas que devem dar as varas de espinhos para elle se flagellar; finalmente, um S. Bernardo, que exaltado pelas meditações e jejuns vê apparecer-lhe dentro da humilde cella Jesus ao collo de sua Mãe, sobre um throno de nuvens, rodeados da celeste milicia.

Do estylo vaporoso é um verdadeiro prodigio a Annunciação (a menor). No meio de uma atmosphera celéste patentêa-se o Archanjo Gabriel á Virgem que ora ajoelhada, e curvando-se no ar sauda aquella que deve trazer em seu seio o Fructo da vida. Um brilhante côro de anjos, no meio dos quaes as duas figuras se destacam como em relevo, preenche o resto do espaço, e n'este fundo luminoso brilha como um astro mais luminoso ainda o Espirito operador que sob a figura de uma alva pomba vem cumprir o mysterio annunciado.

As Virgens de Murillo não teem a ideal sublimidade que caracterisa e tornou immortaes as de Raphael. Aproximam-se mais da natureza e não será até difficil encontrar typos semelhantes em qualquer mãe, joven, bella, candida e affectuosa. Mas no typo de Christo, menino ou homem, o seu pincel sobresahiu com inexcedivel vantagem, pelo caracter verdadeiramente sobrenatural e divino que lhe deu.

Que nobreza, que sublimidade no «Menino do carneiro, n'essa divina creança que não brinca, que pensa! Que fronte já meditativa, que profundeza de olhar!

Será impossivel conceber grupo mais bem imaginado do que o de Jesus e S. João, phantasiar crean-

ças mais adoraveis de ingenuidade e belleza, mais possuidas de mutua e infantil affeição. Com que amor se estreitam caminhando gentilmente entrelaçados! Que arrebatadora expressão de bondade no Filho de Maria, chegando uma concha cheia de agua aos labios do seu joven companheiro! E no olhar do filho de Izabel, que promessa de reconhecimento e dedicação!

Quem quizer ver o que é grandeza, observe o Christo morto na Cruz. Não ha n'este quadro, além do Christo, outro objecto que distraia a attenção; a noite esconde á vista o resto da natureza. N'esta luctuosa solidão destaca-se o corpo pallido do Redemptor que acaba de expirar.

Admiram-se aquellas fórmas surprehendentes de belleza, a naturalidade com que escorre o sangue das chagas e dos ferimentos da corôa! Pende-lhe a cabeça sobre o peito, os cabellos em madeixas empastam-se-lhe ensanguentados sobre os olhos já fechados e formam-lhe sobre o rosto uma lugubre sombra. Nunca se deu á morte do Justo tristeza mais profunda, magestade mais solemne. Nunca se traçou tam grandiosa imagem do Homem-Deus.

Fallaremos por ultimo da Adoração dos Magos em que Murillo admiravelmente empregou o estylo quente quasi vaporoso no grupo celeste de Jesus e sua Mãe, e o estylo frio no grupo todo humano dos pastores a quem o Anjo guia. Na representação d'estes homens grosseiros com pelles por vestuario e acompanhados de cães, o artista desenvolveu um vigor e verdade sem eguaes, e só o pincel de Murillo poderia com tanta habilidade fazer irromper do alto no meio da scena o reflexo de uma luz tam brilhante e conseguir pelas mais finas meias tintas a obscuridade da noite que reina nos angulos do quadro.

O museu nacional de Madrid, recolheu dois quadros, e quatro a academia de bellas-artes da mesma cidade. Entre estes ultimos existem tres das suas paginas capitaes: uma Santa Izabel da Hungria, e em duas telas o Milagre da fundação de Santa Maria Maior em Roma. Da Santa Izabel dizem alguns de certo erradamente ser a perola de Murillo, erro a que os induz ter sido Murillo n'esta sua obra mais idealista compondo no alto estylo italiano. Se elle, com effeito, nunca melhor compoz, é certo que foi algumas vezes melhor colorista, como provam os dous outros quadros existentes na mesma Academia e que teem por objecto, como disse, o milagre da fundação da egreja de Santa Maria Maior em Roma.

N'estes dous quadros é que Murillo se elevou á maior altura, que attingiu o seu talento. Representa um d'elles o sonho do cavalheiro João e sua mulher a que, segundo a tradição, é devida a origem d'aquelle templo. Vencidos pelo somno os dous esposos, adormecem sentados no seu quarto. Um cãosinho de regaço, deitado na orla do vestido da dama, dorme tambem. Do meio de um horisonte de brancas nuvens que dissipam as trevas em torno, surge ante os olhos cerrados dos dous conjuges a Virgem em pé com o Menino no collo, e este aponta por uma janella o lugar onde se deve edificar a egreja.

No outro quadro vêem-se á esquerda os mesmos personagens contando ao papa Liberio, que os escuta sentado na cadeira gestatoria, a visão que tiveram, em quanto ao longe á direita uma procissão vae reconhecer e marcar o lugar para a fundação do templo.

Posto que o mais poetico dos seus compatriotas, Murillo ainda assim era menos idealista do que os italianos, preferindo mais do que elles a realidade ao

bello. Por isso representava por objectos visiveis o proprio pensamento interior sem recorrer a symbolos nem allegorias. Ia direito ao facto mesmo nos assumptos em que elle parecia não existir. Era o extase de um santo que tinha a pintar? reproduzia aquillo mesmo que se figurava na imaginação exaltada do proprio santo.

D'este modo no quadro de que acima se tracta o sonho toma um corpo, e a visão dos conjuges adormecidos brilha aos olhos do espectador com todo o vigor.

É porém em Sevilha que se encontram os seus verdadeiros prodigios, taes são o Extase de Santo Antonio de Padua entre os quadros da cathedral; o Moysés ferindo o rochedo, a multiplicação dos pães no deserto, e Santa Izabel d'Hungria entre os da egreja de la Caridad; S. Felix de Cantalicio, S. Thomaz de Villa Nova distribuindo esmolas, uma Virgem com o Menino ao collo, (conhecida por Virgem de la Servilleta), e uma Conceição, chamada a perola das Conceições entre os 24, que póde recolher o museu da mencionada cidade.

As producções, que fóra d'Hespanha, mais convidam a attenção do visitante são uma Trindade que no museu de Londres é conhecida pelo nome de Sacra Familia. Entre a Virgem e S. José que o adoram ajoelhados, está Jesus, que sobe a uma columna quebrada e parece querer chegar ao Espirito Santo, que em fórma de pomba esvoaça um pouco acima. Mais no alto vê-se o Padre Eterno entre um côro de archanjos e seraphins. Jesus apparenta querer afastar-se da terra e, segundo os seus ardentes olhares, reunir-se pelo pensamento ás outras pessoas da Divina Triade.

Este quadro pertenceu ao Marquez Pedroso de Cadix, e custou 500 guineos ou 23.500,000 da nossa moeda. E outra recente acquisição do referido museu, que representa S. João, ainda creança brincando com um cordeirinho; e que foi comprado por 2.000 guineos.

Um Jesus dormindo existente entre os quatro quadros da galeria do marquez de Westminster.

Um Abrahão acolhendo os tres anjos, e a volta do filho prodigo na galeria do duque de Southerland.

Uma Virgem com o Menino no museu de Haia.

Uma Annunciação entre os 17 quadros, que existem em S. Petersburgo.

Duas Conceições, uma das quaes custou reis 110.700,000, e o Rapaz mendigo entre os 5 do Louvre.

Uma admiravel Virgem com o Menino dando pão a um velho, na galeria de Vienna.

O museu de Dresde possue duas telas, e o de Berlin uma authentica entre quatro, que alli se lhe attribuem.

É porém em Munich, que fóra d'Hespanha, se vê Murillo bem representado. Entre os 7 quadros que possue o museu d'esta capital sobresahe o conhecido pelo nome de Pequenos mendigos, representando garotos a brincar e a pedir; e mais ainda S. Francisco curando um paralytico, pintura tam importante, que por si só bastaria para formar a reputação d'um artista.

Passa-se a scena entre a grande claridade do dia que vem de fóra e a sombra que vem de dentro. O contraste torna-se tão excellente pelo effeito como pela execução, e todo o quadro correspondendo a esta com-

binação tam feliz quanto temeraria ou impossivel para qualquer outro. Este quadro com o Santo Antonio de Padua, que se vê em Sevilha e o Milagre da fundação de Santa Maria Maior na Academia de Madrid, são talvez as mais brilhantes paginas de Murillo, fazendo collocar o seu auctor como colorista, a par de Rubens, Van-Dyck, Ticiano, Rembrandt, Veroneso, Andrea del Sarto e outros.

Tal é, além de producções menos importantes e que por brevidade omittimos, a longa serie dos maravilhosos quadros d'este eminente mestre, de que a nossa visinha Hespanha com justificado motivo tanto se gloría.

CLAUDIO COELHO — Filho do portuguez Faustino Coelho, nasceu em Madrid por meados do seculo XVII e morreu em 1693, com cincoenta annos incompletos. Tendo, em cumprimento da vontade paterna, aprendido o desenho na eschola de Francisco Rizi, este, notando as suas felizes disposições, persuadiu o pae, que era torneiro de profissão, a mandal-o estudar a pintura. Em pouco tempo Claudio excedeu todos os seus condiscipulos, e sem ter ainda concluido a sua instrucção artistica pintou o altar-mór da egreja de S. Placido, um S. Roque para a matriz de Santo André e o retabulo principal da egreja de Santa Cruz, de que seu mestre consentiu em passar por auctor para lhe fazer obter melhor preço.

Concluido o seu tirocinio, passou a estudar nos grandes modêlos que possuia a côrte, o colorido de Ticiano, Rubens e Van-Dyck. Chegando José Donoso de Roma, aonde tinha ido estudar a pintura, foram ambos encarregados de executar trabalhos importantes na cathedral de Toledo, na Cartuxa del Polar, em Santo Isidoro el Real, Trinidad, S. Basilio, no alcaçar de Ma-

drid e no convento dos Agostinhos de Saragoça. De volta a Madrid foi nomeado pintor de el-rei, e em 1686 pintor da real camara, e por morte de Carreño succedeu-lhe em todos os titulos.

O seu principal quadro é a procissão da Hostia existente no convento do Escurial. O motivo é a benção d'esta santa reliquia, que segundo a tradição tinha sido ultrajada pelos discipulos de Zuinglio em Hollanda, e que se achava depositada em um sacrario d'onde Carlos II a fez extrahir.

O quadro, que tem 6 metros de alto por 3 de largo, representa o acto da benção aos assistentes na deposição da Reliquia, vendo-se os retratos de cincoenta e tantas pessoas ajoelhadas. Entre elles distinguem-se de um modo brilhante o do rei Carlos II, o do prior, e o do duque de Medina Cæli, então ministro.

Por volta do anno de 1693 resolveu o Governo convidar Lucca Giordano a vir pintar a escadaria e os absides da egreja do Escurial. O convite offendeu de tal modo a Coelho, que apenas sobreviveu alguns mezes á chegada de Giordano. Antevia o que aconteceu, isto é que Lucca Fa-presto havia com seus exemplos d'apressar a decadencia da arte, que elle, artista digno do nome procurava evitar. Coelho póde dizer-se o ultimo dos grandes pintores, reunindo na sua maneira os diversos estylos dos mestres principaes, que o haviam precedido.

O Museu del Rei possue dous quadros seus de assumpto mystico, nos quaes se vê a Sagrada Familia rodeada de bemaventurados, espiritos celestes e as virtudas theologaes personificadas.

Na galeria de Grosvenor-House do marquez de Westminster existe um quadro representando uma santa.

O museu de S. Petersburgo possue o seu proprio retrato, e a Magdalena.

O de Munich tem uma excellente pagina d'este artista: um S. Pedro de Alcantara caminhando sobre as ondas.

PALOMINO (Acisclo Antonio Palomino de Castro y Velasco)—Nasceu em Bujalança em 1653 e morreu em Madrid em 1726. Desejando seus paes dar-lhe uma educação esmerada, foram estabelecer-se em Cordova, onde, além dos estudos classicos, o applicaram á theologia e á jurisprudencia; porém durante todos os momentos que tinha livres a sua occupação favorita era desenhar. Em 1672, mostrando os seus desenhos a Valdez, este o animou, dando-lhe algumas lições geraes, e antes de ausentar-se indicou-lhe uma direcção aos seus estudos solitarios. Palomino continuou com o estudo das lettras e da pintura. Tres annos depois o bispo de Cordova conferiu-lhe ordens menores e o pintor Juan Alfaro chegado de Madrid o julgou apto para tomar lugar entre os artistas da capital. Seguiu, pois para Madrid em 1678, recommendado por Alfaro que o encarregava de terminar as obras que tinha deixado esboçadas. Palomino estudou ainda alli a mathematica, e contrahindo relações de amisade com Claudio Coelho obteve um logar de pintor do rei. Mais conhecedor da theologia do que Luca Giordano foi pelo monarcha encarregado de fazer conjunctamente com aquelle as pinturas theologicas de algumas abobadas do Escurial.

Em 1697 pintou a fresco o presbyterio e cupula' de S. Juan del Mercado em Valença, obra que lhe faz muita honra como erudito e como artista. Na mesma cidade, em 1701 pintou a abobada da capella de Nossa Senhora dos Desamparados.

Em 1705 foi chamado a Salamanca para pintar os absides do côro do mosteiro de Santo Esteban, onde representou em uma serie de allegorias a Egreja militante e triumphante.

Em 1712 pintou a cupula da Cartuxa em Granada e executou outras muitas pinturas em diversas cidades, tanto a oleo como a fresco.

O seu desenho era correcto, o colorido em harmonia com os assumptos, as roupagens apropriadas aos personagens, e a composição d'estas tão nobre quanto as figuras communs e sem nobreza. Emfim a sua pintura era erudita, porém mostrava evidentemente a decadencia; revelava que elle vivia n'uma d'essas epochas, em que, como é proprio d'aquella, se raciocina muito sem nada se executar, ou melhor ainda em que se aprende a theoria negligenciando a pratica.

Á semelhança de Vasari, Palomino nota-se por ter sido melhor escriptor do que pintor.

Goya (Francisco Goya y Lucientes) — Nasceu em 1746 e morreu em 1832. Foi o ultimo pintor de algum merecimento, principalmente no genero burlesco, em que tinha muito espirito. Resente-se, porém, da falta de estudos, pois só teve fracos rudimentos que lhe deu um tal José Luzan, de Saragoça. Fallando d'este artista, Viardot, chama-lhe um talento incorrecto, caprichoso e selvagem, por isso que nem tinha eschola nem deixou discipulos.

Viajou na Italia, mas sem consultar ninguem; a vista dos grandes modêlos foi o guia unico da sua carreira de artista.

No vestibulo do Museu de El-rei existem dois retratos a cavallo, fructo do seu pincel, em que elle mostra imperfeições de desenho, porém ao mesmo tempo

grandes bellezas. O Museu Nacional tambem possue uma scena em um circo de touros e uma grande collecção de gravuras a agua forte, em que revela analogia com Callot pela imaginação, com Hogart pela graça, e com Rembrandt pelo vigor da execução.

Com o nome d'este artista termina a serie de illustrações, que a pintura conta em Hespanha desde os seus antigos mestres até á epocha presente.



Eschola franceza

É antiquissima a pintura em França, se quizermos fazer menção das informes pinturas em vidro com que se ornavam as egrejas já pelo seculo X. No seculo XI foram os francezes que levaram a pintura a Inglaterra em seguida á conquista de Guilherme o Conquistador (1066). Tudo isto porêm não passava, como disse, de informes ensaios, não isentando ainda as producções dos que foram posteriormente mais bem reputados, como Madalulpho, Adelardo, Ernulpho, Herberto, Rogerio e Thiemon.

Á França, como aos demais paizes, foi a Italia quem fez sentir a sua influencia. Por meiados do seculo XV o infeliz Renato d'Anjou, conde de Provença, desthronado de Napoles, da Lorena e do Anjou, foi o primeiro que no seu condado de Provença se distrahiu cultivando a pintura, que em Napoles aprendera com o Zingaro e em Florença com Bartholomeu della Gat-

ta, e é por isso que elle deve abrir a lista dos artistas francezes.

Renato d'Anjou, conde de Provença, filho de Luiz, segundo duque d'Anjou, nasceu em Angers em 1408 e morreu na Provença em 1480. Cultivou a pintura com bom successo. Vê-se uma producção delle em Aix, na egreja do Salvador: é um triptyco tendo no centro a Virgem com o Menino Jesus no meio d'um bosque ardente.

Em seguida appareceram pinturas d'apreço, mas simplesmente em miniaturas, biblias, etc., em que muito se distinguira principalmente *Jehan Fouquet*. A verdadeira pintura á imitação da italiana, e por ella a formação d'uma eschola franceza, não vae além de 1500, quando os italianos tinham a bem dizer levado já aquella arte ao apogeu.

Por occasião da conquista de Napoles por Carlos VIII de França em 1495, é que os francezes, pasmados das maravilhas de toda a Italia, se votaram ao estudo das bellas-artes. Francisco I, rei de França, que subiu ao throno em 1515, teve a gloria de fundar a primeira eschola chamada de Fontainebleau, attrahindo Leonardo de Vinci, André del Sarto, Rosso ou mestre Roux, Primaticcio, Nicolau del Abbate, Pellegrini o Bagnacavallo, que foram os primeiros mestres de pintura, ao passo que Benvenuto Cellini, Frei Giacondo e outros leccionaram a esculptura e architectura, que já contava em França homens eminentes. O primeiro pintor francez que se elevou ao nivel dos grandes pintores estrangeiros, foi:

Cousin (João), de 1500 a 1590; occupou-se muito da pintura de vidros, da esculptura e de escrever a arte de retratista do desenho e perspectiva. A sua obra principal é um «Juizo final» que muito tempo esteve

em Vincennes na sacristia dos Minimos e hoje se vê no seu logar d'honra no Louvre. Ainda que tela de cavallete e com pequenas figuras, é digna da comparação com o Juizo final de Miguel Angelo, e supposto não o tivesse visto, é provavel que o conhecesse por copia ou gravura: o que é certo, é que Cousin fez um quadro em sentido similhante, d'um todo harmonioso, forte e terrivel; os grupos habilmente formados e diversificados; os nús bem estudados e executados; e estes meritos de desenho são realçados por um certo fogo de colorido á veneziana, e ainda mais por um pensamento d'unidade que falta á obra de Miguel Angelo.

Para melhor se conhecer da analogia entre os dois, é sufficiente dizer que Cousin traduziu livremente a Miguel Angelo, com particularidades diversas, outro espirito de conjuncto, tendo o atrevimento de ensaiar tal assumpto, audacia que foi justificada pelo feliz successo, e que collocou muito alto aquelle que passa pelo fundador da eschola de que foi o primeiro representante.

Em seguida houveram outros mestres que não foram tam eminentes, até que appareceu *Toussin Dubreuil* fallecido em 1604, mas de quem não se conhece senão um desenho authentico no Louvre.

Freminet (Martinho), 1567 — 1619, imitador de Primaticcio e Julio Romano. O Louvre tem uma Venus deitada esperando Marte a quem os amores estão desarmando, que é notavel por diversos motivos: primeiro, porque as suas figuras, em vez de se assimilharem ás de Cousin, Chenet e outros que faziam figurinhas, são ao natural; segundo, porque foi o implantador do profano erotico e mythologico, assim como do abuso das fórmas de Miguel Angelo, isto é, da força

anatomica e muscular e do abandono de toda a graça no desenho e colorido, como então se usava na Italia na quéda do grande seculo e antes da fundação da eschola dos Carraches, mania que ganhou com a sua estada em Italia em prejuizo da belleza serena e simples que havia herdado de Leonardo, il Frate, Sarto e outros. Da decadencia em que Freminet lançou a arte veio salval-a:

Vouet (Simão), 1590 a 1649 que fez para a França o mesmo que fizeram os Carraches para a Italia, uma renovação. Tendo desde a infancia revelado um talento precoce e residido quatorze annos em Italia, appareceu em Paris como um condiscipulo de Guido e de Dominichino, o que quer dizer com as novas idêas dos Carraches, quanto á composição e aos effeitos, mas fraco em desenho e colorido. Vendo-se cheio de favores de Luiz XIII, que o fez seu primeiro pintor, acceitou por ambição ou inveja trabalhos superiores ás suas forças; mas faça-se-lhe justiça, é a elle que se deve, por suas lições e exemplos, a reforma da arte, deixando discipulos distinctissimos, como Lesueur, Lebrun, Mignard, e como os Carraches foi maior por seus discipulos que por suas obras.

Callot (Jacques), 1592 a 1635. Genio original, inimigo de convenções ou disciplina, levando sempre vida errante, foi habil; mas occupado a gravar com agua forte, deixou mui pequeno numero de quadros, dos quaes só se conhecem dois authenticos, uma Execução militar, sobre folha de cobre, no museu de Dresde, e uma Feira d'aldêa, tambem sobre cobre em Vienna, no museu do Belvedere.

Poussin (Nicolau), 1594 a 1665, é o principal dos artistas francezes e o chefe verdadeiro da sua eschola. Admiravel exemplo da força e vontade! Sem protecção

se poz a caminho para Roma, sempre a pé e a bem dizer mendigando para a viagem, alcançando emfim a cidade dos seus sonhos, onde ante as grandes obras-primas o seu talento nasceu, se formou e se tornou conhecido. Mais tarde Richelieu attrahiu-o a Paris; mas cançado bem depressa das intrigas da côrte, voltou á sua ermitagem de Roma, não querendo mais deixal-a até que lhe legou as suas cinzas. Alli, applicando-se cada vez mais, evitando de modo singular o mau gosto da epocha, engrandeceu-se passo a passo, procurando attingir a perfeição; aprofundava todas as sciencias que tinham relação com a sua arte, tomava da philosophia, da moral, da historia, do drama e da poesia tudo o que podia dar força, grandeza e encanto á pintura; e com seu pincel era pensador eminente, raciocinador inflexivel, e levou mais longe que qualquer outro o pensamento e o bom senso nas profundezas da arte.

Como todos os grandes mestres, teve tambem um lado por onde o atacavam, chamando-lhe desengraçado ou falto d'encanto; mas os que assim procediam só encaravam as obras em que elle mostrava gravidade e austeridade, esquecendo as suas Bacchanaes, em que elle fez reviver toda a comedia antiga e em que mostra extrema graça. No seu estylo grave deixou S. Francisco Xavier nas Indias, a scena da apparição da Virgem a S. Thiago Maior, que se vêem no Louvre, e que juntos ao martyrio de S. Erasmo no Vaticano são os quadros unicos de grandes dimensões que pintou.

Nos seus quadros de menores proporções, chamados de cavallete, é elle mais admiravel; entre os sacros, notam-se principalmente: Rebecca na fonte quando Elieser a reconhece pela sua modestia entre as companheiras, e lhe offerece o annel; Moysés lançado ás aguas do Nilo por sua mãe e irman, por ordem

de Pharaó; Moysés salvo das aguas pela filha de Pharaó; o Manná alimentando os hebreus no deserto; os Philisteus feridos da peste por terem abatido a arca do Senhor ante o idolo de Dagon; e o Julgamento de Salomão entre duas mães que disputavam uma creança como filho. Entre os quadros sacros devem tambem contar-se os que se denominam as quatro Estações. A Primavera é Adão e Eva no Paraiso terrestre; o Estio é Ruth e Noemi apanhando depois da colheita as espigas dispersas pelos campos de Booz; o Outono é a volta dos enviados á Terra da Promissão d'onde chegam dois homens trazendo um cacho d'uvas, que os faz vergar; o Inverno é o Diluvio, uma das paginas mais notaveis d'este mestre e a sua ultima obra aos 71 annos.

Por felicidade para a França, encontram-se no Louvre as suas obras capitaes. Quem quizer apreciar um modêlo d'estylo, veja o Transporte ou Extase de S. Paulo. A sciencia inexplicavel da composição encontra-se na Rebecca, no Moysés salvo das aguas e nos Pastores d'Arcadia. Quem pretender estudar o movimento e a expressão, encontral-a-á clara e palpavel no Julgamento de Salomão, na mulher adultera e na Cura dos cegos de Jerichó. E quem desejar ver a reunião de todos estes attributos, veja o Diluvio.

Apontar as suas obras em qualquer museu é fazer-lhe o maior elogio; do mesmo modo que a Leonardo de Vinci, a Raphael, Ticiano, Rubens, Van-Dyck, Velasquez, Murillo, Rembrandt e Correge, se lhe póde applicar o dicto d'um célebre escriptor: «Se queres elogiar Cesar, chama-lhe Cesar.» No museu de Londres tem elle oito quadros, sendo dois talvez dos seus primeiros ensaios e seis telas magnificas quando artista consummado. Estes ultimos são Jupiter e Antiope,

Cephalo e a Aurora, a Educação de Baccho, uma Paizagem e duas Bacchanaes, verdadeiros primores d'arte.

Tem egualmente dois quadros em Hampton-Court; quatro na galeria do marquez de Westminster; um na do duque de Southerland; e uma de suas obras-primas, a Adoração dos Pastores, na do banqueiro Samuel Rogers. No museu de S. Petersburgo attribuem-lhe vinte e tres, mas só tres são incontestaveis da sua vida de artista, quatro da sua vida d'aprendiz, e o resto copias ou imitações. O museu de Florença tem dois seus excellentes quadros mythologicos. O Vaticano tem o Martyrio de S. Erasmo, feito á sua chegada de Veneza sobre um fundo avermelhado que elle não continuou, e sendo o seu quadro mais colossal, não é dos de maior merecimento. Este quadro tem $22^1/_2$ palmos, e figuras ao natural; e a execução é muito inferior ás suas composições em pequeno espaço. O Capitolio tem a Flora Triumphante, composição que tambem não é das melhores.

No museu de Veneza vê-se o repouso no Egypto; no de Turin uma St.ª Margarida triumphante do dragão; na Pinacotheca de Munich cinco excellentes quadros: uma Adoração dos Pastores e um Enterro de Christo, que mostram bem a sabedoria com que elle tractava os assumptos sacros; um seu retrato e dois assumptos mythologicos, um dos quaes representa o rei Midas de joelhos rogando a Baccho que lhe dê o poder de converter em ouro tudo aquillo em que toque; este é d'um encanto extraordinario. Em Vienna, no museu do Belvedere, attribuem-lhe erradamente o Milagre de S. Pedro, que é fraca imitação; mas a Tomada e Destruição do Templo de Jerusalem por Tito é uma de suas paginas gloriosas.

A galeria do principe Lichtenstein possue a Cura

do Paralytico; a do principe Esterhazy tres quadros authenticos, e outro a galeria do conde Czernin. O museu de Dresde tem oito pelo menos, entre elles uma repetição do Martyrio de St.e Erasmo do Vaticano e um admiravel Moysés sobre o Nilo; quanto aos mythologicos, são encantadores um Narciso mirando-se na fonte, e sobre tudo o Imperio de Flora, em que estão grupados os personagens da fabula metamorphoseados em flores. No museu de Berlin vêem-se dois quadros dos seus trabalhos mythologicos menos valiosos. Depois de Paris é talvez Madrid que tem a maior collecção de quadros de Poussin, pois não possue menos de doze. Entre os historicos, são obras-primas a Caça do javali e David vencedor de Goliath. Entre as paizagens, é excellente a que representa Polyphemo e Galathea, assumpto mythologico d'uma opera de Handel.

Lorrain (Claudio Gelée de), 1608—1682, companheiro inseparavel de Poussin na morada, estudos, e celebridade. É chamado o Raphael da paizagem, e ninguem o excedeu n'este genero. Copiou dos seus sonhos uma natureza poetica e ideal, e, se não tam verdadeira como a que encontramos, é semelhante a um conjuncto de pontos de vista escolhidos, e por isso mais formosa do que a realidade. Na opinião de Viardot pode applicar-se-lhe a phrase de Shakespeare a respeito do Timon d'Athenas. «Os vossos quadros são uma lição dada á natureza.»

O Louvre obteve 13 quadros d'este mestre, sendo notaveis entre elles a Dança de camponezes junto d'uma fonte, a vista do Campo Vaccino em Roma, e uma boa marinha. O museu de Londres adquiriu 10, sendo notavel Narciso mirando-se na fonte, e notabilissimo o Embarque de Santa Ursula e suas companheiras: é uma formosa marinha, (das paginas capitaes do artista), em

que os raios do sol no occaso tingem o horisonte de côr purpurea. Na galeria do marquez de Westminster ha entre nove quadros duas paizagens de 2^{m}, por 1^{m},20. Uma, a Adoração do bezerro d'ouro, representa uma immensa campina, entrecortada d'arvores e lagos; e sobre um taboleiro de relva vê-se o bezerro incensado e adorado por um grupo de pessoas vestidas á grega. Outra é o Sermão da montanha: mostra egualmente uma campina, em que ao longe se descobre um lago, e uma rocha talhada perpendicularmente, e coroada por moitas d'arvores: sobre a penedia vê-se Christo, rodeado pelos discipulos, prégando fraternidade a um grupo, que apparece em baixo. As figuras, sempre feitas por seus ajudantes, são n'estes dois quadros as mais bem desempenhadas de todas as producções de Claudio.

O museu de Munich possue quatro excellentes pinturas; o de Florença uma bôa marinha; o de Napoles duas paizagens, sendo uma dos capi-d'opera d'este mestre, e o palacio Doria tem outra pagina capital, denominada Bodas de Rebeca.

O museu de Madrid encerra 9 quadros, e entre elles dois são dos de maiores dimensões, e dos mais notaveis do artista.

Um representa S. Jeronymo em paizagem sombria e pedregosa d'um deserto selvatico: o outro a Magdalena penitente diante da cruz arvorada n'um tronco d'arvore, mas em paizagem mais amena do que a antecedente. Aqui o deserto é um sitio gracioso, ornado de verdura entre rochedos, d'onde cahem lindas cascatas, e onde grandes arvores sombream o valle, que serviu de refugio á peccadora, deixando ver ao longe uma cordilheira d'altas montanhas, e os edificios d'uma grande cidade.

Em S. Petersburgo ha 10 quadros, e em quasi todas as galerias da Europa apparecem composições, attribuidas com maior ou menor fundamento ao primeiro artista, (ao poeta), da paizagem, que traduziu a natureza em uma lingua, que falla aos olhos.

Valentin (Moysés), 1600 a 1634, eminente continuador de Caravagio e de Ribera, não pertence á eschola do seu paiz, e como Poussin e Claudio viveu e morreu na Italia. Os seus quadros no Louvre não dão verdadeira idéa do que promettia este artista se a morte o não arrebatasse tam cedo. Vêem-se alli entre diversas telas a Moeda de Cesar, Susana, Julgamento de Salomão, e quatro outros, os Evangelistas, em que, á semelhança de Caravagio, mostra insufficiencia para assumptos de elevação, mas na Cigana lendo a buenadicha a um soldado poltrão, e nos dois Concertos de familia em logares suspeitos, segue um estylo puramente realista, e mostra qualidades de execução e uma energia singulares, tornando-se precioso quando abandonava o ideal para occupar-se da vida simples e vulgar.

No entanto, nos ultimos tempos de sua curta vida, executou telas sacras que se reputam excellentes, empregando na composição a maneira de Poussin, e na execução a de Caravagio. No museu de Munich tem n'este genero um Christo no pretorio de Pilatos; um Banquete no museu de Vienna, Homero no museu de Dresde. A sua obra-prima é o Martyrio de S. Processo e de S. Martiniano, excellente e energica composição no museu do Vaticano, que teve a honra de ser copiada em mosaico para um dos altares da egreja de S. Pedro, e ter sido das escolhidas para vir a Paris. A galeria Sciarra possue a Degolação de S. João e Roma triumphante; o Capitolio outra excellente tela, Jesus en-

tre os Doutores; o o museu de Madrid, o Martyrio de S. Lourenço, do mesmo valor que o seu quadro do Vaticano.

Lesueur (Eustache), 1617 a 1655: o mais modesto dos pintores francezes; viveu sempre retirado do fausto, e repellido da côrte por Lebrun, enclausurou-se no convento da Cartuxa, onde morreu em poucos annos. Brilhou pelas qualidades que Poussin só mostrou na edade madura, a sabedoria, grandeza, força de expressão, nobreza e profundeza de pensamento. Foi appellidado o Raphael francez, e, como elle, teve morte prematura. Nascido em Paris, onde morreu sem nunca haver sahido de França, foi a ella que deixou quasi todas as suas obras, das quaes o Louvre recolheu as melhores e a maior parte, pois não são menos de cincoenta; razão por que os outros museus da Europa, não encontrando producções suas á venda, não teem podido fazer acquisição d'ellas, a não ser um excellente S. Bruno no museu de Berlin, e uma de suas primeiras e mais insignificantes paginas—O Salvador dando a benção — no museu de Bruxellas. O museu de S. Petersburgo attribue-lhe sete quadros, dos quaes quatro são esboços, e dos outros só um é authentico, mas esse grandioso: é Moysés sobre as aguas do Nilo, digno de comparação com as obras de Poussin.

Para conhecer este pintor é indispensavel examinar a collecção do Louvre. Alli encontra-se toda a vida do artista, desde a sua juventude estudiosa até á sua morte anticipada. A mais importante das suas composições é a historia de S. Bruno em vinte e dois quadros, que elle havia pintado para o convento da Cartuxa alguns annos antes de para alli se retirar. Posto elle mesmo dizer que esta serie de quadros eram pouco mais que esboços, elles formam pelo seu conjuncto a

sua obra principal. No primeiro admira-se a prédica de Raymundo Diovrés; no terceiro a resurreição d'este monge, que durante o officio dos defunctos entreabre o caixão para annunciar aos assistentes, que elle está condemnado; os quatro seguintes são S. Bruno aconselhando e convencendo os seus amigos á solidão, dirigido pela visão de tres anjos; o decimo é a viagem á Cartuxa, onde S. Bruno escolhe no mais agreste deserto dos Alpes o logar para o convento, o 21.º a morte de S. Bruno, e o 22.º a sua apotheose: o penultimo é um primor d'arte, em ordem magistral e expressão pathetica. Toda esta lenda é obscura e mystica, em que os extasiados parecem mais phantasmas que seres viventes; mas quem quizer apreciar o artista no extremo opposto, examine as decorações dos salões das Musas e d'Amor no palacio de mr. Lambert de Thorigny, onde elle, nos seis capitulos que compoem a historia do Amor (cinco grupos de Musas e Phaetonte no seu carro), mostra que não foi aqui menos habil passando do seu genero, o poema religioso, á mythologia; do astero ascetico á graça mundana.

Entre estes dois extremos, isto é, as decorações asceticas do Convento da Cartuxa e as decorações mundanas do palacio Thorigny, ha um meio termo nos seus quadros do Louvre Descida da Cruz, Missa de S. Martinho, Apparição de St.ª Escolastica a S. Benedicto, e na grande tela Os dois irmãos martyres S. Gervasio e S. Protasi, que recusam diante do proconsul Astasio adorar os falsos deuses, assim como em duas pequenas mas excellentes telas, Christo na columna e Christo com a cruz, as quaes mostram que, como Poussin, parecia que quanto mais reduzia as proporções das suas telas mais alto se collocava quanto ao merecimento d'ellas.

É ainda um meio termo entre aquelles dous extremos e a sua obra-prima, um quadro em que d'esta vez é grande pelas dimensões da tela e pelo merecimento do todo, quadro que elle fez em 1648 para a corporação dos ourives offerecer a Nossa Senhora de Paris. Vê-se n'elle a Prédica de S. Paulo na ilha d'Epheso, (assim se denomina), aos gentios mandando trazer e queimar a seus pés os livros de magia e das artes curiosas. Esta obra é realmente a pagina mais brilhante do seu auctor, e com justiça collocada no grande salão das obras-primas. Depois do que fica dito, basta accrescentar que Lesueur é ainda grande no museu dos desenhos; grande em um só quadro que se vê no museu de Berlin, S. Bruno na cella em oração ante a cruz; bem como no de S. Petersburgo pelo Moyses sobre as aguas do Nilo.

Lebrun (Carlos), 1619 a 1690, foi o pintor favorito de Luiz XIV; e á similhança de Velasquez, que pelo favor de Filippe IV se tornou o pintor exclusivo da côrte á qual legou todas as suas obras, Lebrun deixou a bem dizer todas as suas á côrte de França, sendo hoje os respectivos museus de Madrid e Paris os herdeiros universaes do immenso legado dos dois mestres. Entre vinte e dois quadros que se vêem no Louvre, tem o primeiro logar pelas dimensões a historia d'Alexandre em cinco telas, tres das quaes teem doze metros de comprimento, reunindo muitos personagens, a passagem do Granico, a batalha d'Arbella, a familia de Dario prisioneira, a derrota de Poro e o triumpho d'Alexandre em Babylonia, visivel adulação a Luiz XIV n'esta allegoria. Não são porém as suas melhores paginas.

Antes do favor de Luiz XIV, quando ainda moço, pintou o Santo Estevão apedrejado mais digno d'elogios,

o qual é uma pintura franca e pensada, em que se eleva ás altas regiões da grande pintura religiosa; assim como na pintura profana Catão ou Mucio Scevola, tambem de suas precoces estreias. Quando decahiu do valimento do rei e ficou humilde e modesto, então se tornou verdadeiro artista, como se vê de tres pequenos quadros, Jesus entrando em Jerusalem, Jesus caminhando para o supplicio e Jesus na cruz: principalmente o segundo, que faz lembrar o Spazimo de Raphael, é de grande merecimento, sem aquella pompa theatral que se nota na Magdalena arrependida em que elle retratou M.lle de la Valière, e n'outras pinturas do seu tempo de cortezão.

Este artista é representado no museu de Munich pela Magdalena arrependida, que é ainda o retrato de M.lle de la Valière; na galeria do principe Lichtenstein em Vienna por uma scena da Degollação dos Innocentes; na do principe Esterhazy pela Paz de Nimègue; no museu de Berlin por um retrato do célebre banqueiro de Colonia Eberhart Jabach, que a ser authentico lhe dá grande honra pela nitidez e brilho que o faz parecer de Filippe de Champagne; no museu de Veneza por outra Magdalena, e no da Russia por uma excellente copia dos frescos de Raphael, a Eschola d'Athenas e por alguns quadros de pouca importancia quando joven.

Watteau (Antonio), 1684 a 1721: sendo no seu genero de pintor de scenas pastorís hoje muito apreciado, e unico de merecimento em França na sua epocha, não é representado no Louvre senão por uma pintura tam ligeira que se póde dizer esboço, representado o Embarque para a ilha de Cythera. Mas, fóra de França, é representado em Munich por uma pintura egualmente ligeira, a Sociedade no Jardim; em Dres-

de por duas excellentes scenas campestres; no museu de Berlin é muito bem representado por dois quadros os Prazeres da Comedia franceza e os Prazeres da Comedia italiana, e melhor ainda no museu de S. Petersburgo por uma marcha e parada de tropas, por uma dança e jantar campestres d'uma graça, finura e côr admiraveis, e por uma Sacra Familia n'uma paizagem, genero que se lhe não conhecia, mas que elle tractou com a mesma perfeição.

Greuse (João Baptista), 1725 a 1802: apreciavel porque foi quem reconduziu a pintura aos bons costumes então de todo desprezados. Brilhou pela naturalidade das scenas familiares, e foi o iniciador da moderna eschola, abandonando o estylo Pompadour. As suas obras capitaes são: o Cantaro quebrado, a Maldição paterna, a Volta do filho maldicto e o Contracto d'aldêa (escriptura de casamento); sem ter um acabado exempto de critica, soube dar naturalidade, graça e simplicidade a estas especies de dramas d'aldêa, como se observa nos referidos quatro quadros do museu do Louvre. Quanto aos museus estrangeiros, vê-se em Vienna na galeria do principe Esterhazy um quadro em que alguns camponezes levam provisões a um eremita; em Hampton-Court, um retrato de M.me de Pompadour; na galeria do rei em Buckingham-Palace, uma scena familiar, (a mãe no meio d'uns poucos de filhos a quem não póde conter); no museu da Russia, uma obra verdadeiramente capital, o Paralytico servido por seus filhos.

Vien (J. M.) 1716 a 1809, foi o primeiro mestre da nova eschola, isto é, como Greuse, abandonou a affectação e as futilidades libertinas em troca do serio, nobre e bello, voltando aos assumptos do alto estylo, a exemplo dos Carraches, a quem faz lembrar nas

suas bellas composições, existentes no museu do Louvre, S. Germano d'Auxerre; S. Vicente de Saragoça recebendo d'um anjo a corôa do martyrio, e no seu, Eremita dormindo.

David (Luiz), 1748 a 1825, discipulo do precedente e seu continuador, tornando-se chefe da nova eschola, porque foi além da timida reforma ensaiada por seu mestre, e com mais extensão, firmeza e bom successo conseguiu a reforma completa. David teve grandes merecimentos, assim como grandes defeitos. Querendo fazer uma reforma radical e abrir nova era na pintura, tirou principalmente os moldes da esculptura e architectura primitiva, abandonando Leonardo de Vinci, Raphael, Poussin, Lesueur, etc. Era sem duvida ennobrecer o estylo o oppor a san e fortificante influencia da arte á corrupção dos costumes que ella estava supportando, mas foi tambem pela falta de combinação com a pintura classica do 15.º e 16.º seculos que se póde dizer que elle se enganou na estrada, tomando o caminho direito para a estatuaria em logar de seguir pelo da pintura regenerada: por isso a sua pintura póde dizer-se de assumptos elevados, grande estylo, nobres sentimentos, fórmas austeras, desenho correcto e pintura ordinariamente castigada, mas por outro lado d'uma rudeza ou rigor academico na composição; e o seu pincel executava seres parecidos com estatuas de marmore, de maneira que um quadro parece um baixo-relevo; é em fim pintura esculptural, accrescentando-lhe um colorido brando e monotono, e má distribuição de luz pelo desprezo dos maravilhosos encantos do claro-escuro. Pôde-se accrescentar, ainda que o antigo é reproduzido por David com uma pompa affectada.

Sem reverencia, ternura e calor, nunca ousou tractar assumptos sacros, que eram tambem fóra de pro-

posito da sua epocha, mas que á falta de fé podiam ser tractados pela philosophia. O Louvre tem, entre outros quadros, Belisario mendigando, que elle fez á sua chegada de Roma em 1780; o Juramento dos Horacios, feito em Roma na sua segunda viagem em 1784, Marco Bruto, a quem os algozes levam os cadaveres de seus dois filhos que elle havia condemnado á morte, feito em 1789 quando já pintor de Luiz XVI: este quadro parece annunciar o que a França de 1793 praticou com seus proprios filhos; o artista esconde, com a sombra da estatua de Roma e da loba, a figura de Bruto, em quem luctam a dôr do pae e o heroismo do cidadão; as Sabinas lançando-se entre os romanos e os sabinos, que se não merecem elogios pela composição e outros respeitos, serão sempre grandes modêlos para consultar pelo que toca ás fórmas e ao desenho. Entre os immensos retratos, recolheu o Louvre um dos melhores, que é o de Pio VII, bem copiado do natural, cheio de vida physica, bem contornado, puro e simples: é dos raros quadros chamados de cavalete. Recolheu tambem o Louvre uma de suas ainda mais raras pinturas eroticas, os Amores de Helena e Páris, assumpto da antiga fabula que elle copiou d'um baixo relevo do palacio Borghese em Roma, executado com graça e só excedido pela sua verdadeira obra-prima, a Morte de Socrates, que ainda é propriedade particular, mas que fazem a diligencia por adquirir, pois n'ella mostrou David que, quando descia nas dimensões da tela, mais se elevava como artista. Esta unica tela, bem conhecida pela gravura e por haver concorrido a uma exposição de beneficencia, fez considerar o seu auctor a par dos melhores mestres da eschola franceza. O museu historico de Versailles tem entre outros a Coroação de Napoleão 1.º e de Josephina em 1804; e Napo-

leão 1.º distribuindo as aguias ao exercito em 1804.

Regnaul (J. B.), 1754 a 1829, imitador distincto das boas qualidades de David; tem apenas duas telas no Louvre, um Descimento da Cruz e a Educação d'Achilles pelo centauro Chiron, que podia em caso de duvida attribuir-se conscienciosamente a David.

David e Regnaul deixaram discipulos distinctos, taes como:

Girodet (A. L. — Trioson) 1767 a 1824, que tem quatro telas no Louvre.

Guérin (P. N.), 1774 a 1833, que cahiu a final nas rasteiras futilidades do *lindo*, o que fez dizer a um pintor mais moderno e mais distincto: «Se me approximassem d'aquellas pinturas de porcellana, despedaçava-as.

Gerard (François), barão, 1770 a 1837, ultimo representante da eschola de David, do qual se vê um optimo quadro no Louvre, o Amor de Psyché, assim como a Entrada de Henrique IV em Paris. Occupou-se muito de retratos para uma infinidade de personagens de toda a Europa.

Gros (Antonio João), 1771 a 1835. Este mestre marca outra phase na pintura: fez descer as estatuas de David para dar-lhes vida e animação: abandonou a Escriptura, a Grecia, Roma e a mythologia, pintando simplesmente os acontecimentos do seu paiz, os homens e as coisas taes quaes se passavam. A esta mudança completa dos assumptos juntou mudança analoga no estylo e no gosto, introduzindo na execução dois elementos novos, a côr e o movimento.

Os seus quadros no Louvre são os Pestiferos de Jaffa, scena da guerra do Egypto; Batalha d'Aboukir, onde 5,000 francezes derrotaram 15,000 turcos, apossando-se da cidade; n'este quadro mostra-se bom colo-

rista; Campo de batalha d'Eylau depois do combate n'uma pequena cidade da Prussia, onde Napoleão derrotou os russos e os prussianos em 7 e 8 de fevereiro de 1807: grande obra e grande modêlo d'estudo, a mais pungente imagem das desolações da guerra que ainda traçou pincel algum, muito mais terrivel na sua selvagem realidade que as allegorias de Rubens ou de Palma, e em que o vencedor, menos satisfeito do triumpho, espantado do sangue que elle custou, parece presentir n'esta victoria o campo expiatorio de Waterloo, a Visita de Carlos V e Francisco I aos tumulos de Saint-Denis, d'uma execução serena e delicada. Depois d'estas grandes paginas, admiram-se as pinturas da cupula do Pantheon com as quatro dynastias de França, Clovis, Carlos Magno, S. Luiz e Luiz XVIII em logar de Napoleão. Gros executou tambem duas outras telas que passam pelas suas obras capitaes, a Fuga de Luiz XVIII na vespera da volta de Napoleão; e a Fuga da duqueza d'Angoulême: esta foi adquirida ultimamente pelo museu de Bordeus. O museu historico de Versailles possue tambem diversos: Batalha d'Aboukir em 1799 — Entrevista de Napoleão 1.º com o imperador d'Austria, em que o primeiro recebe o segundo na sua barraca de campanha, depois da batalha d'Austerlitz.

Prud'hon (Pedro Paulo), 1758 a 1823, que estudando por subscripção e sendo por muito tempo obrigado a fazer trabalhos humildes, para poder viver, como desenhar e gravar vinhetas de livros, pintar caixinhas para confeitarias, etc., foi por muitos annos desconhecido e sempre mal apreciado; mas a justiça posthuma ás suas producções torna-as tam procuradas e estimadas quanto foram esquecidas. O Louvre ainda ha poucos annos só possuia tres telas adquiridas em

vida do pintor, não lhe sendo possivel obter nenhuma das que são propriedade particular. As que o museu recolheu são: A Justiça e a Vingança divinas perseguindo o crime, pintado para o tribunal de justiça.

O assumpto é a morte d'Abel por Caim. Vêemse além dos dois personagens a Vingança descendo do ceo como um raio e significa o remorso, e a Justiça que desce serena e impassivel e significa a condemnação. Estas duas figuras symbolicas suspensas no ar corôam a scena, em que a terra é regada pelo sangue innocente que corre n'ella. Por esta occasião foi Prud'hon condecorado (1807), e posta á sua disposição gratuita uma sala d'estudo na Sorbona.

Outro quadro é um Christo expirando na Cruz, que foi pintado para a egreja de Strasburgo; morrendo porém o artista ao terminal-o, teve o governo occasião de o adquirir para o museu. É uma excellente pagina: vêem-se a Virgem, a Magdalena e S. João consternados, e o rosto de Christo quasi perdido nas trevas da afflicção. Não fica longe do merecimento do Christo de Murillo no museu de Madrid. A terceira tela é uma Assumpção da Virgem que foi feita em 1816 para a capella das Tuillerias, e que a revolução de 1848 fez ir para o museu.

Infelizmente, não se encontram no Louvre telas do genero em que Prud'hon mais se distinguiu, — o engraçado—, como por exemplo o Zephyro balanceando-se sobre agua, o Roubo de Psyché por Zephyros, o Somno de Psyché e Venus e Adonis, em que elle foi appellidado o Corregge francez, e são ainda propriedade particular.

Ingres (J. A.), fallecido ultimamente, é um dos melhores representantes da eschola moderna; e uma tela

que existe no Luxemburgo reproduzindo a pintura que elle havia feito em um tecto, a Apotheose d'Homero, bem como entre outros o retrato de Cherubini. mostram bem quanto este artista é eminente. Além dos quadros do Luxemburgo, tem outros que são admiraveis, mas ainda param em mãos particulares; taes são Edipo diante da Sphynge, Odalisca, Leitura de Virgilio e Voto de Luiz XIII, que se tornam credores do respeito e admiração publica. Do mesmo modo são notaveis os seguintes pintores contemporaneos já fallecidos:

Hippolyto (Flandrin), fallecido ha poucos annos, foi o mais distincto e estimado discipulo de Ingres. Tornou-se célebre pelas suas composições sobre assumptos mysticos, nas quaes se admira o mais puro sentimento religioso e um estylo de desenho sabio e correcto. As suas obras mais notaveis existem em Paris: —São as pinturas executadas sobre as paredes do interior das egrejas de S. Vicente de Paula, e S. Germano *des Prés.*

Como pintor de retratos, é tambem um dos melhores artistas d'este seculo.

Scheffer (Ary), tem egual direito á admiração publica. Está representado no Luxemburgo apenas por duas producções da sua juventude, que são distinctas, mas não valem as que pintou na edade madura, e que param em mãos particulares. Este pintor é de origem hollandeza e figura no fim da lista dos d'aquella nação.

Delacroix (Eugenio), é representado no Luxemburgo por quatro telas que provam sufficientemente quanto é justa a sua fama. Estas quatro telas são Dante e Virgilio conduzidos por Plegias pelo lago infernal, a

Matança de Scio, as Mulheres d'Argel e as Bodas judaicas em Marrocos.

Delaroche (Paulo), é alli representado por tres excellentes telas: Joas salvo por Jesabeth, Morte d'Isabel d'Inglaterra e a execução dos sobrinhos de Ricardo III.

Vernet (Horacio), tem alli a Matança dos Mamelucos, Judith e Holophernes, Raphael e Miguel Angelo, e a Defeza da barreira de Clichy.

O museu historico de Versailles é que tem recolhido alguns immensos e excellentes quadros, taes como a batalha de Wagram em 1809, Filippe Augusto victorioso dos grandes feudatarios em 1214, Victoria do marechal de Saxe sobre os inglezes em Fontenoy, 1745, batalha d'Iéna, e a de Friedland em 1807 talvez de oito ou dez metros de comprido por uma largura proporcional.



Pintura portugueza

I

Não comportando o nosso trabalho uma historia circumstanciada da pintura portugueza, que aliás é a que mais nos importa tornar conhecida, vamos resumidamente mostrar, que ella nos ultimos tempos tem sido estudada por pessoas competentes; aproveitando a occasião para darmos noticia dos quadros mais importantes, que existem no nosso paiz.

Apezar do pouco disvelo que tiveram nossos ante-

passados em deixar-nos noticias claras dos diversos artistas mais ou menos notaveis, tanto nacionaes como estrangeiros, que aqui fundassem escholas ou exercessem as suas artes, sabe-se que el-rei D. Diniz (1279 a 1325) mandou fazer uma Adoração dos Magos para o convento de S. Domingos de Lisboa, e D. Affonso IV (1325 a 1357) o seu retrato e o de seus predecessores; sabe-se egualmente que a pintura da sala das pegas, no palacio de Cintra, é do reinado de D. João I em fins do seculo XIV: o que porém attrahiu a attenção de Francisco de Hollanda, como pintura notavel, foi a do altar de S. Vicente, na cathedral de Lisboa, pintura que dizem ser do tempo de D. Affonso IV.

«É innegavel que Portugal, como toda a Peninsula «iberica, era um grande mercado para as bellas-artes, «e que grandes vultos aqui residiram ou nos visitaram «durante o periodo do renascimento. O proprio João «Van-Eyck, fundador da eschola de pintura flamen«ga, aqui esteve em 1429 quando tirou o retrato á «infanta D. Isabel, depois casada com o duque de Bor«gonha Philippe o Bom, cujo retrato existe hoje no «museu de Bruxellas. No palacio archiepiscopal d'E«vora existe uma Virgem Gloriosa, que pela data pro«vavel, simillhança d'estylo e sublimidade d'execução, «lhe é attribuida.

«Por toda a Peninsula é vulgar encontrarem-se, «nos registros das cathedraes, os nomes de João Fla«mengo, João de Borgonha, Antonio de Hollanda, «Christovão d'Utrecht e outros, que evidenceiam a pro«cedencia estrangeira das familias pelas quaes eram «usados. Estes homens tornaram-se fundadores de es«cholas d'arte, e d'elles descendem aquellas successivas «gerações de habeis artistas que, enxertando na velha «arte flamenga os caracteristicos nacionaes e locaes,

«produziram, como o attestam Fernando Gallegos em «Hespanha e Vasco Fernandes em Portugal, obras no«taveis e bem individualisadas, eguaes em mereci«mento ás de seus illustres contemporaneos em ou«tros paizes.

«A prosperidade de Portugal durante o reinado «de D. Manuel (1495 a 1521), e a paixão decidida «d'este monarcha pelas bellas-artes, ás quaes impri«miu todo o impulso, deram tambem em resultado um «renascimento todo nosso nos ramos architectura, es«culptura e ainda ourivesaria. Em toda a parte ven«cia o estylo manuelino, que era o estylo classico ita«liano modificado por um cunho nacional. É notavel a «rapidez com que os principaes artistas abandonavam «o estylo gothico de seus prototypos flamengos, pa«ra abraçar as liberdades que os italianos introduzi«ram». ([1])

Seguiu-se o reinado de D. João III (1521 a 1557), monarcha que, apezar de dar egualmente protecção ás artes, ligou-nos com a egreja por modo tam inconveniente, admittindo no reino os jesuitas, que toda a educação do povo lhes ficou sujeita, e as artes por conseguinte na dependencia d'elles.

Em meiados do seculo XVI era a bem dizer geral o gosto pela eschola classica italiana, aonde os nossos artistas tinham ido instruir-se, sendo já esta eschola a preferida e protegida pela côrte, pelas principaes cidades e por quasi todos os amadores esclarecidos. A exemplo dos outros ramos de bellas-artes, a pintura classica italiana preparava a sua naturalisação, não obstante ser-lhe opposta a influencia clerical.

([1]) Extrahido da memoria que escreveu mr. Robinson, e dos escriptos do conde Raczynski.

A batalha d'Alcacer-Quibir, em 1578, extinguindo por assim dizer a nossa independencia, esmagou tambem todo o progresso. Por cumulo de infelicidades, tendo-se uma das illustrações artisticas d'essa epocha, o pintor portuguez Affonso Sanches Coelho, dedicado á côrte hespanhola, o seu nome é involvido no cathalogo dos pintores d'aquella nação, onde passou a vida e onde existem as suas producções. Claudio Coelho, egualmente notavel, filho d'uma familia portugueza residente em Madrid quando eramos provincia hespanhola, foi-nos tambem arrebatado. Os outros artistas que não quizeram pedir protecção aos conquistadores, foram forçados a voltar ao dogma, isto é, ao estylo flamengo, porque sendo as egrejas seus quasi unicos compradores, preferiam as pinturas d'aquelle estylo por mais conformes com as antigas tradições. D'este modo se explica a preferencia pelas pinturas que se denominam gothicas, em fins do seculo XVI; e quando toda a Italia, a mesma Allemanha e muitos outros paizes estavam já libertos d'aquelle estylo, pintando cada um segundo a sua phantasia, grande parte dos pintores da Peninsula, e principalmente de Portugal, achavam melhor sahida e protecção para os quadros da velha eschola, quasi todos recolhidos pelos conventos, onde os proprios artistas muitas vezes residiam.

Em principios do seculo XVII, não era raro encontrar partidarios d'este estylo já proscripto das principaes cidades. Não seguiremos a historia das artes durante a dominação hespanhola, porque n'este periodo, em que as artes patrias se reduziram á mais infima condição, não tivemos a bem dizer historia, a não ser a da nossa eschola de Vizeu, que parece no seu

*

isolamento ter escapado áquella triste serie de oppressões systematicas e de degradações.

Vamos porém dar conta em resumo das opiniões de duas auctoridades na materia principalmente com relação aos nossos quadros de Vizeu.

O conde A. Raczynski, diplomata prussiano eminentemente habilitado, e membro da Sociedade Artistico-Scientifica de Berlin, aproveitou a sua residencia em Portugal, de 1843 a 1845, para, n'esta ultima qualidade, estudar praticamente a nossa maior ou menor riqueza em bellas-artes. Foi, como devia ser, auxiliado pelo nosso governo, pelos mais distinctos lentes da academia, pelos bibliothecarios e por muitas outras pessoas notaveis, principalmente pelos exc.^mos^ snrs. Visconde de Jerumenha e Vasco Pinto de Balsemão. Consultou todas as obras que sobre aquella materia se teem aqui publicado, e bem assim aquellas em que de nós se teem occupado diversos estrangeiros, especialmente mr. Ferdinand Denys e o italiano Guarienti, director da respeitavel galeria de Dresde, o quàl para identico fim aqui havia estado de 1733 a 1736.

Não se fiava Raczynski nos elogios simplesmente porque os achava escriptos: consultava as obras para certificar-se da authenticidade dos objectos, reservando-se a maneira de aprecial-os, no que grande parte das vezes divergiu dos auctores d'aquellas obras, parecendo em muitos casos severo até em demasia; e tres annos empregou n'estas pesquizas, não se poupando a fadigas, fazendo viagens a muitos pontos do reino, como ao Porto, Lamego, Vizeu, Evora, Setubal e Thomar, n'uma epocha em que tam difficilmente se viajava.

Eis o resumo das suas analyses.

Existem em Portugal centenares de quadros d'estylo gothico, pintura sobre madeira, alguns de muito valor, e, por se terem perdido as tradições, eram na sua maxima parte attribuidos a um pintor chamado Gran Vasco. Julgavam-n'o nascido em meiados do seculo XV, em razão do seu estylo, e suppunham-lhe uma eschola, por cujos discipulos fôra ajudado para poder deixar tantas producções. Diziam-n'o natural de Vizeu. Mas Gran Vasco não passava d'um mytho, a quem se attribuiam os quadros gothicos d'algum valor.

As porfiadas indagações, combinadas com as constantes tradições de Vizeu e corroboradas por um manuscripto que pára na bibliotheca do Porto, deram em resultado decifrar-se a primeira parte do enigma. O citado manuscripto é de Manuel Botelho Pereira, e datado de 1630; intitula-se *Dialogos Moraes, Historicos e Politicos,* e n'elle se faz a apologia do quadro da capella de Jesus, no altar chamado da Porta do Sol nos claustros da Sé de Vizeu, dizendo-o sublime pintura de Gran Vasco Fernandes. (Oitava carta, appendice 2.º, paginas 182 e 183.) Restava pois decifrar a segunda parte do enigma, que era a filiação d'essa entidade; e o conde ficou certo de tel-o conseguido com o assento baptismal de Vasco Fernandes, nascido em 18 de setembro de 1552, filho do pintor Francisco Fernandes e de Maria Henriques, naturaes de Vizeu. Á vista portanto do testimunho de Manuel Botelho Pereira, homem illustrado, conterraneo e ainda contemporaneo do pintor, foi aquelle quadro julgado authentico.

As primeiras impressões do conde, ao examinar esta pintura, foram de que o quadro parecia mais antigo; mas a apreciação aprofundada sobre as mais pequenas circumstancias convenceram-n'o de que elle se

accommodava perfeitamente á epocha, em que devia florescer o Vasco Fernandes que acabava de descobrir-se. Não contente porém com isto, temeu enganar-se, visto que antes d'este se haviam já descoberto quatro outros nomes identicos: um que simplesmente se sabe chamar-se Vasco, descoberto por meio d'um documento de 1455, em que D. Affonso V o nomeou illuminador da côrte (pintor de miniaturas em livros); o segundo, Vasco Fernandes do Casal, fidalgo da côrte de D. João III, e filho d'uma familia illustre de Vizeu; o terceiro Vasques Lusitanus, nome que se vê em um quadro representando o martyrio de S. Sebastião, na egreja de S. Lucar de Barrameda em Hespanha, quadro datado de 1562; e finalmente o quarto, Vasco Pereira, nome que se via n'um quadro datado de 1575, na collecção do snr. Bravo em Sevilha. Estes dois ultimos eram citados na obra de Bermudez como pintores portuguezes.

Á vista pois, de tudo isto, reservou Raczynski a sua opinião definitiva para depois do exame d'estas pinturas; e n'uma viagem em Hespanha visitou-as, para julgar da affinidade que podessem ter com as de Vizeu, resultando d'essa investigação não existir entre ellas relação alguma. Certo, por tanto, de que o verdadeiro Gran Vasco era esse Vasco Fernandes que acabava de encontrar, attribuiu-lhe com todo o fundamento vinte e um quadros existentes na Sé de Vizeu, servindo-se como pedra de toque do que representava o Calvario designado por Manuel Botelho Pereira no altar da Porta do Sol, onde ainda hoje se conserva. Com estes vinte e um quadros só julgou que podesse ter affinidade um S. Miguel, na collecção do duque de Palmella.

Na impossibilidade de transcrever textualmente, at-

tendendo aos limites a que nos queremos restringir, o que vem nos dois volumes de Raczynski com relação aos nossos quadros d'estylo gothico, damos em seguida um resumo da sua opinião a respeito dos mais notaveis, com as competentes referencias, principiando pelos existentes na cathedral de Vizeu. ([1])

(N.º 1) O Calvario, quadro de $3^m,39$ por lado, com vinte e tantas figuras quasi ao natural, no altar da Porta do Sol, representa Christo entre os dois ladrões, rodeado por uma escolta de doze homens a pé e tres a cavallo, tendo junto da cruz sua Mãe santissima desfallecida, acompanhada por tres mulheres e por S. João, vendo-se ainda ao longe Judas enforcado n'uma arvore e duas outras figuras. «É de grande merecimento, ainda que muito arruinado. Julgal-o-ia anterior a 1570, se os documentos não fossem melhor auctoridade que as minhas supposições. As roupagens e a architectura são d'um estylo que se accommoda perfeitamente á epocha em que hoje sabemos que o auctor viveu».

(2 a 4) Tres outros quadros pequenos com passagens da Paixão de Christo, cujas figuras teem 27 a 30 centimetros, e que se acham collocados por baixo do quadro grande, formando a bem dizer uma dependencia d'elle. «São de egual merecimento».

(5) S. Pedro. Passando á sacristia, diz a respeito do quadro que vulgarmente é conhecido por este nome, mas que parece ser o symbolo da auctoridade suprema da egreja sob a figura d'um Papa, e que mede $2^m,26$ por lado: «Não se póde ver nada mais grandioso! A

([1]) Para as dimensões e assumptos podem consultar-se as cartas 7.ª, pag 135, e 12.ª, pag. 304; e quanto ao merito artistico a carta 16.ª, pag. 366 e seguintes, e o Diccionario Historico-Artistico de Portugal, pag. 93 e 120.

attitude, a architectura, as roupas, a composição, o desenho, os toques o colorido, os accessorios, a paizagem e as pequenas figuras do fundo, tudo é bello, tudo é irreprehensivel!»

(6 a 8) Tres quadros na mesma sacristia de eguaes dimensões: são o Cenaculo (Pentecostes) ou a Descida do Espirito Santo, o Baptismo de Christo e o Martyrio de S. Sebastião; a respeito dos quaes diz elle: «Não são isentos d'alguns defeitos, o modelado dos nús não é sempre perfeito, o desenho nem sempre é correcto, as extremidades não são bellas, mas como todas as obras do Gran Vasco teem um caracter grave e elevado, que eu não descubro no mesmo grau em nenhum dos outros quadros gothicos que tenho visto em Portugal».

(9 a 21) Existe ainda na referida sacristia uma serie de treze quadros menores (90 centimetros d'altura), com figuras de santos e eremitas em meio corpo, entre os quaes parece sobresahir um S. Jeronymo orando no deserto e ferindo o peito com uma pedra. A respeito d'esta serie diz Raczynski: «Direi para seu elogio que são evidentemente obra do mesmo mestre, Vasco Fernandes, o pintor de Vizeu, o Gran Vasco».

(22 a 35) Na sala do capitulo existe outra serie de quatorze quadros, sete dos quaes representam a vida da Virgem ou a adolescencia de Jesus, — Annunciação, Visitação, Natividade, Circumcisão, Adoração dos Magos, Apresentação e Fugida para o Egypto,—e os outros sete a Paixão de Christo,—Ceia, Christo no Jardim das Oliveiras, Prisão, Descimento da Cruz, Resurreição, Ascensão e Pentecostes; as suas dimensões serão 6 palmos d'altura por 3 de largura, e ácerca d'elles diz Raczynski: «Estes quatorze quadros são ex-

cellentes, mas muito differentes dos quadros da sacristia e do Calvario. São d'um trabalho mais minucioso, sem o caracter de grandeza das obras de Gran Vasco. Em compensação teem mais naturalidade. As suas roupagens são menos largas, os seus toques menos faceis, e um ar mais gothico».

A respeito da analogia d'estylo diz, a paginas 367 da sua 16.ª carta: «Os quadros de Gran Vasco não pertencem, como antes havia supposto, á influencia italiana, mas mui decididamente á d'Alberto Durer». E a paginas 370 da mesma carta: «Os quadros de Gran Vasco, assim como os da sala do capitulo, não apresentam, quanto a mim, nenhuma analogia com Perugino; descobriu n'elles ao contrario a influencia flamenga e alleman, á qual as artes das Hespanhas tanto tempo estiveram sujeitas».

Em Santa Cruz de Coimbra nota Raczynski entre outros os quadros seguintes, na sua 28.ª carta, pag. 470:

(36 e 37) «Dois quadros em fórma de medalhão resguardados com vidro. N'um estão pintadas as cabeças de Christo e de S. João, e n'outro as de S. Pedro e S. Paulo, um pouco menos que ao natural. Não pude descobrir de que mestre ellas sejam, mas fizeram-me lembrar o retrato de Holzchur por Alberto Durer. Acredito que tenham vindo d'Allemanha e que remontem á epocha d'aquelle pintor. O que é certo, é que são admiraveis de desenho e de colorido, e as pinturas mais dignas d'attenção não só d'esta egreja, mas talvez de todas as egrejas do paiz».

(38 a 42) «Cinco outros quadros no genero dos que em Portugal chamavam de Gran Vasco, um Santo, excellente pintura, um S. Vicente, um S. Sebastião, um S. Roque e um S. Lourenço, todos sobre madei-

ra como o primeiro e tambem apreciaveis. Não pude examinar uma Descida do Espirito Santo egualmente sobre madeira que lá existe, e que de longe me não pareceu notavel».

Agora vamos transcrever as principaes passagens d'uma memoria de mr. J. C. Robinson sobre os quadros que Raczynski attribuiu a Vasco Fernandes, o Gran Vasco de Vizeu.

Primeiro que tudo devemos fazer saber aos leitores, que mr. Robinson é egualmente habilitado. A elle se deve em grande parte a creação do museu de Kensington em Londres, que reune o museu de bellas-artes e o de artes industriaes, com escholas, premios e concursos, promettendo ser em breve o primeiro no seu genero. Mr. Robinson occupa alli o cargo de consultor, sendo indispensavel o seu voto para qualquer acquisição.

Vindo a Lisboa, foi em outubro de 1865 visitar os quadros da Cathedral de Vizeu, e na memoria que publicou, diz o seguinte a pag. 33 em relação aos da casa do capitulo:

«A casa é muito escura, e como as pinturas estão cobertas de lixo e pó, mal se podem ver. Na minha opinião, estes quatorze paineis estavam antigamente emmoldurados juntos, formando um retabulo. Os assumptos são varias scenas da vida e paixão do Salvador. Depois de cuidadosamente examinar as vestes, os ornatos e outras indicações, assim como o estylo em geral, convenci-me de que estas pinturas seriam feitas de 1500 a 1520, e pelo mesmo auctor. A minha primeira impressão foi que eram obra de algum pintor flamengo, mas depois de mais detido estudo, certifiquei-me de que haviam sido executadas na peninsula iberica e com muita probabilidade por um pintor bem

amestrado no estylo e execução technica da antiga arte flamenga».

A respeito dos da sacristia diz a pag. 34:

«Os assumptos dos quadros grandes na ordem provavel das datas são: 1.º o Martyrio de S. Sebastião, 2.º S. Pedro com vestes pontificaes sentado n'um throno, provavelmente representação ou personalisação typica da egreja catholica, 3.º Baptismo do Salvador por S. João, 4.º O Pentecostes. Estas quatro pinturas e as menores mostram estylo mais adiantado do que os quadros da casa do capitulo e parecem d'outra mão; julgo que foram executadas pelos annos de 1520 a 1540. Posto que os quatro quadros grandes variem entre si consideravelmente na maneira geral, e até em particularidades typicas, taes como physionomias, estylo geral do desenho, disposição das pregas, etc., inclino-me, com Raczynski, a crer muito pravavel que sejam todos obra do mesmo artista, bem como os quadros menores. O Pentecostes é o que apresenta maior divergencia dos outros, porém creio que em data é o ultimo da serie, e é tambem, no todo, o mais fraco dos quatro como obra d'arte. As differenças de estylo talvez possam explicar-se por successivas alterações no estylo do artista durante o lapso de tempo decorrido entre a execução dos differentes quadros.

«Em todo o caso, não tenho a menor duvida de que dois da serie, a saber: o Baptismo e o S. Pedro, são do mesmo artista. Ao ver estas pinturas, fiquei impressionado pela similhança do seu estylo e effeito geral com uma notavel obra d'arte, existente em Hespanha: o bem conhecido retabulo que representa o Descimento da Cruz, por Pedro Campana, na cathedral de Sevilha».

E a pag. 35 diz:

«Falta ainda mencionar outra pintura, que é o retabulo da capella de Jesus: capella humida e quasi deserta, separada da fabrica principal da cathedral, e que fórma uma especie de vestibulo ou passagem, communicando o exterior com o claustro. É um grande quadro em fórma d'arco, proximamente de oito pés d'altura, com tres quadrosinhos de predella em baixo. O assumpto da pintura principal é a Crucificação ou o Calvario, composição de muitas figuras apresentando o Salvador crucificado entre os dois ladrões, alguns discipulos junto da desfallecida Virgem no segundo plano, muitos soldados romanos a pé e a cavallo, e outras figuras accessorias. Os assumptos da predella são Christo na presença de Pilatos, o Descimento da Cruz e a Descida ao Limbo.

«O conde Raczynski não hesita em attribuir esta obra ao mesmo auctor dos quatro grandes quadros da sacristia. É innegavel que tem com elles grande analogia, e estou disposto a adoptar esta opinião; discordo porém do conde na sua apreciação do merito relativo das pinturas; pois se me afigura ser este quadro o mais fraco e não o melhor de toda a serie ([1]).

A pag. 38 accrescenta:

«Em quanto estava examinando estas pinturas, tive a fortuna de travar relação com o snr. Antonio José Pereira, artista de talento, nascido e residente em Vizeu. Logo percebi que o snr. Pereira, que havia acompanhado o conde Raczynski, olhava com o mais vivo interesse a questão sujeita, tanto que obsequiosamente se prestou a guiar-me durante o resto do dia nas minhas

([1]) Como se póde ver da sua apreciação, Raczynski diz simplesmente que este quadro é de grande merecimento, ainda que está muito arruinado, e qualifica o S. Pedro e não este como o melhor de toda a serie.

investigações das antiguidades artisticas de Vizeu. Surprehendeu-me este cavalheiro quando me informou de que possuia um quadro com a assignatura de Gran Vasco. A maxima importancia d'este quadro, visto que até hoje não se conhecia nenhuma pintura assignada por Vasco, nem sufficientemente authentica para lhe ser attribuida sem perigo d'erro, deixou-me primeiro suspeitar que houvesse engano. Porém apenas entrei no estudo do snr. Pereira, fiquei convencido da realidade da sua asserção.

(43) «Apresentou-me este artista tres taboas separadas, que eram as tres partes d'um retabulo. A parte central representa o Descimento da Cruz, e as abas S. Francisco em extase, com um bello fundo de paizagem, e Santo Antonio na praia prégando aos peixes. As taboas teem quatro pés e tres pollegadas d'altura, e a largura das tres reunidas será de seis pés e nove pollegadas. Na parte inferior da taboa do centro está a assignatura abreviada do pintor, *id est*, Vasco Fernandes, clarissima e distinctamente escripta ou pintada de amarello como imitando ouro.

«Quiz, ainda que fosse precaução evidentemente superflua, examinar cuidadosamente as lettras com uma lente, e convenci-me de que era a assignatura genuina do pintor:

«Devo tambem notar como prova mais forte, que

a assignatura é muito grande e está executada no quadro com uma certa ostentação, particularidade que as minhas observações em outras partes da peninsula me mostraram ser um habito nacional ou caracteristico dos pintores peninsulares do fim do XV, e da primeira parte do XVI seculos.

«Tinhamos pois aqui com toda a probabilidade uma obra genuina e inquestionavel do Gran Vasco; infelizmente o quadro era, como pintura, apenas um fragmento arruinado, pois havia sido sem dó esfregado, limpo e quasi apagado por algum restaurador ignorante. Restava comtudo bastante para dar ideia perfeita do merito relativo da obra, dos principaes caracteres do seu estylo e da sua data provavel.

«Em primeiro logar devo dizer que a pintura é, ou antes foi, uma bella obra d'arte de merito pelo menos egual a qualquer das pinturas existentes na Sé. Tractei logo de examinar se era ou não dos mesmos pinceis que haviam executado as duas series da Cathedral. O snr. Pereira estava convencido de que fôra executada pelo pintor do S. Pedro, do Calvario e dos outros quadros da sacristia; pareceu-me porém logo que esta convicção era antes o resultado de um methodo de discorrer *à priori*, mui natural e na verdade quasi inevitavel, considerando as influencias que dominavam, mas que não provinha da comparação desprevenida das diversas obras. Procedendo pois ao exame e á comparação cuidadosa dos quadros, convenci-me de que a pintura assignada não era de certo do mesmo auctor que as pinturas da sacristia, apezar de que em muitos particulares do desenho, da côr e do aspecto geral este quadro tem parecença de familia com ambas as series da Cathedral.

«Notarei aqui que a serie da casa do capitulo, sem

duvida mais antiga, não deixa de ter similhança em certos pontos com as pinturas mais modernas da sacristia; ha em todas a incontestavel influencia de um estylo local. A não ser que me enganasse a imaginação, achei entre todas bastante parecença para poder suppor que houve em Vizeu uma successão de artistas conhecedores das obras uns dos outros. Em todo o caso não hesitarei em propor a adopção do termo — «*Eschola de Vizeu*».

«Estas taboas, ou para melhor dizer esta pintura de Vasco Fernandes, pareceu-me occupar um logar intermediario na eschola entre os quadros da casa do capitulo e os da sacristia, e depois de consciencioso exame creio poder affirmar que foi executada pelos annos de 1520. A minha impressão, apezar de infelizmente não ter tido occasião de tornar a ver a serie da casa do capitulo depois da descoberta da pintura de Vasco, a minha impressão, digo, é que esta tem mais analogia com as pinturas da sacristia, mas que nem por isso é do mesmo pintor. Se eu a tivesse podido confrontar com as d'aquella serie, e em boas condições de luz, ter-se-ia talvez assentado este ponto; mas não pude proceder a este exame, porque a tempestade de vento e chuva que logo na manhã do dia da minha visita havia começado, converteu para a tarde o crepusculo habitual da Sé em trevas completas, e tornou intransitaveis as ruas escuras e estreitas de Vizeu.

«Na verdade, passei por tantos incommodos n'aquellas minhas investigações, que de certo os não teria soffrido se não fosse o interesse que me prendia áquelle estudo (¹).»

(¹) Por este final póde-se fazer ideia de quanto maior era o interesse que Raczynski ligava ao estudo das artes. O conde, na

A respeito do valor artistico das differentes pinturas, continua mr. Robinson a pag. 47:

«Os panejamentos, ainda mesmo na serie da casa do capitulo, que é a mais antiga, são singelos e naturaes, e teem pouca ou nenhuma parecença com as roupagens angulares e maneiradas tam geralmente empregadas n'aquella epocha. Pelo contrario todos estes quadros, sobre tudo o do snr. Pereira e os da serie da sacristia, teem uma largura e amplidão de pregas que chegam a lembrar o grandioso do estylo italiano. Manifesta-se tambem esta largueza na modelação das superficies e especialmente na suavidade e doçura do claro-escuro e da côr local, que se approxima da belleza corregesca. Este grandioso, porém, não degenera nunca em molleza: pelo contrario, todas as fórmas e tintas são perfeitamente determinadas com nitidez e correcção quasi photographica.

«Com poucas mais palavras ácerca do desenho e concepção geral das figuras, concluirei estas observações technicas tam imperfeitas e comtudo tam fastidiosas. Na serie da casa do capitulo as proporções das figuras são um pouco curtas, mas teem um typo elevado e serio, e de todo o ponto opposto á vulgaridade flamenga.

«Na serie da sacristia a imitação da figura huma-

carta 18.ª, pag. 375 e seguintes, dá conta da sua viagem em 1844 por Albergaria a Velha, Vouzella, S. Pedro do Sul, Vizeu, Lamego e Regoa, d'onde, descendo embarcado pelo Douro, veio até ao Porto.

A viagem do conde foi por logares que ainda hoje são de difficillimo transito, dando noticia de tudo em estylo jocozo; ao passo que mr. Robinson em 1865 achou uma das nossas mais excellentes estradas de rodagem, a que da Mealháda liga o caminho de ferro com a cidade de Vizeu, e confessa-se a final tam mortificado, que não teve animo de esperar mais um dia, tam necessario ao confronto que elle diz não ter podido fazer do quadro assignado com as duas series!

na é por vezes excellente; os pés e as mãos são frequentemente representados em escorços difficeis e sempre com muita verdade e vigor. — O typo mais nobre e mais puro encontra-se na figura de Christo deitado, que está no quarto de Vasco Fernandes. — É bem desenhada e está modelada com um estylo simples mas digno, tam distante do archaismo como da exaggeração. Impressionou-me tambem muito um grupo de pequenas figuras no quadro de S. Sebastião na sacristia, representando homens reunidos ás portas da cidade, e discutindo ácerca da execução que estão presenciando; pareceram-me admiraveis a verdade d'acção e a expressão d'estes personagens, que são compostos e panejados com o grandioso do desenho d'André del Sarto, cujas figuras dos segundos planos muito me lembraram ao ver estas.

«Não posso finalmente tecer maior elogio ás pinturas de Vizeu do que dizendo que abundam em vida e expressão humana; que sáo em tudo obras preciosas e absolutamente livres do maneirismo que dominava na epocha em que foram executadas.»

Além d'estes quadros, cita ainda mr. Robinson outros em Vizeu e Coimbra; eis o que a respeito d'elles diz a pag. 35:

(44 e 45) «Ha ainda nas egrejas de Vizeu e de seus arredores outras obras, mas de menos importancia. Somente vi dois quadros que mereçam especial menção. Estão na capella do paço episcopal em Fontello, a meia legua da cidade. Um representa Christo em casa de Martha, e tem cêrca de sete pés e seis pollegadas em quadrado; o outro de menores dimensões é tripartido, e representa a Ultima Ceia e episodios a ella relativos. D'este fallarei mais adiante; ao primeiro acho muita analogia com os quadros da casa

do capitulo, principalmente com o Pentecostes, mas é-lhe inferior em merito, e julgo que se póde reputar obra de um discipulo ou de um imitador.»

E a pag. 41 continua:

(46 e 47) «De Vizeu, passando pela estrada sempre memoravel do Bussaco, voltei a Coimbra, onde não perdi tempo em ir observar de novo certos quadros na antiga egreja e mosteiro de Santa Cruz; um d'elles, grande e importante taboa pendurada na sacristia, chamou logo a minha attenção. Esta pintura, de cinco pés e tres pollegadas de largura por cinco pés d'altura, conserva em grande parte a sua moldura primitiva ou architrave, fazendo parte integrante do quadro e consistindo n'um caixilho architectonico simples mas elegante, composto de duas pilastras decoradas com arabescos em baixo relevo no estylo do renascimento; tendo em cima um estreito friso, cornija, etc., e na base molduras regulares. Estas particularidades servem para achar a data exacta do quadro, que deve ser obra de 1530 a 1540. A pintura representa o Pentecostes e está infelizmente, mas não sem esperança de remedio, em mau estado de conservação: ennegreceu muito por ter sido coberta com uma densa camada de mau verniz d'oleo, e por isso á luz escassa da sacristia parecia ao principio quasi invisivel. Subindo a uns armarios que estão em torno da casa, consegui examinar meudamente a pintura, e não foi preciso longo exame para me convencer de que tinha diante dos olhos outra obra do pintor do S. Pedro e do Baptismo da sacristia de Vizeu. Verdade é que a composição do quadro de Coimbra differe muito do Pentecostes de Vizeu, sendo melhor em todo o sentido, mas a similhança exacta no desenho, no colorido, nas particularidades de vestuario, na execução e sobre tudo

nos typos phisionomicos das figuras principaes, não me deixou a menor duvida: com effeito, repete-se aqui a cabeça do S. Pedro de Vizeu em outro S. Pedro, que é uma das figuras mais proeminentes do primeiro plano do quadro; as outras mui similhantes do S. João e do Christo no baptismo, teem mais de uma que lhes é analoga em outras partes da composição. Em summa, estou convencido de que é esta uma obra do Gran Vasco tradicional de Vizeu. Imagine-se pois qual seria a minha satisfação quando, ao observar a parte inferior do quadro, achei pintada uma assignatura bem conservada e mui visivel da qual é este o *fac-simile :*



«Aqui temos pois, creio eu, o verdadeiro nome do pintor do S. Pedro e do Baptismo em Vizeu, e tambem provavelmente do S. Sebastião, do Pentecostes, do Calvario e da pequena serie das predellas. Parece-me evidente que o Gran Vasco do snr. Raczynski era na realidade este mesmo Velasco. Ha talvez o quer que seja de penoso n'esta descoberta; mas a final a substituição d'um nome por outro tem pouca importancia verdadeira, pois as pinturas não

deixam de ser egualmente admiraveis, e de dar o mesmo credito ao paiz que as produziu, embora não estejam já envolvidos na atmosphera de uma mysteriosa tradição.

«Estes factos dão, parece-me, novo aspecto á questão até aqui tam perplexa da antiga arte portugueza, e posso ainda adduzir como prova da fertilidade d'este solo quasi virgem por ora de explorações artisticas, que achei a assignatura seguinte em caracteres mui distinctos:

OVJA

n'outro quadro da sacristia de St.ª Cruz, representando Christo em presença de Pilatos; esta pintura, apezar de ter certa analogia geral com o Pentecostes, é comtudo obra de artista inferior.»

E a pag. 44 prosegue:

«Fallarei agora outra vez das pinturas que estão no muito arruinado palacio do Bispo de Vizeu, em Fontello, proximo áquella cidade. Já descrevi uma d'ellas: Jesus em casa de Martha. A outra, que consiste em tres taboas, representa a Ultima Ceia de Christo, acompanhada dos episodios que se referem a este assumpto. É obra de mais importancia do que a primeira, e tem muita analogia com o quadro de Vasco Fernandes, pertencente ao snr. Pereira; devo até dizer que é o unico quadro existente em Vizeu que mostra verdadeira similhança com este, sendo-lhe ao mesmo tempo tam inferior, que é forçoso attribuil-o a um discipulo ou imitador.»

(48) E depois d'estes faz ainda menção d'um quadrosinho do museu de Lisboa com uma pequena figura de S. João em pé que diz ser excellente e executado muito no estylo dos mestres de Vizeu.

Mr. J. C. Robinson fez-nos sem duvida um importantissimo serviço, o de descobrir outros quadros em Fontello, Coimbra e Lisboa de estylo analogo aos da Cathedral de Vizeu, que provam ter existido uma pleiade de artistas, discipulos ou conhecedores do estylo uns dos outros, perpetuando-o e constituindo por conseguinte uma eschola, a de Vizeu; mas no nosso modo de entender o seu serviço não vae além. Por muito habilitado que seja mr. Robinson, antes de dar a sua opinião em negocio tam complicado e para nós de tanta importancia, não podia prescindir de tempo e condições de exame que elle confessa não ter tido, sob pena de enganar-se como parece ter-lhe acontecido.

Depois de ter concordado com Raczynski, em que o Calvario e os 4 grandes quadros da sacristia eram do mesmo pincel, e que as differenças entre toda aquella serie se podiam explicar por successivas alterações no estylo do artista durante o lapso do tempo decorrido entre o desempenho dos diversos quadros: depois de ter dito a pag. 29 da sua memoria que «uma das qualidades caracteristicas das raças peninsulares *(referindo-se á peninsula iberica)* era a immobilidade e persistencia irreflectida em conservar fórmas estabelecidas, manifestando-se naturalmente no facto de até ao principio do seculo XVII se continuar a pintura em Hespanha e Portugal segundo todas as principaes regras, conservando typos tradicionaes da eschola gothica não só com as qualidades technicas dos grandes artistas contemporaneos de Mabeuse e Hemeling, mas imitando até a architectura, os factos

e ornamentação dos seculos passados», é elle proprio quem diz ter apparecido um quadro authentico, assignado por Vasco Fernandes, e que tem analogia com ambas as series da cathedral de Vizeu, porém mais pronunciada com a da sacristia. Aquelle quadro vem cortar pela base as duvidas de que podesse existir em Portugal um artista do nome, que o firma; accrescendo ainda o testemunho de Manoel Botelho Pereira, homem illustrado, conterraneo, e contemporaneo do artista.

O principal motivo da divergencia com Raczynski vem das datas provaveis, que mr. Robinson marcou para o desempenho dos quadros.

Se admittirmos que o Calvario e a serie da sacristia são de 1530 a 1540, como julga mr. Robinson, claro está que não podem ser d'um individuo nascido em 1552, e menos ainda o quadro assignado que elle suppoz de 1520. Admirando-se, porém, o escriptor inglez de que os pintores de Vizeu não tivessem o maneirismo d'aquelles de quem os julga contemporaneos e de que tivessem evitado os defeitos dos flamengos cujo estylo seguiam, e introduzido os melhoramentos dos italianos, notavelmente o grandioso d'André del Sarto e a belleza corregesca, devia lembrar-se que podiam ser posteriores a todos elles.

Ora Sarto nasceu em 1488 e Correge em 1494, e como este ultimo não tivesse discipulos directos, foi só depois da sua morte que as suas producções se tornaram afamadas e objecto de estudo para quasi todos os mestres. Não parece portanto rasoavel que só em fins do seculo dezeseis aquelles melhoramentos devessem ser conhecidos d'um artista que se crê nunca sahira do paiz? Vamos tocar outro ponto em que mr. Robinson ainda mais auxilia a Raczynski. Não é o proprio mr. Robinson quem tanto se impressionou com

a similhança de estylo e effeito geral entre as pinturas de Vizeu e uma notavel obra d'arte de Pedro Campana, o Descimento da Cruz na Cathedral de Sevilha?

Pedro Campana nasceu em Bruxellas em 1503, aprendeu a pintar no estylo de Alberto Durer, e pintou sempre sobre madeira. A sua estada em Italia modificou-lhe o estylo, que participava da primitiva epocha flamenga e dos melhoramentos realisados na Italia. A sua longa residencia em Sevilha devia por certo influir na juventude que abraçava aquella carreira, e o Vasco Fernandes de mr. Raczynski concorda perfeitamente com tudo isto: proximidade de logar, similhança d'estylo e edade de aprendizagem, porque Campana morreu em 1580, quando Vasco Fernandes tinha já vinte e oito annos; e de mais a mais concorda inteiramente com o que diz o conde na sua 16.ª carta, pag. 367, que os quadros de Gran Vasco pertencem muito decididamente á influencia d'Alberto Durer.

Ha ainda outros pontos dignos de nota, sem duvida devidos á pressa com que mr. Robinson viu as pinturas e, segundo elle diz, redigiu a memoria. Um d'elles é que, tendo dito o conde que a architectura e os outros accessorios dos quadros de Gran Vasco se accommodavam perfeitamente á epocha em que devia florescer o individuo nascido em 1552, mr. Robinson não achou que oppor a isto nas molduras ou caixilhos em que se acham os quadros de Vizeu, ao passo que quiz tirar argumentos mencionando o caixilho d'um quadro de Coimbra de que Raczynski se não occupou.

Outra coisa que não deve passar desapercebida é dizer Mr. Robinson a pag. 36, quando trata do quadro de Fontello representando Christo em casa de Martha, que este quadro tem muita analogia com os da casa do capitulo, e o reputa de um discipulo ou imitador;

e a pag. 46 dizer que o auctor d'este mesmo quadro parece ser imitador de Velasco. Então Velasco pintava como o auctor dos quadros da sala do capitulo, e por conseguinte não póde ser o auctor dos da sacristia cujo estylo é muito mais adiantado, segundo opinião não só de Raczynski, mas tambem do proprio mr. Robinson.

Em fim será cegueira da nossa parte, mas cremos que a memoria que escreveu mr. Robinson serve para demonstrar que tivemos uma eschola, e para contentar os mais exigentes de provas a respeito dos quadros que Raczynski attribuiu a Vasco Fernandes; pois todas as duvidas de mr. Robinson teem uma explicação natural e cordata; sem ser preciso explical-as por excepções, que em todo o caso nos fornecem um sem numero de exemplos: e para não pedir a estranhos o que temos de casa, lembraremos sómente que Sequeira, a nossa melhor gloria (porque essa é incontestavel), deixou muitas producções que não só pelo acabado, mas até pelo estylo, são indignas da comparação com as que do mesmo auctor possue o duque de Palmella, desegualdade que não se dá no mesmo gráo com as de Vizeu.

Já vimos que na Sé de Vizeu existem 35 quadros, 1 em poder do snr. Pereira, e 2 em Fontello, que com 9 em Coimbra e 1 em Lisboa prefazem 48.

Passando a examinar os quadros de Evora, diz Raczynski na sua 15.ª carta, paginas 353 e seguintes, como tambem na 7.ª e 10.ª quanto ás dimensões, e bem assim no Diccionario pag. 81:

(49 a 60) «Dos doze quadros que se dizia estarem na bibliotheca e representarem a vida da Virgem, só alli existe um, a Disputa (4^m,50 de comprimento por 80^c d'altura); e os onze outros (1^m,81 por 1^m,33),

representando o Nascimento da Virgem, sua Apresentação no templo, Casamento, Annunciação, Sonho de S. José, Nascimento de Christo, Apresentação no templo, Adoração dos Magos, Circumcisão, Fugida para o Egypto e Morte da Virgem acham-se no paço do Arcebispo. Todos estes quadros mostram d'um modo evidente a influencia de Van-Eyck. No entretanto, se elles são de Christovão de Utrechet, como faz crer o seu monogramma XV, são posteriores a Van-Eyck mais de cem annos».

(61) «No centro d'estes onze quadros existe outro ($1^m,60$ por $1^m,10$) que alli é designado pelo nome de Maria da Gloria, e representa a Virgem sentada n'um throno, e rodeada d'um côro d'anjos que tocam varios instrumentos. Este quadro da Virgem é admiravel e infinitamente melhor que os doze precedentes. É de todos os quadros gothicos que encontrei em Portugal, o que para mim tem mais merecimento. Fez-me lembrar o famoso quadro de Van-Eyck que se vê em Gand, concordando até na epocha provavel da execução,»

(62 a 67) «Na mesma sala estão seis outros quadros com motivos da Paixão de Christo (80^c por 65^c). São d'um merito mais secundario, se bem que offereçam alguma analogia com as obras de Hemeling.»

(68 a 73) «A egreja de S. Francisco conserva ainda alguns quadros dos que eram attribuidos a Gran Vasco, dos quaes «eu julgo d'algum merecimento uns seis com figuras de santos, eremitas e allegorias.»

(74) Na bibliotheca publica, que era a do convento de S. Franscisco, existe ainda, além do quadro a Disputa, já mencionado, mais «um pequeno quadro, pintura sobre cobre, com muitas figuras em ponto pequeno, representando Christo entregando-se ao supplicio;

e parece ser da epocha que precedeu a de Rubens. Na bibliotheca, que possue mais de 50,000 volumes, existem entre muitos velhos missaes e livros d'orações, dois notaveis livros de reza, terminados um pelas palavras *fidelium Deus om*ˢ, e outro por *opera p. d. n.* Tem ambos admiraveis illuminuras.»

A respeito dos quadros da egreja do convento de Jesus em Setubal, diz a paginas 8 do Diccionario e 124 da 7.ª carta:

(75 a 91) «Dezesete quadros que se vêem n'esta egreja são um presente da rainha D. Leonor, viuva de D. João II, que os havia recebido do imperador Maximiliano. São como quadros gothicos dos melhores que Portugal possue, e felizmente bem conservados. Quinze são maiores e representam S. Francisco recebendo as chagas, santos monges, santos martyres, Santo Antonio, Santa Veronica, Annunciação, Nascimento de Christo, Circumcisão, Adoração dos Magos, Christo na Cruz, o Calvario, Christo no sepulcro, Resurreição, Ascensão e Assumpção da Virgem; e os dois menores a Flagellação e a Prisão. Parecem todos de mesmo pincel. N'um dos menores vê-se o nome T. Bomvfus Andloi, que poderia ser o pintor ou o doador, mas que é inteiramente desconhecido».

Descrevendo os que se achavam no deposito da academia de Lisboa e hoje fazem parte da nova galeria nacional, diz na sua 7.ª carta, pag. 122 e seguintes e 153, e no Diccionario, pag. 26, 48, 187, 36 e 286:

(92 a 96) «Cinco vindos do mosteiro de S. Bento, quatro maiores (1ᵐ,77ᶜ por 1ᵐ,32ᶜ), a Visitação, a Adoração dos Magos, a Apresentação no templo e a Disputa, e um menor, (87ᶜ por 32) a Circumcisão. São d'uma bella conservação e soberbos. Pelas moe-

das que um dos Magos offerece, vê-se que são posteriores ao anno 1521, e com a Virgem do paço do Arcebispo d'Evora e o S. Pedro de Vasco Fernandes em Vizeu, as mais bellas obras de pintura gothica que encontrei em Portugal, em cujo paiz ha toda a razão de julgar que foram feitas, mas teem quanto a mim o caracteristico irrefragavel da influencia flamenga ou alleman, como Holbein, Lucas Van Leiden e Golzius, e seria de grande interesse para a historia das artes a descoberta do auctor.»

(97 a 104) «Oito ditos vindos da egreja do Paraiso, representando um a Fugida para o Egypto (1^{m},27 por 1^{m},82), e os outros os Desposorios da Virgem, Annunciação, Visitação, Adoração dos Magos, Apresentação no templo e Morte da Virgem, regulando 1^{m},26 por 85^{c}. Estes quadros teem muita analogia com os vindos de S. Bento quanto ao desenho, colorido e roupagens, mas differem nos toques das carnes e caracter das cabeças. São quasi tam bons como elles e um pouco mais gothicos. O quadro da Annunciação tem escripto o nome de Abrahão Prim, que é desconhecido, e o da Adoração dos Magos outro nome que não pude decifrar, e moedas do reinado de D. João III, o que prova serem posteriores a 1521. Estão pela maior parte bem conservados. O nome de Abrahão parece indicar origem flamenga, sendo tambem muito provavel que fossem feitos em Portugal, em vista das moedas, architectura e outros indicios analogos d'outras pinturas».

(105 a 108) «Quatro grandes quadros vindos de Thomar (4^{m} d'altura por 2^{m},42 de largura), representando a Entrada em Jerusalem, Resurreição de Christo, Resurreição de Lazaro e Encontro de Christo com o Centurião, nos quaes descubro na figura do Centu-

rião os traços de Alberto Durer, parecendo copiado do retrato original d'este grande mestre que existe hoje no museu de Munich. A influencia que predomina n'estes quadros é a de Durer como nos de S. Bento e Paraiso é a de Holbein. Teem merito quanto a desenho e composição, mas parecem grosseiramente restaurados».

Segundo o mesmo conde Raczynski, Diccionario, paginas 47 e 48, estes quadros poderão talvez ser de Gaspar Cão, pintor portuguez, por causa d'um cão que se vê em um d'elles e que podia ser feito como um signal do auctor.

(109 a 112) «Continuando com os de collecções particulares tem um dos primeiros logares quatro quadros excellentes que ainda existem na sacristia da egreja da Madre de Deus em Lisboa, analogos e talvez tam bons como os que em Munich se attribuem a Schoreel. Devem ser pouco posteriores a 1525. Dois referem-se ao casamento de D. João III, e os outros dois a St.ª Anna.» (Carta 7.ª, pag. 126, e Diccionario, pag. 187.)

(113 e 114) «Dois retratos, D. João III e sua mulher D. Catherina, que se vêem na egreja de S. Roque, são attribuidos a Moro. Deviam ser excellentes antes das restaurações. (Carta 11.ª, pag. 291.)

(115) «Um quadro excellente é o que existe na secretaria da Misericordia do Porto (2^m70 por $2^m,25$). Representa uma especie de fonte; no meio, Christo na cruz, e aos lados a Virgem e S. João rodeados de muitas figuras. Nas do primeiro plano vê-se o doador elrei D. Manuel, sua segunda mulher D. Maria e seus oito filhos, entre elles o principe D. Affonso, que aos 9 annos foi nomeado cardeal pelo Papa Leão X em 1518, e o principe D. Henrique, que mais tarde tambem foi car-

deal e rei, ultimo d'Aviz. O resto das figuras são D. Leonor, viuva de D. João II, o Arcebispo D. Martinho e o seu cabido. É como quadro gothico uma das melhores cousas que possue Portugal, e decididamente de influencia alleman como Holbein. Fez-me lembrar o Burgomestre de Basilea, que se vê na galeria de Dresde, sem comtudo ter tanto merito.» (Carta 18.ª, pag. 223, e Diccionario, pag. 197.)

(116 e 117) «Dois quadros cujas figuras terão 22 centimetros, que existem na academia do Porto vindos de St.ª Cruz de Coimbra, satisfizeram o meu gosto. Um representa a Adoração dos Magos, e pareceu-me flamengo do seculo XVII. O outro representa uma Deposição no tumulo, e achei-lhe tal ou qual analogia com Barochi.» (Carta 18.ª, pag. 386.)

De um que se achava na sacristia da capella do palacio da Bemposta e hoje no palacio das Necessidades, lê-se na 11.ª carta, pag. 295, e Diccionario, pag. 132:

(118) «Uma Virgem Gloriosa. Este quadro, cujo assumpto é a Virgem assentada n'um throno com o Menino sobre os joelhos e rodeada de diversos Santos, terá 2^m de alto por $1^m,30$ de largo. As figuras do primeiro plano teem um terço do natural. É uma admiravel obra da primeira epocha d'Holbein filho ou da ultima d'Holbein pae e em perfeito estado de conservação, que a filha de D. João IV, viuva de Carlos II d'Inglaterra, trouxe para Portugal. Está assignado Johanes Holbein com a data de 1519, e eis a parte d'elogios que merece. A composição é d'uma nobre simplicidade, a architectura bella e rica, as roupagens da Virgem e outras d'um grande estylo e bella execução. A dama de joelhos no primeiro plano á esquerda do espectador é de todas as figuras a que mais me agrada-

da: a cabeça lembra algumas da collecção de gravuras dos retratos de Holbein, e é a que mais prova a authenticidade do quadro. Uma dama de joelhos no lado opposto é digna d'elogios, menos a cabeça. Gosto muito no segundo plano da dama de vestido azul ornado de lyzes d'ouro e arminho.»

De quatro no palacio do conde de Penamacor diz (Carta 11.ª, pag. 275):

(119 a 122) «Uma Batalha de Pavia attribuida a Alberto Durer, a respeito da qual se procuraram as provas de authenticidade, e apezar de não constar que Durer tenha tractado este assumpto, nem a maneira nem outras circumstancias se oppoem a que seja original. Em todo o caso é um soberbo quadro.

«Um S. Domingos, original de Morales, excellente e perfeitamente conservado. E dois outros quadros antigos.»

Em uma nota na 7.ª carta, pag. 158, diz:

(123) «Uma Adoração dos Magos (cêrca de 80 centimetros em quadro) que possue o snr. Martinho Teixeira Homem. Esta pintura é tam similhante ao grande quadro de Hemeling que se vê em Lubeck, que se póde dizer que as figuras são passadas d'um para outro. É um excellente quadro d'um pintor flamengo da epocha de Van-Eyck.»

De dois que possue o duque de Palmella escreve (Carta 20.ª, pag. 399):

(124) «Um S. Miguel derribando o Dragão, no palacio do Calhariz. Já tinha visto este quadro em casa do restaurador Tiniranzi, que lhe restaurou a cabeça do Santo por maneira satisfactoria. De todos os quadros que até hoje tenho visto em Portugal, é o que tem

mais analogia com os de Gran Vasco. As pequenas figuras que estão na balança e os monstros aos pés do Santo fazem lembrar singularmente os quadros de Gran Vasco. É um quadro de muito estylo, cuja execução e colorido são de tal analogia, que sem o affirmar acredito que seja do mesmo pincel que os da sacristia da Sé de Vizeu.

(125) «Uma Santa Familia pertencente ao mesmo duque que eu vi em casa d'outro restaurador chamado Boldrini, inclino-me a crer que seja original de João Maubeuge».

A respeito de quadros d'estylos mais modernos, expende elle a sua opinião do modo seguinte:

(126) «Uma Assumpção da Virgem, no altar-mór da Cathedral d'Evora, é uma tela que se assimilha muito ás producções de Raphael Menz, sem no entretanto ser d'elle, porque foi encommendada no anno do nascimento d'este pintor, 1728. Tambem não é de Battoni como se julgava, não só porque tinha apenas 20 annos n'essa epocha, como porque não parece de sua execução. Este quadro custou 700$000 reis.»

Dos que existem na egreja das Mercês, outr'ora do convento de Jesus, diz (Carta 11.ª, pag. 293):

(127) «Um soberbo quadro, no côro d'esta egreja, é a Resurreição de Christo attribuido a Rubens, que eu não só creio original, mas uma das suas mais nobres producções, e felizmente intacta, ou restaurada d'uma maneira conscienciosa e com a precaução que merecia uma das melhores pinturas que tem Portugal.»

É tambem notavel:

(128) «Uma Adoração dos Magos que em diversas partes parece uma pintura de Fernando Bol, mas muito inferior á Resurreição.»

No altar de Nossa Senhora vê-se:

(129) «Um excellente quadro representando um papa e um cardeal visitando o tumulo de S. Francisco, cujo estylo é eminentemente ticianista.

Fronteiro a elle existe:

(130) «Um bom quadro representando S. Francisco, a quem no céo apparecem Jesus e a Virgem. Este quadro tem menos merito, assim como os dois seguintes:

(131) «Um quadro representando S. Domingos e S. Francisco, a quem no ceo apparecem Jesus e a Virgem, o qual parece do mesmo pincel que os precedentes.»

Na capella mór:

(132) «Uma Visitação de St.ª Izabel a Nossa Senhora, excellente quadro do estylo classico italiano.»

Nas collecções do duque de Palmella (carta 20.ª, pag. 400):

(133) Uma excellente pintura no palacio ao Rato: é a reproducção da Santa Familia de Julio Romano que se vê no museu de Dresde. Vicari, que era juiz competente, attestou por escripto que este quadro era egualmente de Julio Romano. Salvo ligeiras differenças no vestuario de S. João e attitude de S. José, parecem ambos os quadros executados pelo mesmo desenho. O que é certo, é que é uma bella obra da epocha classica d'Italia, que eu julgo tambem original.»

N'este mesmo palacio existem alguns bons quadros flamengos, principalmente:

(134) «Um retrato d'uma velha no estylo de Dietrich quando imitava Rembrandt.»

(135 e 136) Dois outros retratos de homem no estylo moderno.»

No palacio do visconde de Sobral (Carta 11.ª, pag. 272):

(137) «Uma pequena Santa Familia attribuida a Correge. Acho-a encantadora e julgo-a original. Se por acaso é copia, é antiga e deliciosa. As minhas duvidas são mais filhas da reflexão do quanto são raras as producções d'este mestre, que do effeito causado pela pintura.»

(138) «Um S. Romualdo incontestavelmente de Salvador Rosa. O Santo é representado a orar n'um deserto. (1^m,24 por 1^m,02, e as figuras 32 centimetros).»

(139 a 140) «Tres retratos, um do conde de Narbonne, pae da condessa de Sobral e ajudante de campo de Napoleão I, o qual é feito por Gérard; outro da duqueza de Narbonne, avó da condessa, feito por madame Guiard, e o terceiro de Gerelt Braamcamp, tio do conde, o qual é feito por Therbouché e o melhor dos tres.»

(141) «Uma especie d'album, em duas placas de metal que fecham uma sobre a outra, contendo ambas oito retratos dos filhos de Luiz XV em esmalte, e que juntam ao merito artistico que teem a vantagem de ser uma importante recordação historica que possue madame de Sobral.»

No palacio do conde d'Anadia (Carta 11.ª, pag. 285):

(142 a 148) «Sete quadros de pintores estrangeiros, sendo uma Deposição no tumulo por Bassano; um homem a cavallo por Casanova, um quadro pouco importante por Angelica Kauffmann; um pequeno quadro sobre madeira no genero de Van der Werf; dois outros, bambochatas no genero de Vega ou Osta-

de, e uma bella cabeça, retrato de auctor veneziano ou hespanhol.»

(149) «Um esboço italiano no genero de Pietro de Cortona.»

No palacio do conde de Lavradio (Carta 11.ª, pag. 271):

(150 e 151) «Dois quadros, pouco mais que esboços, no estylo de Rubens, talvez de Gaspar Crayer, são excellentes.»

A respeito dos da egreja da Luz diz na 7.ª carta, pag. 159, e no Diccionario, pag. 292: que «os quadros d'esta egreja lhe parecem todos do mesmo pincel. Segundo Cyrillo, o quadro do altar-mór é de Vanegas, cujo estylo imitava o Baroccio e o Parmezano.»

D'entre todos elles, Raczynski sympathisou com:

(152) Um S. Bento distribuindo as regras ás religiosas da sua ordem. O colorido é um tanto brando, mas o sentimento artistico, a composição e o desenho dão-lhe um certo encanto.»

Na egreja de Mafra (14.ª carta, pag. 337):

(153 e 154) O quadro do altar-mór representando St.º Antonio Adorando a Virgem, é uma boa obra do ultimo seculo. Na casa d'espera existe outro melhor representando S. Domingos e S. Francisco adorando Christo e a Virgem. É mais moderno que Guido e Guerchino, mas d'um merito equivalente.»

Entre oitocentos e tantos quadros que existem no palacio real da Ajuda, Raczynski só nota os seguintes entre os estrangeiros (carta 11.ª, pag. 269):

(155) «Um quadro representando Christo morto e chorado por Nossa Senhora, S. João, e Maria Magdalena. É uma pintura que sem ser agradavel é grave e grandiosa, parecendo original de Luiz Carrache.

(156) «Um Martyrio de S. Lourenço, parecendo d'um pintor bolonhez da epocha dos Carraches.

(157) Um Christo entre os doutores, no genero de Caravagio, parecendo d'um pintor hespanhol.

(158) «Um quadro que dizem ter sido pintado pela princeza D. Maria Benedicta, tia de D. João VI. Este quadro representa o coração de Jesus em fogo».

Raczynski duvida que ella o tenha pintado, porque outro quadro de sua execução na egreja da Estrella está abaixo de toda a critica; ou ao menos que o pintasse sem a assistencia d'algum pintor (que em todo o caso não foi Marino, Foschini ou Cyrillo, pois é melhor que as producções de qualquer d'elles).

Na egreja da Estrella (carta 11.ª, pag. 292):

(159 a 165) «Sete quadros de Pompeu Batoni ornam os altares d'esta egreja. O do altar-mór é obra d'um artista consummado, sem ser livre d'um tal ou qual maneirismo peculiar á sua epocha (1781). O motivo é allegorico. Quatro figuras de mulher representando as quatro partes do mundo occupam o baixo do quadro. No 2.º plano o Papa mostra o coração de Jesus rodeado d'uma gloria d'anjos. No mesmo plano a figura da Charidade está assentada ao pé d'um altar, sobre o qual está um calix e uma hostia. Este quadro satisfez o meu gosto, porque está egualmente bom em todas as suas partes.

«Por cima d'um altar lateral está collocada uma Ceia de Christo das mesmas dimensões tambem de Battoni e egualmente bôa. Cinco outros quadros de menores dimensões nos outros altares lateraes, parecem do mesmo auctor. Em um d'elles vê-se a rainha D. Maria I assentada, recebendo os agradecimentos que do alto do ceo lhe dirige Santa Thereza pela fundação

*

da egreja, em quanto as religiosas d'esta ordem lhe dirigem de joelhos acções de graças pela sua piedosa fundação.»

No palacio do conde do Farrobo (Diccionario, pag. 251).

(166 e 167) «Dois retratos em corpo inteiro do conde e condessa do Farrobo, excellentes producções d'Augusto Roquemont.»

Na egreja do Loreto (carta 11.ª, pag. 286):

(168 a 173) Seis quadros principalmente merecem ser mencionados. A Senhora do Carmo attribuida a Rossi é o melhor. Acho-lhe muito encanto. S. Carlos Borromeu, d'auctor desconhecido, é uma boa pintura no genero de Battoni. S. Francisco de Paula é excellente obra do pintor romano Pietro Lambruzzi. S. Miguel matando o dragão, que me parece ser copia de Guido. E em fim uma Santa Catharina de Genova de C. Ratti, e uma Descida do Espirito Santo por Tagliafico, que são menos importantes».

Na egreja de Santa Cruz de Coimbra (carta 28.ª, pag. 469):

(174 e 175) «Dois quadros modernos que me parecem do ultimo seculo, merecem elogios. O melhor é o Descimento da Cruz, que me fez lembrar a famosa pintura de Daniel de Volterra. O outro é o Triumpho da Cruz, que se acha no altar-mór, obra da mesma epocha, e ainda que de menos merecimento é recommendavel.»

A respeito dos quadros mais notaveis que existem nas collecções do Porto, diz elle na carta 18.ª, pag. 382 e seguintes:

(176 a 181) «Seis quadros na collecção do snr. Antonio Bernardo Ferreira: um Christo na Cruz attribuido a Van-Dyck que é uma bella pintura; um ho-

mem armado d'espada, pondo a mão n'uma ferida como quem quer tapar o sangue que jorra, no genero de Rivera; uma grande vista de Ostende com navios á vela; uma pequena Sacra Familia n'uma paizagem, no genero de Poussin e d'uma epocha pouco posterior; um quadro com tres creanças, e entre ellas uma menina coroada de flores, o qual faz lembrar Van der Helst, posto que a cor escura indique que talvez seja hespanhol; outro com tres figuras de dois terços de corpo, das quaes a do meio offerece um prato a um dos companheiros: o seu colorido é carregado, mas a larguesa e energia nos traços merece elogios.»

Os dois primeiros quadros pertencem hoje a seu filho o snr. Antonio Bernardo Ferreira, e os quatro ultimos á exc.^{ma} snr.^{a} D. Antonia Torres.

(182 a 187) «Seis quadros na collecção do snr. Graham, sendo uma bambochata no genero de Vega ou de Ostade, em que nove personagens, homens e mulheres, comem e bebem a uma meza. Não tenho idéa de quem possa ser, mas é excellente. Dois grandes quadros de $1^{m},46$ por $1^{m},14$, no genero de Teniers, dos quaes um representa a morada d'um alchimista, e outro a officina d'um pintor: são velhos e excellentes. Uma menina apertando uma liga, no genero de Greuse. Uma bella cabeça de Christo, attribuida a Alberto Durer. E uma vista de Veneza por Canaleto o velho.»

(188 a 191) «Quatro na collecção do snr. Vanzeller, sendo um grande quadro de João Glama ($2^{m},60$ por $1^{m},62$), representando o Terremoto de 1755; as figuras do primeiro plano teem 54 centimetros: são muitos grupos de figuras aterrorisadas; nas nuvens vêem-se anjos com espadas ardentes, e á esquerda fi-

guras nuas que fazem mau effeito; á direita vê-se o retrato do pintor. Tomando o quadro no seu todo é uma boa pintura no genero de Hogart, menos a expressão. Duas paizagens com animaes, por Lucatelli, um bom quadro com dois cães e caça morta.»

(192 a 197) «Seis quadros na collecção do snr. Forrester: uma paizagem com animaes; um pintor diante da estatua de Hercules Farnese, que me agradou infinitamente; dois quadros reputados hespanhoes, e dois outros reproduzindo architectura.»

(198 a 202) Cinco outras composições de João Glama, sendo: os quadros dos altares mores de S. João Novo, S. Nicolau, e da egreja da Victoria; o retrato d'um monge na academia, e bem assim uma Santa Anna com sua filha e o menino Jesus no museu portuense; dos quaes Raczynski só viu o monge da academia, e d'elle falla com elogio.

Além d'estes quadros, Raczynski emitte opinião, a respeito de alguns, então do fallecido snr. João Allen e hoje da galeria de pinturas do novo museu portuense, como tambem a respeito de alguns da academia de bellas-artes de Lisboa, os quaes passaram a fazer parte da nova galeria nacional de pinturas. Ambas as galerias teem hoje o seu cathalogo, por isso notaremos os mais recommendaveis, visto que os nomes dos auctores nos dispensa d'outro elogio. E terminaremos pelos quadros de pintores nacionaes, cujo merecimento tenha sido devidamente apreciado pelo citado Raczynski.

Galeria nacional de pinturas existente na academia real de bellas-artes, em Lisboa.

Esta galeria é recentissima, pois seu primeiro cathalogo provisorio é de 1868. A sua origem ou o seu

primeiro fundo foram os quadros recolhidos dos conventos, que por iniciativa de Passos Manoel se juntaram e guardaram em um deposito na referida academia, esperando occasião opportuna para a sua classificação e exposição apropriada.

Foi depois nomeada uma commissão, que separou quinhentos e quarenta quadros como dignos de serem expostos, dos quaes menos d'uma quarta parte entram na galeria actual. O resto aguarda novos estudos, trabalho difficilimo no nosso paiz, onde faltam biographos de artistas, e as indicações das proveniencias nos logares em que as pinturas foram encontradas.

Este deposito permaneceu sem augmento notavel até 1859, quando o governo fez acquisição de vinte e cinco quadros d'alguma importancia que faziam parte do espolio da fallecida rainha D. Carlota Joaquina, a qual os havia trazido de Hespanha como parte do seu dote. A academia de sciencias fez ha poucos annos um leilão, onde o governo tambem adquiriu algumas pinturas, provenientes do museu do padre Mayne.

S. M. El-Rei o snr. D. Fernando é que a bem dizer nos doou uma galeria de quadros, visto que os mais notaveis alli existentes são adquiridos com recursos que elle prestou. Com sessenta e cinco contos de reis que em 1865, 1866, 1867 e 1868 cedeu da sua dotação, está cheia de excellentes pinturas a mais importante das salas da galeria, que por esse motivo se lhe dedicou denominando-se = Sala D. Fernando =. Tem ultimamente havido outros prestimosos cidadãos, que teem doado á galeria quadros muito estimaveis, sendo por conseguinte de esperar que em breve possuiremos uma galeria de pinturas digna da capital,

principalmente se o governo adquirir os que, pertencendo a corporações de mão morta, hajam deixado de ser objecto de veneração para ser objecto de luxo ou recordação antiga, substituindo-os por copias conscienciosamente tiradas pelos originaes, como fazem n'outros paizes. Eis uma lista dos quadros mais recommendaveis da galeria, na qual fazemos menção de 68, e por conseguinte elevamos a relação anterior de 202 a 270.

Italianos

O Propheta Eliseu resuscitando tres creanças: pequeno quadro em madeira, de 42 centimetros por 25. Attribuido a Raphael. Adquirido com o subsidio do snr. D. Fernando.

A Cabeça do Salvador: pintura sobre madeira, de 48 centimetros por 36. Attribuido a Miguel Angelo Buonarotti. Mesma proveniencia.

A Virgem com o Menino: pintura sobre madeira, de 77 centimetros por 44. Attribuido a Pedro Perugino. Mesma proveniencia.

Uma Virgem com o Menino, rodeados d'anjos, de $1^{m},46$ por $1^{m},45$, e um retrato de homem, de 45 centimetros por 33, ambos sobre madeira e originaes de João Francisco Penni (il Fattori). Mesma proveniencia.

Deposição no tumulo: pintura sobre madeira, de $1^{m},7$ por $1^{m},20$. Por Sebastião del Piombo. Mesma proveniencia.

Encontro de dois monarchas: pequena tela de 30 centimetros por 58. Attribuido a Paulo Veronese. Veio da imprensa nacional.

Retrato de homem: pintura sobre madeira de 59

centimetros por 44. Por André del Sarto. Subsidio do snr. D. Fernando.

Virgem com o Menino: pintura sobre madeira, de 70 centimetros por 92. Por Garofalo. Mesma proveniencia.

Baptismo de Santo Hermenegildo: pintura sobre madeira, de 2^{m},87 por 1^{m}86. Attribuido a Guerchino. Do espolio de D. Carlota Joaquina.

Retrato de homem: pintura sobre madeira, de 1 metro por 81 centimetros. Attribuido a Angelo Allori (il Bronzino). Offerecido pelo snr. Rodocanachi.

Annunciação: pintura sobre cobre, de 43 centimetros por 41. Copia da de Fr. Angelico pelo mesmo Bronzino. Subsidio do snr. D. Fernando.

Sacra Familia: pintura sobre cobre, de 27 cent. por 22. Por Scarselino. Mesma proveniencia.

Outra Sacra Familia: pintura sobre madeira, de 50 centimetros por 42. Por Cesar da Sesto. Mesma proveniencia.

Outra Sacra Familia: pintura sobre madeira, de 48 centimetros por 33. Por Mazzolino. Espolio de D. Carlota Joaquina.

O Anjo exterminador, e no reverso o Sacrificio de Abrahão: pintura sobre madeira, de 1^{m},12 por 1^{m},4. Por Daniel de Volterra. Offerecido pelo visconde do Carvalhido.

Retrato de Jorge Vasari, pelo mesmo: tela de 70 centimetros por 53. Subsidio do snr. D. Fernando.

Retrato do Cardeal Octaviano Ubaldino: pintura sobre madeira, de 66 centimetros por 50. Por Jacopo (il Rosso). Mesma proveniencia.

Retrato d'Alexandre Farnese, e no reverso uma cabeça de menino: pinturas sobre cobre, de 16 cent.

por 13. Por Christovão do Altissimo, discipulo de Bronzino. Mesma proveniencia.

Sacra Familia, sobre cobre, de 19 centimetros por 15. Por Lucas Longhi. Mesma proveniencia.

Christo na cruz, rodeado pela Virgem, por S. João e por Magdalena, de $2^m,75$ por 44 centimetros; e uma paizagem com Christo e a Samaritana, de 93 centimetros por 42. Ambos sobre tela e por Sebastião Ricci. Mesma proveniencia.

Esboço d'assumpto mythologico: tela de 75 centimetros por 47. Por Lucas Giordano. Mesma proveniencia.

S. Francisco meditando sobre uma caveira: tela de 64 cent. por 52. Por Carlos Dulci. Offerecido pelo visconde do Carvalhido.

S. Jeronymo, em estylo florentino, talvez de Baccio Bandinelli: pintura sobre madeira, de $1^m,54$ por $1^m,5$. Do espolio de D. Carlota Joaquina.

Descida do Espirito Santo: tela de $2^m,57$ por $1^m,72$. Por Trevisani. Do antigo deposito.

Annunciação: tela de $2^m,63$ por $1^m,76$. Attribuido a Mazzucci. Mesma proveniencia.

Allemães, flamengos e hollandezes

Madona com o Menino e um Anjo: pintura sobre madeira de 86 centimetros por 58. Por Holbein. Subsidio do snr. D. Fernando.

Angelica presa ao rochedo: pintura sobre madeira de 50 centimetros por 36. De Rubens. Mesma proveniencia.

Esboço do Descimento da Cruz: tela de 78 centimetros por 65. De Rembrandt. Mesma proveniencia.

Retrato de homem: tela de 1^m,16 por 86 centimetros. Por Fernando Bol. Mesma proveniencia.

Uma officina d'armeiro: pintura sobre cobre de 50 cent. por 64 por David Tenniers o moço; e Homens fumando: pintura sobre tela de 38 cent. por 53, attribuida ao mesmo. Mesma proveniencia.

O Paraiso terrestre: tela de 35 centimetros por 45. Por João de Breuguel. (João de Velludo). Mesma proveniencia.

O Julgamento de Christo: tela de 44 centimetros por 36. Por Martin de Vos. Mesma proveniencia.

Tobias com o Anjo: pintura sobre madeira de 41 centimetros por 57. Por Adão Elzheimer. Mesma proveniencia.

O interior d'uma cathedral: pintura sobre cobre de 72 centimetros por 85. Por Peter Neefs. Mesma proveniencia.

Dança de camponezes: tela de 17 centimetros por 24. Por Adriano Van Ostade. Mesma proveniencia.

Grupo de homens comendo e bebendo: tela de 33 centimetros por 33. Por Pedro de Laer (o Bambocha). Mesma proveniencia.

Paizagem com figuras: pintura sobre madeira de 26 centimetros por 36. Por João Wynants. Mesma proveniencia.

Herodiades recebendo das mãos do carrasco a cabeça de S. João Baptista: tela de 1^m,30 por 1^m,70. Por Paulo Moreelse. Offerecido pelo visconde do Carvalhido.

Retrato d'uma princeza: tela de 1^m,38 por 1^m,4. Attribuido a Antonio Moro. Do espolio de D. Carlota Joaquina.

Mendigo cego e um rapaz: tela de 1^m,27 por 98

centimetros. Por Krumholz. Offerecido pelo auctor em 1847.

Hespanhoes

Duas Madonas com Menino ao collo: uma é pintura sobre madeira de 85 centimetros por 64; a outra sobre tela de 52 centimetros por 38. Por Luiz de Morales (el Divino). O primeiro existia no antigo deposito, e o segundo veio da academia real das sciencias.

Nossa Senhora da Conceição em gloria: pintura sobre madeira de 1^m,24 por 1^m,3. Por Fernando de Gallegos. Subsidio do snr. D. Fernando.

S. Francisco: tela de 1^m,24 por 1^m,90. Attribuido a Murillo. Offerecido pelo visconde do Carvalhido.

S. Jeronymo: tela de 1^m,26 por 1^m,1. De José Ribera. Do antigo deposito.

Dois quadros de natureza morta, ambos em tela, de 1^m,43 por 74 cent. Por Antonio de Pereda. Mesma proveniencia.

Deposição no tumulo, e á direita S. Francisco em extase: tela de 2^m,56 por 1^m,70. Attribuido a João Escalante (João de Sevilha). Espolio de D. Carlota Joaquina.

Francezes

A peste: tela de 1^m,50 por 2^m. Por Nicolau Poussin. Subsidio do snr. D. Fernando.

Allegoria para um tecto: esboço em tela de 1^m,25 por 98 cent. Por Carlos Lebrun. Offerecido pelo visconde do Carvalhido.

Uma marinha com pescadores; e outra com um naufragio, ambas de 1^m,38 por 76 centimetros; e um estudo da primeira de 24 centimetros por 32: todas

sobre tela. Por Claudio José Vernet. Espolio de D. Carlota Joaquina.

Dois retratos, do Cardeal Polignac e de outro Cardeal, ambos sobre tela, o primeiro de 1^{m},24 por 96 cent., e o segundo de 74 cent. por 61. Por Jacintho Rigaud. Subsidio do snr. D. Fernando.

Desembarque d'uma força militar: tela de 62 centimetros por 81. Attribuido a Jacques Callot. Mesma proveniencia.

Nove pequenas paizagens e marinhas, tres sobre tela e seis sobre cobre. Por João Pillement. Da academia real das sciencias.

Galeria do Porto, denominada — Museu Portuense

O seu principal fundo foi a galeria do prestimoso e fallecido negociante d'esta praça o snr. João Allen, galeria de que fez acquisição a municipalidade, cremos que em 1852. Além dos quadros que existiam arrecadados e por essa occasião se juntaram aos do snr. Allen, poucas e sempre insignificantes teem sido as acquisições posteriores. É porém de esperar que o gosto que ora se nota em Lisboa pelo engrandecimento da galeria d'alli, seja um incentivo para que os portuenses não se esqueçam da sua.

Eis a relação dos quadros mais notaveis, que sendo 44 elevam a lista antecedente a 314:

Meleagro offerecendo a Atalanta a pelle e cabeça d'um javali: tela de 57 pollegadas por 43. Attribuido a Rubens.

Retrato de homem com chapeu e bengala: tela de 41 pollegadas por 34½. Attribuido a Van-Dyck.

Uma Sacra Familia e um Santo Ignacio de Loyola, ambos em madeira e das mesmas dimensões de 38 pol-

legadas por 27. Feitos em commum por Cornelio Schut e Daniel Seghrs.

Interior d'uma cathedral gothica: pintura sobre madeira de 17 pollegadas por 28 1/2. Por Petter Neefs.

Preparativos para uma caçada: tela de 47 pollegadas por 50. Por Wouvermans.

Scenas familiares, duas sobre cobre de cêrca de 15 pollegadas por 20, e uma em tela de 28 pollegadas por 31 1/2: representam cavalheiros e damas jogando, dançando e passeando. Por Thomaz Rombouts (flamengo).

Chegada de Jacob e Estratagema de Jacob, em tela e ambos de 32 pollegadas por 44. Por Jacome da Ponte (o Bassano).

S. Francisco n'uma grande floresta: tela de 69 1/2 pollegadas por 50. Por Luiz Cardi (o Cigoli).

Dois retratos pouco mais que de busto, um mathematico e uma velha rezando: telas de 20 1/2 pollegadas por 16 1/2. Por Giuseppe Nogari.

S. Francisco recebendo as chagas: tela de 35 1/2 pollegadas por 26 1/2. Por Camuccini.

Duas batalhas: telas de 16 pollegadas por 23 1/2. Por Falconi.

Coro de capuchinhos e uma Eschola de meninos: telas de 62 pollegadas por 50 1/2. Por Bambelli.

Sacra Familia: pintura sobre cobre de 12 1/2 pollegadas por 9 1/2. Por Pompeo Batoni.

Carga de cavalleria. Por Jacques le Bourguignon.

Dois esboços por Augusto Roquemont.

Oito paizagens e marinhas por João Pillement.

Doze esbocetos por José Cadés.

Um fructeiro por Arellano.

Vamos agora passar a uma resenha dos pintores nacionaes considerando-os em tres differentes epochas. A primeira comprehenderá os mais notaveis que floresceram até fins do seculo XVI. A segunda será a dos pintores de Vizeu de meiados do seculo XVI aos principios do XVII. A terceira abrangerá todos os que se lhes seguiram.

I

Primeira epocha da pintura em Portugal

Nuno Gonçalves foi o primeiro pintor conhecido, exercendo a sua arte no reinado de D. Diniz e D. Affonso IV, na primeira metade do seculo XIV. Segundo Francisco de Hollanda e Bermudez, foi elle o pintor do altar de S. Vicente na cathedral de Lisboa (2.ª carta de Raczynski, pag. 55), e é considerado por Francisco de Hollanda como um dos famosos pintores da Europa.

Alvaro de Pedro. Segundo refere Vasari, era um pintor portuguez que floresceu por 1450. Sabe-se apenas que viveu em Italia, e que a sua maneira de pintar era similhante á de Thadeo. Viam-se d'elle alguns quadros em Volterra, Pisa e outras cidades. (Diccionario de Raczynski, pag. 225).

Gaspar Dias é um nome que gozou muita celebridade no principio do seculo XVI, mas a respeito do qual se perderam as verdadeiras tradições. Guarienti diz ter retocado uma Descida do Espirito Santo que existia na egreja de S. Roque, pintura sobre madeira e com a sua assignatura. A que hoje alli existe (no altar-mór) é sobre tela e sem assignatura, sendo de crer

que alguem substituiu a original por uma copia sem grande valor. No altar de S. Roque está um quadro com este Santo a quem apparece um anjo, quadro que lhe attribuem e é d'um bello estylo ([1]). No mosteiro de Belem existe um quadro assignado por Dias e outros que lhe attribuem, grosseiramente restaurados. (Dicc. de Racz., pag. 70.)

Vasques. Pintor portuguez de quem Bermudez faz menção. Na egreja de San Lucar de Barrameda, em Hespanha, existem dois quadros d'elle, um dos quaes é assignado *Vasques Lusitanus* com a data de 1562, e representa o Martyrio de S. Sebastião. Estes dois quadros provam que o seu auctor estudou a anatomia e as proporções do corpo humano, mas o seu estylo é dúro. (Dicc. de Racz., pag. 293.)

Francisco de Hollanda nasceu em Lisboa em 1517, e alli morreu em 1584. Foi afamado architecto, desenhador, illuminador e pintor. Elle proprio diz não praticar a pintura por preferir-lhe os outros ramos; por isso é já muito o seguinte que diz Raczynski d'um quadro representando o Baptismo de Santo Agostinho, composição de 21 figuras, na collecção do conde de Penamacor ([2]): «Este quadro mostra influencia italiana estudos serios, mas pouca pratica de pintar.»

Francisco de Hollanda, segundo elle mesmo refere, estudou em Italia, e praticou com Miguel Angelo: apresenta-se como bom architecto, illumidador e desenhador. O seu livro original, com desenhos das melhores praças fortes da Europa e opinião a respeito d'ellas, existe na bibliotheca do Escurial, em Hespanha. (Dicc. de Racz., pag. 136.)

([1]) Faremos d'elle o 315.º da nossa relação.
([2]) 316.º da nossa relação.

Affonso Sanches Coelho morreu em Madrid em 1590. Segundo Palomino e Bermudez, era um afamado pintor, muito querido de Philippe II. O primeiro d'estes escriptores diz que Coelho era portuguez, e o segundo que era hespanhol, nascido no reino de Valencia. (Diccionario de Raczynski, pag. 50.) Guarienti (13.ª carta de Raczynski, pag. 314) confirma que Coelho era portuguez.

Luiz Viardot, no artigo que consagra a este pintor, diz que Vicenzo Carducci, contemporaneo e collega de Coelho, residente em Madrid e escriptor acreditado, lhe chamava «Lusitano» e o «Ticiano portuguez». Este equivoco de nacionalidade talvez tivesse origem, como diz o mesmo Viardot, nos embaraços em que se achou o neto de Coelho quando quiz nobilitar-se, indo para esse fim entroncar-se n'uma familia afidalgada oriunda d'uma aldêasinha do reino de Valencia. O que é verdade, é que não podemos mostrar nenhuma producção d'um vulto que ambas as nações disputam.

Madrid perdeu tambem em dois incendios a maior parte das suas obras, o maior numero retratos, genero em que elle mais brilhou. Actualmente existe um S. Sebastião no convento de S. Jeronymo, e sete magnificos quadros no mosteiro do Escurial, que são: S. Paulo com S. Antonio, S. Estevão com S. Lourenço, S. Vicente com S. Jorge, S. Catharina com S. Anna, S. Justo com o Pastor, S. Ignacio de Loyola e outro.

Christovão Lopes, filho do pintor Gregorio Lopes e discipulo d'Affonso Sanches Coelho. Nasceu em 1516, principiou a aprender com seu pae, e aperfeiçoou-se com Coelho. Guarienti faz-lhe grandes elogios. Palomino, no seu *Museu Pittoresco*, o appellida eminente pintor portuguez, accrescentando que D. João III o nomeou pintor da sua côrte e cavalleiro d'Aviz, e que es-

te monarcha o encarregou por diversas vezes de tirar o seu retrato e os de toda a sua familia. Morreu, segundo Guarienti, em 1600. (Diccionario de Raczynski, pag. 174.)

Bartholomeu de Cardenas (1547—1606). Segundo Palomino, era um pintor portuguez, mas de origem hespanhola. Foi pintor muito notavel, e discipulo de Affonso Sanches Coelho. (Diccionario de Raczynski, paginas 37.)

II

Segunda epocha da pintura em Portugal

Esta epocha é para nós a menos conhecida, mas sem duvida nenhuma a que apresenta pinturas mais caracteristicas, e que, quando convenientemente estudada promette ser a mais gloriosa, porque foi n'ella que floresceu uma eschola toda nossa, — a de Gran Vasco,—a *Eschola de Vizeu.*

Velasco. Pintor que floresceu talvez por meiados do seculo XVI, e do qual se vê um quadro assignado representando o Pentecostes (Descida do Espirito Santo) na egreja de Santa Cruz de Coimbra. O seu estylo é o da primitiva eschola flamenga, tendo sobre os pintores d'esta eschola a vantagem de evitar o maneirismo e grotesco que lhes eram communs. (Mr. Robinson.)

D'este mesmo Velasco é possivel que se venham a adquirir provas para com fundamento attribuir-se-lhe uma serie de quatorze quadros existentes na sala do capitulo da Cathedral de Vizeu.

Um quadro representando Jesus em casa de Santa Martha, existente no palacio do Bispo de Vizeu em

Fontello, ainda que de menos merecimento, parece ser d'um discipulo ou imitador de Velasco. (Mr. Robinson.)

Ovia, nome que se vê em um quadro representando Christo em presença de Pilatos, existente na egreja de Santa Cruz de Coimbra, e que parece ser egualmente d'um discipulo ou imitador de Velasco. (Mr. Robinson.)

Vasco Fernandes (o *Gran Vasco)* nasceu em Vizeu em 18 de setembro de 1552. O seu estylo faz suppor que fosse discipulo de Velasco e ao menos indirectamente tambem de Pedro Campana, pois como ambos participa da primitiva eschola flamenga e como Campana mostra um adiantamento só proprio do fim d'aquelle seculo. Vasco Fernandes era um artista consummado; possuia a sciencia do desenho e da anatomia, o vigor e brilho do colorido, o dom de imitar com verdade a natureza e um estylo elevado, mas ao mesmo tempo simples, agradavel e livre de todo o maneirismo.

Para fazer-se idêa do seu merecimento, veja-se o que, a pag. 368 da 16.ª carta, diz Raczynski, comparando as pinturas da Cathedral de Vizeu a uma admiravel Virgem gloriosa existente no palacio do Arcebispo d'Evora que se suppõe ser de João Van-Eyck, a quatro outros quadros não menos admiraveis existentes na galeria da academia de Lisboa, os quaes tinham vindo do convento de S. Bento, aos quatro que existem na egreja da Madre de Deus em Lisboa, egualmente excellentes e analogos aos que em Munich attribuem a João Schoreel, aos dezesete de Setubal e em fim a muitos outros. «De todos os quadros que acabo de citar, só o grande quadro d'Evora e os de S. Bento é que a certos respeitos teem um merito su-

*

perior aos quadros de Gran Vasco; mas estes ultimos e sobre tudo o S. Pedro teem um caracter de grandeza que eu não reconheço no mesmo grau em nenhum dos outros. Gran Vasco occupa na verdade entre os pintores do estylo gothico um dos primeiros logares, e a sua natureza artistica era uma das mais elevadas d'aquella epocha.»

E no entretanto é licito suppor que a sua obra-prima fosse o Descimento da Cruz, hoje pertencente ao snr. Antonio José Pereira, não só porque, apezar de ser actualmente um fragmento arruinado, ainda assim Mr. Robinson lhe reconheceu na figura do Christo deitado «o typo mais nobre e puro e bem desenhado», como porque o ser elle o unico assignado prova que o seu auctor se orgulhou da sua obra. Na analyse das differentes obras que lhe são attribuidas, já dissemos que eram sublimes as attitudes, o desenho, as roupagens, as composições e colorido, a architectura, as paizagens, as figurinhas de segundos planos e os accessorios. (Extrahido das opiniões de Mr. Raczynski e Mr. Robinson.)

O auctor do S. Miguel derribando o Dragão que se vê no palacio do duque de Palmella ao Rato, e que parece de Gran Vasco ou d'um seu imitador. (Raczynski.)

O auctor do quadro representando a Ultima Ceia de Christo, existente no palacio do Bispo de Vizeu em Fontello, que parece d'um discipulo ou imitador de Vasco Fernandes. (Mr. Robinson.)

O auctor d'um pequeno quadro existente na galeria de Lisboa, representando S. João Baptista, o qual é de merecimento e muito no estylo dos de Vizeu (1). (Mr. Robinson.)

(1) Creio que é o quadro que n'aquella galeria tem o n.º 211.

III

Terceira epocha

Á excepção dos mestres de Vizeu, que abrangem ainda o fim da primeira e o principio d'esta terceira epocha, mas que d'ellas se destacam porque formaram uma eschola toda local, não vemos florescer nenhuma outra eschola até á epocha de Vieira Luzitano; mas simplesmente individualidades, as primeiras d'ellas durante o periodo do nosso captiveiro, quando todas as artes, bem como toda a especie d'emprezas nacionaes, se achavam mergulhadas n'um completo abatimento.

Á falta de Claudio Coelho que nos teria dado gloria como a deu á Hespanha, se por acaso este mestre não tivesse nascido em Madrid de paes portuguezes quando eramos uma provincia sua; á falta ainda de Manuel de Castro, e Bartholomeu de Cardenas, distinctos discipulos de Claudio Coelho, que sem deixarem de ser portuguezes passaram toda a sua vida em Hespanha, cuja eschola ajudaram a illustrar, só obtiveram algum renome os pintores Amaro do Valle e Reinoso no principio e José d'Avellar Rebello por meiados do seculo XVII; os quaes pintores foram seguidos d'outros de mais ou menos importancia até meiados do seculo XVIII quando floresceu o insigne Vieira Lusitano.

E é possivel que em breve esta lista seja muito augmentada, pois dos quadros que na galeria de Lisboa se dizem da antiga eschola portugueza e que orçam por 85, estão seis apontados como do mesmo pincel que o n.º 211.

Eis pois uma lista dos mais illustres e uma apreciação das suas producções mais notaveis:

Valle (Amaro do). Segundo Cyrillo, este artista estudou a pintura em Roma, foi pintor de Filippe III de Hespanha e morreu na sua patria em 1619. Foi citado pelo auctor Diogo Barbosa da Silva entre os corypheus da pintura, mas os quadros que d'elle citam Cyrillo e Taborda estão tam estragados, que não se póde julgar do que foram. (Diccionario de Raczynski, pag. 291.)

Estevão Gonçalves Neto, conego da Sé de Vizeu, fallecido em 1627. Segundo Taborda, foi pintor e insigne illuminador, como prova um missal que existe na academia das sciencias em Lisboa. (Dicc. de Racz., pag. 205.)

Reinoso (segundo uns chamava-se André, e segundo outros era Diogo), que floresceu na primeira metade do seculo XVII. Uma Adoração dos Magos que se vê perto do primeiro altar da esquerda na egreja de S. Roque, attesta o seu merecimento ([1]). Este quadro, se bem que tenha defeitos quanto a desenho, mostra ao mesmo tempo um bello estylo. A figura da Virgem é a todos os respeitos satisfactoria; e a cabeça do rei que está mais proximo do negro, é muito bella.

Uma Natividade que se vê alli proxima e que egualmente lhe é attribuida, além de ser de pouco merecimento, não póde quanto a mim attribuir-se ao mesmo pincel.

Attribuem-lhe ainda uma serie de quadros com a vida de S. Francisco existente na sacristia da mesma egreja cujas figuras terão cerca de sessenta cen-

([1]) 317.º da nossa relação.

timetros, os quaes são de merecimento, mas não parecem do mesmo artista. (Raczynski, carta 11.ª, pag. 289.)

Attribuem-lhe mais uma Adoração dos Pastores, existente na galeria de Lisboa ([1]).

Rebello (José d'Avellar), pintor que floresceu pela mesma epocha. Sobre o primeiro altar da esquerda na egreja de S. Roque vê-se um Jesus entre os Doutores, que lhe é attribuido e me deu uma idêa muito favoravel do seu auctor; como tambem um pequeno medalhão que está acima do dito quadro e parece do mesmo artista ([2]). (Raczynski, carta 11.ª, pagina 289.)

Rodrigues (Fr. Domingos). Segundo Pons e Bermudez era um pintor portuguez que em 1632 se estabeleceu em Salamanca, onde fez diversos quadros que existem no claustro do convento de St.º Agostinho, os quaes teem a sua assignatura e a data de 1682, e provam que o seu auctor era bom colorista e desenhador correcto. (Diccionario de Raczynski, paginas 249.)

Obidos (Josepha d'). O seu nome era Josepha de Ayala, filha de Balthasar Gomes Figueira, pintor natural d'Obidos, e de D. Catharina d'Ayala e Cabrera, natural d'Hespanha. Os poucos quadros que vi d'esta pintora não me fizeram conceber uma grande idêa do seu talento. Achei porém soffrivel um cordeirinho deitado e preso por grinaldas de flores, que se vê na bibliotheca d'Evora ([3]). (Diccionario de Raczynski, pag. 211.)

([1]) 318.º da nossa relação.
([2]) 319.º e 320.º de *idem*
([3]) 321.º *idem*

Silveira (Bento Coelho da), pintor que morreu muito edoso em 1708. Os quadros que vi d'este auctor, são escuros e de toques pouco esmerados; mas não se lhe póde negar uma certa maestria, como provam: dois quadros no primeiro altar á direita em S. Roque (Jesus apparecendo á Virgem e a Assumpção), e uma Ceia de Christo no altar da capella-mór da egreja de Santo Antonio d'Evora, que é authentico. (Diccionario de Racz., pag. 51.)

A galeria de Lisboa possue uma grande tela forrada de madeira, de $2^m,27$ por $1^m,79$ representando Jesus Christo servido por anjos, que dizem do mesmo artista, e um outro que lhe é attribuido ([1]).

Castro (Manuel de) discipulo de Claudio Coelho. Segundo Ponz e Bermudez, foi nomeado em 1698 pintor de Carlos II em consideração da sua habilidade. Madrid possue diversas producções que este artista assignava «Manoel de Castro portuguez», e n'aquella cidade morreu em 1712. (Diccionario de Raczynski, paginas 45.)

Bernardes (Ignacio d'Oliveira), nascido em 1695 em Lisboa d'uma familia que conta grande numero de pintores. Foi dos que D. João V mandou estudar a Roma, d'onde segundo Cyrillo voltou afamado architecto e pintor. O seu colorido era extremamente vago e fraco, mas agradavel, e o seu desenho elegante. Foi architecto e decorador de diversos theatros. Cyrillo cita com elogio muitos quadros, dos quaes um Christo sobre a cruz com a Virgem e S. João aos lados, que se vê acima d'um altar lateral na egreja das Necessidades, é d'uma execução fra-

([1]) 322.º a 326.º da nossa relação.

ca, mas d'um effeito agradavel [1]. (Dicc. de Racz., pag. 213.)

Vieira Lusitano (Francisco de Mattos). Viveu de 1699 a 1783. O marquez d'Abrantes, reconhecendo n'este filho de Lisboa grande disposição para a pintura, levou-o para Roma aggregado á embaixada, e lá deu-lhe por mestres primeiro Lutti e depois Trevisani, tornando-se elle tam distincto, que obteve um primeiro premio na academia d'aquella cidade.

Passados sete annos, veio a Lisboa, onde pouco pintou por causa de preoccupações amorosas, que em breve o fizeram voltar a Roma. Alli passou mais cêrca de seis annos, conseguindo unir-se áquella que amava. Por cêrca de 1730 achava-se de novo em Lisboa, onde executou muitas e importantes producções. Raczynski, referindo-se a Cyrillo e outros nomeia 32 [2], sendo:

Uma Senhora do Rosario com o Menino sobre uma especie de pedestal rodeado por muitas figuras (tela de 2^m,38 por 1^m,36), e um Santo Agostinho pisando aos pés a heresia e um Anjo queimando os escriptos hereticos (tela de 3^m,28 por 2^m,12), excellentes pinturas, hoje na galeria nacional. Do primeiro diz Raczynski, na 11.ª carta, paginas 265 e 266, que é muito bom, bem composto, mostrando tendencias sabias, e do segundo que, embora de menos merito, é ainda apreciavel.

Dois Santos Antonios no segundo altar á esquerda na egreja de S. Roque, os quaes diz Raczynski serem

(1) 327.º da nossa relação.
(2) 328.º a 359.º *idem*.

dois excellentes specimens do talento mui distincto d'este pintor. (Mesma carta, pag. 290.)

Doze grandes quadros no alto da grande nave da egreja dos Paulistas, representando os doze Eremitas, dos quaes diz Raczynski em uma nota no fim da pag. 297 do seu Diccionario: «Enganei-me quando emitti duvidas sobre a authenticidade d'estes quadros; Vieira fel-os na edade de 32 annos: são muito bons, teem muito estylo, bôa execução e muito effeito».

Outro excellente quadro é um Santo Antonio com outras figuras, sobre o primeiro altar á esquerda na egreja de S. Francisco de Paula. (Carta 11.ª, pag. 295.)

Em fim, transcrevendo a opinião de Cyrillo e outros, cita ainda Raczynski diversos quadros, sendo: mais tres na egreja de S. Francisco de Paula, uma Sacra Familia pertencente ao conde d'Assumar, um S. Franscisco despojado dos seus vestidos no convento do Menino Deus, um grande quadro no altar-mór da Cartuxa, uma Sacra Familia na capella dos sete altares em Mafra, outra na capella de S. Joaquim ao Calvario, uma Conceição na Junta do Commercio, um Santo Agostinho no convento da Graça, S. Pedro e S. Paulo, Santo Antonio, Santa Barbara e uma Sacra Familia pertencentes ao conde de Povolide.

Ignora-se onde param dois quadros que dizem terem-n'o immortalisado, o da desgraçada D. Ignez de Castro e o de Duarte Pacheco combatendo na India.

O terremoto de 1755 destruiu a sua obra mais importante, que era a Conquista de Lisboa, por D. Affonso Henriques e Guilherme Espada Longa, protegidos contra os mouros por Nossa Senhora dos Martyres, executada no tecto da egreja d'esta invocação em

1750, por cuja composição recebeu um conto de reis. (Dicc., pag. 297.)

O colorido de Vieira era pallido. Quanto aos merecimentos d'este artista, limitar-nos-emos ao que a pag. 266 das suas cartas diz Raczynski: «Na Prussia, no tempo de Vieira, estavamos mui longe de possuir um artista egual. Não o julgo muito inferior a Vien.»

Note-se que, quando Raczynski assim fallava, não tinha ainda dado conta dos dois quadros da egreja de S. Roque e d'um Santo Antonio da egreja de S. Francisco de Paula, assim como tambem tinha visto mal os doze Eremitas da egreja dos Paulistas, segundo se deprehende da nota que poz no seu Diccionario a pag. 297.

Além do volume contendo vinte e nove cartas com 548 paginas, e do Diccionario com 306 paginas, promettia Raczynski um resumo com gravuras das nossas principaes obras d'arte e sua definitiva opinião, volume que não chegou a dar ao prelo em virtude não sabemos de que circumstancia. O que é certo, é que esta falta muito nos prejudicou, pois o Dicc. limita-se grande parte das vezes á biographia.

Nas poucas palavras, porém, que acima ficam transcriptas, encerra-se o maior dos elogios ao nosso pintor, pois Vien é o melhor pintor do seu tempo, e o fundador da moderna eschola franceza que seu discipulo David conseguiu perpetuar. A importancia de Vieira augmenta com ter elle sido um chefe d'eschola, contando-se entre os seus discipulos directos João Silverio Carpineti, sua irman Catharina e o Morgado de Setubal, e entre os indirectos ou imitadores Joaquim Manoel da Rocha, Antonio Joaquim Padrão, Pedro Matheus e outros muitos.

Gonçalves (André), segundo pintor notavel d'este nome, fallecido com cêrca de 70 annos em 1762. Foi discipulo de Julio Cesar de Famine, pintor genovez que morreu em Lisboa em 1736. O estylo de Gonçalves era imitando Conca e Marata, e executou muitas obras por gravuras feitas por quadros d'ambos elles, obras que se acham em differentes egrejas. Deixou muitos discipulos, entre elles seu filho Manuel José Gonçalves, João dos Santos Ala, Joaquim Manuel da Rocha, José da Costa Negreiros, Francisco Xavier Lobo, o padre Manuel José, e indirectamente Pedro Alexandrino, que frequentava a sua casa. (Diccionario de Raczynski, pag. 117.)

Padrão (Antonio Joaquim), pintor e gravador que morreu novo, em 1760. Raczynski diz ter visto uma grande e bella gravura representando Lisboa, achando-se no primeiro plano o marquez de Pombal pensando em reedificar a cidade; gravura que pertencia ao ministro francez mr. Rouan. (Dicc., pag. 216,)

Pedro Alexandrino de Carvalho (1730—1810). Foi habil pintor em todos os generos. Tinha talento e muita facilidade, e por isso foi muito fecundo; porêm as suas producções são em geral de pouco merito. (Carta 11.ª, pag. 292.) Um de seus melhores quadros é o do Salvador do Mundo na Cathedral de Lisboa [1]. Deixou muitos discipulos. (Diccionario, pag. 3.)

Cyrillo Volkar Machado (1748—1823). Foi pintor e escriptor muito fecundo, mas sem grande merecimento. As suas melhores producções são [2]: um grande quadro no altar-mór da egreja do Coração de

[1] 360.º da nossa relação.

[2] 361.º a 374.º de *idem*.

Jesus, os Apostolos em nichos na egreja de S. Roque. Na sala do beijamão do palacio d'Ajuda executou figuras allegoricas, entre as quaes a allegoria da Mentira é de bom effeito, acontecendo o contrario a outras. (Diccionario, pag. 64.)

Vieira Portuense (Francisco). Nasceu no Porto em 1765 e morreu na ilha da Madeira em 1805. Principiou a aprender com seu pae Domingos Francisco Vieira e com João Glama, obtendo, porém, em 1788, da companhia dos vinhos do alto Douro, um subsidio annual de 300$000, passou a estudar em Roma com Domingos Corvi e distinguiu-se de tal modo, que já em 1791 obteve o primeiro premio em roupagens na academia d'aquella cidade. D'alli seguiu para Parma a fim de estudar o colorido de Corregio, em cuja cidade o nomearam lente da academia e d'uma das filhas do duque reinante, a quem ensinou desenho. Em 1794 voltou para Roma, e em 1797 seguiu para a Allemanha, passando em Dresde, Munich e outras cidades, onde tirou diversas copias; dirigindo-se depois a Londres, onde se relacionou com Bartholozzi, casou-se com uma rica parenta d'este eminente gravador. Em Londres fez o retrato de Bartholozzi, o quadro de Viriato que o seu amigo gravou, uma Senhora da Piedade e um Descimento da Cruz para o nosso ministro D. João d'Almeida, depois conde das Galvêas. Em 1802 veio com sua esposa para Portugal com tenção de estabelecer-se no Porto, d'onde D. João d'Almeida e o visconde d'Anadia o demoveram a sahir para acceitar a nomeação que lhe obtiveram de pintor da côrte com dois contos de reis de vencimento, que a sua morte prematura pouco tempo lhe deixou gozar.

As obras de Raczynski dão noticia de quasi to-

das as producções de Vieira, que são vinte, a saber (1):

Dois quadros no palacio do conde d'Anadia: um d'elles representa Venus com o Amor n'uma paizagem, e é um excellente quadro em que Vieira se deixou inspirar por Albano (carta 11.ª, pag. 285); o outro representa a condessa d'Atouguia armando seus filhos para a guerra com Hespanha: é no estylo d'Angelica Kauffmann, mas quanto a mim muito melhor que a maior parte das producções d'esta pintora. O primeiro foi gravado por Bartholozzi, e o segundo é tambem digno d'elogios. (Idem.)

Um Descimento da Cruz no andar superior da Congregação do Oratorio das Necessidades, que é uma de suas melhores producções, d'um desenho e execução perfeitamente louvaveis. O colorido não se faz notar pela força nem pelo brilho, mas é agradavel e harmonioso. Esta producção annuncia cuidado, bons estudos e bellas tendencias.

Duas excellentes copias que elle fez em Parma pelos quadros de Corregio, sendo um S. Jeronymo que hoje pertence ao duque de Palmella, e uma Magdalena pertencente ao snr. Luiz Pinto de Balsemão.

A Senhora da Piedade e o Descimento da Cruz do conde das Galvêas, de que acima fallamos.

Um S. Sebastião que possue o marquez de Borba.

Quatro quadros na egreja dos Terceiros de S. Francisco no Porto, sendo uma Senhora da Conceição, Santa Izabel dando esmolas, S. Luiz rei de França e Santa Margarida em artigo de morte confessando-se a um frade franciscano. Este ultimo é o melhor e o penultimo

(1) 375.º a 394.º da nossa relação.

o mais fraco. Em todos elles porém mostra um sentimento profundo de piedade e sensibilidade. O colorido é fraco mas harmonioso. Era uma amavel natureza de pintor.

Hoje o museu portuense possue sete producções suas, sendo quatro estudos que elle fez em Roma, um S. João mostrando o Messias, um Christo morto sobre a cruz e uma grande paizagem representando a Fuga de Margarida d'Anjou. D'esta ultima diz Raczynski, quando a examinou na collecção do snr. Allen, que a teria julgado de Pillement, fazendo lembrar em partes Dietrich e Tenniers.

O snr. Silva Oeirense possuia um bom desenho, representando Viriato jurando sobre o cadaver d'uma menina vingar-se dos romanos. (Dicc. de Racz., pag. 299 e seguintes, e diversas passagens de suas cartas.) Na Associação denominada Factoria Ingleza existe uma de suas melhores telas, cujo motivo é um facto da historia ingleza.

Póde-se pois concluir que Vieira Portuense, acabando apenas os seus estudos ensaiava diversos estylos sem se ter decidido inteiramente por um d'elles. Todavia predominava n'elle a côr pallida que herdou d'Albano. O seu pincel era pouco vigoroso, mas o seu desenho correcto, as suas composições sabias e agradaveis mostrando em todas ellas a doçura, amabilidade e melancolia de que parecia formado o seu coração.

Taborda (José da Cunha). Nasceu em 1766. Foi pintor d'algum merecimento, e escriptor consciencioso. No palacio da Ajuda existem duas de suas melhores producções ([1]), a Proclamação de D. João IV no tecto

([1]) 395.º 396.º da nossa relação.

da sala d'estado, que sem ser exempta de defeitos é de excellente composição, lindas roupagens, bellas posições de cabeça e bom effeito geral; tambem é por elle o tecto da sala chamada das côrtes, que tem harmonia no colorido, bôa disposição de grupos e de figuras, mas o desenho foi descurado. Além d'estes trabalhou em outros tectos conjunctamente com diversos artistas. (Dicc., pag. 281.)

Barreto (José Teixeira). Viveu de 1767 a 1810. Nasceu no Porto, e aos quinze annos tomou o habito de benedictino no convento de Tibães com o nome de Fr. José da Apresentação. Quatro annos depois passou para S. Bento da Saude, em Lisboa. Os prelados d'aquelle convento fizeram-n'o seguir um curso regular de desenho, mandando-o depois para Roma aperfeiçoar-se na pintura e gravura, o que aprendeu com José Cadès e com Gagnereux.

O seu estylo era o de David ou Camuccini, como se vê d'um quadro representando a Morte de Cleopatra que existe na academia de bellas-artes do Porto ([1]). Foi ainda melhor gravador que pintor. As suas gravuras mais notaveis são a mulher de Dario diante de Alexandre, um Repouso no Egypto e Venus com as nymphas. Foi o successor de Vieira Portuense na direcção da academia de Lisboa. (Diccionario, pag. 22 e 283.)

Algumas das suas obras foram por elle legadas ao convento de Tibães.

Sequeira (Domingos Antonio de). Nasceu em Belem a 10 de março de 1768 e morreu em Roma em 7 de março de 1837. Foi talvez a nossa maior gloria artistica e sem duvida alguma o melhor de nossos pin-

([1]) 397.º da nossa relação.

tores modernos. Depois de ter-se distinguido como estudante da academia de Lisboa, foi em 1788 mandado estudar em Roma com um subsidio de 300$000 reis annuaes que lhe deu o governo. N'aquella capital escolheu para mestres Cavalluci e Picola. Em 1791 obteve um primeiro premio na academia pelo seu quadro =o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes=; em 1794 foi recebido academico de merito pelo seu quadro = A degollação de S. João Baptista =. Executou n'aquella cidade diversas outras pinturas, entre ellas dois tectos, um d'elles com a batalha do campo d'Ourique.

Em 1796 voltou á sua patria, trazendo diversas producções suas que reputava muito acima do valor que lhe offereceram. Esmorecido á vista do baixo preço por que aqui se pagavam as pinturas, resolveu-se a entrar de eremita no convento do Bussaco, d'onde em 1802 veio arrancal-o o seu amigo D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que, conseguindo que Sequeira abandonasse o noviciado, que lhe obteve o ser nomeado pintor da côrte conjunctamente com Vieira Portuense, mediante um vencimento egual de 2:000$000 reis por anno. Em 1803 foi nomeado mestre da princeza D. Maria, dando-se-lhe ao mesmo tempo equipagem, uma condecoração, grandes favores e valimento na côrte.

Achou-se em 1823 envolvido em politica, em virtude do que emigrou para Paris, onde executou o seu famoso quadro=Ultimos momentos de Camões=, cujo assumpto é o grande poeta no seu leito de morte ouvindo ler a um amigo a descripção da batalha d'Alcacer-Quibir e a morte de D. Sebastião, e dando graças a Deus por não sobreviver a tam grande catastrophe. Este quadro, depois de figurar com louvor na exposição do Louvre em 1824, foi offerecido por seu auctor

a D. Pedro I imperador do Brasil, que o fez cavalleiro do Cruzeiro. Ainda alli pintou a = Fugida para o Egypto=e uma paizagem com quatro retratos da familia do visconde da Pedra Branca, ambos para aquelle titular brasileiro.

Em 1826 passou a Roma, e no anno seguinte executou o seu mais famoso quadro = O Descimento da Cruz=; em 1828 a=Adoração dos Magos=, e em fins de 1836, quando já doente, esboçava a = Ascenção=e o=Juizo final=, todos quatro hoje do duque de Palmella. Entre os dois primeiros e os dois ultimos executou dez quadros menores, sendo: o Baptismo de Christo e a sua Crucificação, que pertencem ao duque Bracciano; a Fé, que pertence á gran-duqueza Helena de S. Petersburgo; a Santa Veronica, em um convento de Roma; o Caminho da Cruz, na egreja da Paz da mesma cidade; os outros cinco são: uma Sacra Familia, uma Virgem, o Anjo Raphael e Tobias pae e filho, um St.º Antonio prégando aos peixes, e o Salvador, todos cinco pertencentes ao cavalleiro Migueis, genro de Sequeira.

Raczynski, antes de vêr os quadros do duque de Palmella, não julgava Sequeira favoravelmente, duvidando até que um desenho que pertence a S. M. El-Rei D. Fernando fosse obra d'elle; affirmando ainda mais a respeito de um esboço, a Moeda de Cesar, o qual hoje pertence ao museu do Porto, que, qualquer que fosse a auctoridade em que se fundasse aquella indicação de auctor, não o admittia como producção do auctor d'outros quadros que se diziam de Sequeira. Quando porém analysou os quatro quadros que o duque de Palmella adquiriu em 1845 (dizem que por 40:000 francos, cêrca de 7:600$000 reis), modificou completamente aquella opinião, dizendo que, se os por-

tuguezes não houvessem sido tam immoderados nos louvores a Sequeira durante a sua estada em Portugal, elle teria sido forçado pela necessidade a desenvolver todo o seu talento, para não nos deixar mediocridades como dois retratos de D. João VI e todos os seus trabalhos no palacio da Ajuda, dois quadros allegoricos no palacio do conde de Farrobo, Martin de Freitas no palacio dos condes d'Anadia e outros na academia de Lisboa, etc,; e que nos teria legado outras muitas obras notaveis como um desenho que possuia mr. Forrester, concebido e tractado com gosto e espirito no genero das aquarellas inglezas, cujo assumpto é o desembarque d'Affonso d'Albuquerque nas Indias, sendo as figuras do primeiro plano de 11 a 14 centimetros; outro representando um Calvario, feito com tinta da China e os claros em grande parte resaltados de branco com algumas fracas indicações de côr, o qual pertence a S. M. El-Rei D. Fernando (79 centimetros por 52), cujo esboço é eminentemente rembrandtesco e digno dos maiores elogios; o esboço então de lord Howard e hoje do museu portuense, de cêrca de 35 centimetros por 45, representando a Moeda de Cesar, feito em Roma em 1790, do qual diz o mesmo Raczynski que é d'uma execução e de um effeito de colorido que nunca vira em Sequeira, e que estava mais disposto a acreditar que fosse de Pompeu Batoni, pois é d'analogo estylo, facilidade, encanto e caracter historico, mas de pouco fundo e nenhuma força.

Ácerca d'um quadrosinho oval, de 38 centimetros por 31, procedente do palacio do Ramalhão e representando S. Pedro d'Alcantara arrebatado em extase, o qual hoje existe no museu de Lisboa, diz Raczynski (talvez por não ter já presente na memoria a com-

posição): «Este quadrosinho de S. Francisco arrebatado pelos anjos é com effeito encantador, bem pensado, bem tractado e delicadissimo.»

D'um S. Bruno que existia na academia, disse que era effectivamente muito bom quadro, ainda que de execução branda, mas digno d'elogios sob o ponto de vista da composição e do claro-escuro.

Transcreve a opinião do architecto decorador, o snr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva (que estudou na academia de Paris e egualmente com Sequeira durante a sua estada alli), a respeito dos quadros que foram para o Brazil. «O quadro da Morte de Camões era sublime d'expressão; no entretanto a côr desagradou-me por pardacenta. O segundo quadro que elle pintou, o Repouso no Egypto, era mais bem acabado e d'um colorido mais agradavel. A Virgem assentada tem o Menino Jesus deitado nos braços. No primeiro plano á esquerda vê-se a cabeça d'um burrinho que bebe n'um regato e que é admiravelmente executada e d'um desenho irreprehensivel. No quadro de familia do visconde da Pedra Branca, com quatro retratos em meio corpo quasi ao natural, se bem que estes são muito parecidos, o colorido é brando, fazendo lembrar as anteriores pinturas que elle fez em Lisboa.»

Tambem transcreve a opinião de Roquemont, que adopta como propria, a respeito de dois quadros que existem em Braga, na egreja do Bom Jesus, nos quaes se veem cabeças, figuras e até grupos, que sob diversos pontos de vista fazem lembrar o grande pintor dos quatro que possue o duque de Palmella, notando-se porém que a execução é muito mais fraca.

Dá ainda noticia d'um excellente esboço de Nossa Senhora da Piedade que então existia no Porto, na quin-

ta das Aguas Ferreas, e creio ser o que hoje pertence á galeria de Lisboa, sob o n.º 14; assim como de dois pequenos mas mui interessantes desenhos na collecção do duque de Palmella, um dos quaes representa Susana sahindo do banho, e outro Loth deitado e nú até á cinta, com suas duas jovens filhas ao lado.

Quando porém chega aos quadros que em Roma comprou o duque de Palmella, torna-se Raczynski verdadeiramente enthusiasta de Sequeira. Estes quadros teem 1^m,33 por 1^m,8, e as figuras do primeiro plano 25 a 33 centimetros.

«Custa a comprehender, diz elle, como em Roma, que mais que qualquer outra cidade é considerada o grande deposito das producções classicas da pintura italiana, podesse Sequeira adoptar um methodo de pintar e sentir-se animado d'inspirações que apresentam a maior analogia com Rembrandt, sem mostrar nenhuma com os grandes mestres de Roma ou Florença. Os dois quadros acabados só podem ser comparados aos de Rembrandt, e são egualmente d'uma execução pensada, e as figuras de pequenas dimensões. Póde-se sem hesitar comparal-os um ao outro, não só a respeito do caracter geral que apresentam, mas tambem sob o ponto de vista da execução e da habilidade technica. Por estes quatro quadros collocou-se Sequeira, no meu modo de pensar, junto de Rembrandt. Quero assim determinar a altura em que creio que merece ser posto, e a direcção artistica, que prevaleceu n'elle no termo da sua vida. Simplesmente dois é que estão acabados, e os outros sómente esboçados; no entretanto o effeito, a côr e a composição está completa e em harmonia, sem fazerem a impressão de obras por terminar; parecendo que o que foi exprimido d'uma maneira summaria, não tem necessidade d'outros retoques. Não só não

sinto, mas até estimo que elles ficassem n'este estado, pois é uma circumstancia feliz que nos inicia no genio do pintor, na sua maneira de conceber os objectos e nas suas emoções espontaneas.

«No Juizo final, que é o menos adiantado, o effeito da luz e a maneira por que o objecto é tractado lembra um pouco as producções extravagantes e inexplicaveis do inglez Turner, menos a negligencia e confusão d'este. Visto de perto o alto do quadro, tanto o Christo como a Virgem, S. João e sobre tudo a gloria d'anjos são soberbos. Visto de longe não é d'um effeito feliz, pois apresenta espaço de mais d'um branco de cal muito crú.

«Na Ascensão ha grandes bellezas; notam-se no grupo da esquerda figuras que são tractadas como muitas da parte inferior da Assumpção da Virgem por Ticiano; o céo tam sereno, tam bello, é grandioso na sua simplicidade; mas quanto ao Christo, ainda que sobe bem, parece-me faltar-lhe nobreza.

«Eis-nos em frente dos dois acabados. É n'estes que Sequeira me parece mostrar sobre tudo grande analogia com Rembrandt. O calvario apresenta um effeito de noite; a Adoração dos Magos parece allumiada pelos raios do sol mais brilhantes, e no entretanto a estrella alli indicada não sómente não está em desharmonia com o tom geral do quadro, mas parece até que lhe ajunta um encanto mui particular. O Descimento da Cruz (ou Calvario) é o melhor de todos. Sobre o corpo deitado de Christo é que a maior luz se vê concentrada. Este corpo e o grupo que o rodêa causaramme a mais viva admiração.

«No primeiro plano um grupo de figuras abaixo da cruz é de tal modo rembrandtesco, que de certo este grande mestre não renegaria o outro. Á esquerda

ha figuras de mulheres admiraveis de toques, de desenho e de expressão. Gosto infinitamente, entre os dois grupos que acabo de citar, do homem de turbante que junta as mãos por baixo do queixo em signal de dôr. E apezar da riqueza d'estas composições, não ha em parte alguma confusão ou discordancia. É bom em desenho, em composição e colorido; é bom sob todos os pontos de vista.

«Na Adoração dos Magos, a Virgem é magnifica d'expressão, e é tambem um optimo quadro, ainda que um pouco amaneirado; faz-me lembrar a este respeito as ultimas producções do nosso Petzel. Não pretendo por modo algum, com esta observação, estabelecer parallelo entre elles, pois já bem claramente o exprimi dizendo que n'estes quadros Sequeira me parece digno de ser comparado a Rembrandt. Quero dizer que a Adoração dos Magos é soberba, mas eu prefiro-lhe ainda o Descimento da Cruz. Ha em todos estes quadros uma frescura de sentimento, uma profundeza de emoção, que me tocam vivamente, e uma riqueza de composição que não me canso d'admirar.»

Eis as proprias expressões de Raczynski a respeito dos dois ultimos quadros, as quaes transcrevo na sua integra:

«Arrêtons-nous aux deux tableaux achevés. C'est dans ceux-là que Sequeira me paraît montrer surtout une grande analogie avec Rembrandt. Le Calvaire présente un effet de nuit; l'Adoration des Mages paraît éclairée par les rayons du soleil les plus éclatants, et cependant l'étoile y est indiquée d'une manière qui non-seulement ne paraît pas en désharmonie avec le ton général du tableau, mais qui même y ajoute un charme tout particulier. Le plus beau de tous ces tableaux est celui qui représente la Descente de Croix. C'est

sur le corps couché du Christ que la plus grande lumière se trouve concentrée. Ce corps aussi bien que le groupe qui l'entoure m'ont causé la plus vive admiration.

«Sur le premier plan, un groupe de figures au-dessous de la croix est tellement rembrandtesque, que certes ce grand maître ne l'eût pas renié. À gauche il y a des figures de femmes, admirables de touche, de dessin et d'expression. J'aime infiniment entre les deux groupes que je viens de citer, la figure de cet homme, qui est coiffé d'un turban, et que joint ses deux mains sous le menton en signe de douleur. Malgré la richesse de ces compositions, il n'y a nulle part confusion ou discordance. C'est beau de dessin, d'ordonnance, de coloris, c'est beau sous tous les rapports.

«Dans l'Adoration des Mages, la Vierge est magnifique d'expression. C'est un bien bon tableau aussi, quoique peut-être un peu maniéré de couleur et me rappelant sous ce rapport quelques-unes des dernières productions de notre Petzel. Je n'entends pas par cette observation établir la moindre comparaison entre ces deux artistes, et je l'ai assez clairement exprimé en disant que dans ces tableaux Sequeira mè paraît digne d'être comparé à Rembrandt. Or, l'Adoration des Mages est superbe, mais je préfère la Descente de croix. Il y a dans tous ces tableaux une fraicheur de sentiment, une profondeur d'émotion qui me touchent vivement, et une richesse de composition que je ne me lasse pas d'admirer.»

Depois d'assim apreciado o nosso melhor pintor, só resta accrescentar que as suas producções existentes em Portugal de que tenhamos noticia são trinta e sete ([1]), das quaes já descrevemos dezenove, restando ain-

([1]) 399.º a 434.º da nossa relação.

da noticiar mais quinze na galeria nacional de Lisboa; um retrato em busto d'uma joven rindo-se, no palacio dos condes d'Anadia, retrato de mais merecimento que o outro quadro já descripto no mesmo palacio; um quadro com dois retratos em meio corpo muitissimo bem desenhados e similhantes, o qual pertencia ao snr. Machado, tio do snr. Polycarpo José Machado, e um S. Bruno na academia do Porto. Existem além d'estes quadros grande copia de desenhos mais ou menos importantes.

Furtado (José d'Almeida—, 1778—1831). Era natural de Vizeu e appellidava-se o Gata. Foi bom pintor de retratos e de quadros sacros como se vê d'um S. Francisco d'Assiz que existe na sacristia da Cathedral de Vizeu ([1]); mas no que elle brilhou sobre tudo, foi em miniaturas. (Noticia de seu filho o snr. Thaddeo, corroborada por mr. Roquemont, e pelo que do quadro de Vizeu póde julgar o proprio Raczynski, Dicc. pag. 109.)

Raphael (Joaquim — da Costa), natural do Porto (1783 — 1852). Foi discipulo de Domingos Francisco Vieira e de seu filho Vieira Portuense. Em 1825 foi nomeado pintor da côrte, e em 1836 lente de desenho historico na academia de Lisboa. Foi um dos pintores mais fecundos pela facilidade com que trabalhava.

Raczynski não gostou das suas producções pelo mal acabado d'ellas, e diz que apenas mostram talento e facilidade na composição. Talvez que conhecendo já Joaquim Raphael pelas suas pinturas em Lisboa, deixasse de ver aqui no Porto, onde pouco se demorou, tres das suas melhores producções, de que muitas pes-

([1]) 135.º da nossa relação

soas teem gostado e que são: um S. Sebastião na egreja da Lapa, a Assumpção da Virgem nos Clerigos, e o panno da tribuna em St.ª Clara.

Hoje existe no museu portuense um pequeno quadro a grisalho, de 10 ½ pollegadas por 13 ¾, bella composição representando o desembarque de D. Fuas Roupinho, recebido em triumpho pelo clero, nobreza e povo depois d'uma victoria naval sobre os mouros [1].

Raczynski elogia muito tres desenhos que Joaquim Raphael apresentou na exposição de bellas-artes em Lisboa em 1843, os quaes representavam a Transfiguração, uma Conceição e a Morte de St.ª Thereza, e louva tambem um Christo na cruz em um altar da egreja da Misericordia do Porto.

Ribeiro (João Baptista) discipulo de Vieira Portuense, de José Teixeira Barreto, e de Domingos Antonio de Sequeira. Nasceu em 1790 e falleceu ultimamente.

Nomeado mestre de desenho das infantas em 1824, foi em 1833 encarregado de escolher no Porto um edificio para galeria de quadros, e apontando o convento de St.º Antonio da cidade, alli se estabeleceu a academia de bellas-artes, de que o nomearam director, e onde professou o desenho historico, até que optou pela cadeira de desenho na academia polytechnica, e passou a occupar a directoria d'esta corporação. Condecorado com o habito da Conceição em 1824, foi feito commendador de Christo em 1837, e conselheiro d'estado em 1853.

Era considerado bom desenhista, retratista, pintor d'historia, de flores e de paizagens.

Foi fecundo deixando muitos retratos, e quadros d'historia sacra taes como, o tecto da capella-mór, e a Assumpção da Virgem no altar principal da egreja dos Congregados, a Annunciação na egreja da Graça, a Se-

(¹) 436.º a 439.º da nossa relação.

nhora da Solledade na capella das Almas em Santa Catharina, um S. José com o Menino Jesus na egreja de Massarellos, diversos quadros na capella de Bernardo de Mello, cinco na matriz de Vallongo, e muitos outros em diversos templos tanto do Porto, como de Villa Real, S. Miguel, etc.

FONSECA (Antonio Manuel da), ex-professor de pintura historica na academia de Lisboa. Nasceu por cêrca de 1796, e estudou em Roma de 1822 a 1826. Raczynski elogia um quadro representando Eneas salvando Anchises, tendo aos lados seu filho Ascanio e sua mulher Creusa. Este quadro, de $2^{m},71$ por $1^{m},81$, com figuras ao natural, esteve na exposição de bellas-artes de Lisboa em 1843. «Reconhece-se nas posições, sobre tudo na d'Eneas, a influencia da eschola de David que teve seus apostolos em Roma. Ha muito estylo n'este quadro, e o colorido é louvavel.»

Entre os retratos que este artista apresentou na mesma exposição, achou Raczynski dignos de louvor os seguintes: o do Papa reinante, o d'um medico, o proprio e o d'um filhinho do duque de Palmella sobre um cavallo de madeira; a respeito dos quaes diz:

«Em todas estas obras se observa a influencia dos grandes modêlos que elle procurou estudar e imitar, e se reconhece uma tendencia historica. Descubro-lhe até esta tendencia em obras que não merecem nenhum elogio, como é o retrato da rainha, que eu não quereria vêr n'esta exposição.»

D'um esboço na mesma exposição diz Raczynski: «A Morte d'Albuquerque é um pequeno esboço que reune diversos generos de merito, sendo o primeiro o ser verdadeiramente original (ao que me parece) e não participar de reminiscencias estranhas, como outras obras do mesmo auctor. As figuras estão bem grupadas, e a

côr é agradavel como a de quasi todas as suas obras, em que se reconhece sempre o estylo e as tendencias elevadas do pintor d'historia.»

Elogia tambem duas copias que elle fez em Roma, a da Transfiguração e a da Communhão de S. Jeronymo, ambas na galeria de Lisboa.

Era nossa intenção não emittir opinião propria (por nos julgarmos incompetentes), seguindo somente a de pessoas que julgamos habilitadas e insuspeitas; não é porém justo que, dando um resumo das nossas melhores pinturas, deixemos de mencionar as do snr. João Antonio Corrêa, distincto professor de pintura historica e de retratos na academia do Porto. O snr. J. A. Corrêa fez os seus estudos em Paris, debaixo da direcção de Theodoro Chasseriau e H. Flandrin, ambos discipulos de Ingres. Frequentou com grande proveito por espaço de alguns annos a Eschola Imperial das bellas-artes, onde recebeu sabios conselhos dos professores Ingres, P. Delaroche e Horacio Vernet, principaes vultos da pintura no seculo actual.

As suas producções de que temos noticia são:

Uma Santa Izabel dando esmolas excellente tela pertencente ao snr. Antonio José da Silva; uma Lebre morta e pendurada, egualmente bôa tela, pertencente ao mesmo senhor; o Auto de Fé, excellente composição que seu auctor offereceu á academia, uma cabeça d'estudo; o retrato do snr. Domingos d'Oliveira, e um desenho, retrato do fallecido Joaquim Rodrigues Braga, ex-director e pintor de pintura historica da academia, offerecido a esta pelo auctor. Á excepção do primeiro, todos os outros quadros figuraram na ultima exposição que a academia realisou em 1869, e na qual estiveram outros trabalhos pelo mesmo se-

nhor, assim como um excellente retrato do snr. Augusto Pinto Chaim, do Rio de Janeiro.

V

Para se fazer idêa da maior ou menor actividade que tem havido no nosso paiz n'este ramo de bellas-artes, damos em seguida outra lista em duas secções) a primeira das quaes reune os nomes de todos os pintores que ou não tiveram celebridade, ou por falta dos precisos dados se não podem avaliar devidamente; a segunda é de pintores modernos em cuja epocha floresceu um genero de pintura muito desenvolvido por Baccarelli em principios do seculo XVIII, a de decorações, scenographia ou perspectiva, sendo os melhores specimens os tectos da bibliotheca de Coimbra, os do palacio de Belem, os das egrejas do Loreto e de S. Vicente, e os ultimamente feitos no palacio das Necessidades e no do duque de Palmella ao Calhariz.

SECÇÃO 1.ª

Desde a primitiva até fins do seculo XVII.

AFFONSO (Jorge). Foi pintor da corte d'el-rei D. Manuel, em principios do seculo XVI. (Noticia do visconde de Jorumenha. Dicc. de Racz.)

ALMEIDA (Braz d'). Pintor e esculptor em fins do seculo XVII. (Noticia de Diogo Barbosa Machado. Dicc. de Racz.)

ALMEIDA (Feliciano d'). Pintor que floresceu na mesma epocha. (Noticia de Cyrillo. Diccionario de Raczynski.)

ANDRADE (Luiz Alvares d'). Pintor d'historia, fal-

lecido em 1631. (Noticia de Cyrillo. Diccionario de Raczynski.)

André (Manuel). Pintor que floresceu em fins do seculo XVI. (Noticia do visconde de Jorumenha. Dicc. de Racz.)

Annes (João). Pintor que floresceu em meiados do seculo XV. (Noticia do visconde de Jorumenha. Dicc. de Racz.)

Avellar (Braz d'). Suppõe-se ter sido um dos pintores que D. Manuel mandou estudar em Italia, em principios do seculo XVI. (Noticia de Taborda. Dicc. de Racz.)

Barros (Antonio de). Foi pintor de Filippe II de Hespanha no fim do seculo XVI. (Noticia de Taborda. Dicc. de Racz.)

Cam (Gaspar). Pintor da côrte de D. João III, por uma patente de 1539. (Noticia de Taborda. Dicc. de Racz.)

Campello (segundo Cyrillo, Antonio, e segundo Taborda, Manuel). Pintor de historia que floresceu em principios do seculo XVI. Dicc. de Racz.)

Carvalho (Gaspar). Pintor que morreu em 1596. (Noticia do visconde de Jorumenha. Dicc. de Racz.)

Costa (Luis da). Pintor que floresceu em principio do seculo XVII. (Noticia de Taborda. Dicc. de Racz.)

Cruz (Marcos da). Pintor que floresceu por meiados do seculo XVII. (Noticia de Cyrillo e Taborda. Dicc. de Racz.)

Fernandes (Pedro). Pintor que floresceu em principios do seculo XVI. (Noticia do visconde de Jorumenha. Dicc. de Racz.)

Fernandes (Domingos). Pintor que floresceu em

meiados do seculo XVI. (Noticia do visconde de Jorumenha. Dicc. de Racz.)

Fernandes (Francisco). Pintor que floresceu pela mesma epocha. (Noticia do snr. J. Berardo. Dicc. de Raczynski.)

Fernandes (Garcia). Pintor que floresceu em principios do seculo XVI. (Noticia do visconde de Jorumenha. Dicc. de Racz.)

Figueiredo (Christovão de). Pintor que floresceu por meiados do seculo XVI. (Noticia do visconde de Jorumenha. Dicc. de Racz.)

Gomes (Fernando). Houve dois pintores d'este nome, um que floresceu no principio e outro no fim do seculo XVI. (Noticia de Taborda. Dicc. de Racz.)

Gomes (Gonçalo). Floresceu em fins do seculo XV. (Noticia do visconde de Jorumenha. Dicc. de Raczynski.)

Gomes (Diogo). Floresceu pela mesma epocha. (Noticia do visconde de Jorumenha. Dicc. de Racz.

Gonçalves (Affonso.) Floresceu em fins do seculo XV e principios do XVI. (Noticia do visconde de Jorumenha. Dicc. de Racz.)

Gonçalves (André). Existiram dois pintores d'este nome, um que floresceu em principios do seculo XVI e outro em meiados do seculo XVIII, o qual vae em artigo separado. (Noticia de Cyrillo. Diccionario de Raczynski.)

Henriques (Francisco). Pintor de vidros que trabalhou para o convento da Penninha, e tendo mandado vir de Flandres sete artistas para o ajudarem, foi com elles victima da peste em 1518. (Noticia do visconde de Jorumenha. Dicc. de Racz.)

Henriques (Frey Manuel). Nasceu em 1593 nos arrabaldes da villa de Nogueira. Entrou em 1618 na

Companhia de Jesus, e durante vinte e cinco annos que consagrou á pintura e á devoção, enriqueceu diversas collecções de excellentes quadros, morrendo com reputação de santo em 1653 no collegio dos Jesuitas de Nossa Senhora da Lapa; os seus restos estão hoje em S. João de Quintella. (Noticia que Taborda extrahiu do tomo 3.º da «Bibliotheca Lusitana», pag. 263. Dicc. de Racz).

É provavel que sejam d'elle cinco quadros que se vêem na capella de Nossa Senhora do Desterro em Lamego. As dimensões d'estes quadros serão cêrca de 3 metros por $1^{m},40$, e os assumptos são: Annunciação e Adoração dos Pastores, soffrivelmente conservados. e Adoração dos Magos, Apresentação no Templo e Fugida para o Egypto pessimamente restaurados, mas todos de lindo estylo.

Lopes (Affonso). Pintor que floresceu em principios do seculo XVI. (Noticia do visconde de Jorumenha. Dicc. de Racz.)

Lopes (Gregorio). Floresceu em principios do seculo XVI, como se vê d'uma patente nomeando-o pintor da côrte de D. João III em 1522. (Noticia de Taborda. Dicc. de Racz.)

Monte Bello ou Montebello (Felix Machado da Silva Castro e Vasconcellos, marquez d'este titulo). Segundo Palomino e Bermudez, era um fidalgo portuguez que foi embaixador em Roma, e que por occasião da nossa restauração em 1640 emigrou para Hespanha, onde exerceu a pintura. Filippe IV nomeou-o mestre de seus filhos e deu-lhe uma pensão. (Noticia de Cyrillo e Taborda. Dicc. de Racz.)

Moraes (Christovão de), pintor e dourador que floresceu em meiados do seculo XVI. (Noticia do visconde Jorumenha. Dicc. de Racz.)

Nunes (Francisco), pintor natural d'Evora, que floresceu por 1600. Noticia de Cyrillo. Diccionario de Raczynski.)

Paiva (Helliodoro de), pintor que era conego de Santa Cruz de Coimbra, e morreu em 1552. (Noticia de Taborda. Dicc. de Racz.)

Paiva (Miguel de), pintor da côrte em 1641, como successor de Vieira Serrão. (Noticia de Cyrillo e Taborda. Dicc. de Racz.)

Paiva (Antonio), pintor que floresceu pela mesma epocha. (Noticia do visconde de Jorumenha. Dicc. de Racz.)

Pereira (Vasco), pintor que floresceu por fins do seculo XVI, e do qual existia em 1845 um quadro assignado «Vasco Pereira» com a data de 1575 na collecção do snr. Bravo de Sevilha. Bermudez dá noticia d'este pintor portuguez, e nota d'elle outros quadros. (Carta 29.ª de Raczynski, pag. 505, e Diccionario pag. 228.)

Pereira (Antonio). Existiram dois pintores d'este nome, um que floresceu em principios do seculo XVII e foi pintor de Filippe III em 1628, e o outro em fins do seculo XVIII e foi pintor da côrte de D. José I por um diploma de 1755. (Noticia de Taborda. Dicc. de Racz.)

Pires (Alvaro), pintor da côrte d'el-rei D. Manuel e D. João III, nos principios do seculo XVI. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Ribeiro (Sebastião). Floresceu no reinado de D. Sebastião, em fins do seculo XVI. (Noticia do visconde de Jorumenha. Dicc. de Racz.)

Rodrigues (Pedro). Floresceu em fins do seculo XV. (Noticia do mesmo senhor. Dicc. de Racz.)

Rodrigues (Bartholomeu). Floresceu por meiados

do seculo XVI, o que é comprovado por um documento de 1540. (Noticia do mesmo senhor. Diccionario de Racz.)

Rodrigues (Christovão). Floresceu pela mesma epocha. (Noticia do mesmo senhor. Dicc. de Racz.)

Rodrigues (Simão). Floresceu em fins do seculo XVI e principios do XVII. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Salzedo, pintor que, segundo Taborda, floresceu no seculo XVI. (Dicc. de Racz.)

Secco (Simão), pintor que floresceu no tempo de D. João III, por meiados do seculo XVI. (Noticia do visconde de Jorumenha. Dicc. de Racz.)

Serrão (Domingos Vieira). Floresceu na primeira metade do seculo XVII. (Noticia de Cyrillo e Taborda. Dicc. de Racz.)

Vaz (Diogo), pintor que em 1538 trabalhou na sacristia d'Alcobaça. (Noticia do visconde de Jorumenha. Dicc. de Racz.)

Secção 2.ª

Desde fins do seculo XVII até á actualidade

Abreu (João Nunes d'). Foi conhecido pelo nome de «Pintor do Castello». Morreu em 1738. Foi habil em todos os generos, brilhando porém mais em architectura e ornamentos. Pintou os tectos da egreja do Menino Deus e fez algumas figuras na entrada da egreja da Graça. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Ala (João dos Santos). Floresceu em fins do seculo XVIII. Foi discipulo d'André Gonçalvez, a quem imitou. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Alcantara (Pedro). Paizagista habil que floresceu

em meiados do seculo passado. (Noticia de Cyrillo no artigo de Diogo Magina. Dicc. de Racz.)

Andrade (Jeronymo d'). Pintor que brilhou em ornamentos. Nasceu em Lisboa em 1715 e morreu em 1801. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Andrino (João Rodriguez). Pintor que floresceu em principios do seculo XVIII. (Noticia de Cyrillo, artigo Magina. Dicc. de Racz.)

Baptista (Luis). Pintor d'ornamentos e perspectiva que morreu em 1785. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Barreto (Domingos Teixeira), pae de José Teixeira Barreto. Pintor que floresceu em fins do seculo passado. (Dicc. de Racz.)

Bernardes. Foi uma familia de pintores que em fins do seculo XVII e todo o seculo XVIII habitou em Lisboa. O mais notavel da familia foi Ignacio d'Oliveira Bernardes, que vae em artigo separado. Seu avô paterno, Manuel Rodrigues, e seu avô materno, Francisco Ferreira, e bem assim seu pae Antonio d'Oliveira Bernardes, que floresceu em fins do seculo XVII, seus irmãos fr. José de Santa Maria e Polycarpo d'Oliveira Bernardes, e seu filho João Pedro d'Oliveira Bernardes, exerceram todos a mesma arte. Este ultimo nasceu em 1752. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Bernardes (José). Pintor de flores e ornamentos, fallecido em 1780. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Botelho (Felisberto Antonio). Nasceu em 1760. Foi discipulo de Pedro Alexandrino. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Braga (Joaquim Rodrigues). Foi director da academia do Porto e professor de pintura historica. Es-

tudou em Roma, e morreu ha poucos annos. (Dicc. de Racz.)

Calisto (Bartholomeu Antonio). Pintor fallecido em 1821. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Campello (Bento de Sousa). Pintor de flores e ornamentos. Foi discipulo de José Bernardes, e floresceu em fins do seculo passado. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Cruz (André Monteiro da). Pintor contemporaneo, professor de paizagens na academia de Lisboa. (Dicc. de Racz.)

Cunha (Lourenço da). Foi, segundo Cyrillo, o nosso melhor pintor de perspectiva e ornamentos. Viajou em Italia, e falleceu em 1760. (Dicc. de Racz.)

Cyriaco (José Caetano). Pintor de perspectiva e ornamentos, em fins do seculo passado. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Ferreira (Jeronymo de Barros). Nasceu em Guimarães em 1750, e morreu em 1803. Foi bom pintor de flores, ornamentos e retratos em miniatura. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Ferreira (Norberto José). Pintor fallecido em 1844. (Carta 7.ª de Racz., pag. 144.)

Ferreira (Henrique). Foi um pintor que em 1720 fez os retratos dos reis em Portugal que se vêem no grande corredor do mosteiro de Belem. (Noticia do abbade Castro. Dicc. de Racz.)

Figueiredo (Francisco). Pintor que floresceu em fins do seculo passado. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Fonseca (Theodoro da). Pintor natural do Algarve, que floresceu em fins do seculo passado. (Noticia de Cyrillo, no artigo Magina. Dicc. de Racz.)

Fonseca (João Thomaz da). Pintor contemporaneo,

pae d'Antonio Manuel da Fonseca, que vae em artigo separado. (Dicc. de Racz.)

Freitas (José Francisco Ferreira de). Houve pae e filho do mesmo nome. O pae floresceu em fins do seculo passado, e o filho no seculo actual, sendo distincto pintor de paizagens. (Diccionario de Racz.)

Geraldes. Era uma familia de pintores que no seculo passado habitava em Lisboa. O primeiro foi Alexandre, que fôra mandado contractar por D. João V. Teve diversos filhos, um d'elles por nome Antonio da Silva Geraldes, que por seu turno teve João e Ambrosio, todos pintores. Um sobrinho do primeiro exercia a mesma arte. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Gomes (José Thomaz). Pintor d'architectura e ornamentos, que floresceu no seculo passado. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Gomes (José Joaquim). Pintor d'ornamentos contemporaneo. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Gonçalves (Manuel José). Pintor que floresceu em fins do seculo passado.) Era filho d'André Gonçalves. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Gorjão (João d'Abreu). Pintor que floresceu em principios do seculo passado. Dicc. de Racz.)

Lemos (Bernardino da Costa). Pintor que floresceu em fins do seculo passado. Foi discipulo de Joaquim Manuel da Rocha. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Lobo (Antonio). Distincto pintor de decorações, que floresceu em principios do seculo passado. Foi o melhor discipulo de Baccarelli, e o mestre de seu filho e d'outros. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Lobo (Francisco Xavier). Filho do precedente, mais mediocre, porém mais variado, pois pintava em todos

os generos. Foi discipulo de seu pae e d'André Gonçalves. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Lobo (Joaquim José), irmão do precedente e tambem pintor. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Lobo (José Joaquim), sobrinho dos dois acima e egualmente pintor. (Noticia de Cyrillo. Diccionario de Racz.)

Lopes (Eusebio). Pintor d'ornamentos em fins do seculo passado. (Cyrillo no artigo «Baptista». Dicc. de Racz.)

Oliveira (Braz d'). Pintor de perspectiva e ornamentos, discipulo de Baccarelli, em principios do seculo passado. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Macario (Manuel Baptista), ou Manoel Macario Baptista. Foi pintor de decorações no seculo passado. (Cyrillo no artigo «Luiz Baptista». Dicc. de Racz.)

Magina (Diogo). Pintor que floresceu por meiados do seculo passado, natural de Tavira, no Algarve. Estudou com Diogo de Sousa, do mesmo logar, e praticou em Sevilha, passando depois a Lisboa. Este artista merece um logar distincto. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Marques (Joaquim). Pintor de paizagens, em que imitava Pillement, e fazia com graça figuras e ornamentos em carruagens e caixas de rapé, no que gozou de grande reputação. (Noticia de Cyrillo, Dicc. de Racz.)

Matheus (Pedro). Floresceu em fins do seculo passado, e foi imitador de Vieira Lusitano. (Dicc. de Racz. artigo Vieira Lusitano.)

Meesen (Felix da Costa). Auctor e pintor que morreu em 1712. (Noticia de Cyrillo. Diccionario de Raczynski.)

Monteiro (André). Pintor de paizagens contem-

poraneo, ex-professor da academia de Lisboa. (Raczynski.)

Narciso (Feliciano). Discipulo de João Nunes d'Abreu e de Baccarelli. Morreu em 1776. Foi habil pintor d'ornamentos, tectos, perspectiva, etc. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Narciso (José Antonio). (1731 —1811) Foi habil pintor de perspectiva, ornamentos e tectos, genero que aprendeu com Simão Gomes dos Reis. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Narciso (Anacleto José), Filho d'este ultimo e pintor do mesmo genero. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Negreiros (José da Costa). Pintor de historia, fallecido em 1759. Foi discipulo d'André Gonçalvez. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Nunes (Domingos). Foi um pintor mandado estudar a Roma, junto com Ignacio d'Oliveira Bernardes. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Nunes (Simão Caetano). Foi depois de Lourenço da Cunha o nosso melhor pintor d'architectura, ornamentos, perspectiva, etc. Morreu em 1783. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Oliveira (Braz d'). Pintor d'ornamentos, discipulo de Antonio Lobo. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Pereira (Francisco Pinto). Era um afamado pintor de retratos, fallecido em 1752. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Pereira (Antonio José). É um pintor de Vizeu, ainda alli existente, de quem Raczynski e mr. Robinson fallaram com elogio.

Pinto (João Teixeira). Pintor e esculptor de me-

recimento, fallecido ha poucos annos. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

PINHO (José Caetano de—e Silva). Foi um pintor, natural do Porto, que floresceu talvez em principios do seculo XVIII. (Patriarcha. Dicc. de Racz.)

RAMALHO (Joaquim José). Pintor e gravador, que foi discipulo de Joaquim Carneiro da Silva, e morreu novo em 1795. (Dicc. de Racz.)

RAPOSO (Gaspar José). Habil pintor de decorações, e o melhor discipulo de Simão Caetano Nunes. Os seus excessos occasionaram-lhe morte prematura em 1803, tendo 41 annos. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

RASQUINHO (Joaquim José). Pintor que no principio d'este seculo vivia em Faro. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

RATO (Joaquim Gregorio da Silva). Pintor fallecido ha poucos annos. Raczynski, apreciou cinco batalhas que elle executou e existem no paço real da Ajuda. (Dicc. de Racz.)

RATO (Gregorio Luiz Maria). Filho do precedente e seu discipulo, fallecido em 1864. Raczynski tambem o elogia.

REIS (Maximo Paulino dos). Viveu de 1781 a 1866. Estudou em Roma. Entre as producções que deixou, vêem-se dois quadros historicos no palacio da Ajuda, dos quaes Raczynski não gostou.

REZENDE (Luiz José Pereira de). Pintor de miniaturas contemporaneo. (Dicc. de Racz.)

RIBEIRO (Norberto José). Foi discipulo de Taborda, e fallecido em 1844. (Dicc. de Racz.)

ROCHA (Vicente Paulo da). Pintor contemporaneo d'ornamentos, discipulo de Jeronymo Gomes Teixeira. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Rocha (Joaquim Manuel da). Nasceu em 1730 e morreu em 1786. Foi pintor e gravador, e discipulo de André Gonçalves. Era habil em pinturas d'incendio e natureza morta. (Noticia de Cyrillo. Diccionario de Racz.)

Rocha (Joaquim Leonardo da), nascido em 1756. Filho do precedente, dedicou-se egualmente á pintura. (Dicc. de Racz.)

Rocha (João Francisco da), nascido em 1760. Irmão do antecedente, seguiu a mesma profissão. (Dicc. de Racz.)

Rolim (Antonio Pimenta). Pintor d'ornamentos, que floresceu em meiados do seculo passado. Foi discipulo de Antonio Lobo. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Rosa (José Carvalho da). Pintor de flores, que floresceu por meiados do seculo passado. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Rosa (Domingos da). Pintor da côrte fallecido em 1796. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Rosa (José da). Pintor da côrte, filho do precedente, ao qual succedeu. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Rosa (Luiza Maria). Pintora que vivia em 1740, natural do Porto, onde estabeleceu uma eschola para o sexo feminino que dirigia. (Noticia de Taborda. Dicc. de Racz.)

Sampaio (Miguel Antonio de). Pintor que floresceu em fins do seculo passado, como tambem seu filho Joaquim José de Sampaio e seu neto José Ignacio de Sampaio, que seguiram a mesma profissão. Os dois ultimos foram discipulos de Pedro Alexandrino. (Dicc. de Racz.)

Santos (Joaquim Antonio ou Antonio Joaquim

dos). Pintor que vivia em 1777. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Sapeiro (Antonio Machado). Pintor que imitava Bento Coelho. Falleceu em 1714. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Sena (Luiz Gonçalves de). Pintor que nasceu em Santarem em 1713. Gozou grande fama como pintor d'historia, e morreu na sua patria em 1790. (Noticia d'um opusculo de Joaquim Domingos Benedicto. Dicc. de Racz.)

Serra (Antonio da). Pintor d'ornamentos e d'architectura, que nasceu em 1670 e morreu em 1728. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Serra (Victorino Manuel da). Filho do precedente e pintor do mesmo genero, que supposto melhor que seu pae, não passou de mediocre. (Noticia de Taborda. Dicc. de Racz.)

Setubal (Francisco de), natural de Valença do Minho e fallecido nas Caldas da Rainha em 1792, com 45 annos. Foi habil em quasi todos os generos, e teve discipulos distinctos, como Domingos Antonio de Sequeira, e outros. (Noticia de Cyrillo. Diccionario de Racz.)

Setubal (Morgado de), José Antonio Benedicto de Faria e Barros, fallecido em 1809 tendo aproximadamente 60 annos. Foi discipulo de Vieira Lusitano e ainda que de desenho incorrecto dava muita naturalidade e expressão ás suas figuras.

Silva (Francisco da). Foi soldado, e pintava ruinas, architectura, paizagens e pequenas figuras de bello effeito. Bermudez falla egualmente d'um Francisco da Silva. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Silva (Henrique José da). Pintor contemporaneo, discipulo de Pedro Alexandrino. (Raczynski.)

Silva (Jeronymo da). Pintor d'historia que gozou fama e deixou muitas producções, das quaes Cyrillo menciona as mais notaveis. Morreu na primeira metade do seculo XVII. (Noticia de Cyrillo. Diccionario de Racz.)

Simões (Antonio). Pintor que floresceu em principios do seculo passado. Foi habil em ornamentos e perspectiva, e discipulo de Baccarelli. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Sisenando (Antonio). Pintor que floresceu em fins do seculo passado. (Noticia de Cyrillo. Diccionario de Racz.)

Sousa (Diogo). Pintor d'historia, batalhas, etc., natural de Loulé. Floresceu em meiados do seculo passado. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Syriaco (José Caetano). Pintor de quadros sacros, paizagens e ornamentos. Foi discipulo d'Antonio Joaquim Padrão, e morreu em 1800. Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Teixeira (Jeronymo Gomes). Pintor d'architectura e ornamentos, no que era habil, principalmente pela combinação das côres. Morreu em 1812. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Tolentino (Nicolau—Botelho). Homem de côr que exercia a pintura no reinado de D. João V em principios do seculo passado. (Noticia de Cyrillo. Dicc. de Racz.)

Valle (Bruno José do). Pintor d'allegorias, quadros sacros, retratos, carruagens, etc. Foi emulo de Pedro Alexandrino e discipulo de José da Costa Negreiros, a quem imitava. Morreu em 1780, deixando dois filhos seus discipulos: *Antonio José do Valle* e *Anastacio José do Valle*. (Noticia de Cyrillo. Diccionario de Racz.)

Vieira (Catharina). Pintora d'historia, irman de Vieira Lusitano. No oratorio da casa Moreira Dias, na rua da Fé, em Lisboa, existem dois quadros assignanos por ella, um dos quaes representa S. João Evangelista e outro S. Lucas. (Noticia que vem no artigo «Vieira Lusitano» no Dicc. de Racz.)

Vieira (Domingos Francisco). Foi pintor de paizagens, e pae de Vieira Portuense. No museu do Porto existem algumas de suas producções. (Noticia que vem no artigo, «Vieira Portuense» no Dicc. de Racz.)

Existiram muitos outros cultivadores da pintura, que, por menos conhecidos, se não mencionam. Do que fica dito claramente se deduz o desenvolvimento, que entre nós tem tido este ramo das bellas-artes.

Relação dos quadros mais notaveis existentes em Portugal

1 O Calvario, quadro existente no Altar da Porta do Sol da Cathedral de Vizeu. (Vej. pag. 519.)

2 a 4 Tres quadros pequenos dependentes do anterior.

5 S. Pedro, quadro na sachristia da referida Cathedral. (Vej. a mesma pag.)

6 a 21 Dezeseis quadros na dita Sachristia. (Pag. 520.)

22 a 35 Quartorze quadros existentes na sala do Capitulo da mencionada Cathedral, a mesma pagina.

36 a 42 { Dous quadros em fórma de medalhão na egreja de St.ª Cruz de Coimbra. (Vej. pag. 521.)
Cinco outros quadros na mesma egreja. Vej. n.os 46 e 47 e 174 e 175.) }

43 Um quadro pertencente ao sr. Antonio José Pereira, de Vizeu. (Vej. pag. 525.)

44 e 45 Dous quadros na Capella do Paço Episcopal de Vizeu. (Vej. pag. 529.)

46 e 47 Dous quadros na egreja de St.ª Cruz de Coimbra. (Vej. mais os n.os 174 e 175 e pag. 530.)

48 Um quadrosinho no museu de Lisboa. (Vej. pag. 533.)

49 a 67 Dezenove quadros no Paço do Arcebispo e na bibliotheca d'Evora. (Vej. mais os n.os 126 e 321 e pag. 536 e 537.)

68 a 73 Seis outros quadros na egreja de S. Fran-

cisco da mesma cidade. (Vej. pag. 537.)

74 Um outro quadro na mencionada bibliotheca. (Idem.)

75 a 91 Dezesete quadros na egreja de Jesus em Setubal (Vej. pag. 538.)

92 a 108 Dezesete quadros, hoje na Galeria Nacional em Lisboa. (Vej. pag. 538 e seguintes.)

109 a 112 Quatro quadros na egreja da Madre de Deus em Lisboa. (Vej. pag. 540.)

113 e 114 Dous retratos na egreja de S. Roque. (V. mesma pag.)

115 Um quadro na Secretaria da Misericordia do Porto. (Idem.)

116 e 117 Dous quadros na Academia de Bellas-Artes do Porto. (V. pag. 541.)

118 Um quadro no Palacio das Necessidades. (Idem.)

119 a 122 Quatro quadros no Palacio do Conde de Penamacor. (Pag. 542.)

123 Um quadro que possue o snr. Martinho Teixeira Homem. (Idem.)

124 e 125 Dous quadros na collecção do Duque de Palmella (V. mais os n.os 133 a 136 e pag. 542 e 543.)

126 Um quadro no altar-mór da Cathedral de Evora. (V. mais os n.os 49 a 67 e pag. 543.)

127 a 132 Seis quadros na egreja das Mercês em Lisboa. (V. pag. 543 e 544.)

133 a 136 Quatro quadros na collecção do duque de Palmella. (V. mais os n.os 124 e 125 e pag. 544.)

137 a 141 Cinco quadros na collecção do visconde de Sobral. (Pag. 545.)

142 a 149 Oito quadros na collecção do conde d'Anadia. (Pag. 545 e 546.)

150 e 151 Dous quadros na collecção do conde de Lavradio. (Pag. 546.)

152 Um quadro na egreja da Luz em Lisboa. (Idem.)

153 e 154 Dois quadros na egreja do convento de Mafra. (Idem.)

155 a 158 Quatro quadros no palacio d'Ajuda. (Pag. 546 e 547.)

159 a 165 Sete quadros na egreja da Estrella. (Pag. 547.)

166 e 167 Dois quadros no palacio do conde de Farrobo. (Pag. 548.)

168 a 173 Seis quadros na egreja do Loreto. (Idem.)

174 e 175 Dois quadros na egreja de St.ª Cruz de Coimbra. (V. mais os n.os 36 a 42, e 46 e 47 e pag. 548.)

176 a 181 Seis quadros nas collecções do snr. Antonio Bernardo Ferreira e de sua exc.ma mãe. (V. a mesma pag.)

182 a 187 Seis quadros na collecção do snr. Graham, negociante do Porto. (V. pag. 549.)

188 a 191 Quatro ditos na do snr. Vanzeller. (Idem.)

192 a 197 Seis idem na do snr. Forrester. (Pag. 550.)

198 a 202 Cinco quadros originaes de João Glama em differentes logares do Porto. (Idem.)

203 a 270 Sessenta e oito quadros na Galeria Nacional de Lisboa. (V. mais os n.os 48 e 92 a 108 e pag. 550 e seguintes.)

271 a 314 Quarenta e quatro quadros na Galeria Mu-

nicipal do Porto. (V. pag. 557 e seguintes.)

315 Um quadro attribuido a Gaspar Dias na egreja de S. Roque. (V. pag. 559.)

316 Um quadro de Francisco de Hollanda no palacio do conde de Penamacor. (V. pag. 560.)

317 e 318 Dous quadros de Reinoso, sendo: um na egreja de S. Roque e outro na Galeria de Lisboa. (V. pag. 566.)

319 e 320 Dous quadros de José de Avellar Rebello, na egreja de S. Roque. (Pag. 567.)

321 Um quadro de Josepha d'Obidos na bibliotheca d'Evora. (V. pag. 567.)

322 a 326 Cinco quadros de Bento Coelho da Silveira, na egreja de S. Roque, na de St.º Antonio d'Evora e na Galeria Nacional. (V. pag. 567 e 568.)

327 Um quadro d'Ignacio d'Oliveira Bernardes, na egreja das Necessidades em Lisboa. (V. pag. 568.)

328 a 359 Trinta e dous quadros de Vieira Lusitano, sendo: 4 na egreja de S. Francisco de Paula, 2 na de S. Roque, 12 na dos Paulistas, 1 na de Mafra, 1 na capella de S. Joaquim, ao Calvario, 1 no convento do Menino Deus, 1 no da Cartuxa, 1 no da Graça, 2 na Galeria Nacional de Lisboa, 1 na collecção do conde de Assumar, 1 na Junta do Commercio e 5 na collecção do conde de Povolide. (V. p. 569 e seguintes.)

360 Um quadro de Pedro Alexandrino, na Cathedral de Lisboa. (V. pag. 572.)

361 a 374 Quatorze quadros de Cyrillo Volkar Machado, sendo: 1 no Altar-mór da egreja do Coração de Jesus, 12 na egreja de S. Roque e 1 tecto no palacio d'Ajuda. (Idem.)

375 a 394 Vinte quadros de Vieira Portuense, sendo: 2 na collecção do conde da Anadia, 1 no oratorio das Necessidades, 1 pertencente ao snr. Pinto de Balsemão, 1 ao duque de Palmella, 2 ao conde das Galvêas, 1 ao marquez de Borba, 4 na egreja dos Terceiros de S. Francisco do Porto, 7 no Museu Municipal Portuense, 1 na Factoria Ingleza, e 1 que possuia o snr. Silva Oeirense. (Pag. 573 e seguintes.)

395 e 396 Dous tectos por José da Cunha Taborda, no palacio d'Ajuda. (Pag. 575.)

397 Um quadro por José Teixeira Barreto, na Academia de Bellas-Artes do Porto, (Pag. 576.)

398 a 434 Trinta e sete quadros de Domingos Antonio de Sequeira, sendo: 18 na Galeria Nacional de Lisboa, 4 no palacio d'Ajuda, 1 na collecção de S. M. D. Fernando, 2 na collecção do conde d'Anadia, 2 na do conde do Farrobo, 1 pertencente ao tio do snr. Polycarpo José Machado, 4 na collecção do duque de Palmella, 1 no Museu Municipal Portuense, 1 na collec-

ção do snr. Forrester, 1 na Academia de Bellas-Artes, e 2 na egreja do Bom Jesus, em Braga. (Pag. 576 e seguintes).

435 Um quadro de José d'Almeida Furtado, na sachristia da Cathedral de Vizeu. (Pag. 585.)

436 a 439 Quatro quadros de Joaquim Raphael da Costa, sendo: 1 na egreja da Lapa, 1 na de St.ª Clara, 1 na da Misericordia e outro no Museu Portuense. (Idem.)

440 e 441 Dois quadros por Antonio Manuel da Fonseca, na Galeria Nacional de Lisboa. (Pag. 587.)

442 a 446 Cinco quadros do snr. João Antonio Corrêa, 2 pertencentes ao snr. Antonio José da Silva e 3 á Academia de Bellas-Artes do Porto. (Pag. 588.)

ESCHOLA INGLEZA

Esta eschola é talvez a mais nova, á excepção da russa: pois não mencionando os estrangeiros que, como Holbein, Lely, Kneler e outros, alli residiram muitos annos, o seu primeiro pintor, mas simplesmente individualidade e não creador d'eschola porque não teve discipulos directos, foi Hogharth William (1698 — 1764), humorista por excellencia original, naturalista e moralista, de desenho aventureiro, colorido brando mas engraçado. Os seus quadros podem chamar-se a traducção a pincel dos escriptos escandalosos do original Sterne, ecclesiastico, tambem inglez seu contemporaneo; como porém mostrava o reverso da medalha, os seus quadros eram moraes. Foi tambem gravador, e quer n'uma quer n'outra arte fazia quasi sempre collecções, como a *Vida do Libertino*, em oito quadros. A National Galery tem, entre outros, o retrato d'elle proprio, com barrete de dormir, ao lado do seu cão *Tray*, e uma collecção de seis quadros — *O Casamento á moda*, ou a vida d'uma meretriz. Na galeria do marquez de Westminster existe uma das obras primas d'este mestre, que foi com toda a justiça muito apreciada — *O Poeta nas suas aguas furtadas*.

Reynolds (Joshua ou Josué), que nasceu em 1723 e morreu em 1792, foi o presidente da academia e é quem os inglezes proclamam seu primeiro e unico pintor d'alto estylo; no entanto ha boas opiniões de que elle só póde ser considerado bom retratista, como se vê dos retratos na National Galery, entre outros

*

o da célebre tragica m.[s] Siddons, o de seu proprio filho Samuel em oração, que é muito expressivo, mas a posição muito estudada, e o de lord Heathfield, defensor de Gibraltar em 1784. Quanto ao apregoado alto estylo, elle reunia, não em um grupo, mas em um quadro, o retrato d'um velho jardineiro, o d'uma menina de 12 a 13 annos e o d'um menino no berço, todos tres de pura raça ingleza, e chamava-lhes Sacra Familia; do mesmo modo juntava tres mulheronas com vestidos afogados até ao queixo, e chamava-lhes Tres Graças: como acontece a dois quadros que existem na referida galeria, ambos em estylo desordenado que quer mostrar arrogancia nos traços, como se fôra uma decoração; e um brilho ás vezes falso, e certamente com muito menos justeza que vigor.

Escreveu admiravelmente em seus quinze discursos da academia a respeito das regras da pintura, e por isso póde-se-lhe applicar o dictado — «Olhae para o que eu digo e não para o que eu faço». A eschola ingleza é a que segue o seu estylo, d'onde lhe vem a maior celebridade. A galeria de Hampton-Court tem alguns bons retratos por elle assim como a do banqueiro Rogers.

Wilson (Richard) 1714—1782, foi paizagista feliz em suas composições, e d'uma execução sabia.

Grainsborough (Thomaz) foi no seculo passado paizagista e retratista: se bem que incorrecto, revela vigor e verdade na pintura da natureza que bem mostra não ter estudado na academia, mas procurado onde ella existe; e póde dizer-se que em seus retratos foi emulo de Reynolds, e nas paizagens rival de Salvador Rosa.

Depois d'estes veem os pintores contemporaneos.

West (Benjamin) parece ser herdeiro collateral da eschola do pintor francez Luiz David, á qual se ligou pelos communs defeitos. Diz Viardot que duas telas d'elle, — Cleombrote banido por Leonidas —e—Christo curando os doentes—, estão abaixo de toda a critica.

Lawrence (Thomaz) ganhou grande fama em retratos, e especialmente uma cabeça de menino que elle expoz em Paris era de muito merecimento; mas quasi se não encontram as boas producções ao passo que se vêem muitas mediocres.

Wilkie (David), auctor dos populares quadros — O vencimento dos alugueis, — Os politicos d'aldêa — e outros. Participa de Hogarth pelas intenções e muito pelo processo, assim como dos pequenos flamengos, principalmente d'Adriano Ostade. Espirituoso e vivo, e observador amestrado, a sua execução é fina e pensada, mas não tem o encanto dos dois que procurou para modêlos.

Landseer (Edwin) foi pintor d'animaes, por ex., cães que elle chama os amigos, combates ou brigas de veados, e caçadas em que mostra muita graça e habilidade, e é por isso considerado bom pintor no seu genero, os seus quadros teem o valor de excellentes composições.

Na Inglaterra tem-se desenvolvido tanto o gosto pelas aquarellas, que hoje se pagam quasi pelo preço de pintura a oleo (as que são reputadas boas, no que os inglezes levam a palma ás outras nações). N'este genero citarei os mais eminentes aquarellistas: Lewis, Warren, Haghe e Wehnert, pintores chamados da grande pintura, e Copley, Fielding, Harding, Turner, Bentley e Prout, paizagistas.

Eschola russa

Chamam eschola russa ao que, em relação á pintura moderna, deveriam chamar simplesmente quadros de pintores russos; e com relação á pintura antiga, houve primitivamente uma fabrica de pinturas de pacotilha no estylo bysantino na pequena cidade de Souzdal, que hoje conta apenas 6,000 almas, porém da qual Moscow foi originariamente uma colonia. Os productos d'aquella fabrica eram inteiramente estranhos á arte, tornando-se um trabalho manual á imitação de estampas, que ainda hoje se vendem com o mesmo nome de pinturas de Souzdal em toda a Russia, mas que nada teem com o objecto que nos occupa.

Quanto aos pintores modernos, são tam poucos e tam pouco notaveis, que a Ermitage, museu de S. Petersburgo apenas mostra uns vinte quadros, grande parte dos quaes são imitação das escholas modernas dos outros paizes.

André Ivanoff tem um episodio da batalha de Kiew, fraca imitação do estylo do francez David.

Alexandre Ivanoff, filho do precedente, um Noli me tangere no mesmo estylo.

Féador Bruni uma Joven bacchante embebedando um menino; bem composto e lindo colorido.

Orestes Kiprainski um excellente retrato de seu pae, e um quadro chamado o Jardineiro: é um joven italiano descançando, obra mui linda e com finos toques.

E vistas de differentes partes, sendo a principal por:

Aleixo Venetzianoff, um Celleiro de recolher e pisar o trigo, talvez o melhor dos quadros russos, por

isso mesmo que é o mais original, curioso e russo de todos elles; e apezar do pouco relevo e effeito é bem estudado e cheio de felizes particularidades, em que a verdade e simplicidade se alliam com o bello.

A academia de bellas-artes d'aquella capital tem excellentes copias das grandes obras-primas italianas, e uma grande composição por:

Bruloff, o Ultimo dia de Pompeia, que em 1835 foi exposto em Paris, onde foi apreciado.

O gabinete particular de Prianitchnikoff tem ainda maior escolha d'obras nacionaes que a Ermitage ou qualquer outro, como por ex. de:

Lewitski, um retrato de velho no estylo forte de Rembrandt.

Borowikowski, outro vigoroso retrato.

Meyer, uma vista do lago de Karakol na fronteira da China, muito airosa paizagem.

Vorobieff, uma Noite de junho em S. Petersburgo, effeito muito bem estudado do crepusculo, isto é, os raios do dia em lucta com os da lua.

Termino aqui este trabalho, que, embora longo, não preenche por certo a esperança dos meus leitores, a quem peço indulgencia, attendendo ás difficuldades de tractar por tanto tempo a mesma materia, em que forçosamente os termos e fórmas variadas de a descrever haviam de escacear mesmo aos competentes. Valeram-me sem duvida as obras que mencionei a principio, transcrevendo muitos dos seus proprios dizeres, mas ainda assim foi um arrojo abalançar-me a querer resumir n'um só volume a substancia de dezeseis outros. Quanto á primeira parte,

está longe dos que me serviram de modêlo, por isso que me era impossivel descrever tantos logares sem alongar do mesmo modo as paginas. A segunda, parte creio corresponder melhor, porque me parece ter dado uma idêa clara em um pequeno resumo e ter ahi incluido este Portugal de quem tanta gente se esquece.

INDICE GERAL

SEGUNDA PARTE

Bellas-Artes

Pintura

ESCULPTORES E PINTORES

*

ERRATAS

Pag.	*Linhas*	*Erros*	*Emendas*
15	28	174^{m}706 quadrados	174706 metros quadrados.
57	9	distructam-se	disfructam-se
104	19	do cedro	de cedro
111	17	mais grandiosa	mas grandiosa
117	3	adquisicões	acquisições
135	10	do Waterloo	de Waterloo
136	31	lagos	largos
177	2	tempo	templo
180	19	30,000 volumes	300,000 volumes
193	9	palas	pelas
234	17	do tempo	de tempo
236	29	em 1620 a 1624	de 1620 a 1624
250	34	mais arriscadissima	mas arriscadissima
261	14	Staubbach	Staubbach
»	19	meia dia	meio dia
279	21	Vianna	Vienna
302	11	tempo	templo
310	23	como o soffrimento	com o soffrimento
313	22	Leonardo	Leopardo
»	24	filha	filho
325	17	esculpturas	esculptores
337	4	ue heresia	da heresia
363	30	a frescura	e frescura
364	9	indispensavel	indisputavel
368	31	melhor	maior
369	18	conrtaria	contraria
379	31	é e joven	é o joven
387	29	chamada	chamava
402	4	seculo XV	seculo XIV
444	27	mos	mas
454	2	Arycheffer	Ary Scheffer
481	20 e 21	encostado	encostada
486	2	500 guineos	5000 guineos
502	21	astero	austero
521	14	descobriu	descubro
529	5	quarto	quadro
538	21	de mesmo	do mesmo
541	34	agradada	agrada.

A paginas 390 linha 28 existe—e—de mais
» 430 » 14 falta—e bem assim—
» 565 » 17 é engano dizer-se que Bartholomeu de Cardenas fôra discipulo de Claudio Coelho, tendo-o sido d'Affonso Sanches Coelho, como se vê do artigo Cardenas a paginas 562.
» 577 » 20 existe—que—de mais.
» 589 » 3 existe—V—de mais.

